

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO DE

ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.

Segundo Ano – 1859

Titulo original em francês:

REVUE SPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILE

Revisão: ELIAS BARBOSA

1ª edição - 1.000 exemplares - 1993

2ª edição - 300 exemplares - 2001

© 1993 Instituto de Difusão Espírita

Índice geral das matérias

Janeiro

Maio

Setembro

Fevereiro

Junho

Outubro

Março

Julho

Novembro

Abril

Agosto

Dezembro

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Janeiro

- [Carta à Sua Alteza o Príncipe G.](#)
- [Senhor Adrien, médium vidente \(2º artigo\)](#)
- [O Fantasma de Bayonne](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo - Chaudruc-Duclos](#)
- [- Diógenes](#)
- [Os anjos guardiães. \(Dissertação Espírita\)](#)
- [Uma noite esquecida, conto, pelo Espírito de Frédéric Soulié \(continuação\)](#)
- [Aforismos Espíritas](#)
- [Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas; aviso](#)

Carta à Sua Alteza o Príncipe G.

Revista Espírita, janeiro de 1859

PRÍNCIPE,

Vossa Alteza honrou-me dirigindo-me várias perguntas referentes ao Espiritismo; vou tentar respondê-las, tanto quanto o permita o estado dos conhecimentos atuais sobre a matéria, resumindo em poucas palavras o que o estudo e a observação nos ensinaram a esse respeito. Essas questões repousam sobre os princípios da própria ciência: para dar maior clareza à solução, é necessário ter esses princípios presentes no pensamento; permita-me, pois, tomar a coisa de um ponto mais alto, colocando como preliminares certas proposições fundamentais que, de resto, elas mesmas servirão de resposta a algumas de vossas perguntas.

Há, fora do mundo corporal visível, seres invisíveis que constituem o mundo dos Espíritos.

Os Espíritos não são seres à parte, mas as próprias almas daqueles que viveram na Terra ou em outras esferas, e que deixaram seus envoltórios materiais.

Os Espíritos apresentam todos os graus de desenvolvimento intelectual e moral. Há, por consequência, bons e maus, esclarecidos e ignorantes, levianos, mentirosos, velhacos, hipócritas, que procuram enganar e induzir ao mal, como os há muitos superiores em tudo, e que não procuram senão fazer o bem. Essa distinção é um ponto capital.

Os Espíritos nos cercam sem cessar, com o nosso desconhecimento, dirigem os nossos pensamentos e as nossas ações, e por aí influem sobre os acontecimentos e os destinos da Humanidade.

Os Espíritos, freqüentemente, atestam sua presença por efeitos materiais. Esses efeitos nada têm de sobrenatural; não nos parecem tal senão porque repousam sobre bases fora das leis conhecidas da matéria. Uma vez conhecidas essas bases, o efeito entra na categoria dos fenômenos naturais; é assim que os Espíritos podem agir sobre os corpos inertes e fazê-los mover sem o concurso de nossos agentes exteriores. Negar a existência de agentes desconhecidos, unicamente porque não são compreendidos, seria colocar limites ao poder de Deus, e crer que a Natureza nos disse sua última palavra.

Todo efeito tem uma causa; ninguém o contesta. É, pois, ilógico negar a causa unicamente porque seja desconhecida.

Se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente. Quando se vê o braço do telégrafo fazer sinais que respondem a um pensamento, disso se conclui, não que esses braços sejam inteligentes, mas que uma inteligência fá-los moverem-se. Ocorre o mesmo com os fenômenos espíritas. Se a inteligência que os produz não é a nossa, é evidente que ela está fora de nós.

Nos fenômenos das ciências naturais, atua-se sobre a matéria inerte, que se manipula à vontade; nos fenômenos espíritas age-se sobre inteligências que têm seu livre arbítrio, e não estão submetidas à nossa vontade. Há, pois, entre os fenômenos usuais e os fenômenos

espíritas uma diferença radical quanto ao princípio: por isso, a ciência vulgar é incompetente para julgá-los.

O Espírito encarnado tem dois envoltórios, um material que é o corpo, o outro semi-material e indestrutível que é o perispírito. Deixando o primeiro, conserva o segundo que constitui para ele uma espécie de corpo, mas cujas propriedades são essencialmente diferentes. Em seu estado normal, é invisível para nós, mas pode tornar-se momentaneamente visível e mesmo tangível: tal é a causa do fenômeno das aparições.

Os Espíritos não são, pois, seres abstratos, indefinidos, mas seres reais e limitados, tendo sua própria existência, que pensam e agem em virtude de seu livre arbítrio. Estão por toda parte, ao redor de nós; povoam os espaços e se transportam com a rapidez do pensamento.

Os homens podem entrar em relação com os Espíritos e deles receberem comunicações diretas pela escrita, pela palavra e por outros meios. Os Espíritos, estando ao nosso lado e podendo virem ao nosso chamado, pode-se, por certos intermediários, estabelecer com eles comunicações seguidas, como um cego pode fazê-lo com as pessoas que ele não vê.

Certas pessoas são dotadas, mais do que outras, de uma aptidão especial para transmitirem as comunicações dos Espíritos: são os médiuns. O papel do médium é o de um intérprete; é um instrumento do qual se servem os Espíritos: esse instrumento pode ser mais ou menos perfeito, e daí as comunicações mais ou menos fáceis.

Os fenômenos espíritas são de duas ordens: as manifestações físicas e materiais, e as comunicações inteligentes. Os efeitos físicos são produzidos por Espíritos inferiores; os Espíritos elevados não se ocupam mais dessas coisas quanto nossos sábios não se ocupam em fazerem grandes esforços: seu papel é de instruir pelo raciocínio.

As comunicações podem emanar de Espíritos inferiores, como de Espíritos superiores. Reconhecem-se os Espíritos, como os homens, pela sua linguagem: a dos Espíritos superiores é sempre séria, digna, nobre e marcada de benevolência; toda expressão trivial ou inconveniente, todo pensamento que choque a razão ou o bom senso, que denote orgulho, acrimônia ou malevolência, necessariamente, emana de um Espírito inferior.

Os Espíritos elevados não ensinam senão coisas boas; sua moral é a do Evangelho, não pregam senão a união e a caridade, e jamais enganam. Os Espíritos inferiores dizem absurdos, mentiras, e, freqüentemente, grosserias mesmo.

A bondade de um médium não consiste somente na facilidade das comunicações, mas, sobretudo, na natureza das comunicações que recebe. Um bom médium é aquele que simpatiza com os bons Espíritos e não recebe senão boas comunicações.

Todos temos um Espírito familiar que se liga a nós desde o nosso nascimento, nos guia, nos aconselha e nos protege; esse Espírito é sempre bom.

Além do Espírito familiar, há Espíritos que são atraídos para nós por sua simpatia por nossas qualidades e nossos defeitos, ou por antigas afeições terrestres. Onde se segue que, em toda reunião, há uma multidão de Espíritos mais ou menos bons, segundo a natureza do meio.

Podem os Espíritos revelar o futuro?

Os Espíritos não conhecem o futuro senão em razão de sua elevação. Os que são inferiores não conhecem mesmo o seu, por mais forte razão o dos outros. Os Espíritos superiores o conhecem, mas não lhes é sempre permitido revelá-lo. Em princípio, e por um desígnio muito sábio da Providência, o futuro deve nos ser ocultado; se o conhecêssemos, nosso livre arbítrio seria por isso entravado. A certeza do sucesso nos tiraria o desejo de nada fazer, porque não veríamos a necessidade de nos dar ao trabalho; a certeza de uma infelicidade nos desencorajaria. Todavia, há casos em que o conhecimento do futuro pode ser útil, mas deles jamais podemos ser juizes: os Espíritos no-los revelam quando crêem útil e têm a permissão de Deus; fazem-no espontaneamente e não ao nosso pedido. E preciso esperar, com confiança a oportunidade, e sobretudo não insistir em caso de recusa, de outro modo se arrisca a relacionar-se com Espíritos levianos que se divertem às nossas custas.

Podem os Espíritos nos guiar, por conselhos diretos, nas coisas da vida?

Sim, eles o podem e o fazem voluntariamente. Esses conselhos nos chegam diariamente pelos pensamentos que nos sugerem. Frequentemente, fazemos coisas das quais nos atribuímos o mérito, e que não são, na realidade, senão o resultado de uma inspiração que nos foi transmitida. Ora, como estamos cercados de Espíritos que nos solicitam, uns num sentido, os outros no outro, temos sempre o nosso livre arbítrio para nos guiar na escolha, feliz para nós quando damos a preferência ao nosso bom gênio.

Além desses conselhos ocultos, pode-se tê-los diretos por um médium; mas é aqui o caso de se lembrar dos princípios fundamentais que emitimos a toda hora. A primeira coisa a considerar é a qualidade do médium, senão o for por si mesmo. Médium que não tem senão boas comunicações, que, pelas suas qualidades pessoais não simpatiza senão com os bons Espíritos, é um ser precioso do qual podem-se esperar grandes coisas, se todavia for secundado pela pureza de suas próprias instruções e se tomadas convenientemente: digo mais, é um instrumento providencial.

O segundo ponto, que não é menos importante, consiste na natureza dos Espíritos aos quais se dirigem, e não é preciso crer que o primeiro que chegue possa nos guiar utilmente. Quem não visse nas comunicações espíritas senão um meio de adivinhação, e em um médium uma espécie de ledor de sorte, se enganaria estranhamente. É preciso considerar que temos, no mundo dos Espíritos, amigos que se interessam por nós, mais sinceros e mais devotados do que aqueles que tomam esse título na Terra, e que não têm nenhum interesse em nos bajular e em nos enganar. Além do nosso Espírito protetor, são parentes ou pessoas que se nos afeiçoaram em sua vida, ou Espíritos que nos querem o bem por simpatia. Aqueles vêm voluntariamente quando são chamados, e vêm mesmo sem que sejam chamados; temo-los, frequentemente, ao nosso lado sem disso desconfiar. São aqueles aos quais pode-se pedir conselhos pela via direta dos médiuns, e que os dão mesmo espontaneamente sem que lhes peça. Fazem-no sobretudo *na intimidade, no silêncio, e então quando nenhuma influência venha perturbá-los*: aliás, são muito prudentes, e não se tem a temer da sua parte uma indiscrição imprópria: eles se calam quando há ouvidos demais. Fazem-no, ainda com mais bom grado, quando estão em comunicação freqüente conosco; como eles não dizem as coisas senão com o propósito e segundo a oportunidade, é preciso esperar a sua boa vontade e não crer que, à primeira vista, vão satisfazer a todos os nossos pedidos; querem nos provar com isso que não estão às nossas ordens.

A natureza das respostas depende muito do modo como se colocam as perguntas; é preciso aprender a conversar com os Espíritos como se aprende a conversar com os homens: em

todas as coisas é preciso a experiência. Por outro lado, o hábito faz com que os Espíritos se identifiquem conosco e com o médium, os fluidos se combinam e as comunicações são mais fáceis; então se estabelece, entre eles e nós, verdadeiras conversações familiares; o que não dizem num dia, dizem-no em outro; eles se habituem à nossa maneira de ser, como nós à sua: fica-se, reciprocamente, mais cômodo. Quanto à ingerência de maus Espíritos e de Espíritos enganadores, o que é o grande escolho, a experiência ensina a combatê-los, e pode-se sempre evitá-los. Se não se lhes expuser, não vêm mais onde sabem perder seu tempo.

Qual pode ser a utilidade da propagação das idéias espíritas?

O Espiritismo, sendo a prova palpável, evidente da existência, da individualidade e da imortalidade da alma, é a destruição do Materialismo. Essa negação de toda religião, essa praga de toda sociedade. O número dos materialistas que foram conduzidos a idéias mais sadias é considerável e aumenta todos os dias: só isso seria um benefício social. Ele não prova somente a existência da alma e sua imortalidade; mostra o estado feliz ou infeliz delas segundo os méritos desta vida. As penas e as recompensas futuras não são mais uma teoria, são um fato patente que se tem sob os olhos. Ora, como não há religião possível sem a crença em Deus, na imortalidade da alma, nas penas e nas recompensas futuras, se o Espiritismo conduz a essas crenças aqueles em que estavam apagadas, disso resulta que é o mais poderoso auxiliar das idéias religiosas: dá a religião àqueles que não a têm; fortifica-a naqueles em que ela é vacilante; consola pela certeza do futuro, faz aceitar com paciência e resignação as tribulações desta vida, e afasta do pensamento do suicídio, pensamento que se repele naturalmente quando se lhe vê as conseqüências: eis porque aqueles que penetraram esses mistérios estão felizes com isso; é para eles uma luz que dissipa as trevas e as angústias da dúvida.

Se considerarmos agora a moral ensinada pelos Espíritos superiores, ela é toda evangélica, é dizer tudo: prega a caridade cristã em toda a sua sublimidade; faz mais, mostra a necessidade para a felicidade presente e futura, porque as conseqüências do bem e do mal que fizemos estão ali diante dos nossos olhos. Conduzindo os homens aos sentimentos de seus deveres recíprocos, o Espiritismo neutraliza o efeito das doutrinas subversivas da ordem social.

Essas crenças não podem ser um perigo para a razão?

Todas as ciências não forneceram seu contingente às casas de alienados? É preciso condená-las por isso? As crenças religiosas não estão ali largamente representadas? Seria justo, por isso, proscrever a religião? Conhecem-se todos os loucos que o medo do diabo produziu? Todas as grandes preocupações intelectuais levam à exaltação, e podem reagir lastimavelmente sobre um cérebro fraco; teria fundamento ver-se no Espiritismo um perigo especial a esse respeito, se ele fosse a causa única, ou mesmo preponderante, dos casos de loucura. Faz-se grande barulho de dois ou três casos aos quais não se daria nenhuma atenção em outra circunstância; não se levam em conta, ainda, as causas predisponentes anteriores. Eu poderia citar outras nas quais as idéias espíritas, bem compreendidas, detiveram o desenvolvimento da loucura. Em resumo, o Espiritismo não oferece, sob esse aspecto, mais perigo que as mil e uma causas que a produzem diariamente; digo mais, que ele as oferece muito menos, naquilo que ele carrega em si mesmo seu corretivo, e que pode, pela direção que dá às idéias, pela calma que proporciona ao espírito daqueles que o compreende, neutralizar o efeito de causas estranhas. O desespero é uma dessas causas; ora, o Espiritismo, fazendo-nos encarar as coisas mais lamentáveis com sangue frio e resignação, nos dá a força de suportá-las com coragem e resignação, e atenua os funestos efeitos do desespero.

As crenças espíritas não são a consagração das idéias supersticiosas da Antigüidade e da Idade Média, e não podem recomendá-las?

As pessoas sem religião não taxam de superstição a maioria das crenças religiosas? Uma idéia não é supersticiosa senão porque ela é falsa; cessa de sê-lo se se torna uma verdade. Está provado que, no fundo da maioria das superstições, há uma verdade ampliada e desnaturada pela imaginação. Ora, tirar a essas idéias todo seu aparelho fantástico, e não deixar senão a realidade, é destruir a superstição: tal é o efeito da ciência espírita, que coloca a nu o que há de verdade ou de falso nas crenças populares. Por muito tempo, as aparições foram vistas como uma crença supersticiosa; hoje, que são um fato provado, e, mais que isso, perfeitamente explicado, elas entram no domínio dos fenômenos naturais. Seria inútil condená-las, não as impediria de se produzirem; mas aqueles que delas tomam conhecimento e as compreendem, não somente não se amedrontam, mas com elas ficam satisfeitos, e é a tal ponto que aqueles que não as têm desejam tê-las. Os fenômenos incompreendidos deixam o campo livre à imaginação, são a fonte de uma multidão de idéias acessórias, absurdas, que degeneram em superstição. Mostrai a realidade, explicai a causa, e a imaginação se detém no limite do possível; o maravilhoso, o absurdo e o impossível desaparecem, e com eles a superstição; tais são, entre outras, as práticas cabalísticas, a virtude dos sinais e das palavras mágicas, as fórmulas sacramentais, os amuletos, os dias nefastos, as horas diabólicas, e tantas outras coisas das quais o Espiritismo, bem compreendido, demonstra o ridículo.

Tais são, Príncipe, as respostas que acreditei dever fazer às perguntas que me haveis dado a honra em me endereçar, feliz se elas podem corroborar as idéias que Vossa Alteza já possui sobre essas matérias, e vos levar a aprofundar uma questão de tão alto interesse; mais feliz ainda se meu concurso ulterior puder ser para vós de alguma utilidade.

Com o mais profundo respeito, sou,

de Vossa Alteza,

o muito humilde e muito obediente servidor,

ALLAN KARDEC.

Senhor Adrien, médium vidente

Revista Espírita, janeiro de 1859

(Segundo artigo.)

Desde a publicação de nosso artigo sobre o senhor Adrien, médium vidente, nos foram comunicados um grande número de fatos que confirmam, em nossa opinião, que essa faculdade, do mesmo modo que todas as outras faculdades mediúnicas, é mais comum que se pensa; já a havíamos observado em uma multidão de casos particulares e, sobretudo, no estado sonambúlico. O fenômeno das aparições é hoje um fato adquirido, e pode-se dizer freqüente, sem falar dos numerosos exemplos que nos oferecem a história profana e as Escrituras sagradas. Muitos nos foram narrados que são pessoais àqueles que os têm, mas esses fatos são, quase sempre, fortuitos e acidentais; não tínhamos ainda visto ninguém no qual essa faculdade, de alguma sorte, fosse o estado normal. No senhor Adrien ela é permanente; por toda parte onde está, a população oculta que formiga ao redor de nós é visível para ele, sem que a chame: ele goza, para nós, o papel de um vidente no meio de um povo de cegos; vê esses seres, que se poderia dizer o duplo do gênero humano, irem, virem, misturarem-se às nossas ações, e, se assim pode-se exprimir, ocuparem-se de seus negócios. Os incrédulos dirão que é uma alucinação, palavra sacramental pela qual pretendem explicar o que não se compreende. Gostaríamos que pudessem definir, eles mesmos, a alucinação, e sobretudo explicar-lhe a causa. Todavia, no senhor Adrien, ela ofereceria um caráter bem insólito:

o da permanência. Até o presente, o que se convencionou chamar alucinação é um fato anormal e, quase sempre, a consequência de um estado patológico, o que não é aqui o caso. Para nós, que estudamos essa faculdade, que a observamos todos os dias em seus mais minuciosos detalhes, fomos capazes de constatar-lhe a realidade. Ela não se faz, pois, o objeto de nenhuma dúvida, e, como se verá, nos foi um eminente recurso em nossos estudos espíritas; permitiu-nos levar o escalpelo de nossas investigações na vida extracorpórea: é a luz na obscuridade. O senhor Home, dotado de uma faculdade notável como médium de influência física, produziu esses efeitos surpreendentes. O senhor Adrien nos inicia quanto à causa desses efeitos, porque as vê se produzirem e que vai bem além daquilo que fere os nossos sentidos.

A realidade da visão do senhor Adrien está provada pelo retrato que fez de pessoas que jamais viu, e das quais a identificação foi reconhecida exata. Seguramente, quando descreve com uma minúcia rigorosa até os menores traços de um parente ou de um amigo, que se evoca por seu intermédio, se está certo de que ele vê, porque não pode tomar a coisa em sua imaginação; mas há pessoas nas quais é uma deliberação rejeitar mesmo a evidência; e o que há de bizarro, é que para refutar o que não querem admitir, explicam-no por causas mais difíceis ainda que aquelas que se lhes dão.

Os retratos do senhor Adrien não são, entretanto, sempre infalíveis, e isso como em toda a ciência, quando uma anomalia se apresenta, é preciso procurar-lhe a causa, porque a causa de uma exceção, freqüentemente, é a confirmação de um princípio geral. Para compreender esse fato, é preciso não perder de vista o que já dissemos sobre a forma aparente dos Espíritos. Essa forma prende-se ao perispírito, cuja natureza, essencialmente flexível, se presta a todas as modificações que apraz ao Espírito lhe dar. Deixando o envoltório material,

o Espírito leva consigo seu envoltório etéreo, que constitui uma outra espécie de corpo. Em seu estado normal, esse corpo tem uma forma humana, mas que não é calcada traço por traço sobre aquela que deixou, sobretudo quando a deixou desde há um certo tempo. Nos primeiros instantes que seguem à morte, e durante todo o tempo em que ainda existe laço entre as duas existências, a semelhança é maior; mas essa semelhança se apaga à medida que o desligamento se opera e que o Espírito torna-se mais estranho ao seu último envoltório. Todavia, pode sempre retomar essa primeira aparência, seja pela figura, seja pela roupa, quando o julga útil para se fazer reconhecer; mas, em geral, não é senão em consequência de um esforço muito grande de vontade. Não há, pois, nada de espantoso que, em certos casos, a semelhança peque por alguns detalhes: bastam os traços principais. No médium, essa investigação não se faz sem um certo esforço que se toma penoso quando é muito repetido. Suas visões comuns não lhe custam nenhuma fadiga, porque não se liga senão às generalidades. Ocorre o mesmo conosco quando vemos uma multidão: não vemos tudo; todos os indivíduos se destacam aos nossos olhos com seus traços distintivos, sem que nenhum desses traços nos fira bastante para podê-los descrever; para precisá-los é preciso concentrar nossa atenção sobre os detalhes íntimos que queremos analisar, com esta diferença que, nas circunstâncias ordinárias, a visão atua sobre uma forma material, invariável, ao passo que na visão ela repousa sobre uma forma essencialmente móvel que um simples efeito da vontade pode modificar. Saibamos, pois, tomar as coisas pelo que elas são; consideremo-las em si mesmas e em razão de suas propriedades. Não esqueçamos que, no Espiritismo, não se opera sobre a matéria inerte, mas sobre inteligências que têm seu livre arbítrio, e que não podemos, conseqüentemente, submeter ao nosso capricho, nem fazer agir à nossa vontade como um movimento de pêndulo. Todas as vezes que se quiser tomar nossas ciências exatas por ponto de partida nas observações espíritas, extravai-se; por isso a ciência vulgar é incompetente nessa questão: é absolutamente como se um músico quisesse julgar a arquitetura sob o ponto de vista musical. O Espiritismo nos revela uma nova ordem de idéias, novas forças, novos elementos, fenômenos que não repousam em nada do que conhecemos; saibamos, pois, para julgá-los, despojar dos preconceitos e todas as idéias preconcebidas; penetremo-nos, sobretudo, dessa verdade de que, fora do que conhecemos, pode haver outra coisa, se não quisermos cair nesse erro absurdo, fruto do nosso orgulho, que Deus nada mais tem de secreto para nós.

Compreende-se, depois disso, que influências delicadas podem agir sobre a produção dos fenômenos espíritas; mas há outras que merecem uma atenção não menos séria. O Espírito despojado do corpo conserva, dizemos, toda a sua vontade, e uma liberdade de pensar bem maior que quando vivo: há suscetibilidades que temos dificuldade em compreender; o que nos parece, freqüentemente, tão simples e tão natural o magoa e o descontenta; uma questão deslocada o choca, o fere; ele nos mostra sua independência em não fazendo o que queremos, ao passo que, por si mesmo, algumas vezes, faz mais do que sonhamos pedir. É por essa razão que as perguntas de prova e de curiosidade são essencialmente antipáticas aos Espíritos, e que as respondem raramente de um modo satisfatório; os Espíritos sérios, sobretudo, a isso não se prestam jamais, e, em nenhum caso, querem servir de diversão. Concebe, pois, que a intenção pode influir muito sobre a sua boa vontade em se apresentar aos olhos de um médium vidente, sob tal ou tal aparência; e como, em definitivo, eles não revestem uma aparência determinada senão quando isso lhes convém, não o fazem senão quando vêem um motivo sério e útil.

Uma outra razão, de alguma sorte, prende-se ao que poderíamos chamar a fisiologia espírita. A visão do Espírito pelo médium se faz por uma espécie de irradiação fluídica, partindo do Espírito e se dirigindo sobre o médium; este absorve, por assim dizer, esses raios e os assimila. Se está só, ou se não é cercado senão de pessoas simpáticas, unidas de intenção e de pensamentos, esses raios se concentram sobre ele; então a visão é limpa, precisa, e é nessas circunstâncias que os retratos, quase sempre, são de uma exatidão notável. Se, ao

contrário, há ao redor dele influências antipáticas, pensamentos divergentes e hostis, se não há recolhimento, os raios fluidicos se dispersam, são absorvidos pelo meio ambiente: daí uma espécie de nevoeiro que se projeta sobre o Espírito e não permite distinguir-lhe as nuances. Tal seria uma luz, com ou sem refletor. Uma outra comparação menos material pode ainda nos dar a razão desse fenômeno. Cada um sabe que a verve de um orador é excitada pela simpatia e a atenção de seu auditório; que seja, ao contrário, distraído pelo ruído, desatenção ou a má vontade, seus pensamentos não são mais tão livres, se dispersam, e seus meios os sofrem. O Espírito que está influenciado por um meio absorvente, está no mesmo caso: sua irradiação, em lugar de se dirigir sobre um ponto único, perde de sua força em se disseminando.

Às considerações que precedem, devemos acrescentar-lhes uma cuja importância será facilmente compreendida por todos aqueles que conhecem a marcha dos fenômenos espíritas. Sabe-se que várias causas podem impedir, a um Espírito, de vir ao nosso chamado no momento em que nós o evocamos: pode estar reencarnado ou ocupado em outra parte. Ora, entre os Espíritos que se apresentam quase sempre simultaneamente, o médium deve distinguir aquele que se chama, e se não estiver ali, pode tomar, por ele, um outro Espírito igualmente simpático à pessoa que evoca. Ele descreve o Espírito que vê sem poder sempre afirmar que é antes tal ou tal; mas se o Espírito que se apresenta é sério, não enganará sobre sua identidade; interrogado para esse efeito, ele pode explicar a causa do engano, e dizer o que é.

Um meio pouco propício prejudica ainda por uma outra causa. Cada indivíduo tem, por acompanhantes, Espíritos que simpatizam com seus defeitos e suas qualidades. Esses Espíritos são bons ou maus segundo os indivíduos; quanto mais haja pessoas reunidas, maior será a variedade entre elas, e haverá mais chances de aí se encontrarem antipáticos. Se, pois, na reunião há pessoas hostis, seja por pensamentos difamantes, seja pela leviandade de seu caráter, seja por uma incredulidade sistemática, elas atraem por isso mesmo Espíritos pouco benevolentes que, freqüentemente, vêm entrar as manifestações, de qualquer natureza que sejam, escritas tão bem quanto visuais; daí a necessidade de se colocar nas condições mais favoráveis, querendo-se ter comunicações sérias: quem quer o fim quer os meios. As manifestações espíritas não são dessas coisas das quais seja permitido brincar impunemente. Sede sérios, segundo toda acepção dessa palavra, se quereis coisas sérias, de outro modo não espereis senão ser o juguete de Espíritos levianos, que se divertem às vossas custas.

O Fantasma de Bayonne

Revista Espírita, janeiro de 1859

Em nosso último número, dissemos algumas palavras sobre essa estranha manifestação. Essas notícias nos foram dadas, de viva voz e muito sucintamente, por um de nossos assinantes, amigo da família onde tais fatos ocorreram. Prometera-nos ele os detalhes mais circunstanciais, e devemos à sua cortesia a comunicação das cartas que delas contém um relato mais detalhado.

Essa família mora perto de Bayonne, e essas cartas foram escritas pela própria mãe da jovem, criança de uma dezena de anos, ao seu filho que mora em Bordeaux, para lhe dar conhecimento do que se passava em sua casa. Este último consentiu a se dar ao trabalho de transcrevê-las para nós, a fim de que a autenticidade não pudesse ser contestada; foi uma atenção da qual lhe somos reconhecidos. Concebe-se a reserva à qual tivemos quanto aos nomes próprios, reserva que sempre para nós foi uma lei a observar, a menos que recebamos uma autorização formal. Todo o mundo não se preocupa em atrair sobre si a multidão de curiosos. Àqueles a quem essa reserva seria um motivo de suspeição, diremos que é preciso fazer uma diferença entre um jornal eminentemente sério e aqueles que não tem em vista senão agradar o público. Nosso objetivo não é o de contar os fatos para encher nosso quadro, mas para esclarecer a ciência; se estivéssemos enganados, estaríamos de boa fé: quando, aos nossos olhos, uma coisa não está formalmente averiguada, nós a damos sob o benefício de inventário; não poderia ser assim quando ela emana de pessoas sérias, cuja honorabilidade nos é conhecida, e que longe de terem algum interesse em nos induzirem em erro, elas mesmas querem se instruir.

A primeira carta é a do filho ao nosso assinante, dirigindo-lhe as de sua mãe.

Saint-Esprit, 20 de novembro de 1858.

Meu caro amigo,

"Chamado em minha família pela morte de um de meus irmão-zinhos, que Deus acaba de nos levar, essa circunstância, que me distanciou desde algum tempo de minha casa, é o atraso que tive em vos responder. Ficaria penalizado em vos fazer passar por um contador de histórias junto ao senhor Allan Kardec, por isso vou dar-vos alguns detalhes sumários sobre os fatos acontecidos em minha família. Creio já haver dito que as aparições cessaram há muito tempo, e não se manifestam mais à minha irmã. Eis as cartas que minha mãe escreveu a esse respeito. Devo observar que muitos dos fatos nelas foram omitidos, e não são os menos interessantes. Escrever-vos-ei de novo para completar a história se, por vós mesmo, não puderdes fazê-lo, lembrando-vos do que vos disse de viva voz."

23 de abril de 1855.

Há mais ou menos três meses que, uma tarde, tua irmã X. teve necessidade de sair para fazer uma compra. O corredor da casa que é muito comprido, tu o sabes, não está jamais iluminado, e o grande hábito que temos de percorrê-lo sem luz faz com que evitemos tropeçar sobre os degraus da escada. X. já nos dissera que cada vez que ela saía ouvia uma

voz que lhe fazia discursos dos quais ela não compreendeu de início o sentido, mas que, mais tarde, tornaram-se inteligíveis. Algum tempo depois ela viu uma sombra, e não cessou, durante o trajeto, de ouvir a mesma voz. Os discursos feitos por esse ser invisível tendiam sempre a tranquilizá-la e dar-lhe conselhos muito sábios. Uma boa moral era o fundo de suas palavras. X. ficou muito perturbada e, freqüentemente, nos disse que não tinha mais força para continuar seu caminho. Minha criança, dizia-lhe o invisível, cada vez que ela estava perturbada, não tema nada, porque não te quero senão o bem. Ensinou-lhe um lugar onde, durante vários dias, ela encontrou algumas peças de moedas; de outras vezes não encontrava nada. X. estava conformada com a revelação que lhe fizera e, durante muito tempo, ela encontrou, se não peças de moedas, alguns brinquedos que tu verás. Esses dons, sem dúvida lhe foram dados para encorajá-la. Tu não foste esquecido nas conversações desse ser falava freqüentemente de ti e nos dava de tuas novidades por intermédio de tua irmã. Várias vezes nos informou do emprego de tuas noites; viu-te lendo no quarto; outras vezes nos disse que teus amigos estavam reunidos contigo; enfim, ele nos tranquilizava sempre que a preguiça te impedia escrever-nos.

Desde há algum tempo, X. tem relações quase contínuas com o invisível. De dia ela não vê nada; ouve sempre a mesma voz que lhe faz discursos sábios, que não cessa de encorajá-la ao trabalho e ao amor a Deus. À noite, ela vê, na direção de onde parte a voz, uma luz rosa que não ilumina mas que, segundo ela, poderia ser comparada ao brilho de um diamante na sombra. Agora todo o medo desapareceu nela; se lhe manifesto dúvidas: "Mamãe, diz-me ela, é um anjo quem me fala, e se, para te convenceres, queres te armar de coragem, ele me pede dizer-te que esta noite te fará erguer. Se ele te falar, deveras responder. Vá onde ele te disser para ir; verás diante de ti pessoas, não tenhas nenhum medo." Não quis colocar minha coragem à prova: tive medo, e a impressão que isso me fez impediu-me de dormir. Muito freqüentemente, durante a noite, parece-me ouvir um sopro na cabeceira de minha cama. Minhas cadeiras se movem sem que nenhuma mão as toque. Meus temores desapareceram completamente desde há algum tempo, e tenho grande pesar por não haver me submetido à prova, que me fora proposta, para ter relações diretas com o invisível, e também por não ter que lutar continuamente contra as dúvidas.

Convidei X. a interrogar o invisível sobre a sua natureza; eis a conversa que tiveram em conjunto:

X. Quem és tu?

Inv. Sou teu irmão Elisée.

X. Meu irmão está morto há doze anos.

Inv. É verdade; teu irmão está morto há doze anos; mas havia nele, como em todos os seres, uma alma que não morre e que está diante de ti neste instante, que te ama e te protege em tudo.

X. Gostaria de te ver.

Inv. Estou diante de ti.

X. Não vejo nada, entretanto.

Inv. Tomarei uma forma visível para ti. Depois do ofício religioso tu descerás, ver-me-ás,

então eu te abraçarei.

X. Mamãe gostaria de conhecer-te também.

Inv. Tua mãe é a minha; ela me conhece. Teria antes querido manifestar-me a ela que a ti: era meu dever; mas não posso mostrar-me a várias pessoas, porque Deus no-lo proíbe; lamento que tenha faltado coragem à mamãe. Prometo dar-te provas de minha existência e, então, todas as dúvidas desaparecerão.

À noite, no momento marcado, X. se colocou à porta do templo. Um jovem se lhe apresentou e lhe disse: "Sou teu irmão. Pediste ver-me; eis-te satisfeita. Abraça-me, porque não posso conservar por muito tempo a forma que estou vivendo."

Como tu o penses bem, a presença desse ser deveu espantar X. ao ponto de impedir-lhe fazer alguma observação. Logo que o abraçou, ele desapareceu no ar.

No dia seguinte, de manhã, o invisível, aproveitando o momento em que X. foi obrigada a sair, se manifestou de novo a ela e disse-lhe: "Deveis estar bem surpresa com a minha desapareição. Pois bem! Quero te ensinar a elevar-te no ar, e ser-te-á possível seguir-me." Qualquer outro senão X., sem dúvida, apavorar-se-ia com a proposição. Ela aceitou a oferta apressadamente e logo se sentiu elevar como uma andorinha. Ela chegou, em pouco tempo, a um lugar onde havia uma multidão considerável. Ela viu, disse-nos, ouro, diamantes, e tudo o que, sobre a Terra satisfaz nossa imaginação. Ninguém considera essas coisas mais do que fazemos quanto aos paralelepípedos sobre os quais andamos. Ela reconheceu várias crianças de sua idade, que habitaram a mesma rua nossa, e que morreram há muito tempo. Em um apartamento ricamente decorado, onde não havia ninguém, o que chamou sobretudo a sua atenção, foi uma grande mesa onde, de distância em distância, havia papel. Diante de cada caderno havia um tinteiro; ela via as penas, por si mesmas, umedecerem-se e traçarem caracteres, sem que nenhuma mão as movesse.

Em seu retorno, eu a recriminei por ter se ausentado sem minha autorização, e lhe proibi expressamente recommençar semelhantes excursões. O invisível testemunhou-lhe muito lamentar haver me descontentado, e prometeu-lhe formalmente que, doravante, não a convidaria mais a ausentar-se sem disso me prevenir.

26 de abril.

O invisível transformou-se sob os olhos de X. e ele tomou tua forma, se bem que tua irmã acreditou que estavas no salão; para disso assegurar-se, ela disse-lhe que retomasse sua forma primitiva; logo tu desapareceste e foste substituído por mim. Seu espanto foi grande; ela me perguntou como eu me encontrava ali, estando a porta do salão fechada a chave. Então uma nova transformação ocorreu; ele tomou a forma do irmão morto e disse a X.: Tua mãe e todos os membros de tua família não vêem sem espanto, e mesmo sem o sentimento de medo, todos os fatos que se cumprem pela minha intervenção. Meu desejo não é ocasionar pavor; entretanto, quero provar minha existência, e te colocar ao abrigo na incredulidade de todos, porque se poderia tomar por uma mentira de tua parte o que não seria da sua senão uma obstinação em não se render à evidência. A senhora C. é uma merceira; sabes que se tem necessidade de comprar botões, nós iremos, ambos, comprá-los. Eu me transformarei em teu irmãozinho (ele tinha então 9 anos) e quando retornares à casa, pedirás a mamãe enviar à casa da senhora C. perguntar com quem te encontravas no momento em que ela te vendeu os botões." X. não deixou de se conformar com essas

instruções. Mandeí à casa da senhora C.; ela me respondeu que tua irmã estava com teu irmão, do qual fez um grande elogio dizendo que não se podia figurar que, em sua idade, fosse possível ter respostas tão fáceis, e, sobretudo, com tão pouca timidez. É bom dizer que o irmãozinho estivera na escola desde a manhã e não deveria retornar senão à tarde, pela sete horas, e que além disso é muito tímido e não tem essa facilidade que se lhe queria conceder. É muito curioso, não é? Creio que a mão de Deus não é estranha a essas coisas inexplicáveis.

7 de maio de 1855.

Não sou mais crédula do que se deve ser, e não me deixo dominar por idéias supersticiosas. No entanto, não posso me recusar a crer em fatos que ocorrem sob meus olhos. Necessitaria de provas bem evidentes para não infligir, à tua irmã, punições que lhe apliquei algumas vezes com pesar, com medo de que quisesse se divertir conosco, abusando de nossa confiança.

Ontem, eram cinco horas mais ou menos, quando o invisível disse à X.: "É provável que mamãe vá te enviar para alguma parte para fazer uma encomenda. Em teu curso serás agradavelmente surpreendida pela chegada da família de teu tio." X. me transmitiu logo o que o invisível dissera, eu estava bem longe de esperar essa chegada, e mais surpresa ainda de saber por esse modo. Tua irmã saiu e as primeiras pessoas que ela encontrou, efetivamente, foram meu irmão, sua mulher e seus filhos, que vinham nos ver. X. se apressou a dizer que eu deveria ter uma prova a mais da veracidade de tudo o que ela me dizia.

10 de maio de 1855.

Não posso mais duvidar, hoje, de qualquer coisa extraordinária na casa; vejo cumprirem-se todos esses fatos singulares sem medo, mas deles não posso retirar nenhum ensinamento, porque esses mistérios são inexplicáveis para mim.

Ontem, depois de ter posto ordem em todos os apartamentos, e tu sabes que é uma coisa à qual me prendo essencialmente, o invisível disse a X., que malgrado as provas que ele havia dado de sua intervenção, em todos os fatos curiosos que contei, eu tinha sempre dúvidas que ele queria fazer cessar completamente. Sem que nenhum ruído se fizesse ouvir, um minuto bastou para colocar a maior desordem nos apartamentos. Sobre o soalho, uma matéria vermelha fora derramada; creio que era sangue. Se fossem algumas gotas somente, creia que X, houvesse picado ou houvera sangrado o nariz, mas figura-te que o soalho estava inundado. Essa prova bizarra nos deu um trabalho considerável para colocar no salão seu brilho primitivo.

Antes de deslacrar as cartas que tu nos endereças, X. conhece-lhes o conteúdo. O invisível lho transmite.

16 de maio 1855.

X. não aceitou uma observação que sua irmã lhe fez, não sei a propósito de quê; ela deu uma resposta tanto menos conveniente quanto a censura era fundada. Infligi-lhe uma punição e ela foi dormir sem jantar. Antes de se deitar tem o hábito de orar a Deus. Essa noite ela o esqueceu; mas poucos instantes depois que foi ao leito, o invisível lhe apareceu; apresentou-lhe uma tocha e um livro de preces semelhante àquele que tinha o hábito de servir-se, disse-

Ihe que, malgrado a punição que ela bem merecera, não devia esquecer de cumprir o seu dever. Então ela se levantou, fez o que lhe foi ordenado, e tão logo sua prece terminara, tudo desapareceu.

No dia seguinte, pela manhã, X., depois de ter me abraçado, perguntou-me se o castiçal que se achava sobre a mesa no andar acima de seu quarto, havia sido tirado. Ora, essa tocha, semelhante àquela que fora apresentada na véspera, não havia mudado de lugar, não mais que seu livro de preces.

4 de junho de 1855.

Desde há algum tempo, nenhum fato muito saliente ocorreu, senão o seguinte. Eu estava resfriada estes dias; anteontem, todas as suas irmãs estavam ocupadas, eu não dispunha de ninguém para mandar comprar a pasta peitoral. Disse a X. que, quando terminasse seu trabalho, faria bem ir procurar-me alguma coisa na farmácia mais próxima. Ela esqueceu a minha recomendação, e eu mesma nisso não pensei mais. Estava certa de que ela não saíra e não deixara seu trabalho senão para ir buscar uma sopeira de que tínhamos necessidade. Sua surpresa foi grande, tirando a tampa, de aí encontrar um pacote de bala de cevada que o invisível havia depositado para poupar-lhe uma caminhada, e também para satisfazer um desejo meu que se havia perdido de vista.

Evocamos esse Espírito em uma das sessões da Sociedade e lhe endereçamos as perguntas seguintes. O senhor Adrien viu-o com os traços de uma criança de 10 a 12 anos; bela cabeça, cabelos negros e ondulados, olhos negros e vivos, tez pálida, boca zombadora, caráter leviano, mas bom. O Espírito disse não saber muito porque foi evocado.

Nosso correspondente, que estava presente à sessão, disse que são bem esses os traços sob os quais a jovem o pintou em várias circunstâncias.

1. Ouvimos contar a história de tuas manifestações numa família de Bayonne, e desejamos dirigir-te, a esse respeito, algumas perguntas. - R. Fazei-as e eu responderei; fazei-as depressa, estou com pressa, quero ir-me.
2. Onde pegaste o dinheiro que deste à jovem? - R. Fui tirar na bolsa de outros; compreendeis bem que não vou divertir-me cunhando moeda. Tomo daqueles que podem dar.
3. Por que te ligaste a esta jovem? - R. Grande simpatia.
4. E verdade que foste seu irmão morto com a idade de 4 anos? - R. Sim.
5. Por que era visível para ela e não para sua mãe? - R. Minha mãe deve estar privada de minha visão; mas minha irmã não tinha necessidade de punição; de resto, foi por permissão especial que lhe apareci.
6. Poderias explicar-nos como te tornas visível ou invisível à vontade? - R. Não sou bastante elevado, e estou muito preocupado com aquilo que me atrai, para responder a essa questão.
7. Poderias, se quisesses, aparecer aqui no meio de nós, como te mostraste à merceeira? - R. Não.

8. Nesse estado, seria sensível a dor se ferido? - R. Não.
9. Que teria acontecido se a merceeira quisesse ferir-te? - R. Ela não feriria senão o vazio.
10. Sob qual nome poderíamos designar-te quando falarmos de ti? - R. Chamai-me Fantasma se quiserdes. Deixai-me, é preciso que me vá.
11. (A São Luís). Seria útil ter às suas ordens um Espírito semelhante? - R. Frequentemente, tende-os ao vosso redor, que vos assistem sem que disso desconfiais.

Considerações sobre o Fantasma de Bayonne.

Se aproximarmos esses fatos dos de Bergzabern, dos quais nossos leitores, sem dúvida, não perderam a lembrança, ver-se-á uma diferença capital. Ali era mais que um Espírito batedor; era, e é neste momento, um Espírito perturbador em toda a acepção da palavra. Sem fazer o mal, era um comensal muito incômodo e muito desagradável, sobre o qual voltaremos, no nosso próximo número, tendo novidades de suas recentes proezas. O de Bayonne, ao contrário, é eminentemente benevolente e prestativo; é o tipo desses bons Espíritos serviçais, dos quais as lendas alemãs nos cotamaltos fatos, nova prova de que pode haver, nas histórias legendárias, um fundo de verdade. Convir-se-á, de resto, a imaginação teria pouca coisa a fazer para colocar esses fatos à altura de uma lenda, e que se poderia tomá-los por um conto da Idade Média, se não se passassem, por assim dizer, sob nossos olhos.

Um dos traços mais salientes do Espírito ao qual demos o nome de fantasma de Bayonne, são suas transformações. Que se dirá, agora, da fábula de Proteu? Há, ainda, esta diferença entre ele e o Espírito de Bergzabem, que esse último jamais se mostrou senão em sonho, ao passo que o nosso pequeno duende se tornava visível e tangível, como uma pessoa real, não somente à sua irmã, mas a estranhos: testemunhou a compra de botões na mercearia. Por que não se mostrava a todo o mundo e a toda hora? É o que não sabemos; parecia que isso não estava em seu poder e que não podia mesmo permanecer muito tempo nesse estado. Talvez fosse preciso para isso um trabalho íntimo, um poder de vontade acima de suas forças.

Novos detalhes nos estão sendo prometidos sobre esses estranhos fenômenos; teremos ocasião de a eles retornar.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, janeiro de 1859

Chaudruc Duelos e Diógenes. Duelos.

1. *Evocação.* - R. Estou aqui.

O senhor Adrien, médium vidente, que não o vira jamais em sua vida, dele fez o retrato seguinte, achado muito exato pelas pessoas presentes que o conheceram.

Rosto comprido; bochechas ocas; testa convexa e enrugada. Nariz um pouco longo e ligeiramente curvado; olhos cinzentos e um pouco à flor da cabeça; boca média, zombeteira; tez um pouco amarela; cabelos grisalhos, e longa barba. Talhe antes grande que pequeno.

Paletó de lã azul, todo ralado e furado; calça negra, gasta e em farrapos; colete de cor clara, lenço de pescoço amarrado em gravata, de uma cor sem nome.

2. *Lembrai-vos de vossa última existência terrestre?* - R. Perfeitamente.

3. *Que motivo vos levou ao gênero de vida excêntrica que adotastes?* - R. Estava cansado da vida e tive pena dos homens e dos motivos de suas ações.

4. *Diz-se que era uma vingança e para humilhar um parente educado; é verdade?* - R. Não só por isso; humilhando esse homem, humilhava muitos outros com isso.

5. *Se era uma vingança, ela vos custou caro, porque vos privastes, durante longos anos, de todos os gozos sociais para satisfazê-la. Não acháveis isso um pouco duro?* - R. Eu gozava de um outro modo.

6. *Havia, ao lado disso, um pensamento filosófico e foi por essa razão que se vos comparou a Diógenes?* - R. Havia alguma relação com a parte menos sadia da filosofia desse homem.

7. *Que pensais de Diógenes?* - R. Pouca coisa; é um pouco o que penso de mim. Diógenes tinha sobre nós a vantagem de ter feito alguns anos mais cedo o que fiz, e no meio de homens menos civilizados que aqueles no meio dos quais vivi.

8. *Há, entretanto, uma diferença entre Diógenes e vós: nele, sua conduta era uma consequência de seu sistema filosófico; ao passo que em vós ela tinha seu princípio na vingança!* - R. A vingança em mim conduziu à filosofia.

9. *Sofríeis por vos ver assim isolado, e ser um objeto de desprezo e de desgosto; porque vossa educação vos distanciava da sociedade dos mendigos e dos vagabundos, e éreis repellido pelas pessoas bem educadas?* - R. Sabia que não se tem amigos na Terra; eu o

havia experimentado muito, ai de mim!

10. *Quais são as vossas ocupações atuais e onde passais vosso tempo?* - R. Percorro mundos melhores e me instruo... Ali há muitas boas almas que nos revelam a ciência celeste dos Espíritos.

11. *Retornastes, alguma vez, ao Palais-Royal, desde vossa morte?* - R. Que me importa o Palais-Royal!

12. *Entre as pessoas que estão aqui, reconheceis as que conhecestes nas vossas peregrinações ao Palais-Royal?* - R. Como não o faria?

13. *Reviste-as com prazer?* - R. Com prazer; mesmo com o maior prazer foram boas para mim.

14. *Revistes vosso amigo Charles Nodier?* - R. Sim, sobretudo depois de sua morte.

15. *Ele está errante ou reencarnado?* - R. Errante como eu.

16. *Por que escolhestes o Palais-Royal, o lugar mais freqüentado em Paris, para os vossos passeios; isso não está de acordo com o vosso gosto misantropo?* - R. Lá eu via todo mundo, todas as tardes.

17. *Não havia, talvez, um sentimento de orgulho de vossa parte?* - R. Sim, infelizmente; o orgulho teve uma boa parte em minha vida.

18. *Sois mais feliz agora?*- R. Oh! sim.

19. *Entretanto, vosso gênero de existência não deveu contribuir para o vosso aperfeiçoamento?* - R. Essa existência terrestre! Mais que pensais, todavia: eu não tinha momentos sombrios, quando reentrei sozinho e abandonado em minha casa? Ali, tive o tempo de amadurecer bem os pensamentos.

20. *Se tivesses a escolher uma outra existência, como a escolheríeis?* - R. Não mais sobre vossa Terra; posso esperar melhor hoje.

21. *Lembraí-vos de vossa penúltima existência?* - R. Sim, e de outras também.

22. *Onde tivestes essas existências?* - R. Na Terra e em outros mundos.

23. *E a penúltima?*- R. Na Terra.

24. *Podeis no-la fazer conhecer?* - R. Não o posso; era uma existência obscura e oculta.

25. *Sem nos revelar essa existência, poderíeis dizer-nos qual relação havia com a que conhecemos, porque esta deve ser uma conseqüência da outra?* - R. Uma conseqüência, positivamente, mas um complemento: vivi infeliz por vícios e faltas que se modificaram bem antes que viesse a habitar o corpo que conhecestes.

26. *Podemos fazer alguma coisa que vos seja útil, ou agradável?* - R. Ai de mim! Pouco; estou bem acima da Terra, hoje.

Diógenes.

1. *Evocação.* - R. Ah! Venho de longe!

2. *Podeis aparecer ao senhor Adrien, nosso médium vidente, tal qual éreis na existência que vos conhecemos?* - R. Sim, e mesmo vir com minha lanterna, se o desejais.

Retrato.

Testa larga e as bossas laterais muito ossudas, nariz delgado e curvado; boca grande e séria; olhos negros e cravados na órbita; olhar penetrante e zombeteiro. Talhe um pouco alongado, magro e enrugado, tez amarela; bigode e barba incultos; cabelos grisalhos e dispersos.

Roupagens brancas e muito sujas; os braços nus, assim como as pernas; o corpo magro, ossudo. Más sandálias amarradas às pernas por cordas.

3. *Dissestes que vínheis de longe: de qual mundo vindes?* - R. Vós não o conheceis.

4. *Teríeis a bondade de responder a algumas perguntas?* - R. Com prazer.

5. *A existência que vos conhecemos sob o nome de Diógenes o Cínico, vos foi proveitosa para a vossa felicidade futura?* - R. Muito; errastes em torná-la em zombaria, como fizeram meus contemporâneos; espanto-me mesmo que a história haja pouco esclarecido minha existência, e que a posteridade, pode-se dizer-lo, foi injusta a meu respeito.

6. *Que bem fizestes, porque vossa existência era bastante pessoal?* - R. Trabalhei por mim, mas pôde-se aprender muito em me vendo.

7. *Quais são as qualidades que queríeis encontrar nos homens e que procuráveis com a vossa lanterna?* - R. Da energia.

8. *Se tivésseis encontrado, em vosso caminho, o homem que acabamos de evocar, Chaudruc Duelos, encontraríeis nele o homem que procuráveis, porque ele também se abstinha voluntariamente de todo o supérfluo?* - R. Não.

9. *Que pensais dele?* - R. Sua alma extraviou-se na Terra; quantos são como ele e não o sabem; ele ao menos o sabia.

10. *As qualidades que procuráveis no homem, segundo vós, credes havê-las possuído?* - R. Sem dúvida: eu era meu critério.

11. *Qual é dos filósofos de vosso tempo o que preferis?* - R. Sócrates.

12. *Qual é o que preferis agora?* - R. Sócrates.

13. E *Platão, que dizeis dele?* - R. Muito duro; sua filosofia é muito severa: eu admitia os poetas, e ele não.

14. *O que se conta de vossa entrevista com Alexandre é real?* - R. Muito real; a história mesma a mutilou.

15. *Em que a história a mutilou?* - R. Entendo falar de outras conversas que tivemos juntos: credes que veio ver-me para não dizer-me senão uma palavra?

16. *A palavra que se lhe imputa, a saber, de que se não fosse Alexandre gostaria de ser Diógenes, é real?* - R. Ele disse, talvez, mas não diante de mim. Alexandre era um jovem louco, vão e confiado; eu era, aos seus olhos, um mendigo: como o tirano ousaria se mostrar instruído pelo miserável?

17. *Depois de vossa existência em Atenas, reencarnastes sobre a Terra?* - R. Não, mas em outros mundos. Atualmente, pertenço a um mundo onde não somos escravos: isso quer dizer que se vos evocassem acordado, não faríeis o que fiz essa noite.

18. *Poderíeis nos traçar o quadro das qualidades que procurareis no homem, tais como as concebíveis então, e tais como as concebeis agora?*

- R. *Então.*

Coragem, audácia, segurança de si mesmo e poder sobre os homens pelo Espírito.

Agora.

Abnegação, doçura, poder sobre os homens pelo coração.

Os anjos guardiães

Revista Espírita, janeiro de 1859

Comunicação espontânea obtida pelo senhor L..., um dos médiuns da Sociedade.

É uma doutrina que deveria converter os mais incrédulos pelo seu encanto e pela sua doçura: a dos anjos guardiães. Pensar que se tem, junto de si, seres que vos são superiores, que estão sempre aí para vos aconselhar, vos sustentar, para vos ajudar a escalar a áspera montanha do bem, que são amigos mais seguros e mais devotados que as mais íntimas ligações que se possa contrair nesta Terra, não é uma idéia bem consoladora? Esses seres estão aí por ordem de Deus; foi ele quem os colocou junto de nós, e estão aí pelo amor dele, e cumprem, junto de nós, uma bela mas penosa missão. Sim, em qualquer parte que estejais, ele estará convosco: os calabouços, os hospitais, os lugares de deboche, a solidão, nada vos separa desse amigo que não podeis ver, mas do qual vossa alma sente os mais doces impulsos e ouve os sábios conselhos.

Por que não conheceis melhor essa verdade! Quantas vezes ele vos ajudou nos momentos de crise, quantas vezes vos salvou das mãos de maus Espíritos! Mas, no grande dia, esse anjo do bem terá, freqüentemente, a vos dizer: "Não te disse isso? E tu não o fizeste. Não te mostrei o abismo, e tu nele te precipitaste; não te fiz ouvir na consciência a voz da verdade, e não seguiste os conselhos da mentira?" Ah! questionai vossos anjos guardiães; estabelecei, entre ele e vós, essa ternura íntima que reina entre os melhores amigos. Não penseis em não lhes ocultar nada, porque são o olho de Deus, e não podeis enganá-los. Sonhai com o futuro, procurai avançar nesse caminho, vossas provas nele serão mais curtas, vossas existências mais felizes. Ide! homens de coragem; lançai longe de vós, uma vez por todas, preconceitos e dissimulações; entrai no novo caminho que se abre diante de vós; caminhai, caminhai, tendes guias, segui-os: o objetivo não pode vos faltar, porque esse objetivo é o próprio Deus.

Àqueles que pensam que é impossível a Espíritos verdadeiramente elevados se sujeitarem a uma tarefa tão laboriosa e de todos os instantes, diremos que influenciámos vossas almas estando a vários milhões de léguas de vós: para nós o espaço não é nada, e mesmo vivendo em um outro mundo, nossos espíritos conservam sua ligação com o vosso. Gozamos de qualidades que não podeis compreender, mas estejais seguros que Deus não nos impôs uma tarefa acima de nossas forças, e que não vos abandonou sozinhos na Terra, sem amigos e sem sustentação. Cada anjo guardião tem o seu protegido, sobre o qual ele vela, como um pai vela sobre seu filho; ele é feliz quando o vê seguir o bom caminho, e geme quando seus conselhos são desprezados.

Não temais nos cansar com vossas perguntas; ficai, ao contrário, em relação conosco: sereis mais fortes e mais felizes. São essas comunicações, de cada homem com seu Espírito familiar, que fazem todos os homens médiuns, médium ignorados hoje mas que se manifestarão mais tarde, e que se espalharão como um oceano sem limites para refluir a incredulidade e a ignorância. Homens instruídos, instruí; homens de talento, elevai vossos irmãos. Não sabeis que obra cumpris assim: é a do Cristo, aquela que Deus vos impôs. Por que Deus vos deu a inteligência e a ciência, se não para partilhá-las com vossos irmãos, certamente para avançá-los no caminho da alegria e da felicidade eterna.

São Luís, Santo Agostinho.

Nota. - A doutrina dos anjos guardiães, velando sobre seus protegidos, apesar da distância que separa os mundos, nada tem que deva surpreender; ela é, ao contrário, grande e sublime. Não vedes sobre a Terra, um pai velar sobre seu filho, embora dele esteja distante, ajudar com seus conselhos por correspondência? Que haveria, pois, de espantoso que os Espíritos possam guiar aqueles que tomam sobre sua proteção, de um mundo ao outro, uma vez que, para eles, a distância que separa os mundos é menor que aquela que, na Terra, separa os continentes?

Uma noite esquecida ou a feiticeira Manouza

Revista Espírita, janeiro de 1859

Milésima segunda noite de contos árabes,

Ditada pelo Espírito de Frédéric Soulié.

(SEGUNDO ARTIGO.)

Nota. - Os algarismos romanos indicam as suspensões que ocorreram no ditado. Freqüentemente, não era retomada senão depois de uma interrupção de duas ou três semanas, e, apesar disso, assim como o observamos, o relato se seguiu como se fora escrito de um só jato; e esse não é um dos caracteres os menos curiosos dessa produção de além-túmulo. O estilo nela é correto e perfeitamente apropriado ao assunto. Nós o repetimos, para aqueles que não veriam ali senão uma coisa fútil, não a damos como uma obra filosófica, mas como um estudo. Para o observador, nada é inútil: ele sabe aproveitar de tudo para aprofundar a ciência que estuda.



Nada, entretanto, parecia dever perturbar nossa felicidade; tudo era calma ao nosso redor: vivíamos em uma perfeita segurança, quando uma tarde, no momento em que nos críamos na maior segurança, de repente, apareceu ao nosso lado (posso dizer assim, porque estávamos numa praça circular onde chegavam várias alamedas), de repente, pois, e ao nosso lado, apareceu o sultão acompanhado de seu grão-vizir. Todos os dois tinham um semblante assustador a cólera havia transtornado seus traços; estavam, o sultão sobretudo, em uma exasperação fácil de compreender. O primeiro pensamento do sultão foi de me fazer perecer, mas sabendo a qual família eu pertencia, e a sorte que o esperaria se ousasse tirar um só cabelo de minha cabeça, ele disfarçou (como em sua chegada eu me coloquei à parte), ele disfarçou não me perceber, e se precipitou como um furioso sobre Nazara, a quem prometeu não fazer esperar o castigo que ela merecia. Ele a carregou consigo, sempre acompanhado do vizir. Para mim, o primeiro momento de temor passou e me apressei em retornar para o meu palácio, para procurar um meio de subtrair o astro de minha vida das mãos desse bárbaro, que provavelmente iria cortar essa querida existência.

- E depois, que fizeste? perguntou Manouza; porque enfim, em tudo isso não vejo em que estás tanto atormentado para tirar tua amante do mau onde a colocaste por tua falta. Tu me dás o efeito de um pobre homem que não tem nem coragem, nem vontade, quando se trata de coisas difíceis.

- Manouza, antes de condenar, é preciso escutar. Não vim atrás de ti sem antes experimentar de todos os meios em meu poder. Fiz ofertas ao sultão; prometi-lhe ouro, jóias, camelos, palácios mesmo, se me entregasse minha doce gazela; a tudo desdenhou. Vendo meus sacrifícios repelidos, fiz ameaças; as ameaças foram desprezadas como o resto: a tudo ele riu

e zombou de mim. Também experimentei introduzir-me no palácio; corrompi escravos, cheguei ao interior dos apartamentos; apesar de todos os meus esforços, não consegui chegar até a minha bem-amada.

- Tu és franco, Noureddin; tua sinceridade merece uma recompensa, e terás o que vieste procurar. Vou te fazer ver uma coisa terrível: se tendes a força de suportar a prova pela qual te farei passar, podes estar seguro que reencontrarás a tua felicidade de outro-ra. Dou-te cinco minutos para te decidir.

Decorrido esse tempo, Noureddin disse à Manouza que ele estava pronto para fazer tudo aquilo que ela quisesse para salvar Nazara. Então, a feiticeira se levantando, disse-lhe: Pois bem! Caminhe. Depois, abrindo uma porta colocada no fundo do apartamento, fê-lo passar diante dela. Eles atravessaram um pátio sombrio, repleto de objetos horrendos: serpentes, sapos que passeavam gravemente em companhia de gatos pretos, com o ar de pavonear entre esses animais imundos.

IV

Na extremidade desse pátio, encontrava-se outra porta que Manouza igualmente abriu; e, tendo feito passar Noureddin, entraram em uma sala baixa, clareada somente pelo alto: a luz vinha de uma cúpula muito alta guarnecida de vidros coloridos, que formavam toda espécie de arabescos. No meio dessa sala se encontrava um fogareiro aceso, e sobre um tripé colocado sobre esse fogareiro, um grande vaso de bronze no qual ferviam todas espécies de ervas aromáticas, cujo odor era tão forte que se podia com dificuldade suportar. Ao lado desse vaso se encontrava uma espécie de poltrona em veludo negro, de uma forma extraordinária. Quando se sentou em cima, no instante, desapareceu inteiramente; porque Manouza não estava nela colocada, Noureddin a procurou alguns instantes sem poder percebê-la. De repente, ela reapareceu e lhe disse: estás sempre disposto? "- Sim, repetiu Noureddin. - Pois bem! Vai sentar-te nessa poltrona e espera." Antes que Noureddin fosse para a poltrona, tudo mudou de aspecto, e a sala se povoou de uma grande multidão de figuras brancas que primeiro apenas visíveis, pareceram em seguida de um vermelho de sangue, dir-se-ia-se de homens cobertos de chagas sangrentas, dançando rondas infernais, e no meio delas Manouza, cabelos esparsos, olhos chamejantes, as roupas em farrapos, e sobre a cabeça uma coroa de serpentes. Na mão, à guisa de cetro, ela brandia uma tocha acesa, lançando chamas cujo odor atacava a garganta. Depois de terem dançado um quarto de hora, detiveram-se, de repente, sob um sinal de sua rainha que, para esse efeito, havia lançado sua tocha na caldeira em ebulição. Quando todas essas figuras foram se alinhando ao redor da caldeira, Manouza fez se aproximarem os mais velhos, que se reconhecia pela sua longa barba branca, e lhes disse: "vem aqui, tu o segundo do diabo; vou te encarregar de uma missão muito delicada. Noureddin quer Nazara, eu prometi entregar-lha; é coisa difícil; eu conto, Tanaple, com teu concurso em tudo. Noureddin suportará todas as provas necessárias; agi em consequência. Sabes o que quero, faze o que quiseres, mas alcance; trema se fracassares. Recompensar quem me obedece, mas infeliz daquele que não faz a minha vontade. - Tu serás satisfeita, disse Tanaple, e tu podes contar comigo. - Pois bem, vai e age."

V

Apenas terminara essas palavras e tudo mudou aos olhos de Noureddin; os objetos tornaram-se o que eram antes, e Manouza se encontrou sozinha com ele. "Agora, disse ela, retoma à

tua casa e espera; enviar-te-ei um dos meus gnomos, e te dirá o que tem a fazer, obedece e tudo irá bem."

Noureddin ficou muito feliz com essas palavras, e mais feliz ainda por deixar o antro da feiticeira. Atravessou de novo o pátio e o quarto por onde entrara, depois ela o reconduziu até à porta exterior. Ali, Noureddin tendo-lhe perguntado se deveria retornar, ela respondeu: "Não; para o momento, é inútil; se isso se tornar necessário, far-te-ei saber."

Noureddin se apressou em retornar ao seu palácio; estava impaciente por saber se se passara alguma coisa nova desde a sua saída. Encontrou tudo no mesmo estado; somente, na sala de mármore, sala de repouso no verão entre os habitantes de Bagdá, ele viu perto da bacia colocada no meio dessa sala, uma espécie de anão de uma fealdade repelente. Seu vestuário era de cor amarela, bordado de vermelho e azul; tinha uma bossa monstruosa, pernas pequenas, o rosto gordo, com olhos verdes e vesgos, uma boca fendida até as orelhas, e os cabelos de um ruivo podendo rivalizar com o sol.

Noureddin lhe perguntou como se encontrava ali, e o que viera fazer. "Eu sou enviado de Manouza, disse, para te entregar a tua amante; eu me chamo Tanaple. - Se tu és, realmente, o enviado de Manouza, estou pronto para obedecer suas ordens, mas despacha-te, aquela que amo está a ferros e tenho pressa dela dali sair. - Se estás pronto, conduze-me em seguida para o teu apartamento, e dir-te-ei o que é preciso fazer. - Segue-me, pois, disse Noureddin."

VI

Depois de atravessar vários pátios e jardins, Tanaple se encontrou no apartamento do jovem; fechou-lhe todas as portas, e disse: "Tu sabes que deves fazer tudo o que eu te disser, sem objeção. Vais vestir essas roupas de negociante. Levarás sobre teu dorso esse pacote que encerra os objetos que nos são necessários; eu, vou me vestir de escravo e levarei um outro pacote."

Para sua grande estupefação, Noureddin viu dois enormes pacotes ao lado do anão, e todavia não vira e nem ouvira ninguém traze-los. "Em seguida, continuou Tanaple, iremos à casa do sultão. Dir-lhe-ás que tens objetos raros e curiosos; e que se quiser oferecê-los à sultana favorita, nenhuma huri terá semelhantes. Tu conheces sua curiosidade; terá o desejo de nos ver. Uma vez admitidos à sua presença, não terás dificuldade em desdobrar tua mercadoria e lhe venderás tudo o que levamos: são roupas maravilhosas que mudam as pessoas que as colocam. Logo que o sultão e a sultana deles se revestirem, todo o palácio os tomará por nós e nós por eles: tu pelo sultão, e eu por Ozara, a nova sultana. Operada essa metamorfose, estaremos livres para agir à nossa maneira e tu libertarás Nazara."

Tudo se passou como Tanaple havia anunciado; a venda ao sultão e a transformação. Depois de alguns minutos de horrível furor da parte do sultão, que queria caçar esses importunes e fazia um ruído espantoso, Noureddin tendo, segundo a ordem de Tanaple, chamado vários escravos, fez prender o sultão e Ozara como sendo escravos rebeldes, e ordenou que fossem conduzidos, em seguida, para junto da prisioneira Nazara. Ele queria, dizia, saber se ela estava disposta a confessar seu crime, e se ela estava pronta para morrer. Quis também que a favorita Ozara fosse com ele, para ver o suplício que infligia às mulheres infiéis. Dito isso, ele caminhou, precedido do chefe dos eunucos, durante um quarto de hora em um sombrio corredor, ao cabo do qual havia uma porta de ferro pesada e maciça. Tendo o escravo tomado uma chave, abriu três fechaduras, e eles entraram em um gabinete grande, longo e

alto de três ou quatro côvados; ali, sobre uma esteira de palha, estava sentada Nazara, um cântaro com água e algumas tâmaras ao seu lado. Não era mais a brilhante Nazara de outrora; ela estava bela, mas pálida e magra. À vista daquele que ela tomou por seu senhor, estremeceu de medo, porque ela pensava que sua hora havia chegado.

(a continuação no próximo número).

Aforismos Espíritas

Revista Espírita, janeiro de 1859

Sob esse título, daremos, de tempos em tempos, pensamentos destacados que resumirão, em poucas palavras, certos princípios essenciais do Espiritismo.

I. Aqueles que crêem se preservar da ação dos maus Espíritos abstendo-se de comunicações espíritas, são como essas crianças que crêem evitar um perigo vendando os olhos. Iguamente valeria dizer que é preferível não saber ler nem escrever, porque não se estaria exposto a ler maus livros ou escrever tolices.

II. Quem tem más comunicações espíritas, verbais ou por escritas, está sob má influência; essa influência se exerce sobre ele, que escreva ou que não escreva. A escrita lhe dá um meio de se assegurar da natureza dos Espíritos que atuam sobre ele. Se está bastante fascinado para não compreendê-los, outros podem lhe abrir os olhos.

III. Há necessidade de ser médium para escrever absurdos? Quem diz que, entre todas as coisas ridículas ou más que se imprimem, não ocorre que o escrevente, levado por algum Espírito zombeteiro ou malevolente desempenhe o papel de médium obsidiado sem sabê-lo?

IV. Os Espíritos bons, mas ignorantes, confessam sua insuficiência sobre as coisas que não sabem; os maus dizem tudo saber.

V. Os Espíritos elevados provam sua superioridade por suas palavras e a constante sublimidade de seus pensamentos, mas deles não se gabam. Desconfiai daqueles que dizem, com ênfase, estarem no mais alto degrau de perfeição, e entre os eleitos; a fanfarrice, entre os Espíritos, como entre os homens, é sempre um sinal de mediocridade.

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, janeiro de 1859

Aviso. As sessões que ocorriam às terças-feiras, ocorrem agora nas sextas-feiras, no novo local da Sociedade, rua Montpensier, 12, no Palais-Royal, às 8 horas da noite. Os estranhos nelas não são admitidos senão na segunda e na quarta sextas-feiras, a menos com cartas pessoais de entrada. - Dirigir-se, para tudo o que concerne à Sociedade, ao senhor Allan Kardec, rua dos Martyrs, 8, ou ao senhor Lê Doyen, livreiro, galeria de Orléans, 31, no Palais-Royal.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Fevereiro

- [Escolhos dos médiuns](#)
- [Os agêneres](#)
- [Meu amigo Hermann](#)
- [Os Espíritos barulhentos - Meios para se livrar deles](#)
- [A infância \(Dissertação de além-túmulo\)](#)
- [Carta do doutor Morhéry](#)
- [Uma noite esquecida, \(Continuação e fim\)](#)

Escolhos dos médiuns

Revista Espírita, fevereiro de 1859

A mediunidade é uma faculdade múltíplice, e que apresenta uma variedade infinita de nuances em seus meios e em seus efeitos. Quem está apto para receber ou transmitir as comunicações dos Espíritos é, por isso mesmo, médium, qualquer que seja o modo empregado ou o grau de desenvolvimento da faculdade, desde a simples influência oculta até a produção dos mais insólitos fenômenos. Todavia, em seu uso ordinário, essa palavra tem uma acepção mais restrita, e se diz, geralmente, de pessoas dotadas de um poder mediúnico muito grande, seja para produzir efeitos físicos, seja para transmitir o pensamento dos Espíritos pela escrita ou pela palavra.

Embora essa faculdade não seja um privilégio exclusivo, é certo que encontra refratários, pelo menos no sentido que a isso se dá; é certo também que não é sem escolhos para aqueles que a possuem; e ela pode se alterar, mesmo perder-se, e, freqüentemente, ser uma fonte de graves decepções. Sobre esse ponto é que cremos ser útil chamar a atenção de todos aqueles que se ocupam com comunicações espíritas, seja diretamente, seja por intermediário. Dizemos por intermediário, porque incumbe também àqueles que se servem de médiuns poder apreciarem seu valor e a confiança que merecem suas comunicações.

O dom da mediunidade prende-se a causas que não são ainda perfeitamente conhecidas, e nas quais o físico parece ter uma grande parte. A primeira vista, pareceu que um dom tão precioso não teve ser o quinhão senão de almas de elite; ora, a experiência prova o contrário, porque se encontram poderosos médiuns entre as pessoas cuja moral deixa muito a desejar, ao passo que outras, estimáveis sob todos os aspectos, não a possuem. Aquele que fracassa, apesar de seu desejo, seus esforços e sua perseverança, disso não deve concluir desfavoravelmente para si, e não se crer indigno da benevolência dos bons Espíritos; se esse favor não lhe foi concedido, sem dúvida, há outros que podem lhe oferecer uma ampla compensação. Pela mesma razão, aquele que a desfruta, dela não poderá se prevalecer, porque não é nele o sinal de nenhum mérito pessoal. O mérito não está, pois, na posse da faculdade medianímica, que pode ser dada a todo o mundo, mas no uso que dela se pode fazer; aí está uma distinção capital que é preciso jamais perder de vista: a bondade do médium não está na facilidade das comunicações, mas unicamente em sua aptidão em não recebê-las senão as boas; ora, é aí que as condições morais, nas quais se encontra, são onipotentes; também aí se encontram, para ele, os maiores escolhos.

Para se dar conta desse estado de coisas e compreender o que iremos dizer, é preciso se reportar a esse princípio fundamental, que entre os Espíritos os há de todos os graus em bem e em mal, em ciência e em ignorância; que os Espíritos pululam ao nosso redor, e quando cremos estar sós, estamos sem cessar cercados de seres que nos acotovelam, uns com indiferença como estranhos, os outros que nos observam com intenções mais ou menos benevolentes, segundo sua natureza.

O provérbio: Quem se parece se reúne, tem sua aplicação entre os Espíritos como entre nós, e mais ainda entre eles, se isso é possível, porque não estão, como nós, sob a influência de considerações sociais. Todavia, se, entre nós, essas considerações confundem, algumas vezes, os homens de costumes e de gostos muito diferentes, essa confusão não é, de alguma sorte, senão material e transitória; a semelhança ou a divergência de pensamentos será

sempre a causa das atrações ou das repulsões.

Nossa alma que não é, em definitivo, senão um Espírito encarnado, não é menos Espírito; se está momentaneamente revestida de um envoltório material, suas relações com o mundo incorpóreo, embora menos fáceis que no estado de liberdade, não são interrompidas por isso de maneira absoluta; o pensamento é laço que nos une ao Espírito, e por esse pensamento atraímos aqueles que simpatizam com as nossas idéias e nossas tendências. Representemo-nos, pois, a massa dos Espíritos que nos cercam como a multidão que encontramos no mundo; por toda parte onde vamos de preferência, encontramos homens atraídos pelos mesmos gostos e os mesmos desejos; nas reuniões que têm um fim sério, vão os homens sérios; naquelas que têm um objetivo frívolo, vão os homens frívolos; por toda parte também se encontram Espíritos atraídos pelo pensamento dominante. Se lançarmos um golpe de vista sobre o estado moral da Humanidade em geral, conceberemos sem dificuldade que, nessa multidão oculta, os Espíritos elevados não devem estar em maioria; é uma das conseqüências do estado de inferioridade de nosso globo.

Os Espíritos que nos cercam não são passivos; é um povo essencialmente movimentado, que pensa e age sem cessar, que nos influencia com o nosso desconhecimento, que nos excita ou nos dissuade, que nos impele ao bem ou ao mal, o que não nos tira mais nosso livre arbítrio senão os conselhos bons ou maus que recebemos de nossos semelhantes. Mas quando os Espíritos imperfeitos solicitam alguém a fazer uma coisa má, sabem muito bem a quem se dirigem e não vão perder seu tempo onde vêem que serão mal recebidos; eles nos excitam segundo nossas tendência ou segundo os germes que vêem em nós e nossas disposições em escutá-los: eis porque o homem firme nos princípios do bem não lhes dá oportunidade.

Estas considerações nos conduzem naturalmente à questão dos médiuns. Estes últimos estão, como todo o mundo, submetidos à influência oculta de Espíritos bons ou maus; eles os atraem ou os repelem segundo as simpatias de seu espírito pessoal, e os Espíritos maus se aproveitam de todo defeito, como de uma falta de couraça para se introduzirem junto deles e se imiscuírem, com seu desconhecimento, em todos os atos de sua vida particular. Esses Espíritos encontrando, por outro lado, no médium um meio de exprimirem seu pensamento de maneira inteligível e de atestarem sua presença, se misturam às comunicações, provocam-nas porque esperam ter maior influência por esse meio, e acabam por dominá-las. Se consideram como em sua casa, afastando os Espíritos que poderiam se lhes contrapor, e, se for preciso, tomam seus nomes e mesmo sua linguagem para enganarem; mas não podem sustentar por muito tempo, seu papel, e por poucas relações que tenham com um observador experimentado, e não prevenido, são bem depressa desmascarados. Se o médium se deixa levar por essa influência, os bons Espíritos dele se afastam, ou não vêm senão quando são chamados, ou não vêm senão com repugnância, porque vêem que o Espírito que está identificado com o médium, que de alguma sorte elegeu domicílio nele, pode alterar suas instruções. Se vamos escolher um intérprete, um secretário, um mandatário qualquer, é evidente que escolheremos não só um homem capaz, mas além disso digno de nossa estima, e que não confiaremos uma missão delicada e nossos interesses a um homem corrompido ou freqüentando uma sociedade suspeita. Ocorre o mesmo com os Espíritos; os Espíritos superiores não escolheriam, para transmitirem instruções sérias, um médium que tem freqüência com os Espíritos levianos, **A MENOS QUE NÃO TENHAM NECESSIDADE E QUE NÃO TENHAM OUTROS, A SUA DISPOSIÇÃO PARA O MOMENTO, a menos ainda que queiram dar uma lição ao próprio médium**, o que ocorre algumas vezes mas, então, não se servem dele senão acidentalmente, e o deixam desde que o encontrem melhor, deixando-o às suas simpatias se a elas se prendem. O médium perfeito seria, pois, aquele que não desse nenhum acesso aos maus Espíritos por um defeito qualquer. Essa condição é bem difícil de preencher; mas se a perfeição absoluta não é dada ao homem, lhe é sempre dado aproximar-se dela pelos seus esforços, e os Espíritos levam em conta, sobretudo os esforços, a vontade

e a perseverança.

O médium perfeito não teria, assim, senão comunicações perfeitas de verdade e de moralidade; não sendo possível a perfeição, o melhor será aquele que tiver as melhores comunicações: é pela obra que se pode julgá-los. Comunicações constantemente boas e elevadas, onde não se percebesse nenhum indício de inferioridade, seriam, incontestavelmente, uma prova da superioridade moral do médium, porque atestariam felizes simpatias. Por isso mesmo, porque o médium não poderia ser perfeito, os Espíritos levianos, trapaceiros e mentirosos, podem se misturar às suas comunicações, alterar-lhe a pureza e induzir em erro, ele e àqueles que se lhes dirigem. Aí está o maior escolho do Espiritismo, e não lhe dissimulamos a gravidade. Pode-se evitá-lo? Dizemos alto e bom som: sim, é possível; o meio não é difícil e não pede senão o julgamento.

As boas intenções, a moralidade mesma do médium, não bastam sempre para preservá-lo da intromissão de Espíritos levianos, mentirosos ou pseudo-sábios em suas comunicações; além dos defeitos de seu próprio Espírito, pode se expor a eles por outras causas, cuja principal é a fraqueza de seu caráter e uma excessiva confiança na invariável superioridade dos Espíritos que se comunicam por ele; essa confiança cega prende-se a uma causa que explicaremos dentro em pouco. Se não se quer ser vítimas desses Espíritos levianos, é preciso julgá-los, e para isso temos um critério infalível: o bom senso e a razão. Sabemos as qualidades da linguagem que caracterizam, entre nós, os homens verdadeiramente bons e superiores, essas qualidades são as mesmas para os Espíritos; devemos julgá-los por sua linguagem. Não poderíamos muito repetir o que caracteriza a dos Espíritos elevados: ela é constantemente digna, nobre, sem fanfarrice e contradição, pura de toda trivialidade, marcada por uma inalterável benevolência. Os bons Espíritos aconselham; eles não mandam; *eles não se impõem*; sobre o que ignoram, se calam. Os Espíritos levianos falam com a mesma segurança daquilo que sabem e daquilo que não sabem, respondem a tudo sem se importarem com a verdade. Nós os vimos, em um ditado supostamente sério, colocar, com uma imperturbável firmeza, César no tempo de Alexandre; outros afirmarem que não é a Terra que gira ao redor do Sol. Em resumo, toda expressão grosseira ou simplesmente inconveniente, toda marca de orgulho e de presunção, toda máxima contrária à sã moral, toda heresia científica notória, é, entre os Espíritos, como entre os homens, um sinal incontestável de má natureza, de ignorância ou pelo menos de leviandade. De onde se segue que é preciso pesar tudo o que dizem e fazê-los passar pelo crisol da lógica e do bom senso; é uma recomendação que nos fazem, sem cessar, os bons Espíritos. "Deus, nos dizem, não vos deu o julgamento para nada; servi-vos dele, pois, para saber com quem tendes relação." Os maus Espíritos temem o exame; eles dizem: "Aceitai nossas palavras e não as julgueis." Se tivessem a consciência de estar com a verdade, não temeriam a luz.

O hábito de escutar as menores palavras dos Espíritos, de pesar-lhes o valor, (do ponto de vista do pensamento, e não da forma gramatical, com a qual têm pouco cuidado,) distancia forçosamente os Espíritos mal intencionados, que não vêm, então, perder inutilmente seu tempo, uma vez que se rejeite tudo o que é mau ou de origem suspeita. Mas quando se aceita cegamente tudo o que dizem, que se coloca, por assim dizer, de joelhos diante de sua pretensa sabedoria, fazem o que fariam os homens - disso abusam.

Se o médium é senhor de si, se não se deixa dominar por um entusiasmo irrefletido, pode fazer o que aconselhamos; mas, freqüentemente, ocorre que o Espírito o subjuga a ponto de fasciná-lo e fazê-lo achar admiráveis as coisas mais ridículas, e se abandona tanto mais a essa perniciosa confiança que, fortificado em suas boas intenções e seus bons sentimentos, crê que isso basta para afastar os maus Espíritos; não, isso não basta, porque esses Espíritos ficam encantados em fazê-lo cair na armadilha, aproveitando-se de sua fraqueza e de sua credulidade. Que fazer então? Atribuir a um terceiro desinteressado que, julgando com

sangue frio e sem prevenção, poderá ver uma palha aí onde ele não via uma trave.

A ciência espírita exige uma grande experiência que não se adquire, como em todas as ciências filosóficas e outras, senão por um estudo longo, assíduo e perseverante, e por numerosas observações. Ela não compreende somente o estudo dos fenômenos propriamente ditos, mas também, e sobretudo, o dos costumes, se podemos nos exprimir assim, do mundo oculto, desde o mais baixo até o mais alto degrau da escala. Seria muita presunção crer-se suficientemente esclarecido e passar a senhor depois de algumas experiências. Uma tal pretensão não seria de um homem sério; porque quem lança um olhar escrutador sobre esses mistérios estranhos, vê desdobrar-se diante de si um horizonte tão vasto que anos são suficientes apenas para alcançá-lo; há os que pretendem fazê-lo em alguns dias!

De todas as disposições morais, a que dá mais presa aos Espíritos imperfeitos, é o orgulho. O orgulho é para os médiuns um escolho tanto mais perigoso quando não o reconhecem. É o orgulho que lhes dá essa crença cega na superioridade dos Espíritos que se ligam a ele, porque se lisonjeiam com certos nomes que lhes impõem; desde que um Espírito lhes disse: Eu sou um tal, eles se inclinam e tratam de não duvidarem disso, porque seu amor próprio sofreria por encontrar sob essa máscara um Espírito de baixo estágio ou de má qualidade. O Espírito, que vê o lado fraco, dele se aproveita; gaba seu pretense protegido, fala-lhe de origens ilustres que o incham mais, prometem-lhe um futuro brilhante, as honras, a fortuna, das quais ele parece ser o dispensador; se necessário afeta com ele uma ternura hipócrita; como resistir a tanta generosidade? Em uma palavra, engana-o e o conduz, como se diz vulgarmente, pela ponta do nariz; sua felicidade é ter um ser sob sua dependência. Interrogamos mais de um deles, sobre os motivos de sua obsessão; um deles nos respondeu isto: *Eu quero ter um homem que faça a minha vontade; é o meu prazer.* Quando lhes dissemos que íamos trabalhar para frustrar seus artifícios e abrir os olhos de seu oprimido, ele disse: *Lutarei contra vós, e não vencereis, porque farei tanto quanto não credes.* Com efeito, é uma tática desses Espíritos malfazejos; eles inspiram a desconfiança e o afastamento para as pessoas que possam desmascará-los e dar bons conselhos. Jamais semelhante coisa chega da parte dos bons Espíritos. Todo Espírito que sopra a discórdia, que excita a animosidade, entretém as dissidências, com isso revela sua natureza má; é preciso ser cego para não compreendê-lo e para crer que um bom Espírito possa compelir à desinteligência.

O orgulho, freqüentemente, se desenvolve no médium à medida que aumenta a sua faculdade; dá-lhe importância; é procurado, e acaba por se crer indispensável; daí, algumas vezes, nele, um tom de presunção e de pretensão, ou ares de suficiência e de desdém, incompatíveis com a influência de um bom Espírito. Aquele que cai nessa má direção está perdido, porque Deus lhe deu a faculdade para o bem, e não para satisfazer a sua vaidade ou dela fazer um degrau de sua ambição. Esquece que esse poder, no qual confia, pode lhe ser retirado e que, freqüentemente, não lhe foi dado senão como prova, do mesmo modo que a fortuna para certas pessoas. Se dela abusa, os bons Espíritos o abandonam pouco a pouco, e ele se torna o brinquedo dos Espíritos levianos que embalam suas ilusões, satisfeitos por terem vencido aquele que se acreditava forte. Foi assim que vimos se aniquilarem e se perderem as faculdades mais preciosas que, sem isso, poderiam tornar-se os mais poderosos e os mais úteis auxiliares. Isto se aplica a todo o gênero de médiuns, sejam para as comunicações físicas ou para as comunicações inteligentes. Infelizmente, o orgulho é um dos defeitos que a pessoa está menos disposta a confessar para si mesma e que menos se pode confessar aos outros, porque não o crêem. Ide, pois, dizer a um desses médiuns que ele se deixa levar como uma criança, e vos dará as costas dizendo que sabe se conduzir e que não vedes claro. Podeis dizer a um homem que ele é beberrão, debochado, preguiçoso, inábil, imbecil, e disso rirá ou consentirá; dissei-lhe que é orgulhoso, e se zangará: prova evidente de que dissestes a verdade. Os conselhos, nesse caso, são tanto mais difíceis quanto o médium evite as pessoas

que poderiam dar-lhos, foge de uma intimidade que teme. Os Espíritos, que sentem que os conselhos são golpes dados em seu poder, ao contrário, compelem-no para aquelas que o entretém em suas ilusões. Preparam-se muitas decepções, nas quais seu amor próprio, mais uma vez, terá que sofrer; feliz, ainda, se disso não resultar nada de mais grave para ele.

Se insistimos longamente sobre esse ponto, foi porque a experiência nos demonstrou, em muitas ocasiões, que aí está uma das grandes dificuldades para a pureza e a sinceridade das comunicações dos médiuns. É quase inútil, depois disso, falar de outras imperfeições morais, tais como o egoísmo, a inveja, o ciúme, a ambição, a cupidez, a dureza de coração, a ingratidão, a sensualidade, etc. Cada um compreende que elas são tantas portas abertas aos Espíritos imperfeitos, ou pelo menos causas de fraqueza. Para afastar estes últimos, não basta dizer-lhes que se vão; não basta mesmo o querer e ainda menos conjurá-los: é preciso lhes fechar a sua porta e os ouvidos, provar-lhes que se é mais forte do que eles, e, incontestável mente, pelo amor ao bem, a caridade, a doçura, a simplicidade, a modéstia e o desinteresse, qualidades que nos conciliam com a benevolência dos bons Espíritos; é seu apoio que faz a nossa força, e se eles nos deixam, algumas vezes, presa dos maus, é uma prova para a nossa fé e o nosso caráter.

Que os médiuns não se assustem muito, entretanto, com a severidade das condições que acabamos de falar; elas são lógicas, convir-se-á, mas se erraria rejeitando-as. As comunicações más que se podem ter, em verdade, são bem o índice de alguma fraqueza, mas nem sempre um sinal de indignidade; pode-se ser fraco e bom. Em todos os casos, é um meio de reconhecer suas próprias imperfeições. Nós o dissemos, em um outro artigo, que não há necessidade de ser médium para estar sob a influência de maus Espíritos, que agem nas sombras; com a faculdade mediúnica, o inimigo se mostra e se trai; sabe-se com quem se relaciona e pode-se combatê-lo; assim é que uma má comunicação pode tornar-se útil lição, sabendo-se aproveitá-la.

De resto, seria injusto colocar todas as más comunicações à conta do médium; falamos daquelas que obtêm por si mesmos, fora de toda outra influência, e não daquelas que se produzem em um meio qualquer, ora, todo o mundo sabe que os Espíritos, atraídos por esse meio, podem prejudicar as manifestações, seja pela diversidade de caracteres, seja pela falta de recolhimento. E uma regra geral que as melhores comunicações ocorrem na intimidade, e em um círculo reduzido e homogêneo. Em toda comunicação, várias influências estão em jogo; a do médium, a do meio, e a da pessoa que interroga. Essas influências podem reagir umas sobre as outras, se neutralizarem ou se corroborarem: isso depende do objetivo que se propõe, e do pensamento dominante. Vimos excelentes comunicações obtidas em círculos, e com médiuns que não reuniam todas as condições desejáveis; nesse caso, os bons Espíritos vieram por uma pessoa em particular, porque isso era útil; vimos comunicações más obtidas por bons médiuns, unicamente porque o interrogador não tinha intenções sérias e atraía os Espíritos levianos que zombavam dele. Tudo isso pede tato e observação, e concebe-se, facilmente, a preponderância que devem ter todas as condições reunidas.

Os agêneres

Revista Espírita, fevereiro de 1859

Repetimos muitas vezes a teoria das aparições, e a lembramos em nosso último número a propósito de fenômenos estranhos que relatamos. A eles remetemos nossos leitores, para a inteligência do que se vai seguir.

Todo mundo sabe que, no número das manifestações extraordinárias produzidas pelo senhor Home, estava a aparição de mãos, perfeitamente tangíveis, que cada um podia ver e apalpar, que pressionava e estreitava, depois que, de repente, não ofereciam senão o vazio quando as queriam agarrar de surpresa. Aí está um fato positivo, que se produziu em muitas circunstâncias, e que atestam numerosas testemunhas oculares. Por estranho e anormal que pareça, o maravilhoso cessa desde o instante em que se pode dele dar conta por uma explicação lógica; entra, então, na categoria dos fenômenos naturais, embora de ordem bem diferente daqueles que se produzem sob nossos olhos, e com os quais é preciso guardar-se para não confundi-los. Podem-se encontrar, nos fenômenos usuais, pontos de comparação, como aquele cego que se dava conta do clarão da luz e das cores pelo toque da trombeta, mas não de similitudes; é precisamente a mania de querer tudo assimilar àquilo que conhecemos, que causa decepções a certas pessoas; pensam poder operar sobre esses elementos novos como sobre o hidrogênio e o oxigênio. Ora, aí está o erro; esses fenômenos estão submetidos a condições que saem do círculo habitual de nossas observações; é preciso, antes de tudo, conhecê-las e com elas conformar-se, se se quiser obter resultados. É preciso, sobretudo, não perder de vista esse princípio essencial, verdadeira pedra principal da ciência espírita; é que o agente dos fenômenos vulgares é uma força física, material, que pode ser submetida às leis do cálculo, ao passo que nos fenômenos espíritas, esse agente é *constantemente uma inteligência que tem sua vontade própria, e que não podemos submeter aos nossos caprichos.*

Nessas mãos haviam a carne, pele, ossos, unhas reais? Evidentemente, não, não eram senão uma aparência, mas tal que produzia o efeito de realidade. Se um Espírito tem o poder de tornar uma parte qualquer de seu corpo etéreo visível e palpável, não há razão que não possa ser do mesmo modo com os outros órgãos. Suponhamos, pois, que um Espírito estenda essa aparência a todas as partes do corpo, creríamos ver um ser semelhante a nós, agindo como nós, ao passo que isso não seria senão um vapor momentaneamente solidificado. Tal é o caso do fantasma de Bayonne. A duração dessa aparência está submetida a condições que nos são desconhecidas; ela depende, sem dúvida, da vontade do Espírito, que pode produzi-la ou fazê-la cessar à sua vontade, mas em certos limites que não está sempre livre para transpor. Os Espíritos, interrogados quanto a esse assunto, assim também sobre todas as intermitências de quaisquer manifestações, sempre disseram que agem em virtude de uma permissão superior.

Se a duração da aparência corporal é limitada para certos Espíritos, podemos dizer que, em princípio, ela é variável, e pode persistir por um maior ou menor tempo; que pode produzir-se em todos os tempos e a toda hora. Um Espírito, cujo corpo todo fosse assim visível e palpável, teria para nós todas as aparências de um ser humano, e poderia falar conosco, sentar-se em nosso lar como uma pessoa qualquer, porque, para nós, seria um dos nossos semelhantes.

Partimos de um fato patente, a aparição de mãos tangíveis, para chegarmos a uma suposição que lhe é a consequência lógica; e, todavia, não a teríamos insinuado se a história da criança de Bayonne não tivesse sido colocada em nosso caminho, mostrando sua possibilidade. Um Espírito superior, perguntado sobre esse ponto, respondeu que, com efeito, podem-se encontrar seres dessa natureza sem disso duvidar; acrescentou que é raro, mas que isso se vê. Como para se entender é preciso um nome para cada coisa, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas chama-os *agêneres* para indicar que sua origem não é o produto de uma geração. O fato seguinte, que se passou recentemente em Paris, parece pertencer a essa categoria:

Uma pobre mulher estava na igreja de Saint-Roch, e pedia a Deus vir em ajuda de sua aflição. Em sua saída da igreja, na rua Saint-Honoré, ela encontrou um senhor que a abordou dizendo-lhe: "Minha brava mulher, estaríeis contente por encontrar trabalho? - Ah! meu bom senhor, disse ela, pedia a Deus que me fosse achá-lo, porque sou bem infeliz. - Pois bem! Ide em tal rua, em tal número; chamareis a senhora T...; ela vo-lo dará." Ali continuou seu caminho. A pobre mulher se encontrou, sem tardar, no endereço indicado - Tenho, com efeito trabalho a fazer, disse a dama em questão, mas como ainda não chamei ninguém, como ocorre que vindes me procurar? A pobre mulher, percebendo um retrato pendurado na parede, disse: - Senhora, foi esse senhor ali, que me enviou. - Esse senhor! Repetiu a dama espantada, mas isso não é possível; é o retrato de meu filho, que morreu há três anos. - Não sei como isso ocorre, mas vos asseguro que foi esse senhor, que acabo de encontrar saindo da igreja onde fui pedir a Deus para me assistir; ele me abordou, e foi muito bem ele quem me enviou aqui.

No que acabamos de ver, não haveria nada de surpreendente em que esse Espírito, do filho dessa dama, para prestar serviço a essa pobre mulher, da qual havia, sem dúvida, ouvido a prece, apareceu-lhe sob sua forma corporal para lhe indicar o endereço de sua mãe. Em que se tornou depois? Sem dúvida, no que era antes: num Espírito, a menos que não tenha julgado oportuno se mostrar as outras sob a mesma aparência, continuando seu passeio. Essa mulher, assim, teria encontrado um *agêner*, com o qual conversou. Mas, então, dir-se-á, por que não se apresentou à sua mãe? Nessas circunstâncias, os motivos determinantes dos Espíritos nos são completamente desconhecidos; eles agem como melhor lhes parece, ou melhor, como disseram, em virtude de uma permissão sem a qual eles não podem revelar sua existência de maneira material. Compreende-se, de resto, que sua visão poderia causar uma emoção perigosa à sua mãe; e quem sabe se não se apresentou a ela, seja durante o sono, seja de outro modo? E, aliás, esse não era o meio de revelar-lhe sua existência? É mais que provável que foi testemunha invisível da entrevista.

O Fantasma de Bayonne parece-nos dever ser considerado como um *agêner*, pelo menos nas circunstâncias em que se manifestou; porque para a família sempre teve o caráter de um Espírito, caráter que ele jamais procurou dissimular: era seu estado permanente, e as aparências corporais que tomou não foram senão acidentais; ao passo que o *agêner*, propriamente dito, não revela sua natureza, e não é, aos nossos olhos, senão um homem comum; sua aparição corporal pode, se for preciso, ter longa duração para poder estabelecer relações sociais com um ou com vários indivíduos.

Pedimos ao Espírito de São Luís consentir em nos esclarecer diferentes pontos, respondendo às nossas perguntas.

1. O Espírito do Fantasma de Bayonne poderia se mostrar corporalmente em outros lugares e a outras pessoas senão em sua família? - R. Sim, sem dúvida.

2. Isso depende de sua vontade? - R. Não precisamente; o poder dos Espíritos é limitado; não fazem senão o que lhes é permitido fazerem.
3. Que ocorreria se fosse apresentado a uma pessoa desconhecida? - R. Seria tomado por uma criança comum. Mas vos direi uma coisa, é que existe, algumas vezes, na Terra, Espíritos que revestem essa aparência, e que são tomados por homens.
4. Esses seres pertencem aos Espíritos inferiores ou superiores? - R. Podem pertencer aos dois; esses são fatos raros. Deles tendes exemplos na Bíblia.
5. Raros ou não, basta que sejam possíveis para merecerem a atenção. Que ocorreria, tomando semelhante ser por um homem comum, se lhe fizesse um ferimento mortal? Seria morto? - R. Desapareceria subitamente, como o jovem de Londres. (Ver o número de dezembro de 1858, Fenômeno de bi-corporeidade.)
6. Têm eles paixões? - R. Sim, como Espíritos, têm as paixões de Espíritos segundo a sua inferioridade. Se tomam um corpo aparente, algumas vezes, é para gozarem as paixões humanas; se são elevados, é para um fim útil.
7. Podem eles procriar? - R. Deus não lhes permitiria; seria contrário às leis que estabeleceu para a Terra; elas não podem ser elididas.
8. Se um semelhante ser a nós se apresentasse, haveria um meio para reconhecê-lo? - R. Não, apenas pela sua desaparecimento, que se faz de modo inesperado. É o mesmo fato do transporte de móveis de um térreo ao sótão, fato que já lestes.

Nota. Alusão a um fato dessa natureza reportado no começo da sessão.

9. Qual é a finalidade que pode levar certos Espíritos a tomarem esse estado corporal; é antes para o mal que para o bem? - R. Frequentemente para o mal; os bons Espíritos dispõem da inspiração; agem sobre a alma e pelo coração. Vós o sabeis, as manifestações físicas são produzidas por Espíritos inferiores, e estas são desse número. Entretanto, como já disse, os bons Espíritos também podem tomar essa aparência corpórea com um fim útil; falei de modo geral.
10. Nesse estado, podem tomar-se visíveis ou invisíveis à vontade? - R. Sim, uma vez que poderão desaparecer quando o quiserem.
11. Têm um poder oculto, superior ao dos outros homens? - R. Não têm senão o poder que lhes dá sua posição como Espíritos.
12. Têm eles uma necessidade real de se alimentarem? - R. Não; o corpo não é um corpo real.
13. Entretanto, o jovem de Londres não tinha um corpo real, e todavia almoçou com os amigos, e lhes apertou a mão. Em que se tornou a alimentação ingerida? - R. Antes de apertar a mão, onde estavam os dedos que pressionam? Por que não quereis compreender que a matéria desaparece também? O corpo do jovem de Londres não era uma realidade, uma vez que estava em Boulogne; era, pois, uma aparência; ocorria o mesmo com o alimento que parecia ingerir.

14. Tendo-se um semelhante ser em casa, seria um bem ou um mal? - R. Seria antes um mal; de resto, não se podem adquirir muitos conhecimentos com esses seres. Não podemos dizer-vos muito, esses fatos são excessivamente raros e não têm, jamais, um caráter de permanência. Suas desapareções corpóreas instantâneas, como as de Bayonne, o são muito menos.

15. Um Espírito familiar protetor, algumas vezes, toma essa forma? - R. Não; não tem ele as cordas interiores? Toca-as mais facilmente do que o faria sob forma visível, ou se o tomássemos como um dos nossos semelhantes.

16. Perguntou-se se o conde de Saint-Germain não pertencia à categoria dos agêneres. - R. Não; era um hábil mistificador.

A história do jovem de Londres, narrada em nosso número de dezembro, é um fato de bicorporeidade, ou melhor, de dupla presença, que difere essencialmente daquele em questão. O agêneres não tem corpo vivo na Terra; somente seu perispírito toma forma palpável. O jovem de Londres estava perfeitamente vivo; enquanto seu corpo dormia em Boulogne, seu espírito, envolvido pelo perispírito, foi a Londres, onde tomou uma aparência tangível.

Um fato quase análogo nos é pessoal. Enquanto estávamos pacificamente em nossa cama, um dos nossos amigos viu-nos várias vezes em sua casa, embora sob uma aparência não tangível, sentado ao seu lado e conversando com ele como de hábito. Uma vez nos viu com roupão, outras vezes com paletó. Transcreveu nossa conversa, que nos comunicou no dia seguinte. Ela era, pensando bem, relativa aos nossos trabalhos prediletos. Para fazer uma experiência, ofereceu-nos refrescos, e eis nossa resposta: "Deles não necessito, uma vez que não é meu corpo que aqui está; vós o sabeis, não há nenhuma necessidade de vos produzir uma ilusão." Uma circunstância, bastante bizarra, se apresentou na ocasião. Seja predisposição natural, seja resultado de nossos trabalhos intelectuais, sérios desde nossa juventude, poderíamos dizê-lo desde a infância, o fundo do nosso caráter sempre teve uma extrema gravidade, mesmo na idade em que não se pensa mais do que no prazer. Essa preocupação constante nos dá um encontro muito frio, excessivamente frio mesmo; ao menos é pelo que somos freqüentemente censurados; mas, sob essa falsa aparência glacial, o Espírito sente, talvez mais vivamente, como se tivesse mais expansão exterior. Ora, em nossas visitas noturnas ao nosso amigo, este ficou surpreso por nos achar diferente; éramos mais aberto, mais comunicativo, quase alegre. Tudo respirando, em nós, a satisfação e a calma do bem-estar. Não está aí um efeito do Espírito desligado da matéria?

Meu amigo Hermann

Revista Espírita, fevereiro de 1859

Sob esse título, M. H. Lugner publicou, no folhetim do *Journal de Debates* de 26 de novembro de 1858, uma espiritual história fantástica, no gênero de Hoffmann, e que, à primeira vista, parecia ter alguma analogia com os nossos agêneres, e os fenômenos de tangibilidade dos quais falamos. A extensão dessa história não nos permite reproduzi-la por inteiro; limitar-nos-emos a dela fazer uma análise, fazendo notar que o autor a conta como um fato do qual teria sido, pessoalmente, testemunha, tendo, diz ele, laços de amizade com o herói da aventura. Esse herói, de nome Hermann, morava em pequena cidade no fundo da Alemanha. "Era, diz o narrador, um belo moço de 25 anos, de aparência avantajada, cheio de nobreza em todos os seus movimentos, gracioso e espiritual em sua linguagem. Era muito instruído, sem o menor pedantismo, muito fino, sem malícia, muito senhor de sua dignidade sem a menor arrogância. Breve, era perfeito em tudo, e mais perfeito, ainda, em três coisas quanto em todo o resto: seu amor pela filosofia, sua vocação particular pela valsa, e a doçura de seu caráter. Essa doçura não era fraqueza, nem medo de outrem, nem desconfiança exagerada de si mesmo: era uma inclinação natural, uma superabundância desse *milk of human kindness* que se encontra, comumente, na ficção dos poetas, e do qual a Natureza havia distribuído a Hermann uma dose inabitual. Continha e sustentava, ao mesmo tempo, seus inimigos com uma bondade todo-poderosa e superior aos ultrajes; podia-se feri-lo, mas não encolerizá-lo. Tendo seu cabeleireiro, um dia, queimado-lhe a ponta da orelha encrespando-o, Hermann se apressou em pedir-lhe desculpas, tomando a falta sobre si, assegurando mesmo que havia se movimentado mal oportunamente. Entretanto, não fora nada disso, e posso dizê-lo conscientemente, porque estava lá e vi, claramente, que tudo resultou da imperícia do cabeleireiro. Deu ele muitos outros sinais da imperturbável bondade de sua alma. Escutava ler maus versos com um ar angélico, respondia às mais tolas sátiras por complementos bem feitos, e os piores espíritos usaram contra ele suas maldades. Essa doçura desconhecida tornara-o célebre; não havia mulher que não desse sua vida para vigiar, sem descanso, o caráter de Hermann, e para procurar fazê-lo perder a paciência, ao menos uma vez em sua vida."

"Acrescentai a todos esses méritos a vantagem de inteira independência e uma fortuna suficiente para ser considerado entre os mais ricos cidadãos da cidade, e tereis dificuldade em imaginar que possa faltar alguma coisa ao feliz Hermann. Entretanto, ele não era feliz e, freqüentemente, dava sinais de tristeza..... Isso devia-se a uma enfermidade singular que o afligira toda a sua vida, e que há muito atiçava a curiosidade da pequena cidade."

"Hermann não podia ficar desperto um instante depois do pôr-do-sol. Quando o dia se aproximava de seu fim, era tomado de um langor insuportável, e caía progressivamente em uma sonolência que ninguém podia prever, e da qual não se podia tirá-lo. Se deitava-se com o sol, levantava-se com o dia, e seus hábitos matinais teriam feito dele um excelente caçador se pudesse superar seu horror pelo sangue e suportar a idéia de dar morte cruel a criaturas inocentes." Eis como, em algumas palavras, num momento de expansão, dá conta de sua situação ao seu amigo do *Journal des Debats*:

"Sabeis, meu caro amigo, à qual enfermidade me sujeito e que sono invencível me oprime regularmente desde o deitar até que o Sol se levante. Sobre isso estais tão instruído quanto todo mundo, e, como todo mundo, ouvistes dizer que esse sonho se parece, a ponto de se

enganar, com a morte. Nada é mais verdadeiro, e esse prodígio pouco me importaria, juravos, se a Natureza tivesse se contentado em tomar meu corpo para o objeto de uma de suas fantasias. Mas minha alma é também seu juguete, e não posso vos dizer, sem horror, a sorte bizarra e cruel que lhe foi infligida. Cada uma de minhas noites é preenchida por um sonho, e esse sonho se liga, com a maior clareza, ao sonho da noite precedente. Esses sonhos (queira Deus que esses sejam sonhos!) se seguem e se encadeiam como acontecimentos de uma existência comum que se desenvolveria à face do sol e na companhia de outros homens. Vivo, pois, duas vezes e conduzo duas existências bem diferentes: uma se passa aqui, convosco e com os nossos amigos, a outra bem longe daqui, com homens que conheço tão bem quanto vós, a quem falo como vos falo, e que me tratam de louco, como ireis fazê-lo, quando faço alusão a uma outra existência além daquela que passo com eles. Todavia, não estou aqui vivo e falando, sentado perto de vós, penso que bem desperto; e aquele que pretendesse que nós voltamos ou que somos sombras, não passaria, a justo título, por um insensato? Pois bem! Meu caro amigo, cada um dos momentos, cada um dos atos que preenchem as horas do meu inevitável sono, não têm menos de realidade, e quando estou inteiramente nessa outra existência, é a esta que fico tentado a pedir-lhe um sonho."

"Todavia, não sonho mais aqui que naquele mundo; vejo, alternativamente, os dois lados, e não poderia duvidar, se bem que minha razão, quanto a isso, esteja estranhamente ofendida, que minha alma não anime sucessivamente dois corpos e não conduza de frente duas existências. Ai! meu caro amigo, queira Deus que ela tenha, nesses dois corpos, os mesmos instintos e a mesma conduta, e que eu seja, no outro mundo, o homem que conheceis e que amais aqui. Mas isso não é nada, e não se ousaria quase nada contestar quanto à influência do físico sobre o moral conhecendo-se minha história. Não quero me vangloriar, e, aliás, o orgulho que uma dessas duas existências poderia me inspirar seria bem rebatido pela vergonha que é inseparável da outra; entretanto, posso dizer, sem vaidade, que aqui sou justamente amado e respeitado por todo o mundo; louva-se minha personalidade e minhas maneiras; acha-se meu ar nobre, liberal e distinto. Amo, como sabeis, as letras, a filosofia, as artes, a liberdade, tudo o que faz o encanto e a dignidade da vida humana; sou socorro dos infelizes e sem inveja contra meu próximo. Conheceis minha doçura passada em provérbio, meu espírito de justiça e de misericórdia, meu insuperável horror pela violência. Todas essas qualidades que me elevam e que me ornaram aqui, eu as expio, no outro mundo, por vícios contrários; a Natureza, que me cumulou aqui com suas bênçãos, quis no outro mundo maldizer-me. Não só ela me lançou numa situação inferior onde devo ficar, sem letras e sem cultura, mas deu, a esse outro corpo, que é também o meu, órgãos tão grosseiros e tão perversos, sentidos tão cegos e tão fortes, tais inclinações e tais necessidades, que minha alma obedece ao invés de comandar, e se deixa arrastar atrás desse corpo despótico nas mais vis desordens. Naquele mundo, sou duro e frouxo, perseguidor dos fracos e rastejador diante dos fortes, impiedoso e invejoso, naturalmente injusto, violento quase ao delírio. Todavia, sou eu mesmo e acho bonito me odiar e me desprezar, não posso me desconhecer."

"Hermann se deteve um instante; sua voz estava tremente e seus olhos molhados de lágrimas. Disse-lhe, tentando sorrir: Quero acariciar vossa loucura, Hermann, para melhor curá-la. Dizei-me tudo, e primeiro onde se passa essa outra existência e sob qual nome sois conhecido?"

"Chamo-me William Parker, respondeu ele; sou cidadão de Melbourne, na Austrália. É para ali, nos opostos, que minha alma voa quando vos deixa. Quando o Sol se deita aqui, ela deixa Hermann inanimado atrás dela, e o Sol se eleva no outro mundo quando ela vai dar vida ao corpo inanimado de Parker. Então começa minha miserável existência de vagabundagem, de fraudes, de rixas e de mendicância. Freqüento má sociedade e aí sou contado entre os piores; sem cessar, estou em luta com os meus companheiros, e, freqüentemente, tenho a mão na faca; estou sempre em guerra com a polícia e, freqüentemente, reduzido a me

esconder. Mas tudo tem um fim nesse mundo, e esse suplício toca seu fim. Felizmente, cometi um crime. Matei covarde e brutalmente uma pobre criatura que estava ligada a mim. Assim, levei ao seu auge a indignação pública, já excitada pelas minhas más ações. O júri me condenou à morte e espero minha execução. Algumas pessoas, humanas e religiosas, intercederam junto ao governador para obterem minha graça ou pelo menos um adiamento, que me daria o tempo de me converter. Mas conhece-se muito bem minha natureza grosseira e intratável. Recusou-se e, amanhã, ou, se preferis, esta noite, serei infalivelmente conduzido ao suplício."

"Pois bem! disse-lhe rindo, tanto melhor para vós e para nós; é um bom alívio a morte desse velhaco. Uma vez Parker lançado na eternidade, Hermann viverá tranqüilo; poderá velar como todo o mundo e permanecer dia e noite conosco. Aquela morte vos curará, meu caro amigo, e sou grato ao governador de Melbourne por ter recusado a graça a esse miserável."

"Enganai-vos, respondeu-me Hermann com uma gravidade que me causou pena; morreremos os dois juntos, porque não somos senão um, apesar de nossas diversidades e nossa antipatia natural, não temos senão uma alma que será atingida de um só golpe, e em todas as coisas respondemos um pelo outro. Credes, pois, que Parker viveria ainda se Hermann tivesse sentido que, tanto na morte como na vida, eram inseparáveis? Hesitaria um instante se pudesse arrancar e lançar ao fogo essa outra existência, como o olho maldito de que falam as Escrituras? Mas eu era tão feliz por viver aqui que não podia resolver-me a morrer no outro mundo, e minha indecisão durou até que a sorte decidiu por mim essa questão terrível. Hoje tudo está dito e, crede bem, vos dou adeus."

"No dia seguinte, encontrou-se Hermann morto em sua cama, e, alguns meses depois, os jornais da Austrália trouxeram a notícia da execução de William Parker, com todas as circunstâncias descritas por seu sócia."

Toda essa história está contada com um imperturbável sangue frio e o tom mais sério; nada lhe falta, nos detalhes que omitimos, para dar-lhe um cunho de verdade. Em presença de fenômenos estranhos, dos quais somos testemunhas, um fato dessa natureza poderia parecer, se não real, pelo menos possível, e se relacionar, até um certo ponto, com aqueles que citamos. Com efeito, não seria análoga à do jovem que dormia em Boulogne ao passo que, no mesmo instante, conversava em Londres com seus amigos? A de Santo Antônio de Pádua, que no mesmo dia pregava na Espanha e se mostrava em Pádua para salvar a vida de seu pai, acusado de morte? À primeira vista pode-se dizer que, se esses últimos fatos são exatos, não é mais impossível que esse Hermann viveu na Austrália enquanto dormia na Alemanha e reciprocamente. Embora nossa opinião estivesse perfeitamente estabelecida a esse respeito, cremos dever referi-la aos nossos instrutores de além-túmulo, em uma das sessões da Sociedade. A esta pergunta: *Os fatos narrados pelo Journal dès Debats é real?* Foi respondido: Não; é uma história de pura invenção, para divertir os leitores. - *Se não é real, é possível?* - R. Não; uma alma não pode animar dois corpos diferentes.

Com efeito, na história de Boulogne, se bem que o jovem haja se mostrado em dois lugares diferentes, não havia, realmente, senão um corpo, em carne e osso, que estava em Boulogne; em Londres, não havia senão uma aparência do perispírito, tangível, é verdade, mas que não era o próprio corpo, o corpo mortal; não poderia morrer em Londres e em Boulogne. Hermann, ao contrário, segundo a história, tinha realmente dois corpos, uma vez que um foi enforcado em Melbourne e o outro enterrado na Alemanha. A mesma alma teria, assim, conduzido de frente duas existências, o que, segundo os Espíritos, não é possível. Os fenômenos do gênero do de Boulogne e de Santo Antônio de Pádua, se bem que bastante freqüentes, são, aliás, sempre acidentais e fortuitos num indivíduo, e não têm, jamais, um

caráter de permanência, ao passo que o pretense Hermann era assim desde a sua infância. Mas a razão, a mais grave de todas, é a da diferença de caracteres; seguramente, se esses dois indivíduos não tiveram senão uma e a mesma alma, ela não poderia ser, alternativamente, a de um homem de bem e a de um bandido. O autor se funda, é verdade, sobre a influência do organismo; mas o lamentamos se tal é sua filosofia, e mais ainda se procura acreditá-la, porque isso seria negar a responsabilidade dos atos; uma semelhante doutrina seria a negação de toda moral, uma vez que reduziria o homem ao estado de máquina.

Os Espíritos barulhentos - Meios para se livrar deles

Revista Espírita, fevereiro de 1859

Escrevem-nos de Gramat (Lot):

"Em uma casa do lugarejo de Coujet, comuna de Bastat (Lot), ruídos extraordinários se fazem ouvir desde uns dois meses. Eram primeiro golpes secos, e muito semelhantes ao choque de uma clava sobre as tábuas, que se ouviam de todos os lados: sob os pés, sobre a cabeça, nas portas, através dos móveis; depois logo os passos de um homem que caminhava de pés nus, o tamborilar de dedos sobre as vidraças. Os habitantes da casa se amedrontaram e mandaram dizer missas; a população inquieta dirigiu-se para o lugarejo e ouviu; a polícia interveio, fez várias investigações, e o ruído aumentou. Logo, foram portas abertas, objetos transtornados, cadeiras projetadas pela escada, móveis transportados do térreo para o sótão. Tudo o que vos conto, atestado por um grande número de pessoas, passa-se em pleno dia. A casa não é um antigo casebre sombrio e negro, do qual só o aspecto faz cogitar fantasmas; é uma casa recentemente construída, que é agradável; os proprietários são pessoas boas, incapazes de quererem enganar alguém, e doentes de medo. Entretanto, muitas pessoas não pensam que nada há de sobrenatural, e tratam de explicar, seja pela física, seja por más intenções que emprestam aos habitantes da casa, tudo que ali se passa de extraordinário. Por mim, que vi e creio, resolvi dirigir-me a vós para saber quais são os Espíritos que fazem esse barulho, e conhecer o meio, se houver um, de fazê-los calarem-se. É um serviço que prestais a essas boas pessoas, etc...." Os fatos dessa natureza não são raros; eles se assemelham quase todos e não diferem, em geral, senão pela sua intensidade e sua maior ou menor tenacidade. Pouco se inquieta com eles quando se limitam a alguns ruídos sem conseqüência, mas se tomam uma verdadeira calamidade quando adquirem certas proporções. Nosso honorável correspondente nos pergunta quais são os Espíritos que fazem esse barulho. A resposta não é incerta: sabe-se que Espíritos de uma ordem muito inferior são os únicos deles capazes.

Os Espíritos superiores, tanto quanto entre os homens graves e sérios, não se divertem fazendo algazarra. Freqüentemente, os chamamos para perguntarmos o motivo que os levam a perturbarem assim o repouso. A maioria não tem outro objetivo senão o de se divertir; esses são Espíritos antes levianos que maus, que se riem do pavor que ocasionam, e das buscas inúteis que se fazem para descobrir a causa do tumulto. Freqüentemente, se aferram junto a um indivíduo, que se alegram em vexar, e que perseguem de morada em morada; outras vezes se ligam a um local sem outro motivo que seu capricho. Algumas vezes, é uma vingança que exercem, como teremos ocasião de ver. Em certos casos, sua intenção é mais louvável; querem chamar a atenção e se porem em comunicação, seja para darem uma advertência útil à pessoa à qual se dirigem, seja para pedirem alguma coisa para eles mesmos. Vimo-los, freqüentemente, pedirem preces, outras vezes solicitarem o cumprimento, em seu nome, de um voto que não puderam cumprir, outras vezes, enfim, querer, no interesse de seu próprio repouso, repararem uma ação má cometida por eles quando viviam. Em geral, comete-se o erro de com eles se amedrontar; sua presença pode ser importuna, mas não perigosa. Concebe-se, de resto, o desejo que se tem de livrar-se deles e se faz, geralmente, para isso, tudo ao contrário do que seria preciso. Se são Espíritos que se divertem, quanto mais se toma a coisa a sério, mais persistem, como crianças

traquinas que aborrecem mais aqueles que vêm se impacientarem, e que metem medo aos covardes. Se se tomasse o sábio partido de rir por si mesmo, de seus maus rodeios, acabariam por se cansarem e por ficarem tranquilos. Conhecemos alguém que, longe de se irritar, os excitava, desafiava-os para fazerem tal ou tal coisa, tão bem que, ao cabo de alguns dias, não retomavam mais. Mas, como dissemos, existem alguns cujo motivo é o mais frívolo. Por isso, é sempre útil saber o que querem. Se pedem alguma coisa, pode-se estar certo que cessarão suas visitas, desde que seu desejo seja satisfeito. O melhor meio de estar informado a esse respeito é o de evocar o Espírito, por intermédio de um bom médium escrevente; pelas suas respostas, ver-se-á o que disputam, e se agirá em consequência; se for um Espírito infeliz, a caridade manda tratá-lo com as considerações que merece. Se for um mau brincalhão, pode-se agir para com ele sem cerimônia; se for malevolente, é preciso pedir a Deus para torná-lo melhor. Em todo estado de defesa, a prece não pode sempre ter senão um bom resultado. Mas a gravidade das fórmulas de exorcismo fá-los rirem e não as têm em nenhuma conta. Podendo-se entrar em comunicação com eles, é preciso desconfiar das qualificações burlescas ou apavorantes que se dão, algumas vezes, para se divertirem com a credulidade.

A dificuldade, em muitos casos, é ter um médium à disposição. É preciso, então, procurar tornar-se a si mesmo, ou interrogar diretamente o Espírito, conformando-se com os preceitos que demos, a esse respeito, em nossa *Instrução prática sobre as manifestações*.

Esses fenômenos, embora executados por Espíritos inferiores, freqüentemente, são provocados por Espíritos de uma ordem mais elevada, com a finalidade de convencer quanto à existência de seres incorpóreos e de um poder superior ao homem. A ressonância que deles resulta, o medo mesmo que eles causam, chamam a atenção, e acabarão por abrir os olhos dos mais incrédulos. Estes acham mais simples colocar esses fenômenos à conta da imaginação, explicação muito cômoda e que dispensa dar-lhes outras; todavia, quando objetos são postos em desordem ou vos são lançados à cabeça, seria preciso uma imaginação bem complacente para se figurar que semelhantes coisas são quando não o são. Nota-se um efeito qualquer, esse efeito tem necessariamente uma causa; se uma *fria e calma* observação nos demonstra que esse efeito é independente de toda vontade humana e de toda causa material, se, além disso, nos dá sinais *evidentes* de inteligência e de livre vontade, *o que é o sinal mais característico*, somos forçados a atribuí-lo a uma inteligência oculta. Quais são esses seres misteriosos? É o que os estudos espíritas nos ensinam, do modo o menos contestável, pelos meios que nos dá para se comunicar com eles. Esses fenômenos nos ensinam, além do mais, a separar o que há de real, de falso ou exagerado nos fenômenos dos quais não nos damos conta. Se um efeito insólito se produziu: ruído, movimento, mesmo aparição, o primeiro pensamento que se deve ter é que foi devido a uma causa toda natural, porque é a mais provável; é preciso, então, procurar essa causa com o maior cuidado, e não admitir a intervenção dos Espíritos senão conscientemente; é o meio de não se iludir.

A infância

DISSERTAÇÃO DE ALÉM-TÚMULO

Revista Espírita, fevereiro de 1859

Comunicação espontânea do senhor Nélo, médium, lida na Sociedade em 14 de janeiro de 1859.

Não conheceis o segredo que as crianças escondem em sua inocência; não sabeis o que são, o que foram, nem o que serão; todavia, as amais, as quereis bem como se fossem uma parte de vós mesmos, de tal modo que o amor de mãe por seus filhos é reputado o maior que um ser possa ter por um outro ser. De onde provém essa doce afeição, essa terna benevolência que os próprios estranhos sentem para com uma criança? Sabei-o? Não; é isso que vou explicar-vos.

As crianças são os seres que Deus envia em novas existências; e para que não possam lançar-lhes em rosto uma severidade muito grande, deu-lhes todas as aparências da inocência; mesmo numa criança de uma maldade natural, são cobertos seus defeitos com a não-consciência de seus atos. Essa inocência não é uma superioridade real sobre o que eram antes; é a imagem do que deveriam ser, e se não o são, é unicamente sobre elas que disso recai a pena.

Mas não foi somente por elas que Deus lhes deu esse aspecto, foi também, e sobretudo, pelos seus pais, cujo amor é necessário à sua fraqueza, e esse amor seria singularmente enfraquecido pela visão de um caráter colérico e rude, ao passo que crendo seus filhos bons e dóceis, dão-lhes toda a sua afeição, e os cercam com os mais delicados cuidados. Mas quando as crianças não têm mais necessidade dessa proteção, dessa assistência que lhes foi dada durante quinze a vinte anos, seu caráter real e individual reaparece em toda a sua nudez: permanece bom se era fundamentalmente bom, mas se irisa sempre de nuances que estavam escondidas pela primeira infância.

Vedes que os caminhos de Deus são sempre os melhores, e que, quando se tem o coração puro, é fácil conceber sua explicação.

Com efeito, pensai bem que o Espírito, das crianças que nascem entre vós, pode vir de um mundo onde tomou hábitos muito diferentes; como quereríeis que fosse ao vosso meio, esse novo ser, que vem com paixões diferentes daquelas que possuis, com inclinações, gostos inteiramente opostos aos vossos; como quereríeis que se incorporasse em vossas fileiras de outro modo do que Deus quis, quer dizer, pela peneira da infância? Ali se confundem todos os pensamentos, todos os caracteres, todas as variedades de seres engendrados por essa multidão de mundos nos quais crescem as criaturas. Vós mesmos, em morrendo, vos encontrareis em uma espécie de infância, no meio de novos irmãos; e na vossa nova existência não terrestre, ignorais os hábitos, os costumes, as relações desse mundo, novo para vós; manejareis com dificuldade uma língua que não estais habituado a falar, língua mais viva do que não é hoje vosso pensamento.

A infância tem, ainda, uma outra utilidade; os Espíritos não entram na vida corpórea senão

para se aperfeiçoarem, se melhorarem; a fraqueza da juventude toma-os flexíveis, acessíveis aos conselhos da experiência, e daqueles que devem fazê-los progredir; é, então, que se pode reformar seu caráter e reprimir seus maus pendores; tal é o dever que Deus confiou aos seus pais, missão sagrada pela qual terão que responder.

É assim que a infância é, não somente útil, necessária, indispensável, mas, ainda, a consequência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo.

Nota. Chamamos a atenção dos nossos leitores sobre essa notável dissertação, cuja alta importância filosófica será facilmente compreendida. Que de mais belo, de mais grandioso, que essa solidariedade que existe entre todos os mundos! Que de mais próprio para nos dar uma idéia da bondade e da majestade de Deus! A Humanidade cresce com tais pensamentos, ao passo que nós a explicamos reduzindo-a às mesquinhas proporções de nossa vida efêmera e de nosso mundo, imperceptível entre os mundos.

Carta do doutor Morhéry

Revista Espírita, fevereiro de 1859

Loudéac, 20 de dezembro de 1858.

Senhor Allan Kardec,

Eu me felicito por colocar-me em relação convosco, para o gênero de estudo que nos entregamos mutuamente. Há mais de vinte anos que me ocupo com uma obra que devia intitular-se: *Estudo sobre os germes*. Essa obra devia ser especialmente fisiológica; entretanto, minha intenção era demonstrar a insuficiência do sistema de Bichat, que não admite senão a vida orgânica e a vida de relação. Queria provar que existe um terceiro modo de existência, que sobrevive aos dois outros em estado inorgânico. Esse terceiro modo, não é outra coisa que a vida anímica, ou *espírita*, como a chamais. Em uma palavra, é o germe primitivo que engendra os dois outros modos de existência, orgânica e de relação. Queria demonstrar, também, que os germes são de natureza fluídica, que são bidinâmicos, atrativos, indestrutíveis, autógenos e em número definido, sobre o nosso planeta como em todos os meios circunscritos. Quando apareceu *Céu e Terra*, de Jean Reynaud, fui obrigado a modificar minhas convicções. Reconheci que meu sistema era muito estreito, e admiti, com ele, que os astros, pela troca de eletricidade, que podem se enviar reciprocamente, necessariamente, por essas diversas correntes elétricas, devem favorecer a transmigração dos germes, ou Espíritos, que são da mesma natureza fluídica.

Quando se falou das mesas girantes, entreguei-me em seguida a essa prática, e obtive resultados tais que não tive mais nenhuma dúvida sobre essas manifestações. Depois compreendi que tocáramos o momento em que o mundo invisível iria tornar-se visível e tangível, e que, desde então, caminharíamos para uma revolução sem precedente nas ciências e na filosofia. Estava longe de esperar, entretanto, que um jornal *espírita* pudesse se estabelecer tão cedo, e se manter em França. Hoje, senhor, graças à vossa perseverança, é um fato adquirido, e esse fato é de uma grande importância. Estou longe de julgar as dificuldades vencidas; experimentareis muitos obstáculos, suportareis muitas piadas, mas, afinal de contas, a verdade mostrar-se-á; chegar-se-á a reconhecer a observação do célebre professor Gay-Lussac, que nos disse, em seu curso, a propósito dos corpos *imponderáveis e invisíveis*, que essas expressões eram inexatas, e, constantemente, apenas nossa impossibilidade no estado atual da ciência; acrescentava que seria mais lógico chamá-los *imponderados*. Ocorre o mesmo com a visibilidade e a tangibilidade; o que não é visível para um, o é para outro, mesmo a olho nu; exemplo, os sensitivos; enfim, a audição, o odor e o gosto, que não são senão modificações da propriedade tangível, são nulos no homem, com relação ao cão, à água e a diversos animais. Portanto, não há nada de absoluto nessas propriedades que se multiplicam segundo a organização. Não há nada de invisível, de intangível, de imponderável: tudo pode ser visto, tocado, ou pesado quando nossos órgãos, que são nossos primeiros e nossos mais preciosos instrumentos, tornarem-se mais sutis.

A tantas experiências, com as quais tendes já recursos para constatar nosso terceiro modo de existência (vida espírita), peço-vos acrescentar a seguinte: Queria muito magnetizar um cego de nascença e, nesse estado sonambúlico, dirigir-lhe uma série de perguntas sobre as formas e as cores. Se o sujeito for lúcido, provará, de modo peremptório, que tem, sobre essas coisas, conhecimentos que não pôde adquirir senão *em uma ou várias existências anteriores*.

Termino, senhor, rogando-vos receber minhas muito sinceras felicitações sobre o gênero de estudos a que vos consagrais. Como nunca tive medo de manifestar as minhas opiniões, podeis inserir minha carta na vossa Revista, se julgardes que isso seja útil.

Vosso todo devotado servidor, Morhéry, *doutor em medicina*.

Nota. Estamos muito felizes com a autorização que o senhor doutor Morhéry quis nos dar para publicarmos, nomeando-o, a notável carta que acabamos de ler. Ela prova nele, ao lado do homem de ciência, o homem judicioso que vê alguma coisa além das nossas sensações, e que sabe fazer o sacrifício de suas opiniões pessoais em presença da evidência. Nele a convicção não é uma fé cega, mas raciocinada; é a dedução lógica do sábio que não crê tudo saber.

Uma noite esquecida ou a feiticeira Manouza

Milésima segunda noite dos contos árabes,

Ditada pelo Espírito de Frederic Soulié.

(TERCEIRO E ÚLTIMO CAPÍTULO)

VII

- Levantai-vos, disse-lhe Noureddin, e segui-me. Nazara, banhada em lágrimas, lançou-se-lhe aos pés e implorou sua graça. -Nada de piedade para uma tal falta, disse o pretense sultão; preparai-vos para morrer. Noureddin sofria muito por ter para com ela semelhante linguagem, mas não julgou chegado o momento de se fazer conhecer.

Nazara, vendo que era impossível dobrá-lo, o seguiu tremendo. Eles retornaram aos apartamentos; ali Noureddin disse a Nazara para ir vestir roupas mais convenientes; depois, terminada a toilette, sem outra explicação, disse-lhe que iriam, ele e Ozana (o anão) conduzi-la para um bairro de Bagdá onde teria o que ela merecia. Todos os três se cobriram com uma grande manta, para não serem reconhecidos, e saíram do palácio. Mas, ó terror! apenas passaram as portas, mudaram de aspecto aos olhos de Nazara; não eram mais o sultão e Ozana, nem os mercadores de roupas, mas o próprio Noureddin e Tanaple; eles ficaram tão amedrontados, sobretudo Nazara, ao se verem tão perto da morada do sultão, que aceleraram o passo com medo de serem reconhecidos.

Apenas entraram na casa de Noureddin, esta achou-se cercada por uma multidão de homens, escravos e de tropas, enviados pelo sultão para detê-los.

Ao primeiro ruído, Noureddin, Nazara e o anão se refugiaram no apartamento mais retirado do palácio. Ali, o anão lhes disse para não se amedrontarem; que não havia senão uma coisa a se fazer para não serem presos, que era colocar o pequeno dedo da mão esquerda na boca e assoviar três vezes; que Nazara deveria fazer o mesmo, e que, instantaneamente, tornar-se-iam invisíveis para todos aqueles que quisessem se apoderar deles.

O ruído continuando a aumentar de modo alarmante, Nazara e Noureddin seguiram o conselho de Tanaple; quando os soldados entraram no apartamento, encontraram-no vazio, e se retiraram depois de fazerem as mais minuciosas buscas. Então, o anão disse a Noureddin para fazer ao contrário do que haviam feito, quer dizer, colocar o pequeno dedo da mão direita na boca e assoviar três vezes; fizeram-no e logo se acharam como eram antes.

O anão, em seguida, fez notar que, não estando em segurança na casa, deveriam deixá-la por algum tempo, a fim de que se apaziguasse a cólera do sultão. Ofereceu-lhes, em consequência, conduzi-los para seu palácio subterrâneo, onde estariam muito comodamente, enquanto se achassem os meios de tudo arranjar, a fim de que pudessem entrar sem medo

em Bagdá, e nas melhores condições possíveis.

VIII

Noureddin hesitou, mas Nazara tanto lhe pediu, que acabou por consentir. O anão disse-lhes para irem ao jardim, comerem uma laranja com a cabeça voltada para o nascente, e que, então, seriam transportados sem o perceberem. Tiveram o ar de dúvida, mas Tanaple lhes disse que não compreendia sua dúvida depois do que fizera por eles.

Tendo descido ao jardim, e tendo comido a laranja do modo indicado, se acharam subitamente elevados a uma altura prodigiosa; depois, subitamente, sentiram um forte abalo e um grande frio, e se sentiram descendo com grande velocidade. Nada viram durante o trajeto, mas quando tiveram consciência da situação, se acharam sob a terra, num magnífico palácio iluminado por mais de vinte mil velas.

Deixemos nossos amantes em seu palácio subterrâneo e retornemos ao nosso pequeno anão, que deixamos na casa de Noureddin.

Sabeis que o sultão havia enviado soldados para se apoderarem dos fugitivos; depois de haverem explorado os mais retirados cantos da habitação, assim como os jardins, não encontrando nada, foram forçados a se retirarem, para informarem ao sultão de sua tentativa infrutífera.

Tanaple acompanhara a todos ao longo do caminho; olhava-os com ar astuto e, de tempo em tempo, lhes perguntava qual preço o sultão daria àquele que trouxesse de novo os dois fugitivos. - Se o sultão, acrescentava ele, estiver disposto a conceder-me uma hora de audiência, dir-lhe-ei alguma coisa que o apaziguará, e ficará encantado por se livrar de uma mulher como Nazara, que há nela um mau gênio, e que faria descer sobre ele todas as desgraças possíveis, se ela permanecesse algumas luas mais. O chefe dos Eunucos prometeu-lhe incumbir-se disso e transmitir-lhe a resposta do sultão.

Apenas entrados no palácio, o chefe dos negros veio dizer que seu senhor o esperava, prevenindo-lhe, todavia, que seria furado por uma lança se avançasse imposturas.

Nosso pequeno monstro se apressou em entrar na casa do sultão. Chegado diante desse homem duro e severo, inclinou-se três vezes como é habitual, diante dos príncipes de Bagdá.

- Que tens a me dizer? perguntou-lhe o sultão. Sabes o que te espera se não disseres a verdade. Fala; eu te escuto.

"Grande Espírito, celeste Lua, tríade de Sóis, não anuncio senão a verdade. Nazara é filha da fada Negra e do gênio a Grande Serpente dos Infernos. Sua presença, em tua casa, te traria todas as pragas inimagináveis: praga das serpentes, eclipse do sol, lua azul impedindo os amores da noite; todos os teus desejos, enfim, iriam ser contrariados, e tuas mulheres envelhecidas antes mesmo que uma lua haja passado. Poderia dar-te uma prova do que adianto; sei onde se encontra Nazara; se quiseres, irei procurá-la e poderás convencer-te por ti mesmo. Não há senão um meio de evitar-se essas desgraças, é dar-lha a Noureddin. Noureddin não é mais o que pensas; ele é filho da feiticeira Manouza e do gênio o Rochedo de Diamante. Se tu uni-los, em reconhecimento, Manouza te protegerá; se recusares.... Pobre príncipe! Eu te lamento. Faze a prova; depois disso decidirás."

O sultão escutou com bastante calma o discurso de Tanaple; mas, logo depois, chamou uma tropa de homens armados, e ordenou-lhes aprisionarem o pequeno monstro, até que um acontecimento viesse convencê-lo daquilo que acabara de ouvir.

- Acreditava, disse Tanaple, fazer favor a um grande príncipe; mas vejo que me enganei e deixo aos gênios o cuidado de vingar seus filhos. Dito isso, seguiu aqueles que vieram para prendê-lo.

IX

Tanaple estava na prisão apenas há algumas horas, quando 9 Sol se cobriu com uma nuvem de cor sombria, como se um véu quisesse ocultá-lo à Terra; depois um grande ruído se fez ouvir, e de uma montanha, colocada à entrada da cidade, saiu um gigante armado que se dirigiu para o palácio do sultão.

Não vos direi que o sultão ficou muito calmo; longe disso; tremia como uma folha de laranjeira, que Éolo tivesse atormentado. A aproximação do gigante, ordenou fechar todas as portas, e todos os seus soldados estarem prontos, armas às mãos, para defenderem seu príncipe. Mas, ó estupefação! à aproximação do gigante, todas as portas se abriram, como impelidas por mão secreta; depois, gravemente, o gigante avançou até o sultão, sem dar um sinal, nem dizer uma palavra. À sua vista, o sultão se lançou de joelhos, pediu ao gigante poupá-lo e dizer o que exigia.

"Príncipe! disse o gigante, não digo grande coisa pela primeira vez; não faço mais que te advertir. Faça o que Tanaple te aconselhou, e nossa proteção ser-te-á assegurada; de outro modo, sofrerás a pena de tua obstinação." Dito isso, retirou-se.

O sultão ficou primeiro muito amedrontado; mas, ao cabo de um quarto de hora, estando recomposto de sua perturbação, longe de seguir os conselhos de Tanaple, fez logo publicar um édito que prometia uma magnífica recompensa àquele que pudesse colocá-lo nas pegadas dos fugitivos; depois, tendo colocado guardas nas portas do palácio e da cidade, esperou pacientemente. Mas sua paciência não foi de longa duração, ou pelo menos não lhe deixou tempo para colocá-la à prova. A partir do segundo dia, apareceu às portas da cidade um exército que tinha o ar de ter saído de baixo da terra; os soldados estavam vestidos com peles de toupeiras, e tinham armaduras de carapuças de tartarugas; levavam clavas feitas com lascas de rocha.

A sua aproximação, os guardas quiseram resistir, mas o aspecto formidável do exército logo fê-los abaixarem as armas; abriram as portas sem falarem, sem quebrar suas fileiras, e a tropa inimiga foi gravemente até o palácio. O sultão quis se mostrar à porta de seus apartamentos; mas, para sua grande surpresa, seus guardas adormeceram e as portas se abriram por si mesmas; depois o chefe da armada avançou com passo grave até o sultão e lhe disse:

"Venho dizer-te que Tanaple, vendo tua obstinação, nos enviou para te procurar; em lugar de ser o sultão de um povo que não sabes governar, vamos conduzir-te às toupeiras; tu mesmo torna-te-ás toupeira e serás sultão aveludado. Vê se isso te convém antes que fazer o que Tanaple te ordenou; dou-te dez minutos para refletir.

O sultão gostaria de resistir; mas, para sua felicidade, após alguns momentos de reflexão, consentiu naquilo que se lhe exigiam; não quis colocar senão uma condição, de que os fugitivos não habitassem seu reino. Foi-lhe prometido e, no mesmo instante, sem saber de que lado e como, o exército desapareceu aos seus olhos.

Agora que a sorte de nossos amantes estava completamente assegurada, voltemos para junto deles. Sabeis que os deixamos no palácio subterrâneo.

Depois de alguns minutos, ofuscados e arrebatados pelo aspecto das maravilhas que os cercavam, quiseram visitar o palácio e seus arredores. Viram jardins encantadores. Coisa estranha! via-se tão claro quanto a céu descoberto. Aproximaram-se do palácio: todas as suas portas estavam abertas, e havia preparativos como para uma grande festa. À porta estava uma dama em magnífico vestido. Nossos fugitivos não a reconheceram de início; mas, aproximando-se mais, viram Manouza, a feiticeira, Manouza toda transformada; não era mais aquela velha mulher, feia e decrépita, era uma mulher já de uma certa idade, mas ainda bela, e com um grande ar.

"Noureddin, disse-lhe ela, te prometi ajuda e assistência. Hoje vais receber minha promessa; estás no fim de teus males e vais receber o prêmio de tua constância: Nazara vai ser tua mulher; além disso dou-te este palácio; habitá-lo-ás e serás o rei de um povo de bravos e reconhecidos súditos; são dignos de ti, como és digno de reinar sobre eles."

A essas palavras, música harmoniosa fez-se ouvir, de todos os lados, apareceu uma multidão inumerável de homens e de mulheres em roupas de festa; à sua frente estavam os grandes senhores e as grandes senhoras que vieram se prosternar aos pés de Noureddin; ofereceram-lhe uma coroa de ouro, enriquecida com diamantes, dizendo que o reconheciam por seu rei; que esse trono lhe pertencia como herança de seu pai; que foram encantados, há 400 anos pela vontade de mágicos maus, que esse encanto não deveria acabar senão com a presença de Noureddin. Em seguida, fizeram longo discurso pelas suas virtudes e as de Nazara.

Então, Manouza disse-lhe: Sois felizes, nada mais tenho a fazer aqui. Se tiverdes necessidade de mim, batei sobre a estátua que está no meio de vosso jardim e, no mesmo instante, eu virei. Depois ela desapareceu.

Noureddin e Nazara gostariam de retê-la por mais tempo, para lhe agradecer todas as suas bondades para com eles. Depois de alguns momentos, passados conversando, retornaram aos seus súditos; as festas e as alegrias duraram oito dias. Seu reinado foi longo e feliz; viveram milhares de anos, e posso dizer mesmo que vivem ainda; somente o país não foi reencontrado, ou, por melhor dizer, jamais foi muito conhecido.

Fim.

Nota. Chamamos a atenção dos nossos leitores sobre as observações com as quais precedemos o conto, em nossos números de novembro de 1858 e janeiro de 1859.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Março

- [Estudo sobre os médiuns](#)
- [Médiuns interesseiros](#)
- [Fenômeno de transfiguração](#)
- [Diatribes](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo - Paul Gaimard](#)
- [Senhora Reynaud, sonâmbula](#)
- [Hitoti, chefe taitiano](#)
- [Um Espírito estouvado](#)
- [Plínio, o moço](#)

Estudo sobre os médiuns

Revista Espírita, março de 1859

Sendo os médiuns os intérpretes das comunicações espíritas, seu papel é extremamente importante, e não se poderia dar mais atenção ao estudo de todas as causas que podem influenciá-los, não somente por si mesmos, mas, também, por aqueles que, não sendo médiuns, se servem de sua intermediação, a fim poderem julgar o grau de confiança que merecem as comunicações que possam receber.

Todo o mundo, dissemos, é mais ou menos médium; mas convencionou-se dar esse nome àqueles nos quais as manifestações são patentes, e, por assim dizer, facultativas. Ora, entre estes últimos, há aptidões muito diferentes: pode-se dizer que cada um tem a sua especialidade. Ao primeiro aspecto, se desenham duas categorias muito nitidamente talhadas: os médiuns de influências físicas, e aqueles das comunicações inteligentes. Estes últimos apresentam numerosas variedades, cujas principais são: os escreventes ou psicógrafos, os desenhistas, os falantes, os audientes e os videntes. Os médiuns poetas, músicos e políglotas são variedades dos escreventes e dos falantes. Não voltaremos às definições que demos desses diferentes gêneros, mas não queremos lembrar, senão sucintamente, o conjunto, para maior clareza.

De todos os gêneros de médiuns, o mais comum é o dos escreventes; é aquele mais fácil de se adquirir pelo exercício; também é para esse lado que se dirigem, e com razão, os desejos e os esforços dos aspirantes. Eles mesmos apresentam duas variedades que, geralmente, são encontradas em várias outras categorias: os escreventes mecânicos e os escreventes intuitivos. Nos primeiros, o impulso da mão é independente da vontade; ela se move por si mesma, sem que o médium tenha alguma consciência do que escreve, podendo seu pensamento estar em qualquer outra coisa. No médium intuitivo, o Espírito atua sobre o cérebro; seu pensamento atravessa, por assim dizer, o pensamento do médium, sem que haja confusão. Disso resulta, nele, a consciência do que escreve, freqüentemente mesmo, uma consciência antecipada, porque a intuição antecede, algumas vezes, o movimento da mão e, todavia, o pensamento expresso não é o do médium. Uma comparação bem simples nos faz compreender o fenômeno. Quando queremos conversar com alguém cuja língua não conhecemos, nos servimos de um intérprete; o intérprete tem consciência do pensamento dos interlocutores, deve compreendê-lo para exprimi-lo, e, todavia, esse pensamento não é o seu. Pois bem! O papel de um médium intuitivo é o de um intérprete entre o Espírito e nós. A experiência nos ensinou que os médiuns mecânicos e os médiuns intuitivos são igualmente bons, igualmente aptos para receberem e transmitirem boas comunicações. Como meio de convicção, os primeiros valem mais, sem dúvida, mas quando se adquiriu a convicção, não há mais preferência útil; a atenção deve se dirigir inteiramente sobre a natureza das comunicações, quer dizer, sobre a aptidão do médium para receber as dos bons e as dos maus Espíritos, e sob esse aspecto diz-se que ele é bem ou mal assistido: aí está toda a questão, e essa questão é capital, porque só ela pode determinar o grau de confiança que ele merece; é um resultado do estudo e da observação para o qual remetemos ao nosso artigo precedente, sobre os escolhos dos médiuns.

A dificuldade, com um médium intuitivo, consiste em distinguir os pensamentos que lhe são próprios dos que lhe são sugeridos. Essa dificuldade existe para ele mesmo; o pensamento sugerido lhe parece tão natural que o toma, freqüentemente, pelo seu, e duvida de sua

faculdade. O meio para convencê-lo, ele e os outros, é um exercício freqüente. Então, no número das evocações nas quais concorreu, apresentar-se-ão mil circunstâncias, uma multidão de comunicações íntimas, particularidades das quais não se poderia ter nenhum conhecimento prévio, e que constatarão, de modo irrecusável, a inteira independência de seu próprio Espírito.

As diferentes variedades de médiuns repousam sobre aptidões especiais, e até o presente não se sabe muito qual lhes é o seu princípio. À primeira vista, e para as pessoas que não fizeram desta ciência um estudo continuado, não parece mais difícil, para um médium, escrever versos que prosa; sobretudo se for mecânico, o Espírito, dir-se-á, pode tão bem fazê-lo escrever numa língua estrangeira, fazê-lo desenhar ou ditar-lhe a música. Todavia, não é nada disso. Se bem que se vejam, a cada instante, desenhos, versos, música feitos por médiuns que, em seu estado normal, não são nem desenhistas, nem poetas, nem músicos, nem todos estão aptos para produzirem essas coisas. Apesar de sua ignorância, há neles uma faculdade intuitiva, uma flexibilidade que faz deles instrumentos mais dóceis. Foi o que bem expressou Bernard Palissy quando se lhe perguntou por que havia escolhido, para fazer os seus admiráveis desenhos, o senhor Victorien Sardou, que não sabe desenhar; *é porque disse, acho-o mais flexível*. Ocorre o mesmo com as outras aptidões; e, coisa bizarra, vimos Espíritos se recusarem a ditar versos a médiuns que conheciam a poesia, e dá-los agradável mente a pessoas que não lhe sabiam as primeiras regras; é o que prova, uma vez mais, que os Espíritos têm o seu livre arbítrio, e que é em vão que gostaríamos de submetê-los aos nossos caprichos.

Resulta das observações precedentes, que um médium deve seguir o impulso que lhe é dado, segundo a sua aptidão; que deve tratar de aperfeiçoar essa aptidão pelo exercício, mas que procuraria inutilmente adquirir aquela que lhe falta, ou pelo menos que isso seria em prejuízo daquela que possui. Não forcemos nosso talento, não faríamos nada com graça, disse La Fontaine- podemos acrescentar, não faríamos nada de bom. Quando um médium possui uma faculdade preciosa, com a qual pode se tornar verdadeiramente útil, que se contente com ela, e não procure uma vã satisfação de seu amor-próprio numa variedade que seria o enfraquecimento da faculdade primordial; se esta deve ser transformada, o que freqüentemente acontece, ou se deve adquirir uma nova, isso ocorrerá espontaneamente, e não por um efeito de sua vontade.

A faculdade de produzir efeitos físicos forma uma categoria bem talhada, que se alia raramente com as comunicações inteligentes, sobretudo com as de alta importância. Sabe-se que os efeitos físicos são obrigação dos Espíritos de baixo estágio, como entre nós os grandes esforços dos saltimbancos; ora, os Espíritos batedores pertencem a essa classe inferior; agem, o mais freqüentemente, para se divertirem ou vexarem, mas, algumas vezes, por ordem de Espíritos elevados que deles se servem, como nos servimos dos trabalhadores; seria absurdo crer que Espíritos superiores viessem divertir-se fazendo as mesas girarem ou baterem. Servem-se desses meios, dizemos nós, como intermediários, seja com o objetivo de convencerem, seja para se comunicarem conosco, quando não lhes oferecemos outros meios; mas o abandonam no momento que possam atuar por um meio mais rápido, mais cômodo e mais direto, como abandonamos o telégrafo aéreo, desde que tivemos o telégrafo elétrico. Não se devem desprezar os efeitos físicos, porque, para muita gente, são um meio de convicção; oferecem, aliás, um precioso objeto de estudo sobre as forças ocultas; mas é notável que os Espíritos os recusem, em geral, àqueles que não têm mais necessidade, ou que, pelo menos, não aconselham se ocupar de modo especial. Eis o que escreveu, a esse respeito, o Espírito de São Luís, na *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos*:

"Zombaram das mesas girantes, não zombarão jamais da filosofia, da sabedoria e da clareza que brilham nas comunicações sérias. Isso foi o vestibulo da ciência; é aí que, ao entrar,

devemos deixar os preconceitos, como se deixa o casaco. Não posso vos convidar muito a fazerem, de vossas reuniões, um centro sério: que em outro lugar façam demonstrações físicas, em outro veja-se, em outro ouça-se, *que, entre vós, compreenda-se e se ame*. Que pensais ser, aos olhos dos Espíritos superiores, quando fazeis girar uma mesa? Ignorantes. Os sábios passam seu tempo a repassar *o a, b, c* da ciência? Ao passo que vendo-vos procurarem as comunicações sérias, considerar-vos-ão como homens sérios em busca da verdade."

É impossível resumir, de modo mais lógico e mais preciso, o caráter dos dois gêneros de manifestações. Aqueles que têm comunicações elevadas, deve-as à assistência dos bons Espíritos: é um sinal de sua simpatia por ele; renunciá-las para procurar os efeitos materiais, é deixar uma sociedade escolhida por outra mais baixa; querer aliar as duas coisas, é chamar, ao redor de si, seres antipáticos, e, nesse conflito, é provável que os bons se irão e os maus permanecerão. Longe de nós desprezar os médiuns de influências físicas; têm sua razão de ser, seu fim providencial; prestam incontestáveis serviços à ciência espírita; mas quando um médium possui uma faculdade que pode colocá-lo em relação com seres superiores, não compreendemos que dela abdique, ou mesmo que deseje outras, de outro modo que por ignorância; porque, freqüentemente, a ambição de querer ser tudo, faz que se acabe por não ser nada.

Médiuns interesseiros

Revista Espírita, março de 1859

Em nosso artigo sobre os escolhos dos médiuns, colocamos a cupidez entre os defeitos que podem tomá-los presa de Espíritos imperfeitos. Alguns desenvolvimentos sobre esse assunto não serão inúteis. É preciso colocar, em primeiro lugar, os médiuns interesseiros, aqueles que poderiam fazer um ofício de sua faculdade, dando as chamadas a consultas ou sessões retribuídas. Não os conhecemos, na França pelo menos, mas como tudo pode tornar-se objeto de exploração, não haveria nada de espantoso em que se quisesse, um dia, explorar os Espíritos; resta saber como fariam a coisa, se jamais um tal espetáculo tentou se introduzir. Sem ser completamente iniciado no Espiritismo, compreende-se o que teria de aviltante; mas quem quer que conheça um pouco quanto é difícil aos bons Espíritos vir comunicar-se conosco, e quão pouco é preciso para afastá-los, sua repulsa por tudo o que é de interesse egoístico, não poderá jamais admitir que Espíritos superiores estejam ao capricho de alguém que os fizessem vir a tanto por hora; o simples bom senso repele semelhante suposição. Não seria também uma profanação evocar seu pai, sua mãe, seu filho ou seu amigo por um semelhante meio? Sem dúvida pode-se ter assim comunicações, mas Deus sabe de que fonte! Os Espíritos levianos, mentirosos, traquinas, zombeteiros e toda a multidão de Espíritos inferiores, sempre vêm; e estão sempre prontos a responder a tudo; São Luís nos disse, outro dia, na Sociedade: *Evocai um rochedo, ele vos responderá*. Aquele que quer comunicações sérias, deve se edificar, antes de tudo, sobre a natureza da simpatia do médium com os seres de além-túmulo; ora, aqueles que podem se entregar à atração do ganho não podem inspirar senão uma medíocre confiança.

Os médiuns interesseiros não são unicamente aqueles que poderiam exigir uma retribuição fixa; o interesse não se traduz sempre na esperança de um ganho material, mas também pelas considerações ambiciosas de toda a natureza, sobre as quais podem fundar esperanças pessoais; está ainda aí um defeito de que sabem aproveitar, muito bem, os Espíritos zombadores, e os quais aproveitam com um jeito, uma astúcia verdadeiramente notável, embalando enganosas ilusões naqueles que se colocam, assim, sob sua dependência. Em resumo, a mediunidade é uma faculdade dada para o bem, e os bons Espíritos se afastam de quem pretenda fazer dela uma escada para chegar ao que quer que seja, que não responda aos objetivos da Providência. Ó egoísmo é a praga da sociedade; os bons Espíritos o combatem, não se pode supor que venham servi-lo. Isso é tão racional que seria inútil insistir muito sobre esse ponto.

Os médiuns de efeitos físicos não estão na mesma categoria, esses efeitos são produzidos por Espíritos inferiores, pouco escrupulosos quanto aos sentimentos morais, um médium dessa categoria, que quisesse explorar sua faculdade, poderia, pois, ter quem se interessasse nisso, sem muita repugnância; mas aí, ainda, se apresenta um outro inconveniente. O médium de efeitos físicos, não mais que aquele de comunicações inteligentes, não recebeu sua faculdade para seu prazer foi-lhe dada com a condição de fazer, dela, um bom uso, e se dela abusa, pode lhe ser retirada, ou bem voltar-se em seu detrimento, porque, em definitivo, os Espíritos inferiores estão sob as ordens dos Espíritos superiores. Os Espíritos inferiores gostam muito de mistificar, mas não gostam de serem mistificados; prestando-se voluntariamente ao gracejo, às coisas curiosas, não gostam, mais que os outros, de serem explorados, e provam, a cada instante, que têm sua vontade, que agem quando e como lhes pareça, o que faz com que o médium de efeitos físicos esteja ainda menos seguro da regularidade das manifestações, que o médium escrevente. Pretender produzi-las a dias e

horas fixas, seria dar prova da mais profunda ignorância. Que fazer, então, para ganhar seu dinheiro? Simular os fenômenos; é o que pode ocorrer não somente àqueles que disso fariam um ofício confessado, mas mesmo às pessoas simples em aparência, e que se limitam a receberem uma retribuição qualquer dos visitantes. Se o Espírito não dá, será suprido: a imaginação é fecunda quando se trata de ganhar dinheiro; é uma tese que desenvolveremos num artigo especial, a fim de colocar em guarda contra a fraude.

De tudo o que precede, concluímos que o desinteresse mais absoluto é a melhor garantia contra o charlatanismo, porque não há charlatães desinteressados; se não garante sempre a bondade das comunicações inteligentes, rouba aos maus Espíritos um poderoso meio de ação que fecha a boca de certos detratores.

Fenômeno de transfiguração

Revista Espírita, março de 1859

Extraímos o fato seguinte de uma carta que nos escreveu, no mês de setembro de 1857, um de nossos correspondentes de St-Etienne. Depois de ter falado de diversas comunicações, das quais foi testemunha, acrescentou:

"Um fato mais espantoso se passa numa família de nossos vizinhos. Das mesas girantes passou-se à poltrona que fala; depois amarrou-se um lápis nessa poltrona e essa poltrona indicou a psicografia; foi praticada por muito tempo, antes como brinquedo do que como coisa séria. Então a escrita designou uma das filhas da casa, ordenou passar as mãos sobre sua cabeça depois de tê-la feito deitar; ela dormiu logo, e depois de um certo número de experiências, essa jovem se transfigurou: tomou os traços, a voz, os gestos de ascendentes mortos, de avós que jamais conheceram, de um irmão falecido há alguns meses; essas transfigurações eram feitas sucessivamente em uma mesma sessão. Ela falava um dialeto que não era mais o da época, disse-me, porque não conhecia nem um nem o outro; mas o que posso afirmar, é que em uma sessão onde tomara a aparência de seu irmão, vigoroso gaiato, essa jovem de treze anos deu-me um rude aperto de mão.

"Há dezoito meses, ou dois anos, esse fenômeno é constantemente repetido do mesmo modo, somente hoje produziu-se espontânea e naturalmente, sem imposição das mãos."

Esse estranho fenômeno, se bem que bastante raro, não é excepcional; já se falou de vários fatos semelhantes, e nós mesmos, várias vezes, fomos testemunha de alguma coisa análoga entre os sonâmbulos em estado de êxtase, e mesmo entre os extáticos que não estavam em sonambulismo. É certo, além do mais, que emoções violentas operam, sobre a fisionomia, uma mudança que lhe dá um caráter diferente daquele do estado normal. Não vemos, igualmente, pessoas cujos traços móveis se prestam, segundo sua vontade, a modificações que lhes permitem tomar as aparências de outras certas pessoas? Vê-se, pois, por aí, que a rigidez da face não é tal que não possa sujeitar-se a modificações passageiras, mais ou menos profundas, e nada há de espantoso em que um fato semelhante possa produzir-se, no caso em que se trata, embora, talvez, por uma causa independente da vontade.

Eis as respostas que obtivemos de São Luís a esse respeito, na sessão da Sociedade, de 25 de fevereiro último.

1. O fato de transfiguração, do qual acabamos de falar, é real? -R. Sim.
2. Nesse fenômeno, há um efeito material? - R. O fenômeno de transfiguração pode ocorrer de modo material, a tal ponto que, nas diversas fases que apresenta, poder-se-ia reproduzi-lo em daguerreotipia.
3. Como esse efeito se produziu? - R. A transfiguração, como a entendeis, não é senão uma modificação da aparência, uma mudança, uma alteração nos traços que pode ser produzida pela ação do próprio Espírito sobre seu envoltório, ou por uma influência exterior. O corpo nunca muda, mas, em consequência de uma contração nervosa, ele submete-se a aparências diversas.

4. Pode ocorrer que os espectadores sejam enganados por uma falsa aparência? - R. Pode ocorrer também que o perispírito desempenhe o papel que conheceis. No fato citado, ocorreu contração nervosa, e a imaginação aumentou-a muito; de resto, esse fenômeno é bastante raro.

5. O papel do perispírito seria análogo ao que se passa no fenômeno de bicorporeidade? - R. Sim.

6. É preciso, então, que, no caso de transfiguração, haja de-saparição do corpo real, para os espectadores que não vêem mais que o perispírito sob uma forma diferente? - R. Desaparição, não física, mas *oclusão*. Entendei-vos sobre as palavras.

7. Parece resultar disso que acabais de dizer que, no fenômeno da transfiguração, pode haver dois efeitos: 1^o Alteração dos traços do corpo real, em consequência de uma contração, nervosa. 2^o Aparência variável do perispírito que se torna visível. É assim que devemos entender? - R. Certamente.

8. Qual é a causa primeira desse fenômeno? - R. A vontade do Espírito.

9. Todos os Espíritos podem produzi-lo? - R. Não: os Espíritos não podem sempre fazer o que querem.

10. Como explicar a força anormal dessa jovem transfigurada na pessoa de seu irmão? - R. O Espírito não possui uma grande força? De resto, é a do corpo em seu estado normal.

Nota. Esse fato nada tem de surpreendente; freqüentemente, vêem-se as pessoas mais fracas dotadas momentaneamente de uma força muscular prodigiosa, por uma causa superexcitante.

11. Uma vez que, no fenômeno da transfiguração, o olhar do observador pode ver uma imagem diferente da realidade, ocorre o mesmo em certas manifestações físicas? Quando por exemplo uma mesa se eleva sem o contato das mãos, e que é vista acima do solo, é verdadeiramente a mesa que se destacou? - R. Podeis perguntá-lo?

12. O que é que a ergue? - R. A força do Espírito.

Nota. Esse fenômeno já foi explicado por São Luís, e tratamos essa questão, de modo completo, nos números de maio e junho de 1858, a propósito da teoria das manifestações físicas. Foi-nos dito que, nesse caso, a mesa, ou o objeto qualquer que se mova, se anima de uma vida factícia, momentânea, que lhe permite obedecer à vontade do Espírito.

Certas pessoas quiseram ver, nesse fato, uma simples ilusão de ótica que faria ver, por uma espécie de miragem, a mesa no espaço, ao passo que ela estaria realmente sobre o solo. Ainda que a coisa fosse assim, ela não seria menos digna de atenção; é notável que aqueles que querem contestar ou denegrir os fenômenos espíritas, expliquem-nos por causas que seriam, elas mesmas, verdadeiros prodígios, e bem mais difíceis de compreender-se; ora, por que, pois, tratar isso com tanto desdém? Se a causa que assinalam é real, por que não aprofundá-la? O físico procura se render conta do menor movimento anormal da agulha imantada; o químico na mais leve mudança na atração muscular por que, pois, ver-se com

indiferença fenômenos tão bizarros quanto aqueles dos quais falamos, fossem o resultado de um simples desvio do raio visual e uma nova aplicação de leis conhecidas? Isso não é lógico. Não seria certamente impossível que, por um efeito de ótica análogo àquele que nos faz ver um objeto na água mais alto do que está, em consequência da refração do raio luminoso, uma mesa nos aparecesse no espaço, enquanto estivesse sob o sol; mas, há um fato que resolve peremptoriamente a questão, é quando a mesa cai bruscamente sobre o solo e quando ela se quebra; isso não nos parece ser uma ilusão de ótica. Voltemos à transfiguração.

Se uma contração muscular pode modificar os traços do rosto, isso não pode ser senão em um certo limite; mas, seguramente, se uma jovem toma a aparência de um velho, nenhum efeito psicológico far-lhe-á produzir a barba; é preciso, pois, procurar-lhe a causa em outro lugar. Querendo-se reportar-se ao que dissemos precedentemente, sobre o papel do perispírito em todos os fatos de aparições, mesmo de pessoas vivas, compreender-se-á que lá está ainda a chave do fenômeno da transfiguração. Com efeito, uma vez que o perispírito pode se isolar do corpo, que pode tornar-se visível, que pela sua extrema sutilidade pode tomar diversas aparências à vontade do Espírito, conceber-se-á, sem dificuldade, que ele esteja assim numa pessoa transfigurada: o corpo fica o mesmo, só o perispírito muda de aspecto. Mas, então, dir-se-á, em que se torna o corpo? De um lado o corpo real e de outro o perispírito transfigurado? Fatos estranhos, dos quais iremos falar oportunamente, provam que, em consequência da fascinação que se opera nessa circunstância no observador, o corpo real pode estar, de alguma sorte, velado pelo perispírito.

O fenômeno objeto desse artigo nos foi transmitido já há muito tempo, e se não falamos dele ainda, foi porque não nos propusemos fazer de nossa *Revista* um simples catálogo de fatos próprios para alimentar a curiosidade, uma árida compilação sem apreciação e sem comentário; nossa tarefa seria muito fácil, e a tomamos mais a sério; dirigimo-nos, antes de tudo, aos homens de raciocínio, àqueles que, como nós, querem se render conta das coisas, tanto quanto isso seja possível. Ora, a experiência nos ensinou que os fatos, por estranhos e multiplicados que sejam, não são elementos de convicção; e o são tanto menos quanto sejam estranhos; quanto mais um fato é extraordinário, tanto mais parece anormal, menos se está disposto a crer nele; quer-se ver, e quando se viu, duvida-se ainda; desconfia-se de ilusões e conivências. Não ocorre assim quando se acha, nos fatos, uma razão de ser por uma causa plausível. Vemos todos os dias pessoas que rejeitaram outrora os fenômenos espíritas, à conta da imaginação e de uma cega credulidade, e que hoje são adeptos fervorosos, precisamente porque esses fenômenos não têm agora nada que repugne à sua razão; elas se os explicam, compreendem-lhes a possibilidade, e crêem neles *mesmo sem terem visto*. Antes de falarmos de certos fatos, temos, pois, que esperar que os princípios fundamentais estejam suficientemente desenvolvidos, para deles render-se conta; o da transfiguração está entre esse número. O Espiritismo é para nós mais que uma crença: é uma ciência, e estamos felizes em ver que os nossos leitores nos compreenderam.

Diatribes

Revista Espírita, março de 1859

Algumas pessoas, sem dúvida, esperam encontrar aqui uma resposta a certos ataques, bem pouco circunspectos, dos quais a Sociedade, nós pessoalmente, e os partidários do Espiritismo em geral foram objetos nestes últimos tempos. Rogamos desejarem se reportar ao nosso artigo sobre a polêmica espírita, colocado na cabeça do nosso número de novembro último, onde fizemos nossa profissão de fé a esse respeito. Não lhe acrescentaremos senão poucas palavras, não tendo o lazer de não nos ocuparmos com todas essas discussões ociosas. E aqueles que têm tempo a perder para rir de tudo, mesmo do que não compreendem, para serem maledicentes, caluniadores, letrados mas pretensiosos, se contentem, não temos a pretensão de a isso impedi-los. A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, composta de homens honrados pelo seu saber e sua posição, tanto na França quanto no Estrangeiro, médicos, literatos, artistas, funcionários, oficiais, negociantes, etc., recebendo, cada dia, as mais altas notabilidades sociais, e correspondendo com todas as partes do mundo, está acima das pequenas intrigas do ciúme e do amor-próprio; ela persegue seus trabalhos na calma e no recolhimento, sem se inquietar com piadas que não poupam mesmo as mais respeitáveis corporações.

Quanto ao Espiritismo em geral, como é uma das forças da Natureza, o escárnio disso virá cansar-se, como se cansou contra tantas outras coisas que o tempo consagrou; essa utopia, essa *tocade*, como a chamam certas pessoas, já fez a volta ao mundo e todas as diatribes não a impedirão mais de caminhar quanto outrora os anátemas não o impediram à Terra girar. Deixemos, pois, os escárnios rirem à sua satisfação, uma vez que tal é o seu bom prazer; serão, para eles, fracos de Espíritos; riem muito da religião, por que não ririam do Espiritismo que não é senão uma ciência? Esperando, nos servem mais que nos prejudicam e economizamos sem gastos de publicidade porque não é um de seus artigos, mais ou menos espirituosos, que não fará vender algum de nossos livros e obter algumas assinaturas. Obrigado, pois, pelo serviço que nos prestam sem querer.

Diremos, igualmente, pouca coisa pelo que nos toca pessoalmente; se aqueles que nos atacam ostensivamente, ou de mão oculta, crêem nos perturbar, perdem seu tempo; se pensam em nos barrarem o caminho, enganam-se igualmente, uma vez que não pedimos nada e não aspiramos a nada, senão a nos tornarmos úteis, nos limites das forças que Deus nos deu; por modesta que seja a nossa posição, nos contentamos com aquilo que, por muito, seria a mediocridade; não ambicionamos nem conceito público, nem fortuna, nem honrarias; não procuramos nem o mundo, nem seus prazeres; o que possamos ter não nos causa nenhum pesar: vemo-lo com a mais completa indiferença; isso não está no nosso gosto, por conseguinte, não levamos inveja de nenhum daqueles que possuem essa vantagem, se vantagem são, o que aos nossos olhos é uma questão, porque os gozos pueris nesse mundo não asseguram um melhor lugar no outro, longe disso; nossa vida é toda de labor e de estudo, consagrando ao trabalho até os instantes de repouso: aí não há do que ter ciúme. Trazemos, como tantos outros, nossa pedra ao edifício que se eleva; mas Goraríamos de nos fazer dele um degrau para chegar ao que quer que seja; que outros tragam-lhe mais do que nós; que outros trabalhem tanto quanto nós e melhor que nós, e os veremos com uma alegria sincera; o que queremos, antes de tudo, é o triunfo da verdade, de qualquer parte que venha, não tendo a pretensão de ter sozinho a luz; se disso deva jorrar alguma glória, o campo está aberto a todo o mundo, estendemos a mão a todos aqueles que, nessa rude liça, seguiremos lealmente, com abnegação e sem pensamento dissimulado pessoal.

Bem sabemos que, erguendo abertamente a bandeira das idéias, das quais nos fizemos um dos propagadores, afrontando os preconceitos, atrairemos inimigos, sempre prontos à atirarem flechadas envenenadas contra quem eleva a cabeça e se coloca em evidência; mas há essa diferença entre eles e nós, é que nós não lhes queremos o mal que procuram nos fazer, porque participamos da fraqueza humana, e é somente nisso que cremos ser seu superior; rebaixa-se pela inveja, pelo ódio, pelo ciúme e por todas as paixões mesquinhas: eleva-se pelo esquecimento das ofensas. Esta é a moral espírita; não vale ela mais do que a das pessoas que ultrajam o seu próximo? É o que nos ditaram os Espíritos que nos assistem, e pode-se julgar, por aí, se são *bons* ou *maus*. Ela nos mostra as coisas de uma altura tão grande e aquelas deste mundo tão pequenas, que não se pode senão lamentar aqueles que se torturam voluntariamente, para se darem uma efêmera satisfação de amor-próprio.

Conversas familiares de além-túmulo - Paul Gaimard

Revista Espírita, março de 1859

Médico da marinha e viajante naturalista, falecido em 11 de dezembro de 1858; evocado no dia 24 do mesmo mês, com a idade de 64 anos, por um de seus amigos, o senhor Sardou.

1. Evocação. - R. Estou aqui; que queres tu?
2. Qual é teu estado atual? - R. Erro como os Espíritos que deixam a Terra e que têm o desejo de avançarem nos caminhos do bem. Nós procuramos, estudamos, e depois escolhemos.
3. Tuas idéias, sobre a natureza do homem, se modificaram? - R. Muito; bem pode avaliar.
4. Qual julgamento levas, agora sobre o gênero de vida que te conduziu durante a existência que vens de terminar neste mundo? - R. Estou contente, porque trabalhei.
5. Crês que, para o homem, tudo acaba no túmulo: daí teu epicurismo e o desejo que exprimias, algumas vezes, de viver séculos para gozar bem a vida? Que pensas dos vivos que não têm outra filosofia senão aquela? - R. Eu os lamento, mas isso, todavia, lhes serve: com um tal sistema, podem apreciar friamente tudo o que entusiasma os outros homens, e isso lhes permite julgarem sadiamente muitas coisas que fascinam os crédulos em excesso.

Nota. - É a opinião pessoal do Espírito; damo-la como tal e não como máxima.

6. O homem que se esforça moralmente, antes que intelectualmente, faz melhor que aquele que se apega sobretudo ao progresso intelectual e negligencia o progresso moral? - R. Sim; a moral passa adiante. Deus dá o espírito como recompensa aos bons, ao passo que a moral devemos adquiri-la.
7. Que entendes por espírito que Deus dá? - R. Uma vasta inteligência.
8. Entretanto, existem muitos maus que têm uma vasta inteligência. - R. Eu o disse. Perguntastes qual valia mais procurar adquirir; disse-vos que a moral é preferível; mas aquele que trabalha, para aperfeiçoar seu Espírito, pode adquirir um alto grau de inteligência. Quando, pois, entenderéis as minhas palavras?
9. Estás completamente desligado da influência do corpo material? - R. Sim; o que vos disseram, sobre isso, não compreende senão uma certa classe da humanidade.

Nota. Ocorreu, várias vezes, que Espíritos evocados, mesmo depois de alguns meses de sua morte, declararam estarem ainda sob a influência da matéria; mas esses Espíritos foram todos homens que não haviam progredido, nem moral nem intelectualmente. É da classe

dessa humanidade que quer falar o Espírito que foi Paul Gaimard.

10. Tivestes, na Terra, outras existências além da última? - R. Sim.

11. Esta última é a conseqüência da precedente? - R. Não, tive um grande espaço de tempo entre as duas.

12. Apesar desse longo intervalo, não poderia nele haver, entretanto, uma certa relação entre essas duas existências? - R. Cada minuto de nossa vida é a conseqüência do minuto precedente, se o entendes assim.

Nota. O doutor B..., que assistia essa conversa, exprimiu a opinião de que certos pendores, certos instintos que, por vezes, despertam em nós, poderiam bem serem como reflexo de uma existência anterior. Cita vários fatos, perfeitamente constatados, de jovens mulheres que, na gravidez, foram impelidas a atos ferozes, como por exemplo, aquela que se atirou sobre o braço de um rapaz estúpido e deu-lhes belas dentadas; outra que cortou a cabeça de um menino, e ela mesma levou essa cabeça ao comissário de polícia; uma terceira que matou seu marido, cortou-o em pequenos pedaços e salgou, e com os quais se alimentou durante vários dias. O doutor perguntou se, em uma existência anterior, essas mulheres não haviam sido antropófagas.

13. Ouvistes o que acaba de dizer o doutor B..., é que esses instintos, designados sob o nome de vontade de mulheres grávidas, são conseqüências de hábitos contraídos em uma existência anterior? - R. Não; loucura *transitória*; paixão em seu mais alto grau; o Espírito é eclipsado pela vontade.

Nota. O doutor B... fez observar que, efetivamente, os médicos consideram esses atos como casos de loucura transitória. Partilhamos essa opinião, mas não pelos mesmos motivos, já que aqueles que não estão familiarizados com os fenômenos espíritas são, geralmente, levados a atribuí-los a causas que não conhecem. Estamos persuadidos de que devemos ter reminiscências de certas disposições morais anteriores; acrescentamos mesmo que é impossível ser de outro modo, não podendo o progresso cumprir-se senão gradualmente; mas isso não pode ser aqui o caso, e o que o prova é que as pessoas das quais se vem de falar não dão nenhum outro sinal de ferocidade fora de seu estado patológico: não haveria, evidentemente, entre elas, senão uma perturbação momentânea das faculdades morais. Reconhece-se o reflexo das disposições anteriores por outros sinais, de alguma sorte, inequívocos e que desenvolveremos em um artigo especial, com fatos em seu apoio.

14. Em ti, na última existência, houve, ao mesmo tempo, progresso moral e progresso intelectual? - R. Sim; sobretudo intelectual.

15. Poderias dizer-nos qual era o gênero de tua penúltima existência? - R. Ó! fui obscuro. Tive uma família que tornei infeliz; muito expiei mais tarde. Mas por que me perguntar isso? Já se passou muito e estou agora em novas fases.

Nota. P. Gaimard morreu celibatário com a idade de 64 anos. Mais de uma vez, lamentou-se por não ter um lar.

16. Esperas estar logo reencamado? - R. Não, quero pesquisar antes. Amamos este estado de erraticidade, porque a alma se domina melhor, o Espírito tem mais consciência de sua força; a carne pesa, obscurece, entrava.

Nota. Todos os Espíritos dizem que, no estado errante, eles procuram, estudam, observam para fazerem sua escolha. Não é a contrapartida da vida corpórea? Frequentemente, não procuramos durante anos antes de fixarmos nossa escolha na carreira que cremos a mais apropriada para criar o nosso caminho? Não a mudamos, algumas vezes, à medida que avançamos em anos? Cada dia não é empregado na procura do que faremos no dia seguinte?

Ora, o que são as diferentes existências corpóreas para o Espírito senão fases, períodos, dias da vida espírita que, como sabemos, é a vida normal, não sendo a vida corpórea senão transitória e passageira? Que de mais sublime que essa teoria? Não está em relação com a harmonia grandiosa do Universo? Ainda uma vez, não fomos nós que a inventamos, e lamentamos não termos disso o mérito; mas, quanto mais a aprofundamos, mais a encontramos fecunda em soluções de problemas até agora inexplicados.

17. Em qual planeta pensas, ou desejas, estar reencamado? - R. Não sei; dai-me o tempo para procurar.

18. Qual gênero de existência pedirias a Deus? - R. A continuação desta última; o maior desenvolvimento possível das faculdades intelectuais.

19. Pareces sempre colocar em primeira linha o desenvolvimento das faculdades intelectuais, fazendo menor caso das faculdades morais, apesar do que disseste precedentemente. - R. Meu coração não está bastante formado para apreciar bem as outras.

20. Vês outros Espíritos e estás em relação com eles? - R. Sim.

21. Entre esses Espíritos, há os que conhecestes na Terra? - R. Sim; Dumont-d'Urville.

22. Vês também o Espírito de Jacques Arago com quem viajas-te? - R. Sim.

23. Esses Espíritos estão na mesma condição tua? - R. Não; uns mais altos, os outros mais baixos.

24. Queremos falar do Espírito de Dumont-d'Urville e de Jacques Arago. - R. Não quero especializar.

25. Estás satisfeito por te havermos evocado? - R. Sim, sobretudo por uma pessoa.

26. Podemos fazer alguma coisa por ti? - R. Sim.

27. Se te evocarmos em alguns meses, consentidas em responder ainda às nossas perguntas? - R. Com prazer. Adeus.

28. Tu nos dizes adeus; dá-nos o prazer de dizer para onde vais. - R. Nesse passo (para falar como o teria feito há alguns dias), vou atravessar um espaço mil vezes mais considerável que o caminho que fiz sobre a Terra em minhas viagens, que acreditava tão distantes; e isso em menos de um segundo, de um pensamento. Vou em uma reunião de Espíritos onde tomarei lições, e onde poderei aprender uma nova ciência, minha nova vida. Adeus.

Nota. Quem conheceu perfeitamente o senhor Paul Gaimard, confessará que esta comunicação está bem marcada com a marca de sua individualidade. Aprender, ver, conhecer, era sua paixão dominante: é o que explica suas viagens ao redor do mundo e às regiões do Pólo Norte, assim como suas excursões à Rússia e à Polônia, à primeira aparição do cólera em Europa. Dominado por essa paixão e peio desejo de satisfazê-la, conservava um raro sangue frio nos maiores perigos; foi assim que, com sua calma e com sua firmeza, soube sair das mãos de um bando de antropófagos que o surpreenderam no interior de uma ilha da Oceania.

Uma palavra sua caracteriza perfeitamente essa avidez de ver fatos novos, de assistir ao espetáculo de acidentes imprevistos: "Que felicidade! exclamou ele, um dia, durante o período mais dramático de 1848, que felicidade viver em uma época tão fértil em acontecimentos extraordinários e inesperados!"

Seu Espírito, voltado quase que unicamente para as ciências que tratam da matéria organizada, negligenciara as ciências filosóficas: também estava no direito de dizer que lhe faltava elevação nas idéias. Entretanto, nenhum ato de sua vida prova que haja menosprezado as grandes leis morais impostas à Humanidade. Em suma, o senhor Paul Gaimard tinha uma bela inteligência: essencialmente proba e honesta, naturalmente prestativo, era incapaz de fazer o menor mal a alguém. Não se pode censurá-lo, talvez, senão por ter sido muito amigo dos prazeres; mas o mundo e os prazeres não corromperam nem seu julgamento, nem seu coração: também o senhor Paul Gaimard mereceu o pesar de seus amigos e de todos aqueles que o conheceram.

SARDOU.

Senhora Reynaud, sonâmbula

Revista Espírita, março de 1859

Sonâmbula, falecida em Annonay, há mais ou menos um ano; sua lucidez era, sobretudo, notável para as questões médicas, embora iletrada em seu estado natural.

Um de nossos correspondentes, que a conhecera em vida, pensando que se poderia obter dela notícias úteis, endereçou-nos algumas perguntas que nos pediu fazer-lhe, se julgássemos oportuno interrogá-la, o que fizemos na sessão da Sociedade do dia 28 de janeiro de 1859. Às questões de nosso correspondente, acrescentamos todas as que nos pareceram ter algum interesse.

1. Evocação. - R. Estou aqui; o que quereis de mim?

2. Tendes uma lembrança exata de vossa existência corpórea? - R. Sim, muito precisa.

3. Poderíeis pintar-nos vossa situação atual? - R. É a mesma de todos os Espíritos que habitam nossa Terra: geralmente possuem a intuição do bem, e todavia não podem obter a felicidade perfeita, reservada unicamente à maior perfeição.

4. Quando vivíeis, éreis sonâmbula lúcida; poderíeis dizer se a vossa lucidez, então, era análoga a que tendes agora como Espírito? - R. Não: diferia em que não tinha a prontidão e a justeza que meu Espírito possui hoje.

5. A lucidez sonambúlica é uma antecipação da vida espírita, quer dizer, um isolamento do Espírito, com relação à matéria? - R. É uma das fases da vida terrestre; mas a vida terrestre é a mesma que a vida celeste.

6. Que entendeis dizendo que a vida terrestre é a mesma que a vida celeste? - R. Que a cadeia de existências está formada por anéis seguidos e contínuos: nenhuma interrupção lhe vem deter o curso. Pode-se dizer, pois, que a vida terrestre é a continuação da vida celeste precedente e o prelúdio da vida celeste futura e, assim, sem interrupção, por todas as encarnações que um Espírito pode ter que sofrer: o que faz com que não haja, entre essas duas existências, uma separação tão absoluta como o credes.

Nota. Durante a vida terrestre, o Espírito, ou a alma, pode agir independentemente da matéria, e o homem goza, em certos momentos, da vida espírita, seja durante o sono, seja mesmo no estado de vigília. As faculdades do Espírito se exercendo apesar da presença do corpo, há entre a vida terrestre e a vida de além-túmulo uma correlação constante, o que fez a senhora Reynaud dizer que é a mesma: a resposta seguinte definiu claramente seu pensamento.

7. Por que, então, todo o mundo não é sonâmbulo? - R. Ignorais ainda, pois, que todos vós o sois, mesmo sem sono e muito despertos, em graus diferentes?

8. Concebemos que todos o somos, mais ou menos, durante o sono, uma vez que o estado

de sonho é uma espécie de sonambulismo imperfeito; mas, que entendeis dizendo que o somos mesmo no estado de vigília? - R. Não tendes as intuições, das quais não vos apercebeis, e que não são outra coisa que uma faculdade do Espírito? O poeta é um médium, um sonâmbulo.

9. Vossa faculdade sonambúlica contribuiu para o vosso desenvolvimento como Espírito depois da morte? - R. Pouco.

10. No momento da morte, estivestes muito tempo na perturbação? - R. Não; eu me reconheci logo: estava cercada de amigos.

11. Atribuíis à vossa lucidez sonambúlica o vosso pronto desligamento? - R. Sim, um pouco. Conheci antes a sorte dos agonizantes; mas isso não me teria servido para nada, se não possuísse uma alma capaz de encontrar uma vida melhor por melhores faculdades.

12. Pode-se ser bom sonâmbulo sem possuir um Espírito de uma ordem elevada? - R. Sim. As faculdades estão sempre em relação: somente vos enganais crendo que tais faculdades pedem boas disposições; não, o que credes bom, freqüentemente, é mau: desenvolveria isso, se me compreendêsseis.

Há sonâmbulos que conhecem a fundo o futuro, que contam fatos que chegam e dos quais não têm nenhum conhecimento no seu estado normal; há outros que sabem pintar perfeitamente os caracteres daqueles que os interrogam, indicar exatamente um número de anos, uma soma em dinheiro, etc.: isso não pede nenhuma superioridade real; é simplesmente um exercício da faculdade que o Espírito possui e que se manifesta no sonâmbulo adormecido. O que requer uma superioridade real é o uso que dela se pode fazer para o bem; é a consciência do bem e do mal; é conhecer Deus melhor do que os homens o conhecem; é poder dar conselhos próprios para fazer progredir no caminho do bem e da felicidade.

13. O uso que um sonâmbulo faz de sua faculdade influi sobre o seu estado de Espírito depois da morte? - R. Sim, muito, como o uso bom ou mau de todas as faculdades que Deus nos concedeu.

14. Poderíeis nos explicar como tínheis conhecimentos médicos, sem fazer nenhum estudo? - R. Sempre faculdade espiritual: outros Espíritos me aconselhavam; eu era médium: é o estado de todos os sonâmbulos.

15. Os medicamentos que um sonâmbulo prescreve, são sempre indicados por um Espírito, ou o são também por instinto, como entre os animais que vão procurar a erva que lhes é salutar? - R. Indicam-lhe se pede conselhos, no caso em que sua experiência não basta. Conhece-os pelas suas qualidades.

16. O fluido magnético é o agente da lucidez sonambúlica como a luz para nós? - R. Não, é o agente do sono.

17. O fluido magnético é o agente da visão, no estado de Espírito? - R. Não.

18. Vede-nos aqui tão claramente como se estivésseis viva, com o vosso corpo? - R. Melhor, agora: o que vejo a mais é o homem interior.

19. Ver-nos-íeis do mesmo modo se estivéssemos na obscuridade? - R. Igualmente bem.

20. Vede-nos tão bem, melhor ou menos bem do que veríeis em vida, mas em sonambulismo? - R. Melhor ainda.

21. Qual é o agente ou a intermediário de que vos servis para ver-nos? - R. Meu Espírito. Não tenho nem olho, nem pupila, nem retina, nem cílios, e, todavia, eu vos vejo melhor do que qualquer de vós vê seu vizinho: é pelo olho que vedes, mas é o vosso Espírito quem vê.

22. Tendes consciência da obscuridade? - R. Sei que ela existe para vós; para mim ela não existe.

Nota. Isso confirma o que sempre dissemos, que a faculdade de ver é uma propriedade inerente à própria natureza do Espírito e que reside em todo o seu ser; no corpo ela está localizada.

23. A dupla vista pode ser comparada ao estado sonambólico? - R. Sim: a faculdade que não vem do corpo.

24. O fluido magnético emana do sistema nervoso ou está espalhado na massa atmosférica? - R. Do sistema nervoso; mas o sistema nervoso o aure na atmosfera, foco principal. A atmosfera não o possui por si mesma, ele vem de seres que povoam o Universo: não é o nada que o produz, ao contrário, é a acumulação da vida e da eletricidade que essa multidão de existências libera.

25. O fluido nervoso é um fluido próprio ou seria o resultado de uma combinação de todos os outros fluidos imponderáveis que penetram no corpo, tais como o calor, a luz, a eletricidade? - R. Sim e não: não conheceis bastante esses fenômenos para deles falar assim; vossas palavras não exprimem o que quereis dizer.

26. De onde vem o adormecimento produzido pela ação magnética? - R. A agitação produzida pela sobrecarga de fluido que obstrui o magnetizado.

27. A força magnética, no magnetizador, depende de sua constituição física? - R. Sim, mas sempre de seu caráter: em uma palavra, dele mesmo.

28. Quais são as qualidades morais que, num sonâmbulo, podem ajudar o desenvolvimento de suas faculdades? - R. As boas: perguntastes o que pode ajudar.

29. Quais são os defeitos que mais o prejudicam? - R. A má fé.

30. Quais são as qualidades mais essenciais no magnetizador? - R. O coração; as boas intenções sempre firmes; o desinteresse.

31. Quais são os defeitos que mais o prejudicam? - R. Os maus pendores, ou antes, o desejo de prejudicar.

32. Quando viva, víeis os Espíritos em vosso estado sonambólico? - R. Sim.

33. Por que todos os sonâmbulos não os vêem? - R. Todos os vêem por momentos, e em diferentes graus de claridade.
34. De onde vem, para certas pessoas não sonâmbulas, a faculdade de ver os Espíritos no estado de vigília? - R. Isso é dado por Deus, como a outros a inteligência ou a bondade.
35. Essa faculdade procede de uma organização física especial? - R. Não.
36. Essa faculdade pode se perder? - R. Sim, como pode ser adquirida.
37. Quais são as causas que podem fazê-la perder? - R. As más intenções, dissemos. Por condição primeira, é preciso procurar propor-se, realmente, fazer dela um bom uso; uma vez definido isso, julgai se mereceis esse favor, porque ela não é dada inutilmente. O que prejudica àqueles que a possuem, é que, quase sempre, misturam-lhe essa infeliz paixão humana que conheceis tão bem (o orgulho), mesmo com o desejo de conseguir os melhores resultados; glorifica-se com o que não é senão obra de Deus, e, freqüentemente, se quer dela tirar proveito. - Adeus.
38. Para onde ides, em nos deixando? - R. Às minhas ocupações.
39. Poderíeis dizer-nos quais são as vossas ocupações? - R. Tenho-as como vós; trato primeiro de me instruir e, por isso, misturo-me às sociedades melhores do que eu; como lazer faço o bem, e minha vida se passa na esperança de alcançar maior felicidade. Não temos nenhuma necessidade material a satisfazer e, por conseguinte, toda a nossa atividade se dirige para o nosso progresso moral.

Hitoti, chefe taitiano

Revista Espírita, março de 1859

Um oficial da marinha, presente na sessão da Sociedade, de 4 de fevereiro último, testemunhou o desejo de evocar um chefe taitiano, de nome Hitoti, que havia conhecido pessoalmente durante sua estada na Oceania.

1. Evocação. - R. Que desejais?

2. Poderíeis dizer-nos por que abraçastes, de preferência, a causa francesa na Oceania? - R. Eu amava essa nação; de resto, meu interesse mo mandava.

3. Ficastes satisfeito com a viagem que mandamos fazer à França o vosso neto, e com os cuidados que lhe proporcionamos? - R. Sim, e não. Essa viagem, talvez muito aperfeiçoou seu espírito, mas isso o tornou completamente estranho à sua pátria, dando-lhe idéias que jamais deveriam nele nascer.

4. Das recompensas que recebestes do governo francês, quais foram as que mais vos satisfizeram? - R. As condecorações.

5. E, entre as condecorações, qual preferis? - R. A Legião de Honra.

Nota. Essa circunstância era ignorada pelo médium e por todos os assistentes; foi confirmada pela pessoa que fez a evocação. Embora o médium que servia de intermediário fosse intuitivo, e não mecânico, como esse pensamento poderia ser o seu próprio? Poder-se-ia conceber para uma questão banal, mas isso não seria admissível quando se trata de um fato positivo, do qual nada podia dar-lhe a idéia.

6. Estais mais feliz agora do que quando vivo? - R. Sim, muito mais.

7. Em que estado está vosso Espírito? - R. Errante, devendo me reencarnar logo.

8. Quais são as vossas ocupações em vossa vida errante? - R. Instruir-me.

Nota. Essa resposta é quase geral entre todos os Espíritos errantes; aqueles que estão mais avançados moralmente, acrescentam que se ocupam em fazer o bem, e assistem aqueles que têm necessidade de conselhos.

9. De que maneira vos instruí, por que não deveis fazê-lo do mesmo modo que durante a sua vida? - R. Não; trabalho meu espírito; eu viajo. Compreendo que isso é pouco inteligível para vós; sabereis, com efeito, mais tarde.

10. Quais são os continentes que freqüentais com mais bom grado? - R. Continentes? Não viajo mais sobre vossa Terra, estejais bem persuadidos disso; vou mais alto, mais baixo, acima, abaixo, moral e fisicamente. Vi e examinei, com o maior cuidado, mundos ao vosso oriente e ao vosso poente, que ainda estão num estado de barbárie terrível, e outros que

estão poderosamente elevados acima de vós.

11. Dissestes que estaríeis logo reencarnado, sabeis em qual mundo? - R. Sim, estou ali freqüentemente.

12. Poder-nos-ia designá-lo? - R. Não.

13. Por que, em vossas viagens, negligenciais vossa Terra? -R. Eu a conheço.

14. Embora não viajais mais sobre esta Terra, pensais ainda em algumas pessoas que aqui pudestes amar? - R. Pouco.

15. Não vos ocupais mais, pois, com aqueles que vos testemunharam afeição? - R. Pouco.

16. Lembrai-vos deles? - R. Muito bem; mas nos reveremos e espero pagar tudo isso. Perguntam-me se deles me ocupo? Não, mas não os esqueço por isso.

17. Não revistes esse amigo do qual faço alusão a toda hora e que, como vós, está morto? - R. Sim, porém nos reveremos mais materialmente; estaremos encarnados em uma mesma esfera, e nossas existências se tocarão.

18. Agradecemos-vos por consentir em responder ao nosso chamado. - R. Adeus; trabalhai e pensai.

Nota. A pessoa que fez a evocação, e que conhece os costumes desses povos, declarou que essa última frase está conforme seus hábitos; entre eles, é uma locução de uso de alguma sorte banal, o que o médium não poderia adivinhar. Igualmente, reconhece que toda a conversa está em relação com o caráter do Espírito evocado, e que, para ele, sua identidade está evidenciada.

A resposta à questão 17 oferece uma particularidade notável. *Estaremos encarnados em uma mesma esfera, e nossas existências se tocarão.* Está confirmado que os seres que se amaram se reencontram no mundo dos Espíritos, mas parece, além do mais, segundo muitas respostas análogas, que podem seguirem-se, algumas vezes, numa outra existência corporal onde as circunstâncias os aproximam sem que disso suspeitem, seja pelos laços de parentesco, seja pelas relações amigáveis. Isso nos dá a razão de certas simpatias.

Um Espírito estouvado

Revista Espírita, março de 1859

O senhor J., um de nossos colegas da Sociedade, vira, diversas vezes, chamadas azuis passearem sobre sua cama. Convicto de que era uma manifestação, tivemos a idéia, no dia 20 de janeiro último, de evocar um desses Espíritos, a fim de nos edificar sobre a sua natureza.

1. Evocação. - R. E que me queres?
 2. Com qual objetivo te manifestaste na casa do senhor J.....? - R. Que te importa?
 3. A mim, isso pouco importa, é verdade; mas isso não é indiferente ao senhor J... - R. Ah! a bela razão!
- Nota.* Essas primeiras perguntas foram feitas pelo senhor Kardec. O senhor J... prosseguiu no interrogatório.
4. É que não recebo todo o mundo de bom grado em minha casa. - R. Estás errado; sou muito bom.
 5. Dá-me, pois, o prazer de dizer-me o que fazias em minha casa? - R. Crês, por acaso, que, porque sou bom, devo obedecer-te?
 6. Foi-me dito que és um Espírito muito leviano. - R. Fazem de mim uma bem má reputação, fora de propósito.
 7. Se é uma calúnia, prove-o. - R. Isso não desejo mais.
 8. Eu poderia bem empregar um meio para conhecer-te. - R. Isso não poderia senão divertir-me, com efeito, um pouco.
 9. Eu te intimo a dizer-me o que vieste fazer em minha casa. - R. Não tinha senão um objetivo, o de divertir-me.
 10. Isso não está de acordo com o que me foi dito por Espíritos superiores. - R. Fui enviado à tua casa, disso conheces a razão. Estás contente?
 11. Pois mentiste? - R. Não.
 12. Não tinhas, portanto, más intenções? - R. Não; disseram-te o mesmo que eu.
 13. Poderias dizer-me qual a tua classe entre os Espíritos? - R. Tua curiosidade me apraz.
 14. Uma vez que pretendes ser bom, por que me respondes de modo tão pouco conveniente?

- R. É que te insultei?

15. Não; mas, por que respondes de modo evasivo e te recusas a dar-me as informações que te peço? - R. Sou livre para fazer o que quero, entretanto, sob o comando de certos Espíritos.

16. Então, vejo, com prazer, que comesças a ser mais conveniente, e auguro que terei contigo relações mais amáveis. - R. Coloque tuas frases de lado, farás muito melhor.

17. Sob qual forma estás aqui? - R. De forma, não a tenho.

18. Sabes o que é o perispírito? - R. Não; a menos que isso seja do vento.

19. O que eu poderia fazer-te que te seja agradável? - R. Já o disse: cala-te.

20. A missão que vieste cumprir em minha casa te fará avançar como Espírito? - R. Isso é um outro assunto; não me dirijas mais tais perguntas. Sabes que obedeço a certos Espíritos; dirige-te a eles; quanto a mim, não peço senão para ir-me.

21. Tivemos más relações, em uma outra existência, e isso seria a causa de teu mau humor? - R. Não lembras mais o mal que disseste de mim, e isso a quem queria ouvi-lo. Cala-te, digo-te.

22. Não te disse senão o que me foi dito pelos Espíritos superiores a ti. - R. Disseste também que eu te havia obsediado.

23. Ficastes satisfeito com o resultado que obtiveste? - R. Isso é assunto meu.

24. Sempre queres, pois, que conserve de ti má opinião? - R. É possível! Eu me vou.

Nota: Pode-se ver, pelas conversas que relatamos, a extrema diversidade que há na linguagem dos Espíritos, segundo o grau de sua elevação. A dos Espíritos dessa natureza é quase sempre caracterizada pela rudeza e pela impaciência; quando são chamados nas reuniões sérias, sente-se que não vêm de bom grado; têm pressa de se irem, e isso porque não estão cômodos, em meio de seus superiores e de pessoas que os colocam, de algum modo, na berlinda. Não ocorre o mesmo nas reuniões frívolas, onde se diverte com seus gracejos; estão, em seu centro, e se entregam de coração alegre.

Plínio, o moço

Revista Espírita, março de 1859

Carta de Plínio, o Moço a Sura.

(Livro VII.-Carta271)

"O ócio que desfrutamos vos permite ensinar e me permite aprender. Gostaria, pois, muito de saber se os fantasmas têm alguma coisa de real, se têm uma verdadeira aparência, se são gênios, ou se não são senão vãs imagens que se traçam numa imaginação perturbada pelo medo. O que me inclina a crer que há verdadeiros espectros, é o que se me disse haver ocorrido a Curtius Rufus. No tempo em que ainda estava sem fortuna e sem nome, seguira na África aquele que o governo lhe havia escolhido. No declínio do dia, passeava sob um pórtico, quando uma mulher, de um talhe e de uma beleza mais do que humanas apresentou-se-lhe: "Eu sou a África, disse ela. Venho predizer-te o que te deve acontecer. Tu irás a Roma, exercerás os maiores cargos, e retornarás, em seguida, para governar esta província, onde morrerás."

Tudo aconteceu como ela havia predito. Conta-se mesmo que, ancorando em Cartago, e saindo de sua nave, a mesma figura se apresentou diante dele, e veio ao seu encontro sobre a margem.

"O que há de verdade, é que caiu doente, e que, julgando o futuro pelo passado, a infelicidade que o ameaçava pela boa fortuna que havia provado, desesperou-se primeiro de sua cura, apesar da boa opinião que os seus dele conceberam.

"Mas eis uma outra história, que não vos parecerá menos surpreendente, e que é bem mais horrível. Eu lha darei tal como a recebi.

- Havia em Atenas uma casa muito grande e muito habitável, mas desacreditada e deserta. No profundo silêncio da noite, ouvia-se um ruído de ferros, e, se se aplicasse o ouvido com mais atenção, um ruído de correntes, que parecia primeiro vir de longe e, em seguida, se aproximar. Logo via-se um espectro parecido com um velho, muito magro, muito abatido, que tinha uma longa barba, cabelos eriçados, ferros nos pés e nas mãos, que sacudia horrivelmente. Daí, noites horríveis e sem sono para aqueles que habitavam essa casa. A insônia, com o tempo, trazia a doença, e a doença aumentando o medo, era seguida da morte. Porque durante o dia, embora o espectro não aparecesse mais, a impressão que dera o remetia sempre diante dos olhos e o medo passado gerava um novo. Por fim, a casa foi abandonada, e deixada inteiramente ao fantasma. Colocou-se-lhe, todavia, uma placa para advertir que estava para alugar ou à venda, no pensamento de que alguém, pouco instruído de um desconforto tão terrível, poderia ser enganado.

O filósofo Atenodoro veio a Atenas. Percebendo a placa, perguntou o preço. A modicidade colocou-o em desconfiança, e se informou. Foi-lhe contada a história, e longe de fazê-lo romper sua compra, a contratou sem demora. Ali se alojou, e à tarde ordenou que levantassem sua cama no quarto da frente, que trouxessem suas tabuinhas, sua pena e a luz, e que as pessoas se retirassem para o fundo da casa. Ele, com medo que sua imaginação

não fosse ao sabor de um medo frívolo se figurar fantasmas, aplicou seu espírito, seus olhos e sua mão em escrever. No começo da noite um profundo silêncio reinava nessa casa, como por toda parte alhures. Em seguida, ouviu ferros se entrechocarem, correntes se chocarem; não levantou os olhos, não deixou sua pena; firmou-se e se esforçou em impor-se aos seus ouvidos. O ruído aumentou, aproximou-se; parecia que estava perto da porta do quarto. Ele olhou e percebeu o espectro, tal como lhe haviam pintado. Esse espectro estava de pé e o chamava com o dedo. Atenodoro fez-lhe sinal com a mão para esperar um pouco, e continuou a escrever como se nada houvesse. O espectro recomeçou seu tumulto com suas correntes, que fazia soar nos ouvidos do filósofo. Este olhou ainda uma vez, e viu que ele continuava a chamá-lo com o dedo. Então, sem mais tardar, levantou-se, tomou a luz e seguiu. O fantasma caminhou com passo lento, como se o peso das correntes o sobrecarregasse. Chegados ao pátio da casa, ele desapareceu de repente, e deixou nosso filósofo, que recolheu ervas e folhas, e as colocou no lugar onde ele o havia deixado, para poder reconhecê-lo. No dia seguinte, foi procurar os magistrados e suplicou-lhes ordenar que se escavasse naquele lugar. Foi feito; encontraram-se ossos ainda envolvidos em correntes; o tempo havia consumido as carnes. Depois que foram reunidos cuidadosamente, foram sepultados publicamente e, depois que se deu ao morto os últimos deveres, ele não perturbou mais o repouso dessa casa.

"O que acabo de contar, eu o creio sobre a fé de outro. Mas, eis o que posso assegurar aos outros sobre a minha. - Tenho um liberto chamado Marcus, que não é sem saber. Havia deitado com seu irmão mais novo. Pareceu-lhe ver alguém sentado sobre sua cama, e que aproximava a tesoura de sua cabeça e mesmo lhe cortava cabelos acima de sua fronte. Quando fez luz, percebeu que tinha o alto da testa liso, e seus cabelos foram encontrados esparramados perto dele. Pouco depois, semelhante aventura tendo ocorrido com um dos meus criados, não me permite mais duvidar da verdade do outro. Um dos meus jovens escravos dormia com os companheiros, no lugar que lhes está destinado. Dois homens vestidos de branco (foi assim que contou) vieram pelas janelas, raspam-lhe a cabeça enquanto dormia, e retornaram como tinham chegado. No dia seguinte, quando chegou o dia, encontrou-se raspado, como se encontrara o outro, e os cabelos que lhe foram cortados, esparsos sobre o soalho.

"Essas aventuras não teriam nenhuma conseqüência, se eu não fora acusado, diante de Domitien, sob cujo reinado elas ocorreram. Eu não teria escapado, se ele vivesse, porque se encontrou, em sua pasta para papéis, um requerimento contra mim, feito por Carus. Daí pode-se conjecturar que, como o costume dos acusados é negligenciar seus cabelos, e deixá-los crescer, aqueles que o haviam cortado aos meus criados, assinalavam que eu estava fora de perigo. Suplico-vos, pois, colocar toda a vossa erudição em ação. O assunto é digno de uma meditação profunda e, talvez, não seja indigno de que me partilheis vossas luzes. Se, segundo vosso costume, balançardes as duas opiniões contrárias, fazei, todavia, com que a balança penda de algum lado, para tirar-me da inquietação na qual estou, porque não vos consulto senão para nela não mais estar. -Adeus."

Resposta de Plínio, o Moço, às perguntas que lhe foram endereçadas, na sessão da Sociedade de 28 de janeiro de 1859.

1. Evocação. - Resp. Falai; eu responderei.

2. Embora estejais morto há 1743 anos, tendes a lembrança de vossa existência em Roma, ao tempo de Trajano? - R. Por que, pois, nós Espíritos não poderíamos nos lembrar? Lembrai-vos bem dos atos de vossa infância. O que é, pois, para o Espírito, uma existência passada, senão a infância das existências pelas quais deveremos passar, antes de atingirmos o fim de

nossas provas. Toda existência terrestre, ou envolvida no véu material, é uma aproximação com o éter, e, ao mesmo tempo, uma infância espiritual e material; espiritual, porque o Espírito está, ainda, no início das provas; material, porque ele não faz senão entrar nas fases grosseiras pelas quais deve passar para se depurar e se instruir.

3. Poderíeis dizer-nos o que fizestes desde essa época? - R. O que fiz, seria bem longo; procurei fazer o bem; não quereis, sem dúvida, passar horas inteiras à espera que eu termine; contentai-vos, pois, com uma resposta; eu o repito, procurei fazer o bem, instruir-me, conduzir criaturas terrestres e errantes a se aproximarem do Criador de todas as coisas; daquilo que nos dá o pão da vida espiritual e material.

4. Que mundo habitais? - R. Pouco importa; estou um pouco por toda parte: o espaço é o meu domínio, e o de muitos outros. Essas são perguntas às quais um Espírito, sábio e esclarecido da luz santa e divina, não deve responder, ou somente em ocasiões muito raras.

5. Em uma carta que escrevestes a Sura, narrastes três fatos de aparições; lembrai-vos delas? - R. Eu as sustento porque foram verdadeiras; todos os dias, tendes fatos semelhantes aos quais não prestais atenção; são muito simples mas, na época em que vivi, tê-lo-íamos achado surpreendentes; vós, vós não deveis vos espantar com isso; deixai, pois, de lado essas coisas, tende-as mais extraordinárias.

6. Temos, todavia, o desejo de dirigir-vos algumas perguntas a esse respeito. - R. Uma vez que vos responda de maneira geral, isso deverá vos bastar; entretanto, fazei-as, se o desejais absolutamente; serei lacônico em minhas respostas.

7. No primeiro fato,, uma mulher apareceu a Curtius Rufus e disse-lhe que ela era a África. Quem era essa mulher? - R. Uma grande figura; parece-me que era muito simples para homens esclarecidos, tais como aqueles do século XIX.

8. Qual motivo fazia agir o Espírito que apareceu a Atenodoro, e por que esse ruído de correntes? - R. Figura da escravidão, manifestação; meio de convencer os homens, de chamar sua atenção fazendo falar da coisa, e de provar a existência do mundo espiritual.

9. Defendestes, diante de Trajano, a causa dos cristãos perseguidos; foi por um simples motivo de humanidade ou por convicção da verdade de sua doutrina? - R. Eu tinha os dois motivos; a humanidade não caminhava senão em segunda linha.

10. Que pensais de vosso panegírico de Trajano? - R. Haveria necessidade de ser refeito.

11. Escrevestes uma história de vosso tempo, ela perdeu-se; ser-vos-ia possível reparar essa perda no-la ditando? - R. O mundo dos Espíritos não se manifesta especialmente para estas coisas; tendes essas espécies de manifestações e elas têm seu objetivo; são tantas estacas semeadas à direita e à esquerda sobre o grande caminho da verdade, mas deixai fazer e não vos ocupeis disso consagrando-vos aos vossos estudos; cabe a nós o cuidado de ver e de julgar o que importa que saibais; cada coisa tem seu tempo; não vos desvieis, pois, da linha que vos traçamos.

12. É apazível fazer justiça às vossas boas qualidades e, sobretudo, ao vosso desinteresse. Diz-se que não exigíeis nada de vossos clientes pelos vossos discursos; esse desinteresse era tão raro em Roma quanto o é entre nós? - R. Não bajuleis minhas qualidades passadas: não as tenho mais. O desinteresse não é quase nada de vosso século; em duzentos homens

tendes apenas um ou dois verdadeiramente desinteressados; sabeis que o século está para o egoísmo e o dinheiro. Os homens do presente são edificados com a lama e se revestem de metal. Antigamente havia coração, valor pessoal entre os Antigos, agora não há senão o lugar.

13. Sem absolver nosso século, parece-nos, entretanto, que vale ainda mais que aquele em que vivestes, aquele onde a corrupção estava em seu auge, e onde a delação nada conhecia de sagrado. - R. Faço uma generalidade que é bem verdadeira; sei que, na época em que vivi, não havia muito maior desinteresse; mas, entretanto, havia o que não possuis, eu o repito, ou pelo menos em dose muito fraca: o amor ao belo, ao nobre e ao grande. Falo por todo o mundo; o homem do presente, sobretudo os povos do Ocidente, particularmente o Francês, tem o coração pronto para fazer grandes coisas, mas isso não é senão o brilho que passa; depois vem a reflexão, e a reflexão olha e diz: o positivo, o positivo antes de tudo; e o dinheiro, e o egoísmo a ocupar-se de estar por cima. Nós nos manifestamos justamente porque vos desviastes dos grandes princípios dados por Jesus. Adeus, vós não o compreendeis.

Nota. Compreendemos muito bem que o nosso século ainda deixa muito a desejar, sua praga é o egoísmo, e o egoísmo engendra a cupidez e a sede de riquezas. Sob esse aspecto, está longe do desinteresse do qual o povo romano deu tantos exemplos sublimes numa certa época, mas que não foi a de Plínio. Seria injusto, todavia, menosprezar sua superioridade em mais de um aspecto, mesmo nos mais belos tempos de Roma, que também tiveram seus exemplos de barbárie. Havia, então, ferocidade até na grandeza e no desinteresse; ao passo que nosso século se marcará pelo abrandamento dos costumes, os sentimentos de justiça e de humanidade que presidem a todas as instituições que vê nascer, e até mesmo nas querelas dos povos.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Abril

- [Quadro da vida Espírita](#)
- [Fraudes Espíritas](#)
- [Problema moral - Os canibais](#)
- [A Indústria; dissertação](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo - Benvenuto Cellini](#)
- [Girard de Codemberg](#)
- [Poitevin, aeronauta](#)
- [Pensamentos Poéticos](#)
- [Sonâmbulos remunerados](#)
- [Aforismos Espíritas e pensamentos destacados](#)
- [Aviso](#)

Quadro da vida Espírita

Revista Espírita, abril de 1859

Todos nós, sem exceção, cedo ou tarde, atingiremos o termo fatal da vida; nenhum poder poderia nos subtrair a essa necessidade, eis o que é positivo. As preocupações do mundo, freqüentemente, nos desviam do pensamento do que ocorre além do túmulo, mas, quando chega o momento supremo, poucos são os que não se perguntam em que se tornarão, porque a idéia de deixar a existência sem retomo tem alguma coisa de pungente. Quem poderia, com efeito, encarar com indiferença uma separação absoluta, eterna, de tudo o que se amou? Quem poderia ver sem medo abrir-se, diante de si, o abismo imenso do nada, onde viriam desaparecer para sempre todas as nossas faculdades, todas as nossas esperanças? "O que! depois de mim, nada, nada mais que o vazio; tudo se acabou sem retorno; ainda alguns dias e a minha lembrança será apagada da memória daqueles que me sobreviveram; logo, não restará nenhum traço da minha passagem sobre a Terra; o próprio bem que fiz será esquecido pelos ingratos que obsequiei; e nada para compensar tudo isso, nenhuma outra perspectiva que a de meu corpo roído pelos vermes!" Esse quadro do fim do materialista, traçado por um Espírito que viveu nesses pensamentos, não tem alguma coisa de horrível, de glacial? A religião nos ensina que isso não pode ser assim, e a razão no-lo confirma; mas essa existência futura, vaga e indefinida, nada tem que satisfaça nosso amor ao positivo; é o que, em muitos, engendra a dúvida. Temos uma alma, seja; mas, o que é a nossa alma? Tem ela uma forma, uma aparência qualquer? É um ser limitado ou indefinido? Uns dizem que é um sopro de Deus, outros uma centelha, outros uma parte do grande todo, o princípio da vida e da inteligência; mas o que é que tudo isso nos ensina? Diz-se, ainda, que ela é imaterial; mas uma coisa imaterial não poderia ter proporções definidas; para nós isso não é nada. A religião nos ensina, ainda, que seremos felizes ou infelizes, segundo o bem ou o mal que fizermos; mas qual é essa felicidade que nos espera no seio de Deus? É uma beatitude, uma contemplação eterna, sem outro emprego que o de cantar os louvores do Criador? As chamas do inferno são uma realidade ou uma figura? A própria Igreja o entende nesta última acepção, mas, quais são esses sofrimentos? Onde está esse lugar de suplício? Em uma palavra, que se faz, que se vê, nesse mundo que a todos espera? Ninguém, diz-se, voltou para dele nos dar conta. É um erro, e a missão do Espiritismo é precisamente esclarecer-nos sobre esse futuro, de no-lo fazer, até um certo ponto, tocar pelo dedo e pelo olhar, não mais pelo raciocínio, mas pelos fatos. Graças às comunicações espíritas, isso não é mais uma presunção, uma probabilidade sobre a qual cada um borda à sua maneira, que os poetas embelezam com suas ficções, ou semeiam imagens alegóricas que nos enganam, é a própria realidade que nos aparece, porque são os próprios seres de além-túmulo que vêm nos pintar a sua situação, dizer-nos o que fazem, que nos permitem assistir, por assim dizer, a todas as peripécias de sua nova vida, e, por esse meio, nos mostram a sorte inevitável que nos espera, segundo nossos méritos e nossos defeitos. Há aí algo de anti-religioso? Bem ao contrário, uma vez que os incrédulos nisso encontram a fé, os tépidos uma renovação de fervor e de confiança. O Espiritismo é, pois, o mais poderoso auxiliar da religião. Uma vez que isso é, é que Deus o permite, e o permite para reanimar nossas esperanças vacilantes, e nos reconduzir ao caminho do bem pela perspectiva do futuro que nos espera.

As conversas familiares de além-túmulo que damos, os relatos que contêm da situação dos Espíritos que nos falam, nos iniciam em suas penas, em suas alegrias, em suas ocupações; é o quadro animado da vida espírita, e na própria variedade dos assuntos podemos encontrar as analogias que nos tocam. Vamos tentar resumir-lhe o conjunto.

Tomemos primeiro a alma, em sua saída deste mundo, e vejamos o que se passa nessa transmigração. Extinguindo-se as forças vitais, o Espírito se separa do corpo no momento em que se extingue a vida orgânica; mas essa separação não é brusca e instantânea. Ela começa, algumas vezes, antes da cessação completa da vida; não está sempre completa no instante da morte. Sabemos que, entre o Espírito e o corpo, há uma laço semi-material que constitui um primeiro envoltório; é esse laço que não é quebrado subitamente e, enquanto ele subsiste, o Espírito está num estado de perturbação que se pode comparar àquele que acompanha o despertar; freqüentemente mesmo, ele duvida de sua morte; sente que existe, vê-se, e não compreende que possa viver sem seu corpo, do qual se vê separado; os laços que o unem, ainda, à matéria, tornam-no mesmo acessível a certas sensações que toma por sensações físicas; não é senão quando está completamente livre que o Espírito se reconhece: até aí não se apercebe de sua situação. A duração desse estado de perturbação, como o dissemos em outras ocasiões, é muito variável; pode ser de várias horas, como de vários meses, mas é raro que, ao cabo de alguns dias, o Espírito não se reconheça mais ou menos bem. Entretanto, como tudo lhe é estranho e desconhecido, é preciso um certo tempo para se familiarizar com a sua nova maneira de perceber as coisas.

O instante em que um deles vê cessar sua escravidão, pela ruptura dos laços que o retêm ao corpo, é um instante solene; em sua reentrada no mundo dos Espíritos, é acolhido por seus amigos, que vêm recebê-lo como no retorno de uma penosa viagem; se a travessia foi feliz, quer dizer, se o tempo de exílio foi empregado de modo proveitoso, por ele, e o eleva na hierarquia do mundo dos Espíritos, felicitam-no; aí reencontra àqueles que conheceu, mistura-se àqueles que o amam e simpatizam com ele, e então começa, verdadeiramente, para ele, sua nova existência.

O envoltório semi-material do Espírito constitui uma espécie de corpo de forma definida, limitada e análoga à nossa; mas esse corpo não tem nossos órgãos e não pode sentir todas as nossas impressões. Percebe, entretanto, tudo o que nós percebemos: a luz, os sons, os odores, etc.; e essas sensações, por não terem nada de material, não são menos reais; têm mesmo alguma coisa de mais clara, de mais precisa, de mais sutil, porque chegam ao Espírito sem intermediário, sem passarem pela fieira dos órgãos que as enfraquecem. A faculdade de perceber é inerente ao Espírito: é um atributo de todo o seu ser; as sensações chegam-lhe de toda parte e não por canais circunscritos. Um deles nos disse, falando da visão: "É uma faculdade do Espírito e não do corpo; vedes pelos olhos, mas em vós não é o olho que vê, é o Espírito."

Pela conformação dos nossos órgãos, temos necessidade de certos veículos para as nossas sensações; assim é que precisamos da luz para refletir os objetos, do ar para nos transmitir os sons; esses veículos tornam-se inúteis desde que não tenhamos mais os intermediários que os tomavam necessários; o Espírito vê, pois, sem o concurso de nossa luz, ouve sem ter necessidade das vibrações do ar; por isso, não há, para ele, a obscuridade. Mas sensações perpétuas e indefinidas, por agradáveis que sejam, tornar-se-iam fatigantes com o tempo se não se pudesse subtrair-se delas; o Espírito tem também a faculdade de suspendê-las; à vontade, pode cessar de ver, de ouvir, de sentir tais ou tais coisas, por conseguinte, não ver, não ouvir, não sentir o que não quer; esta faculdade está em razão de sua superioridade, porque há coisas que os Espíritos inferiores não podem evitar, e eis o que torna sua situação penosa.

É essa nova maneira de sentir que o Espírito não se explica tudo primeiro, e da qual não se apercebe senão pouco a pouco. Aqueles cuja inteligência está ainda atrasada, não a compreendem mesmo de todo, e teriam muita dificuldade para descrevê-la; absolutamente como, entre nós, os ignorantes vêem e se movem sem saberem por quê e como.

Essa impossibilidade de compreender o que está acima de sua capacidade, unida à fanfarrice, companheira comum da ignorância, é a fonte das teorias absurdas que dão certos Espíritos, e que nos induziriam em erro, nós mesmos, se as aceitássemos sem controle, e sem nos assegurarmos, pelos meios dados pela experiência e pelo hábito de conversar com eles, do grau de confiança que merecem.

Há sensações que têm sua fonte no próprio estado de nossos órgãos; ora, as necessidades inerentes ao nosso corpo não podem ocorrer do momento que nosso corpo não existe mais. O Espírito não sente, pois, nem a fadiga, nem a necessidade de repouso, nem a de alimentação, porque não tem nenhuma perda a reparar; não é afligido por nenhuma de nossas enfermidades. As necessidades do corpo ocasionam as necessidades sociais, que não existem mais para os Espíritos: assim, para eles, os cuidados dos negócios, os tormentos, as mil tribulações do mundo, as aflições que se dão para se proporcionar as necessidades ou as superfluidades da vida não existem mais; têm piedade do trabalho que nos damos por vãs futilidades; e, todavia, tanto os Espíritos elevados são felizes, quanto os Espíritos inferiores sofrem, mas esses sofrimentos são de preferência angústias, que por nada terem de físicas não são menos pungentes; eles têm todas as paixões, todos os desejos que tinham em sua vida (falamos dos Espíritos inferiores), e seu castigo é não poder satisfazê-los; para eles, é uma verdadeira tortura, que crêem perpétua, porque sua própria inferioridade não lhes permite ver o fim, e lhes é, ainda, um castigo.

A palavra articulada é também uma necessidade da nossa organização; não tendo os Espíritos necessidade de sons vibrantes para ferirem seus ouvidos, compreendem-se tão-só pela transmissão do pensamento, como nos ocorre, freqüentemente, a nós mesmos, nos compreendermos por um único olhar. Os Espíritos, entretanto, fazem barulho; sabemos que podem agir sobre a matéria, e essa matéria nos transmite o som; é assim que fazem ouvir sejam pancadas, sejam gritos no vago do ar, mas, então, é por nós que o fazem, e não por eles. Voltaremos sobre este assunto num artigo especial, onde trataremos da faculdade de médiuns audientes. Ao passo que arrastamos penosamente nosso corpo pesado e material sobre a Terra, como o condenado sua bola de ferro, o dos Espíritos, vaporoso, etéreo, transporta-se, sem fadiga, de um lugar para outro, transpõe o espaço com a rapidez do pensamento; penetra por toda parte e nenhuma matéria lhe é obstáculo.

O Espírito vê tudo o que vemos, e mais claramente do que podemos fazê-lo; além disso, vê o que os nossos sentidos limitados não nos permite ver; ele mesmo penetrando a matéria, descobre o que a matéria oculta aos nossos olhos.

Os Espíritos não são, pois, seres vagos, indefinidos, segundo as definições abstratas da alma que reportamos mais acima; são seres reais, determinados, circunscritos, gozando de todas as nossas faculdades e de muitas outras que nos são desconhecidas, porque elas são inerentes à sua natureza; têm as qualidades da matéria que lhes é própria e compõem o mundo invisível que povoa o espaço, nos cercam, nos acotovelam sem cessar. Suponhamos, por um instante, que o véu material que os oculta à nossa visão seja rasgado, ver-nos-íamos cercados de uma multidão de seres que vão, vêm, se agitam ao nosso redor, nos observam, como nós mesmos o somos quando nos encontramos em uma assembléia de cegos. Para os Espíritos, somos cegos, e eles são os videntes.

Dissemos que, entrando em sua nova vida, o Espírito leva algum tempo para se reconhecer, que tudo lhe é estranho e desconhecido. Perguntar-se-á, sem dúvida, como pode ser assim se já teve outras existências corpóreas; essas existências foram separadas por intervalos durante os quais habitaram o mundo dos Espíritos; esse mundo, portanto, não lhe deve ser desconhecido, uma vez que não o vê pela primeira vez.

Várias causas contribuem para tornar, essas percepções, novas para ele, embora já as tenha experimentado. A morte, dissemos, é sempre seguida de um instante de perturbação, mas que pode ser de curta duração. Nesse estado, suas idéias são sempre vagas e confusas: a vida corpórea se confunde, de alguma sorte, com a vida espírita, e não pode, ainda, separá-las em seu pensamento. Dissipada essa primeira perturbação, as idéias se elucidam pouco a pouco e, com elas, a lembrança do passado que não lhe chega senão gradualmente à memória, porque jamais essa memória nele se irrompe bruscamente. Não é senão quando está inteiramente desmaterializado que o passado se desenrola diante dele, como uma perspectiva saindo de um nevoeiro. Só então se lembra de todos os atos de sua última existência, depois de suas existências anteriores e suas diversas passagens pelo mundo dos Espíritos. Concebe-se, pois, depois disso, que, durante um certo tempo, esse mundo deve parecer-lhe novo, até que o reconheça completamente, e que as lembranças das sensações que nele experimentou lhe retornem de maneira precisa.

Mas, a essa causa, é preciso acrescentar uma outra não menos preponderante.

O estado do Espírito, como Espírito, varia extraordinariamente em razão do grau de sua elevação e de sua pureza. À medida que se eleva e se depura, suas percepções e suas sensações são menos grosseiras; adquirem mais finura, sutileza, delicadeza; ele vê, sente e compreende coisas que não podia nem ver, nem sentir e nem compreender em uma condição inferior. Ora, sendo cada existência corpórea, para ele, uma oportunidade de progresso, o conduz para um meio novo, porque se encontra, se progrediu, entre Espíritos de uma outra ordem cujos pensamentos e todos os hábitos são diferentes. Acrescentemos a isso que essa depuração permite-lhe penetrar, sempre como Espírito, em mundos inacessíveis aos Espíritos inferiores, como, entre nós, os salões da sociedade são interditados às pessoas mal educadas. Quanto menos está esclarecido, mais o horizonte lhe é limitado; à medida que se eleva e se depura, esse horizonte cresce e, com ele, o círculo de suas idéias e de suas percepções. A comparação seguinte pode no-lo fazer compreender. Suponhamos um camponês, rude e ignorante, vindo a Paris pela primeira vez; conhecerá e compreenderá ele a Paris do mundo elegante e do mundo sábio? Não, porque não freqüentará senão as pessoas de sua classe e os bairros que elas habitam. Mas que, no intervalo de uma segunda viagem, esse camponês se esclareça, haja adquirido instrução e maneiras polidas, seus hábitos e suas relações serão diferentes; então, verá um mundo novo para ele, que não se parecerá com a sua Paris de outrora. Ocorre o mesmo com os Espíritos; mas nem todos experimentam essa incerteza no mesmo grau. À medida que progridem, suas idéias se desenvolvem, a memória é mais rápida; estão previamente familiarizados com a sua nova situação; seu retorno, entre os outros Espíritos, nada mais tem que os espante: reencontram-se em seu meio normal, e, passado o primeiro momento de perturbação, se reconhecem quase que imediatamente.

Tal é a situação geral dos Espíritos, no estado que se chama errante; mas, nesse estado, que fazem? Como passam seu tempo? Essa questão é, para nós, de um interesse fundamental. Eles mesmos irão respondê-las, como foram eles que nos forneceram as explicações que acabamos de dar, porque, em tudo isto, nada saiu de nossa imaginação; isso não é um sistema despontado em nosso cérebro: nós julgamos segundo o que vemos e ouvimos. À parte toda opinião sobre o Espiritismo, convir-se-á que essa teoria da vida de além-túmulo nada tem de irracional; ela apresenta uma seqüência, um encadeamento perfeitamente lógicos, e que fariam honra a mais de um filósofo.

Seria erro crer que a vida espírita é uma vida ociosa; ao contrário, ela é essencialmente ativa, e todos nos falamos de suas ocupações; essas ocupações diferem, necessariamente, segundo esteja o Espírito errante ou encarnado. No estado de encarnação, são relativas à

natureza do globo que habitam, às necessidades que dependem do estado físico e moral desses globos, assim como da organização dos seres vivos. Não é disso que vamos nos ocupar aqui; não falaremos senão dos Espíritos errantes. Entre aqueles que alcançaram um certo grau de elevação, uns velam pelo cumprimento dos desígnios de Deus nos grandes destinos do Universo; dirigem a marcha dos acontecimentos e concorrem para o progresso de cada mundo; outros tomam os indivíduos sob sua proteção e se constituem seus gênios tutelares, os anjos guardiães, seguindo-os desde o nascimento até a morte, buscando dirigi-los no caminho do bem: é uma felicidade, para eles, quando seus esforços são coroados de sucesso. Alguns se encarnam em mundos inferiores para aí cumprirem missões de progresso; buscam pelo seu trabalho, seus exemplos, seus conselhos, seus ensinamentos, avançar estes nas ciências ou nas artes, aqueles na moral. Submetem-se, então, voluntariamente, às vicissitudes de uma vida corpórea, freqüentemente penosa, com o objetivo de fazerem o bem, e o bem que fazem lhes é contado. Muitos, enfim, não têm atribuições especiais; vão por toda parte onde sua presença possa ser útil, dar conselhos, inspirar boas idéias, sustentar os de coragem desfalecente, dar força aos fracos e castigo aos presunçosos.

Considerando-se o número infinito de mundos que povoam o Universo e o número incalculável de seres que os habitam, conceber-se-á que os Espíritos têm com que se ocuparem; mas essas ocupações não lhes são penosas; cumprem-nas com alegria, voluntariamente e não por constrangimento, e sua felicidade está em triunfarem naquilo que empreendem; ninguém sonha com uma ociosidade eterna que seria um verdadeiro suplício. Quando as circunstâncias o exigem, reúnem-se em conselho, deliberam sobre o caminho a seguir, segundo os acontecimentos, dão ordens aos Espíritos que lhes são subordinados, e, em seguida, vão para onde o dever os chama. Essas assembléias são mais ou menos gerais ou particulares, segundo a importância do assunto; nenhum lugar especial e circunscrito está destinado a essas reuniões: o espaço é o domínio dos Espíritos; todavia, de preferência, dirigem-se aos globos onde estão os seus objetivos. Os Espíritos encarnados que aí estão em missão, nelas tomam parte segundo sua elevação; enquanto seus corpos repousam, vão haurir conselhos entre os outros Espíritos, freqüentemente, receber ordens sobre a conduta que devem ter como homens. Em seu despertar, não têm, é verdade, uma lembrança precisa do que se passou, mas têm a intuição, que os faz agirem como por sua própria iniciativa.

Descendo na hierarquia, encontramos os Espíritos menos elevados, menos depurados, e, por conseqüência, menos esclarecidos, mas que não são menos bons, e que, numa esfera de atividade mais restrita, cumprem funções análogas. Sua ação, em lugar de se estender aos diferentes mundos, se exerce, mais especialmente, sobre um globo determinado, em relação com o grau de seu adiantamento; sua influência é mais individual e tem por objeto coisas de menor importância.

Em seguida, vem a multidão de Espíritos, mais ou menos bons ou maus, que pululam ao nosso redor; elevam-se pouco acima da Humanidade, da qual representam todas as nuances e são como o reflexo, porque têm todos os vícios e todas as virtudes; num grande número, encontram-se os gostos, as idéias e as tendências que tinham quando em vida; suas faculdades são limitadas, seu julgamento falível como o dos homens, freqüentemente errado e imbuído de preconceitos.

Em outros o sentido moral é mais desenvolvido; sem terem nem grande superioridade, nem grande profundidade, julgam mais sadiamente, e, com freqüência, condenam o que fizeram, disseram ou pensaram durante a vida. De resto, há isto de notável, que mesmo entre os Espíritos mais comuns, a maioria tem sentimentos mais puros como Espíritos do que como homens, a vida espírita esclarece-os quanto aos seus defeitos; e, com bem poucas exceções, se arrependem amargamente, e lamentam o mal que fizeram, porque o sofrem mais ou menos cruelmente. Algumas vezes, vimo-los como não sendo melhores, mas jamais sendo

piores do que eram quando vivos. O endurecimento absoluto é muito raro e não é senão temporário, porque, cedo ou tarde, acabam por sofrer em sua posição, e pode-se dizer que todos aspiram a se aperfeiçoarem, porque todos compreendem que é o único meio de saírem de sua inferioridade; instruírem-se, esclarecerem-se, aí está sua grande preocupação, e *ficam felizes quando lhes podem juntar algumas pequenas missões de confiança que os revelam aos seus próprios olhos.*

Têm também suas assembléias, mais ou menos serias segundo os seus pensamentos. Falam conosco, vêem e observam o que se passa; misturam-se às nossas reuniões, aos nossos jogos, às nossas festas, aos nossos espetáculos, como aos nossos negócios sérios; escutam nossas conversas: os mais levianos para se divertirem e, freqüentemente, rirem às nossas custas e, se podem, agirem com malícia, os outros para se instruírem; observam os homens, seu caráter, e fazem o que chamam de estudos dos costumes, tendo em vista se fixarem sobre a escolha de sua existência futura.

Vimos o Espírito no momento em que, deixando seu corpo, entra em sua nova vida; analisamos suas sensações, seguimos o desenvolvimento gradual de suas idéias. Os primeiros momentos são empregados em se reconhecer, e se inteirar do que se passa com ele; em uma palavra, ensaia, por assim dizer, suas faculdades, como a criança que, pouco a pouco, vê aumentar suas forças e seus pensamentos. Falamos de Espíritos vulgares porque os outros, como dissemos, estão de alguma sorte identificados previamente com o estado espírita que não lhes causa nenhuma surpresa, mas unicamente a alegria de estarem livres dos entraves e dos sofrimentos corpóreos. Entre os Espíritos inferiores, muitos lamentam a vida terrestre, porque sua situação como Espírito é cem vezes pior, e é por isso que procuram uma distração na visão do que fazia outrora suas delícias, mas essa própria visão é, para eles, um suplício, porque têm o desejo e não podem satisfazê-lo.

A necessidade de progredir é geral entre os Espíritos, e é o que os excita a trabalharem pelo seu adiantamento, porque compreendem que a sua felicidade tem esse preço; mas nem todos sentem essa necessidade no mesmo grau, sobretudo em começando; alguns se comprazem mesmo numa espécie de vadiagem, mas que não tem senão um tempo; cedo a atividade torna-se-lhes uma necessidade imperiosa, à qual, aliás, são impelidos por outros Espíritos que lhes estimulam o sentimento do bem.

Em seguida, vem o que se pode chamar a escória do mundo espírita, composta de todos os Espíritos impuros, nos quais o mal é a única preocupação. Sofrem e gostariam de ver todos os outros sofrerem como eles. O ciúme toma-lhes odiosa toda superioridade; o ódio é sua essência; não podendo prenderem-se aos Espíritos, prendem-se aos homens e atacam aqueles que lhes parecem mais fracos. Excitar as más paixões, insuflar a discórdia, separar os amigos, provocar as rixas, inchar o orgulho dos ambiciosos para se dar o prazer de abatê-los em seguida, espalhar o erro e a mentira, em uma palavra, desviar do bem, tais são os seus pensamentos dominantes.

Mas, por que Deus permite que seja assim? Deus não tem contas a nos prestar. Os Espíritos superiores nos dizem que os maus são provas para os bons, e que não há virtude onde não há vitória a se alcançar. De resto, se esses Espíritos malfazejos se encontram em nossa Terra, é porque aqui encontram ecos e simpatias. Consolemo-nos pensando que, acima desse lodo que nos cerca, há seres puros e benevolentes que nos amam, nos sustentam, nos encorajam, e nos estendem os braços para nos levar até eles, e nos conduzir a mundos melhores, onde o mal não tem acesso, se soubermos fazer o que é preciso para merecê-lo.

Fraudes Espíritas

Revista Espírita, abril de 1859

Aqueles que não admitem a realidade das manifestações físicas, geralmente, atribuem à fraude os efeitos produzidos. Baseiam-se no fato de que os prestidigitadores hábeis fazem coisas que parecem prodígios quando não se conhece seus segredos; de onde concluem que os médiuns não são senão escamoteadores. Já refutamos esse argumento, ou antes, essa opinião, notadamente nos artigos sobre o senhor Home, e nos n^{os}. da *Revista* de janeiro e fevereiro de 1858; sobre isso não diremos, pois, senão algumas palavras antes de falarmos de uma coisa mais séria.

Do fato de que há charlatães que vendem drogas nas praças públicas, de que há mesmo médicos que, sem irem à praça pública, enganam a confiança, segue-se que todos os médicos sejam charlatães, e o corpo médico, com isso, é atingido em sua consideração? Do fato de que há pessoas que vendem tintura por vinho, segue-se que todos os vendedores de vinho são adulteradores e que não há vinho puro? Abusa-se de tudo, mesmo das coisas mais respeitáveis, e pode-se dizer que a fraude tem também seu gênio. Mas a fraude tem sempre um objetivo, um interesse material qualquer; onde não haja nada a ganhar, não haverá nenhum interesse a enganar. Também dissemos, em nosso número precedente, a propósito dos médiuns mercenários, que a melhor de todas as garantias é um desinteresse absoluto.

Essa garantia, dir-se-á, não é única, porque, em casos de prestidigitação, há amadores que não visam senão divertir uma sociedade e não fazem disso um ofício; não pode ocorrer o mesmo com os médiuns? Sem dúvida, pode-se divertir um instante divertindo os outros, mas para nisso passar horas inteiras, e isso durante semanas, meses e anos, seria preciso, verdadeiramente, estar possuído pelo demônio da mistificação, e o primeiro mistificado seria o mistificador. Não repetiremos aqui tudo o que se disse sobre a boa fé dos médiuns, e dos assistentes, que podem ser o joguete de uma ilusão ou de uma fascinação. Nós o respondemos vinte vezes, assim como quanto a todas as outras objeções para as quais reenviamos notadamente à nossa *Instrução prática sobre as manifestações*, e aos nossos artigos precedentes da *Revista*. Nosso objetivo aqui não é de converter os incrédulos; se não o foram pelos fatos, não serão mais pelo raciocínio: seria, pois, perder nosso tempo. Ao contrário, nos dirigimos aos adeptos para premuni-los contra os subterfúgios, dos quais poderiam ser vítimas da parte de pessoas interessadas, por um motivo qualquer, em simular certos fenômenos; dizemos certos fenômenos, porque os há que desafiam, evidentemente, toda a habilidade da prestidigitação, tais são, notadamente, o movimento dos objetos sem contato, a suspensão dos corpos pesados no espaço, as pancadas de diferentes lados, as aparições, etc., e ainda, para alguns desses fenômenos, poder-se-ia, até certo ponto, simulá-los, tanto progrediu a arte da imitação. O que é preciso fazer, em semelhante caso, é observar atentamente as circunstâncias, e sobretudo levar em conta o caráter e a posição das pessoas, o objetivo e o interesse que elas poderiam ter em enganar: aí está o melhor de todos os controles, porque são tais circunstâncias que levantam todos os motivos para a suspeição. Colocamos, pois, em princípio, que é preciso desconfiar de quem faça desses fenômenos um espetáculo, ou um objeto de curiosidade e de divertimento, que deles tire um proveito, por mínimo que seja, e se vanglorie de produzi-los à vontade e a propósito. Não poderíamos repetir demais que as inteligências ocultas, que se manifestam a nós, têm suas suscetibilidades, e querem nos provar que também têm seu livre arbítrio, e não se submetem aos nossos caprichos.

De todos os fenômenos físicos, um dos mais comuns é o dos golpes íntimos batidos na própria substância da madeira, com ou sem movimento da mesa ou de outro objeto do qual se sirva. Ora, esse efeito é um dos mais fáceis de serem imitados, e como é também um dos que se produzem mais freqüentemente, cremos ser útil revelar a pequena astúcia com a qual se pode enganar. Basta, para isso, colocar as duas mãos espalmadas sobre a mesa, e bastante próximas para que as unhas dos dedos se apoiem firmemente uma contra a outra; então, por um movimento muscular inteiramente imperceptível, se as faz friccionar, o que dá um pequeno ruído seco, tendo uma grande analogia com aqueles da tiptologia íntima. Esse ruído repercute na madeira e produz uma ilusão completa. Nada é mais fácil que fazer ouvir a quantos golpes se peça, uma bateria de tambor, etc.; responder a certas perguntas, por sim ou por não, por números, ou mesmo pela indicação de letras do alfabeto.

Uma vez prevenido, o meio de se reconhecer a fraude é bem simples. Ela não é mais possível se as mãos forem afastadas uma da outra, e assegurando-se que nenhum outro contato pode produzir o ruído. Os golpes reais, aliás, oferecem de característico que mudam de lugar e de timbre à vontade, o que não pode ocorrer quando são devidos à causa que assinalamos, ou a qualquer outra análoga; que saia da mesa para se transportar sobre um móvel qualquer que ninguém toca, enfim, que responda a perguntas imprevistas.

Chamamos, pois, a atenção das pessoas de boa fé para esse pequeno estratagemas e todos aqueles que poderiam reconhecer, a fim de assinalá-los sem circunspeção. À possibilidade da fraude e da imitação não impede a realidade dos fatos, e o Espiritismo não pode senão ganhar, desmascarando os impostores. Se alguém nos disser: Eu vi tal fenômeno, mas havia charlatanice, responderemos que isso é possível; nós vimos, nós mesmos, supostos sonâmbulos simularem o sonambulismo com muita destreza, o que não impede de o sonambulismo ser um fato; todo mundo viu mercadores venderem algodão por seda, o que não impede que hajam verdadeiros tecidos de seda. É preciso examinar todas as circunstâncias e ver se a dúvida tem fundamento; mas nisso, como em todas as coisas, é preciso ser perito; ora, não poderíamos reconhecer, por juiz de uma questão qualquer, aquele que dela nada conhecesse.

Diremos o mesmo quanto aos médiuns escreventes. Geralmente, pensa-se que aqueles que são mecânicos oferecem mais garantias, não só pela independência das idéias, mas também contra o charlatanismo. Pois bem! É um erro. A fraude se introduz por toda parte, e sabemos com quanta habilidade se pode dirigir, à vontade mesmo, uma cesta ou uma prancheta que escreve, e dar-lhes todas as aparências de movimentos espontâneos. O que tira todas as dúvidas, são os pensamentos exprimidos, quer venham de um médium mecânico, intuitivo, audiente, falante ou vidente. Há comunicações que estão de tal modo fora das idéias, dos conhecimentos, e mesmo da capacidade intelectual do médium que é preciso enganar-se estranhamente para honrá-los. Nós reconhecemos, no charlatanismo, uma grande habilidade e fecundos recursos, mas não lhe conhecemos, ainda, o dom de dar saber a um ignorante, ou o espírito àquele que não o tem.

Problema moral - Os canibais

Revista Espírita, abril de 1859

Um dos nossos assinantes nos dirigiu a pergunta seguinte, com o pedido de resolvê-la pelos Espíritos que nos assistem, se ainda não o fora resolvida.

"Os Espíritos errantes desejam, depois de um lapso de tempo mais ou menos longo, e pedem a Deus, sua encarnação como meio de adiantamento espiritual. Eles têm a escolha das provas e, usando nisso seu livre arbítrio, escolhem, naturalmente, aquelas que lhes parecem mais próprias para esse adiantamento, no mundo onde a reencarnação lhes é permitida. Ora, durante a sua existência errante, que empregam para se instruírem (são eles mesmos que nos dizem), devem aprender quais são as nações que melhor podem fazê-los alcançar o objetivo a que se propõem. Vêem tribos ferozes, de antropófagos, e têm a certeza que, encarnando-se entre eles, tornar-se-ão ferozes e comedores de carne humana. Não será aí, seguramente, que encontrarão seu progresso espiritual; seus instintos brutais, com isso, não terão adquirido senão mais consistência pela força do hábito. Eis, pois, seu objetivo falho quanto às encarnações entre tal ou tal povo.

"Ocorre o mesmo com certas posições sociais. Entre estas, há certamente as que apresentam obstáculos invencíveis ao adiantamento espiritual. Não citarei senão os matadores de animais nos matadouros, os carrascos, etc. Diz-se que essas pessoas são necessárias: uns porque não podemos passar sem alimento animal; os outros, porque é preciso executar as sentenças da justiça, nossa organização social assim querendo. Não é menos verdadeiro que o Espírito se encarnando no corpo de uma criança destinada a abraçar uma ou outra dessas profissões, deve saber que escolhe caminho falso e que se priva, voluntariamente, dos meios que podem conduzi-lo à perfeição. Não poderia ocorrer, com a permissão de Deus, que nenhum Espírito quisesse esses gêneros de existência e, nesse caso, em que se tornariam essas profissões, necessárias ao nosso estado social?"

A resposta a essa pergunta decorre de todos os ensinamentos que nos foram dados; nós podemos, pois, resolvê-la, sem necessidade de submetê-la de novo aos Espíritos.

É evidente que um Espírito já elevado, o de um Europeu esclarecido, por exemplo, não pode escolher como via de progresso, uma existência de selvagem: em lugar de avançar, isso seria retrogradar. Mas sabemos que mesmo os nossos antropófagos não estão no último grau da escala, e que há mundos onde a brutalidade e a ferocidade não têm analogias na Terra. Esses Espíritos são, pois, ainda inferiores aos mais inferiores de nosso mundo, e vir entre os nossos selvagens, para eles, é um progresso. Se não visam mais alto, é porque sua inferioridade moral não lhes permite compreender um progresso mais completo. O Espírito não pode avançar senão gradualmente; deve passar, sucessivamente, por todos os graus, de modo que cada passo adiante seja uma base para assentar um novo progresso. Ele não transpõe, de um pulo, a distância que separa a barbárie da civilização, como um escolar não pode transpor, sem transição, do ABC à Retórica, e é nisso que vemos uma das necessidades da reencarnação, que está, verdadeiramente, segundo a justiça de Deus; de outro modo, em que se tornariam esses milhões de seres que morrem no último estado de degradação se não tivessem os meios para alcançar a superioridade? Por que Deus tê-los-ia deserdado dos favores concedidos a outros homens? Nós o repetimos, porque é um ponto essencial, em razão de sua inteligência limitada, não compreendem o melhor senão num limite estreito, e

sob seu ponto de vista. Há, todavia, os que se enganam querendo subir muito alto, e que nos dão o triste espetáculo da ferocidade no meio da civilização; estes, retornando entre os canibais, ainda ganharão.

Essas considerações se aplicam também às profissões das quais nosso correspondente fala; evidentemente, elas oferecem uma superioridade relativa para certos Espíritos, e é nesse sentido que se deve conceber a escolha que delas fazem. Posição igual pode mesmo ser escolhida como expiação ou como missão, porque não há onde não se possa encontrar ocasião de fazer o bem e de progredir, pela própria maneira que são exercidas.

Quanto à questão de se saber em que se tornariam essas profissões, no caso de que nenhum Espírito delas quisesse se encarregar, ela está resolvida pelos fatos; desde que os Espíritos que as alimentam partam de mais alto, não se deve temer vê-los sem trabalho. Quando o progresso social permitir suprimir o ofício de carrasco, é o lugar que faltará, e não os candidatos que irão se apresentar entre outros povos, ou em outros mundos menos avançados.

A Indústria

Revista Espírita, abril de 1859

Comunicação espontânea do senhor Cruz, médium escrevente,
lida na Sociedade, em 21 de janeiro de 1859.

Os empreendimentos que cada dia despontam, são os atos providenciais e o desenvolvimento dos germes depositados pelos séculos. A Humanidade e o planeta que ela habita têm uma mesma existência, cujas fases se encadeiam e se respondem.

Logo que as grandes convulsões da Natureza se acalmaram, a febre que impelia às guerras de extermínio se apaziguaram, a filosofia apareceu, a escravidão desapareceu, e as ciências e as artes floresceram.

A perfeição divina pode se resumir pelo belo e o útil, e se Deus fez o homem à sua imagem foi porque quis que vivesse de sua inteligência, como ele mesmo vive no seio dos esplendores de sua criação.

Os empreendimentos que Deus abençoa, quaisquer que sejam as suas proporções, são, pois, aqueles que respondem aos seus desígnios, trazendo seu concurso à obra coletiva, cuja lei está escrita no Universo: o belo e o útil; a arte, filha do lazer e da inspiração, é o belo; a indústria, filha da ciência e do trabalho, é o útil.

Nota. Essa comunicação é quase o início de um médium que acaba de se formar com uma rapidez espantosa; convir-se-á que, por uma tentativa, isso promete. Desde a primeira sessão, escreveu, de um só traço, quatro páginas que não perdem em nada, ao que acabamos de ler, pela profundidade dos pensamentos, e que denotam, nele, uma aptidão notável para servir de intermediário a todos os Espíritos para as comunicações particulares. De resto, temos necessidade de estudá-lo antes sob esse aspecto, porque essa flexibilidade não é dada a todos; conhecemos os que não podem servir de intérpretes senão a certos Espíritos, e para uma certa ordem de idéias.

Desde que essa nota foi escrita, pudemos constatar o progresso desse médium, cuja faculdade oferece caracteres especiais e dignos de toda a atenção do observador.

Conversas familiares de além-túmulo - Benvenuto Cellini

Revista Espírita, abril de 1859

(Sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas de 11 de março de 1859.)

1. Evocação. - R. Interrogai-me, estou pronto; sede tão extensos quanto o desejais: tenho tempo para vos dar.
2. Lembrai-vos da existência que vivestes na Terra, no século XVI, de 1500 a 1570? - R. Sim, sim.
3. Qual é, atualmente, a vossa situação como Espírito? - R. Vivi em vários outros mundos, e estou bastante contente com a classe que hoje ocupo; não é um trono, mas estou sobre os degraus.
4. Tivestes outras existências corpóreas, na Terra, depois daquela que conhecemos? - R. Corpóreas, sim; na Terra, não.
5. Quanto tempo permanestes errante? - R. Não posso calcular: alguns anos.
6. Quais eram as vossas ocupações no estado errante? - R. Eu me trabalhava.
7. Retomastes algumas vezes na Terra? - Pouco.
8. Assististes ao drama em que estais representado, e que pensais dele? - R. Fui vê-lo várias vezes; enquanto Celini, fiquei lisongeadado, mas pouco como Espírito que progrediu.
9. Além da existência que conhecemos, tivestes outras na Terra? - R. Não, nenhuma.
10. Poderíeis dizer-nos o que éreis em vossa existência precedente? - R. Minhas ocupações eram bem diferentes das que tive em vossa Terra.
11. Qual mundo habitais? - R. Não o conheceis e não o vedes.
12. Poderíeis dar-nos uma descrição dele, quanto ao físico e ao moral? - R. Sim, facilmente.

Quanto ao aspecto físico, meus caros amigos, ali encontrei meu contentamento em beleza plástica: nada choca aos olhos; todas as linhas se harmonizam perfeitamente; a mímica é um estado constante; os perfumes nos cercam, e não poderíamos senão desejar o nosso bem-estar físico, porque as necessidades, pouco numerosas, às quais estamos submetidos, são logo satisfeitas.

Pelo moral, a perfeição é menor, porque ali ainda se podem ver consciências perturbadas e Espíritos levados ao mal; não é a perfeição, longe disso, mas, como vos disse, é dela o caminho, e todos esperamos alcançá-la um dia.

13. Quais são as vossas ocupações no mundo que habitais? -R. Trabalhamos as artes. Sou artista.

14. Em vossas memórias, relatais uma cena de feitiçaria e de sortilégio que teria se passado no Coliseu, em Roma, na qual tomastes parte; lembrai-vos dela? - R. Pouco claramente.

15. Se a lêssemos para vós, isso evocaria as vossas lembranças? - R. Sim, dar-me-ia o conhecimento dela.

(Leitura feita do fragmento abaixo, de suas memórias.) "No meio dessa vida estranha, liguei-me a um padre Siciliano, de espírito muito distinto, e que era profundamente versado nas letras gregas e latinas. Um dia, quando com ele conversava, a conversação caiu sobre a necromancia e disse-lhe que, em toda a minha vida, desejei ardentemente ver e aprender alguma coisa dessa arte. Para abordar semelhante empresa, é preciso uma alma firme e intrépida, respondeu-me o padre...

"Uma noite, pois, o padre fez os seus preparativos e disse-me para procurar um companheiro ou dois. Juntou-se a um homem de Pistóia, que também se ocupava de necromancia. Seguimos para o Coliseu. Ali o sacerdote se vestiu à maneira dos necromantes, depois pôs-se a desenhar no solo círculos, com as mais belas cerimônias que se possam imaginar. Havia trazido perfumes preciosos, drogas fétidas e fogo. Quando tudo estava em ordem, fez uma porta no círculo e nele nos introduziu, tomando-nos, um após o outro, pela mão. Em seguida, distribuiu as funções. Depositou o talismã nas mãos do seu amigo, o necromante, encarregou os outros de velarem pelo fogo e pelos perfumes e, enfim, começou as suas conjurações. Essa cerimônia durou mais de uma hora e meia. O Coliseu se encheu de legiões de espíritos infernais. Quando o padre viu que eram bastante numerosos, voltou-se para mim, que cuidava dos perfumes, e disse-me: Benvenuto, peca-lhes alguma coisa. Respondi que desejava que eles se reunissem comigo em minha Siciliana Angélica. Nessa noite, não obtivemos resposta; todavia, fiquei encantado com o que vira. O necromante disse-me que seria preciso retornar uma segunda vez, que eu obteria tudo o que pedira, uma vez que trouxesse um jovem rapaz que tivesse ainda a sua virgindade. Escolhi um dos meus aprendizes e levei comigo ainda dois de meus amigos...

"Ele colocou-me nas mãos o talismã, dizendo-me para girá-lo para os lugares que ele designasse. Meu aprendiz estava colocado sob o talismã. O necromante começou as suas terríveis evocações, chamou pelo seu nome uma multidão de chefes de legiões infernais, e lhes deu ordens em hebreu, em grego e em latim, em nome do Deus incriado, vivo e eterno. Logo o Coliseu encheu-se de um número de demônios cem vezes mais considerável do que a primeira vez. Aconselhado pelo necromante, pedi de novo para achar-me com Angélica. Ele voltou-se para mim e disse-me: Não os ouviste anunciar que em um mês estarias com ela? E pediu-me para ter firmeza, porque ali havia mil legiões a mais, que ele não havia chamado. Acrescentou que elas eram as mais perigosas, e que, desde que respondessem às minhas perguntas, seria preciso tratá-las com doçura e despedi-las tranqüilamente. De outro lado, o jovem gritava apavorado que percebia um milhão de homens terríveis que nos ameaçavam, e quatro enormes gigantes, armados dos pés à cabeça, que pareciam querer entrar em nosso círculo. Durante esse tempo, o necromante, tremendo de medo, tentava conjurá-los, tomando a voz mais doce. O jovem enfiou a cabeça entre os joelhos e gritava: Quero morrer assim! Estamos mortos! Então lhe disse: "Essas criaturas estão todas abaixo de nós, e o que

vês não é senão fumaça e sombra; assim, ergue os olhos." Apenas me obedeceu, curvou-se de novo: Todo o Coliseu queima e o fogo vem sobre nós. O necromante ordenou fosse queimada essa fétida. Agnolo, encarregado dos perfumes, estava semimorto de medo.

A esse ruído, e a esse terrível fedor, o jovem se arriscou levantar a cabeça. Ouvindo-me rir, tranqüilizou-se um pouco, e disse que os demônios começavam a operar sua retirada. Permanecemos assim até o momento em que as matinas soaram. O jovem nos disse que não percebia mais do que alguns demônios, e a uma grande distância. Enfim, desde que o necromante cumpriu o resto de suas cerimônias e tirou sua roupa, saímos todos do círculo. Enquanto caminhávamos para a rua de Banchi para retornarmos às nossas casas, ele assegurava que dois dos demônios pulavam diante de nós, e corriam ora sobre os telhados, ora sobre o solo.

"O necromante jurava que, desde que colocara os pés num círculo mágico, nunca lhe aconteceu nada de tão extraordinário. Em seguida, tentou determinar-me para juntar-me a ele, para consagrar um livro que deveria nos proporcionar riquezas incalculáveis, e fornecer-nos os meios para forçarmos os demônios a nos indicarem os lugares onde estavam ocultos os tesouros que a terra esconde em seu seio...

"Depois de diferentes relatos que tinham mais ou menos relação com o que precede, Benvenuto contou como, ao cabo de trinta dias, quer dizer, no prazo fixado pelos demônios, ele reencontrou sua Angélica."

16. Poderíeis dizer-nos o que há de verdadeiro nessa cena? -R. O necromante era um charlatão, eu era um romancista e Angélica era minha senhora.

17. Revistes François I, vosso protetor? - R. Certamente, ele reviu muitos outros que não foram seus protegidos.

18. Como o julgastes quando vivo e como o julgais agora? - R. Dir-vos-ei como julguei: como um príncipe e, nessa qualidade, cego pela sua educação e sua sociedade.

19. E agora, que dizeis dele? - R. Progrediu.

20. Foi por amor sincero às artes que ele protegeu os artistas? - R. Sim, e por prazer e vaidade.

21. Onde está agora? - R. Ele vive.

22. Na Terra? - R. Não.

23. Se o evocássemos neste momento, poderia vir e conversar conosco? - R. Sim, mas não forceis assim os Espíritos; que vossas evocações sejam preparadas de longa data e, então, tereis pouca coisa a perguntar ao Espírito. Assim, vos arriscais muito menos de serem enganados, porque o são algumas vezes. (São Luís).

24. (a São Luís): Poderíeis fazer com que viessem dois Espíritos que se falassem? - R. Sim.

25. Nesse caso, seria útil ter dois médiuns? - R. Sim, necessário.

Nota. Esse diálogo ocorreu em uma outra sessão; nós a relataremos em nosso próximo número.

26. (A Cellini): De onde vos veio o sentimento da arte, que estava em vós; tinha um desenvolvimento especial anterior? - R. Sim; por muito tempo estive ligado à poesia e à beleza da linguagem. Na Terra, liguei-me à beleza como reprodução, hoje me ocupo da beleza como invenção.

27. Tínheis também talentos militares, uma vez que o papa Clemente VII vos confiou a defesa do castelo Santo Ângelo. Todavia, vosso talento de artista não deveria vos dar muito mais aptidão para a guerra? - R. Eu tinha talento e sabia aplicá-lo. Em tudo, é preciso julgar, sobretudo para a arte militar de então.

28. Poderíeis ditar alguns conselhos aos artistas que procuram caminhar sobre os vossos passos? - R. Sim; dir-lhes-ia simplesmente para se ligarem mais do que não o fazem, e que eu mesmo não o fiz, à pureza e à verdadeira beleza; eles me compreenderão.

29. A beleza não é relativa e de convenção? O Europeu se crê mais belo que o negro e o negro mais belo que o branco. Se há uma beleza absoluta, qual lhe é o tipo? Poderíeis dar-nos a vossa opinião a esse respeito? - R. De bom grado. Não tencionei fazer alusão a uma beleza de convenção: muito ao contrário; o belo está por toda parte, é o reflexo do Espírito sobre o corpo, e não somente a forma corporal. Como vo-lo disse, um negro pode ser belo, de uma beleza que será apreciada somente por seus semelhantes. Do mesmo modo, nossa beleza terrestre é disformidade para o Céu, como para vós, Brancos, o belo negro vos parece quase disforme. A beleza, para o artista, é a vida, o sentimento que sabe dar à sua obra; com isso dará beleza às coisas mais vulgares.

30. Poderíeis guiar um médium na execução de uma modelagem, como Bernard de Palissy guiou para os desenhos? - R. Sim.

31. Poderíeis mandar fazer alguma coisa pelo médium que vos serve atualmente de intérprete? - R. Como outros; mas preferiria um artista que conhecesse os truques.

Nota. A experiência prova que a aptidão de um médium por tal ou tal gênero de execução, prende-se à flexibilidade que apresente ao Espírito, e isso abstração feita do talento. Os conhecimentos do ofício e dos meios materiais de execução não são o talento, mas concebe-se que o Espírito que dirige o médium nele encontra uma dificuldade mecânica a menos para vencer. Vêem-se, pois, médiuns fazendo coisas admiráveis das quais não têm as primeiras noções, tais como da poesia, dos desenhos, das gravuras, da música etc.; mas é que, então, ha neles uma aptidão inata, ligando-se, sem dúvida, a um desenvolvimento anterior do qual não conservaram senão a intuição.

31. Poderíeis dirigir a senhora G.S., aqui presente, que ela mesma é artista, mas jamais conseguiu produzir alguma coisa como médium? - R. Tentarei, se ela quer.

32. (Senhora G.S.) Quando queres começar? - R. Quando o quiseres, a partir de amanhã.

33. Mas como saberei que a inspiração virá de ti? - R. A convicção vem com as provas: deixai-a vir lentamente.

34. Por que não consegui até o presente? - R. Pouca persistência e boa vontade no Espírito chamado.

35. Agradeço a assistência que tu me prometes. - R. Adeus; até logo à minha companheira de trabalho.

Nota. A senhora G.S. deve ter posto mãos à obra, mas não sabemos, ainda, o que ela obteve.

Senhor Girard de Codemberg

Revista Espírita, abril de 1859

Antigo aluno da Escola Politécnica, membro de várias sociedades de sábios, autor de um livro intitulado: *O Mundo espiritual, ou ciência cristã de comunicar intimamente com as potências celestes e as almas felizes*. Falecido em novembro de 1858; evocado na Sociedade, no dia 14 de janeiro seguinte.

1. Evocação. - R. Estou aqui; que quereis comigo?
2. Viestes de bom grado ao nosso chamado? - R. Sim.
3. Quereis nos dizer o que pensais, atualmente, do livro que publicastes? - R. Cometi alguns erros, mas há coisa boa, e sou levado a crer que vós mesmos aprovareis o que eu disse ali, sem lisonja.
4. Dissestes, notadamente, que tivestes comunicações com a mãe do Cristo: vedes hoje se era realmente ela? - R. Não, não era ela, mas um Espírito que tomava o seu nome.
5. Com qual objetivo esse Espírito lhe tomava o nome? - R. Ele me via tomar o caminho do erro, e disso se aproveitava para comprometer-me mais; era um Espírito perturbador, um Espírito leviano; mais próprio ao mal do que ao bem; era feliz em ver minha falsa alegria; eu era seu juguete como vós o sois, freqüentemente, de vossos semelhantes.
6. Como vós, dotado de uma inteligência superior, não vos apercebestes do ridículo de certas comunicações? - R. Estava fascinado, e achava bom tudo o que me diziam.
7. Não pensais que essa obra pode fazer o mal no sentido em que se presta ao ridículo quanto às comunicações de além-túmulo? - R. Nesse sentido, sim; mas eu disse, também, que há do bom e do verdadeiro; e, sob um outro ponto de vista, fere os olhos das massas; no que nos parece mau, freqüentemente, encontrais um bom germe.
8. Sois mais feliz agora do que de quando vivo? - R. Sim, mas tenho muita necessidade de me esclarecer, porque estou ainda nas brumas que se seguem à morte; sou como o escolar que começa a soletrar.
9. Em vossa vida, conhecestes *O Livro dos Espíritos*? - R. Jamais prestei-lhe atenção; tinha minhas idéias assentes; nisso pequei, porque não saberia muito aprofundar e estudar todas as coisas; mas o orgulho aí é que sempre nos ilude; de resto, é próprio dos ignorantes em geral; não querem estudar senão o que preferem, e não escutam senão aqueles que os lisonjeiam.
10. Não éreis um ignorante; vossos títulos disso são a prova? -R. O que é o sábio da Terra diante da ciência do céu? Aliás, não há sempre a influência de certos Espíritos interessados em afastar a luz de nós?

Nota. Isso corrobora o que já foi dito, que certos Espíritos inspiram o distanciamento para as pessoas das quais se pode receber conselhos úteis e que pode frustrá-los. Jamais essa influência é de um bom Espírito.

11. E agora, que pensais desse livro? - R. Não posso dizê-lo sem lisonja, porém, não nos lisonjeamos mais: deveis compreender-me.

12. Vossa opinião sobre as penas futuras modificou-se? - R. Sim; eu acreditava nas penas materiais; creio agora nas penas morais.

13. Podemos fazer alguma coisa que vos seja agradável? - R. Sempre; cada um dizei uma pequena prece esta noite em minha intenção; por isso vos serei reconhecido; sobretudo, não vos esqueçais.

Nota. O livro do senhor de Codemberg fez uma certa sensação, e devemos dizê-lo, uma sensação penosa entre os partidários esclarecidos do Espiritismo, por causa da estranheza de certas comunicações que se prestam muito ao ridículo. Sua intenção era louvável, porque era um homem sincero; mas é um exemplo do império que certos Espíritos podem tomar lisonjeando e exagerando as idéias e os preconceitos daqueles que não pesam, com bastante severidade, os prós e os contras das comunicações espíritas. Mostra-nos, sobretudo, o perigo de derramá-las, muito levemente, ao público, porque podem ser um motivo de repulsa, fortificar certas pessoas em sua incredulidade, e fazerem, assim, mais mal que bem, dando armas aos inimigos da coisa. Não se poderia, pois, ser mais circunspecto a esse respeito.

Senhor Poitevin, aeronauta

Revista Espírita, abril de 1859

Morto há mais ou menos dois meses, de uma febre tifóide contraída em consequência de uma descida que fez em pleno mar.

Sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, de 11 de fevereiro de 1859.

1. Evocação. - R. Heis-me, falai.
2. Lamentais a vida terrestre? - R. Não.
3. Sois mais feliz que de quando vivo? - R. Muito.
4. Qual motivo pôde levar-vos às experiências aeronáuticas? - R. A necessidade.
5. Tínheis o pensamento de servir à ciência? - R. De nenhum modo.
6. Vedes hoje a ciência aeronáutica sob um outro ponto de vista do que de vossa vida? - R. Não; via-a como a vejo agora, porque a via bem. Vejo sempre aperfeiçoamentos a trazer que eu não poderia desenvolver por falta de ciência; mas esperai; homens virão que lhe darão o relevo que ela merece e que merecerá um dia.
7. Credes que a ciência aeronáutica se tomará um dia um objeto de utilidade pública? - R. Sim, certamente.
8. A grande preocupação daqueles que se ocupam dessa ciência, é a procura dos meios de dirigir os balões; pensais que a isso se chegará? - R. Sim, certamente.
9. Qual é, segundo vós, a maior dificuldade que apresenta a direção dos balões? - R. O vento, as tempestades.
10. Assim, não é a dificuldade de encontrar um ponto de apoio? -- R. Se se conduzissem os ventos, conduzir-se-iam os balões.
11. Poderíeis assinalar o ponto para o qual conviria dirigir as pesquisas sob esse aspecto? - R. Deixai fazer.
12. Em vossa vida, estudastes os diferentes sistemas propostos? - R. Não.
13. Poderíeis dar conselhos àqueles que se ocupam dessas espécies de pesquisas? - R. Pensais que seguiriam vossos avisos?
14. Não seriam os nossos mas os vossos. - R. Quereis um tratado? Eu o mandarei fazer.

15. Por quem? - R. Por amigos que me guiaram, a mim mesmo.

16. Há aqui dois inventores distintos em fatos aeronáuticos, o senhor Sanson e o senhor Ducroz que obtiveram rendimento científico muito honroso. Fazeis uma idéia do seu sistema? - R. Não; há muito a dizer; não os conheço.

17. Admitindo como resolvido o problema da navegação, credes na possibilidade de uma navegação aérea sobre uma grande escala, como sobre o mar? - R. Não, jamais como pelo telégrafo.

18. Não falo da rapidez das comunicações, que jamais podem ser comparadas às do telégrafo, mas do transporte de um grande número de pessoas e de objetos materiais. Quais resultados se podem esperar sob esse aspecto? - R. Pouco e prontidão.

19. Quando estáveis em um perigo iminente, pensáveis no que serieis depois da morte? - R. Não; estava inteiramente absorvido em minhas manobras.

20. Que impressão fazia sobre vós o pensamento do perigo que corréis? - R. O hábito havia enfraquecido o medo.

21. Que sensação experimentáveis quando estáveis perdido no espaço? - R. Perturbação, mas feliz; meu espírito parecia escapar do vosso mundo; entretanto, as necessidades das manobras me tornavam a chamar sob o vento à realidade, e me faziam recair na fria e perigosa posição na qual me encontrava.

22. Vedes com prazer vossa mulher seguir a mesma carreira de aventura vossa? - R. Não.

23. Qual é a vossa situação como Espírito? - R. Vivo como vós, quer dizer, posso dominar a minha vida espiritual como dominais a vossa vida material.

Nota. As curiosas experiências do senhor Poitevin, sua intrepidez, sua notável habilidade na manobra dos balões, nos faziam esperar encontrar, nele, mais elevação e uma grandeza nas idéias. O resultado não respondeu às nossas expectativas; a aerostação não era para ele, como se pôde ver, senão uma indústria, um modo de viver por um gênero particular de espetáculo; todas as suas faculdades estavam concentradas sobre os meios de excitar a curiosidade pública. É assim que, nessas conversas de além-túmulo, as previsões, freqüentemente, se desenrolam; ora ultrapassam, ora acha-se menos do que se esperava, prova evidente da independência das comunicações.

Em uma sessão particular, e por intermédio do mesmo médium, Poitevin ditou os conselhos seguintes para realizar a promessa que vinha de fazer, cada um poderá apreciar-lhe o valor; nós os damos como objeto de estudo sobre a natureza dos Espíritos, e não por seu mérito científico mais que contestável.

"Para conduzir um balão cheio de gás, encontrareis sempre as maiores dificuldades: a imensa superfície que oferece exposta aos ventos, a pequenez do peso que o gás pode levar, a fraqueza do envoltório que reclama esse ar sutil; todas essas causas jamais permitirão dar, ao sistema aerostático, a grande extensão que gostaríeis de vê-lo tomar. Para que o aerostato tenha uma utilidade real, é preciso que seja um modo de comunicação poderoso e dotado de uma certa presteza, mas, sobretudo, poderoso. Dissemos que ele ocupava o meio

entre a eletricidade e o vapor; sim, e em dois pontos de vista:

1°. Ele deve transportar os viajantes mais depressa do que as ferrovias, menos depressa do que o telégrafo as mensagens.

2°. Não está no meio desses dois sistemas, porque participa, ao mesmo tempo, do ar e da terra, todos os dois servindo-lhe de caminho: está entre o céu e o mundo.

"Não me perguntastes se chegaríeis a ir, por esse meio, visitar outros planetas. Entretanto, esse pensamento é o que tem inquietado bem os cérebros, e cuja solução encheria de espanto todo o vosso mundo. Não, não chegareis. Considerai, pois, que para atravessar esses espaços desconhecidos para vós, de milhões, de milhões de léguas, a luz gasta anos; vede, portanto, quanto será preciso de tempo para atingi-los, mesmo levados pelo vapor e pelo vento.

"Para retornar ao assunto principal, começando vos direi que não é preciso esperar muito do vosso sistema atualmente empregado; mas obtereis sempre mais atuando sobre o ar por compressão forte e ampla; o ponto de apoio que procurais, está diante de vós, vos cerca por todos os lados, com ele vos choçais a cada um dos vossos movimentos, ele entrava todos os dias vosso caminho e influi, sobretudo, no que locais. Pensai bem nisso, tirai desta revelação tudo o que puderdes: suas deduções são enormes. Não podemos tomar-vos pelas mãos e vos fazer inventar as ferramentas necessárias a esse trabalho, não podemos vos dar, palavra por palavra, uma indução; é preciso que vosso Espírito trabalhe, que amadureça seus projetos, sem isso não compreenderíeis o que faríeis e não saberíeis manejar vossos instrumentos; seríamos obrigados a voltar e abrir, nós mesmos, todos os vossos empenhos, e as circunstâncias imprevistas que viriam um dia, ou outro, combater vossos esforços, vos reconduziriam a vossa ignorância primária

"Trabalhai, pois, e encontrareis o que procurardes: conduzi vosso Espírito para o lado que vos indicamos, e aprendei pela experiência que não vos induzimos ao erro."

Nota. Esses conselhos, embora encerrando incontestáveis verdades, não deixam de denotar um Espírito pouco esclarecido em certos pontos de vista, uma vez que parece ignorar a verdadeira causa da impossibilidade de atingir outros planetas. É uma prova a mais da diversidade de aptidões e de luzes que se encontram no mundo dos Espíritos, como neste mundo. É pela multiplicidade das observações que se chega a conhecê-lo, a compreendê-lo e a julgá-lo. Por isso, damos espécimes de todos os gêneros de comunicações, tendo o cuidado de fazer ressaltar o forte e o fraco. A de Poitevin terminou por uma consideração muito justa que nos parece suscitada por um Espírito mais filosófico do que o seu; de resto, ele dissera que faria redigir seus conselhos por seus amigos que, em definitivo, não nos ensinam nada.

Nela encontramos ainda uma nova prova, que os homens que têm uma especialidade na Terra não são, sempre, os mais apropriados a nos esclarecerem como Espíritos, se, sobretudo, não são bastante elevados para se desligarem da vida terrestre.

É deplorável, para o progresso da aeronáutica, que a maioria desses homens intrépidos não possa colocar sua experiência em proveito da ciência, ao passo que os teóricos são estranhos à prática, e são como marinheiros que jamais viram o mar. Incontestavelmente, haverá um dia engenheiros em aerostática, como há engenheiros marítimos, mas isso não será senão quando terão visto e sondado, por eles mesmos, as profundezas do oceano aéreo. Quantas idéias não lhes dariam o contato real dos elementos, idéias que escapam às pessoas do

ofício! porque, qualquer que seja seu saber, não podem, do fundo de seus gabinetes, perceber todos os escolhos; e, todavia, se essa ciência deva ser um dia uma realidade, isso não será por eles. Aos olhos de muitas pessoas é ainda uma quimera, e eis porque os inventores, que não são, em geral, capitalistas, não encontram nem apoio nem encorajamentos necessários. Quando a aerostação der dividendos, mesmo uma esperança, poderá ser cotada, os capitais não lhe faltarão; até lá não é preciso contar senão com o devotamento daqueles que vêem o progresso antes da especulação. Enquanto houver parcimônia nos meios de execução, haverá reveses pela impossibilidade de ensaios sobre uma tão vasta escala, ou em condições convenientes. Seremos forçados a fazê-lo mesquinamente, o que é um mal, nisto, como em toda coisa. O sucesso não será senão ao preço de sacrifícios suficientes para entrar largamente no caminho da prática, e quem diz sacrifício diz exclusão de toda idéia de benefício. Esperamos que o pensamento de dotar o mundo da solução de um grande problema, não o fosse senão sob o ponto de vista da ciência, inspire algum generoso desinteresse. Mas a primeira coisa a fazer seria fornecer aos teóricos os meios para adquirir a experiência do ar, mesmo pelos meios imperfeitos de que dispomos. Se Poitevin tivesse sido um homem de saber, e tivesse inventado um sistema de locomotiva aérea, teria inspirado, sem contradita, mais confiança que aqueles que jamais deixaram a terra, e teria, provavelmente, encontrado os recursos que se recusam aos outros.

Pensamentos Poéticos

Revista Espírita, abril de 1859

Ditados pelo Espírito de Alfred de Musset, para a senhora **

Se tu sofres na Terra,
Pobre coração aflito,
Se para ti a miséria
É um quinhão obrigado
Pense, em tua dor,
Que tu segues o caminho
Que conduz pelas lágrimas
Para um melhor destino.

Os pesares da vida
São pois muito grandes
Para que teu coração esqueça
Que um dia nas primeiras classes,
Por preço de teus sofrimentos,
Teu Espírito depurado Terá os prazeres
Do império etéreo?

A vida é uma passagem
Da qual conheces o curso;
Age com sabedoria,
Terás mais felizes dias.

Nota. O médium que serviu de intérprete, não só é estranho às regras mais vulgares da poesia, mas jamais pode fazer um único verso por si mesmo. Escreve-os com uma facilidade extraordinária sob o ditado dos Espíritos, e embora seja médium há pouco tempo, delas já possui uma coletânea numerosa, das mais interessantes. Nós as vimos, entre outras, encantadoras e oportunas, "que lhe foram ditadas pelo Espírito de uma pessoa viva que evocou, e que habita a 200 léguas. Essa pessoa, quando está desperta, não é mais poeta que ele.

Sonâmbulos remunerados

Revista Espírita, abril de 1859

Um dos nossos correspondentes nos escreveu a propósito de nosso último artigo sobre os médiuns mercenários, para nos perguntar se nossas observações se aplicam, igualmente, aos sonâmbulos remunerados.

Querendo-se remontar à fonte do fenômeno, ver-se-á que o sonâmbulo, se bem que se possa considerá-lo como uma variedade de médium, é um caso diferente do médium propriamente dito. Com efeito, este último recebe suas comunicações de Espíritos estranhos que podem vir, ou não, segundo as circunstâncias ou as simpatias que encontram. O sonâmbulo, ao contrário, age por si mesmo; é seu próprio Espírito que se desliga da matéria, e vê mais ou menos bem, segundo o desligamento seja mais ou menos completo. O sonâmbulo, é verdade, está em relação com outros Espíritos que o assistem mais ou menos de bom grado, em razão de suas simpatias; mas, em definitivo, é o seu que vê e que pode, até um certo ponto, dispor de si mesmo sem que outros encontrem nisso o que censurar, e sem que seu concurso seja indispensável. Disso resulta que o sonâmbulo que procura uma compensação material para a fadiga, freqüentemente muito grande, que para ele resulta do exercício de sua faculdade, não tem as mesmas suscetibilidades a vencer que o médium que não é senão um instrumento.

Sabe-se, além disso, que a lucidez sonambúlica se desenvolve pelo exercício; ora, aquele que disso faz a sua ocupação exclusiva, adquire uma facilidade tanto maior que está no caso de ver muitas coisas com as quais acaba por se identificar, assim que com certos termos especiais que lhe vêm à memória mais facilmente; em uma palavra, ele se familiariza com esse estado que se torna, por assim dizer, seu estado normal: nada mais o espanta. Aliás, os fatos aí estão para provarem com qual prontidão e qual clareza podem ver; de onde concluímos que a retribuição paga a certos sonâmbulos não é obstáculo ao desenvolvimento da lucidez.

A isso faz-se uma objeção. Como a lucidez é freqüentemente variável, depende de causas fortuitas, pergunta-se se o atrativo do ganho não poderia conduzir o sonâmbulo a fingir essa lucidez, mesmo quando ela lhe faltasse, por fadiga ou outra causa, inconveniente que não ocorre quando não há o interesse. Isso é muito verdadeiro, mas nós respondemos que toda coisa tem o seu lado mau. Pode-se abusar de tudo, e por toda parte onde se introduz a fraude é preciso invectivá-la. O sonâmbulo que assim agisse, faltaria com a lealdade, o que, infelizmente, se encontra também naqueles que não dormem. Com um pouco de hábito, pode-se facilmente se aperceber disso, e seria difícil enganar por muito tempo um observador experimentado. Nisso, como em todas as coisas, o essencial é assegurar-se do grau de confiança que merece a pessoa à qual se dirige. Se o sonâmbulo não remunerado não oferece esse inconveniente, não é preciso crer que sua lucidez seja infalível; ele pode se enganar tanto como um outro, se estiver em más condições; a esse respeito, a experiência é o melhor guia. Em resumo, não preconizamos ninguém; pudemos mesmo constatar serviços eminentes prestados por uns e pelos outros; nosso objetivo era provar que se pode encontrar bons sonâmbulos numa e na outra condição.

Aforismos Espíritas e pensamentos destacados

Revista Espírita, abril de 1859

Os Espíritos se encarnam homens ou mulheres, porque eles não têm sexo. Como devem progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes oferece as provas e os deveres especiais, e a ocasião de adquirirem a experiência. Aquele que fosse sempre homem, não saberia senão o que sabem os homens.

Pela Doutrina Espírita, a solidariedade não está mais restrita à sociedade terrestre: ela abarca todos os mundos; pelas relações que os Espíritos estabelecem entre as diferentes esferas, a solidariedade é universal, porque de um mundo ao outro os seres vivos se prestam mútuo apoio.

Aviso

Revista Espírita, abril de 1859

Recebemos, sem cessar, cartas de nossos correspondentes que nos pedem a *História de Joana D'Arc e a de Luís XI*, das quais publicamos extratos, assim como o álbum dos desenho do senhor Victorien Sardou.

Lembramos aos nossos leitores que a história de *Joana D'Arc* está completamente esgotada, agora; que a vida de *Luís XI*, assim como a de *Luís IX*, não foram ainda publicadas; esperamos que o serão um dia e nos faremos um dever anunciá-las em nossa coletânea. Até lá, todo pedido com o efeito de procurar essas obras não tem objeto. Ocorre o mesmo com o álbum do senhor Sardou. O desenho que demos, da casa de Mozart, é o único que está a venda no senhor Ledoyen.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Maio

- [Cenas da vida particular Espírita](#)
- [Música de além-túmulo](#)
- [Os mundos intermediários ou transitórios](#)
- [O laço do Espírito e do corpo](#)
- [Refutação de um artigo de *O Universo*](#)
- [O Livro dos Espíritos entre os selvagens](#)
- [Aforismos Espíritas e pensamentos destacados](#)

Cenas da vida particular Espírita

Revista Espírita, maio de 1859

Em nosso número anterior, apresentamos o quadro da vida Espírita como conjunto; seguimos os Espíritos desde o instante em que deixaram seu corpo terrestre, e rapidamente esboçamos suas ocupações. Hoje nos propomos mostrá-los em ação, reunindo num mesmo quadro diversas cenas íntimas que nossas comunicações nos testemunharam. As numerosas conversas familiares de além-túmulo publicadas nesta revista já puderam dar uma idéia da situação dos Espíritos segundo o grau do seu adiantamento, mas aqui há um caráter especial de atividade que nos fez conhecer, melhor ainda, o papel que desempenham junto a nós, e com o nosso desconhecimento. O objeto de estudo, do qual narraremos as peripécias, se ofereceu espontaneamente; apresenta tanto maior interesse porque tem, por herói principal, não um desses Espíritos superiores que habitam mundos desconhecidos, mas um daqueles que, por sua própria natureza, estão ainda presos à nossa Terra, um contemporâneo que nos deu provas manifestas de sua identidade. A ação se passa entre nós, e cada um de nós nela desempenha seu papel.

Esse estudo dos costumes espíritas tem de particular o aspecto de nos mostrar o progresso dos Espíritos no estado errante, e como podemos concorrer para a sua educação.

Um de nossos amigos, depois de longos ensaios infrutíferos, mas dos quais sua paciência triunfou, e, além do mais, médium audiente, estava ocupado em escrever, com um outro médium de seus amigos, quando, a uma questão dirigida a um Espírito, obteve uma resposta bastante bizarra e pouco séria, na qual não reconheceu o caráter do Espírito evocado. Tendo interpelado o autor dessa resposta, e depois de intimá-lo em nome de Deus, a dar-se a conhecer, esse último assinou *Pierre Lê Flarnand*, nome perfeitamente desconhecido do médium. Foi então que se estabeleceu, entre eles, e mais tarde entre esse Espírito e nós, uma série de conversas que iremos relatar:

Primeira conversa

1. Quem és? - R. Não conheço ninguém com esse nome. - R. Um dos teus antigos companheiros de colégio.
2. Disso não tenho nenhuma lembrança. - R. Lembras de ter sido espancado uma vez?
3. É possível; entre colegiais isso ocorre algumas vezes. Lembro-me com efeito, de alguma coisa como essa, mas me lembro também de lhe pagar com a mesma moeda. - R. Era eu; mas não o quero repetir.
4. Obrigado; tanto quanto me lembro, eras um enorme malandro. - R. Eis que a memória te retorna; nunca mudei enquanto vivi. Tinha má cabeça, mas não era mau no fundo; eu atacava o primeiro que chegasse; era como uma necessidade para mim; depois, voltadas as costas, não pensava mais nisso.
5. Quando e com qual idade morreste? - R. Há quinze anos; tinha uns vinte anos.

6. De que morreste? - R. Uma irreflexão de jovem..., uma conseqüência de minha má cabeça...

7. Tens ainda tua família? - R. Perdera, há muito tempo, meu pai e minha mãe; morava com um tio, meu único parente...; se fores a Cambrai, convido-te a vê-lo...; é um bravo homem, que amo muito, embora me haja conduzido duramente; mas eu o merecia.

8. Chama-se como tu? - R. Não; não há mais ninguém, em Cambrai, com meu nome; ele se chama W....; mora na rua.... n.º....; verás que será bem eu quem te fala.

Nota. - O fato foi verificado pelo próprio médium, em uma viagem que fez algum tempo depois. Encontrou o senhor W....no endereço indicado; este lhe disse que, com efeito, tivera um sobrinho com esse nome, um verdadeiro estouvado, sujeito bastante mau, falecido em 1844, pouco tempo depois de fazer o serviço militar. Essa circunstância fora indicada pelo Espírito; fê-lo mais tarde, espontaneamente; ver-se-á em qual ocasião.

9. Por que acaso vieste até mim? - R. O acaso se quiseres; mas, antes creio que foi meu bom gênio que me impeliu para ti, porque tenho a idéia que ambos ganharemos renovando conhecimento... Eu estava aqui ao teu lado, com teu vizinho, ocupado em considerar os quadros... não quadros de igreja, de repente percebi-te e vim. Vi-te ocupado em conversar com um outro Espírito, quis misturar-me na conversa.

10. Mas por que respondeste às perguntas que eu fazia a um outro Espírito? Isso não é de um bom companheiro. - R. Estava na presença de um Espírito sério, que não me parecia disposto a responder; respondendo por ele, acreditava fazer-lhe o estilo, mas isso não saiu bem; quis, não dizendo a verdade, fazê-lo falar.

11. Mas isso é muito mau, por que poderia resultar em coisas deploráveis se não me apercebesse da fraude. - R. Sempre sabê-lo-ias, um pouco mais cedo, um pouco mais tarde.

12. Diga-me um pouco como entraste aqui? - R. Bela pergunta! É que temos necessidade de pedir o cordão?

13. Podes, pois, ir por toda parte, entrar em qualquer parte? -R. Mas!... sem ainda dizer atenção!... Não somos Espíritos por nada.

14. Creio, entretanto, que certos Espíritos não têm o poder de entrar em todas as reuniões? -- R. Será que, por acaso, crês que a sala é um santuário e que sou indigno de nela penetrar?

15. Responda seriamente à minha pergunta, e nada de maus gracejos, peço-te; vês que não estou com humor para suportá-los, e que os Espíritos mistificadores são mal recebidos em minha casa. - R. Há reuniões de Espíritos onde nós os João Ninguém não podemos penetrar, isso é verdade; mas são os Espíritos superiores que nos impedem, e não vós outros homens; aliás, quando vamos a alguma parte, sabemos muito bem calar e nos mantermos à parte quando é preciso; escutamos, e se isso nos aborrece, vamo-nos dali. Ah! aqui não tens o ar de encantado com a minha visita.

16. É que não recebo de bom grado o primeiro que chega e, francamente, estou de má vontade por ter vindo perturbar uma conversa séria. - R. Não te irrites..., não quero fazê-lo

mais..., sou sempre bom rapaz...; uma outra vez far-me-ei anunciar.

17. Eis quinze anos que morreste... - R. Entendamo-nos; foi meu corpo que morreu; mas *eu*, que te falo, não estou morto.

Nota. - Encontram-se nos Espíritos, mesmo levianos e zombeteiros, palavras de uma grande profundidade. Esse *eu*, que não morreu, é completamente filosófico.

18. É bem como isso que eu ouço. A esse respeito, diga-me se, tal qual és agora, tu me vês com tanta nitidez como se tivesses teu corpo? - R. Vejo-te ainda melhor; eu era míope; foi por isso que quis isentar-me da conscrição.

19. Eis, digo eu, quinze anos que morreste e me pareces tão estouvado quanto antes; não avançaste pois? - R. Sou o que era, nem melhor, nem pior.

20. Com o que passas teu tempo? - R. Não tenho outras ocupações além de me divertir ou de me informar sobre os acontecimentos que podem influenciar o meu destino. Eu vejo sempre; passo uma parte de meu tempo ora com os amigos, ora no espetáculo... algumas vezes, surpreendo coisas singulares... Sabendo-se que se tem testemunhas quando se crê estar só!... Enfim, faço de modo que meu tempo me seja, o menos possível, pesado... Dizer quanto isso durará, disso nada sei e, entretanto, vago assim há um certo tempo... Tens explicações como essa?

21. Em suma, és mais feliz do que quando vivo? - R. Não.

22. O que te falta? Não tens necessidade de nada; não sofres mais; não receias estar arruinado; vais por toda parte, vês tudo; não temes nem as inquietações, nem as enfermidades da velhice; não é uma existência feliz? - R. Falta-me a realidade dos prazeres; não sou bastante avançado para gozar de uma felicidade moral; invejo tudo o que vejo, e é isso o que me tortura; aborreço-me e trato de matar o tempo como posso!... E o tempo é bem longo!... Sinto uma doença que não sei definir...; gostaria mais de sofrer as misérias da vida do que essa ansiedade que me oprime.

Nota. - Não está aí um eloqüente quadro dos sofrimentos morais dos Espíritos inferiores? Invejar tudo que vê; ter os mesmos desejos e, na realidade, não gozar de nada, isso deve ser uma verdadeira tortura.

23. Disseste que ias ver teus amigos; não é uma distração? -R. Meus amigos não sabem que estou ali e, aliás, não pensam mais em mim; isso me faz mal.

24. Não os tens entre os Espíritos? -- R. Estouvados, vadios como eu, que se aborrecem como eu; sua sociedade não é muito divertida; os que são felizes e razoáveis se afastam de mim.

25. Pobres rapazes! Eu te lamento e se pudesse ser útil fá-lo-ia com prazer. - R. Se soubesses o quanto essa palavra me faz bem! É a primeira vez que a ouço.

26. Não poderias procurar as ocasiões de ver e ouvir coisas boas e úteis, que serviriam para o teu adiantamento? - R. Sim, mas, para isso, seria preciso que soubesse aproveitar essas lições; confesso que, de preferência, gosto de assistir às cenas de amor e de deboche que

não influenciam meu espírito no bem. Antes de entrar em tua casa, estive lá, considerando os quadros que revelavam, em mim, certas idéias..., mas ali se quebraram. Eu soube, entretanto, resistir a pedir para me reencarnar, para gozar dos prazeres dos quais tanto abusei; vejo agora o quanto estava errado. Mantendo-me em tua casa, sinto que fiz bem.

27. Pois bem! No futuro, espero que me darás prazer se te apegares à minha amizade, para não concentrar mais a tua atenção sobre os quadros que podem dar-te más idéias, e que, ao contrário, pensarás naquilo que aqui poderás ouvir de bom e de útil para ti. Sentir-te-ás bem, crê em mim. - R. Se for tua idéia, será a minha.

28. Quando vais ao teatro, sentes as mesmas emoções de quando estavas vivo? - R. Várias emoções diferentes; aquelas primeiro; depois, algumas vezes, misturo-me às conversas..., ouço coisas singulares.

29. Qual é o teu teatro predileto? - R. Lês Variétés; mas, freqüentemente, me ocorre ir vê-los todos na mesma noite. Também vou aos bailes, às reuniões onde se diverte.

30. De modo que, mesmo se divertindo, podes instruir-te, deves poder observar muito em tua posição? -- R. Sim, mas o que gosto muito é de certos colóquios; é verdadeiramente curioso ver os manejos de certos indivíduos, sobretudo daqueles que querem se fazer crer jovens ainda. Em todas essas tagarelices ninguém diz a verdade: o coração se dissimula como o rosto, e é para nada compreender. Fiz um estudo de costumes sobre isso.

31. Pois bem! Não vês que poderíamos ter conjunto de pequenas boas conversas, como esta, das quais poderíamos, ambos, tirar bom proveito? - R. Sempre; como dizes, para ti primeiro e para mim em seguida. Tens ocupações que necessitam do teu corpo; posso fazer todas as diligências possíveis para me instruir; sem prejudicar a minha existência.

32. Desde que assim é, continuarás as tuas observações, ou como disseste, os estudos dos costumes; até o presente as aproveitaste pouco; é preciso que sirvam para te esclarecer e, para isso, é preciso que as faças com um objetivo sério, e não para te divertir e matar o tempo. Dir-me-ás o que vires; analisá-la-emos e delas tiraremos as conseqüências para a nossa instrução mútua. - R. Será mesmo muito atraente; sim, certamente, estou a teu serviço.

33. Isso não é tudo; eu gostaria de procurar a ocasião de fazer uma boa ação; queres? - R. De todo o coração! Dir-se-á, pois, que poderei ser bom para alguma coisa. Dize-me tudo o que é preciso que eu faça.

34. Devagar! Não confio assim missões delicadas àqueles dos quais não esteja perfeitamente seguro. Tens boa vontade, disso não duvido, mas, terias a perseverança necessária? É uma pergunta. É preciso, pois, que eu aprenda a te conhecer melhor, para saber do que és capaz e até que ponto posso contar contigo. Disso falaremos em uma outra vez. - R. Ve-lo-ás.

35. Adeus, pois, por hoje. - R. Até breve.

Segunda conversa

36. Pois bem! Meu caro Pierre, refletiste seriamente no que dissemos outro dia? - R. Mais

seriamente do que crês porque desejo provar-te que valho mais do que aparento. Sinto-me mais à vontade, desde que tenha alguma coisa a fazer; agora, tenho um objetivo e não me aborreço mais.

37. Falei de ti com o senhor Allan Kardec; comuniqui-lhe nossa conversa, e ele ficou muito contente com isso; ele deseja comunicar-se contigo. - R. Eu o sei, fui à casa dele.

38. Quem te conduziu? - R. Teu pensamento. Voltei aqui depois do outro dia; vi que querias falar de mim e disse-me: Vamos lá primeiro, ali encontrarei, provavelmente, algum objeto de observação e, talvez, a oportunidade de ser útil.

39. Gosto de te ver com esses pensamentos sérios. Que impressão recebeste de tua visita? - R. Oh! Um grande bem; aprendi coisas que não suspeitava e que me esclareceram sobre o meu futuro. Foi como uma luz que se fez em mim; compreendo agora tudo o que tenho a ganhar em me aperfeiçoando..., é preciso, é preciso.

40. Posso, sem indiscrição, perguntar-te o que viste na casa dele? - R. Seguramente, da casa dele como da de outros, tanto mais não direi sempre o que gostaria... ou o que eu poderia.

41. Como entendes isso? É que não podes dizer tudo o que queres? - R. Não; há alguns dias vejo um Espírito que parece me seguir por toda parte, que me impele ou me retém; dir-se-á que me dirige; sinto um impulso do qual não me dou conta, e ao qual obedeco contra a minha vontade; se quero dizer ou fazer alguma coisa inconveniente, ele se coloca diante de mim..., olha-me..., e eu me calo..., detenho-me.

42. Qual é esse Espírito? - R. Nada sei dele; mas ele me domina.

43. Por que não lhe perguntas? - R. Não ousa; quando quero falar-lhe, ele me olha, e minha língua se retém.

Nota. - Evidente que a palavra *língua* é aqui uma figura, uma vez que os Espíritos não têm linguagem articulada.

44. Deves ver se ele é bom ou mau? - R. Deve ser bom, uma vez que não me impede de dizer asneiras; mas é severo... Algumas vezes tem o ar irritado, e, de outras vezes parece olhar-me com ternura... Veio-me ao pensamento que esse poderia bem ser o Espírito de meu pai, que não quer dar-se a conhecer.

45. Isso me parece provável; ele não deve estar muito contente contigo. Escuta-me bem; vou dar-te um aviso a esse respeito. Sabemos que os pais têm por missão elevar seus filhos e dirigi-los no caminho do bem; em consequência, são responsáveis pela educação que receberam, e por isso sofrem ou são felizes no mundo dos Espíritos. A conduta dos filhos influi, pois, até um certo ponto, sobre a felicidade ou a infelicidade de seus pais depois da morte. Como a tua conduta na Terra não foi muito edificante, e depois que morreste não fizeste grande coisa de bom, teu pai deve sofrer com isso, se tem a censurar-se por não te dirigir bem... - R. Se não me tornei bom sujeito, não foi por falta de ser corrigido mais de uma vez com força.

46. Talvez esse não seja o melhor meio para se renovar; qualquer que ele seja, sua afeição por ti é sempre a mesma, e prova-te isso aproximando-se de ti, se for ele, como presumo;

deve estar feliz com a tua mudança, o que explica suas alternativas de ternura e irritação; ele quer te ajudar no caminho no qual vens de entrar, e quando nele ver-te solidamente ajustado, estou persuadido de que se dará a conhecer. Assim, trabalhando pela tua própria felicidade, trabalharás pela sua. Não ficaria mesmo espantado que foi ele quem te impeliu a vir em minha casa. Se não o fez antes, foi porque quis deixar-te o tempo de compreender o vazio de tua existência ociosa e dela sentir os desgostos. - R. Obrigado! Obrigado...! Ele está atrás de ti... Pousa sua mão sobre a tua cabeça, como se te ditasse as palavras que acabas de dizer.

47. Voltemos ao senhor Allan Kardec. - R. Fui à sua casa anteontem à noite; estava ocupado escrevendo em seu escritório..., trabalhava numa nova obra que prepara... Ah! ele nos melhora bem. A nós outros, pobres Espíritos; se não nos conhecerem não será por culpa sua.

48. Estava só?- R. Só, sim, quer dizer que não havia ninguém com ele; mas havia, ao redor dele, uma vintena de Espíritos que murmuravam acima de sua cabeça.

49. Ele os ouvia? - R. Ouvia-os, se bem que olhasse por todos os lados para ver de onde vinha esse ruído, para ver se não eram milhares de moscas; depois, abriu a janela para ver se não fora o vento ou a chuva.

Nota. - O fato era perfeitamente exato.

50. Entre todos esses Espíritos, não o reconheceste? - R. Não;

não são os da minha sociedade; eu tinha o ar de um intruso e postei-me num canto para observar.

51. Esses Espíritos pareciam se interessar pelo que ele escrevia? - R. Eu o creio muito! Sobretudo, havia dois ou três que lhe sopravam o que ele escrevia e que tinham o ar de se aconselharem com outros; ele, ele acreditava ingenuamente que as idéias eram dele, e com isso parecia contente.

52. Foi tudo o que viste? - R. Em seguida, chegaram oito ou dez pessoas que se reuniram, em um outro aposento, com Kardec; puseram-se a conversar; perguntavam-lhe; ele respondia, explicava.

53. Conheces as pessoas que lá estavam? - R. Não; sei somente que havia grandes personagens, porque a um deles sempre se dizia: Príncipe, e a um outro; senhor o Duque. Os Espíritos também chegaram em massa; havia pelo menos uma centena deles, dos quais vários tinham sobre a cabeça como coroas de fogo; os outros mantinham-se de longe e escutavam.

54. E tu, que fazias?, - R. Eu escutava também, mas, sobretudo, observava; então, veio-me à idéia fazer diligências muito úteis a Kardec; dir-te-ei mais tarde o que era, quando houver triunfado. Deixei, pois, a assembléia e caminhando pelas ruas, diverti-me vagando diante das lojas, misturando-me com os grupos.

55. De sorte que em lugar de ir para os teus afazeres, perdias teu tempo. - R. Não o perdi, uma vez que impedi um roubo.

56. Ah! Tu te metes também a te fazer de polícia? - R. Por que não? Passamos diante de uma loja fechada, notei que se passava em seu interior alguma coisa de singular, entrei; vi um jovem muito agitado e que ia, vinha e tinha o ar de querer a caixa do comerciante. Havia com ele dois Espíritos, um que lhe soprava no ouvido: vá, pois, poltrão! A gaveta está cheia; poderás divertir-te à vontade, etc.; além disso havia uma figura de mulher, bela e cheia de nobreza, alguma coisa de celeste e de bom olhar; dizia-lhe: Vá-te daqui! Vá-te daqui! não te deixes tentar; e lhe soprava as palavras; prisão, desonra.

O jovem hesitava. No momento em que se aproximou do balcão, coloquei-me diante dele para detê-lo. Os maus Espíritos me perguntavam por que me metia. Eu quero, disse-lhes, impedir esse jovem de cometer uma má ação, e, talvez, ir para a prisão. Então o bom Espírito se aproximou de mim e me disse: *é preciso que ele suporte a tentação; é uma prova; se sucumbir, será sua falta.* Minha vontade era triunfar, quando seu mau gênio empregou um ardil que triunfou; fê-lo notar, sobre uma mesinha, uma garrafa: era aguardente; inspirou-lhe a idéia de bebê-la para encorajar-se. O infeliz está perdido, disse-me..., tratemos ao menos de salvar alguma coisa. Não tinha mais que um recurso, era o de prevenir o patrão... logo! Heis-me em sua casa num instante. Ele estava ocupado numa partida de cartas com sua mulher; era preciso encontrar o meio de fazê-lo descer.

57. Se ele fosse médium, tê-lo-ias feito escrever o que quisesse. Acreditava ao menos nos Espíritos? - R. Ele não tinha bastante espírito para saber o que era.

58. Não te conhecia o talento de fazer jogo de palavras. - R. Se me interrompes, não digo mais nada. Dei-lhe um violento espirro; quis pegar o tabaco, e percebeu que esquecera sua tabaqueira na loja. Chamou seu jovem que dormia num canto e lhe disse para ir procurá-la..., esse não era meu negócio...; o menino despertou grunhindo... Soprei à mãe dizer: Não desperte, pois, esse jovem; podes bem ir tu mesmo. - Ele se decidiu enfim..., eu o segui, para fazê-lo ir mais depressa. Chegado à porta, percebeu a luz na loja e ouviu o ruído. Eis que o medo o tomou, as pernas lhe tremeram; impeli-o para fazê-lo avançar; se tivesse entrado subitamente, pegaria o ladrão como numa arapuca; em lugar disso, esse grande imbecil se pôs a gritar, ao ladrão! o ladrão se salvou, mas, em sua precipitação, e perturbado que estava pela aguardente, esqueceu de recolher seu boné. O comerciante entrou quando não havia mais ninguém...; o que fará do boné, não era assunto meu: Aquele não estava em bons lençóis. Graças a mim, o ladrão não teve o tempo para terminar, e o comerciante o afastou pelo medo; o que não o impediu de dizer, voltando a sua casa, que ele lançou por terra um homem de seis pés. - Vede um pouco, disse, a que se prendem as coisas! Se eu não tivesse a idéia de pegar o tabaco!... - Se eu não tivesse te impedido de enviar nosso jovem! Disse a mulher... - É preciso convir que ambos fomos previdentes! - O que é senão o acaso!

Heis, meu caro, como nos agradecem.

59. Tu és um bravo jovem, meu caro Pierre, e te felicito. Não te desencorajes com a ingratidão dos homens; encontrarás muitas outras, agora que te metes a lhes prestar serviço, mesmo entre aqueles que crêem na intervenção dos Espíritos - R. Sim, e sei que os ingratos se preparam cruéis retornos.

60. Vejo agora que posso contar contigo, e que te tomas verdadeiramente sério. - R. Verás, mais tarde, que serei eu quem lhe pregará a moral.

61. Disso tenho necessidade como um outro, e recebo de bom grado os bons conselhos, de qualquer parte que venham. Disse que queria te mandar fazer uma boa ação; estás disposto? - R. Podes disso duvidar?

62. Tenho um dos meus amigos que está ameaçado, creio, por grandes decepções se continuar a seguir o mau caminho no qual está empenhado; as suas ilusões podem perdê-lo. Queria que tentasses conduzi-lo para o bom caminho, por alguma coisa que pudesse impressioná-lo vivamente; compreendes meu pensamento? -R. Sim; gostarias que lhe fizesse alguma boa manifestação; uma aparição, por exemplo; mas isso não está no meu poder. Posso, entretanto, algumas vezes, quando para isso tenho a permissão, dar provas sensíveis de minha presença; tu o sabes.

Nota. - O médium ao qual esse Espírito parece estar ligado, é informado de sua presença por uma impressão muito sensível, quando mesmo nem sonha chamá-lo. Ele o reconhece por uma espécie de roçadura que sente no braço, nas costas e nas espáduas; mas os efeitos são, algumas vezes, mais enérgicos. Em uma reunião que ocorreu em nossa casa, no dia 24 de março último, esse Espírito respondia às perguntas por intermédio de um outro médium. Falava-se de sua força física; de repente, como para dar uma prova, tomou um dos assistentes pela perna, por meio de um violento abalo, ergueu-o de sua cadeira e o lançou, muito aturdido, à outra extremidade da sala.

63. Farás o que fizeres, ou melhor, o que puderes. Informo-te que é um pouco médium. - R. Tanto melhor; tenho meu plano.

64. Que pretendes fazer? - R. Primeiro, vou estudar a posição; ver de quais Espíritos ele está cercado, e se há meio de fazer alguma coisa com eles. Uma vez em sua casa, anunciar-me-ei, como fiz em tua casa; interpelar-me-ão; responderei: "Sou eu, Pierre Lê Flamand, mensageiro em Espírito, que vem se colocar ao vosso serviço, e que, pela mesma ocasião, desejaria vos prestar um serviço. Ouvi dizer que estás em certas esperanças que vos giram a cabeça e que vos fazem já voltar as costas ao vossos amigos; creio dever, no vosso interesse, vos informar o quanto as vossas idéias estão longe de aproveitarem a vossa felicidade futura. Palavra de Lê Flamand, posso vos assegurar que venho vos ver com boas intenções. Temei a cólera dos Espíritos, e mais ainda a de Deus, e crede na palavra de vosso servidor que pode vos afirmar que sua missão é toda para o bem." (Sic.)

Se me despedem, voltarei três vezes, e depois verei o que houver a fazer. É isso?

65. Muito bem, meu amigo, mas disso não digas nem mais nem menos. - R. Palavra a palavra.

66. Mas perguntado de quem te encarregou dessa missão, que responderás? - R. Os Espíritos superiores. Posso, para o bem, não dizer inteiramente a verdade.

67. Tu te enganas; desde que se age para o bem, é sempre por inspiração de bons Espíritos; assim, tua consciência pode repousar, porque os maus Espíritos jamais impelem para fazer coisas boas. -R. Está combinado.

68. Agradeço-te e te felicito por tuas boas disposições. Quando queres que te chame para que me faças conhecer o resultado da missão? - R. Informar-te-ei.

(continua no próximo número)

Música de além-túmulo

Revista Espírita, maio de 1859

O Espírito de Mozart veio ditar ao excelente médium, Senhor Bryon-Dorgeval, um fragmento de sonata. Como meio de controle, esse último fê-la ouvir por vários artistas, sem indicá-lhes a fonte, pedindo simplesmente que cor encontravam nesse trecho; cada um nele reconheceu, sem hesitação, a marca de Mozart. Foi executado na sessão da Sociedade, do dia 8 de abril último, em presença de numerosos conhecedores, pela senhora de Davans, aluna de Cho-pin e pianista distinta, que consentiu em prestar seu concurso. Como ponto de comparação, a senhorita de Davans, preliminarmente, fez ouvir uma sonata composta por Mozart quando vivo. Não houve senão uma voz, não só sobre a perfeita identidade do gênero, mas ainda sobre a superioridade da composição espírita. Um trecho de Chopin foi em seguida executado pela senhorita de Davans, com seu talento habitual. Não se poderia perder essa ocasião de invocar esses dois compositores com os quais se teve a conversa seguinte:

Mozart

1. Sem dúvida sabeis qual o motivo que nos fez chamar-vos? - R. Vosso chamado me dá prazer.
 2. Reconheceis o trecho, que se acabou de tocar, como sendo ditado por vós - R. Sim, muito bem; eu o reconheço inteiramente. O médium, que me serviu de intérprete, é um amigo que não me traiu.
 3. Qual dos dois trechos preferis? - R. O segundo, sem paralelo.
 4. Por quê? - R. A doçura, o encanto nele estão mais vivos e com mais ternura, ao mesmo tempo.
- Nota.* - Com efeito, essas são as qualidades reconhecidas nesse trecho.
5. A música do mundo que habitais, pode ser comparada à nossa? - R. Ser-vos-ia difícil compreendê-la; temos sentidos que não possuis.
 6. Disseram-nos que, em vosso mundo, há uma harmonia natural, universal que não conhecemos neste mundo. - R. É verdade; na vossa Terra, fazeis a música; aqui, toda a Natureza faz ouvir sons melódiosos.
 7. Poderíeis tocar, vós mesmo, no piano? - R. Poderia, sem dúvida, mas não o quero; é inútil.
 8. Isso seria, no entanto, poderoso motivo de convicção. - R. Não estais convencidos?

Nota. - Sabe-se que os Espíritos jamais se prestam às provas; freqüentemente, fazem espontaneamente o que não se lhes pedem; esta, aliás, entra na categoria das manifestações

físicas das quais os Espíritos elevados não se ocupam.

9. Que pensais da recente publicação de vossas cartas? - R. Ela evocou muito minhas recordações.

10. Vossa recordação está na memória de todo o mundo; poderíeis precisar o efeito que essas cartas produziram na opinião? -R. Sim, amaram-na, e se apegou muito mais a mim como homem, como não acontecia antes.

Nota, - A pessoa, estranha à Sociedade, que colocou essas últimas perguntas, confirmou que tal foi, com efeito, a impressão produzida por essa publicação.

11. Desejamos interrogar Chopin; podemos? - R. Sim; ele está mais triste e mais sombrio do que eu.

Chopin

12. (Depois da evocação) Poderíeis dizer-nos em que situação estais como Espírito? - R. Ainda errando.

13. Lamentais a vida terrestre? - R. Não sou infeliz.

14. Sois mais feliz do que não éreis? - R. Sim, um pouco.

15. Dissestes *um pouco*, o que quer dizer não há uma grande diferença; o que vos falta para sê-lo mais? - R. Eu disse um pouco, com relação aquilo que poderia ter sido; porque com minha inteligência, poderia adiantar-me mais do que eu fiz.

16. A felicidade que não tendes agora esperais tê-la um dia? -R. Seguramente, isso virá, mas serão necessárias novas provas.

17. Mozart disse que estais sombrio e triste; por que isso? - R. Mozart disse a verdade. Eu me entristeço, porque empreendi uma prova que não conduzi bem, e não tenho mais a coragem para recomeçá-la.

18. Como apreciais as vossas obras musicais? - R. Eu as estimo muito, mas entre nós faz-se melhor; sobretudo, executa-se melhor; têm-se mais meios.

19. Quais são, pois, vossos executantes? - R. Temos, sob nossas ordens, legiões de executantes que seguem nossas composições com mil vezes mais de arte do que nenhum dos vossos; são músicos completos; o instrumento do qual se servem é sua garganta, por assim dizer, e são ajudados por instrumentos, espécies de órgãos de uma precisão e de uma melodia que pareceis não dever compreender.

20. Estais bem errante? - R. Sim; quer dizer que não pertenço a nenhum planeta exclusivamente.

21. E vossos executantes, estão também errantes? - R. Errantes como eu.

22. (A Mozart.) Teríeis a bondade de nos explicar o que Chopin acaba de dizer? Não compreendemos essa execução por Espíritos errantes. - R. Concebo vosso espanto; todavia, dissemos-vos que há mundos particularmente atribuídos aos seres errantes, mundos nos quais podem habitar temporariamente; espécies de acampamentos, de campos para repousar seus espíritos fatigados por uma muito longa erraticidade, estado sempre um pouco penoso.

23. (A Chopin.) Reconheceis aqui um de vossos alunos? - R. Sim, ele me parece.

24. Estaríeis à vontade assistindo à execução de um trecho de vossa composição? - R. Isso me dará muito prazer, sobretudo executada por uma pessoa que guardou de mim uma boa lembrança; que ela aceite os meus agradecimentos.

25. Poderíeis dar-nos o vosso julgamento sobre a música de Mozart? - R. Gosto muito dela; vejo Mozart como meu mestre.

26. Partilhais sua opinião relativamente à música de hoje? - R. Mozart disse que a música era melhor compreendida em seu tempo do que hoje: é a verdade; objetaria, todavia, de que há ainda verdadeiros artistas.

nota. - O fragmento de sonata ditado pelo Espírito de Mozart acaba de ser publicado. Pode-se procurá-lo, seja no Escritório da *Revista Espírita*, seja na livraria espírita do senhor Ledoyen, Palais Royal, galeria de Orléans, 31 - preço: 2 francos. -Será remetida *franqueada*, contra remessa de uma ordem dessa quantia.

Os mundos intermediários ou transitórios

Revista Espírita, maio de 1859

Viu-se, por uma das respostas narradas no artigo precedente, que haveria, ao que parece, mundos destinados aos Espíritos errantes. A idéia desses mundos não estava no pensamento de nenhum dos assistentes, e ninguém não a imaginara sem a revelação espontânea de Mozart, nova prova de que as comunicações espíritas podem ser independentes de toda opinião preconcebida. Com o objetivo de aprofundar essa questão, submetemo-la a um outro Espírito, fora da Sociedade e por intermédio de um outro médium, que disso não tinha nenhum conhecimento.

1. (A Santo Agostinho.) Existem, como nos foi dito, mundos que servem aos Espíritos errantes de estação e de ponto de repouso? - R. Há-os, mas não graduados; quer dizer que ocupam posições intermediárias entre os outros mundos, segundo a natureza dos Espíritos que podem aí chegar, e que neles gozam de um bem-estar maior ou menor.
2. Os Espíritos que habitam esses mundos podem deixá-los à vontade? - R. Sim; os Espíritos que se acham nesses mundos podem se desligar deles para irem onde devem ir. Figurai-vos aves de arribação abatendo-se sobre uma ilha à espera de recuperar forças para alcançar o seu destino.
3. Os Espíritos progridem durante suas estações nos mundos intermediários? - R. Certamente; aqueles que assim se reúnem, fazem-no com o objetivo de se instruírem e de poderem, mais facilmente, obter a permissão de alcançarem lugares melhores, e atingir a posição que os eleitos obtêm.
4. Esses mundos são perpetuamente, e por sua natureza especial, destinados aos Espíritos errantes? - R. Não; sua posição não é senão transitória.
5. São eles, ao mesmo tempo, habitados por seres corpóreos? - R. Não.
6. Têm uma constituição análoga à dos outros planetas? - R. Sim, mas a superfície é estéril.
7. Por que essa esterilidade? - R. Aqueles que os habitam de nada necessitam.
8. Essa esterilidade é permanente e prende-se à sua natureza especial? - R. Não, eles são estéreis por transição.
9. Esses mundos devem, então, estar desprovidos de belezas naturais? - R. A Natureza se traduz pelas belezas da imensidão que não são menos admiráveis daquilo que chamais as belezas naturais.
10. Há desses mundos no nosso sistema planetário? - R. Não.

11. Uma vez que seu estado é transitório, nossa Terra será um dia desse número? - R. Ela o foi.

12. Em qual época? - R. Durante a sua formação.

Nota. - Essa comunicação confirma, uma vez mais, essa grande verdade que nada é inútil na Natureza; cada coisa tem seu objetivo, sua destinação; nada está no vazio, tudo está habitado, a vida está por toda parte. Assim, durante a longa série de séculos que escoaram antes da aparição do homem na Terra, durante esses lentos períodos de transição atestados pelas camadas geológicas, antes mesmo da formação dos primeiros seres orgânicos; sobre essa massa informe, nesse árido caos onde os elementos estavam confundidos, não havia ausência de vida; seres que não tinham nem nossas necessidades, nem nossas sensações físicas aí encontravam refúgio. Deus quis que, mesmo nesse estado imperfeito, ela servisse para alguma coisa. Quem, pois, ousaria dizer que entre esses milhares de mundos que circulam na imensidão, um só, um dos menores, perdido na multidão, tivesse o privilégio exclusivo de ser povoado. Qual seria, pois, a utilidade dos outros? Deus não os teria feito senão para recrear nossos olhos? Suposição absurda, incompatível com a sabedoria que brilha em todas as suas obras. Ninguém contestará que há, nessa idéia de mundos ainda impróprios para a vida material, e todavia povoados por seres vivos apropriados a esse meio, alguma coisa de grande e sublime onde se encontra, talvez, a solução de mais de um problema.

O laço do Espírito e do corpo

Revista Espírita, maio de 1859

A senhora Schutz, uma de nossas amigas, que é perfeitamente deste mundo, e não parece dever deixá-lo tão cedo, tendo sido evocada durante seu sono, mais de uma vez, nos deu a prova da perspicácia de seu Espírito nesse estado. Um dia, ou melhor uma noite, depois de uma conversa bem longa, ela disse: Estou fatigada; tenho necessidade de repouso; eu durmo; meu corpo dele tem necessidade.

Sobre isso se lhe fez esta pergunta: Vosso corpo pode repousar; falando-vos, eu não o altero; é vosso Espírito que está aqui, e não o vosso corpo; podeis, pois, conversar comigo, sem que este sofra com isso. Ela respondeu:

"Estais errado crendo isso; meu Espírito se desliga bem pouco do meu corpo, mas é como um balão cativo retido por cordas. Quando o balão recebe os abalos ocasionais pelo vento, o poste que o mantém cativo sente a comoção dos abalos transmitidos pela amarração. Meu corpo está no lugar do poste, com a diferença que ele experimenta sensações desconhecidas ao poste, e que essas sensações cansam muito o cérebro; eis porque meu corpo, como meu Espírito, têm necessidade de repouso."

Esta explicação, na qual nos declarou que, durante a vigília, ela não havia jamais sonhado, mostra perfeitamente as relações que existem entre o corpo e o Espírito, quando este último goza de uma parte de sua liberdade. Sabemos muito bem que a separação absoluta não ocorre senão depois da morte, e mesmo algum tempo depois da morte, mas essa ligação não nos fora pintada com uma imagem tão clara e tão surpreendente; também felicitamos sinceramente essa senhora por tanto espírito que tinha enquanto dormia. Isso, todavia, não nos pareceria senão uma engenhosa comparação, quando recentemente essa figura tomou proporção de realidade. - O senhor R..., antigo ministro residente nos Estados Unidos, junto ao rei de Nápoles, homem muito esclarecido sobre o Espiritismo, vindo nos ver, perguntou-nos se, nos fenômenos de aparição, nunca havíamos observado uma particularidade distintiva entre o Espírito de uma pessoa viva e o de uma pessoa morta; em uma palavra, se, quando um Espírito aparece espontaneamente, seja durante a vigília, seja durante o sono, temos um meio de reconhecer se a pessoa está morta ou viva. Sobre nossa resposta de que disso não conhecemos além do que perguntá-lo ao Espírito, ele nos disse conhecer na Inglaterra um médium vidente, dotado de um grande poder, que, cada vez que o Espírito de uma pessoa viva se apresentava a ele, notava um rastro luminoso, partindo do peito, atravessar o espaço sem ser interrompido pelos obstáculos materiais, e indo chegar ao corpo, espécie de cordão umbilical, que une as duas partes momentaneamente separadas do ser vivo. Ele jamais notou quando a vida corpórea não existe mais, e é por esse sinal que reconhece se o Espírito é de uma pessoa morta ou ainda viva.

A comparação *da* senhora Schutz nos veio ao pensamento, e dela encontramos a confirmação do fato que acabamos de narrar. Faremos, todavia, uma nota a esse respeito.

Sabe-se que no momento da morte a separação não é brusca; o perispírito não se desliga senão pouco a pouco, e enquanto dure a perturbação, ele conserva uma certa afinidade com o corpo. Não seria possível que o laço observado pelo médium vidente, do qual acabamos de falar, subsistisse ainda quando o Espírito aparece no próprio momento da morte, ou poucos

instantes depois, como isso ocorre freqüentemente? Nesse caso, a presença desse cordão não seria um indício de que a pessoa está viva. O senhor R... não pôde nos dizer se o médium fez essa anotação. Em todos os casos, a observação não é menos importante, e lança uma nova luz sobre isso que podemos chamar a fisiologia dos Espíritos.

Refutação de um artigo de *O Universo*

Revista Espírita, maio de 1859

O jornal *O Universo*, em seu número de 13 de abril último, contém o artigo do senhor abade Chesnel, onde a questão do Espiritismo está longamente discutida. Tê-lo-íamos deixado passar como tantos outros aos quais não ligamos nenhuma importância, se se tratasse de uma dessas diatribes grosseiras que provam, pelo menos da parte de seus autores, a ignorância mais absoluta daquilo que atacam. Agradecemos reconhecer que o artigo do senhor abade Chesnel está redigido com espírito diferente. Pela moderação e a conveniência de sua linguagem, merece uma resposta, tanto mais necessária porque esse artigo contém um erro grave e pode dar uma idéia muito falsa seja do Espiritismo em geral, seja em particular do caráter e do objetivo dos trabalhos da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Citamos o artigo na íntegra.

"Todo o mundo conhece o espiritualismo do senhor Cousin, essa filosofia destinada a tomar delicadamente o lugar da religião. Hoje, possuímos sob o mesmo título um corpo de doutrina *reveladas*, que vai se completando pouco a pouco, é um culto muito simples, é verdade, mas de uma eficácia maravilhosa, uma vez que coloca os devotos em comunicação real, sensível e quase sempre permanente com o mundo sobrenatural.

"Esse culto tem assembléias periódicas que se abrem pela invocação de um santo canonizado. Depois de constatar a presença, no meio dos fiéis, de São Luís, rei da França, se lhe suplica interditar, aos maus Espíritos, a entrada do templo, e lê-se a ata da sessão precedente. Depois, com o convite do presidente, um *médium* sobe à escrivaninha junto ao secretário encarregado de escrever as perguntas feitas por um dos fiéis e as respostas que serão ditadas ao *médium*, pelo espírito invocado. A assembléia assiste gravemente, piedosamente, a essa cena de necromancia algumas vezes muito longa, e quando a ordem do dia está esgotada, retira-se mais persuadido que nunca da verdade do espiritualismo. Cada fiel, no intervalo que decorre até a reunião seguinte, não negligencia manter um comércio assíduo, mas privado, com aqueles espíritos que lhe são ou os mais acessíveis ou mais caros. Os *médiuns* são muitos, e não há quase nada de segredo, na outra vida, que os médiuns acabem por penetrar. Esses segredos, uma vez revelados aos fiéis, não são ocultados ao público. A *Revista espiritualista* que aparece regularmente todos os meses, não recusa nenhuma assinatura profana, e qualquer um pode comprar os livros que contêm o texto revelado com seu comentário autêntico.

"Chegar-se-ia a crer que uma religião, que consiste unicamente da evocação dos mortos, seja muito hostil à Igreja católica, que nunca cessou de interditar a prática da necromancia. Mas esses sentimentos estreitos, por natural que pareçam, não lhe são menos estranhos, assegure-se, ao coração dos espiritualistas. Rendem, de bom grado, justiça ao Evangelho e ao seu Autor, confessam que Jesus viveu, agiu, falou, sofreu como os nossos quatro evangelistas o narram. A doutrina evangélica é verdadeira; mas essa revelação, da qual Jesus foi o órgão, longe de excluir todo o progresso, tem necessidade de ser completada. O espiritualismo é que dará ao Evangelho a sã interpretação que lhe falta e o complemento que espera há dezoito séculos.

"Mas, também, quem assinará limites ao progresso do cristianismo ensinado, interpretado, desenvolvido qual está, por almas libertas da matéria, estranhas às paixões terrestres, aos nossos preconceitos e aos nossos interesses humanos? O próprio infinito se nos descobre; ora, o infinito não tem limites, e tudo nos faz esperar que a revelação do infinito será continuada, sem interrupção; à medida que se escoarem os séculos, ver-se-ão as revelações acrescentadas, sem esgotar jamais esses mistérios, cuja extensão e profundidade parecem aumentar à medida que se libertam da obscuridade que os envolvia até aqui.

"De onde esta conseqüência que o espiritualismo é uma religião, uma vez que nos coloca intimamente em relação com o infinito e que absorve, em se alargando, o cristianismo, que, de todas as formas religiosas presentes ou passadas, é, como se confessa sem dificuldade, a mais elevada, a mais pura e mais perfeita. Mas alargar o cristianismo é uma tarefa difícil, que não pode se cumprir sem derrubar as barreiras atrás das quais está entrincheirado. Os racionalistas não respeitam nenhuma barreira; menos ardentes, ou menos, avisados, os espiritualistas não encontram senão duas, cujo rebaixamento parece indispensável, a saber, a autoridade da Igreja católica, e o dogma da eternidade das penas.

"Esta vida é única prova que será dada ao homem para atravessar? A árvore mora eternamente no canto em que tombou? O estado da alma depois da morte é definitivo, irrevogável e eterno? Não, responde a necromancia espiritualista. Na morte, nada se acaba, tudo recomeça. A morte é, para cada um de nós, o ponto de partida de uma nova encarnação, de uma nova vida e de uma nova prova

"Deus, segundo o panteísmo alemão, não é o ser, mas o vir a ser eterno. O que quer que ele seja de Deus, o homem, segundo os espiritualistas parisienses, não tem outro destino que o futuro progressivo ou retrógrado, segundo seus méritos e segundo suas obras. A lei moral ou religiosa tem uma sanção verdadeira nas outras vidas, onde os bons são recompensados e os maus punidos, mas durante um período, mais ou menos longo, de anos ou de séculos, e não durante a eternidade.

"O espiritualismo seria a forma mística do erro do qual o senhor Jean Reynaud é o teólogo? Talvez. É permitido ir mais longe e dizer que entre o senhor Reynaud e os novos sectários exista um laço mais estreito que aquele da comunidade de doutrinas? Talvez ainda. Mas essa questão por falta de informações certas, não seria decidida aqui de um modo decisivo.

"O que importa muito mais que o parentesco ou as alianças heréticas do senhor Jean Reynaud, é a confusão de idéias da qual o progresso do espiritualismo é o sinal; é a ignorância em matéria de religião, que torna possível tanta extravagância; é a leviandade com a qual os homens, aliás estimáveis, acolhem essas revelações do outro mundo que não têm nenhum mérito, mesmo o da novidade.

"Não é necessário remontar até Pitágoras e aos pais da Igreja para descobrir as origens do espiritualismo contemporâneo. Serão encontradas folheando-se as atas do magnetismo animal.

"Desde o século XVIII, a necromancia desempenha um grande papel nas práticas do magnetismo; e vários anos antes que ocorresse a questão dos Espíritos batedores na América, certos magnetizadores franceses obtiveram, disseram eles, da boca dos mortos ou dos demônios, a confirmação de doutrinas condenadas pela Igreja; e notadamente a dos erros de Orígenes quanto à conversão futura dos maus anjos e dos condenados.

"É preciso dizer também que o médium espiritualista, no exercício de suas funções, pouco difere do *sujeito* nas mãos do magnetizador, e que o círculo abrangido pelas revelações do primeiro não ultrapassa aquela que limita a visão do segundo.

"As informações que a curiosidade obtém nos assuntos privados, por meio da necromancia, não ensinam, em geral, nada mais do que era conhecido antes. A resposta do médium espiritualista é obscura nos pontos que nossas pesquisas pessoais puderam esclarecer; ela é limpa e precisa nas coisas que nos são bem conhecidas; muda sobretudo sobre o que se oculta aos nossos estudos e aos nossos esforços. Parece, em uma palavra, que o médium tem uma visão magnética de nossa alma, mas que não descobre nada além daquilo que se encontra escrito. Mas essa explicação, que parece bem simples, está, todavia, sujeita a graves dificuldades. Ela supõe, com efeito, que uma alma pode naturalmente ler no fundo de uma outra alma sem os recursos de sinais, independentemente da vontade daquele que se tomaria, para qualquer um, um livro aberto e muito legível. Ora, os anjos, bons ou maus, não possuem naturalmente esse privilégio, nem com relação a nós, nem nas relações diretas que têm entre eles. Só Deus peneira imediatamente os espíritos e escruta, até o fundo, os corações mais obstinadamente fechados à sua luz.

"Se os fatos espiritualistas mais estranhos, que se narram, são autênticos, seria preciso, pois, para explicá-los, recorrer a outros princípios. Esquece-se muito que esses fatos se reportam, em geral, a um objeto que preocupa fortemente o coração ou a inteligência, que provocou longas pesquisas e dos quais, freqüentemente, fala-se fora da consulta espiritualista. Nessas condições, não se pode perder de vista que um certo conhecimento das coisas que nos interessam não ultrapassa nunca os limites naturais da força dos Espíritos.

"Qualquer que ela seja, não há outra coisa, no espetáculo que nos é dado hoje, senão um evolução do magnetismo que se esforça por se tornar uma religião.

"Sob a forma dogmática e polêmica que a nova religião deu ao senhor Jean Reynaud, ela encorajou a condenação do Concílio de Perigueux, cuja competência, lembre-se, foi gravemente negada pelo culpado.

"Na forma mística que ela toma hoje em Paris, merece ser estudada ao menos como um sinal dos tempos em que vivemos. O espiritualismo já recrutou um certo número de homens, entre os quais vários são honrosamente conhecidos no mundo. Esse poder de sedução que ele exerce, o lento progresso, mas não interrompido, que lhe é atribuído por testemunhas dignas de fé, as pretensões que ele ostenta, os problemas que coloca, o mal que pode fazer às almas, eis, sem dúvida, bastante motivos reunidos para atrair, desse lado, a atenção dos católicos. Guardemo-nos de atribuir, à nova seita, mais importância do que realmente ela tem. Mas, para evitar o exagero que aumenta tudo, não caiamos na mania de negar e diminuir todas as coisas. *Nolite omni spiritui credere, sed probate spiritus si ex Deo sint: Quoniam multi pseudoprophetae exierunt in mundum.* (1 João. IV. 1.)"

O ABADE FRANÇOIS CHESNEL.

SENHOR ABADE,

O artigo que publicastes no *Universo*, concernente ao Espiritismo, contém vários erros que importa retificar, e que provêm, sem dúvida, de um estudo incompleto da matéria. Para refutá-los todos, seria preciso retomar, desde o alicerce, todos os pontos da teoria, assim como os fatos que lhe servem de base, e é o que não tenho nenhuma intenção de fazer aqui.

Limite-me aos pontos principais.

Desejais reconhecer que as idéias espíritas *recrutaram* um certo número de homens honrosamente conhecidos no mundo; esse fato, cuja realidade ultrapassa, sem dúvida, de muito o que credes, merece incontestavelmente a atenção de todo homem sério, porque tantas pessoas eminentes, pela sua inteligência, seu saber e sua posição social, não se apaixonariam por uma idéia despida de todo fundamento. A conclusão natural é que no fundo de tudo isso deve haver alguma coisa.

Objetareis, sem dúvida, que certas doutrinas, metade religiosas, metade sociais, encontraram nestes últimos anos sectários nas próprias classes da aristocracia intelectual, o que não lhes impediu caírem no ridículo. Os homens de inteligência podem, pois, se deixarem seduzir-se por utopias. A isso respondo que as utopias não têm senão um tempo; cedo ou tarde; a razão lhe faz justiça; ocorrerá o mesmo com o Espiritismo, se for uma; se for uma verdade, ele triunfará de todas as posições, de todos os sarcasmos, direi mesmo de todas as perseguições, se as perseguições fossem ainda do nosso século, e os detratores o serão à suas expensas; seria bem preciso que, bom grado, malgrado, os opositores o aceitassem, como aceitaram tantas coisas, contra as quais haviam protestado, supostamente em nome da razão. O Espiritismo é uma verdade? O futuro julgará; já parece preannunciar pela rapidez com a qual essas idéias se propagam, e notai bem que não é na classe ignorante e iletrada que elas encontram adeptos, mas, bem ao contrário, entre as pessoas esclarecidas. Há ainda a se anotar que todas as doutrinas filosóficas são obras de homens com pensamentos maiores ou menores, mais ou menos justos; todas têm um chefe, ao redor do qual se agruparam outros homens partilhando a mesma maneira de ver. Qual é o autor do Espiritismo? Quem é aquele que imaginou essa teoria, verdadeira ou falsa? Procurou-se coordená-la, formulá-la, explicá-la, é verdade; mas a idéia primeira, quem a concebeu? Ninguém; ou, por melhor dizer, todo o mundo, porque cada um pôde ver, e aqueles que não viram, foi porque não quiseram ver, ou quiseram ver à *sua maneira, sem sair do círculo de suas idéias preconcebidas*, o que fez com que vissem mal e julgassem mal. O Espiritismo decorre de observações que cada um pode fazer, que não são nenhum privilégio para ninguém, é o que explica sua irresistível propagação; não é o produto de nenhum sistema individual, e é isso que o distingue de todas as outras doutrinas filosóficas.

Essas revelações do outro mundo não têm mesmo, dissestes, o mérito da novidade. Seria, pois, um mérito apenas a novidade? Quem jamais pretendeu que fosse uma descoberta moderna? Essas comunicações sendo uma consequência na natureza humana, e ocorrendo por uma vontade de Deus, fazem parte das leis imutáveis pelas quais rege o mundo; elas, pois, devem existir desde que há homens na Terra eis porque são encontradas na mais alta antigüidade, em todos os povos, na história profana, como também na história sacra. A antigüidade e a universalidade dessa crença são argumentos em seu favor; tirar dela uma conclusão desfavorável, seria falta de lógica antes de tudo.

Dissestes, em seguida, que a faculdade dos médiuns difere *pouco* da dos sujeitos na mão do magnetizador, dito de outro modo, do sonâmbulo; mas, admitamos mesmo uma perfeita identidade; qual pode ser a causa dessa admirável clarividência sonambúlica, clarividência que não encontra obstáculo nem na matéria, nem na distância; que se exerce sem o concurso dos órgãos da visão? Não é a demonstração mais patente da existência e da individualidade da alma, pivô da religião? Se eu fora padre, e quisesse, num sermão, provar que há em nós outra coisa além do corpo, demonstrá-lo-ia, de modo irrecusável, pelos fenômenos do sonambulismo natural ou artificial. Se a mediunidade não é senão uma variedade do sonambulismo, seus efeitos não são menos dignos de observação. Nela encontraria uma prova a mais em favor de minha tese, e dela faria uma nova arma contra o ateísmo e o materialismo. Todas as nossas faculdades são obras de Deus; quanto maiores e

maravilhosas, mais atestam seu poder e sua bondade.

Para mim que, durante trinta e cinco anos, fiz do sonambulismo um estudo especial, que nele fiz um não menos aprofundado de todas as variedades de médiuns, digo, como todos aqueles que não julgam pela visão de uma única face, que o médium é dotado de uma faculdade particular, que não permite confundi-lo com o sonâmbulo, e que a completa independência de seu pensamento está provada por fatos da última evidência, para qualquer que se coloque nas condições requeridas para observar sem parcialidade. Abstração feita das comunicações escritas, qual é o sonâmbulo que jamais fez jorrar um pensamento de um corpo inerte? Que produziu aparições visíveis e mesmo tangíveis? Que pôde manter um corpo pesado no espaço sem ponto de apoio? Foi por um efeito sonambúlico que um médium desenhou, há quinze dias, em minha casa, na presença de vinte testemunhas, o retrato de uma jovem morta há dezoito meses, e que jamais conhecera, retrato reconhecido pelo pai presente à sessão? Foi por um efeito sonambúlico que uma mesa respondeu com precisão às perguntas propostas, e mesmo a perguntas mentais? Seguramente, admitindo-se que o médium esteja num estado magnético, parece-me difícil acreditar que a mesma seja sonâmbula.

Dissestes que o médium não fala claramente senão de coisas conhecidas. Como explicar o fato seguinte, e cem outros do mesmo gênero, que se reproduziram muitas vezes e de meu conhecimento pessoal? Um de meus amigos, muito bom médium escrevente, perguntou a um Espírito se uma pessoa que ele perdeu de vistas há quinze anos está ainda neste mundo. "Sim, ele vive ainda, respondeu-lhe; ele mora em Paris, em tal rua e tal número." Ele foi, e encontrou a pessoa no endereço indicado. Foi ilusão? Seu pensamento poderia sugerir-lhe essa resposta? Se, em certos casos, as respostas podem concordar com o pensamento, é racional concluir disso que seja uma regra geral? Nisso, como em todas as coisas, os julgamentos precipitados são sempre perigosos, porque podem ser desmentidos pelos fatos que se observam.

De resto, senhor Abade, minha intenção não é fazer aqui um curso de Espiritismo, nem discutir-lhe o erro nem a verdade. Ser-me-ia preciso, como disse sempre, lembrar os inumeráveis fatos que citei na *Revista Espírita*, assim como as explicações que lhes dei em meus escritos. Chego, pois, à parte de vosso artigo que me parece a mais grave. Intitulastes vosso artigo: *Uma religião nova em Paris*. Supondo que tal fosse, com efeito, o caráter do Espiritismo, haveria aí um primeiro erro, tendo em vista que está longe de se circunscrever a Paris. Ele conta vários milhões de adeptos, espalhados nas cinco partes do mundo, e Paris não lhe foi o foco primitivo. Em segundo lugar, é uma religião? Tratarei de mostrar o contrário.

O Espiritismo funda-se sobre a existência de um mundo invisível, formado por seres incorpóreos que povoam o espaço, e que não são outros senão as almas daqueles que viveram na Terra, ou em outros globos, onde deixaram seu envoltório material. São esses seres aos quais demos, ou melhor, que se deram o nome de *Espíritos*. Esses seres, que nos rodeiam sem cessar, exercem sobre os homens, com o seu desconhecimento, uma grande influência; eles desempenham um papel muito ativo no mundo moral, e, até um certo ponto, no mundo físico. O Espiritismo está, pois, na natureza, e pode-se dizer que, em uma certa ordem de idéias, é uma força, como a eletricidade é uma outra sob outro ponto de vista, como a gravidade universal é uma outra.

Ele nos revelou o mundo dos invisíveis, como um microscópio nos revelou o mundo dos infinitamente pequenos, que não supúnhamos. Os fenômenos, dos quais esse mundo invisível é a fonte, deveram se produzir, e são produzidos, em todos os tempos, eis porque a história de todos os povos os menciona. Unicamente, em sua ignorância, os homens atribuíram esses

fenômenos a causas mais ou menos hipotéticas, e deram, sob esse aspecto, um livre curso à sua imaginação, como fizeram com todos os fenômenos, cuja natureza lhes era imperfeitamente conhecida. O Espiritismo, melhor observado depois que foi vulgarizado, vem lançar a luz sobre uma multidão de questões até aqui insolúveis ou mal resolvidas. Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma *ciência* e não de uma religião, e a prova disso é que conta, entre seus adeptos, com homens de todas as crenças, e que por isso não renunciaram às suas convicções: os católicos fervorosos que não praticam menos todos os deveres de seu culto, protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos e até budistas e brâmanes; há de tudo, exceto materialistas e ateus, porque essas idéias são incompatíveis com as *observações* espíritas. O Espiritismo repousa, pois, sobre princípios gerais independentes de todas as questões dogmáticas. Ele tem, é verdade, conseqüências morais como todas as ciências filosóficas; essas conseqüências estão no sentimento do Cristianismo, porque o Cristianismo, de todas as doutrinas, é a mais clara, a mais pura, e é por esta razão que, de todas as seitas religiosas do mundo, os cristãos são os mais aptos a compreendê-lo em sua verdadeira essência. O Espiritismo não é, pois, uma religião: de outro modo teria seu culto, seus templos, seus ministros. Cada um, sem dúvida, pode se fazer uma religião de suas opiniões, interpretar ao seu gosto as religiões conhecidas, mas daí à constituição de uma nova Igreja, há distância, e creio que seria imprudente dar-lhe a idéia. Em resumo, o Espiritismo se ocupa com a observação dos fatos, e não com as particularidades de tal ou tal crença, da procura das causas, de explicações que esses fatos podem dar de fenômenos conhecidos, na ordem piorai como na ordem física, e não impõe mais um culto aos seus adeptos do que a astronomia impõe o culto dos astros, nem a pirotécnica o do fogo. Bem mais: do mesmo modo que o sabeísmo nasceu da astronomia mal compreendida, o Espiritismo, mal compreendido na antigüidade, foi a fonte do politeísmo. Hoje que, graças às luzes do Cristianismo, podemos julgá-lo mais sadiamente, nos põe em guarda contra os sistemas errôneos, frutos da ignorância; e a própria religião pode nele haurir a prova palpável de muitas verdades contestadas por certas opiniões; eis porque, contrariamente à maioria das ciências filosóficas, um dos seus efeitos é o de conduzir às idéias religiosas aqueles que se desviaram por um ceticismo exagerado.

A Sociedade, da qual falais, definiu seu objetivo por seu próprio título; o nome de: *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas* não se parece com nada de uma seita; tem-lhe tão pouco caráter, que seu regimento lhe interdita ocupar-se de questões religiosas; ela está alinhada na categoria de sociedades científicas porque, com efeito, seu objetivo é estudar e aprofundar todos os fenômenos que resultam das relações entre o mundo visível e o mundo invisível; ela tem seu presidente, seu secretário, seu tesoureiro, como todas as sociedades; não convida o público às suas sessões; ali não se faz nenhum discurso, nem nada que tenha o caráter de um culto qualquer. Ela procede aos seus trabalhos com calma e recolhimento, primeiro porque é uma condição necessária para as observações; segundo, porque sabe o respeito que se deve àqueles que não vivem mais na Terra. Chama-os em nome de Deus, porque crê em Deus, em seu todo poder, e sabe que nada se faz neste mundo sem a sua permissão. Abre a sua sessão por uma chamada geral aos bons Espíritos, porque, sabendo que os há bons e maus, prende-se a que estes últimos não venham misturar-se fraudulentamente às comunicações que recebem e induzi-la em erro. O que isso prova? Que não somos ateus; mas isso não implica, de nenhum modo, que sejamos religiosos; é do que deveria convencer-se a pessoa que vos narrou o que se faz entre nós, se ela tivesse seguido nossos trabalhos, e se, sobretudo, os julgasse menos levemente, e talvez com espírito menos prevenido e menos apaixonado. Os fatos protestam, pois, por si mesmos, contra a qualificação de *nova seita* que destes à Sociedade, por falta, sem dúvida, de melhor conhecê-la.

Terminais vosso artigo chamando a atenção dos católicos para o mal que o Espiritismo pode fazer às almas. Se as conseqüências do Espiritismo fossem a negação de Deus, da alma, de

sua individualidade depois da morte, do livre arbítrio do homem, das penas e das recompensas futuras, seria uma doutrina profundamente imoral; longe disso, ele prova, não pelo raciocínio, mas pelos fatos, essas bases fundamentais da religião, da qual o mais perigoso inimigo é o materialismo. E faz mais: por suas conseqüências ensina a suportar, com resignação, as misérias desta vida; acalma o desespero; ensina os homens a se amarem como irmãos, segundo os divinos preceitos de Jesus. Se soubésseis, como eu, quantos incrédulos endurecidos conduziu, quanto arrancou de vítimas ao suicídio pela perspectiva da sorte reservada àqueles que abreviam sua vida, contrariamente à vontade de Deus; quantos ódios acalmou e aproximou inimigos! Está aí o que chamais fazer mal às almas? Não, não podeis pensar assim, e apraz-me crer que se o conhecesse melhor, julgá-lo-ia de outro modo. A religião, direis, pode fazer tudo isso. Longe de mim contestá-lo; mas crede que teria sido mais feliz para aqueles que ela encontrou rebeldes, seres que permaneceram numa incredulidade absoluta? Se o Espiritismo disso triunfou, se tornou claro o que era obscuro, evidente o que era duvidoso, onde está o mal? Para mim, digo que em lugar de perder as almas, ele as salvou.

Aceite, etc.

ALLAN KARDEC.

O Livro dos Espíritos entre os selvagens

Revista Espírita, maio de 1859

Sabíamos que O Livro dos Espíritos tem leitores simpáticos em todas as partes do mundo, mas estaríamos certamente em dúvida que se pudessem encontrá-los entre os selvagens da América do Sul, sem uma carta que nos foi endereçada de Lima, há alguns meses, e da qual cremos dever publicar a tradução integral, em razão do fato significativo que ela encerra, e do qual cada um compreenderá a importância. Ela traz consigo seu comentário, e não lhe acrescentaremos nenhuma reflexão.

"Muito honrado senhor Allan Kardec,

"Perdoe-me em não vos escrever em francês; compreendo essa língua pela leitura, mas não posso escrevê-la correta e inteligivelmente.

"Freqüento, há mais de dez anos, as povoações aborígenes que habitam a vertente oriental dos Andes, nos países da América, nos confins do Peru. Vosso O Livro dos Espíritos, que obtive em uma viagem a Lima, me acompanha nessas solidões; dizer-vos que eu li com avidez, e que o releio sem cessar, isso não deve vos espantar, também não viria vos perturbar por tão pouca coisa, se não cresse que certas informações podem vos interessar, e se não tivesse o desejo de obter de vós alguns conselhos, que espero de vossa bondade, não duvidando que vossos sentimentos humanos não estejam de acordo com os sublimes princípios de vosso livro.

Esses povos que chamamos selvagens, o são menos do que se crê geralmente; querendo-se dizer que habitam cabanas em lugar de palácios, que não conhecem nossas artes e nossas ciências, que ignoram a etiqueta de pessoas polidas, eles são verdadeiros selvagens; mas sob o aspecto da inteligência, entre eles se encontram idéias de uma justeza espantosa, uma grande finura de observação, e de sentimentos nobres e elevados. Eles compreendem, com uma maravilhosa facilidade, e têm o espírito, sem comparação, menos pesado do que os camponeses da Europa. Desprezam o que lhes parece inútil, com relação à simplicidade que basta ao gênero de vida. A tradição de sua antiga independência está sempre viva neles, por isso têm uma aversão insuperável por seus conquistadores; mas, se odeiam a raça em geral, prendem-se aos indivíduos que lhes inspiram confiança absoluta. É a essa confiança que devo o viver em sua intimidade, e quando estou no meio deles, estou mais em segurança do que em certas grandes cidades. Quando os deixo ficam tristes, e me fazem prometer retornar; quando retorno, toda a tribo está em festa.

Essas explicações eram necessárias para aquilo que vai seguir.

Disse-vos que tenho comigo O Livro dos Espíritos. Um dia, tomei o capricho de traduzir-lhes algumas passagens, e fiquei fortemente surpreendido em ver que o compreendiam melhor do que houvera pensado, em consequência de certas anotações, muito judiciosas, que faziam. Eis um exemplo.

A idéia de reviver na Terra lhes parecia muito natural, e um deles me disse um dia: quando morreremos, poderemos nascer entre os Brancos? - Seguramente, respondi. - Então, talvez sejas um de nossos parentes? - É possível. - Sem dúvida, é por isso que és bom para nós e que nós te amamos? - É ainda possível. - Então, quando encontrarmos um Branco não é preciso fazer-lhe mal porque, talvez, seja um de nossos irmãos.

Admirais, sem dúvida, como eu, senhor, essa conclusão de um selvagem, e o sentimento de fraternidade que ela fez nascer nele. De resto, a idéia de Espíritos não é nova para eles; está em suas crenças, e estão persuadidos de que se pode conversar com os parentes que morreram e que eles vêm visitar os vivos. O ponto importante está em disso tirar partido para moralizá-los, e não creio que isso seja uma coisa impossível, porque eles não têm ainda os vícios de nossa civilização. Aqui é que teria necessidade dos conselhos da vossa experiência. Erra-se, penso, em crer que não se pode influenciar as pessoas ignorantes senão falando aos seus sentidos; penso, ao contrário, que é mantê-las em idéias estreitas, e desenvolver nelas a tendência à superstição. Creio que o raciocínio, quando se sabe colocá-lo à altura das inteligências, terá sempre um império mais durável.

Na espera da resposta com a qual podereis me favorecer, receberei, etc.

DON FERNANDO GUERRERO.

Aforismos Espíritas e pensamentos destacados

Revista Espírita, maio de 1859

Quando quiserdes estudar a aptidão de um médium, não evoqueis à primeira vista, por seu intermédio, qualquer Espírito, porque não foi dito que o médium esteja apto a servir de intérprete a todos os Espíritos, e que os Espíritos levianos podem usurpar o nome daquele que chamais. Evocai de preferência seu Espírito familiar, porque este virá sempre; então o julgareis por sua linguagem e estareis em melhor condição de apreciar a natureza das comunicações que o médium recebe.

Os Espíritos encarnados agem por si mesmos, segundo sejam bons ou maus; podem agir também sob o impulso de Espíritos não encarnados, dos quais são os instrumentos para o bem ou o mal, ou para o cumprimento de acontecimentos. Assim, com o nosso desconhecimento, somos os agentes da vontade dos Espíritos por aquilo que se passa no mundo, ora num interesse geral, ora num interesse individual. Assim, encontramos alguém que é causa para que façamos ou não façamos alguma coisa; cremos que seja o acaso que no-lo envia, ao passo que, o mais freqüentemente, são os Espíritos que nos impelem um contra o outro, porque esse reencontro deve conduzir a um resultado determinado.

Os Espíritos, encarnando-se em diferentes posições sociais, são como atores que, fora da cena, se vestem como todo o mundo, e na cena, revestem todas as roupas e desempenham todos os papéis, desde rei ao de trapeiro.

Há pessoas que não temem a morte, que a afrontam cem vezes, e que experimentam um certo medo da obscuridade; não têm medo de ladrões e, todavia, no isolamento, no cemitério, na noite, têm medo de qualquer coisa. São os Espíritos que estão perto deles, e cujo contato produz sobre eles uma impressão, e, por consequência, um medo do qual não se rendem conta.

As origens que certos Espíritos nos dão pela revelação de pretensas existências anteriores, freqüentemente, são um meio de sedução e uma tentação para o nosso orgulho, que se vangloria por ter sido tal ou qual personagem.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Junho

- O músculo fanfarrão, refutação da teoria do senhor M. Jobert (de Lamballe) sobre as manifestações físicas dos Espíritos
- Intervenção da ciência no Espiritismo
- Conversas familiares de além-túmulo
 - Senhor de Humboldt
 - Goéthe
 - O negro Pai César
- Variedades. A princesa de Rebinine. (Extraído do *Courrier de Paris*)
- O major Georges Sydenham

O músculo fanfarrão

Revista Espírita, junho de 1859

Os adversários do Espiritismo acabam de fazer uma descoberta que deverá contrariar muito os Espíritos batedores; é para eles um golpe, do qual terão muita dificuldade para se levantarem. Que devem pensar, com efeito, da terrível estocada que acabam de lhes dar o senhor Schiff, e depois o senhor Jobert (de Lamballe), e depois o senhor Velpeau? Parece-me vê-los todos envergonhados com mais ou menos esta linguagem: "Pois bem! Meu caro, estamos em maus lençóis! Heis-nos derrotados; não contávamos com a anatomia que descobriu as nossas artimanhas. Decididamente, não há meios para se viver num país onde há pessoas que vêem tão claro." - Vamos, senhores palermas, que crestes ingenuamente em todos esses contos de velhas; impostores que quisestes crêsemos que podem existir seres que não vemos. Ignorantes que credes que alguma coisa possa escapar ao escalpelo, *mesmo a vossa alma*] e vós todos, escritores espíritas ou espiritualistas, mais ou menos espirituais, inclinai-vos e reconhecei que fostes todos enganadores, charlatães, até mesmo velhacos ou imbecis: esses senhores vos deixam a escolha, porque heis a luz, a verdade pura.

"Academia de ciências (sessão de 18 de abril de 1859.) - DA CONTRAÇÃO RÍTMICA MUSCULAR INVOLUNTÁRIA. - O senhor Jobert (de Lamballe) comunica um fato curioso de contrações musculares involuntárias rítmicas do curto perônio lateral direito, que confirma a opinião do senhor Schiff, relativamente ao fenômeno oculto dos *Espíritos batedores*.

A senhorita X..., com a idade de quatorze anos, bem constituída, desde os seis anos ostentando movimentos involuntários regulares do músculo curto perônio lateral direito, e batimentos que se fazem ouvir atrás do maléolo externo direito, oferecendo a regularidade do pulso. Declararam-se, pela primeira vez, na perna direita, durante a noite, ao mesmo tempo que uma dor muito viva. Pouco tempo depois, o curto perônio lateral esquerdo foi atingido por uma afecção da mesma natureza, mas de menor intensidade.

O efeito desses batimentos é o de provocar a dor, produzir hesitações no caminhar e mesmo determinar quedas. A jovem enferma declarou-nos que a extensão do pé e a compressão exercida sobre certos pontos do pé e da perna bastam para detê-los, mas que, então, continua a sentir a dor e a fadiga no membro.

Quando essa interessante pessoa se nos apresentou, heis em que estado a encontramos: Ao nível do maléolo externo direito, foi fácil constatar, perto dessa saliência óssea, um batimento regular, acompanhado de uma saliência passageira e de um levantamento das partes moles dessa região, que eram seguidas de um ruído seco sucedendo a cada contração muscular. Esse ruído se fazia ouvir na cama, fora da cama e a uma distância bastante considerável do lugar onde a jovem repousava. Notável pela sua regularidade e seu estrépito, esse ruído a acompanhava por toda parte. Aplicando-se o ouvido sobre a perna, o pé ou sobre o maléolo, distinguia-se um choque incômodo que ganhava toda a largura do trajeto percorrido pelo músculo, absolutamente como um golpe transmitido de uma extremidade à outra de um madeiro. Algumas vezes, esse ruído parecia uma fricção, uma arranhadura, e isso quando as contrações tinham menor intensidade. Esses mesmos fenômenos sempre se reproduziram, quer a doente estivesse de pé, sentada ou deitada, qualquer que fosse a hora do dia ou da noite, quando nós a examinávamos.

Se estudarmos os batimentos produzidos, e se, para maior clareza, decompuermos cada batimento em dois tempos, veremos:

Que, no primeiro tempo, o tendão do curto perônio se desloca saindo da goleira e, necessariamente, levantando o longo perônio lateral e a pele;

Que, no segundo tempo, tendo se cumprido o fenômeno de contração, seu tendão se relaxa, se repõe na goleira, e produz, batendo contra esta, o ruído seco e sonoro do qual falamos.

Ele se renovava, por assim dizer, a cada segundo, e cada vez o pequeno dedo do pé sofria um impulso e a pele que recobria o quinto metatársico era levantada pelo tendão. Ele cessava quando o pé era fortemente estendido. Cessava, ainda, quando era exercida uma pressão sobre o músculo ou a bainha dos perônios.

Nestes últimos anos, os jornais franceses e estrangeiros têm falado muito de ruídos semelhantes a *golpes de martelo*, ora se sucedendo regularmente, ora tomando um ritmo particular, que se produziam ao redor de certas pessoas deitadas em seu leito.

Os charlatães se apossaram desses fenômenos singulares, cuja realidade, aliás, foi atestada por testemunhas dignas de fé. Tentou-se reportá-los a uma causa sobrenatural, e deles se serviram para explorar a credulidade pública.

A observação da senhorita X... mostra como, sob a influência da contração muscular, os tendões deslocados podem, no momento em que caem em suas goleiras ósseas, produzir batimentos que, para certas pessoas, anunciam a presença de *Espíritos batedores*.

Com o exercício, todo homem pode adquirir a faculdade de produzir, à vontade, semelhantes deslocamentos dos tendões e batimentos secos que são ouvidos à distância.

Repelindo toda idéia de intervenção sobrenatural e notando que esses batimentos, e esses ruídos se passavam sempre ao pé do leito dos indivíduos agitados pelos Espíritos, o senhor Schiff perguntou-se se a sede desses ruídos não estava neles, antes que fora deles. Seus conhecimentos anatômicos levaram-no a pensar que poderia bem estar na perna, na região peroneal, onde se acham colocados uma superfície óssea, tendões e uma corrediça comum.

Com essa maneira de ver, *estando bem arraigada em seu espírito*, fez experiências e ensaios sobre si mesmo, que não lhe permitiram duvidar que o ruído tinha a sua sede atrás do maléolo externo e na corrediça dos tendões peroneais.

Logo o senhor Schiff chegou mesmo a executar ruídos voluntários, regulares, harmoniosos, e pôde, diante de um grande número de pessoas (cerca de cinquenta ouvintes), imitar os prodígios dos Espíritos batedores com ou sem sapato, de pé ou deitado.

O senhor Schiff estabeleceu que todos esses ruídos têm por origem o tendão do longo perônio, quando passa na goleira peroneal, e acrescentou que coexiste com um adelgaçamento, ou a ausência, da bainha comum ao longo e ao curto perônio. Quanto a nós, admitindo primeiro que todos esses batimentos são produzidos pela queda do tendão contra a superfície óssea peroneal, pensamos, entretanto, que não há necessidade de uma anomalia da bainha para deles se render conta. Bastam a contração do músculo, o deslocamento do tendão e seu retorno à goleira para que o ruído ocorra. Além disso, só o curto perônio é o

agente do ruído em questão. Com efeito, ele assume uma direção mais direita que o longo perônio, que sofre vários desvios em seu trajeto; ele está profundamente situado na goteira; recobre inteiramente a goteira óssea, de onde é natural concluir que o ruído é produzido pelo choque desse tendão sobre as partes sólidas da goteira; apresenta fibras musculares até a entrada do tendão na goteira comum, ao passo que, para o longo perônio, é tudo ao contrário.

O ruído é variável em sua intensidade e pode-se, com efeito, distinguir-lhe diversas nuances. Assim é que, depois do ruído estrepitoso e que se distingue ao longe, encontram-se variedades de ruído, de fricção, de serra, etc.

Pelo método subcutâneo, sucessivamente, fizemos incisão através do corpo do curto perônio lateral direito e do corpo, do mesmo músculo, do lado esquerdo em nossa doente, e mantivemos os membros na imobilidade com a ajuda de um aparelho. Fez-se a reunião e a função dos dois membros foi recuperada, sem nenhum sinal dessa singular e RARA afecção.

SENHOR VELPEAU. Os ruídos, dos quais o senhor Jobert acaba de tratar em sua interessante notícia, me parecem prenderem-se a uma questão bastante vasta. Observam-se, com efeito, esses ruídos, em grande quantidade de regiões. O quadril, a espádua, o lado interno do pé, muito freqüentemente, tornam-se sua sede. Eu vi, entre outras, uma senhora que, com a ajuda de certos movimentos de rotação da coxa, assim produzia uma espécie de música bastante manifesta para ser ouvida de um canto ao outro do salão. O tendão da parte longa do bíceps braquial engendra-o facilmente saindo de sua corrediça, quando os freios fibrosos, que o retêm naturalmente, venham a se relaxar ou romper-se. Ocorre o mesmo com o músculo superior da perna ou o flexor do grosso dedo do pé, atrás do maléolo interno. Tais ruídos se explicam, assim como o entenderam os senhores Schiff e Jobert, pela fricção ou os sobressaltos dos tendões nas ranhuras ou contra as bordas nas superfícies sinoviais. Conseqüentemente, são possíveis em uma infinidade de regiões ou na vizinhança de uma multidão de órgãos. Ora claros ou ruidosos, ora surdos ou obscuros, por vezes úmidos e de outras secos, variam, aliás, extremamente de intensidade.

Esperamos que o exemplo dado, a esse respeito, pelos senhores Schiff e Jobert venha a levar os fisiologistas a se ocuparem seriamente com esses diversos ruídos, e que darão, um dia, a explicação racional de fenômenos incompreendidos ou atribuídos, até aqui, a causas ocultas e sobrenaturais.

O senhor JULES CLOQUET, com o apoio das observações do senhor Velpeau sobre os ruídos anormais que os tendões podem produzir em diversas regiões do corpo, cita o exemplo de uma jovem de dezesseis a dezoito anos, que lhe foi apresentada no hospital Saint-Louis, numa época na qual os senhores Velpeau e Jobert estavam ligados a esse mesmo estabelecimento. O pai dessa jovem, que se intitulava *pai de um fenômeno*, espécie de saltimbanco, pretendia tirar proveito de sua filha entregando-a numa exibição pública; ele anunciou que sua filha tinha no ventre um movimento de pêndulo. Essa jovem estava perfeitamente conformada. Por um ligeiro movimento de rotação na região lombar da coluna vertebral, ela produzia estalidos muito fortes, mais ou menos regulares, segundo o ritmo dos ágeis movimentos que imprimia à parte inferior de seu busto. Esses ruídos anormais podiam ser ouvidos, muito distintamente, a mais de vinte e cinco pés de distância, e se assemelhavam ao ruído de um velho espeto de manivela; eram suspensos à vontade da jovem, e pareciam ter sua sede nos músculos da região lombo-dorsal da coluna vertebral."

Esse artigo, tirado de *a L'Abeille médicale*, e que cremos dever transcrever na íntegra, para a edificação de nossos leitores, e a fim de que não nos acusassem de querer evitar alguns

argumentos, foi reproduzido com variantes por diferentes jornais, com epítetos forçados. Não temos o hábito de revelar grosserias; deixamo-las à sua conta, dizendo-nos nosso vulgar bom senso que nada se prova com asneiras e injúrias, por sábio que se seja. Se o artigo em questão se limitasse a essas banalidades, que nem sempre são marcadas com o cunho da urbanidade e da civilidade, não as teríamos revelado; mas ele trata da questão do ponto de vista científico; ele nos acabrunha por demonstrações com as quais pretende nos pulverizar; vejamos, pois, decididamente, se estamos mortos com o decreto da Academia de ciências, ou bem se temos alguma chance de vivermos como esse pobre louco Fulton, cujo sistema foi declarado, pelo Instituto, um sonho oco, impraticável, o que muito simplesmente privou a França da iniciativa da marinha a vapor; e quem sabe quais as conseqüências que essa força, nas mãos de Napoleon I, poderia ter sobre os acontecimentos ulteriores!

Não faremos senão uma curtíssima nota a respeito da qualificação de charlatão dada aos partidários de idéias novas; parece-nos um tanto arriscada, quando se aplica a milhões de indivíduos que dela não tiram nenhum proveito* e quando ela alcança os cumes mais elevados das regiões sociais. Esquece-se que o Espiritismo fez, em alguns anos, progressos incríveis em todas as partes do mundo; que ele se propaga, não entre os ignorantes, mas nas classes esclarecidas; que conta, em suas fileiras, um número muito grande de médicos, de magistrados, de eclesiásticos, de artistas, de homens de letras, de altos funcionários: pessoas às quais, geralmente, se atribuem algumas luzes e um pouco de bom senso. Ora, confundi-las no mesmo anátema, e enviá-las sem cerimônia às Petites-Maisons, é agir muito insolentemente.

Mas, direis, aquelas pessoas são de boa fé; são vítimas de uma ilusão; não negamos o efeito, não contestamos senão a causa que lhe atribuí, a ciência vem de descobrir a verdadeira causa, fê-la conhecer e, por isso mesmo, fez desabar esse alicerce místico de um mundo invisível que pode seduzir imaginações exaltadas, mas fiéis.

Não nos apontamos como sábios, e ainda menos ousaríamos nos colocar ao nível de nossos honrosos adversários; diremos apenas que os nossos estudos em anatomia, e as ciências físicas e naturais que tivemos a honra de professar, nos permitem compreendermos sua teoria, e que de modo algum estamos aturdidos por essa avalanche de termos técnicos; os fenômenos dos quais eles falam nos são perfeitamente conhecidos. Nas nossas observações sobre os efeitos atribuídos aos seres invisíveis, não tivemos cautela de negligenciar uma causa tão patente de equívoco. Quando um fato se apresenta, não nos contentamos com uma única observação; queremos vê-lo de todos os lados, sob todas as faces, e antes de aceitarmos uma teoria, examinamos se ela rende conta de todas as circunstâncias, se algum fato desconhecido não vem contradizê-la, em uma palavra, se ela resolve todas as questões: a verdade tem esse preço. Admitis, senhores, que essa maneira de proceder é bastante lógica. Pois bem! Apesar de todo o respeito que impõe o vosso saber, ele apresenta algumas dificuldades na aplicação de vosso sistema a isso que se chama os Espíritos batedores. A primeira é que é ao menos singular que essa faculdade, que o senhor Jobert (de Lamballe) qualifica de *rara e singular afecção*, tenha se tornado de repente tão comum. O senhor Lamballe disse, é verdade, que todo homem pode adquiri-la pelo exercício; mas como ele disse também que ela é acompanhada de dor e de fadiga, o que é bastante natural, convir-se-á que seria necessário ter uma firme vontade de mistificar para fazer estalar seu músculo, durante duas ou três horas seguidas, quando isso não acrescenta nada, e pelo único prazer de divertir uma sociedade.

Mas falemos seriamente; isso é mais grave porque vem da ciência. Esses senhores que descobriram essa maravilhosa propriedade do músculo longo perônio, não desconfiam de tudo o que esse músculo pode fazer; ora, heis um belo problema para resolver. Os tendões deslocados não batem somente nas goleiras ósseas; por um efeito verdadeiramente bizarro,

vão bater contra as portas, as paredes, os tetos, e isso à vontade, em tal lugar designado. Mas heis o que é mais forte, e vede quanto a ciência está longe de desconfiar de todas as virtudes desse músculo estalador: ele tem o poder de levantar uma mesa sem tocá-la, de fazê-la bater os pés, passear num aposento, manter-se no espaço sem ponto de apoio; de abri-la e de fechá-la, e avaliai sua a força! de fazê-la quebrar ao cair. Credes que se trata de uma mesa frágil e leve como uma pluma, e que se ergue soprando em cima? Desenganai-vos, trata-se de mesas pesadas e maciças, pesando cinqüenta a sessenta quilos, que obedecem às mocinhas, às crianças. Mas, dirá o senhor Schiff, jamais vi esses prodígios. Isso é fácil de conceber, ele não quis ver senão as pernas.

Em suas observações, o senhor Schif empregou a necessária independência de idéias? Estava livre de toda prevenção? Disso é permitido duvidar, não somos nós que o dizemos, é senhor Jobert. Segundo ele, o senhor Schif perguntou-se, falando dos médiuns, se a sede desses ruídos não estava antes neles do que fora deles; *seus conhecimentos anatômicos levaram-no a pensar que bem poderia estar na perna. Essa maneira de ver estava bem assentada em seu espírito*, etc. Assim, da declaração do senhor Jobert, o senhor Schiff tomou por ponto de partida, não os fatos, mas sua própria idéia, sua idéia preconcebida *bem assentada*; daí as pesquisas em um sentido exclusivo e, por conseqüência, uma teoria exclusiva que explica perfeitamente o fato que ele viu, mas não aqueles que não viu. - E por que não viu? -Porque, em seu pensamento, ele não tinha senão um ponto de partida verdadeiro, e uma explicação verdadeira; partindo daí, todo o resto deveria ser falso e não mereceria exame; disso resultou que, em seu ardor de rachar os médiuns ao meio, ele a feriu de lado.

Crede, Senhores, conhecer todas as virtudes do longo perônio, porque o surpredestes tocando guitarra em sua corrediça? Ah! bem que sim, heis outra coisa a ser registrada nos anais anatômicos. Crestes que o cérebro era a sede do pensamento; errado! Pode-se pensar pela cravelha. As pancadas dão provas de inteligência, portanto, se esses golpes vêm exclusivamente do perônio, que seja o longo, segundo o senhor Schiff, ou o curto, segundo o senhor Jobert, (seria preciso, portanto, entender-se bem a esse respeito): é porque o perônio é inteligente. - Isso nada tem de espantoso; o médium, fazendo estalar seu músculo à vontade, executará o que quiserdes: ele imitará a serra, o martelo, baterá o toque de reunir, o ritmo de uma música pedida. - Seja; mas quando o ruído responde a uma coisa que o médium desconhece inteiramente, que não pode saber; quando vos diz esses pequenos segredos que só vós sabeis, desses segredos que se gostaria de esconder no gorro de dormir, é preciso convir que o pensamento vem de outra parte que não o seu cérebro. De onde vem ele? Por Deus! Do longo perônio. Isso não é tudo, ele é também poeta, esse longo perônio, porque pode compor versos encantadores, embora o médium jamais soubesse fazê-los em sua vida; ele é poliglota, porque dita coisas verdadeiramente muito sensatas em línguas das quais o médium não sabe a primeira palavra; ele é músico... nós o sabemos, o senhor Schiff fez o seu executar sons harmoniosos, com ou sem sapato, diante de cinqüenta pessoas. Sim; mas ele compõe. Vós, senhor Dorgeval, que nos destes recentemente uma encantadora sonata, credes ingenuamente que foi o Espírito de Mozart que vo-la ditou? Em verdade, senhores médiuns, não desconfiáveis de terem tanto espírito em vosso calcanhar. Honra, pois, àqueles que fizeram essa descoberta; que seus nomes sejam escritos em letras grandes para a edificação da posteridade, e a honra de sua memória!

Gracejais com uma coisa séria, dir-se-á; mas os gracejos não são razões. Não, não mais que as asneiras e as grosserias.

Confessando nossa ignorância junto desses senhores, aceitamos sua sábia demonstração e a tomamos muito seriamente. Acreditávamos que certos fenômenos eram produzidos por seres invisíveis que se deram o nome de Espíritos: enganamo-nos, seja; como procuramos a

verdade, não teremos a tola pretensão de nos apaixonar por uma idéia que nos é demonstrada falsa, de modo tão peremptório. Desde o momento em que o senha Jobert, por uma incisão subcutânea, pôs termo aos Espíritos, é porque não há Espíritos. Uma vez que ele disse que todos os ruídos vêm do perônio, é necessário crê-lo e admiti-lo em todas as suas conseqüências; assim, quando os golpes se fazem ouvir na parede ou no teto, é porque o perônio aí corresponde, ou que a parede tem um perônio; quando esses golpes ditam versos por uma mesa que bate o pé, de duas coisas uma, ou a mesa é poeta ou bem o perônio; isso nos parece lógico. Vamos mesmo mais longe: um oficial, dos nossos conhecidos, recebeu um dia, fazendo experiências espíritas, e por mão invisível, um par de bofetadas tão bem aplicadas que as sentia ainda duas horas depois. Ora, o meio de provocar uma reparação? Se semelhante coisa ocorresse com o senhor Jobert, ele não se inquietaria, porque diria que foi fustigado pelo longo perônio.

Eis o que lemos, a esse respeito, no jornal *La Mode* de 1⁹ de maio de 1859.

"A Academia de medicina continua a cruzada de espíritos positivos contra o maravilhoso em todo gênero. Depois de ter, com justiça, mas talvez um pouco desastrosamente, fulminado o famoso doutor negro, pelo órgão do senhor Velpeau, heis agora que acaba de ouvir o senhor Jobert (de Lamballe) declarar, em pleno Instituto, o segredo do que ele chama a grande comédia dos *Espíritos batedores*, que é representada com tanto sucesso nos dois hemisférios.

"Segundo o célebre cirurgião, todos os *toe toe*, todos os *pan pan* fazendo vibrar de boa fé as pessoas que os ouvem; esses ruídos singulares, esses golpes secos batidos sucessivamente e como em cadência, precursores da chegada, sinais certos da presença de habitantes do outro mundo, são muito simplesmente o resultado de um movimento dado a um músculo, a um nervo, a um tendão! Trata-se de uma bizarrice da natureza, habilmente explorada, para produzir, sem que seja possível notá-la, essa música misteriosa que tem encantado, seduzido tanta gente.

"A sede da orquestra está colocada na perna, É o tendão do perônio, jogando em sua corrediça, que faz todos esses ruídos que são ouvidos sob as mesas, ou à distância, à vontade do prestidigitador. .

"Duvido muito, de minha parte, que o senhor Jobert tenha colocado a mão, como ele crê, no segredo do que chama "uma comédia", e os artigos publicados nesse próprio jornal, pelo nosso confrade senhor Escander, sobre os mistérios do mundo oculto, parece-me colocar a questão com uma amplitude bem mais sincera e filosófica, no bom sentido da palavra.

"Mas se os chariatães de todas as cores são irritantes com seus golpes de bombo, é preciso convir que os senhores sábios, algumas vezes, não o são menos, com o apagador que pretendem pôr sobre tudo o que brilha fora das luzes oficiais.

"Eles não compreendem que a sede do maravilhoso, que devora nossa época, tem justamente por causa os excessos de positivismo onde certos espíritos quiseram empolgar. A alma humana tem necessidade de crer, admirar e ter visto sobre o infinito. Tem-se trabalhado para tapar as janelas que o catolicismo lhe abriu, ela olha não importa por quais frestas."

HENRYDEPÈNE.

"Nosso excelente amigo, senhor Henry de Pene, permita-nos uma observação. Ignoramos

quando o senhor Jobert fez essa imortal descoberta, e qual foi o dia memorável no qual comunicou-a ao Instituto. O que sabemos é que essa original explicação já fora dada por outros. Em 1854, o senhor doutor Rayer, um prático célebre, que lá não fez nesse dia a prova de uma rara perspicácia, também ele apresentou, ao Instituto, um Alemão cuja habilidade, segundo ele, daria a chave de todos os *knokings e rappings* dos dois mundos. Tratava-se, como hoje, do deslocamento de um dos tendões musculares da perna, chamado o *longo perônio*. Sua demonstração foi dada em sessão, e a Academia expressou seu reconhecimento por essa interessante comunicação. Alguns dias depois, um professor agregado da Faculdade de medicina consignou o fato no *Contitutionnel*, e teve a coragem de acrescentar que "os sábios, enfim, tendo se pronunciado, o mistério estava enfim esclarecido." O que não impediu o mistério de persistir e de aumentar, apesar da ciência que, se recusando experimentá-lo, se contenta em atacá-lo com explicações ridículas e burlescas, como essas das quais acabamos de falar. Por respeito ao senhor Jobert (de Lamballe), nos apraz crer que se lhe emprestou uma experiência que nunca lhe pertenceu. Algum jornal, com fito de novidade, encontrou em algum canto esquecido de sua pasta, a antiga comunicação do senhor Rayer, e a ressuscitou, colocando-a sob seu patrocínio, a fim de variar um pouco. *Mutato nomine, de te fábula narratur*. É deplorável, sem dúvida, mas isso é melhor do que se o jornal houvesse dito a verdade."

A. ESCANDE

Intervenção da ciência no Espiritismo

Revista Espírita, junho de 1859

A oposição das corporações de sábios é um dos argumentos que os adversários do Espiritismo invocam sem cessar. Por que não se apossaram do fenômeno das mesas girantes? Se eles tivessem alguma coisa de séria, diz-se, não teriam vigiado em negligenciar fatos tão extraordinários, e ainda menos tratá-los com desdém, ao passo que estão todos contra vós. Os sábios não são os archotes das nações, e seu dever não é espargir a luz? Por que quereríeis que eles a sufocassem, então que uma bela ocasião se lhes apresentava para revelar ao mundo uma força nova? - De início, é um grande erro dizer que todos os sábios estão contra nós, uma vez que o Espiritismo se propaga precisamente na classe esclarecida. Não há sábios senão na ciência oficial e nos corpos constituídos. Do fato de que o Espiritismo não tem ainda direito de cidadania na ciência oficial, isso prejulga a questão? Conhece-se a circunspecção daquela a respeito de idéias novas. Se a ciência jamais houvesse se enganado, sua opinião poderia aqui pesar na balança; infelizmente, a experiência prova o contrário. Ela não repudiou como quimeras uma multidão de descobertas que, mais tarde, ilustraram a memória de seus autores? Isso quer dizer que os sábios são ignorantes? Isso justifica os epítetos triviais, muito de mau gosto, que certas pessoas se comprazem em lhes prodigalizar? Seguramente não; não há pessoa sensata que não renda justiça ao seu saber, embora reconhecendo que não são infalíveis, e que seu julgamento não é em última instância. Seu erro é o de resolver certas questões um pouco levemente, fiando-se muito em suas luzes, antes que o tempo tenha dito sua palavra, e expor-se, assim, a receber desmentidos da experiência.

Cada um não é bom juiz senão naquilo que é da sua competência. Se quereis edificar uma casa, pegais um músico? Se estais doente, vos fareis tratar por um arquiteto? Se tendes um processo, tomais os conselhos de um dançarino? Enfim, tratando-se de uma questão teológica, a resolvereis com um químico ou um astrônomo? Não, cada um em seu ofício. As ciências vulgares repousam sobre as propriedades da matéria, que se pode manipular à vontade; os fenômenos que ela produz têm por agentes as forças materiais. Os do Espiritismo têm por agentes inteligências que têm sua independência, seu livre arbítrio, e não estão submissas aos nossos caprichos; eles escapam, assim, aos procedimentos anatômicos ou de laboratórios, e aos nossos cálculos, e desde então não são da alçada da ciência propriamente dita. A ciência estava, pois, afastada do bom caminho quando quis experimentar os Espíritos como uma pilha voltaica; ela partiu de uma idéia fixa, na qual se aferra e quer forçosamente ligar a idéia nova; fracassou e assim deveria ser, porque operou tendo em vista uma analogia que não existe; depois, sem ir mais longe, concluiu pela negativa: julgamento temerário que o tempo se encarrega, todos os dias, de reformar, como reformou muitos outros, e aqueles que o pronunciaram o serão pela vergonha de estarem inscritos, muito levemente, em falso contra o poder infinito do Criador. As corporações sábias não têm, pois, e não terão jamais, que se pronunciarem sobre a questão; ela não é mais da sua competência do que aquela de decretar se Deus existe; é, pois, um erro julgá-las. Mas quem, pois, será o juiz? Os Espíritas não se crêem no direito de impor suas idéias? Não, o grande juiz, o soberano juiz será a opinião pública; quando essa opinião estiver formada pelo assentimento das massas e dos homens esclarecidos, os sábios oficiais a aceitarão como indivíduos e suportarão a força das coisas. Deixai passar uma geração, e com ela os preconceitos do amor próprio que apaixona, e vereis que assim será com o Espiritismo,

como com tantas verdades que se combateu, e seria ridículo agora pôr em dúvida. Hoje, os crentes são os tratados de loucos; amanhã, será a vez daqueles que não crerem, absolutamente como se chamou outrora de loucos aqueles que criam que a Terra gira, o que não a impediu de girar.

Mas nem todos os sábios julgaram do mesmo modo; ocorre que se fez o raciocínio seguinte:

Não há efeitos sem causa, e os mais vulgares efeitos podem colocar no caminho dos maiores problemas. Se Newton tivesse desprezado a queda de uma maçã, se Galvani houvesse repellido sua serva, tratando-a de louca e visionária, quando ela lhe falou das rãs que dançam no prato, talvez estivéssemos ainda procurando a admirável lei da gravidade e as fecundas propriedades da pilha. O fenômeno que se designa sob o nome burlesco de dança das mesas, não é mais ridículo do que o da dança das rãs, e ele encerra, talvez, também alguns desses segredos da Natureza que revolucionam a Humanidade, quando se lhes tem a chave. Além disso, eles se disseram: Uma vez que tantas pessoas dele se ocupam, uma vez que homens sérios dele fizeram um estudo, ó necessário que haja alguma coisa; uma ilusão, uma mania querendo-se, não pode ter esse caráter de generalidade; ela pode seduzir um círculo, uma sociedade, mas não faz a volta ao mundo.

Heis, notadamente, o que nos disse um sábio doutor médico, há pouco incrédulo, e hoje adepto fervoroso:

"Diz-se que seres invisíveis se comunicam; e por que não? An tes da invenção do microscópio, supunha-se a existência desses milhões de animálculos que causam tanto estrago na economia? Onde está a impossibilidade material de que há, no espaço, seres que escapam aos nossos sentidos? Teríamos por acaso a ridícula pretensão de tudo saber e dizer a Deus que não pode mais nos ensinar? Se esses seres invisíveis que nos cercam são inteligentes, por que não se comunicariam conosco? Se estão em relação com os homens, devem desempenhar um papel na destinação, nos acontecimentos; quem sabe? Talvez sejam uma das potências da Natureza, uma dessas forças ocultas que não supúnhamos. Que horizonte novo isso abre ao pensamento! Que vasto campo de observação! A descoberta do mundo dos invisíveis seria bem outra coisa que a dos infinitamente pequenos; isso seria mais do que uma descoberta, seria toda uma revolução nas idéias. Que luz pode dela jorrar! Quantas coisas misteriosas explicadas! Aqueles que nisso crêem são lançados ao ridículo; mas o que isso prova? Não ocorreu o mesmo com todas as grandes descobertas? Cristóvão Colombo não foi repellido, cumulado de desgostos, tratado de insensato? Essas idéias, diz-se, são tão estranhas, que a razão a elas se recusa; mas àquele que se houvesse dito, há apenas meio século, que em alguns minutos corresponder-se-ia de um lado do mundo ao outro; que em algumas horas atravessar-se-ia a França; que com a fumaça de um pouco de água fervente um navio caminharia com vento contrário; que se extrairia da água os meios de se iluminar e de se aquecer; ter-se-lhe-ia rido ao nariz. Que um homem viesse propor um meio de iluminar toda Paris num ápice, com um único reservatório de uma substância invisível, ter-se-ia enviado-o a Charenton. É, pois, uma coisa mais prodigiosa que o espaço esteja povoado por seres pensantes que, depois de viverem na Terra, deixaram seu envoltório material? Não se encontra, nesse fato, a explicação de uma multidão de crenças que remontam à mais alta antigüidade? Não é a confirmação da existência da alma, de sua individualidade depois da morte? Não é a prova da própria base da religião? Somente a religião não nos diz senão vagamente em que se tornam as almas; o Espiritismo o define. Que podem a isso dizer os materialistas e os ateus? Que semelhantes coisas valem bem a pena de serem aprofundadas."

Eis as reflexões de um sábio; mas de um sábio sem pretensões; são assim também as de uma multidão de homens esclarecidos; eles refletiram, estudaram seriamente e sem tomar

partido; tiveram a modéstia de não dizerem: Eu não compreendo, portanto, isso não é; sua convicção se formou pela observação e pelo recolhimento. Se essas idéias fossem quimeras, pensa-se que tantas pessoas de elite as aceitariam? Que foram por muito tempo vítimas de uma ilusão? Não há, pois, impossibilidade material para que existam seres invisíveis para nós e povoando o espaço, e apenas essa consideração deveria conduzir a maior circunspecção. Recentemente, quem houvera pensado que uma límpida gota d'água pudesse encerrar milhares de seres vivos, de uma pequenez que confunde a nossa imaginação? Ora, era mais difícil, à razão, conceber seres de uma tal tenuidade, providos de todos os nossos órgãos e funcionando como nós, do que admitir aqueles que chamamos Espíritos?

Os adversários perguntam por que os Espíritos, que devem ter ardor em fazer prosélitos, não se prestam, melhor do que o fazem, aos meios para convencer certas pessoas, cuja opinião seria de uma grande influência. Acrescentam que se lhes opõem uma falta de fé; a isso eles respondem com razão que não podem ter uma fé antecipada.

É um erro crer que a fé seja necessária, mas a *boa fé*, é outra coisa. Há céticos que negam até a evidência, e que milagres não poderiam convencer. Há-os mesmo que ficariam muito irritados sendo forçados a crer, porque seu amor próprio sofreria em convir que estão enganados. Que responder a essas pessoas que não vêem, por toda parte, senão ilusão e charlatanismo? Nada; é necessário deixá-las tranquilas, e dizerem enquanto quiserem que nada viram, e mesmo que nada pôde fazê-las ver. Ao lado desses céticos endurecidos, há aqueles que querem ver à sua maneira; que, tendo-se formado uma opinião, a ela querem tudo relacionar, não compreendem que os fenômenos não possam obedecer à sua vontade; não sabem e não querem se colocar nas condições necessárias. Se os Espíritos não se empenham em convencê-los com prodígios, é porque aparentemente eles têm pouco, no momento, para convencerem certas pessoas das quais não medem a importância como elas mesmas o fazem; é pouco lisonjeiro, é necessário convir, mas não comandamos sua opinião; os Espíritos têm um modo de julgar as coisas que nem sempre é o nosso; eles vêem, pensam e agem segundo outros elementos; ao passo que nossa visão está circunscrita pela matéria, limitada pelo círculo estreito no meio do qual nos encontramos, eles abarcam o conjunto; o tempo, que nos parece tão longo, ó para eles um instante, a distância não é senão um passo; certos detalhes, que nos parecem de uma importância extrema, aos seus olhos, são infantilidades, e, ao contrário, julgam importantes coisas das quais não percebemos a importância. Para compreendê-los, é necessário se elevar, pelo pensamento, acima do nosso horizonte material e moral, e nos colocar em seu ponto de vista; não cabe a eles descerem até nós, mas a nós de subirmos até eles, e é ao que nos conduzem o estudo e a observação. Os Espíritos amam os observadores assíduos e conscienciosos; para eles multiplicam as fontes de luz; o que os afasta, não é a dúvida da ignorância, é a fatuidade desses pretensos observadores que nada observam, que pretendem metê-los no banco dos réus e manobrá-los como marionetes. Sobretudo é o sentimento de hostilidade e de difamação que eles carregam, sentimento que está em seus pensamentos, se não está em suas palavras, apesar de seus protestos em contrário. Para aqueles, os Espíritos nada fazem, e se inquietam muito pouco pelo que possam dizer ou fazer, porque sua vez virá. Por isso, dissemos que não é a fé que é necessária, mas a boa fé; ora, perguntamos se nossos sábios adversários estão sempre nessas condições. Eles querem os fenômenos ao seu comando, e os Espíritos não obedecem ao comando: é necessário esperar seu bom querer. Não basta dizer: mostrai-me tal fato e creerei; é necessário ter a vontade da perseverança, deixar os fatos se produzirem espontaneamente, sem pretender forçá-los ou dirigi-los; aquele que desejarde será precisamente o que não obtereis, mas se apresentarão outros, e aquele que quereis virá talvez no momento em menos o esperais. Aos olhos do observador atento e assíduo, eles surgem das quantidades que se corroboram umas com as outras; mas aquele que crê que basta girar uma manivela para fazer a máquina andar, se engana estranhamente. Que faz o naturalista que quer estudar os costumes de um animal? Manda-o fazer tal ou tal coisa para

ter o entretenimento de observá-lo à sua vontade e com sua conveniência? Não; porque bem sabe que não lhe obedecerá; ele *espia* as manifestações espontâneas de seu instinto; esperas e as agarra de passagem. O simples bom senso nos mostra que, por mais fortes razões, deve ocorrer o mesmo com os Espíritos, que são inteligências bem mais independentes que a dos animais.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, junho de 1859

Senhor de Humboldt

Falecido em 6 de maio de 1859;

chamado na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas em 13 e 20 do mesmo mês.

(*A São Luís*). Podemos chamar o Espírito do senhor Alexandre de Humboldt que acaba de morrer? - R. Se quiserdes, amigos.

1. Evocação. - R. Heis-me; isso me espanta!
 2. Por que isso vos espanta? - R. Estou longe do que era, há apenas alguns dias.
 3. Se nós vos pudessemos ver, como vos veríamos? - R. Como homem.
 4. Nosso chamado vos contraria? - R. Não, não.
 5. Tivestes consciência de vosso novo estado logo depois de vossa morte? - R. Eu a esperava há muito tempo.
- Nota.* Nos homens que, como o senhor de Humboldt, morrem de morte natural e pela extinção gradual das forças vitais, o Espírito se reconhece bem mais prontamente do que naqueles em que a vida é bruscamente interrompida por acidente ou morte violenta, tendo em vista que já há um começo de desligamento antes da cessação da vida orgânica. No senhor de Humboldt a superioridade do Espírito e a elevação dos pensamentos facilitaram esse desligamento, sempre mais lento e mais penoso naqueles cuja vida é toda material.
6. Lamentais a vida terrestre? - R, Não, de modo algum; sinto-me feliz; não tenho mais prisão; meu Espírito está livre... Que felicidade mesmo! E que doce momento aquele que me trouxe esta nova graça de Deus!
 7. Que pensais da estátua que se vos levantará em França, embora sejais estrangeiro? - R. Meus agradecimentos pessoais pela honra que se me faz; o que estimo, sobretudo, nisso é o sentimento de união que esse fato revela, o desejo de ver se acabarem todos os ódios.
 8. Vossas crenças mudaram? - R. Sim, muito; mas ainda não *revi* tudo; esperai ainda para me falar mais profundamente.

Nota. Essa resposta, e essa palavra *revi* são características do estado em que se encontra;

apesar do pronto desligamento do seu Espírito, há ainda alguma confusão em suas idéias; não tendo deixado seu corpo senão há oito dias, não teve ainda o tempo para comparar sua idéias terrestres com aquelas que ele pode ter agora.

9. Estais satisfeito com o emprego de vossa existência terrestre? - R. Sim; cumpri (quase) o objetivo que me havia proposto. Servi à Humanidade, por isso hoje sou feliz.

10. Quando vos propusestes esse objetivo? - R. Vindo na Terra.

Nota. Uma vez que se propusera um objetivo vindo na Terra, é, pois, porque havia nele um progresso anterior, e que a sua alma não nasceu ao mesmo tempo que o seu corpo. Esta resposta espontânea não pode ter sido provocada pela natureza da pergunta ou o pensamento do interrogador.

11. Escolhestes essa existência terrestre? - R. Havia numerosos candidatos para essa obra; eu pedi ao Ser por excelência para me conceder, e a obtive.

12. Lembrai-vos da existência que precedeu aquela que vindes de deixar? - R. Sim; ela ocorreu longe de vós e em um outro mundo bem diferente do vosso.

13. Esse mundo é igual, inferior ou superior à Terra? - R. Superior; perdoai-me.

14. Sabemos que o nosso mundo está longe da perfeição e, em conseqüência, não ficamos humilhados por existirem acima de nós; mas, então, como viestes a um mundo inferior ao que estáveis? - R. Dais aos ricos? Eu quis dar: desci à cabana do pobre.

15. Podeis nos dar uma descrição dos seres animados do mundo em que estais? - R. Eu tinha esse desejo em vos falando mesmo agora; mas compreendi a tempo que teria dificuldade para vos explicar isso perfeitamente. - Ali os seres são bons, *muito bons*; compreendi já esse ponto, que é a base de todo o resto do sistema moral nesses mundos: nada ali entrava o vôo dos bons pensamentos; nada lembra os maus; tudo é felicidade porque cada um está contente consigo mesmo e com todos aqueles que o cercam. - Como matéria, como sentido, toda descrição é inútil. - Que simplificação no organismo de uma sociedade! Hoje que estou em condições de comparar as duas, estou espantado com a distância. Não penseis que vos digo isso para vos desencorajar; não, muito ao contrário. É necessário que o vosso Espírito esteja bem convencido da existência desses mundos; então tereis um ardente desejo de atingi-los, e o vosso trabalho vos abrirá a sua rota.

16. Esse mundo faz parte do nosso sistema planetário? - R. Sim, está muito perto de vós. Entretanto, não se pode vê-lo, porque ele não tem o próprio foco de luz, e não recebe e não reflete a luz dos sóis que o cercam.

17. Dissestes agora mesmo que a vossa precedente existência ocorreu longe de nós, e agora dizeis que esse mundo está muito perto; como conciliar essas duas coisas? - R. Está longe de vós se consultardes as vossas distâncias, vossas medidas terrestres; mas estará próximo se tomardes o compasso de Deus, e se tentardes abarcar, com um golpe de vista, toda a criação.

Nota. É evidente que pode ser considerado como longe se tomarmos como termo de comparação as dimensões do nosso globo; mas está perto com relação aos mundos que estão a distâncias incalculáveis.

18. Poderíeis precisar-nos a região do céu onde ele se encontra? - R. É inútil; " os astrônomos não a conhecerão jamais.
19. A densidade desse mundo é a mesma do nosso globo? - R. É necessária de mil para dez.
20. Seria um mundo da natureza dos cometas? - R. Não, de modo algum.
21. Se ele não tem foco de luz, e se não recebe e nem reflete a luz solar, reina ali, portanto, uma obscuridade perpétua? - R. Os seres que ali vivem não têm nenhuma necessidade de luz: a obscuridade não existe para eles; não a compreendem. Pensais, porque sois cegos, que ninguém pode ter o sentido da visão.
22. O planeta Júpiter, no dizer de certos Espíritos, é bem superior à Terra; isso é exato? - R. Sim; tudo o que vos disseram é verdadeiro.
23. Vistes de novo Arago desde a vossa reentrada no mundo dos Espíritos? - R. Foi ele quem me estendeu a mão quando deixei o vosso.
24. Conhecíeis o Espiritismo quando vivente? - R. O Espiritismo não; o magnetismo, sim.
25. Qual é a vossa opinião sobre o futuro do Espiritismo entre as corporações de sábios? - R. Grande; mas seu caminho será penoso.
26. Pensais que um dia ele será aceito pelas corporações de sábios? - R. Certamente; mas, credes que isso seja indispensável? Ocupai-vos antes em colocar os primeiros preceitos no coração dos infelizes, que embaraçam vosso mundo: é o bálsamo que acalma os desesperos e dá a esperança.

Nota. François Arago, tendo sido chamado na sessão de 27 de maio, por intermédio de um outro médium, assim respondeu a perguntas análogas:

Qual era, quando vivente, vossa opinião sobre o Espiritismo? -R. Eu o conhecia muito pouco, e não lhe ligava, em consequência, senão uma pouca importância; deixo-vos pensando se mudei de opinião.

Pensais que ele será um dia aceito e reconhecido pelas corporações sábias? Entendo a ciência oficial, porque pelos sábios há muitos que, individualmente, o reconhecem. - R. Não somente penso, mas estou disso seguro; sofrerá a sorte de todas as descobertas úteis à Humanidade; ridicularizado de início pelos sábios orgulhosos e os tolos ignorantes, acabará por ser reconhecido por todos.

27. Qual é a vossa opinião sobre o sol que nos ilumina? - R. Ainda nada aprendi aqui como ciência; entretanto, creio sempre que o sol é um vasto centro elétrico.

28. Essa opinião reflete a que tínheis como homem, ou a vossa como Espírito? - R. Minha opinião de quando vivia, corroborada pelo que sei agora.

29. Uma vez que vindes de um mundo superior à Terra, como ocorre que não tivestes conhecimentos precisos sobre essas coisas antes da vossa última existência, e da qual vos

lembrais hoje? - Eu os tinha certamente, mas o que me perguntais não tem nenhuma relação com tudo o que pude aprender em preexistências de tal modo diferentes daquela que deixei; a astronomia, por exemplo, foi para mim uma ciência toda nova.

30. Vimos muitos Espíritos nos dizerem que habitavam outros planetas, mas nenhum nos disse habitar o sol; por que isso? - R. É um centro elétrico, e não um mundo; é um instrumento e não uma morada. - Portanto, não há habitantes? - R. Habitantes fixos, não; visitantes, sim.

31. Pensais que, dentro de algum tempo, quando fizerdes novas observações, podereis nos informar melhor sobre a natureza do sol? - R. Sim, talvez e de bom grado; entretanto, não conteis muito comigo, não estarei muito tempo errante.

32. Onde credes ir quando não estiverdes mais errante? - R. Deus me permite repousar alguns momentos; vou gozar dessa liberdade para encontrar amigos queridos que me esperavam. Em seguida, não sei ainda.

33. Pedimo-vos a permissão para vos dirigir ainda algumas perguntas as quais os vossos conhecimentos em história natural vos colocam, sem dúvida, em condições de responder.

A sensitiva e a dionéia têm movimentos que acusam uma grande sensibilidade e, em certos caso, uma espécie de vontade, como a última, por exemplo, cujos lóbulos agarram a mosca que vem pousar sobre ela para tomar seu suco, e à qual ela parece estender uma armadilha para, em seguida, matá-la. Perguntamos se essas plantas são dotadas da faculdade de pensar, se têm uma vontade, e se formam uma classe intermediária entre a natureza vegetal e a natureza animal; em uma palavra, são uma transição de uma para a outra? - R. Tudo é transição na Natureza, pelo fato mesmo de que nada se assemelha, e que, portanto, tudo se liga. Essas plantas não pensam e, conseqüentemente, não têm vontade. A ostra que se abre e todos os zoófitos não têm o pensamento; não há senão um instinto natural.

34. As plantas experimentam sensações dolorosas quando são mutiladas? - R. Não.

Nota. Um membro da Sociedade expressou a opinião de que o movimento das plantas sensitivas são análogos àqueles que se produzem nas funções digestivas e circulatórias do organismo animal, e que ocorrem sem a participação da vontade. Não se vê, com efeito, o piloro contrair-se, ao contato de certos corpos, para recusar a passagem? Deve ocorrer o mesmo com a sensitiva e a dionéia, nas quais os movimentos não implicam, de nenhum modo, a necessidade de uma percepção e ainda menos de uma vontade.

35. Há homens fósseis? - R. O tempo os consumiu.

36. Admitis que tenha havido homens na Terra, antes do cataclisma geológico? - R. Melhor farás explicando-te mais claramente sobre esse ponto antes de colocar a pergunta. O homem estava na Terra bem antes do cataclisma.

37. Adão não foi, pois, o primeiro homem? - R. Adão foi um mito, onde colocas Adão?

38. Mito ou não, falo da época que a história lhe assinala. - R. É pouco calculável para vós; é mesmo impossível calcular o número de anos que os primeiros homens permaneceram em estado selvagem e bestial, que não cessou senão muito tempo depois de sua primeira

aparição no globo.

39. A geologia fará encontrar, um dia, traços materiais da existência do homem na Terra antes do período adâmico? - R. A geologia, não; o bom senso, sim.

40. O progresso do reino orgânico na Terra está marcado pela aparição sucessiva dos acotiledônios, dos monocotiledôneos e os dicotiledôneos; o homem existia antes dos dicotiledôneos? - R. Não; sua fase segue aquela.

41. Agradecemos-vos por consentir em vir ao nosso chamado, e pelas informações que nos fornecestes. - R. Foi um prazer. Adeus; até logo.

Nota. Essa comunicação se distingue por um caráter geral de bondade, de benevolência, e uma grande modéstia, sinal incontestável de superioridade no Espírito; ali, com efeito, nenhum traço da jactância, da fanfarrice, da inveja de dominar e de se impor, que se notam naqueles que pertencem à classe dos falsos sábios. Espíritos sempre mais ou menos imbuídos de sistemas e de preconceitos que procuram fazer prevalecer; tudo, no Espírito de Humboldt, mesmo os mais belos pensamentos, respira a simplicidade e denota a ausência de pretensão.

Goéthe.

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas; 25 de março de 1856.

1. Evocação. - R. Estou convosco.

2. Em que situação estais como Espírito: errante ou reencarnado? - R. Errante.

3. Estais mais feliz do que quando vivo? - R. Sim, porque estou livre do meu corpo grosseiro, e vejo o que não podia ver.

4. Parece-me que não Unheis uma situação infeliz quando vivo; em que consiste a superioridade de vossa situação atual? - R. Acabo de vos dizer; vós, adeptos do Espiritismo, deveis compreender essa situação.

5. Qual é a vossa opinião atual sobre *Fausto!* - R. É uma obra que tinha por objetivo mostrar a vaidade e o vazio da ciência humana, e, por outro lado, exaltar, no que tinha de bom e de puro, o sentimento do amor, e o castigo no que havia de imoral e de mau.

6. Foi por uma certa intuição do Espiritismo que pintastes a influência dos maus Espíritos sobre o homem? Como fostes conduzido a fazer essa pintura? - R. Eu tinha a lembrança quase exata de um mundo onde via agir a influência dos Espíritos sobre os seres materiais.

7. Tínheis, pois, a lembrança de uma existência precedente? -

R. Sim, certamente.

8. Poderíeis dizer-nos se essa existência ocorreu na Terra? -R. Não, porque nesta não se via os Espíritos agirem; foi bem num outro.

9. Mas, então, uma vez que, nesse mundo, se podia ver os Espíritos agirem, ele deveria ser superior à Terra. Como ocorre que viestes de um mundo superior para um mundo inferior? Havia, pois, queda para vós? Quereis nos explicar isso? - R. Era superior até um certo ponto, mas não como entendeis. Os mundos não têm todos a mesma organização, sem serem, por isso, de uma grande superioridade. De resto, sabeis bem que cumpri, entre vós, uma missão que todos não podeis vos dissimular, uma vez que fazeis, ainda, representar minhas obras; não havia queda, uma vez que servi, e sirvo ainda, para a vossa moralização. Apliquei o que poderia ter de superior nesse mundo precedente para castigar as paixões dos meus heróis.
10. Sim, ainda se representam vossas obras. Vem-se mesmo de traduzir, em ópera, vosso drama o *Fausto*. Assististes a essa representação? - R. Sim.
11. Quereis nos dar a vossa opinião sobre a maneira pela qual o senhor Gounod interpretou o vosso pensamento por meio da música? - R. Gounod evocou-me sem sabê-lo. Ele me compreendeu muito bem; eu, músico alemão, não o teria feito melhor; ele pensa, talvez, em músico francês.
12. Que pensais de Werther? - R. Reprovo agora o desenlace.
13. Essa obra não fez muito mal exaltando as paixões? - R. Fez e causou infelicidades.
14. Ela foi a causa de muitos suicídios; deles sois responsável? - R. Se houve uma influência infeliz, difundida por mim, é bem disso que sofro agora e do que me arrependo.
15. Tínheis, quando vivo, creio, uma grande antipatia pelos Franceses; ocorre o mesmo atualmente? - R. Sou muito patriota.
16. Estais, ainda, antes ligado a um país do que a outro? - R. Amo a Alemanha em seus pensamentos e em seus costumes quase patriarcais.
17. Poderíeis dar-nos a vossa opinião sobre Schiller? - R. Somos irmãos pelo Espírito e pelas missões. Schiller tinha uma alma grande e nobre: suas obras eram-lhe o reflexo; fez menos mal do que eu; é-me muito superior, porque era mais simples e mais verdadeiro.
18. Poderíeis dar-nos a vossa opinião sobre os poetas franceses em geral, comparados com os poetas alemães? Isso não é por um vão sentimento de curiosidade, mas para a nossa instrução. Cremos-vos de sentimentos muito elevados para que seja necessário vos pedir fazê-lo sem parcialidade, pondo de lado todo preconceito nacional. - R. Sois muito curiosos, mas vou satisfazer-vos:
- Os Franceses novos fazem belos poemas, mas colocam mais belas palavras que bons pensamentos; eles deveriam se ligar mais ao coração e menos ao espírito. Falo de modo geral, mas faço algumas exceções em favor de alguns: um grande poeta pobre, entre outros.
19. Um nome circula em voz baixa na assembléia, foi desse que quisestes falar? - R. Pobre, ou que o fez.
20. Ficariamos felizes tendo de vós uma dissertação, sobre assunto de vossa escolha, para nossa instrução. Estais bastante bom para nos ditar alguma coisa? - R. Fá-lo-ei mais tarde e

por outros médiuns; evocai-me uma outra vez.

O negro Pai César.

Pai César, homem livre de cor, morto em 8 de fevereiro de 1859, com a idade de 138 anos, perto de Covington, nos Estados Unidos. Era nascido na África e foi conduzido à Lousiana com a idade de cerca de 15 anos. Os restos mortais desse patriarca da raça negra foram acompanhados, ao campo de repouso, por um certo número de habitantes de Covington, e uma multidão de pessoas de cor.

Sociedade, 25 de março de 1859.

1. (A São Luís) Poderíeis nos dizer se podemos chamar o Pai César, de quem acabamos de falar? - R. Sim, eu o ajudarei a vos responder.

Nota. Esse início faz pressagiar o estado do Espírito que se desejava interrogar.

2. Evocação. - R. Que quereis de mim, e o que pode um pobre Espírito como eu em uma reunião como a vossa?

3. Sois mais feliz agora do que quando vivo? - R. Sim, porque minha condição não era boa na Terra.

4. Entretanto, éreis livre; em que sois mais feliz agora? - R. Porque meu Espírito não é mais negro.

Nota. Essa resposta é mais sensata do que parece à primeira vista. Seguramente, o Espírito jamais é negro; ele quis dizer que, como Espírito, não tem mais as humilhações das quais é alvo a raça negra.

5. Vivestes muito tempo; isso aproveitou para o vosso adiantamento? - R. Eu me desgostei na Terra, e não sofri bastante, em uma certa idade, para ter a felicidade de avançar.

6. Em que empregais vosso tempo agora? - R. Procuo esclarecer-me e em que corpo poderei fazê-lo.

7. Que pensáveis dos Brancos, quando vivo? - R. Eram bons, mas orgulhosos de uma brancura da qual não eram a causa.

8. Consideráveis a brancura como uma superioridade? - R. Sim, uma vez que eu era desprezado como negro.

9. (A São Luís). A raça negra é verdadeiramente uma raça inferior? - R. A raça negra desaparecerá da Terra. Ela foi feita para uma latitude diferente da vossa.

10. (A Pai César). Dissestes que procuráveis o corpo pelo qual poderíeis avançar; escolhereis um corpo branco ou um corpo negro? - R. Um branco, porque o desprezo me faria mal.

11. Vivestes realmente a idade que se vos atribui: 138 anos? -R. Não contei bem, pela razão que dissestes.

Nota. Vem-se de fazer a observação de que os negros, não tendo estado civil, sua idade não é julgada senão aproximadamente, sobretudo quando nasceram na África.

12. (*A São Luís*). Os Brancos se reencarnam, algumas vezes, em corpos negros? - R. Sim, quando, por exemplo, um senhor maltratou um escravo, ele pode pedir para si, por expiação, viver num corpo de negro para sofrer, a seu turno, todos os sofrimentos que fez sentir e, por esse meio, avançar e alcançar o perdão de Deus.

Variedades

Revista Espírita, junho de 1859

A princesa de Rebinine.

(Extraído do *Courrier de Paris*), de maio de 1859.)

Sabeis que todos os sonâmbulos, todas as mesas girantes, todos os pássaros magnetizados, todos os lápis simpáticos e todos os tiradores de cartas predisseram a guerra desde há muito tempo?... Profecias nesse sentido foram feitas a uma multidão de personagens importantes que, fingindo tratar muito ligeiramente essas supostas revelações do mundo sobrenatural, não deixaram de ficar muito preocupados com elas. De nossa parte, sem decidir a questão num sentido nem no outro, e achando, aliás, que, ali onde o próprio François Arago duvidava, é menos permitido não se pronunciar, limitar-nos-emos a contar, sem comentários, alguns fatos dos quais fomos testemunhas.

Há oito dias, fomos convidados para uma noite espírita, na casa do barão G.... Na hora indicada, todos os convidados, em número de doze somente, se achavam ao redor da mesa.... milagrosa, uma simples mesa de mogno, de resto, e sobre a qual, no momento, servira-se o chá e os sanduíches de rigor. Desses doze convivas, devemos nos apressar em proclamá-lo, nenhum poderia, razoavelmente, incorrer na censura de charlatanismo. O senhor da casa, que conta ministros em seus parentes próximos, pertence a uma grande família estrangeira.

Quanto aos seus *fiéis*, se compunham de dois distintos oficiais ingleses, um oficial da marinha francesa, um príncipe russo muito conhecido, um médico muito hábil, um milionário, um secretário de embaixada e dois ou três figurões do subúrbio Saint-Ger-main. Éramos o único *profano* entre esses ilustres do *Espiritismo'*, mas, em nossa qualidade de cronista parisiense, e cético por dever, não poderíamos ser acusado de credulidade.... exagerada. A reunião em questão não poderia ser considerada o jogo de u-ma comédia; e que comédia! Uma comédia inútil e ridícula, sem a qual cada um teria, voluntariamente, aceito, ao mesmo tempo, o papel de mistificador e de mistificado? Isso não é admissível. E, de resto, com que objetivo? Com qual interesse? Isso era o caso ou jamais se perguntar: *Quem engana aqui?*

Não, ali não havia nem má-fé, nem loucura.... Coloquemos, se quiserdes, que houvera acaso.... É tudo o que a nossa consciência nos permite conceder-vos. Ora, heis o que se passou:

Depois de haver interrogado o *Espírito* sobre mil coisas, se lhe perguntou se as esperanças de paz, - que pareciam então muito fortes, - eram fundadas.

- Não, respondeu muito distintamente em duas vezes diferentes.

- Teremos, pois, a guerra?

- Certamente!...

- Quando isso?
- Em oito dias.
- Entretanto, o Congresso não se reúne senão no próximo mês.... Isso adia para muito longe as eventualidades de um começo de hostilidades.
- Não haverá Congresso!
- Porquê?
- A Áustria o recusará.
- E qual será a causa que triunfará?
- A da justiça e do bom direito.... a da França.
- E a guerra, que será ela?
- Curta e gloriosa.

Isso nos traz à memória um outro fato do mesmo gênero, que se passou igualmente sob os nossos olhos há alguns anos.

Recorda-se que, quando da guerra da Criméia, o imperador Nicolau chamou para a Rússia todos aqueles de seus súditos que habitavam a França, sob pena, para estes, de verem confiscados os seus bens, recusando-se a atender essa ordem.

Estávamos então em Saxe, em Leipzick, onde se tomava, como por toda parte, um vivo interesse pela campanha que vinha de começar. Um dia, recebemos o bilhete seguinte:

"Estou aqui por algumas horas somente; vinde ver-me, - hotel de Pologne, n° 13!"

"PRINCESA DE REBININE."

Conhecêramos muito a princesa Sophie de Rebinine, uma mulher encantadora e distinta, cuja história era todo um romance (que escreveremos um dia), e que muito queria nos chamar seu amigo. Apressamo-nos, pois, em atender seu amável convite, tão agradavelmente surpreso quanto encantado pela sua passagem por Leipzick.

Era um domingo, um 13, e o tempo estava naturalmente cinza e triste, como ocorre sempre nessa parte da Saxe. Encontramos a princesa em sua casa, mais graciosa e mais espiritual que nunca, somente um pouco pálida, um pouco melancólica. Fizemos-lhe essa observação.

- De início, nos respondeu ela, parti como uma bomba. - Era o caso, uma vez que heis-nos em guerra, e estou um pouco cansada com o meu modo de viagem. Em seguida, se bem que sejamos agora inimigos, não vos esconderei que vou deixar Paris com pesar. Há muito que

me considerava quase como francesa, e a ordem do imperador me faz romper com um velho e doce hábito.

- Por que não permanecesstes tranqüilamente em vosso lindo apartamento da rua Rumfort?

- Porque me cortariam as mesadas.

- Pois bem! Não tendes, pois, entre nós, numerosos e bons amigos?

- Sim,... pelo menos o creio; mas, em minha idade, uma mulher não gosta de deixar tomar hipoteca sobre si.... Os interesses a pagar ultrapassam, freqüentemente, o valor do capital! Ah! se fora velha, seria outra coisa,... mas, então, não se me emprestaria mais.

E nessa altura a princesa mudou de conversação.

- Ora essa! disse-nos ela, sabeis que sou de uma natureza bastante absorvente.... Não conheço aqui viva alma.... Posso contar convosco para todo o dia?

A resposta que demos é fácil de adivinhar.

A uma hora, o sino se fez ouvir no pátio e descemos para jantar na mesa redonda do hotel. Todo o mundo falava, nesse momento, da guerra... e das mesas girantes.

No que concerne à guerra, a princesa estava segura de que a frota anglo-francesa seria destruída no mar Negro, e ela se encarregaria bravamente de ir incendiá-la, ela mesma, se o imperador Nicolau quisesse lhe confiar essa missão delicada e perigosa. No que concerne às mesas girantes, sua fé era menos robusta, e nos propôs fazer, com ela e outro dos nossos amigos, que lhe apresentáramos na sobremesa, algumas experiências. Remontamos, pois, ao seu quarto; se nos serviu o café, e, como chovesse, passamos nossa tarde interrogando uma mesinha de centro, que ainda vemos daqui.

- E a mim, perguntou de repente a princesa, nada tens a me dizer?

- Não.

- Porquê?

A mesa bateu treze pancadas. Ora, lembre-se que era um treze, e o quarto da senhora de Rebinini tinha o número treze.

- Isso quer dizer que o número treze me é fatal? Repetiu a princesa que tinha um pouco a superstição dessa cifra.

- Sim! Fez a mesa.

- Não importa!... Sou um Bayard do gênero feminino e tu podes falar, sem medo, o que possas ter o que anunciar.

Interrogamos a mesinha de centro, que persistia de início em sua prudente reserva, mas da qual, entretanto, acabamos por arrancar as palavras seguintes:

- Doente... oito dias... Paris... morte violenta!

A princesa se portou muito bem, ela acabava de deixar Paris e não esperava voltar, por muito tempo à França. A profecia da mesa era, pois, ao menos absurda sobre os três primeiros pontos... Quanto ao último, é inútil acrescentar que não quisemos mesmo nele nos deter.

A princesa deveria partir às oito horas da noite, pelo trem de Dresde, a fim de chegar, no segundo dia depois pela manhã, a Varsóvia; mas ela perdeu o trem.

Minha fé, disse-nos ela, vou deixar minhas bagagens aqui e tomarei o trem de 4 horas da manhã.

- Então, ides reentrar no hotel para dormir?

- Vou nele reentrar, mas não me deitarei... Assistirei do alto da *loge dès étrangers* ao baile dessa noite... Quereis servir-me de cavalheiro?

O hotel de Pologne, cujos vastos e magníficos salões não contêm menos de duas mil pessoas, dá quase cada dia, verão como inverno, um grande baile, organizado por qualquer sociedade da cidade, mas ao qual é reservado, para assistirem do alto de uma galeria particular, aqueles viajores desejosos de gozar de um golpe de vista que é muito animado, e da música, que é excelente.

De resto, na Alemanha, nunca esquecem os estrangeiros, por toda parte têm lugar reservado, o que explica porque os Alemães que vêm a Paris, pela primeira vez, perguntam sempre, nos teatros e nos concertos da *loge dès étrangers*,

O dia que se trata, o baile estava muito brilhante, e a princesa, se bem que uma simples expectadora, nele tomou um verdadeiro prazer. Também, ela havia esquecido a mesinha de centro e sua sinistra predição, quando um dos garçons do hotel levou-lhe um telegrama que acabava de chegar para ela. Este despacho estava concebido nestes termos:

"Senhora Rebinini, hotel de Pologne, Leipzig; presença indispensável, Paris, interesses graves! E trazia a assinatura do homem de negócios da princesa. Algumas horas mais tarde, esta retomava o caminho de Pologne, em lugar de subir no trem de Dresde. Oito horas depois, soubemos que ela estava morta!

Paulin Niboyet.

O major Georges Sydenham

Encontramos o relato seguinte de uma coleção notável de histórias autênticas de aparições e outros fenômenos espíritas, publicados em Londres em 1682, pelo reverendo J. Granville e o doutor H. More. Está intitulado: Aparição do Espírito do major Georges Sydenham ao capitão V. Dyke, extraída de uma carta do senhor Jacques Douge, de Mongton, ao senhor J. Granville.

— Pouco tempo depois da morte do major Georges, o doutor Th. Dyke, parente próximo do capitão, foi chamado para cuidar de uma criança doente. O doutor e o capitão deitaram-se na mesma cama. Quando tinham dormido um pouco, o capitão bateu e ordenou às suas domésticas para levar-lhe duas velas acesas, as maiores e as mais grossas que pudessem encontrar. O doutor lhe perguntou o que isso significava. "Conheceis, disse o capitão, minhas discussões com o major, no que se refere à existência de Deus e à imortalidade da alma: não pudemos nos esclarecer sobre esse dois pontos, e embora o tivéssemos sempre desejado.

"Ficou, pois, convencionado que aquele que de nós dois que morresse primeiro, viria, na terceira noite depois de seus funerais, entre minuto e uma hora, no jardim desta pequena casa, e aí esclarecesse a sobrevivência a esse respeito. Será hoje mesmo, acrescentou o capitão, que o major deverá cumprir sua promessa." Em conseqüência, colocou seu relógio de bolso junto dele, e às onze e meia levantou-se, tomou uma vela em cada mão, saiu por uma porta do fundo, da qual levou a chave, e assim passeou no jardim durante duas horas e meia. No seu retorno, declarou ao doutor que nada viu, nem nada ouviu que não fosse muito natural; mas, acrescentou-me, sei que meu major viria se pudesse.

Seis semanas depois, seguiu para Eaton para ali colocar seu filho na escola, e o doutor foi com ele. Alojaram-se no albergue com a insígnia de São *Cristóvão*, e permaneceram dois ou três dias, mas não deitaram juntos como em Dulversan; estavam em dois quartos separados.

Uma manhã, o capitão ficou mais tempo, do que de costume, em seu quarto, antes de chamar o doutor. Enfim, ele entrou no quarto desse último, o rosto todo transtornado, os cabelos eriçados, os olhos desvairados e o corpo todo tremente. - Que houve, pois, primo capitão? Disse o doutor. O capitão respondeu: Eu o vi meu major. - O doutor pareceu sorrir. Eu vos afirmo que jamais o vi na minha vida ou vi-o hoje. Fez-me, então, a seguinte narração: "Esta manhã, ao romper do dia, alguém veio ao lado de minha cama, arrancou as cobertas, gritando: *cap, cap* (era o termo familiar do major, para chamar o capitão.) - Eu respondi: O que! meu major? - Ele respondeu: Não pude vir no dia dito; mas agora heis-me e vos digo: Há um Deus, e um muito justo e terrível; se não mudardes de pele, vereis quando aí estiverdes! - Sobre a mesa havia uma espada que o major me havia dado; quando este deu duas ou três voltas no quarto, pegou a espada, tirou-a da bainha, e não a encontrando tão brilhante como deveria estar: *Cap, cap*, disse ele, esta espada estava melhor cuidada quando era minha. - Com essas palavras, ele desapareceu de repente."

O capitão não somente ficou perfeitamente persuadido da realidade do que havia visto e ouvido, mas ainda ficou, depois desse tempo, muito mais sério. Seu caráter, outrora leviano e jovial, foi notavelmente modificado. Quando ele convidava seus amigos, tratava-os com nobreza, mas mostrava-se forte sobre si mesmo. As pessoas que o conheciam asseguram que ele acreditava ouvir, freqüentemente, em seus ouvidos, as palavras do major, durante os dois anos que viveu depois dessa aventura.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Julho

- [Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Discurso do encerramento do ano social 1858-1859](#)
- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo - O soldado argelino de Magenta](#)
- [Um oficial do exército da Itália](#)
- [Resposta à réplica do senhor abade Chesnel, em *l'Univers*](#)
- [Variedades - Lorde Castlereagh e Bemadotte](#)
- [*O que é o Espiritismo?* Nova obra do senhor Allan Kardec](#)

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Discurso do encerramento do ano social 1858-1859

Revista Espírita, julho de 1859

Senhores,

No momento em que se expira vosso ano social, permiti-me vos apresentar um breve resumo da marcha e dos trabalhos da Sociedade.

Conheceis sua origem: ela se formou sem desígnio premeditado, sem projeto preconcebido. Alguns amigos se reuniam em minha casa num pequeno grupo; pouco a pouco, esses amigos pediram minha permissão para me apresentarem seus amigos. Não havia então presidente: eram reuniões íntimas de oito a dez pessoas, como existem centenas delas em Paris e alhures; mas era natural que, em minha casa, eu tivesse a direção do que ali se fazia, seja como dono da casa, seja também em razão dos estudos especiais que eu havia feito, e que me davam uma certa experiência da matéria.

O interesse que se tomava por essas reuniões, era crescente, embora não se ocupasse senão de coisas muito sérias; pouco a pouco, de um e de outro, o número dos assistentes aumentava, e meu modesto salão, muito pouco propício para uma assembléia, tomou-se insuficiente. Foi então que, alguns dentre vós, propuseram se procurasse um lugar mais cômodo, e se cotizarem para subvencionar os gastos, não achando justo que eu os suportasse sozinho, como fizera até aquele momento. Mas, para se reunir regularmente, além de um certo número, e no local estranho, era necessário conformar-se às prescrições legais, era necessário um regulamento, e, conseqüentemente, um presidente como titular; enfim, era necessário constituir uma sociedade; o que ocorreu com o consentimento da autoridade, cuja benevolência não nos faltou. Era necessário também imprimir aos trabalhos uma direção metódica e uniforme, e consentistes em me encarregar de continuar o que fazia em minha casa, em nossas reuniões particulares.

Trouxe para minhas funções, que posso dizer laboriosas, toda a exatidão e todo o devotamento de que era capaz; do ponto de vista administrativo, esforcei-me por manter, nas sessões, uma ordem rigorosa, e dar-lhe um caráter de gravidade, sem o qual o prestígio de assembléia séria teria logo desaparecido. Agora que minha tarefa terminou, e que o impulso foi dado, devo vos participar a resolução que tomei de renunciar, para o futuro, a toda espécie de função na Sociedade, mesmo a de diretor dos estudos; não ambiciono senão um título, o de simples membro titular, com o qual estarei sempre feliz e honrado. O motivo de minha determinação está na multiplicidade dos meus trabalhos, que aumentam todos os dias em razão da extensão das minhas relações, porque além daqueles que conheceis, preparo outros mais consideráveis, que exigem longos e laboriosos estudos, e não absorverão menos de dez anos; ora, os da Sociedade não deixam de tomar muito tempo, seja para a preparação, seja para a coordenação e a cópia correta. Por outro lado, eles reclamam uma

assiduidade freqüentemente prejudicial às minhas ocupações pessoais, e que tomam indispensável a iniciativa, quase exclusiva, que me deixastes. Foi por causa disso, Senhores, que tive que tomar tão freqüentemente a palavra, lamentando a miúdo que os membros eminentemente esclarecidos que possuímos nos privassem de suas luzes. Já há muito tempo tinha o desejo de demitir-me de minhas funções; eu o expressei, de um modo muito explícito, em diversas circunstâncias, seja aqui, seja em particular a vários de meus colegas, e notadamente ao senhor Ledoyen. Tê-lo-ia feito mais cedo sem o temor de trazer perturbação à Sociedade, retirando-me ao meio do ano, podendo se crer em uma defecção; e não era necessário dar essa satisfação aos nossos adversários. Portanto, deveria cumprir minha tarefa até o fim; mas hoje, quando esses motivos não mais existem, apresso-me em vos participar a minha resolução, a fim de não entravar a escolha que fareis. É justo que cada um tenha sua parte de encargos e de honras.

Depois de um ano, a Sociedade viu crescer rapidamente sua importância; o número de membros titulares triplicou em alguns meses; tendes numerosos correspondentes nos dois continentes, e os auditores ultrapassariam o limite do possível se não se pusesse um freio pela estrita execução do regulamento. Contastes, entre estes últimos, as mais altas notabilidades sociais e mais de uma ilustração. O zelo que se toma em solicitar admissão em vossas sessões testemunha o interesse que se tem por elas, não obstante a ausência de toda experimentação destinada a satisfazer a curiosidade, e talvez mesmo em razão de sua simplicidade." Se todos não saem dela convencidos, o que seria pedir o impossível, as pessoas sérias, aquelas que não vêm com uma intenção de difamação, levam da gravidade dos vossos trabalhos uma impressão que as dispõem a aprofundar essas questões. De resto, não temos senão que aplaudir as restrições que colocamos para a admissão de ouvintes estranhos: evitamos assim a massa de curiosos importunes. A medida com a qual limitastes essa admissão a certas sessões, reservando as outras unicamente para os membros da Sociedade, resultou por vos dar maior liberdade nos estudos, que a presença de pessoas ainda não iniciadas e cujas simpatias não estão asseguradas, poderiam entravar.

Essas restrições parecerão muito naturais para aqueles que conhecem o objetivo da nossa instituição, e que sabem, antes de tudo, que somos uma Sociedade de estudos e de pesquisas, antes que uma arena de propaganda; por essa razão não admitimos, em nossas fileiras, aqueles que, não tendo as primeiras noções da ciência, nos fariam perder nosso tempo em demonstrações elementares, renovadas incessantemente. Sem dúvida, todos nós desejamos a propagação das idéias que professamos, porque as julgamos úteis, e cada um de nós nisso contribui com a sua parte; mas sabemos que convicção não se adquire senão por observações continuadas, e não por alguns fatos isolados, sem seqüência e sem raciocínio, contra os quais a incredulidade sempre pode levantar objeções. Um fato, dir-se-á, é sempre um fato; é um argumento sem réplica. Sem dúvida, quando ele não é nem contestado e nem contestável. Quando um fato sai do círculo das nossas idéias e dos nossos conhecimentos, à primeira vista parece impossível; quanto mais ele é extraordinário, mais objeções levanta, por isso é contestado; aquele que lhes sonda as causas, que se dá conta dele, encontra-lhe uma base, uma razão de ser; compreende-lhe a possibilidade, e, desde então, não o rejeita mais. Um fato, freqüentemente, não é inteligível senão pela sua ligação com outros fatos; tomado isoladamente, pode parecer estranho, incrível, absurdo mesmo; mas que seja um dos anéis da cadeia, que tenha uma base racional, que se possa explicá-lo, e toda a anomalia desaparece. Ora, para conceber esse encadeamento, para compreender esse conjunto ao qual se é conduzido de conseqüência em conseqüência, é necessário em todas as coisas, e talvez ainda mais em Espiritismo, uma seqüência de observações racionais. O raciocínio, portanto, é um poderoso elemento de convicção, hoje mais que nunca, quando as idéias positivas nos levam a saber o por quê e o como de cada coisa.

Espanta-se com a persistente incredulidade, em matéria de Espiritismo, da parte de pessoas

que viram, ao passo que outras, que nada viram, são crentes firmes; quer dizer que estes últimos são pessoas superficiais que aceitam, sem exame, tudo o que se lhes diz? Não; pelo contrário: os primeiros viram, mas não compreendem; os segundos não viram, mas compreendem, e não compreendem senão pelo raciocínio. O conjunto dos raciocínios sobre os quais se apóiam os fatos, constitui a ciência, ciência ainda muito imperfeita, é verdade, e da qual nenhum de nós pretende ver atingir o apogeu, mas, enfim, é uma ciência em seu início, e é na direção da pesquisa de tudo que pode ampliá-la e constituí-la que estão dirigidos vossos estudos. Eis o que importa se saiba bem fora desse recinto, a fim de que não se equivoque sobre os objetivos que nos propusemos; a fim de que não se creia, sobretudo, vindo aqui, encontrar uma exibição de Espíritos dando-se em espetáculos. A curiosidade tem um termo; quando está satisfeita, procura um novo objeto de distração; aquele que não se detém na superfície, que vê além do efeito material, encontra sempre alguma coisa para aprender; o raciocínio é para ele uma mina inesgotável: é sem limite. Nossa linha de conduta, aliás, poderia ser melhor traçada pelas admiráveis palavras que o Espírito de São Luís nos dirigiu, e que não deveríamos jamais perder de vista: "Zombou-se das mesas girantes, não se zombará jamais da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Que alhures se veja, que em outro lugar se ouça, que entre vós se *compreenda* e se ame."

Essas palavras: *que entre vós se compreenda*, são todo um ensinamento. Devemos compreender, e procuramos compreender, porque não queremos crer como cegos: o raciocínio é o facho que nos guia. Mas o raciocínio de um só pode se extraviar, por isso quisemos nos reunir em sociedade, a fim de nos esclarecermos mutuamente pelo concurso recíproco de nossas idéias e de nossas observações. Colocando-nos nesse terreno, assemelhamo-nos a todas as outras instituições científicas, e nossos trabalhos farão mais prosélitos sérios do que se passássemos nosso tempo fazendo girar e bater as mesas. Logo estaríamos saciados; queremos para o nosso pensamento um alimento mais sólido, eis porque procuramos penetrar os mistérios do mundo invisível, cujos fenômenos elementares não são senão os primeiros indícios. Aquele que sabe ler, diverte-se repetindo, sem cessar, o alfabeto? Teríamos talvez um maior concurso de curiosos que se sucederiam em nossas sessões como os personagens de um panorama móvel, mas esses curiosos, que não poderiam levar uma convicção improvisada pela visão de um fenômeno inexplicável para eles, que o julgariam sem aprofundá-lo, seriam antes um obstáculo aos nossos trabalhos; eis porque, não querendo desviar de nosso caráter científico, afastamos quem não é atraído para nós por um objetivo sério. Ó Espiritismo tem conseqüências tão graves, e toca questões de uma tão grande importância, dá a chave de tantos problemas, nele haurimos, enfim, um tão profundo ensinamento filosófico, que ao lado disso, uma mesa girante é uma verdadeira infantilidade.

A observação dos fatos sem o raciocínio é insuficiente, dizemos, para conduzir a uma convicção completa, e é de preferência àquele que se declarasse convencido por um fato que não compreende, que se poderia taxar de leviandade; mas essa maneira de proceder tem um outro inconveniente, que é bom mencionar, e cada um de nós pôde testemunhar, é a mania da experimentação, que lhe é a conseqüência natural. Aquele vê um fato espírita sem dele ter estudado todas as circunstâncias, geralmente, não vê senão o fato material, e desde então o julga sob o ponto de vista de suas próprias idéias, sem pensar que fora das leis conhecidas pode, e deve, haver leis desconhecidas. Crê poder fazê-lo manobrar à sua vontade; impõe suas condições e não estará convencido, diz, senão quando se cumpre de tal modo e não de tal outro; ele imagina que se experimenta os Espíritos igual a uma pilha elétrica, não conhecendo nem sua natureza, nem sua maneira de ser que não estudou, crê poder impor-lhe sua vontade, e pensa que devem agir ao sinal dado pelo seu bom prazer de convencer-se; porque está disposto, por um quarto de hora, ouvi-los, se imagina que devem estar às suas ordens. São os erros nos quais não caem aqueles que se dão ao trabalho de se

aprofundar; sabem render-se conta dos obstáculos e não pedem o impossível; em lugar de querem conduzir os Espíritos ao seu ponto de vista, ao que não se prestam de boa vontade, colocam-se no ponto de vista dos Espíritos, e para eles os fenômenos mudam de aspecto. Para isso são necessárias a paciência, a perseverança, e uma firme vontade, sem a qual não se chega a nada. Quem quer realmente saber, deve submeter-se às condições da coisa, e não querer submeter a coisa às suas próprias condições. Eis porque a Sociedade não se presta a experimentação que seriam sem resultados, porque sabe, pela experiência, que o Espiritismo, não mais que toda ciência, não se aprende em algumas horas e com presteza. Como ela é séria, não quer ter negócios senão com pessoas sérias, que compreendem as obrigações que um semelhante estudo impõe, quando se quer fazê-lo conscientemente. Ela não reconhece como sérios aqueles que dizem: Fazei-me ver um fato e estarei convencido. Isso quer dizer que negligenciamos o fato? Muito ao contrário, uma vez que toda a nossa ciência está baseada sobre os fatos; procuramos, pois, diligentemente todos aqueles que nos oferecem um objeto de estudo, ou que confirmam princípios admitidos; quero dizer somente que não perdemos nosso tempo reproduzindo aqueles que conhecemos, não mais do que o físico não se diverte se repetindo as experiências que nada lhe ensinam de novo. Centramos nossas investigações sobre tudo aquilo que pode esclarecer nossa marcha; ligando-nos de preferência às comunicações inteligentes, fontes da filosofia espírita, e cujo campo é sem limites, bem mais do que as manifestações puramente materiais, que não têm senão o interesse do momento.

Dois sistemas igualmente preconizados e praticados se apresentam no modo de se receberem as comunicações de além-túmulo; uns preferem esperar as comunicações espontâneas, os outros as provocam por uma chamada direta feita a tal ou tal Espírito. Os primeiros pretendem que na ausência de controle para constatar a identidade dos Espíritos, esperando sua boa vontade, se está menos exposto a ser induzido em erro, já que aquele que fala é porque quer falar, ao passo que não é certo que aquele que se chama possa vir ou responder. Objetam que deixar falar o primeiro que aparece, é abrir a porta aos maus tão bem quanto aos bons. A incerteza da identidade não é objeção séria, pois que, freqüentemente, existem meios de constatá-la, e que, aliás, essa constatação é o objeto de um estudo que se prende aos próprios princípios da ciência; o Espírito que fala espontaneamente se encerra, o mais ordinariamente, em generalidades, ao passo que as perguntas lhe traçam um quadro mais positivo e mais instrutivo. Quanto a nós, não condenamos senão os sistemas exclusivos; sabemos que se obtêm coisas muito boas por um e por outro modo, e se damos a preferência ao segundo, é porque a experiência nos ensinou que, nas comunicações espontâneas, os Espíritos enganadores não deixam de se ornamentar com nomes respeitáveis do que nas evocações; eles têm mesmo o campo mais livre, ao passo que pelas perguntas são dominados, são dirigidos mais facilmente, sem contar que as perguntas são de uma utilidade incontestável nos estudos. É a esse modo de investigações que devemos a multidão de observações que recolhemos, a cada dia, que nos fazem penetrar mais profundamente esses estranhos mistérios. Quanto mais nós avançamos, mais o horizonte aumenta diante de nós, e nos mostra o quanto é vasto o campo que temos a ceifar.

As numerosas observações que fizemos permitiram levar um olhar investigador sobre o mundo invisível, desde a base até o cume, quer dizer, no que He tem de mais ínfimo como no que tem de mais sublime. Às inumeráveis variedades de fatos e de caracteres que saíram desses estudos, feitos com a calma profunda, a atenção sustentada e a prudente circunspeção de observadores sérios, nos abriram os arcanos desse mundo tão novo para nós; a ordem e o método que colocastes em vossas pesquisas foram os elementos indispensáveis para o sucesso. Com efeito, sabeis, pela experiência, que não basta chamar ao acaso o Espírito de tal ou tal pessoa; os Espíritos não vêm, assim, ao sabor de nosso capricho e não respondem a tudo aquilo que a fantasia nos leva a perguntar-lhes. É necessário, com os seres de além-túmulo, circunspeção, saber ter uma linguagem apropriada à sua natureza,

às suas qualidades morais, ao grau de sua inteligência, à classe que eles ocupam; estar com eles, dominador ou submisso, segundo as circunstâncias, compadecente por aqueles que sofrem, humilde e respeitoso com os superiores, firme com os maus e os obstinados que não subjagam senão aqueles que os escutam com complacência; é necessário, enfim, saber formular e encadear, metodicamente, as perguntas para obter respostas mais explícitas, agarrar nas respostas as nuances que são, freqüentemente, traços característicos, revelações importantes, que escapam ao observador superficial, sem experiência ou de passagem. A maneira de conversar com os Espíritos é, pois, uma verdadeira arte que exige tato ou conhecimento do terreno sobre o qual se caminha, e constitui, propriamente falando, o Espiritismo prático. Sabiamente dirigidas, as evocações podem ensinar grandes coisas; oferecem um poderoso elemento de interesse, de moralidade e de convicção: de interesse, porque elas nos dão a conhecer o estado do mundo que espera todos nós, e do qual se faz, algumas vezes, uma idéia tão bizarra; de moralidade, porque podemos ver aí, por analogia, nossa sorte futura; a convicção, porque se encontra nessas conversações íntimas a prova manifesta da existência e da individualidade dos Espíritos, que não são outros senão nossas almas desligadas da matéria terrestre. Estando formada, em geral, vossa opinião sobre o Espiritismo, não tendes necessidade de assentar vossas convicções sobre a prova material das manifestações físicas; também não quisestes, segundo o conselho dos Espíritos, encerrar-vos nos estudos dos princípios e das questões morais, sem negligenciar, por isso, o exame dos fenômenos que podem ajudar na procura da verdade.

A crítica demolidora nos censurou por aceitarmos, muito facilmente, as doutrinas de certos Espíritos, sobretudo naquilo que concerne às questões científicas. Essas pessoas mostram, por isso mesmo, que elas não conhecem nem o verdadeiro objetivo da ciência espírita, nem aquele que nos propusemos e se pode, com todo o direito, retornar-lhe a censura de leviandade em seu julgamento. Certamente não é a vós que é necessário ensinar a reserva com a qual se deve acolher o que vem dos Espíritos; e estamos longe de tomar todas as suas palavras por artigos de fé. Sabemos que entre eles existem os de todos os graus de saber e de moralidade; para nós é todo um povo que apresenta variedades cem vezes mais numerosas que aquelas que vemos entre os homens; é chegar a conhecê-lo e compreendê-lo; por isso, estudamos as individualidades, observamos as nuances, tratamos de compreender os traços distintivos de seus costumes, de seus hábitos, de seu caráter; queremos, enfim, tanto quanto possível, nos identificar com o estado desse mundo. Antes de ocupar uma residência, gostamos muito de saber como ela é, se estaremos ali comodamente, conhecer os hábitos dos vizinhos que teremos, o gênero de sociedade que ali poderemos freqüentar. Pois bem! É nossa residência futura, são os costumes do povo no meio do qual viveremos, que os Espíritos nos fazem conhecer. Mas, do mesmo modo que, entre nós, as pessoas ignorantes e de visão estreita se fazem uma idéia incompleta do nosso mundo material e do meio que não seja o seu, do mesmo modo os Espíritos cujo horizonte moral é limitado, não podem abarcar o conjunto, e estão ainda sob o império de preconceitos e de sistemas; não podem, pois, nos informar, sobre tudo o que concerne ao mundo espírita, mais do que um camponês poderia fazê-lo quanto ao estado da alta sociedade parisiense ou do mundo sábio. Seria, pois, ter de nosso julgamento uma bem pobre opinião, pensando-se que escutamos todos os Espíritos como oráculos. Os Espíritos são o que são, e não podemos mudar a ordem das coisas; não sendo todos perfeitos, não aceitamos suas palavras senão sob o benefício de inventário, e não com a credulidade de crianças; julgamos, comparamos, tiramos conseqüências de nossas observações, e seus próprios erros são para nós ensinamentos, porque não renunciamos ao nosso discernimento.

Essas observações se aplicam igualmente a todas as teorias científicas que os Espíritos possam dar. Seria muito cômodo não ter senão que interrogá-los para encontrar a ciência toda pronta, e para possuir os segredos da indústria: não adquiriremos a ciência senão ao preço de trabalho e de pesquisas; sua missão não é nos livrar dessa obrigação. Aliás,

sabemos que não só nem todos sabem tudo, mas que há, entre eles, falsos sábios, como entre nós, que crêem saber o que não sabem, e falam daquilo que ignoram com o descaramento mais imperturbável. Um Espírito poderia dizer, pois, que é o Sol que gira e não a Terra, e sua teoria não seria mais verdadeira porque vinda de um Espírito. Que aqueles que nos supõem uma credulidade tão pueril, saibam, pois, que tomamos toda opinião manifestada por um Espírito por uma opinião individual; que não a aceitamos senão depois de tê-la submetido ao controle da lógica e dos meios de investigação que a própria ciência espírita nos fornece, meios que todos vós conheceis.

Tal é, senhores, o objetivo que a Sociedade se propõe; certamente, não me cabe vo-lo ensinar, mas alegro-me em lembrá-lo aqui, a fim de que, se minhas palavras ressoarem lá fora, não se equivoquem mais sobre o seu verdadeiro caráter. Estou feliz, de minha parte, por não haver senão que seguir-vos nesse caminho sério que eleva o Espiritismo à categoria de ciência filosófica. Vossos trabalhos já deram frutos, mas os que darão mais tarde são incalculáveis, se, como disso não duvido, permanecerdes nas condições propícias para atrair os bons Espíritos entre vós.

O concurso dos bons Espíritos, tal é, com efeito, a condição sem a qual ninguém pode esperar a verdade; ora, depende de nós obter esse concurso. A primeira de todas as condições para conciliar sua simpatia, é o recolhimento e a pureza de intenções. Os Espíritos sérios vão onde são chamados com seriedade, com fé, fervor e confiança; não gostam de servir para experiência, nem se darem em espetáculo; ao contrário, comprazem-se em instruir aqueles que os interrogam sem segunda intenção; os Espíritos levianos, que zombam de tudo, vão por toda parte e de preferência onde encontram ocasião para mistificarem; os maus são atraídos pelos maus pensamentos, e por maus pensamentos é preciso entender todos aqueles que não estejam conforme os princípios da caridade evangélica. Portanto, em toda reunião, quem carregue consigo sentimentos contrários a esses preceitos, conduz consigo Espíritos desejosos de semearem a perturbação, a discórdia e a desafeição.

A comunhão de pensamentos e de sentimentos para o bem é, assim, uma coisa de primeira necessidade, e essa comunhão não pode encontrar-se num meio heterogêneo, onde teriam acesso as baixas paixões do orgulho, da inveja e do ciúme, paixões que sempre se trairiam pela malevolência e pela acrimônia da linguagem, por espesso que seja, aliás, o véu com o qual se procure cobri-las; é o *a, b, c*, da ciência espírita. Se quisermos fechar, aos maus Espíritos, as portas deste recinto fechado, cerremos-lhes primeiro a porta de nossos corações, e evitaremos tudo o que poderia dar-lhes presa sobre nós. Se alguma vez a Sociedade tornar-se o joguete de Espíritos enganadores, por quem seriam ali atraídos? Por aqueles em quem encontrassem eco, porque não vão senão aonde sabem ser escutados. Conhece-se o provérbio: *Dize-me com quem andas, dir-te-ei as manhas que tens*; e que se pode indagar assim com respeito aos nossos Espíritos simpáticos: *Dize-me o que pensas, e dir-te-ei com quem andas*. Ora, os pensamentos se traduzem pelos atos; portanto, admitindo-se que a discórdia, o orgulho, a inveja e o ciúme não podem ser insuflados senão pelos maus Espíritos, quem trouxesse aqui esses elementos de desunião, suscitaria entraves, acusaria, por isso mesmo, a natureza de seus satélites ocultos, e não poderíamos senão lamentar sua presença no seio da Sociedade. Queira Deus que ela jamais seja assim, eu o espero, e com a assistência dos bons Espíritos, se soubermos nos tornar favoráveis, a Sociedade se consolidará, tanto pela consideração que saberá merecer quanto pela utilidade de seus trabalhos. Se não tivéssemos em vista senão experiências de curiosidade, a natureza das comunicações seria quase indiferente, porque não as tomaríamos sempre senão por aquilo que seriam; mas como, em nossos estudos, não procuramos nem nossa diversão, nem a do público, o que queremos são comunicações verdadeiras; para isso ser-nos-á necessária a simpatia dos bons Espíritos, e essa simpatia não é adquirida senão por aqueles que afastam o

mal na sinceridade de sua alma. Dizer que os Espíritos levianos jamais puderam se introduzir entre nós, favorecidos por algum ponto fraco, seria muita presunção e pretender a perfeição; os próprios Espíritos superiores poderiam permiti-lo para experimentarem nossa perspicácia e nosso zelo na procura da verdade; mas nosso julgamento deve manter-nos em guarda contra as armadilhas que podem nos ser estendidas, e nos dá, em todos os casos, os meios para evitá-las.

O objetivo da Sociedade não consiste somente na pesquisa dos princípios da ciência espírita; vai mais longe: ela estuda também suas conseqüências morais, porque aí sobretudo está a verdadeira utilidade.

Nossos estudos nos ensinam que o mundo invisível que nos cerca reage, constantemente, sobre o mundo visível; eles no-lo mostram como uma das forças da Natureza; conhecer os efeitos dessa força oculta que nos domina e nos subjuga com o nosso desconhecimento, não é ter a chave de mais de um problema, a explicação de uma multidão de fatos que passam despercebidos? Se esses efeitos forem funestos, conhecer a causa do mal não seria ter o meio de preservar-se deles, como o conhecimento das propriedades da eletricidade nos deu o meio de atenuar os efeitos desastrosos do raio? Se sucumbirmos, então, não nos poderemos queixar senão de nós mesmos, porque não mais teremos a ignorância por desculpa. O perigo está no império que os maus Espíritos tomam sobre os indivíduos, e esse império não é apenas funesto do ponto de vista dos erros de princípios que possam propagar, mas o é, ainda, do ponto de vista dos interesses da vida material. A experiência nos ensina que jamais é impunemente que se abandona à sua dominação; porque suas intenções nunca podem ser boas. Uma de suas táticas, para alcançar seus fins, é a desunião, porque sabem muito bem que dominarão facilmente aquele que estiver privado de apoio; também seu primeiro cuidado, quando querem se apossar de alguém, é o de sempre inspirar-lhe a desconfiança e o distanciamento de quem possa desmascará-los, esclarecendo-o com conselhos salutares; uma vez senhores do terreno, podem, à sua vontade, fasciná-lo com promessas sedutoras, subjugá-lo gabando suas inclinações, aproveitando, para isso, todos os lados fracos que encontram, para melhor fazê-lo sentir, em seguida, a amargura das decepções, feri-lo em suas afeições, humilhá-lo em seu orgulho, e, freqüentemente, não elevá-lo um instante senão para precipitá-lo de mais alto.

Eis, senhores, o que nos mostram os exemplos que, a cada instante, se desenrolam aos nossos olhos, tanto no mundo dos Espíritos quanto no mundo corpóreo, os quais podemos aproveitar para nós mesmos, ao mesmo tempo que procuramos aproveitá-los aos outros. Mas, dir-se-á, não atraireis os maus Espíritos evocando homens que foram a escória da sociedade? Não, porque não sofreremos jamais sua influência. Não há perigo senão quando é o Espírito que se IMPÕE, ele jamais existe quando se IMPÕE ao Espírito. Sabeis que esses Espíritos não vêm ao nosso chamado senão como constrangidos e forçados, e que, em geral, encontram tão pouco do seu meio entre nós, que sempre têm pressa de se irem. Sua presença é para nós um estudo, porque, para conhecer, é necessário ver tudo; o médico não chega ao apogeu do seu saber senão sondando as feridas mais hediondas; ora, essa comparação do médico é tanto mais justa quando sabeis quantas feridas cicatrizamos, quantos sofrimentos aliviamos; nosso dever é mostrar-nos caridosos e benevolentes para com os seres de além-túmulo, como para os nossos semelhantes.

Desfrutaria eu, pessoalmente, senhores, de um privilégio extraordinário se estivesse ao abrigo da crítica. Ninguém se coloca em evidência sem se expor aos dardos daqueles que não pensam como nós. Mas há duas espécies de críticos: uma que é malevolente, acerba, envenenada, onde o ciúme se trai a cada palavra; a que tem por objetivo a procura sincera da verdade, e comportamentos diferentes. A primeira não merece senão o desdém: com ela jamais me atormentei; só a segunda é discutível.

Algumas pessoas disseram que fui muito apressado nas teorias espíritas; que não chegara o tempo de estabelecê-las, que as observações não eram bastante completas. Permitti-me algumas palavras a esse respeito.

Duas coisas devem ser consideradas no Espiritismo: a parte experimental e a parte filosófica ou teórica. Fazendo-se abstração do ensinamento dado pelos Espíritos, pergunto se, em meu nome, não tenho o direito, como tantos outros, de elocubrar um sistema de filosofia? O campo das opiniões não está aberto a todo o mundo? Por que, pois, não faria conhecer a minha? Caberá ao público julgar se ela tem ou não o senso comum. Mas essa teoria, em lugar de fazer um mérito, se mérito há, eu declaro que ela emana inteiramente dos Espíritos. - Seja, diz-se, mas ides muito longe. - Aqueles que pretendem dar a chave dos mistérios da criação desvendaram o princípio das coisas e a natureza infinita de Deus, não vão mais longe que eu, que declaro, em nome dos Espíritos, que não é dado ao homem aprofundar essas coisas sobre as quais não se pode estabelecer senão conjecturas mais ou menos prováveis? - Ides muito depressa. - Seria um erro terem certas pessoas avançado? Aliás, quem as impede de caminhar? - Os fatos não estão ainda suficientemente observados. - Mas se eu, com ou sem razão, creio tê-los observado bastante, devo esperar o bom prazer daqueles que permanecem atrás? Minhas publicações não barram o caminho de ninguém. - Uma vez que os Espíritos estão sujeitos ao erro, quem vos disse que aqueles que vos informaram não estão enganados? - Com efeito, aí está toda a questão, porque a da precipitação é muito pueril. Pois bem! Devo dizer sobre o que está fundada a minha confiança na veracidade e na superioridade dos Espíritos que me instruíram. Direi primeiro que, segundo o seu conselho, não aceito nada sem exame e sem controle; não adoto uma idéia senão se ela me parece racional, lógica e está de acordo com os fatos e as observações, se nada sério vem contradizê-la. Mas meu julgamento não poderia ser um critério infalível; o assentimento que encontrei numa multidão de pessoas mais esclarecidas do que eu, é para mim uma primeira garantia; encontro uma outra, não menos preponderante, no caráter das comunicações que me fizeram desde que me ocupo com o Espiritismo. Nunca, posso dizê-lo, escapou uma única dessas palavras, um único desses sinais pelos quais se traem sempre os Espíritos inferiores, mesmo os mais astuciosos; jamais dominação; jamais conselhos equivocados ou contrários à caridade e à benevolência, jamais prescrições ridículas; longe disso, não encontrei neles senão pensamentos grandes, nobres, sublimes, isentos de pequenez e mesquinha; em uma palavra, suas relações comigo, nas menores, como nas maiores coisas sempre foram tais que se fora um homem que houvesse falado, tê-lo-ia pelo melhor, o mais sábio, o mais prudente, o mais moral e o mais esclarecido. Eis, senhores, os motivos de minha confiança, corroborados pela identidade de ensinamentos dados a uma multidão de outras pessoas antes e depois da publicação de minhas obras. O futuro dirá se estou ou não com a verdade; à espera, creio dever ajudar o progresso do Espiritismo trazendo algumas pedras ao edifício. Mostrando que os fatos podem se assentar sobre o raciocínio, terei contribuído para fazê-los sair do caminho frívolo da curiosidade, para fazê-los entrar na via séria da demonstração, a única que pode satisfazer os homens que pensam e não se detêm na superfície.

Termino, senhores, pelo curto exame de uma questão da atualidade. Fala-se de outras sociedades que querem se levantar rivalizando com a nossa. Uma, diz-se, conta já com 300 membros e possui recursos financeiros importantes. Quero crer que isso não seja uma fanfarrice, que seria também pouco lisonjeira para os Espíritos que a houvessem suscitado, como para aqueles que deles se fazem os ecos. Se for uma realidade, nós a felicitaremos sinceramente, se ela obtiver a unidade de sentimentos necessária para frustrar a influência dos maus Espíritos e consolidar a sua existência.

Ignoro completamente quais são os elementos da sociedade, ou das sociedades, que se diz

querer formar; não farei, pois, senão uma nota geral.

Há em Paris e alhures uma multidão de reuniões íntimas, como foi a nossa outrora, onde se ocupa, mais ou menos seriamente, das manifestações espíritas, sem falar dos Estados Unidos, onde elas se contam por milhares; conheço-as onde as evocações se fazem nas melhores condições e onde se obtêm coisas muito notáveis; é a consequência natural do número crescente de médiuns que se desenvolvem em todos os lados, apesar dos galhofeiros, e quanto mais avançarmos, mais esses centros se multiplicarão. Esses centros, formados espontaneamente de elementos muito pouco numerosos e variáveis, nada de têm de fixo ou de regular e, propriamente falando, não constituem sociedades. Para uma sociedade regularmente organizada, são necessárias condições de vitalidade muito diferentes, em razão mesmo do número de membros que a compõem, da estabilidade e da permanência. A primeira de todas é a *homogeneidade* nos princípios e na maneira de ver. Toda sociedade formada por elementos heterogêneos, carrega consigo o germe de sua dissolução; pode-se dizer-lhe natimorta qualquer que lhe seja o objeto: político, religioso, científico ou econômico. Uma sociedade espírita requer uma outra condição, que é a assistência dos bons Espíritos, querendo-se obter comunicações sérias, porque dos maus, deixando que tomem pé, não podemos esperar senão mentiras, decepções e mistificações; sua própria existência tem esse preço, uma vez que os maus serão os primeiros agentes de sua destruição; eles a minarão pouco a pouco, se não fizerem desabar tudo primeiro. Sem homogeneidade, nada de comunhão de pensamentos, e, portanto, nada de calma, nem de recolhimento possíveis; ora, os bons não vão senão ali onde encontram essas condições; e como encontrá-los numa reunião onde as crenças são divergentes, onde uns não crêem mesmo em tudo, e onde, conseqüentemente, domina sem cessar o espírito de oposição e de controvérsia? Eles não assistem senão aqueles que querem ardentemente se esclarecer, tendo em vista o bem, sem segunda intenção, e não para satisfazer uma vã curiosidade. Querer formar uma sociedade espírita fora dessas condições, seria dar prova de ignorância, a mais absoluta, dos princípios mais elementares do Espiritismo.

Somos nós, pois, os únicos capazes de reuni-los? Seria bem deplorável, e além do mais, bem ridículo para nós assim crer. O que fizemos, seguramente, outros podem fazê-lo. Que outras Sociedades se ocupem, pois, dos mesmos trabalhos nossos, que prosperem, que se multipliquem, tanto melhor, mil vezes tanto melhor, porque será um sinal de progresso nas idéias morais; tanto melhor, sobretudo, se forem bem assistidas e tiverem boas comunicações, porque não temos a pretensão de um privilégio a esse respeito; como não temos em vista senão nossa instrução pessoal e o interesse da ciência, que nossa sociedade não oculta nenhum pensamento de especulação *nem direto e nem indireto*, nenhuma via ambiciosa, que sua existência não repousa sobre uma questão de dinheiro, as outras Sociedades serão para nós irmãs, mas não podem ser concorrentes; se delas tivermos ciúmes, provaremos que estamos assistidos por maus Espíritos. Se uma delas se formasse tendo em vista criar-nos uma rivalidade, com a segunda intenção de nos suplantar, ela revelaria por seu próprio objetivo à natureza dos Espíritos que presidiram sua formação, porque esse pensamento não seria nem bom nem caridoso, e os bons Espíritos não simpatizam com os sentimentos de ódio, de ciúmes e de ambição.

Temos, de resto, um meio infalível de não temer nenhuma rivalidade; foi São Luís quem no-lo deu: *Que entre vós vos compreendais e vos ameis*, disse-nos. Trabalhem, pois, para compreender; lutemos com os outros, mas lutemos com caridade e abnegação. Que o amor ao próximo esteja inscrito em nossa bandeira e seja a nossa divisa; com isso afrontaremos o escárnio e a influência dos maus Espíritos. Nesse terreno, podem nos igualar, e tanto melhor, porque serão irmãos que nos chegarão, mas depende de nós não estarmos nunca ultrapassados.

Mas, dir-se-á, tendes uma maneira de ver que não é a nossa; não podemos simpatizar com princípios que não admitimos, porque nada prova que estais com a verdade. A isso eu respondo: Nada prova que estejais mais do que nós na verdade, porque duvidais ainda, e a dúvida não é uma doutrina. Pode-se diferir de opinião sobre pontos da ciência, sem se morder e se atirar a pedra; é mesmo muito pouco digno e muito pouco científico fazê-lo. Procurai, pois, de vossa parte como procuramos da nossa; o futuro dará razão a quem tem direito. Se nos enganamos, não teremos o tolo amor próprio de nos obstinar em idéias falsas; mas há princípios sobre os quais se está certo de não se enganar: são o amor ao bem, a abnegação, a abjuração de todo sentimento de inveja e de ciúme; esses princípios são os nossos, e com esses princípios pode-se simpatizar sempre sem se comprometer; é o laço que deve unir todos os homens de bem, qualquer que seja a divergência de suas opiniões: só o egoísmo coloca entre eles uma barreira intransponível.

Tais são, Senhores, as observações que acreditei dever vos apresentar, deixando as funções que me confiastes; agradeço do fundo do coração todos aqueles que consentiram em me darem testemunhos de sua simpatia. Chegue onde chegar, minha vida está consagrada à obra que empreendemos, e ficarei feliz se meus esforços puderem ajudar a fazê-la entrar no caminho sério que é a sua essência, o único que poderá assegurar seu futuro. O objetivo do Espiritismo é de tornar melhores aqueles que o compreendem; tratemos de dar o exemplo e de mostrar que, para nós, a doutrina não é letra morta; em uma palavra, sejamos dignos dos bons Espíritos, se quisermos que os bons Espíritos nos assistam. O bem é uma couraça contra a qual virão sempre se quebrar as armas da malevolência.

ALLAN KARDEC.

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, julho de 1859

Publicaremos no futuro o comentário regular das sessões da Sociedade. Contávamos fazê-lo a partir deste número, mas a quantidade de matérias nos obrigou a adiá-lo para a próxima entrega. Os Sócios que não residem em Paris, e os membros correspondentes, poderão assim seguir os trabalhos da Sociedade. Limitar-nos-emos a dizer hoje que, apesar da intenção do que o senhor Allan Kardec havia expressado em seu discurso de encerramento de renunciar à presidência, quando da renovação da secretaria, ele foi reeleito por unanimidade com uma abstenção e um voto em branco. Acreditaria mal responder a um testemunho assim elogioso persistindo em sua recusa. Ele não aceitou, todavia, senão condicionalmente e sob a reserva *expressa* de renunciar às suas funções no momento que a Sociedade se encontrasse em condições de oferecer a presidência a uma pessoa cujo nome e posição social fossem de natureza a dar-lhe um maior relevo; sendo seu desejo poder consagrar todo o seu tempo aos trabalhos e aos estudos que ela demanda.

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, julho de 1859

NOVIDADES DA GUERRA

O governo permitiu aos jornais, apolíticos darem notícias da guerra, mas como as relações são muitas sob todas as formas, seria ao menos inútil repeti-las aqui. O que talvez fosse mais novo para os nossos leitores é uma narração chegada do outro mundo; embora não seja tirada da fonte oficial do *Moniteur*, não deixa de oferecer interesse do ponto de vista dos nossos estudos. Pensamos, pois, interrogar algumas das gloriosas vítimas da vitória, presumindo que poderíamos encontrar nisso alguma instrução útil; tais objetos de observação e sobretudo da atualidade não se apresentam todos os dias. Não conhecendo, pessoalmente, nenhum daqueles que tomaram parte na última batalha, pedimos aos Espíritos que consentem em nos assistir, se gostariam de nos enviar um deles; pensamos mesmo encontrar, num estranho, mais liberdade e facilidade do que se fora em presença de amigos ou de parentes, dominados pela emoção. Com a resposta afirmativa, tivemos as entrevistas seguintes.

O Soldado Argelino de Magenta.

PRIMEIRA ENTREVISTA. (*Sociedade*, 10 de junho de 1859.)

1. Rogamos a Deus Todo-poderoso permitir ao Espírito de um dos militares mortos na batalha de Magenta comunicar-se conosco. - R. Que quereis saber?
2. Onde estáveis quando vos chamamos? - R. Não sei dizer-lo.
3. Quem vos preveniu que desejávamos conversar convosco? - R. Um que é mais esperto do que eu.
4. Em vossa vida duvidáveis que os mortos poderiam vir conversar com os vivos? - R. Oh! disso, não.
5. Que efeito isso produziu sobre vós ao vos encontrardes aqui? - R. Deu-me prazer; deveis, pelo que me dizem, fazer grandes coisas.
6. A qual corpo da armada pertencíeis? (Alguém disse em voz baixa: Pela sua linguagem deve ser um zuavo.) - R. Ah! Vós o dissestes.
7. Que grau tínheis? - R. O de todo mundo.
8. Como vos chamáveis? - R. Joseph Midard.

9. Como morrestes? - R. Gostaríeis de tudo saber e de nada pagar.

10. Vamos! Perdestes vossa alegria; dissei sempre, nós pagaremos depois. Como morrestes? - R. Por uma ameixa carregada.

11. Ereis contrário a ser morto? - R. Minha fé! Não; estou bem aqui.

12. No momento em que morrestes, imediatamente vos reconhecestes? - R. Não, estava tão atordoado que não o acreditava.

Nota. Isto está conforme tudo o que observamos nos casos de morte violenta; o Espírito, não se rendendo conta de sua situação, não crê imediatamente estar morto. Esse fenômeno se explica muito facilmente; ele é análogo ao do sonâmbulo que não crê dormir. Com efeito, para o sonâmbulo, a idéia do sono é sinônimo de suspensão das faculdades intelectuais; ora, como pensa, para ele não dorme; disso não se convence senão mais tarde, quando estiver familiarizado com o sentido ligado a essa palavra. Ocorre o mesmo com o Espírito surpreendido por uma morte súbita, quando nada havia preparado sua separação do corpo; para ele a morte é sinônimo de destruição, de aniquilamento; ora, como vê, sente-se, tem suas idéias, para ele não está morto; é necessário algum tempo para se reconhecer.

13. No momento que morrestes, a batalha não tinha terminado; seguistes suas peripécias? - R. Sim, uma vez que disse que não me acreditava estar morto; eu queria sempre ir de encontro aos *outros cães*.

14. Que sensação experimentastes nesse momento? - R. Estava encantado, achava-me muito leve.

15. Víeis os Espíritos de vossos companheiros deixarem seus corpos? - R. Não me ocupava disso, uma vez que eu não acreditava na morte.

16. Em que se tornava nesse momento essa multidão de Espíritos deixando a vida no tumulto da refrega? - R. Creio que faziam como eu.

17. Os Espíritos daqueles que se batiam com mais ardor, uns contra os outros, que pensavam encontrando-se juntos nesse mundo dos Espíritos? Estavam ainda animados uns contra os outros? -R. Sim, durante algum tempo e segundo o seu caráter.

18. Reconheceis-vos melhor agora? - R. Sem isso não me teriam enviado aqui.

19. Poderíeis dizer-nos se entre os Espíritos mortos há muito tempo, encontravam-se ali os que se interessavam pela sorte da batalha? (Pedimos a São Luís consentir ajudá-lo em suas respostas, a fim de que sejam tão explícitas quanto possível para a nossa instrução). - R. Em uma grande quantidade, porque é bom que saibis que esses combates e suas conseqüências estão preparados de longa data, e que nossos adversários não estão enlameados de crimes, como o fizeram sem serem impelidos tendo em vista conseqüências futuras, que não tardareis a saber.

20. Deveria haver aí quem se interessasse pelo sucesso dos Austríacos; isso formava dois campos entre eles? - R. Evidentemente.

Nota. - Não nos parece ver aqui os deuses de Homero tomando partido uns pelos Gregos, e os outros pelos Troianos? Quem eram, com efeito os deuses do paganismo, senão Espíritos dos quais os Antigos fizeram divindades? Não tínhamos razão em dizer que o Espiritismo é uma luz que iluminará mais de um mistério, a chave de mais de um problema?

21. Eles exerciam uma influência qualquer sobre os combatentes? - R. Uma muito considerável.

22. Poderíeis descrever-nos a maneira pela qual exerciam essa influência? - R. Do mesmo modo que todas as outras influências produzidas pelos Espíritos sobre os homens.

23. Que pensais fazer agora? - R. Estudar mais do que o fiz durante a minha última etapa.

24. Ides retornar para assistir, como espectador, aos combates que ainda se travam? - R. Não sei ainda; tenho afeições que me retêm neste momento; entretanto, conto escapar um pouco, de tempo ao outro, para me divertir vendo as brigas subseqüentes.

25. Qual gênero de afeições vos retêm? - R. Uma velha mãe enferma e sofredora, que me chora.

26. Peço perdão pelo mau pensamento que passou pelo meu espírito a respeito da afeição que vos retém. - R. Não o quero mais assim; disse-vos bobagens para vos fazer rir um pouco; é natural que não me tomeis por uma grande coisa, tendo em vista o honorável corpo ao qual pertenceis; mas tranquilizai-vos: eu não me empenhei senão por essa pobre mãe; mereço um pouco que me tenham mandado para junto de vós.

27. Quando estáveis entre os Espíritos, ouvíeis o ruído da batalha; víeis as coisas tão claramente quanto durante a vossa vida? -R. Primeiro perdi a visão, mas depois de algum tempo já via muito melhor, porque via todas as astúcias.

28. Pergunto se percebíeis o ruído do canhão. - R. Sim.

29. No momento da ação, pensáveis na morte e no que vos tornaríeis se fosses morto? - R. Pensava no que se tornaria minha mãe.

30. Era a primeira vez que íeis ao fogo? - R. Não, não; e a África?

31. Vistes a entrada dos Franceses em Milão? - R. Não.

32. Sois o único que morreu na Itália? - R. Sim.

33. Pensais que a guerra durará muito tempo? - R. Não; é fácil, e pouco meritório, de resto, predizê-lo.

34. Quando vedes, entre os Espíritos, um de vossos chefes, o reconheceis ainda como vosso superior? - R. Se o é, sim; se não, não.

Nota. - Na sua simplicidade e seu laconismo, essa resposta é eminentemente profunda e filosófica. No mundo espírita, a superioridade moral é a única que se reconhece; aquele que

não a tinha na Terra, qualquer que fosse sua classe, não tem nenhuma superioridade; ali, o chefe pode estar abaixo do soldado, o senhor abaixo do servidor. Que lição para o nosso orgulho!

35. Pensais na justiça de Deus, e vos inquietais com ela? - R. Quem não pensaria nela? Mas, felizmente, não tenho que temê-la sempre; resgatei, por algumas ações que Deus achou boas, algumas escapadelas que fiz na qualidade de zuavo, como dissestes.

36. Assistindo a um combate, poderíeis proteger um de vossos companheiros e afastar dele um golpe fatal? - R. Não; isso não está em nosso poder; a hora da morte é marcada por Deus; se deve passar por ela, nada pode impedi-la; como nada pode atingi-lo se a aposentadoria não soou para ele.

37. Vedes o general Espinasse? - R. Não o vi ainda, mas espero muito ainda vê-lo.

SEGUNDA ENTREVISTA.

(17 de junho de 1859.)

38. *Evocação* - R. Presente! Coragem! Avante!

39. Lembrai-vos de ter vindo aqui há oito horas? - R. Mas!

40. Dissestes-nos que não tínheis revisto ainda o general Espinasse; como poderíeis reconhecê-lo, uma vez que já não carrega sua farda de general? - R. Não, mas conheço-o de vista; ademais não temos uma multidão de amigos prontos a nos dar a palavra. Aqui não é como no grande círculo; não se tem medo de se consentir em auxiliar e vos respondo que não há senão os maus velhacos, os únicos que não se vêem.

41. Sob qual aparência estais aqui? - R. Zuavo.

42. Se pudéssemos ver-vos, como vos veríamos? - R. Com turbante e calção.

43. Pois bem! Suponho que nos aparecesse com turbante e calção, onde apanhastes essa roupa, uma vez que deixastes a vossa no campo de batalha! - R. Ah! Eis! Nada sei; tenho um alfaiate que me arranhou esta.

44. De que são feitos o turbante e o calção que levais? Rendei-vos conta disso? - R. Não; isso diz respeito ao algibebe.

Nota. - Essa questão da roupa dos Espíritos, e várias outras não menos interessantes que se ligam ao mesmo princípio, estão completamente elucidadas pelas novas observações feitas no seio da sociedade; disso daremos conta no nosso próximo número. Nosso bravo zuavo não é bastante adiantado para resolvê-las por si mesmo; ser-nos-ia preciso, para isso, o concurso de circunstâncias que se apresentam fortuitamente, e que não colocamos no caminho.

45. Dai-vos conta da razão pela qual nos vedes, ao passo que não podemos ver-vos? - R. Creio compreender que vossos óculos são muito fracos.

46. É pela mesma razão que não poderíeis ver o general sem uniforme? - R. Sim, ele não o usa todos os dias.

47. Quais dias ele o usa? - R. Sim! Quando é chamado ao palácio.

48. Por que estais aqui em zuavo, se não podemos ver-vos? -- R. Muito naturalmente porque sou zuavo ainda, desde há oito anos, e que no meio dos Espíritos, guardamos por muito tempo essa forma, mas isso não é senão entre nós, compreendeis que quando vamos para um mundo muito estranho, a Lua ou Júpiter, não nos damos ao trabalho de fazer tanto preparo pessoal.

49. Falais da Lua, de Júpiter, é que para aí fostes depois de vossa morte? - R. Não, não me compreendeis. Corremos muito o universo desde a nossa morte; não explicamos uma multidão de problemas da nossa Terra? Não conhecemos Deus e os outros seres muito melhores que nós como não o fazíamos há quinze dias? Passa-se na morte uma metamorfose no Espírito, que não podeis compreender.

50. Tornastes a ver o corpo que deixastes no campo de batalha? - R. Sim, não é mais belo.

51. Que impressão essa visão deixou em vós? - R. Tristeza.

52. Tendes conhecimento de vossa existência precedente? -R Sim, mas não foi bastante gloriosa para que dela me vanglorie.

53. Dizei-nos somente o gênero de existência que tivestes? -R. Simples comerciante de peles indígenas.

54. Nós vos agradecemos por consentir em retornar uma segunda vez. - R. Até breve; isso me alegra e me instrui; desde que me toleram aqui, voltarei de bom grado.

Um Oficial Superior Morto em Magenta

(*Sociedade.* 10 de junho de 1859.)

1. *Evocação.* - R. Heis-me aqui.

2. Poderíeis dizer-nos como viestes tão prontamente ao nosso chamado? - R. Fui prevenido de vosso desejo.

3. Por quem fostes prevenido? - R. Por um emissário de Luís.

4. Tínheis conhecimento da existência da nossa sociedade? -R. Vós o sabeis.

Nota. - O oficial, do qual se trata, com efeito, concorreu para que a Sociedade obtivesse autorização para se constituir.

5. Sob qual ponto de vista consideráveis nossa sociedade, quando ajudastes a sua formação?

- R. Eu não estava ainda inteiramente fixado, mas me inclinava muito em crer, e sem os acontecimentos que sobrevieram, iria certamente instruir-me em vosso círculo.

6. Há muitas notabilidades que partilham as idéias espíritas, mas que não a confessam abertamente; seria desejável que as pessoas influentes na opinião desfraldassem abertamente essa bandeira. - R. Paciência; Deus o quer e esta vez a palavra é verdadeira.

7. Em qual classe influente da sociedade pensais que o exemplo será dado em primeiro lugar? - R. Por toda parte um pouco no início, inteiramente em seguida.

8. Poderíeis dizer-nos, do ponto de vista do estudo, se, embora morto quase no mesmo momento do zuavo que acabou de vir, vossas idéias estão mais lúcidas que as dele? - R. Muito; o que pôde dizer que testemunhava uma certa elevação de pensamentos, era-lhe soprado, porque ele é muito bom, mas muito ignorante e um pouco leviano.

9. Interessai-vos ainda pelo sucesso de nossas armas? - R. Muito, mais que nunca, porque lhe conheço hoje o objetivo.

10. Poderíeis definir o vosso pensamento; o objetivo sempre foi altamente confessado, e na vossa posição sobretudo, devíeis conhecê-lo? - R. O objetivo que Deus se propôs, o conheceis?

Nota. - Ninguém menosprezará a gravidade e a profundidade desta resposta. Assim vivendo, conhecia o objetivo dos homens: como Espírito, ele via o que havia de providencial nos acontecimentos.

11. Que pensais da guerra em geral? - R. Minha opinião é que vos desejo que progridais bastante rapidamente para que ela se torne impossível, tanto quanto inútil.

12. Credes que virá um dia em que ela será impossível e inútil? - R. Penso-o, e disso não duvido, posso dizer-vos que o momento não está assim tão longe como podeis crer, sem, entretanto, dar-vos a esperança de vê-lo vós mesmos.

13. Vós vos reconhecestes imediatamente no momento de vossa morte? - R. Reconheci-me quase em seguida, e isso graças às vagas noções que tinha do Espiritismo.

14. Poderíeis dizer-nos alguma coisa do Senhor***, morto igualmente na última batalha? - R. Ele está ainda nas redes da matéria; tem mais dificuldade para dela sair; seus pensamentos não estavam dirigidos desse lado.

Nota. - Assim o conhecimento do Espiritismo ajuda o desligamento da alma depois da morte; abrevia a duração da perturbação que acompanha a separação; isso se concebe; *conhecia de antemão o mundo onde se encontra.*

15. Assististes à entrada de nossas tropas em Milão? - R. Sim, e com alegria; estava arrebatado pela ovação que acolheu nossas armas, primeiro por patriotismo, depois por causa do futuro que as espera.

16. Podeis, como Espírito, exercer uma influência qualquer sobre as disposições estratégicas? - R. Credes que isso não foi feito desde o princípio, e tendes dificuldade de adivinhar por quê?

17. Como ocorre que os Austríacos tenham abandonado, tão prontamente, uma praça forte como Pavie? - R. O medo.

18. Portanto, estão desmoralizados? - R. Completamente, e depois agindo-se sobre os nossos num sentido, deveis pensar que uma influência de uma outra natureza agia sobre eles.

Nota. - Esta intervenção dos Espíritos nos acontecimentos não é equivocada; eles preparam os caminhos para o cumprimento dos desígnios da Providência. Os Antigos teriam dito que isso foi a obra dos *Deuses'*, nós dizemos que foi a dos Espíritos por ordem de Deus.

19. Podeis dar-nos a vossa apreciação sobre o general Giulay, como militar, e todo sentimento de nacionalidade à parte? - R. Pobre, pobre general.

20. Voltaríeis com prazer se vos chamássemos? - R. Estou à vossa disposição, e prometo mesmo retornar sem ser chamado; a simpatia que tenho por vós não pode senão aumentar, deveis assim pensar. Adeus.

Resposta à réplica do senhor abade Chesnel, em *l'Univers*

Revista Espírita, julho de 1859

O jornal *L'Univers* inseriu, em seu número do dia 28 de maio último, a resposta que demos ao artigo do senhor abade Chesnel sobre o Espiritismo, e fê-la seguir de uma réplica deste último. Esse segundo artigo, reproduzindo todos os argumentos do primeiro, menos a urbanidade das formas a qual todo o mundo estava pronto a render justiça, não poderíamos respondê-la senão repetindo o que já dissemos, o que nos parece completamente inútil. O senhor abade Chesnel se esforça sempre por provar que o Espiritismo é, deve ser e não pode ser senão uma religião nova, porque dele decorre uma filosofia, e que se ocupa da constituição física e moral dos mundos. Nessa conta, todas as filosofias seriam religiões. Ora, como os sistemas são muitos e todos têm partidários mais ou menos numerosos, estreitaria singularmente o círculo do catolicismo. Não sabemos até que ponto é imprudente e perigoso emitir uma tal doutrina; porque é proclamar uma cisão que não existe; ao menos dar-lhe a idéia. Vede um pouco a que consequência chegaríeis. Quando a ciência veio contestar o sentido do texto bíblico dos seis dias da criação, criou-se-lhe o anátema, disse-se que era atacar a religião; hoje, quando os fatos deram razão à ciência, quando não há mais meios de contestá-los senão negando a luz, a Igreja se pôs de acordo com a ciência. Suponhamos que então se dissesse que essa teoria científica era uma religião nova, uma seita, que ela *apareceu* em contradição com os livros sacros, que ela derrubava uma interpretação dada há séculos, disso resultaria que não se poderia ser católico e adotar essas idéias novas. Pensai, pois, a que se reduziria o número dos católicos, se fossem suprimidos todos aqueles que não crêem que Deus fez a Terra em seis vezes vinte e quatro horas!

Ocorre o mesmo com o Espiritismo; se o olhais como uma religião nova, é porque aos vossos olhos ele não é católico. Ora, segui bem o meu raciocínio: De duas coisas uma: ou é uma realidade, ou é uma utopia. Se for uma utopia, não há com que preocupar-se com ele, porque cairá por si mesmo; se for uma realidade, todos os raios não impedi-lo-ão de sê-lo, tanto quanto não impediram outrora à Terra de girar. Se há verdadeiramente um mundo invisível que nos cerca, se se pode comunicar com esse mundo e dele obter notícias sobre o estado daqueles que o habitam, e todo o Espiritismo está aí dentro, logo isso parecerá tão natural quanto ver o Sol em pleno meio-dia ou encontrar milhares de seres vivos e invisíveis em uma límpida gota d'água; essa crença se tornará tão vulgar, que vós mesmos sereis forçados em vos render à evidência. Se, aos vossos olhos, essa crença é uma religião nova, ela está fora do catolicismo; porque não pode ser, ao mesmo tempo, a religião católica e uma religião nova. Se, pela força das coisas e da evidência, ela se tornar geral, e não poderá ser de outro modo se for uma das leis da Natureza, do vosso ponto de vista não haverá mais católicos, e vós mesmos não sereis mais católicos, porque sereis forçados a fazê-lo como todo o mundo. Eis, senhor abade, o terreno sobre o qual nos arrasta a vossa doutrina, e ela é tão absoluta que me agraciais já com o título de grande sacerdote dessa religião, honra da qual, verdadeiramente, pouco desconfiava. Mas ides mais longe: segundo vós, todos os médiuns são os sacerdotes dessa religião. Aqui vos detenho em nome da lógica. Até o presente, pareceu-me que as funções sacerdotais eram facultativas, que não se era sacerdote senão por um ato de própria vontade, que se não o era, apesar dela e em virtude de uma faculdade natural. Ora, a faculdade dos médiuns é uma faculdade natural que se prende à organização, como a faculdade sonambúlica; que não requer nem sexo, nem idade, nem instrução, uma vez que é encontrada nas crianças, nas mulheres e nos velhos, entre os

sábios como entre os ignorantes. Compreender-se-ia que moços e jovens fossem sacerdotes e sacerdotisas sem o querer e sem o saber? Em verdade, senhor abade, é abusar do direito de interpretar as palavras. O Espiritismo, como eu disse, está fora de todas as crenças dogmáticas, com as quais não se preocupa; não o consideramos senão como uma ciência filosófica, que nos explica uma multidão de coisas que não compreendemos, e, por isso mesmo, em lugar de abafar em nós as idéias religiosas, como certas filosofias, fá-las nascer naqueles em que elas não existem; mas se quereis, por toda a força, elevá-lo à categoria de uma religião, vós mesmos o empurrais para um caminho novo. É o que compreendem perfeitamente muitos eclesiásticos que, longe de produzir o cisma, se esforçam em conciliar as coisas, em virtude desse raciocínio: se as manifestações do mundo invisível ocorrem, isso não pode ser senão pela vontade de Deus, e não podemos ir contra a sua vontade, a menos que digamos que, no mundo, qualquer coisa pode ocorrer sem a sua permissão, o que seria uma impiedade. Se tivesse a honra de ser sacerdote, disso me serviria em favor da religião; faria dela uma arma contra a incredulidade, e diria aos materialistas e aos ateus: Pedis prova? Essas provas, heis-las aqui: é Deus que as envia.

Variedades - Lorde Castlereagh e Bemadotte

Revista Espírita, julho de 1859

Há quase quarenta anos, a aventura seguinte chegou ao marquês de Londonderry, depois lorde Castlereagh. Ia ele visitar um gentil-homem de seus amigos, que morava ao norte da Irlanda, um desses castelos que os romancistas escolhem, de preferência, para teatro de aparições. O aspecto do apartamento do marquês estava em harmonia perfeita com o edifício. Com efeito, as paredes de madeira, ricamente esculpidas e escurecidas pelo tempo, a imensa abóbada da chaminé, semelhante à entrada de um túmulo, as cortinas apodrecidas e pesadas, que ocultavam os cruzeiros e cercavam o leito, eram de natureza a darem uma direção melancólica aos pensamentos.

Lorde Londonderry examinou o seu quarto e tomou conhecimento com os antigos senhores do castelo, que, de pé em seus quadros, pareciam esperar a sua saudação. Depois de haver despedido seu criado, deitou-se. Vinha de apagar sua vela, quando percebeu um raio de luz que clareou o dossel de seu leito. Convencido de que não havia fogo na grade, e as cortinas estavam fechadas, e que o quarto se encontrava, alguns minutos antes, mergulhado numa obscuridade completa, supôs que um intruso se introduziu no quarto. Virando-se, então, rapidamente para o lado de onde vinha a luz, ele viu, com grande espanto, a figura de uma bela criança, cercada de um limbo.

Persuadido da integridade de suas faculdades, mas supondo uma mistificação de um dos numerosos hóspedes do castelo, lorde Londonderry avançou para a aparição, que se retraiu diante dele. À medida que ele se aproximava, ela recuava, até que, enfim, chegada sob a sombria abóbada da imensa chaminé, ela submergiu na Terra.

Lorde Londonderry não dormiu a noite inteira.

Determinou-se em não fazer-se nenhuma alusão ao que lhe acontecera a até que tivesse examinado, com cuidado, todas as pessoas da casa. No almoço, procurou em vão compreender alguns sorrisos ocultos, olhares de conivências, piscadelas de olhos pelas quais se traem, geralmente, os autores dessas conspirações domésticas.

A conversação seguiu seu curso normal; estava animada, e nada revelava uma mistificação. Afinal, o marquês não pôde resistir ao desejo de contar o que vira. O senhor do castelo fez observar que o relato de lorde Londonderry deveria parecer muito extraordinário àqueles que não habitavam, a muito tempo, o solar, e que não conheciam as lendas da família. Então, voltando-se para lorde Londonderry:

"Vós vistes a *criança brilhante*, disse-lhe; ficais satisfeito, é o presságio de uma grande fortuna; mas preferiria que não fosse a questão dessa aparição."

Em uma outra circunstância, lorde Castlereagh viu a criança brilhante na câmara dos comuns. No dia de seu suicídio, teve uma aparição semelhante (1)((1)Fontes *Winslow. Anatomyotsuicide*, 1 vol. in-8-, p. 242. Londres, 1840.). Sabe-se que esse lorde, um dos

principais membros do ministério Harrowby e o mais encarnecido perseguidor de Napoleão, durante seus reveses, se cortou a artéria carótica no dia 22 de agosto de 1823, e morreu no mesmo instante. A espantosa fortuna de Bernadotte, diz-se, fora-lhe predita por uma famosa necromante .jue anunciara também a de Napoleão I, e que tinha a confiança da imperatriz Josephine.

Bernadotte estava convencido de que uma espécie de divindade tutelar ligava-se a ele para protegê-lo. Talvez as tradições maravilhosas que cercaram seu berço, não eram estranhas a esse pensamento, que jamais o abandonou. Conta-se, com efeito, na sua família, uma antiga crônica que pretendia que uma fada, mulher de um dos seus ancestrais, predissera que um rei ilustraria sua posteridade.

Eis um fato que prova quanto maravilhoso conservara de império sobre o Espírito do rei da Suécia. Ele queria cortar pela espada as dificuldades que a Noruega lhe opusera, e enviar seu filho Oscar à frente de uma armada para subjugar os rebeldes. O conselho de Estado fez uma viva oposição a esse projeto. Um dia, quando Bernadotte acabara de ter uma discussão animada sobre esse assunto, ele montou a cavalo e se distanciou da capital em grande galope. Depois de ter vencido um longo espaço, chegou aos limites de uma sombria floresta. De repente, apresentou-se-lhe aos olhos uma velha mulher bizarramente vestida e com seus cabelos em desordem: "Que quereis?" Perguntou bruscamente o rei. A feiticeira respondeu sem se desconcertar:

- Se Oscar combater nessa guerra que tu me dizes, ele não dará os primeiros golpes, mas recebê-los-á.

Bernadotte, atingido por essa aparição e essas palavras, retornou a seu palácio. No dia seguinte, trazendo ainda no rosto os traços de uma longa vigília cheia de agitação, ele se apresentou ao conselho: "Mudei de opinião, disse; negociaremos a paz, mas quero-a em condições honrosas."

O senhor de Chateaubriand conta, em sua *Vie de M. de Rance*, fundador da Trappe, que um dia esse homem célebre, passeando na avenida do palácio de Veretz, acreditou ver um grande fogo que havia tomado as construções do galinheiro. Para lá voou: o fogo diminuía à medida que dele se aproximava. A uma certa distância, o grande incêndio se muda em um lago de fogo, no meio do qual se elevava, a meio corpo, uma mulher devorada pelas chamas. Ó medo o tomou, e retomou correndo o caminho da casa. Ao chegar, as forças lhe faltavam, e ele se lançou morrendo sobre um leito. Não foi senão muito tempo depois, que ele contou essa visão, cuja única lembrança lhe fazia empalidecer.

Esses mistérios pertencem à loucura? O senhor Bière de Boismont parece atribuí-los a uma ordem de coisas mais elevada, e sou de sua opinião. Isso não desagrade meu amigo, o doutor Lélute: prefiro crer melhor no gênero familiar de Sócrates e na voz de Jeanne d'Arc que na demência do filósofo e da virgem de Domrémy.

Há fenômenos que ultrapassam a inteligência, que desconcertam as idéias recebidas, mas diante da evidência dos quais é preciso que a lógica humana se incline humildemente. Nada é brutal e, sobretudo, irrecusável como um fato. Tal é a nossa opinião, e sobretudo a do senhor Guizot:

"Qual é a grande questão, a questão suprema que preocupa hoje os Espíritos? É a questão posta entre aqueles que reconhecem e aqueles que não reconhecem uma ordem

sobrenatural, certa e soberana, embora impenetrável à razão humana; a questão posta, para chamar as coisas pelo seu nome, entre o *supernaturalismo* e o *racionalismo*. De um lado, os incrédulos, os panteístas, os céticos de toda sorte, os puros racionalistas; do outro os cristãos.

"É necessário, para a nossa salvação presente e futura, que a fé na ordem sobrenatural, que o respeito e a submissão à ordem sobrenatural reentrem no mundo e na alma humana, nos grandes espíritos como nos espíritos simples, nas regiões mais elevadas como nas regiões mais modestas. A influência real, verdadeiramente eficaz e regeneradora das crenças religiosas, está nessa condição; fora disso, são superficiais e bem perto de serem vãs." (Guizot.)

Não, a morte não separa para sempre, mesmo neste mundo, os eleitos que Deus recebeu em seu seio e os exilados que permanecem neste vale de lágrimas, *in hac lacrymarum valle*, para empregar as melancólicas palavras do *Salve regina*. Há horas misteriosas e abençoadas onde os mortos bem amados se inclinam para aqueles que os choram e murmuram, em seus ouvidos, palavras de consolação e de esperança. O senhor Guizot, esse espírito severo e metódico, tem razão em professar: "*Fora daí, as crenças religiosas são superficiais e bem perto de serem vãs.*"

SAM. (Extraído de *La Párie*, em 5 de junho de 1859.)

O que é o Espiritismo?

Revista Espírita, julho de 1859

Nova obra do senhor Allan Kardec

PRODUÇÃO PARA O CONHECIMENTO DO MUNDO INVISÍVEL. OU DOS ESPÍRITOS.
CONTENDO OS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA DOCTRINA ESPÍRITA E A RESPOSTA A
ALGUMAS OBJEÇÕES PREJUDICIAIS,

por ALLAN KARDEC

Autor do Livro dos Espíritos e diretor da *Revista Espírita*.

Grande in 18. Preço: 60 c. (1)

(1) Todas as obras do senhor Allan Kardec se encontram na casa dos senhores LEDOYEN, DENTU, e no escritório da *Revista*.

As pessoas que não têm do Espiritismo senão um conhecimento superficial, são naturalmente levadas a fazer certas perguntas que um estudo completo dar-lhes-ia a solução, mas o tempo e, freqüentemente, a vontade lhes faltam, para se entregarem a observações continuadas. Gostariam antes de empreender essa tarefa, saber ao menos do que se trata, e se vale a pena se ocupar disso. Portanto, pareceu-nos útil apresentar, em um quadro restrito, a resposta a algumas das questões fundamentais, que nos são diariamente dirigidas; isso será, para o leitor, uma primeira iniciação, e, para nós, tempo ganho com a dispensa de repetir constantemente a mesma coisa. A forma de conversação nos pareceu a mais conveniente, porque não tem a aridez da forma puramente dogmática.

Terminamos essa introdução por um resumo que permitirá apanhar, por uma leitura rápida, o conjunto dos princípios fundamentais da ciência. Aqueles que, depois dessa curta exposição, crerem a coisa digna de sua atenção, poderão aprofundá-la em conhecimento de causa. As objeções nascem, o mais freqüentemente, das idéias falsas que se faz, *a priori*, sobre o que não se conhece; retificar essas idéias é ir antes das objeções: tal é o objetivo que nos propusemos, publicando este pequeno escrito.

As pessoas estranhas ao Espiritismo nele encontrarão, pois, os meios de adquirirem, em pouco tempo e sem grande despesa, uma idéia da coisa, e as que estão já iniciadas, a maneira de resolverem as principais dificuldades que se lhes opõem. Contamos com o concurso de todos os amigos desta ciência para ajudarem a divulgar este curto resumo.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Agosto

- [Mobiliário de além-túmulo](#)
- [Pneumatografia ou escrita direta](#)
- [Um Espírito Servidor](#)
- [O Guia da senhora Mally](#)
- [Conversas familiares de além-túmulo - Voltaire e Frédéric](#)
- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [Ao senhor L. de Limoges](#)

Mobiliário de além-túmulo

Revista Espírita, agosto de 1859

Extraímos a passagem seguinte de uma carta que nos foi endereçada do departamento do Jura, por um dos correspondentes da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas:

"... Eu vos disse, Senhor, que a nossa antiga habitação era amada pelos Espíritos. No mês de outubro último (1858), a senhora condessa de C., amiga íntima de minha filha, veio passar alguns dias em nosso solar com seu filhinho, de oito anos de idade. Deitou-se a criança no mesmo apartamento de sua mãe; a porta que dava de seu quarto para o de minha filha foi deixada aberta para poder prolongar as horas do dia e conversar. A criança não dormia, e dizia à sua mãe: "Que faz, pois, esse homem sentado ao pé de vossa cama? Ele fuma um grande cachimbo; vede como ele enche vosso quarto de fumaça; portanto, mandai-o embora; ele sacode vossas cortinas." Essa visão durou toda a noite; a mãe não pôde fazer a criança calar, e ninguém pôde fechar os olhos. Essa circunstância não espantou nem a minha filha e nem a mim, que sabemos o que ocorre nas manifestações espíritas; quanto à sua mãe, ela acreditava que seu filho sonhava acordado, ou se divertia.

"Eis um outro fato, que me é pessoal, e que me ocorreu nesse mesmo apartamento, no mês de maio de 1858; foi a aparição do Espírito de um *vivo*, que ficou muito espantado depois de ter me visitado; eis em que circunstância: Eu estava muito doente e não dormia há muito tempo, quando vi, às dez horas da noite, um amigo de minha família sentado perto da minha cama. Testemunhei-lhe minha surpresa pela sua visita a essa hora. Ele me disse: Não faleis, vim velar-vos; não faleis, é necessário que possais dormir;" e estendeu a sua mão sobre a minha frente. Várias vezes reabri os olhos para ver se estava ali ainda, e cada vez me fazia sinal para fechá-los e calar-me. Ele rolava sua tabaqueira em seus dedos e, de tempo em tempo, tomava uma pitada, como tinha hábito de fazê-lo. Adormeci, enfim, e no meu despertar a visão havia desaparecido. Diferentes circunstâncias me deram a prova de que, no momento dessa visita inesperada eu estava perfeitamente desperto e que isso não fora um sonho. Em sua primeira visita, apressei-me em agradecer-lhe; ele levava a mesma tabaqueira, e escutando-me, tinha o mesmo sorriso de bondade que eu notara nele enquanto me velava. Como ele me afirmou que não viera, o que de resto não tive dificuldade em crer, porque não houvera nenhum motivo que pudesse convidá-lo a vir em semelhante hora e a passar a noite junto a mim, compreendi que só seu Espírito não se dera conta da visita, enquanto seu corpo repousava tranqüilamente em sua casa."

Os fatos de aparição são de tal modo numerosos, que nos seria impossível registrar todos aqueles que conhecemos e dos quais temos fontes perfeitamente autênticas. De resto, hoje quando esses fatos são explicados, quando se dá conta exatamente do modo que se produzem, sabe-se que entram nas leis da Natureza e, desde então, nada têm mais de maravilhosos. Já demos deles a teoria completa, não faremos senão lembrá-la, em poucas palavras, para compreensão do que vai seguir-se.

Sabe-se que além do envoltório exterior, o Espírito tem um segundo, semi-material, que chamamos perispírito. A morte não é senão a destruição do primeiro. O Espírito, em seu estado errante, conserva o perispírito que constitui uma espécie de corpo etéreo, invisível para nós no estado normal. Os Espíritos povoam o espaço, e se, num momento dado, o véu que no-los oculta viesse a se levantar, veríamos uma inumerável população se agitar ao

nosso redor e percorrer os ares; vê-la-íamos, sem cessar, aos nossos lados observando-nos e, freqüentemente, misturando-se às nossas ocupações e aos nossos prazeres, segundo o seu caráter. A invisibilidade não é uma propriedade absoluta dos Espíritos; a miúdo, se nos mostram sob a aparência que tiveram em sua vida, e existem poucas pessoas que, evocando suas lembranças, não têm o conhecimento de algum fato desse gênero. A teoria dessas aparições é muito simples e se explica por uma comparação que nos é muito familiar, a do vapor que, quanto está muito rarefeito, é completamente invisível; um primeiro grau de condensação torna-o enevoadado; quanto mais condensado passa ao estado líquido, depois ao estado sólido. Opera-se alguma coisa análoga pela vontade do Espírito na substância do perispírito; isso não é, de resto, como dissemos, senão uma comparação e não uma assimilação que pretendêssemos estabelecer; servimo-nos do exemplo do vapor para mostrar as mudanças de aspecto que pode sofrer um corpo invisível, mas com isso não inferimos que haja no perispírito uma condensação, no sentido próprio da palavra. Opera-se, em sua contextura, uma modificação molecular que o torna visível e mesmo tangível, e pode dar-lhe, até um certo ponto, as propriedades dos corpos sólidos. Sabemos que corpos perfeitamente transparentes tornam-se opacos por uma simples mudança na posição das moléculas, ou pela adição de um outro corpo igualmente transparente. Não sabemos exatamente como opera o Espírito para tornar visível seu corpo etéreo; a maioria mesmo, entre eles, disso não se dá conta, mas, pelos exemplos que citamos, concebemos sua possibilidade física, e isso basta para tirar, desse fenômeno, o que haja de sobrenatural à primeira vista. O Espírito pode, pois, operá-lo, seja por uma simples modificação íntima, seja assimilando uma porção de fluido estranho que muda momentaneamente o aspecto de seu perispírito; essa última hipótese é mesmo a que ressalta das explicações que nos foram dadas, e que relatamos ao tratar desse assunto. (Maio, junho e dezembro.)

Até aqui não há nenhuma dificuldade no que concerne à personalidade do Espírito, mas sabemos que ele se apresenta com vestimentas das quais muda o aspecto à vontade; freqüentemente mesmo, têm certos acessórios de toucador, tais como jóias, etc. Nas duas aparições que citamos no começo, uma tinha um cachimbo e produzia a sua fumaça; a outra tinha uma tabaqueira e portava-a; e notai bem o fato que esse Espírito era o de uma pessoa viva, que sua tabaqueira era em tudo semelhante àquela da qual se servia habitualmente e que ficara em sua casa. O que são essa tabaqueira, esse cachimbo, essas vestimentas, essas jóias? Os objetos materiais que existem sobre a Terra teriam sua representação etérea no mundo invisível? A matéria condensada que forma esses objetos teria uma parte quintessenciada que escapa aos nossos sentidos? Aí está um imenso problema, cuja solução pode dar a chave de uma multidão de coisas até agora inexplicadas, e foi a tabaqueira em questão que nos colocou no caminho não só desse fato, mas do fenômeno mais extraordinário do Espiritismo: o da pneumatografia ou escrita direta, do qual falaremos a todo instante.

Se alguns críticos nos censuram ainda pelo fato de irmos muito antes na teoria, dir-lhes-emos que, quando encontramos uma ocasião de avançar, não vemos porque seríamos obrigados a permanecer atrás. Se estão ainda no ponto de ver girar as mesas sem saberem porque elas giram, isso não é uma razão para deter-nos no caminho. O Espiritismo é, sem dúvida, uma ciência de observação, mas é mais ainda, talvez, uma ciência de raciocínio; o raciocínio é o único meio de fazê-lo avançar e triunfar de certas resistências. Tal fato é contestado unicamente porque não é compreendido; *a explicação lhe tira todo o caráter maravilhoso* e o fato reentra nas leis gerais da Natureza Eis porque vemos, todos os dias, pessoas que nada viram e que crêem, unicamente porque compreendem; ao passo que outras viram e não crêem, porque não compreendem. Fazendo o Espiritismo entrar na via do raciocínio, tornamo-lo *aceitável* para aqueles que querem dar-se conta do por quê e do como de cada coisa, e seu número é grande neste século, porque a crença cega não está mais nos nossos costumes; ora, não fizéssemos senão indicar o caminho, teríamos a consciência de

haver contribuído para o progresso desta ciência nova, objeto de nossos estudos constantes. Voltemos à nossa tabaqueira.

Todas as teorias que demos, com relação ao Espiritismo, nos foram fornecidas pelos Espíritos, e, muito freqüentemente, contrariaram as nossas próprias idéias, como isso ocorreu no caso presente, prova que as respostas não eram o reflexo do nosso pensamento. Mas o meio de obter uma solução não é coisa indiferente; sabemos, por experiência, que não basta pedir bruscamente uma coisa para obtê-la; as respostas não são sempre suficientemente explícitas; é necessário pedir o desenvolvimento com certas precauções, chegar ao objetivo gradualmente e pelo encadeamento de deduções que necessitam um trabalho preliminar. Em princípio, o modo de formular as perguntas, a ordem, o método e a clareza são coisas que não se devem negligenciar, e que agradam aos Espíritos sérios, porque vêem nelas um objetivo sério.

Eis a conversa que tivemos com o Espírito de São Luís, a propósito da tabaqueira, e tendo em vista chegar à solução do problema da produção de certos objetos no mundo invisível.

(*Sociedade*, 24 de junho de 1859.)

1. No relato da senhora R..., há a questão de uma criança que viu, junto ao leito de sua mãe, um homem fumando num grande cachimbo. Concebe-se que esse Espírito poderia tomar a aparência de um fumante, mas parece que ele fumava realmente, uma vez que a criança viu o quarto cheio de fumaça. Que era essa fumaça? - R. Uma aparência produzida pela criança

2. A senhora R..., cita igualmente um caso de aparição, que lhe foi pessoal, do Espírito de uma pessoa viva. Esse Espírito tinha uma tabaqueira e portava-a. Experimentava a sensação que se tem pegando-a? - R. Não.

3. Essa tabaqueira tinha a forma da que se serve habitualmente e que estava em sua casa. Que era essa tabaqueira entre as mãos desse Espírito? - R. Sempre aparência; foi porque a circunstância fez notar como ela era, e que a aparição não foi tomada por uma alucinação produzida pelo estado de saúde do vidente. O Espírito queria que essa senhora cresse na realidade de sua presença; tomou todas as aparências da realidade.

4. Dissestes que foi uma aparência; mas uma aparência nada tem de real, é como uma ilusão de ótica. Eu queria saber se essa tabaqueira não era senão uma imagem sem realidade, como aquela, por exemplo, de um objeto que se faz refletir numa vidraça?

(O senhor Sanson, um dos membros da Sociedade observou que, na imagem reproduzida pelo espelho, há alguma coisa de real; se ela ali não está, é porque ninguém a fixa; mas se ela se põe sobre a placa de daguerreotipia, aí deixa uma impressão, prova evidente que é produzida por uma substância qualquer, e que não é só uma ilusão de ótica.)

A observação do senhor Sanson é perfeitamente justa. Poderíeis ter a bondade de nos dizer se há alguma analogia com a tabaqueira quer dizer, se nessa tabaqueira há alguma coisa de material? - R. Certamente; é com a ajuda desse princípio material que o perispírito toma a aparência de vestimentas semelhantes àquelas que o Espírito usava em sua vida.

Nota. - Evidentemente, é necessário entender aqui a palavra *aparência*, no sentido de imagem, imitação. A tabaqueira real não estava ali; a que o Espírito portava não era senão a reprodução: Era, pois, uma aparência comparada à original, embora formada de um princípio

material.

A experiência nos ensina que não é necessário tomar ao pé da letra certas expressões empregadas pelos Espíritos; interpretando-as segundo as nossas idéias, nos expomos a grandes equívocos, por isso é necessário aprofundar o sentido de suas palavras todas as vezes que apresentem a menor ambigüidade; é uma recomendação que nos fazem constantemente os Espíritos. Sem a explicação que provocamos, a palavra *aparência*, constantemente reproduzida em casos análogos, poderia dar lugar a uma falsa interpretação.

5. É que a matéria inerte se desdobraria? Haveria no mundo invisível uma matéria essencial que revestisse a forma dos objetos que vemos? Em uma palavra, esses objetos teriam *seu duplo etéreo* no mundo invisível, como os homens aí são representados em Espírito?

Nota. - Está aí uma teoria como uma outra, e era o nosso pensamento; mas o Espírito não a levou em conta, do que não estamos em nada humilhado, porque sua explicação nos pareceu muito lógica e porque ela repousa sobre um princípio mais geral, do qual encontramos muitas explicações.

- R. Não é assim que se passa. O Espírito tem sobre os elementos materiais espalhados por todo o espaço, em nossa atmosfera, um poder que estais longe de suspeitar. Ele pode, à sua vontade, concentrar esses elementos e dar-lhes a forma aparente própria desses objetos.

6. Coloco de novo a pergunta de um modo categórico, a fim de evitar qualquer equívoco: As vestimentas, com as quais se cobrem os Espíritos, são alguma coisa? - R. Parece-me que minha resposta precedente resolveu a questão. Não sabeis que o próprio perispírito é alguma coisa?

7. Resulta dessa explicação que os Espíritos fazem a matéria etérea sofrer transformações à sua vontade, e que, assim, por exemplo, para a tabaqueira, o Espírito não a encontrou toda feita, mas que a fez, ele mesmo para o momento no qual lhe era necessária, e que pôde desfazê-la; deve ocorrer o mesmo com todos os outros objetos, tais como vestimentas, jóias, etc. - R. Mas evidentemente.

8. Essa tabaqueira esteve visível para a senhora R... ao ponto de fazer-lhe ilusão. O Espírito poderia torná-la tangível para ela? -R. Poderia.

9. Na ocasião que foi apresentada, a senhora R... poderia tomá-la em suas mãos, crendo ter uma tabaqueira verdadeira? - R. Sim.

10. Se ela a tivesse aberto, teria provavelmente encontrado tabaco; se tomasse esse tabaco, fá-la-ia espirrar? - R. Sim.

11. O Espírito pode dar, portanto, não só a forma, mas propriedades especiais? - R. Se o quiser; não foi senão em virtude desse princípio que respondi afirmativamente às questões precedentes. Tendes provas do poder de ação que o Espírito exerce sobre a matéria, que estais longe de supor, como já vos disse.

12. Suponhamos, então, que ele quisesse fazer uma substância venenosa e que uma pessoa a tomasse, seria ela envenenada? - R. Poderia, mas não o teria feito; isso não lhe seria permitido.

13. Teria o poder de fazer uma substância salutar e própria a curar em caso de doença, e o caso se apresentou? - R. Sim, muito freqüentemente.

Nota. - Encontrar-se-á um fato desse gênero, seguido de uma interessante explicação teórica, no artigo que publicamos adiante sobre o título de *Um Espírito servidor*.

14. Poderia assim também fazer uma substância alimentar; suponhamos que fizesse uma fruta, uma iguaria qualquer, alguém poderia comê-la e sentir-se saciado? - R. Sim, sim. Mas não procureis, pois, tanto para provar o que é fácil de compreender. Basta um raio de sol para tornar perceptíveis, aos vossos olhos grosseiros, essas partículas materiais que encobrem o espaço no meio do qual viveis; não sabeis que o ar contém vapores d'água? Condensai-os, e conduzi-lo-eis ao estado normal; privai-os de calor, e eis que as moléculas impalpáveis e invisíveis tornam-se um corpo sólido e muito sólido, e muitas outras matérias das quais os químicos vos tirarão maravilhas mais admiráveis ainda; somente o Espírito possui instrumentos mais perfeitos do que os vossos: sua vontade e a permissão de Deus.

Nota. - A questão da saciedade é aqui muito importante. Como uma substância que não tem senão uma existência e propriedades temporárias, e de alguma sorte de convenção, pode produzir a saciedade? Essa substância, pelo seu contato com o estômago, produz a sensação da saciedade, mas não a saciedade resultante da plenitude. Se uma tal substância pode agir sobre a economia e modificar um estado mórbido, ela pode tão bem agir sobre o estômago e produzir o sentimento da saciedade. Todavia, pedimos aos senhores farmacêuticos e restauradores para não conceberem ciúme nisso, nem crerem que os Espíritos venham fazer-lhes concorrência: Esses casos são raros, excepcionais, e não dependem jamais da vontade; de outro modo, nutrir-se-ia e curar-se-ia por muito bom preço.

15. O Espírito poderia, do mesmo modo, fazer a moeda? - R. Pela mesma razão.

16. Esses objetos, tomados tangíveis pela vontade dos Espíritos, poderiam ter um caráter de permanência e de estabilidade? - R. Poderiam, mas isto não se faz; está fora das leis.

17. Todos os Espíritos têm esse poder no mesmo grau? - R. Não, não!

18. Quais são aqueles que têm, mais particularmente, esse poder? - R. Aqueles aos quais Deus o concede quando é útil.

19. A elevação do Espírito nisso é alguma coisa? - R. É certo que quanto mais o Espírito é elevado, mais facilmente a obtém; mas ainda isso depende das circunstâncias: Espíritos inferiores podem ter esse poder.

20. A produção de objetos semi-materiais é sempre o fato de um ato de vontade de um Espírito, ou bem exerce, algumas vezes, esse poder com o seu desconhecimento? - R. Ele o exerce FREQUENTEMENTE com o seu desconhecimento.

21. Esse poder seria, então, um dos atributos, uma das faculdades inerentes à própria natureza do Espíritos; seria, de alguma sorte, uma de suas propriedades, como a de ver e de ouvir? - R. Certamente; mas, freqüentemente, ele mesmo a ignora. É então que um outro a exerce para ele, com o seu desconhecimento, quando as circunstâncias o pedem. O alfaiate do zuavo era justamente o Espírito do qual acabo de falar, e ao qual ele fez alusão em sua linguagem alegre.

Nota. - Encontramos uma comparação dessa faculdade nas de certos animais, a raia-elétrica, por exemplo, que liberta eletricidade sem saber nem o que faz, nem o como o faz e que conhece menos ainda o mecanismo que ela faz funcionar. Não produzimos, freqüentemente, nós mesmos, certos efeitos por atos espontâneos dos quais não nos damos conta? Parece-nos, portanto, muito natural que o Espírito agisse nessa circunstância por uma espécie de instinto; produz por sua vontade, sem saber como, como nós caminhamos sem calcularmos as forças que colocamos em jogo.

22. Concebemos que, nos dois casos citados pela senhora R..., um dos dois Espíritos quisera ter um cachimbo e o outro uma tabaqueira para impressionar os olhos de uma pessoa viva; mas pergunto se, não tendo nada para mostrar-lhe, o Espírito poderia crer ter esses objetos, e iludir-se a si mesmo? - R. Não, se ele tem uma certa superioridade, porque tem a perfeita consciência do que é; mas ocorre de outro modo para os Espíritos inferiores.

Nota. - Tal era por exemplo a rainha de Oude, cuja evocação foi narrada no número de março de 1858, e que se acreditava ainda coberta de diamantes.

23. Dois Espíritos podem se reconhecer entre si pela aparência material que tiveram quando vivos? - R. Não é por causa disso que se reconhecem, uma vez que não tomem essa aparência um para o outro; mas se, em certas circunstâncias, se encontram em presença, revestidos dessa aparência, por que não se reconheceriam?

24. Como podem os Espíritos se reconhecerem na multidão dos outros Espíritos, e como, sobretudo, podem fazê-lo quando um deles vai procurar ao longe, e, a miúdo, em outros mundos, aquele que se chama? - R. Esta é uma questão cuja solução se arrastaria para muito longe; é necessário esperar; não estais bastante avançados; contentai-vos, para o momento, com a certeza de que assim é, e tendes disso bastante provas.

25. Se o Espírito pode haurir no elemento universal os materiais para fazer todas essas coisas, dar a essas coisas uma realidade temporária com suas propriedades, pode muito bem ali haurir o que é necessário para escrever, e, conseqüentemente, isso parece dar-nos a chave do fenômenos da escrita direta? - R. Enfim, aí chegas-tes!

26. Se a matéria, da qual o Espírito se serve, não tem persistência, como ocorre que os traços da escrita direta não desaparecem? - R. Não concluais sobre as palavras; eu não disse no início: jamais; era questão de um objeto material volumoso; aqui, são sinais traçados que é útil conservar, e são conservados.

A teoria acima assim pode se resumir o Espírito age sobre a matéria; haure na matéria primitiva universal os elementos necessários para formar, à sua vontade, objetos com aparência de diversos corpos que existem na Terra, ele pode igualmente operar sobre a matéria elementar, por sua vontade, uma transformação íntima que lhe dá propriedades determinadas. Essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que a exerce, freqüentemente, como um ato instintivo quando isso é necessário, e sem se dar conta dele. Os objetos formados pelo Espírito têm uma existência temporária, subordinada à sua vontade ou à necessidade; podem fazê-los e desfazê-los à sua vontade. Esses objetos podem, em certos casos, terem, aos olhos das pessoas vivas, todas as aparências da realidade, quer dizer, tornarem-se momentaneamente visíveis e mesmo tangíveis. Há formação, mas não criação, tendo em vista que o Espírito nada pode tirar do nada.

Pneumatografia ou escrita direta

Revista Espírita, agosto de 1859

A *Pneumatografia* é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem nenhum intermediário; ela difere da *Psicografia* no fato de que esta é a transmissão do pensamento do Espírito, por meio da escrita, pelas mãos de um médium. Demos essas duas palavras no *Vocabulário Espírita* colocado à entrada de nossa *Instrução prática, com a indicação de sua diferença etimológica*. *Psicografia*, do grego *psuikê*, borboleta, alma, e *graphó*, eu escrevo; *pneumatografia*, de *pneuma*, ar, sopro, vento, espírito. No médium escrevente, a mão é o instrumento; mas sua *alma*, ou Espírito encarnado nele, é o intermediário, o agente ou o intérprete do Espírito estranho que se comunica; na *Pneumatografia*, é o próprio Espírito estranho que escreve diretamente, sem intermediário.

O fenômeno da escrita direta, sem contradita, é um dos mais extraordinários do Espiritismo, por anormal que pareça à primeira vista, é hoje um fato averiguado e incontestável; se dele ainda não falamos, foi porque esperávamos poder dar-lhe a explicação, e nós mesmos poderemos fazer todas as observações necessárias, para tratar a questão com conhecimento de causa. Se a teoria é necessária, para dar-se conta da possibilidade dos fenômenos espíritos em geral, ela o é mais ainda, talvez, neste caso, sem contradita, um dos mais estranhos que se apresentara, mas que deixa de ser sobrenatural desde que se lhe compreenda o princípio. À primeira revelação desse fenômeno, o sentimento dominante foi o de dúvida; a idéia de uma fraude veio logo ao pensamento; com efeito, todo o mundo conhecia a ação das tintas, ditas simpáticas, cujos traços, de início completamente invisíveis, apareciam ao cabo de algum tempo. Poderia, portanto, ocorrer que se abusasse da credulidade, e nós não afir remos que jamais se haja feito; estamos mesmo convencidos de que certas pessoas, não com um objetivo mercenário, mas unicamente por amor próprio e para fazer crer em seu poder, empregaram subterfúgios.

J.J. Rousseau narra o fato seguinte na terceira das cartas escritas da Montagne: "Eu vi em Veneza, em 1743, um modo de sorte bastante novo, e mais estranho que os de Prêneste; aquele que queria consultá-las, entrava num quarto, e aí permanecia, só se o desejasse. Ali, de um livro cheio de folhas brancas, dele tirava uma à sua escolha; depois, segurando nessa folha, ele pedia não em voz alta mas mentalmente, o que queria saber; em seguida, ele dobrava a folha branca, a envelopava, escondia-a, colocava-a em um livro também oculto; enfim, depois de recitar certas fórmulas, muito barrocas, sem perder seu livro de vista, ia tirar-lhe o papel, reconhecer a marca, abri-lo, e encontrar sua resposta escrita.

"O mágico que fazia essas sortes era o primeiro secretário da embaixada de França, e ele se chamava J.J. Rousseau."

Duvidamos que Rousseau haja conhecido a escrita direta, de outro modo saberia muitas outras coisas com respeito às manifestações espíritas, e não teria tratado a questão tão levemente; é provável, como ele mesmo reconheceu quando o interrogamos sobre esse fato, que empregou um procedimento que lhe ensinara um charlatão italiano.

Mas pelo fato de que se pode imitar uma coisa, seria absurdo disso concluir que a coisa não existe. Não se encontrou, nos últimos tempos, um meio de imitar a lucidez sonambúlica ao ponto de iludir? E do fato que esse procedimento de saltimbanco correu todas as feiras, é

necessário concluir que não haja verdadeiros sonâmbulos? Por que certos mercadores vendem vinho adulterado, isso é uma razão para que não haja vinho puro? Ocorre o mesmo com a escrita direta; as precauções para se assegurar da realidade do fato sendo, aliás, bem simples e bem fáceis e, graças a essas precauções, não se pode hoje objetar-lhe nenhuma dúvida.

Uma vez que a possibilidade de escrever sem intermediário é um dos atributos do Espírito, que os Espíritos existiram de todos os tempos, e de todos os tempos, também, produziram os diversos fenômenos que conhecemos, igualmente deveram produzir a escrita direta, na antigüidade tão bem quanto em nossos dias; assim é que se pode explicar a aparição de três palavras na sala do festim de Baltazar. A Idade Média, tão fecunda em prodígios ocultos, mas que foram abafados sob as fogueiras, deveu conhecer também a escrita direta, e talvez encontrou, na teoria das modificações que os Espíritos podem operar sobre a matéria, e que reportamos no nosso artigo precedente, o princípio da transmutação dos metais; é um ponto que trataremos algum dia.

Um de nossos assinantes dizia-nos recentemente que um de seus tios, cônego, que fora missionário no Paraguai durante muitos anos obtia, por volta do ano de 1800, a escrita direta conjuntamente com seu amigo, o célebre abade Faria. Seu procedimento, que nosso assinante jamais conheceu bem, e que, de alguma sorte, havia surpreendido furtivamente, consistia numa série de anéis suspensos, aos quais eram adaptados os lápis verticais, cuja ponta repousava sobre o papel. Esse procedimento ressentia-se da infância da arte; fizemos progressos depois. Quaisquer que sejam os resultados obtidos em diversas épocas, não foi senão depois da vulgarização das manifestações espíritas, que é seriamente considerada a questão da escrita direta. O primeiro que parece tê-la feito conhecer em Paris, nos últimos anos, foi o senhor barão de Guldenstubbe, que publicou sobre esse assunto uma obra muito interessante, contendo um grande número de *fac símiles* de escritas que obteve (1). ((1) *A realidade dos Espíritos e de suas manifestações, demonstrada pelo fenômeno da escrita direta.* Pelo senhor barão de Guldenstubbe; 1 vol. - in 8, com 15 pranchas e 93 fac-símiles. Preço 8 fr. casa Frank, Rua Richelieu. Encontra-se também na casa Dentu e Ledoyen.) O fenômeno já era conhecido na América há algum tempo. A posição social do senhor de Guldenstubbe, sua independência, a consideração que gozava no mundo mais elevado, afastam incontestavelmente toda suspeição de fraude voluntária, porque ele não pôde mover-se por algum motivo de interesse. Poder-se-ia, quando muito, crer que ele mesmo era o juguete de uma ilusão; mas a isso um fato responde peremptoriamente, que é a obtenção do mesmo fenômeno por outras pessoas, cercado-se de todas as precauções necessárias para evitar toda a fraude e toda causa de erro.

A escrita direta se obtém, como em geral a maioria das manifestações espíritas *não espontâneas*, pelo recolhimento, a prece e a evocação. Ela tem sido obtida, freqüentemente, nas igrejas, sobre os túmulos, ao pé das estátuas ou de imagens de personagens que são chamadas; mas é evidente que a localidade não tem outra influência senão a de provocar o maior recolhimento, e a maior concentração do pensamento; porque está provado que são obtidas, igualmente, sem esses acessórios, e nos lugares mais vulgares, sobre um simples móvel doméstico, encontrando-se nas condições morais desejadas, e se lhe une a faculdade medianímica necessária

No princípio, pretendia-se que era necessário depositar um lápis com o papel; os fatos, então, podiam se explicar até um certo ponto. Sabe-se que os Espíritos operam o movimento e o deslocamento de objetos; que eles os tomam e os lançam, algumas vezes, no espaço; poderiam, pois, muito bem tomar o lápis e dele se servirem para traçarem caracteres; uma vez que lhe dão o impulso por intermédio da mão do médium, de uma prancheta, etc., poderiam igualmente fazê-lo de um modo direto. Mas não se tardou a reconhecer que a

presença do lápis não era necessária, e que bastava um pedaço de papel, dobrado ou não, sobre o qual se encontram, depois de alguns minutos, caracteres traçados. Aqui o fenômeno muda completamente de face e nos lança numa ordem de coisas inteiramente novas; esses caracteres foram traçados com uma substância qualquer; do momento, que não se forneceu essa substância ao Espírito, ele a fez, portanto, ele mesmo a criou; onde a hauriu? Aí estava o problema. O senhor general russo, conde de B..., mostrou-nos uma estrofe de dez versos alemães que obteve desse modo, por intermédio da irmã do barão de Guldenstubbe, colocando muito simplesmente uma folha de papel, *destacada de sua própria caderneta*, sob o pedestal da pêndula da chaminé. Tendo-o retirado, ao cabo de alguns minutos, encontrou esses versos em caracteres tipográficos alemães bastante finos e de uma perfeita pureza. Por intermédio de um médium escrevente, o Espírito disse-lhe para queimar esse papel; como ele hesitou, lamentando sacrificar esse precioso espécime, o Espírito acrescentou: Nada tema, dar-te-ei um outro. Com esta segurança, ele lançou o papel ao fogo, depois colocou uma segunda folha igualmente tirada de sua caderneta, sobre a qual os versos se acharam reproduzidos exatamente do mesmo modo. Foi esta segunda edição, que vimos e examinamos com o maior cuidado, e, coisa bizarra, os caracteres apresentavam um relevo como se eles saíssem da imprensa. Não é, pois, somente com lápis que os Espíritos podem fazer, mas com tinta e caracteres de imprensa.

Um dos nossos honoráveis colegas da Sociedade, o senhor Didier, obteve estes dias os resultados seguintes, que nós mesmos constatamos, e dos quais podemos garantir a perfeita autenticidade. Tendo ido, com a senhora Hüet, que há pouco teve êxito em ensaios desse gênero, na igreja de Notre-Dame dês Victoires, tomou uma folha de papel de carta trazendo o cabeçalho de sua casa de comércio, dobrou em quatro e a depositou sobre os degraus de um altar, pedindo em nome de Deus a um bom Espírito qualquer que quisesse escrever alguma coisa; ao cabo de dez minutos de recolhimento, encontrou, no interior e sobre uma das folhas a palavra *fé*, e sobre uma outra folha a palavra Deus. Tendo em seguida pedido ao Espírito consentir dizer por quem isso fora escrito, ele recolocou o papel, e depois de dez outros minutos, encontrou estas palavras: *por Fénelon*.

Oito dias mais tarde, em 12 de julho, ele quis renovar a experiência e foi, para esse efeito, ao Louvre na sala Coyzevox, situada sob o pavilhão do relógio. Sobre o pé do busto de Bossuet colocou uma folha de papel de carta dobrada como da primeira vez, mas não obteve nada. Um jovem de cinco anos acompanhava-o, e depositou-se o boné do menino sobre o pedestal da estátua de Luís XIV, que se encontra a alguns passos. Credo a experiência falha, dispôs-se a retirar, quando pegando o boné encontrou embaixo, e como escrito a lápis sobre o mármore, as palavras *amai-Deus*, acompanhadas da letra B. O primeiro pensamento dos assistentes foi que estas palavras poderiam ter sido escritas anteriormente por uma mão estranha, e que nelas não havia nada de notável; não obstante, quis-se tentar a prova, colocou-se a folha dobrada sobre essas palavras, e o todo foi recoberto pelo boné. Ao cabo de alguns minutos, encontraram-se sobre uma das folhas estas três letras: a / m; recolocado o papel com o pedido de aperfeiçoar, obteve-se *Amai-a-Deus*, quer dizer o que fora escrito no mármore, menos o B. Ficou evidente, depois disso, que as primeiras palavras traçadas deveram-se à escrita direta. Disso ressaltou o fato curioso que as letras foram traçadas sucessivamente e não de um só golpe e que quando da primeira inspeção as palavras não tiveram tempo para serem acabadas. Saindo do Louvre, o senhor D... foi para Saint-Germain TAuxerrois onde obteve, pelo mesmo procedimento, as palavras: *Sede humildes. Fénelon*, escritas de um modo muito nítido e muito legível. Ainda se podem ver as palavras acima escritas sobre o mármore da estátua da qual acabamos de falar.

A substância, das quais esses caracteres estão formados, tem toda a aparência do grafite, e se apaga facilmente com a borracha; examinamo-la ao microscópio, e constatamos que ela não está incorporada ao papel, mas simplesmente depositada sobre a superfície, de modo

irregular, sobre as asperezas, formando arborescências bastante semelhantes às de certas cristalizações. A parte apagada pela borracha deixa perceber camadas de matéria negra introduzidas nas pequenas cavidades das rugosidades do papel. Destacadas estas camadas, e erguidas com cuidado, são a própria matéria que se produziu durante a operação. Lamentamos que a pequena quantidade recolhida não nos haja permitido fazer-lhe a análise química; mas não nos desesperamos de a isso chegar um dia.

Querendo-se agora reportar-se ao nosso artigo precedente, encontrar-se-á nele a explicação completa desse fenômeno. Nesse escrito, o Espírito não se serve de nossas substâncias, nem de nossos instrumentos; ele mesmo criou as substâncias e os instrumentos de que teve necessidade, tirando esses materiais do elemento primitivo universal ao qual fez sofrer, por sua vontade, as modificações necessárias ao efeito que quis produzir. Pode, portanto, tão bem fazer a tinta de impressão ou a tinta comum do lápis, até mesmo caracteres tipográficos bastante resistentes para dar um relevo à impressão.

Tal é o resultado ao qual nos conduziu o fenômeno da tabaqueira, reportado no nosso artigo precedente, e sobre o qual nos estendemos longamente, porque vimos aí a ocasião de sondar umas das leis mais importantes do Espiritismo, lei cujo conhecimento pode esclarecer mais de um mistério, mesmo do mundo visível. Foi assim que, de um fato vulgar em aparência, pôde jorrar a luz; tudo é observar com cuidado, e isso cada um pode fazer, como nós, quando não se limitar a ver efeitos sem procurar-lhes as causas. Se nossa fé se afirma, dia a dia, é porque compreendemos; fazei, pois, compreender, se desejais fazer prosélitos sérios. A inteligência das causas tem um outro resultado, que é o de traçar uma linha de demarcação entre a verdade e a superstição.

Se considerarmos a escrita direta do ponto de vista das vantagens que ela pode oferecer, diremos que, até o presente, sua principal utilidade foi a constatação material de um fato importante: a intervenção de uma força oculta que encontra aí um novo meio de se manifestar. Mas as comunicações assim obtidas raramente são de alguma extensão; geralmente são espontâneas e limitadas a palavras, sentenças, freqüentemente sinais ininteligíveis; foram obtidas em todas as línguas, em grego, em latim, em siríaco, em caracteres hiéroglicos, etc., mas ainda não se prestam a essas conversas seguidas e rápidas que permitem a psicografia ou escrita pelos médiuns.

Um Espírito Servidor

Revista Espírita, agosto de 1859

Extraímos as passagens seguintes da carta de um de nossos correspondentes de Bordeaux:

"Eis, meu caro senhor Allan Kardec, um novo relato de fatos muito extraordinários, e que vos submeto com o pedido de consentir verificá-los, evocando o Espírito que é o seu autor.

"Uma jovem senhora, que chamaremos senhora Mally, foi a pessoa por cujo intermédio ocorreram as manifestações que formam o assunto desta carta: Essa senhora mora em Bordeaux e tem três filhos.

"Desde a sua tenra idade, em torno de nove anos, ela teve visões. Uma noite, entrando em sua casa com a sua família, viu no ângulo de uma escada a forma muito distinta de uma tia morta há quatro ou cinco anos. Ela soltou uma exclamação: Ah! minha tia! E a aparição desapareceu. Dois anos depois, ela ouviu ser chamada por uma voz que acreditou reconhecer pela de sua tia, e tão fortemente que não pôde deixar de dizer: Entrai, minha tia! Não se abrindo a porta, ela mesma foi abrir, e não vendo ninguém, desceu para junto de sua mãe para informar-se se alguém havia subido.

"Depois de alguns anos, encontramos essa senhora de posse de um guia ou Espírito familiar, que parece encarregado de velar sobre sua pessoa e de seus filhos, e que faz uma multidão de pequenos serviços na casa, entre outros o de despertar os doentes, à hora fixada, para tomar a tizana, ou aqueles que querem partir; ou bem, para certas manifestações, ele realça o moral. Esse Espírito tem um caráter pouco sério; entretanto, ao lado de marcas de leviandade, ele deu provas de sensibilidade e afeição. A senhora Mally o vê comumente sob a forma de uma chama, ou de uma grande claridade; mas ele se manifesta aos seus filhos sob uma forma humana. Uma sonâmbula pretende ter-lhe dado esse guia, sobre o qual parece ter influência. Quando a senhora Mally fica algum tempo sem se ocupar de seu guia, ele toma o cuidado de se fazer lembrar a ela por algumas visões mais ou menos desagradáveis. Uma vez, por exemplo, quando ela descia sem luz, percebeu sobre o patamar um cadáver coberto com um lençol e luminoso. Essa senhora tem uma grande força de caráter, como veremos mais tarde; todavia, não pôde defender-se de uma impressão penosa com essa visão; e, fechando vivamente a porta de seu quarto, ela afastou-se para o de sua mãe. Outras vezes, sentia-se puxada pelo seu vestido, ou relada como por uma pessoa ou algum animal, oprimindo-a.. Essas impertinências cessavam desde que ela dirigisse um pensamento ao seu guia, e, de sua parte, a sonâmbula repreendia este último e proibia-o de atormentá-la.

"Em 1856, a terceira filha da senhora Mally, com a idade de quatro anos, caiu doente, no mês de agosto. A criança estava constantemente mergulhada num estado de sonolência, interrompido por crises de convulsões. Durante oito dias, eu mesmo vi a criança parecendo sair do seu acobramento, tomar um rosto sorridente e feliz e os olhos semi-fechados, sem olhar para aqueles que a cercavam, estender sua mão, com um gesto gracioso, como para receber alguma coisa, levar à boca e comer; depois agradecer com um sorriso encantador. Durante oito dias, a criança foi sustentada por essa alimentação invisível, e seu corpo retomara sua aparência de frescor habitual. Quando ela pôde falar, pareceu que ela saiu de um longo sono, e contou maravilhosas visões.

"Durante a convalescença da criança, pelo dia 25 de agosto, ocorreu, nessa mesma casa, a aparição de um *agênere*. Pelas dez e meia da noite, a senhora Mally, levando a pequena pela mão, descia uma escada de serviço, quando ela percebeu um indivíduo que subia. A escada estava perfeitamente iluminada pela luz da cozinha, de modo que a senhora Mally pôde muito bem distinguir o indivíduo, que tinha todas as aparências de uma pessoa vigorosamente constituída. Ambos chegados ao patamar ao mesmo tempo, encontraram-se face a face; era um jovem de rosto agradável, bem vestido, a cabeça coberta com um boné, e tendo à mão um objeto que ela não pôde distinguir. A senhora Mally, surpresa com esse encontro inesperado, a essa hora e numa escada, oculta, considerou-o sem dizer uma palavra e sem mesmo perguntar-lhe a que veio. O desconhecido, de seu lado, considerou-a um momento em silêncio, depois girou nos calcanhares e desceu a escada esfregando as barras da rampa com o objeto que levava à mão e que fazia o mesmo ruído como se fora uma varinha. Apenas ele desapareceu e a senhora Mally se precipitou no quarto onde eu me encontrava nesse momento, e gritou que um ladrão estava na casa. Colocamo-nos à procura, ajudadas pelo meu cão; todos os cantos foram explorados; assegurou-se que a porta da rua estava fechada e que ninguém pôde se introduzir, e que, aliás, não se poderia fechar sem ruído; era pouco provável, de resto, que um malfeitor viesse numa escada iluminada e a uma hora na qual estava exposto a encontrar, a cada instante, as pessoas da casa; por outro lado, como o estranho se encontrara nesta escada que não serve ao público; e, em todos os casos, se se enganasse, teria dirigido a palavra à senhora Mally, ao passo que lhe voltou as costas e se foi tranqüilamente, como alguém que não tivesse pressa e nem estivesse embaraçado em seu caminho. Todas essas circunstâncias não puderam nos deixar dúvida sobre a natureza desse indivíduo.

"Esse Espírito se manifesta, freqüentemente, por ruídos tais como o de um tambor, golpes violentos no fogão da cozinha, golpes de pé nas portas que então se abrem sozinhas, ou um ruído semelhante ao de pedras que fossem lançadas contra as vidraças. Um dia a senhora Mally estava na porta de sua cozinha, e viu a de um escritório em frente se abrir e se fechar, várias vezes, por uma mão invisível; outras vezes, estando ocupada em soprar o fogo, sentiu-se puxada pelo seu vestido, ou quando subia a escada ou a agarrava pelo calcanhar. Várias vezes, escondeu suas tesouras e outros objetos de trabalho; depois, quando já tinha muito procurado, eram-lhe depositados sobre os joelhos. Um domingo, estava ocupada em introduzir um dente de alho numa perna de carneiro; de repente, ela sente arrancar-lho dos dedos; crendo haver deixado cair, procurou-o inutilmente; então, retomando a perna de carneiro, ela encontrou a casca picada em um buraco triangular, cuja pele estava rebaixada, como para mostrar que uma mão estranha a havia colocado ali, intencionalmente.

"A primogênita dos filhos da senhora Mally, com a idade de quatro anos, estando passeando com sua mãe, esta percebeu que sua filha conversava com um ser invisível, que parecia pedir-lhe bombons; a menina fechava a mão e dizia sempre:

- Eles são meus, compre-os se tu os queres.

A mãe admirada perguntou-lhe com quem falava.

- É, disse a criança, esse jovem que quer que lhe dê meus bombons.

- Quem é esse jovem? Perguntou a mãe.

- Esse jovem que está aqui, a meu lado.

- Mas eu não vejo ninguém.

- Ah! Ele partiu. Ele estava vestido de branco e todo frisado. "Uma outra vez, a pequena doente, de quem falei mais

acima, divertia-se fazendo galinhas de papel. Mamãe! mamãe! disse ela, faça, pois, parar esse menino que quer pegar o meu papel.

- Quem? disse a mãe.

- Sim, esse menino que pegou o meu papel; e o menino se pôs a chorar.

- Mas onde está ele?

- Ah! Ei-lo que se foi para a esquina. Era um jovem todo negro. "Essa mesma jovem saltou um dia sobre a ponta dos pés e

perdeu o fôlego, apesar da proibição de sua mãe, que temia que isso lhe fizesse mal. De repente, ela se deteve gritando: "Ah! o guia de mamãe!" Perguntou-se-lhe o que isso significava; ela disse que viu um braço detê-la, quando ela saltava, e forçou-a a manter-se tranqüila. Acrescentou que não teve medo, e que em seguida pensou no guia de sua mãe. Os fatos desse gênero se renovam freqüentemente, mas tornaram-se familiares para as crianças, que não lhes concebem nenhum medo, porque o pensamento do guia de sua mãe lhes vem espontaneamente.

"A intervenção desse guia manifesta-se em circunstâncias mais sérias. A senhora Mally alugara uma casa com jardim na localidade de Caudéran. Essa casa estava isolada e cercada de vastas campinas; ela morava somente com seus três filhos e uma ins-trutora. A comunidade, então, estava infestada de bandidos que cometiam depredações nas propriedades vizinhas, e tinham, naturalmente, manifestado preferência por uma casa que sabiam habitada por duas mulheres somente; assim, todas as noites, vinham pilhar e tentar forçar as portas e as janelas. Durante três anos, que a senhora Mally morou nessa casa, ela teve tranSES continuados mas, cada noite, ela se recomendava a Deus, e seu guia, depois de sua prece, manifestava-se sob a forma de uma centelha. Várias vezes, quando, durante a noite, os ladrões faziam suas tentativas de arrombamento, uma súbita claridade iluminava o quarto, e ela ouvia uma voz que lhe dizia: "Nada temais; eles não entrarão;" e, com efeito, jamais conseguiram penetrar. Contudo, para mais precaução ela munia-se de armas de fogo. Uma noite que os ouviu rondar, atirou sobre eles dois tiros de pistola que atingiram um deles, porque ela o ouviu gemer, mas no dia seguinte havia desaparecido. Esse fato foi contado nestes termos num jornal de Bordeaux:

"Foi-nos foi contado um fato que denota uma certa coragem da parte de uma jovem morando na comuna de Caudéran:

"Uma senhora que ocupa uma casa isolada nessa comuna tem com ela uma senhorita encarregada da educação de vários filhos.

"Essa dama fora numa das noites precedentes, vítima de uma tentativa de roubo. No dia seguinte concordou-se que se vigiaria, e que, se necessário, velar-se-ia durante a noite.

"O que foi convencionado foi feito. Por isso, quando os ladrões se apresentaram para arrematar sua obra da véspera, encontraram quem os recebesse. Somente tiveram a precaução de não mais estabelecer conversação com os habitantes da casa sitiada. A senhorita, da qual falamos, tendo-os ouvido, apressou-se em abrir a porta e dar um tiro de pistola que deveu atingir um dos ladrões, porque, no dia seguinte, encontrou-se sangue no jardim.

"Até aqui não se descobriu os autores dessa segunda tentativa." "Não falarei senão por memória de outras manifestações que ocorreram nessa mesma casa de Caudéran, durante a estada dessas senhoras. Durante a noite, freqüentemente, ouviam-se ruídos estranhos, semelhantes ao de bolas rolando sobre as tábuas, ou madeiras da cozinha lançadas por terra e, todavia, pela manhã tudo estava numa ordem perfeita.

"Podeis, senhor, se julgardes a propósito, evocar o guia da senhora Mally e interrogá-lo sobre as manifestações que acabo de vos fornecer. Podeis, notadamente, perguntar-lhe se a sonâmbula que pretendeu dar esse guia tinha o poder de retomá-lo, e se ele se retiraria no caso em que esta viesse a morrer....."

O Guia da senhora Mally

Revista Espírita, agosto de 1859

(Sociedade, 8 de julho de 1859).

1. Evocação do guia da senhora Mally. - R. Eu venho, isso me é fácil.
2. Sob qual nome quereis que vos designemos? - R. Como quiserdes; por aquele sob o qual vós já me conhecíeis.
3. Que motivo vos ligou à senhora Mally e às suas filhas? - R. Primeiro, um antigo relacionamento, e uma amizade, uma simpatia que Deus sempre protege.
4. Diz-se que foi a sonâmbula, senhora de Dupuy, que vos deu à senhora Mally; isso é verdade? - R. Foi ela quem lhe disse que eu estava perto dela.
5. É que dependeis dessa sonâmbula? - R. Não.
6. Ela poderia vos retirar de perto dessa senhora? - R. Não.
7. Se essa sonâmbula viesse a morrer, isso teria sobre vós uma influência qualquer? - R. Nenhuma.
8. Faz muito tempo que vosso corpo morreu? - R. Sim, vários anos.
9. Que éreis em vossa vida? - R. Criança morta aos oito anos.
10. Sois feliz ou infeliz como Espírito? - R. Feliz; não tenho nenhuma inquietação pessoal, não sofro senão pelos outros; em verdade, que sofro muito por eles.
11. Fostes vós quem apareceu, na escada, à senhora Mally sob a forma de um jovem que ela tomou por um ladrão? - R. Não; era um companheiro.
12. E uma outra vez, sob a forma de um cadáver? Isso poderia impressioná-la lastimosamente; foi uma má peça que não anuncia a benevolência. - R. Longe disso em muitos casos; mas aqui era para dar, à senhora Mally, pensamentos mais corajosos; o que tem um cadáver de apavorante?
13. Tendes, pois, o poder de tornar-vos visível à vontade? - R. Sim, mas disse-vos que esse não era eu.
14. Éreis igualmente estranho às manifestações materiais que se produziram em sua casa? - R. Perdão! Isso sim; foi isso que me impus para ela, como trabalho material; mas realizei-lhe um trabalho bem mais útil e bem mais sério.

15. Podeis tomar-vos visível a todo mundo? - R. Sim.

16. Poderíeis tornar-vos visível aqui, para um de nós? - R. Sim; pedi a Deus para que assim possa só eu o posso, mas não ousou fazê-lo.

17. Se não quereis tornar-vos visível, poderíeis ao menos fazer-nos uma manifestação, para trazer, por exemplo, alguma coisa sobre a mesa? - R. Certamente, mas para o que de bom? Junto dela testemunho a minha presença por esse meio, mas junto a vós é inútil, uma vez que conversamos juntos.

18. O obstáculo não seria faltar-vos aqui o médium necessário para produzir essas manifestações? - R. Não, esse é um obstáculo fraco. Não vedes, freqüentemente, manifestações súbitas a pessoas que não são de modo algum médiuns?

19. Todo o mundo, pois, está apto a ter manifestações espontâneas? - R. Uma vez que em sendo homem, se é médium.

20. O Espírito não encontra, entretanto, na organização de certas pessoas, uma facilidade maior para se comunicar? - R. Sim, mas eu vos digo, e deveríeis sabê-lo, os Espíritos são poderosos por si mesmos, o médium não é nada. Não tendes a escrita direta, e para isso é necessário um médium? Não; da fé somente e um ardente desejo, e, freqüentemente ainda, isso se produz com o desconhecimento dos homens, quer dizer, sem fé e sem desejo.

21. Pensais que as manifestações, tais como a escrita direta, por exemplo, se tomarão mais comuns do que o são hoje? - R. Certamente; como entendeis, pois, a divulgação do Espiritismo?

22. Podeis nos explicar o que a jovem da senhora Mally recebia em sua mão e comia durante a sua doença? - R. *Maná*; uma substância formada por nós, que encerra o princípio contido no maná comum e a doçura de um doce.

23. Essa substância é formada com a mesma matéria das vestimentas e outros objetos que os Espíritos produzem por sua vontade e pela ação que têm sobre a matéria? - R. Sim, mas os elementos são muito diferentes; as partes que formam meu maná não são as mesmas das que tomo para formar a madeiras ou uma vestimenta.

24. (A São Luís). O elemento tomado pelo Espírito, para formar o seu maná, é diferente daquele que tomou para formar outra coisa? Sempre nos foi dito que não há senão um elemento primitivo universal, do qual os diferentes corpos não são senão modificações. - R. Sim; quer dizer que esse mesmo elemento primitivo esparso no espaço, aqui sob uma forma, e ali sob uma outra; isso é o que ele quer dizer; ele toma seu maná de uma parte desse elemento, que crê diferente, mas que é bem sempre o mesmo.

25. A ação magnética pela qual se dá a uma substância, a água, por exemplo, propriedades especiais, tem relação com a do Espírito que cria uma substância? - R. O magnetizador não desdobra absolutamente senão a vontade; é um Espírito que o ajuda, que se encarrega de preparar e de concentrar o remédio.

26. (Ao Guia). Reportamos no tempo fatos curiosos de manifestações da parte de um Espírito que designamos sob o nome de Follet de Bayonne; conheceis esse Espírito? - R. Não

particularmente; mas segui o que fizestes com ele, e foi somente assim que o conheci de início.

27. É um Espírito de uma ordem inferior? - R. Inferior quer dizer mau? Não. Quer dizer simplesmente: não inteiramente bom, pouco avançado? Sim.

28. Agradecemos-vos por consentir vir e pelas explicações que nos destes. - R. Ao vosso serviço.

Nota. Esta comunicação nos oferece um complemento ao que dissemos nos dois artigos precedentes, sobre a formação de certos corpos pelos Espíritos. A substância dada à criança, durante sua enfermidade, evidentemente, era uma substância preparada por eles e que teve por efeito dar-lhe a saúde. Onde hauriram eles os princípios? No elemento universal transformado para o uso proposto. O fenômeno tão estranho de propriedades transmitidas pela ação magnética, problema até o momento inexplicado, e sobre o qual se alegraram tanto os incrédulos, encontra-se agora resolvido. Sabemos, com efeito, que não são apenas os Espíritos dos mortos que agem, mas que os dos vivos também têm sua parte de ação no mundo invisível: o homem com a tabaqueira disso nos forneceu a prova. O que há de espantoso, pois, em que a vontade de uma pessoa agindo pelo bem possa operar uma transformação na matéria primitiva, e dar-lhe propriedades determinadas? Está aí, em nosso entender, a chave de muitos dos efeitos pretendidos sobrenaturais, e dos quais teremos ocasião de falar. Foi assim que, pela observação, chegamos a nos dar conta das coisas, deixando-lhes a parte da realidade do maravilhoso. Mas quem diz que essa teoria seja verdadeira? Seja; ela tem pelo menos o mérito de ser racional e perfeitamente de acordo com os fatos observados; se algum cérebro humano dela encontre uma que julgue mais lógica do que a dada pelos Espíritos, serão comparadas; talvez, um dia, ficaremos contentes por termos aberto o caminho do estudo raciocinado do Espiritismo.

"Gostaria muito, disse-nos um dia uma pessoa, ter assim um Espírito servidor às minhas ordens, sob a condição de suportar algumas pequenas travessuras de sua parte." É uma satisfação da qual a gente goza, freqüentemente, sem dela suspeitar, porque todos os Espíritos que nos assistem não se manifestam de um modo ostensivo; mas não estão menos ao nosso lado, e sua influência, por ser oculta, não é menos real.

Conversas familiares de além-túmulo - Voltaire e Frédéric

Revista Espírita, agosto de 1859

Diálogo obtido por intermédio de dois médiuns servindo de intérpretes à cada um desses dois Espíritos, na sessão da Sociedade de 18 de março de 1859.

Questões preliminares endereçadas a Voltaire.

1. Em que situação estais como Espírito? - R. Errante, mas arrependido.
2. Quais são as vossas ocupações como Espírito? - R. Eu rasgo o véu do erro que, em minha vida, acreditava ser a luz da verdade.
3. Que pensais de vossos escritos em geral? - R. Meu Espírito estava dominado pelo orgulho; depois, eu tinha uma missão de arrojo a dar a um povo na infância; minhas obras são dela as conseqüências.
4. Que direis, em particular, de vossa *Jeanne D'Arc*? - R. Esta foi uma diatribe; fiz mais ruim que isso.
5. Quando vivo, que pensáveis de vosso futuro depois da morte? - R. Eu não acreditava senão na matéria, vós bem o sabeis, e ela morre.
6. Éreis ateu no verdadeiro sentido da palavra? - R. Eu era orgulhoso; eu negava a divindade por orgulho, é do que sofro e do que me arrependo.
7. Gostaríeis de conversar com Frédéric, que também consentiu em responder ao nosso apelo. Essa conversa seria instrutiva para nós. - R. Se Frédéric o quer, eu estou pronto.

Voltaire. - Vedes, meu caro monarca, que reconheço meus erros e que estou longe de falar como nas minhas obras; outrora dávamos o espetáculo de nossas torpezas; agora somos obrigados a dar o de nosso arrependimento e do nosso desejo de conhecer a grande e pura verdade.

Frédéric. - Eu vos acreditava menos bom do que não o sois realmente.

Voltaire. - Uma força que somos obrigados a adorar, e reconhecer toda soberana, força nossa alma a proclamar para aqueles que talvez abusamos, uma doutrina toda oposta àquela que professamos.

Frédéric. - É verdade, meu caro Arouet, mas não finjamos mais, é inútil, todos os véus caíram.

Voltaire. - Deixamos tantos desastres atrás de nós, que nos seriam necessárias muitas lágrimas para deles obter o perdão e nos absolver! Não saberíamos muito nos unir para fazer esquecer e reparar os males que causamos.

Frédéric. - Confessemos também que o século que admirávamos foi bem pobre em julgamento e que é preciso pouca coisa para deslumbrar os homens: nada mais que um pouco de audácia.

Voltaire. - Por que não? Fizemos tanta fama em nosso século!

Frédéric. - Foi essa fama que, caindo de repente num completo silêncio, nos lançou de novo na reflexão amarga, quase no arrependimento. Eu choro minha vida, mas também sinto falta de não ser mais Frédéric! E tu de não seres mais o senhor de Voltaire!

Voltaire. - Falai, pois, por nós, Majestade.

Frédéric. - Sim, eu sofro; mas não repitais mais.

Voltaire. - Mas abdicais, pois! Mais tarde fareis como eu.

Frédéric. - Eu não posso...

Voltaire. - Pedis-me para ser vosso guia; eu o serei ainda; tratarei somente de não vos perder no futuro. Se podeis compreender, procurai aqui o que pode vos ser útil. Não são mais altezas que vos interrogam, mas Espíritos que procuram e acham a verdade com a ajuda de Deus.

Frédéric. - Tomai-me, pois, pela mão; traçai-me uma linha de conduta, se o puderdes... esperemo-la... mas isso será por vós... por mim estou muito perturbado, e eis que isso dura um século.

Voltaire. - Deixais-me, ainda, a inveja de ter orgulho de valer melhor que vós; isso não é generoso. Tornai-vos bom e humilde, para que eu mesmo seja humilde.

Frédéric. - Sim, mas a marca que a minha qualidade de Majestade me deixou no coração, impede-me sempre de me humilhar como tu. Meu coração está fechado como um rochedo, árido como um deserto, seco como a arena.

Voltaire. - Serieis, pois, poeta? Não vos conhecia esse talento, Senhor.

Frédéric. - Tu finges, tu... Não peço a Deus senão uma coisa, o esquecimento do passado... uma encarnação de prova e de trabalho.

Voltaire. - E melhor unir-me também a vós, mas sinto que esperarei por muito tempo minha remissão e o meu perdão.

Frédéric. - Bem, meu amigo, pecamos, pois, juntos uma vez.

Voltaire. - Eu o faço sempre, desde que Deus se dignou levantar para mim o véu da carne.

Frédéric. - Que pensas desses homens que nos chamam aqui?

Voltaire. - Eles podem nos julgar, e nós não podemos senão nos humilharmos com eles.

Frédéric. - Eles me incomodam, eu... seus pensamentos são muito diferentes.

P. (*a Frédéric.*) - Que pensais do Espiritismo? - R. Sois mais sábios que nós; não viveis um século depois de nós? E embora no céu desde esse tempo, não fazemos apenas senão nele entrar.

P. Nós vos agradecemos por consentirdes em vir ao nosso chamado assim como ao vosso amigo Voltaire.

Voltaire. - Viremos quando quiserdes.

Frédéric. - Não me evoqueis freqüentemente... Não sou simpático.

P. Por que não sois simpático? - R. Eu desprezo e me sinto desprezível.

25 de março de 1859.

1. Evocação de Voltaire. - R. Falai.

2. Que pensais de Frédéric, agora que não está mais aí. - R. Ele raciocina muito bem, mas não quis se explicar; ele despreza, esse desprezo que tem por todo o mundo impede-o de consagrar-se, temeroso de não ser compreendido.

3. Pois bem! Teríeis a bondade de supri-lo, e dizer-nos o que entendia por essas palavras: Eu desprezo e me sinto desprezível? -R. Sim; sente-se fraco e corrompido como nós todos, e compreende, talvez mais do que nós ainda, tendo mais abusado que outros dos dons de Deus.

4. Como o julgais como monarca? - R. Hábil.

5. Julgai-o homem honesto? - R. Não se pode perguntar isso; não conheceis suas ações?

6. Não poderíeis dar-nos uma idéia mais precisa, do que não o fizestes, de vossas ocupações como Espírito? - R. Não; em todo instante de minha vida, descubro como um novo ponto de vista do bem; trato de praticá-lo, ou antes de aprender a praticá-lo. Quando se teve uma existência como a minha, há muitos preconceitos a combater, muitos pensamentos a repelir ou a mudar completamente, antes de chegar à verdade.

7. Desejaríamos ter de vós uma dissertação sobre um assunto de vossa escolha; gostaríeis de dar-nos uma? - R. Sobre o Cristo, sim, se quiserdes.

8. Será nesta sessão? - R. Mais tarde; esperai; em uma outra.

8 de abril de 1859

1. Evocação de Voltaire. - R. Estou aqui.

2. Teríeis a bondade de nos dar hoje a dissertação que nos prometestes? - R. O que vos prometi, posso cumpri-lo aqui; somente abreviarei.

Meus caros amigos, quando estava entre vossos pais, tinha opiniões, e para sustentá-las e fazê-las prevalecer entre meus contemporâneos, freqüentemente, simulei uma convicção que não possuía em realidade. Foi assim que, querendo enfraquecer os defeitos, os vícios nos quais caía a religião, sustentei uma tese que hoje estou condenado a refutar.

Ataquei muitas coisas puras e santas, que minha mão profana deveria respeitar. Assim, ataquei o próprio Cristo, esse modelo de virtudes sobre-humanas, depois eu disse: sim, pobres homens, talvez rivalizemos um pouco o nosso modelo, mas não teremos jamais o devotamento e a santidade que mostrou; ele sempre estará acima de nós, porque foi melhor antes de nós. Estávamos ainda mergulhados no vício da corrupção e ele já estava sentado à direita de Deus. Aqui, diante de vós e o retrato do que a minha pena escreveu contra o Cristo, porque eu o amo, sim eu o amo. Sentia não tê-lo feito ainda.

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, agosto de 1859

Nota. A partir de hoje, publicamos, como havíamos anunciado, o Boletim dos trabalhos da Sociedade. Cada número conterà os das sessões que ocorreram no mês precedente. Esses boletins não conterão senão o resumo sucinto dos trabalhos e das atas de cada sessão; quanto às comunicações mesmas que nelas são obtidas, assim como as de origem estrangeira da qual foi feita a leitura, sempre as publicamos integralmente, todas as vezes que elas ofereçam um lado útil e instrutivo. Continuaremos a fazê-lo lembrando, como o fizemos até o presente, a data das sessões que elas ocorreram. A grande quantidade de matérias e as necessidades da classificação, freqüentemente, nos obrigam a modificar a ordem de certos documentos; mas isso não leva a nenhuma consequência, já que, cedo ou tarde, encontram seu lugar.

SEXTA-FEIRA. 1º DE JULHO DE 1859 (Sessão particular).

Assuntos administrativos. - Admissão do senhor S..., membro correspondente em Bordeaux.

Adiamento, até mais ampla informação, de dois membros titulares presentes nos dias 10 e 17 de junho.

Designação de três novos comissários-introductores para as sessões gerais.

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Comunicações. - O senhor Allan Kardec anuncia que viu o senhor W... filho, de Boulogne-sur-Mer, que foi questão na revista de dezembro de 1858, a propósito de um artigo sobre o fenômeno de bicorporeidade, e que lhe confirmou o fato de sua presença simultânea em Boulogne e em Londres.

Carta do senhor S..., correspondente de Bordeaux, contendo detalhes circunstanciados sobre os fatos notáveis de manifestações e aparições que são de seu conhecimento pessoal, da parte de um Espírito familiar. (Carta publicada acima, assim como evocação feita a esse respeito.)

O senhor doutor Morhéry homenageou a Sociedade com duas cantatas, das quais o autor, pelas palavras, intituladas, uma a *Italie* a outra a *Venitienne*. Embora essas duas produções sejam completamente estranhas aos trabalhos da Sociedade, ela as aceita com reconhecimento, e por elas agradece ao autor.

O senhor Th... observou, a propósito da comunicação de Cristóvão Colombo, obtida na última sessão, que suas respostas relativas à sua missão e à dos Espíritos em geral, parecem consagrar a doutrina da fatalidade.

Vários membros contestam essa consequência das respostas de Cristóvão Colombo, tendo em vista que a missão não tira a liberdade de fazer ou de não fazer. O homem não é arrastado fatalmente a fazer tal ou tal coisa; poder-se-ia que, como homem, ele agisse mais ou menos cegamente; mas como Espírito, tem sempre a consciência do que faz, e permanece sempre senhor de suas ações. Supondo que o princípio da fatalidade decorresse das respostas de Colombo, isso não seria uma consagração de um princípio que os Espíritos combateram em todos os tempos. Isso não seria, em todos os casos, senão uma opinião individual: ora, a Sociedade está longe de aceitar, como verdade refutável, tudo o que dizem os Espíritos, porque sabe que podem se enganar. Um Espírito poderia dizer muito bem que é o Sol que gira e não a Terra, e isso não seria mais verdadeiro porque viera de um Espírito. Tomamos as respostas por aquilo que elas valem; nosso objetivo é estudar as individualidades, qualquer que seja seu grau de superioridade ou inferioridade, e aí tomamos o conhecimento do estado moral do mundo invisível, não dando a nossa confiança às doutrinas de Espíritos senão quando não ferem nem a razão, nem o bom senso, e que nela encontremos a verdadeira luz. Quando uma resposta é evidentemente ilógica e errônea, disso concluímos que o Espírito que a deu está ainda atrasado, eis tudo. Quanto às de Colombo, elas não implicam, em nenhum aspecto, a fatalidade.

Estudos. - Perguntas sobre as causas do prolongamento da perturbação no doutor Gloyer, evocado em 10 de junho.

Perguntas sobre as causas da sensação física dolorosa produzida no senhor W... filho, de Boulogne, por Espíritos sofredores.

Perguntas sobre a teoria da formação de objetos materiais, no mundo dos Espíritos, tais como vestimentas, jóias, etc.; sobre a transformação da matéria elementar pela vontade do Espírito. Explicação do fenômeno da escrita direta. (Ver nosso artigo precedente, página, 197.)

Evocação de um oficial superior morto em Magenta (2ª conversa); perguntas sobre certas sensações de além-túmulo.

O senhor S... propôs evocar o senhor M..., desaparecido há um mês, a fim de saber se ele está morto ou vivo. São Luís, interrogado a esse respeito, disse que essa evocação não pode ser feita; que a incerteza que reina sobre a sorte desse homem tem um objetivo de prova, e que mais tarde, pelos meios comuns, saber-se-á o que lhe ocorreu.

SEXTA-FEIRA, 8 DE JULHO DE 1859 (Sessão geral).

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Comunicações. - Leitura de duas comunicações espontâneas obtidas pelo senhor R..., membro titular; uma de São Luís, contendo conselhos, à Sociedade, sobre o modo de apreciação das respostas dos Espíritos, a outra de Lamennais. (Elas serão publicadas no próximo número.)

Leitura de uma notícia sobre o diácono Paris e os convulsionários de Saint-Médard, preparada pelo comitê dos trabalhos, para servir de objeto de estudo.

O senhor Didier, membro titular, dá conta de preciosas experiências que fez sobre a escrita direta e dos resultados notáveis que obteve.

Estudos. - Evocação do guia ou Espírito familiar da senhora Mally, de Bordeaux, a propósito da notícia transmitida pelo senhor S..., sobre os fatos e manifestações produzidos na casa dessa senhora, e lido na última sessão.

Evocação do senhor K..., morto em 15 de julho de 1859, no departamento da Sarthe. O senhor K..., homem de bem, muito esclarecido, versado nos estudos espíritas, essa evocação, feita a pedido de seus parentes e amigos, constatou a influência desses estudos sobre o estado de desligamento da alma depois da morte. Por outro lado, ela revelou espontaneamente o fato importante das *visitas espíritas noturnas* entre o Espírito de pessoas vivas. Desse fato decorrem conseqüências sérias, para a solução de certos problemas morais e psicológicos.

sexta-feira, 15 DE julho DE 1859(Sessão particular).

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Assuntos administrativos. O senhor presidente, a pedido de vários membros, e considerando que muitas pessoas estão ausentes dessa sessão, propôs que conforme o uso estabelecido em todas as sociedades, seja dado algum tempo de férias.

A Sociedade decide que suspenderá as suas sessões durante o mês de agosto, e que serão retomadas sexta-feira, 2 de setembro.

O senhor Cr..., secretário adjunto, escreveu para pedir a sua substituição, por motivo de novas ocupações que não lhe permitem assistir, regularmente, ao começo das sessões. Ulteriormente será providenciada a sua substituição.

Comunicações. - Leitura de uma carta do senhor Jobard, de Bruxelas, presidente honorário da Sociedade, que dá conta de vários fatos relativos ao Espiritismo, e endereçou a Sociedade uma canção intitulada *Chant du Zouave*, que foi inspirada pela evocação *tio Zuavo de Magenta*, narrada na Revista do mês de julho; foi cantada num teatro de Bruxelas. O objetivo dessa canção, onde se desdobra a verve espiritual do autor, é mostrar que as idéias espíritas têm, por efeito, o objetivo de destruir as apreensões da morte.

O senhor D... dá conta de novos fatos de escrita direta, que obteve em Louvre e em Saint-Germain-l'Auxerrois. (Ver artigo, página 205.)

Leitura de uma carta escrita ao senhor presidente a respeito da tempestade de Solferino. O autor assinala vários outros fatos análogos, e pergunta se não há alguma coisa de providencial nessa coincidência. Chegou a essa questão na segunda conversa com o oficial superior morto em Magenta. De resto, ela será objeto de um exame mais aprofundado.

Carta da senhora L..., na qual essa senhora dá conta de uma mistificação, da qual foi objeto, da parte de um Espírito malévolos que disse ser São Vicente de Paulo, e que a enganou com uma linguagem em aparência edificante e detalhes circunstanciais sobre ela e sua família, para induzi-la em seguida à deligências comprometedoras. A Sociedade reconhece, por essa própria carta, que esse Espírito revelara sua natureza por certos fatos com os quais não era possível se enganar.

Estudos. - Problemas morais e questões diversas: Sobre o mérito das boas ações tendo em vista a vida futura; - sobre as missões espíritas; - sobre a influência do medo ou do desejo da morte; - sobre os médiuns intuitivos.

Perguntas sobre as visitas noturnas entre as pessoas vivas.

Evocação do diácono Paris.

Evocação do falso São Vicente de Paulo, Espírito mistificador da senhora L...

SEXTA-FEIRA, 22 DE JULHO DE 1859 (*Sessão geral*).

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Comunicações. - Leitura de uma comunicação particular do senhor R..., membro titular, sobre a teoria da loucura, dos sonhos, das alucinações e do sonambulismo, pelo Espírito de François Arago e de São Vicente de Paulo. Essa teoria é um desenvolvimento racional e sábio dos princípios já emitidos sobre essa matéria. (Ela será publicada no próximo número.)

O senhor R... dá conta de um fato recente de aparição. Estava ligado com o senhor Furne. No sábado, 16 de julho, dia do enterro desse último, durante a tarde, o senhor Furne se apresentou à mulher do senhor R..., com a aparência que ele tinha quando vivo, e procurava dela se aproximar, ao passo que um outro Espírito, mas do qual não podia distinguir o rosto, tinha o seu corpo abraçado, e procurava afastá-lo. Comovida com essa aparição, cobriu os olhos, mas continuou a vê-lo como antes. _No dia seguinte, essa senhora, que é médium escrevente, assim como seu marido, se pôs a traçar convulsivamente caracteres irregulares que pareciam formar o nome de *Furne*. Um outro Espírito interrogado sobre esse fato respondeu que, com efeito, o senhor Furne queria se comunicar com eles, mas que no estado de perturbação em que se encontra ainda, ele se reconhecia com dificuldade; acrescentou que era necessário esperar oito dias antes de evocá-lo e que, então, ele poderia manifestar-se livremente.

O senhor doutor V... dá conta de um fato de previsão espírita, realizado em sua presença, e tanto mais notável que a precisão de datas é muito rara da parte dos Espíritos. Há cerca de seis semanas, uma senhora de seu conhecimento, muito boa médium escrevente, recebeu uma comunicação do Espírito de seu pai; de repente, e sem provocação, este último pôe-se a falar espontaneamente da guerra da Itália. A esse propósito, perguntou-lhe se ela acabará logo. Ele respondeu: No dia 11 *de julho a paz será assinada*. Sem ligar muita importância a essa previsão, o senhor V... encerrou essa resposta num envelope lacrado que remeteu a uma terceira pessoa, com recomendação de não abri-lo senão depois de 11 de julho. Sabe-se que o acontecimento se realizou como havia sido anunciado.

E notável que quando os Espíritos falam de coisas futuras fazem-no espontaneamente, porque, sem dúvida, eles julgam útil fazê-lo, mas isso jamais ocorre quando são provocados por um motivo de curiosidade.

Estudos. - Problemas morais e questões diversas. Perguntas complementares sobre o mérito de boas ações; - sobre as visitas espíritas; - sobre a escrita direta.

Perguntas sobre a intervenção dos Espíritos nos fenômenos da Natureza, tais como as

tempestades, e sobre as atribuições de certos Espíritos.

Perguntas complementares sobre o diácono Paris e os convulsionários de Saint-Médard. -
Evocação do general Hoche.

Ao senhor L. de Limoges

Revista Espírita, agosto de 1859

Pedimos à pessoa que tomou a iniciativa de nos escrever de Limoges, para nos indicar os documentos interessantes concernentes ao Espiritismo, a fineza de consentir colocar-nos mesmo em comunicação direta com ela, a fim de que possamos responder-lhe a respeito das proposições que teve a honra de nos dirigir. A falta de espaço nos impede citar algumas das passagens de sua carta.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Setembro

- [Procedimentos para afastar os maus Espíritos](#)
- [Confissão de Voltaire](#)
- Conversas familiares de além-túmulo
 - [Um oficial do exército da Itália \(2ª Conversa\)](#)
 - [O general Hoche](#)
 - [Morte de um Espírita](#)
- [As tempestades - Papel do Espíritos nos fenômenos naturais](#)
- [Interior de uma família Espírita](#)
- [Aforismos Espíritas e pensamentos destacados](#)

Procedimentos para afastar os maus Espíritos

Revista Espírita, setembro de 1859

A intromissão dos Espíritos enganadores nas comunicações escritas é uma das maiores dificuldades do Espiritismo; sabe-se, por experiência, que eles não têm nenhum escrúpulo em tomarem nomes supostos, e mesmo nomes respeitáveis; há meios de afastá-los? Aí está a questão. Certas pessoas empregam, para esse fim, o que se poderia chamar de *procedimentos*, quer dizer, sejam fórmulas particulares de evocação, sejam espécies de exorcismos, como fazê-los jurarem em nome de Deus de que dizem a verdade, fazê-los escrever certas coisas, etc. Conhecemos alguém que, a cada frase, intimava o Espírito para assinar seu nome; se fosse a verdade, ele escreveria o nome sem dificuldade; se fosse o falso, ele se deteria logo, ou no meio, sem poder terminá-lo; vimos essa pessoa receber as comunicações mais ridículas de parte dos Espíritos que assinavam o nome de empréstimo com uma firmeza perfeita. Outras pessoas pensam que o meio eficaz é fazer confessar Jesus em carne, ou outras verdades da religião. Pois bem! Declaramos nós que se alguns Espíritos, um pouco mais escrupulosos, detêm-se pela idéia de um perjúrio ou de uma profanação, há os que juram tudo o que se quer, que assinam todos os nomes, que se riem de tudo, e afrontam a presença dos mais veneráveis sinais, de onde concluímos que, entre o que se pode chamar de *procedimentos*, não há nenhuma fórmula, nenhum expediente material que possa servir de preservativo eficaz.

Nesse caso, dir-se-á, não há senão uma coisa a fazer, que a de parar de escrever. Este meio não seria melhor; longe disso, seria pior em muitos casos. Dissemos, e não poderíamos repeti-lo muito, que a ação dos Espíritos sobre nós é incessante, e não é menos real porque é oculta. Se ela deve ser má, será mais perniciosa ainda pelo fato de que o inimigo estará oculto; pelas comunicações escritas, ele se revela, se desmascara, sabe-se com quem se tem relação, e pode-se combatê-lo. - Mas se não há nenhum meio de afastá-lo, que fazer então? Não dissemos que não haja nenhum meio, mas somente que a maioria daqueles que se empregam são impotentes; aí está o assunto que nos propomos desenvolver.

Não se pode perder de vista que os Espíritos constituem todo um mundo, toda uma população que preenche o espaço, que circula aos nossos lados, e que se mistura a tudo aquilo que fazemos. Se o véu que no-los oculta viesse a ser levantado, ve-los-íamos, ao redor de nós, irem, virem, serguir-nos ou evitar-nos segundo o grau de sua simpatia; uns indiferentes, verdadeiros vadios do mundo oculto, os outros muito ocupados, seja consigo mesmos, seja com homens aos quais se agarram, com um objetivo mais ou menos louvável, segundo as qualidades que os distinguem. Veríamos, em uma palavra, o duble do gênero humano com as suas boas e suas más qualidades, suas virtudes e seus vícios. Essa companhia, da qual não podemos escapar, porque não há lugar tão oculto que seja inacessível aos Espíritos, exerce sobre nós e com o nosso desconhecimento uma influência permanente; uns nos conduzem ao bem, os outros ao mal, e nossas determinações, muito freqüentemente, são o resultado de suas sugestões; felizes somos quando temos bastante julgamento para discernir a boa ou a má senda à qual procuram nos arrastar. Uma vez que os Espíritos não são outra coisa senão os próprios homens despojados de seu envoltório grosseiro, senão as almas que sobrevivem ao corpo, disso resulta que há Espíritos desde que haja seres humanos no Universo; é uma das forças da Natureza, e não esperam que haja

médiuns escreventes para agirem, e a prova disso é que, em todos os tempos, os homens cometeram inseqüências; eis porque dizemos que sua influência é independente da faculdade de escrever; essa faculdade é um meio de conhecer essa influência, de saber quem são aqueles que vagueiam ao nosso redor, que se agarram a nós. Crer que se pode subtrair deles abstendo-se de escrever, é fazer como as crianças que crêem escaparem de um perigo tapando os olhos. A escrita, revelando-nos aqueles que temos por acólitos, por amigos ou por inimigos, nos dá, por isso mesmo, uma arma para combater esses últimos, e devemos agradecer a Deus por isso; na falta da visão para conhecer os Espíritos, temos as comunicações escritas; por elas eles revelam o que são: *é para nós um sentido* que nos permite julgá-los; repeli-lo é comprazer-se em permanecer cego, e querer continuar exposto à mentira sem controle.

A intromissão dos maus Espíritos nas comunicações escritas não é, pois, um perigo do Espiritismo, uma vez que, se houver perigo, o perigo existe sem isso, porque é permanente; eis do que não se poderia muito persuadir-se: é simplesmente uma dificuldade, mas da qual é fácil triunfar tomando-a convenientemente.

Pode-se primeiro colocar como princípio que os maus Espíritos não vão senão lá onde alguma coisa os atraia; portanto, quando se misturam às comunicações, é porque encontram simpatias no meio onde se apresentam, ou pelo menos lados fracos dos quais esperam se aproveitar; em todo o processo, é que não encontram uma força moral suficiente para repeli-los. Entre as causas que os atraem, é necessário colocar em primeira linha as imperfeições morais de toda natureza, porque o mal simpatiza sempre com o mal; em segundo lugar, a muito grande confiança com a qual se acolhe suas palavras. Quando uma comunicação acusa origem má, seria ilógico disso inferir uma paridade necessária entre o Espírito e os evocadores; freqüentemente, se vêem as pessoas mais honradas expostas aos embustes dos Espíritos enganadores, como acontece no mundo, pessoas honestas enganadas por velhacos; mas quando se está atento, os velhacos não têm o que fazer; é o que acontece também com os Espíritos. Quando uma pessoa honesta é enganada por eles, isso pode prender-se a duas causas: a primeira é uma confiança muito absoluta que a dissuade de todo exame; a segunda, que as melhores qualidades não excluem certos lados fracos que dão presa aos maus Espíritos, ansiosos em agarrar os menores defeitos da couraça. Não falamos do orgulho e da ambição, que são mais do que defeito, mas de uma certa fraqueza de caráter, e sobretudo de preconceitos que esses Espíritos sabem explorar habilmente lisonjeando-os, e, a esse respeito, tomam todas as máscaras para inspirar mais confiança.

As comunicações francamente grosseiras são as menos perigosas, porque não podem enganar a ninguém; as que mais enganam, são aquelas que não têm senão uma falsa aparência de sabedoria ou de seriedade, em uma palavra, a dos Espíritos hipócritas e dos pseudo-sábios; uns podem se enganar de boa fé, por ignorância ou por fatuidade, os outros não agem senão por astúcia. Vejamos, pois, o meio para desembaraçar-se deles.

A primeira coisa é de início não os atrair, e evitar tudo o que possa lhes dar acesso.

As disposições morais são, como vimos, uma causa preponderante; mas, abstração feita dessa causa, o modo empregado não é sem influência. Há pessoas que têm por princípio nunca fazerem evocações e esperarem a primeira comunicação espontânea que se apresente sob o lápis do médium; ora, querendo-se lembrar do que dissemos sobre a multidão muito misturada dos Espíritos que nos cercam, conceber-se-á, sem dificuldade, que é colocar-se segundo a opinião do primeiro que venha, bom ou mau; e como nessa multidão há mais maus do que bons, há maior chance de haver os maus, absolutamente como se abrisseis vossa porta a todos os que passam pela rua; ao passo que, pela evocação, fazeis vossa

escolha, e vos cercando de bons Espíritos, impondes silêncio aos maus, que poderão muito bem, apesar disso, procurar algumas vezes se introduzirem habilmente, - os bons mesmo o permitirão para exercer a vossa sagacidade em reconhecê-los, - mas eles não terão influência. As comunicações espontâneas têm uma grande utilidade quando se está certo da qualidade de sua companhia, então, freqüentemente, deve-se felicitar pela iniciativa deixada aos Espíritos; o inconveniente não está senão no sistema absoluto que consiste em se abster do apelo direto e das perguntas.

Entre as causas que influem poderosamente na qualidade dos Espíritos que freqüentam os círculos espíritas, não se pode omitir a natureza das coisas das quais se ocupam. Aqueles que se propõem um objetivo sério e útil atraem, por isso mesmo, os Espíritos sérios; aqueles que não têm em vista senão satisfazerem uma vã curiosidade ou seus interesses pessoais, se expõem pelo menos às mistificações, se não tiverem piores. Em resumo, podem-se tirar das comunicações espíritas os mais sublimes ensinamentos, os mais úteis, quando se sabe dirigi-las; a questão toda está em não se deixar prender pela astúcia dos Espíritos zombeteiros ou malevolentes; ora, para isso, o essencial é saber com quem se lida. Escutemos, primeiro, a esse respeito, os conselhos que o Espírito de São Luís deu, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, por intermédio do senhor R..., um de seus bons médiuns. Esta é uma comunicação espontânea, que recebeu um dia em sua casa, com a missão de transmiti-la.

"Qualquer que seja a confiança legítima que vos inspirem os Espíritos que presidem aos vossos trabalhos, é uma recomendação que não poderíamos muito repetir, e que deveríeis sempre ter presente no pensamento quando vos entregais aos estudos: é de pesar e amadurecer, é submeter ao controle da razão mais severa todas as comunicações que recebeis; de não negligenciar, desde que uma resposta vos pareça duvidosa ou obscura, em pedir os esclarecimentos necessários para vos fixar.

"Sabeis que a revelação existiu desde os tempos mais remotos, mas foi sempre apropriada ao grau de adiantamento daqueles que a recebiam. Hoje, não é caso mais de vos falar por figuras e por parábolas: deveis receber os nossos ensinamentos de um modo claro, preciso e sem ambigüidade. Mas seria muito cômodo não ter senão que perguntar para ser esclarecido; isso seria, aliás, sair das leis progressivas que presidem ao adiantamento universal. Não estejais, pois, admirados se, para vos deixar o mérito da escolha e do trabalho, e lambem para vos punir por infrações que podeis cometer contra os nossos conselhos, algumas vezes é permitido a certos Espíritos, ignorantes mais do que mal intencionados, de responderem em qualquer caso às vossas perguntas. Isso, em lugar de ser para vós uma causa de desencorajamento, deve ser um poderoso estímulo para procurar a verdade com ardor. Sede, pois, bem convencidos que, seguindo essa rota, não podeis deixar de chegar a resultados felizes. Sede unidos de coração e de intenção; trabalhai *todos*, procurai, procurai sempre, e encontrareis."

Luís

A linguagem dos Espíritos sérios e bons tem um cunho do qual é impossível se equivocar, por pouco que se tenha de tato, de julgamento e do hábito da observação. Os maus Espíritos, por qualquer véu hipócrita que eles cobrem suas torpezas, não podem jamais sustentar seu papel indefinidamente; eles mostram sempre seus verdadeiros projetos por alguma cunha, de outro modo, se sua linguagem fosse sem mácula eles seriam bons Espíritos. A linguagem dos Espíritos é, portanto, o verdadeiro critério pelo qual podemos julgá-los; sendo a linguagem a expressão do pensamento, tem sempre um reflexo das qualidades boas ou más do indivíduo. Não é sempre pela linguagem que nós julgamos os homens que não conhecemos? Se recebeis vinte cartas de vinte pessoas que jamais vistes, é lendo-as que estareis

impressionados diversamente? É que, pela qualidade do estilo, pela escolha das expressões, pela natureza dos pensamentos, por certos detalhes mesmos de forma, não reconhecéis, naquilo que vos escreveu, um homem bem elevado de um homem grosseiro, um sábio de um ignorante, um orgulhoso de um homem modesto? Ocorre absolutamente o mesmo com os Espíritos. Suponde que sejam homens que vos escrevem, e julgai-os do mesmo modo; julgai-os severamente, os bons Espíritos não se ofendem de modo algum com essa investigação escrupulosa, uma vez que são eles mesmos que no-la recomendam como meio de controle. Sabemos que podemos ser enganados, portanto, nosso primeiro sentimento deve ser o de desconfiança; só os maus Espíritos que procuram nos induzir ao erro podem temer o exame, porque estes, longe de provocá-lo, querem ser acreditados sob palavra.

Desse princípio decorre, muito natural e muito logicamente, o meio mais eficaz de afastar os maus Espíritos, e de se premunir contra as suas velhacarias. O homem que não é escutado pára de falar; o velhaco que sabe que se está a par do que ele é, não faz tentativas inúteis. Do mesmo modo os Espíritos enganadores abandonam a parte onde vêem que nada têm a fazer, e onde não encontram senão pessoas atentas que rejeitam tudo o que lhes pareça suspeito.

Resta-nos, para terminar, passar em revistas os principais caracteres que nos revelam a origem das comunicações espíritas.

1. Os Espíritos superiores têm, como dissemos em muitas circunstâncias, uma linguagem sempre digna, nobre, elevada, sem mistura com qualquer trivialidade; eles dizem tudo com simplicidade e modéstia, não se vangloriam nunca, não exibem jamais seu saber nem sua posição entre os outros. A dos Espíritos inferiores ou vulgares tem sempre algum reflexo das paixões humanas; toda a expressão que exala a baixeza, a suficiência, a arrogância, a fanfarrice, a acrimônia, é um indício característico de inferioridade, ou de fraude se o Espírito se apresenta sob um nome respeitável e venerado.

2. Os bons Espíritos não dizem senão o que sabem; eles se calam ou confessam sua ignorância sobre o que não sabem. Os maus falam de tudo com segurança, sem se importarem com a verdade. Toda heresia científica notória, todo princípio que choca com a razão e o bom senso, mostra a fraude se o Espírito se dá por um Espírito esclarecido.

3. A linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica, senão pela forma, ao menos pelo fundo. Os pensamentos são os mesmos, quaisquer que sejam o tempo e o lugar; eles podem ser mais ou menos desenvolvidos segundo as circunstâncias, as necessidades e as facilidades de comunicar, mas não serão contraditórios. Se duas comunicações levando o mesmo nome estão em oposição uma com a outra, uma das duas, evidentemente, é apócrifa, e a verdadeira será aquela onde NADA desminta o caráter conhecido do personagem. Uma comunicação que tenha em todos os pontos o caráter da sublimidade e da elevação, sem nenhuma mácula, é que ela emana de um Espírito elevado, qualquer que seja o seu nome; encerre ela uma mistura de bom e de mau, será de um Espírito comum, se ele se der por aquilo que é; de um patife se enfeitar-se com um nome que não saiba justificar.

4. Os bons Espíritos nunca mandam; não se impõem: eles aconselham, e, se não são escutados, se retiram. Os maus são imperiosos: dão ordem, e querem ser obedecidos. Todo Espírito que se impõe trai sua origem.

5. Os bons Espíritos não lisonjeiam; eles aprovam quando se faz bem, mas sempre com reserva; os maus dão elogios exagerados, estimulam o orgulho e vaidade pregando a humildade, e procuram *exaltar a importância pessoal* daqueles que querem captar.

6. Os Espíritos superiores estão acima das puerilidades das formas, *em todas as coisas*; para eles o pensamento é tudo, a forma nada é. Só os Espíritos vulgares podem ligar importância a certos detalhes incompatíveis com idéias verdadeiramente elevadas. *Toda prescrição meticulosa* é um sinal de inferioridade e fraude da parte de um Espírito que toma o nome imponente.
7. É necessário desconfiar de nomes bizarros e ridículos que tomam certos Espíritos que querem se impor à credulidade; seria soberanamente absurdo tomar esses nomes a sério.
8. É necessário igualmente desconfiar daqueles que se apresentam, muito facilmente, sob nomes extremamente venerados, e não aceitar suas palavras senão com a maior reserva; é aí sobretudo que um controle severo é indispensável, porque, freqüentemente, trata-se de uma máscara que tomam para fazer crer em pretensas relações íntimas com os Espíritos fora de linha. Por esse meio eles agradam a vaidade, e dele se aproveitam para induzir, freqüentemente, a diligências lamentáveis ou ridículas.
9. Os bons Espíritos são muitos escrupulosos sobre os meios que possam aconselhar; eles não têm jamais, em todos os casos, senão um objetivo sério e eminentemente útil. Deve-se, pois, olhar com suspeitas todos aqueles que não tenham esse caráter e maduramente refletir antes de executá-los.
10. Os bons Espíritos não prescrevem senão o bem. Toda máxima, todo conselho que não esteja *estritamente conforme a pura caridade evangélica* não pode ser a obra de bons Espíritos; ocorre o mesmo com toda insinuação malévola tendente a excitar ou entreter sentimentos de ódio, de ciúme ou de egoísmo.
11. Os bons Espíritos não aconselham jamais senão coisas perfeitamente racionais; toda recomendação que se afastasse da *direita linha do bom senso e das leis imutáveis da Natureza* acusa um Espírito limitado e ainda sob a influência de preconceitos terrestres, e, por conseguinte, pouco digno de confiança.
12. Os Espíritos maus, ou simplesmente imperfeitos, se trairiam ainda por sinais materiais com os quais não poderia equivocar-se. Sua ação sobre o médium, algumas vezes, é violenta, e provoca em sua escrita movimentos bruscos e irregulares, uma agitação febril e convulsiva, que contrasta com a calma e a doçura dos bons Espíritos.
13. Um outro sinal de sua presença é a obsessão. Os bons Espíritos não obsidiam jamais; os maus se impõem em todos os instantes; é por isso que todo médium deve desconfiar da necessidade irresistível de escrever que se apodera dele nos momentos mais inoportunos. Esse não é nunca o fato de um bom Espírito, e não deve a isso ceder.
14. Entre os Espíritos imperfeitos que se misturam às comunicações, há os que se insinuam, por assim dizer, furtivamente, como para fazer uma travessura, mas que se retiram tão facilmente quanto vieram, e isso à primeira intimação; outros, ao contrário, são tenazes, se obstinam junto de um indivíduo, e não cedem senão com o constrangimento e a persistência; apoderam-se dele, subjugam-no, fascinam-no a ponto de fazê-lo tomar os mais grosseiros absurdos por coisas admiráveis, felizes quando pessoas de sangue frio conseguem abrir-lhes os olhos, o que não é sempre fácil, porque esses Espíritos têm a arte de inspirar a desconfiança e o distanciamento para quem possa desmascará-los; de onde se segue que se deve ter por suspeito de inferioridade ou má intenção todo Espírito que prescreva o

isolamento, o distanciamento de quem possa dar bons conselhos. O amor próprio vem em sua ajuda, porque lhe custa, freqüentemente, confessar que foi vítima de mistificação, e reconhecer um velhaco naquele sob cujo patrocínio se glorificava por se colocar. Essa ação do Espírito é independente da faculdade de escrever; na falta da escrita, o Espírito malévolos tem cem meios de agir e de enganar; a escrita é para ele um meio de persuasão, e não uma causa; para o médium, é um meio de se esclarecer.

Passando todas as comunicações espíritas pelo controle das considerações precedentes, se lhes reconhecerá facilmente a origem, e poder-se-á frustrar a malícia dos Espíritos enganadores que não se dirigem senão àqueles que se deixam benevolmente enganar; se vêem que se ajoelha diante de suas palavras, disso aproveitam, como fariam simples mortais; está, pois, em nós provar-lhes que perdem seu tempo. Acrescentamos que, para isso, a prece é um poderoso recurso, por ela chama-se a si a assistência de Deus e dos bons Espíritos, aumenta-se a própria força; mas conhece-se o preceito: Ajuda-te e o céu te ajudará; Deus quer muito nos assistir, mas com a condição de que façamos, de nossa parte, o que é necessário.

Ao preceito acrescentamos um exemplo. Um senhor, que eu não conhecia, veio um dia me ver, e me disse que era médium; que recebia comunicações de um Espírito *muito elevado* que o encarregara de vir junto a mim fazer-me uma revelação a respeito de uma trama que, segundo ele, se urdia contra mim, da parte de inimigos secretos que ele designou. "Quereis, acrescentou, que eu escreva em vossa presença? De bom grado, respondi; mas devo dizer-vos, desde logo, que esses inimigos devem ser menos temidos do que credes. Eu sei que os tenho; quem não os tem? E os mais obstinados, freqüentemente, são aqueles a quem se fez mais bem. Tenho para mim a consciência de não ter feito, voluntariamente, mal a ninguém; os que me fizerem não poderão dizer-o mesmo, e Deus será o juiz entre nós. Vejamos, todavia, o aviso que vosso Espírito quer me dar." Sobre isso esse senhor escreveu o que se segue:

"Eu ordenei a C... (o nome do senhor) que é o facho da luz dos bons Espíritos, e que recebeu deles a missão de difundi-la entre seus irmãos, de ir à casa de Allan Kardec, que deverá crer cegamente no que lhe direi, porque estou em nome dos eleitos nomeados por Deus para velar pela salvação dos homens, e que venho anunciar a verdade....." Eis o bastante, disse-lhe, não tomeis o trabalho de prosseguir. Essa exortação basta para me mostrar com qual Espírito estais relacionado; não acrescentarei senão uma palavra, é que para um Espírito que se quer fazer de espertalhão, ele é bem inábil.

Esse senhor pareceu bastante escandalizado com o pouco caso que fiz de seu Espírito, que ele tivera a bondade de tomar por algum arcanjo, ou pelo menos por algum santo da primeira ordem, vindo propositadamente para ele.

"Mas, disse-lhe, esse Espírito mostra suas intenções por algumas palavras que acaba de escrever, e é preciso convir que ele sabe bem pouco esconder seu jogo. De início, vos ordena: portanto, ele quer vos ter sob sua dependência, o que é próprio de Espíritos obsessores; ele vos chama *o facho da luz dos bons Espíritos*, linguagem passavelmente enfática e ambígua, bem longe da simplicidade que caracteriza a dos bons Espíritos, e por aí lisonjeia o vosso orgulho, e exalta a vossa importância, o que basta para torná-lo suspeito. Ele se coloca, sem cerimônia, em nome dos eleitos nomeados por Deus: jactância indigna de um Espírito verdadeiramente superior. Enfim, ele me disse que devo crer-lhe *cegamente*; isso coroa a obra. Está bem aí o estilo desses Espíritos mentirosos que querem que sejam acreditados sob palavra, porque sabem que têm tudo a perder em um exame sério. Com um pouco mais de perspicácia, ele saberia que não me paga com belas palavras, e que se

dirigiria mal prescrevendo-lhe uma confiança cega.

De onde concluo que sois o joguete de um Espírito que vos mistifica e abusa de vossa boa-fé. Eu vos convido a prestar séria atenção nisso, porque se vós não vos guardais, ele poderá vos pregar uma peça a seu modo."

Não sei se esse senhor aproveitou a advertência, porque jamais o revi, assim como o seu Espírito. Eu não terminaria se contasse todas as comunicações desse gênero que me submetem, algumas vezes seriamente, como emanando dos maiores santos, da Virgem Maria, e mesmo do Cristo, e era verdadeiramente curioso ver as torpezas que se debitavam a esses nomes venerados; é preciso ser cego para se equivocar com sua origem, então que, freqüentemente, uma única palavra equívoca, um único pensamento contraditório, bastam para fazer descobrir a fraude a quem quer que se dê ao trabalho de refletir. Como exemplos notáveis de apoio, convidamos os nossos leitores a terem a bondade de se reportarem aos artigos publicados nos números da *Revista Espírita* dos meses de julho e outubro de 1858.

Confissão de Voltaire

Revista Espírita, setembro de 1859

Um dos nossos correspondentes de Boulogne, a propósito da entrevista de Voltaire e Frédéric, que publicamos no último número da Revista, nos dirige a seguinte, comunicação que aqui inserimos com tanto maior bom grado porque ela apresenta um lado eminentemente instrutivo do ponto de vista espírita. Nosso correspondente fá-la preceder de algumas reflexões que nossos leitores ficarão contentes por não omiti-las.

"Se jamais um homem, mais que um outro, deve sofrer os castigos eternos, esse homem é Voltaire. A cólera, a vingança de Deus persegui-lo-ão para sempre. Eis o que nos dizem os teólogos da velha escola.

"Agora que dizem os mestres da teologia moderna? Pode ocorrer, dizem, que desconheçais o homem, não menos que o Deus do qual falais; guardai para vós vossas baixas paixões de ódio e de vingança e não enlameais com elas vosso Deus. Se Deus se inquieta por esse pobre pecador, se toca o inseto, isso será para arrancar seu ferrão, para reconduzir a ele uma cabeça exaltada, um coração extraviado. Dizemos, além disso, que Deus sabe ler nos corações, de outro modo que vós, encontra ali o bem onde não encontráis senão o mal. Se dotou esse homem de um grande gênio, foi para o bem da raça, não para a sua infelicidade. Que importam, pois, essas primeiras extravagâncias, esses passos de livre condutor entre vós? Uma alma dessa tempera não poderia, em quase nada, fazer outras: a mediocridade ser-lhe-ia impossível no que quer que fosse. Agora que está orientado, qual um potro indomável e jogou as patas e os dentes na sua pastagem terrestre, que vem a Deus como corcel dócil, mas sempre grande, soberbo para o bem tanto quanto fora para o mau. No artigo que segue, veremos por quais meios operou-se essa transformação; veremos nosso garanhão do deserto, a crina ainda alta, as narinas ao vento, fazer sua corrida através dos espaços do Universo. Foi que ali, ele, o pensamento soerguido, encontrou essa liberdade que era sua essência, e se deu a plenos pulmões dessa respiração de onde tirava sua vida! Que lhe aconteceu? Ele se perdeu, ele se confundiu; o grande pregador do nada enfim encontrou o nada, mas não como ele o compreendia; humilhado, decaído por si mesmo, ferido em sua pequenez, ele que se acreditava tão grande foi aniquilado diante de seu Deus; ei-lo com a face ao chão; espera sua sentença; essa sentença é:

Reabilita-te, meu filho, ou vai-te, miserável! Encontrar-se-á o veredito na comunicação que se segue.

"Esta confissão de Voltaire terá maior valor na Revista Espírita porque ela o mostra sob seu duplo aspecto. Vimos alguns Espíritos naturalistas e materialistas que, de cabeça alterada, tanto quanto seu mestre, mas sem ter seu coração, persistiam em glorificar-se em seu cinismo. Que estes permaneçam no inferno tanto quanto lhes agrada desafiar o céu, a zombar de tudo o que faz a felicidade do homem, é lógico, é seu lugar próprio; mas encontramos lógica também em que aqueles que reconhecem seus erros lhes recolham o fruto. Também, ter-se-á a bondade de crer que não nos pomos como apologistas do velho Voltaire; aceitamo-lo somente em seu novo papel e nos regozijamos com a sua conversão, a qual glorifica a Deus, e não pode deixar de impressionar profundamente aqueles que, hoje ainda, se deixam arrastar por seus escritos. Ali está o veneno, aqui está o antídoto.

"Esta comunicação, traduzida do inglês, foi extraída da obra do juiz Edmonds, publicada nos Estados Unidos. Ela toma a forma de uma conversação entre Voltaire e Wolsey, o célebre cardeal inglês do tempo de Henrique VIII. Dois médiuns foram impressionados separadamente para transmitirem esse diálogo."

Voltaire. - Que imensa revolução no pensamento humano ocorreu desde que deixei a Terra!

Wolsey. - Com efeito, essa infidelidade que censuráveis então, aumentou desmesuradamente desde aquela época. Não é que ela tenha maiores pretensões hoje, mas é mais profunda e mais universal, e ao menos que seja detida, ela ameaça tragar a Humanidade no materialismo, mais do que o fez durante séculos.

Voltaire. - Infidelidade em quê e contra quem? Está na lei de Deus e do homem? Pretendes me acusar de infidelidade porque não me submeti aos estreitos preconceitos de seitas que me rodeavam? É que minha alma estava a pedir uma amplidão de pensamento, um raio de luz, além das doutrinas humanas. Sim, minha alma nas trevas tinha sede de luz.

Wolsey. - Também eu não quis falar senão da infidelidade que se vos *imputava*, e, ah! não sabeis que muito essa imputação vos pesa ainda. Eu me permito não vos censurar, mas vos dirigir as queixas, porque vosso desprezo pelas doutrinas de hoje, em tanto que estas não eram senão materiais e inventadas pelos homens, não poderiam lesar Espíritos semelhantes ao vosso. Mas essa mesma causa que agia sobre o vosso Espírito, operava igualmente sobre outros, os quais eram muito fracos e muito pequenos para alcançarem os mesmos resultados que vós. Eis, portanto, como aquilo que, em vós, não era senão uma negação dos dogmas dos homens, se traduzia nos outros em reino de Deus. Foi dessa fonte que se espalhou, com uma rapidez assustadora, a dúvida sobre o futuro do homem. Eis também porque o homem, limitando as suas aspirações a este único mundo, caiu cada vez mais no egoísmo e no ódio ao próximo. É a causa, sim, a causa desse estado de coisas que importa procurar porque uma vez encontrada, o remédio será comparativamente fácil. Dizei-me: conheceis essa causa?

Voltaire. - Minhas opiniões, tais como foram dadas ao mundo, foram marcadas, é verdade, por um sentimento de amargura e de sátira; mas, notai bem, quando eu tinha o Espírito importunado, por assim dizer, por uma luta interior. Eu olhava a Humanidade como me sendo inferior em inteligência e em penetração; não a via senão como marionetes que poderiam ser conduzidas por todo homem dotado de uma vontade forte, e me indignava por ver essa Humanidade que se arrogava uma existência imortal, estar repleta de elementos ignóbeis. Era necessário, portanto, crer que um ser dessa espécie partira da Divindade, e que poderia, por sua medíocre mão, assenhorar-se da imortalidade? Essa lacuna entre duas existências tão desproporcionadas me chocava, e eu não podia preenchê-la. Eu não via senão o animal no homem, não o Deus.

Reconheço que, em alguns casos, minhas opiniões tiveram tendências deploráveis; mas tenho a convicção de que, em outros aspectos, tiveram o seu lado bom. Elas chegaram a reerguer várias almas que estavam degradadas na escravidão; elas quebraram as cadeias do pensamento e deram asas às grandes aspirações. Mas, ah! eu também, que planava tão alto, perdi-me como os outros.

Se em mim a parte espiritual estivesse tão desenvolvida quanto a parte material, raciocinaria com mais discernimento; mas confundindo-as, perdi de vista essa imortalidade da alma que eu procurava, e que não pedia mais do que encontrar; também, dominado que estava com a minha luta com o mundo, com isso cheguei, quase apesar de mim, a negar a existência de um futuro. A oposição que eu fazia às tolas opiniões e à cega credulidade dos homens,

impeliam-me a negá-lo ao mesmo tempo, e a contrapor todo o bem que a religião cristã poderia fazer. Entretanto, por infiel que fosse, sentia que era superior aos meus adversários; sim, bem além da importância de sua inteligência; a bela face da Natureza revelava-me o Universo, inspirava-me o sentimento de uma vaga veneração, misturado ao desejo de uma liberdade ilimitada, sentimento que jamais estes experimentaram, agachados que estavam nas trevas da escravidão.

Minhas obras têm, portanto, seu lado bom, porque sem elas o mal que viria para a Humanidade poderia ser pior, sem oposição nenhuma. Vários homens não quiseram mais a sua subjugação; muitos deles se libertaram, e se o que eu preguei lhes deu um único pensamento elevado, ou lhes fez dar um único passo no caminho da ciência, não foi abrir-lhes os olhos quanto à sua verdadeira condição? O que eu lamento é ter vivido tanto tempo na Terra sem saber o que poderia ser, e o que poderia fazer. O que eu não faria, se fosse abençoado com as luzes do Espiritismo, que despertam hoje no Espírito dos homens!

Incrédulo e incerto entrei no mundo dos Espíritos. Só minha presença bastava para banir todo vislumbre de luz que pudesse esclarecer minha alma obscurecida; fora a parte material de meu ser que se desenvolveu na Terra; quanto à parte espiritual, ela se perdera no meio de meus descaminhos procurando a luz; ela se achava presa como numa jaula de ferro. Altivo e zombador, eu aí iniciava, não conhecendo, nem me importando em conhecer, esse futuro que tanto combatera quando no corpo. Mas fazemos aqui esta confissão: sempre encontrei, em minha alma, uma pequena voz que se fazia ouvir através das barreiras materiais, e que pedia a luz. Era uma luta incessante entre o desejo de saber e uma obstinação em não saber. Assim, pois, minha entrada ficou longe de ser agradável, não vinha descobrir a falsidade, a coisa nenhuma das opiniões que sustentara com toda a força de minhas faculdades? O homem se achava imortal, afinal de contas, eu não poderia deixar de ver e deveria existir um Deus, um Espírito imortal, que estava acima e que governava esse espaço ilimitado que me rodeava.

Como eu viajasse sem cessar, sem me conceder nenhum repouso, a fim de me convencer que isso poderia muito bem, ainda, ser um mundo material, ali onde eu estava, minha alma lutou contra a verdade que me esmagava! Não pude me realizar como Espírito que acabara de deixar sua morada mortal! Não tive aí ninguém com quem pudesse entabular relações, porque recusara a imortalidade a todos. Não existia repouso para mim: eu estava sempre errante e incerto; o Espírito em mim, tenebroso e amargo, talhado do maníaco, impossibilitado de seguir alguma coisa ou deter-se.

Foi, eu o digo, zombador e desconfiado que abordei o mundo espírita. Primeiro fui conduzido para longe das habitações dos Espíritos, e percorri o espaço imenso. Em seguida, me foi permitido lançar os olhos sobre as construções maravilhosas das moradas espíritas e, com efeito, elas me pareceram surpreendentes; fui impelido, aqui e ali, por uma força irresistível; tive que ver, e ver até que minha alma transbordasse pelos esplendores, e derrotada diante do poder que controlava tais maravilhas. Enfim, quis me esconder e me agachar no oco das rochas, mas não pude.

Foi nesse momento que meu coração começou a sentir a necessidade de se expandir; uma associação qualquer tornou-se urgente, porque eu queimava para dizer o quanto fora induzido ao erro, não por outros, mas pelos meus próprios sonhos. Não me restava mais a ilusão quanto à minha importância pessoal, porque eu não sentia senão muito o quanto era pouca coisa nesse grande mundo dos Espíritos. Estava, enfim, de tal modo caído de desgosto e de humilhação, que me foi permitido juntar-me a alguns dos habitantes. Foi dali que pude contemplar a posição que me fizera na Terra, e o que disso resultou, para mim no mundo

espírita. Eu vos deixo o acreditar se essa apreciação foi-me risonha.

Uma revolução completa, um transtorno total ocorreu no meu organismo espírita, e professor que fora, tornei-me o mais ardente aluno. Com a expansão intelectual que trazia comigo, quanto progresso fiz! Minha alma se sentia iluminada e abraçada pelo amor divino; suas aspirações rumo à imortalidade, de comprimidas que estavam, tomaram impulsos gigantescos. Eu via o quanto meus erros foram grandes, e o quanto a reparação a fazer deveria ser grande para expiar tudo o que fizera ou dissera, que pudera seduzir e enganar a Humanidade. Como são magníficas essas lições da sabedoria e da beleza celestes! Elas ultrapassam tudo o que imaginara na Terra.

Em resumo, vivi bastante para reconhecer, na minha existência terrestre, uma guerra encarniçada entre o mundo e a minha natureza espiritual. Lamentei profundamente as opiniões que promulguei e que deveram desencaminhar muitos do mundo; mas, ao mesmo tempo, foi penetrado de gratidão pelo Criador, o infinitamente sábio, que eu me sinto haver sido um instrumento com ajuda do qual os Espíritos dos homens puderam se portar na direção do exame e do progresso.

Nota. Não acrescentaremos nenhuma reflexão nesta comunicação, da qual cada um apreciará a profundidade e alta importância e onde se encontra toda a superioridade do gênio. Nunca talvez um quadro mais grandioso e mais impressionante foi dado do mundo espírita, e da influência das idéias terrestres sobre as idéias de além-túmulo. Na conversa que publicamos no nosso último número, encontramos o mesmo fundo de pensamentos, embora menos desenvolvidos e, sobretudo, menos poeticamente exprimidos. Aqueles que não se apegam senão à forma dirão, sem dúvida, que não reconhecem o mesmo Espírito nessas duas comunicações, e que a última, sobretudo, não lhes pareça à altura de Voltaire; de onde concluirão que uma das duas não é dele.

Seguramente, quando nós o chamamos, ele não nos trouxe sua certidão de nascimento, mas quem veja abaixo da superfície, será tocado pela identidade de vistas e de princípios que existe entre essas duas comunicações, obtidas em épocas diversas, a uma tão grande distância, e em línguas diferentes. Se o estilo não for o mesmo, não há contradição no pensamento, e é o essencial. Mas se foi o mesmo Espírito que falou nessas duas comunicações, por que foi tão explícito, tão poético numa, ao passo que foi tão lacônico, tão vulgar na outra? Fora preciso não estudar os fenômenos espíritas para disso não se dar conta. Isso prende-se à mesma causa que faz que o mesmo Espírito dê formosas poesias por um médium, e não possa ditar um único verso por um outro. Conhecemos médiuns que não são poetas, pelo menos do mundo, e que obtêm versos admiráveis, como há outros que jamais aprenderam a desenhar e que fazem em desenho coisas maravilhosas. É necessário, pois, reconhecer que, abstração feita das qualidades intelectuais, há nos médiuns aptidões especiais que os tornam, para certos Espíritos, instrumentos mais ou menos flexíveis, mais ou menos cômodos. Dizemos para certos Espíritos, porque os Espíritos têm também suas preferências, fundadas sobre razões que nem sempre conhecemos; assim, o mesmo Espírito será mais ou menos explícito, segundo o médium que lhe sirva de intérprete, e sobretudo segundo o hábito que tem dele servir-se; porque é certo, por outro lado, que um Espírito que se comunica freqüentemente pela mesma pessoa o faz com maior facilidade que aquele que vem pela primeira vez. O impulso do pensamento, portanto, pode ser entravado por uma multidão de causas, mas quando é o mesmo Espírito, o fundo do pensamento é o mesmo, embora a forma seja diferente, e o observador um pouco atento reconhece-lo-á facilmente em certos traços característicos. Narraremos, a esse respeito, o fato seguinte:

O Espírito de um soberano, que desempenhou no mundo um papel importante, chamado em

uma de nossas reuniões, iniciou por ato de cólera rasgando o papel e quebrando o lápis. Sua linguagem esteve longe de ser benevolente, porque se achava humilhado por vir entre nós, e perguntou se acreditávamos que ele deveria se abaixar para nos responder. Conviu, entretanto, que, se o fazia, era como constrangido e forçado por uma força superior à sua; mas se isso dependesse dele não o faria. Um dos nossos correspondentes da África, que não tinha nenhum conhecimento do fato, escreveu-nos que, em uma reunião da qual fazia parte, quiseram evocar o mesmo Espírito. Sua linguagem foi sob todos os pontos idêntica: "Credes, disse ele, que se fosse voluntariamente, viria aqui, nesta casa de negociantes, que talvez um dos meus súditos não gostaria de morar? Eu não vos respondo; isso me lembra meu reino onde era tão feliz; eu tinha autoridade sobre todas as minhas gentes, agora é necessário que eu seja submisso." O Espírito de uma rainha que, durante sua vida, não se distinguiu pela bondade, respondeu no mesmo círculo: "Não me interrogueis mais, pois me aborreceis; se tivesse ainda o poder que tive na Terra, vos faria muito se arrependermem, mas zombais de mim, da minha miséria, agora que não posso nada sobre vós; sou bem infeliz!" - Não está aí um curioso estudo de costumes espíritas?

Conversas familiares de além-túmulo

Revista Espírita, setembro de 1859

Um Oficial do exército da Itália.

segunda conversa (Sociedade; 1o de julho de 1859. - Ver o número de Julho).

1. *Evocação.* - R. Eis-me; falai-me.
2. Prometestes voltar a nos ver, e disso nos aproveitamos para vos pedir dar-nos algumas explicações complementares. - R. De bom grado.
3. Depois da vossa morte, assististes a alguns combates que ocorreram? - R. Sim, o último.
4. Quando sois testemunha, como Espírito, de um combate e vedes os homens se massacrarem, isso vos faz experimentar o sentimento de horror que sentimos, nós mesmos, vendo semelhantes cenas? - R. Sim, eu o experimento mesmo sendo homem, mas então o respeito humano reprimia esse sentimento como sendo indigno de um soldado.
5. Há Espíritos que sentem prazer em ver essas cenas de carnificina? - R. Poucos.
6. Que sentimento experimentam, com essa visão, os Espíritos de uma ordem superior? - R. Grande compaixão; quase desprezo. O que vós mesmos experimentais quando vedes animais se dilacerarem entre si.
7. Assistindo a um combate, e vendo os homens morrerem, sois testemunha da separação da alma e do corpo? - R. Sim.
8. Nesse momento, vedes dois indivíduos: o Espírito e o corpo? - R. Não; que é, pois, o corpo? - Mas o corpo não está menos ali, e deve ser distinto do Espírito? - R. Um cadáver, sim; mas não é mais um ser.
9. Que aparência tem, para vós, o Espírito nesse momento? -R. Leve.
10. O Espírito se afasta imediatamente do corpo? - Consentí em nos descrever, eu vos peço, tão explicitamente quanto possível as coisas tais quais se passam, e que a vejamos como se lhes fôssemos testemunhas - R. Há poucas mortes inteiramente instantâneas; a maior parte do tempo o Espírito, cujo corpo acaba de ser ferido por uma bala comum ou uma bola de canhão, se diz: eu vou morrer, pensemos em Deus, sonhemos com o céu, adeus, Terra que eu amei. Depois desse primeiro sentimento, a dor vos arranca de vosso corpo, e é então que se pode distinguir o Espírito *que se move* ao lado do cadáver. Isso parece tão natural que a visão, do corpo morto, não produz nenhum efeito desagradável. Estando toda a vida

transportada para o Espírito, só ele chama a atenção; é com ele que se conversa, ou a ele que se dirige.

Nota. - Poder-se-ia comparar esse efeito ao que produz um grupo de banhistas; o espectador não presta atenção às roupas que eles deixaram à beira d'água.

11. Geralmente, o homem surpreendido por uma morte violenta, durante algum tempo, não se crê morto. Como se explica sua situação, e como pode iludir-se, uma vez que deve bem sentir que seu corpo não é mais material, resistente? - R. Ele o sabe, e não tem ilusão.

Nota. - Isso não é perfeitamente exato; sabemos que os Espíritos se iludem em certos casos, e que não se crêem mortos.

12. Uma violenta tempestade manifestou-se no fim da batalha de Solferino; foi por uma circunstância fortuita ou por um fim providencial? - R. Toda circunstância fortuita é o fato da vontade de Deus.

13. Essa tempestade tinha um objetivo, e qual era ele? - R. Sim, certamente: parar o combate.

14. Foi provocado no interesse de uma das partes beligerantes e qual? - R. Sim, sobretudo para os nossos inimigos.

- Por que isso? Podeis nos explicar mais claramente? - R. Perguntais-me por quê? Mas não sabeis que, sem essa tempestade, nossa artilharia não deixaria escapar um Austríaco?

15. Se essa tempestade foi provocada, deveu ter agentes; quais eram esses agentes? - R. A eletricidade.

16. É o agente material; mas há Espíritos tendo em suas atribuições a condução dos elementos? - R. Não, a vontade de Deus basta; não há necessidade de ajudas assim comuns.

(Ver mais adiante o artigo sobre as tempestades.)

O general Hoche.

(Sociedade; 22 de julho de 1859.)

1. *Evocação.* - R. Estou ao vosso dispor.

2. A senhora J... disse-nos que, espontaneamente, vos comunicastes com ela; com qual intenção fizestes, uma vez que não vos chamou? - R. Foi ela quem me conduziu aqui; eu desejava ser chamado por vós, e eu sabia que ficando junto dela, vós o saberíeis, e que, provavelmente, me evocaríeis.

3. Vós lhe dissestes que seguíeis as operações militares da Itália: isso nos parece natural;

poderíeis nos dizer o que delas pensais? - R. Elas produziram grandes resultados; no meu tempo se lutava por mais tempo.

4. Assistindo a esta guerra, nela desempenháveis um papel ativo? - R. Não, simples espectador.

5. Outros generais, do vosso tempo, ali foram como vós? - R. Sim; podeis bem pensar.

6. Poderíeis nos designar alguns deles? - R. É inútil. Disseram-nos que Napoleão I assistiu a elas e não temos dificuldade em acreditar. Na época das primeiras guerras da Itália, ele não era senão general; nesta poderíeis nos dizer se ele via as coisas do ponto de vista do general ou do imperador? - R. Dos dois, e de um terceiro ainda: do diplomata.

8. Durante a vossa vida, vossa posição como militar era quase igual à dele; como depois de vossa morte ele subiu muito, poderíeis nos dizer se, como Espírito, vós o considerais como vosso superior? - R. Aqui reina a igualdade; que perguntastes?

Nota. - Por igualdade ele entende, sem dúvida, que os Espíritos não têm em nenhuma conta as distinções terrestres, com as quais, com efeito, eles pouco se importam, e que não têm nenhum peso entre eles; mas a igualdade moral está longe de aí reinar; há entre eles uma hierarquia e uma subordinação fundadas nas qualidades adquiridas, e ninguém pode subtrair-se à ascendência daqueles que estão mais elevados e mais puros.

9. Seguindo-se às peripécias da guerra, prevíeis a paz como tão próxima? - R. Sim.

10. Seria em vós uma simples previsão, ou disso tendes um conhecimento preliminar certo? - R. Não; tinham-mo dito.

11. Sois sensível à lembrança que se guarda de vós? - R. Sim; mas eu fiz tão pouco.

12. Vossa viúva acaba de morrer; vós a reencontrastes imediatamente? - R. Eu a esperava. Hoje vou deixá-la: a existência me chama.

13. Será na Terra que devereis tomar uma nova existência? -R. Não.

14. O mundo para onde devereis ir é nosso conhecido? - R. Sim; Mercúrio.

15. Esse mundo é moralmente superior ou inferior à Terra? - R. Inferior. Eu o elevarei; eu contribuirei para que evolua.

16. Conheceis agora esse mundo no qual ides entrar? - R. Sim, muito bem; melhor talvez do que o conhecerei quando nele habitar.

Nota. - Esta resposta é perfeitamente lógica; como Espírito, ele vê esse mundo em seu conjunto; quando estiver nele encarnado, não o verá senão do ponto de vista restrito de sua personalidade, e da posição social que ali ocupara.

17. Sob o aspecto físico, os habitantes desse mundo são tão materiais quanto os da Terra? - R. Sim, inteiramente; mais ainda.

18. Postes vós quem escolhestes esse mundo para a vossa nova existência? - R. Não, não; eu teria preferido uma Terra calma e feliz; ali encontrarei torrentes de mal para combater, e os furores do crime para punir.

Nota. - Quando os nossos missionários cristãos vão aos povos bárbaros para tentarem fazer penetrar neles os germes da civilização, não cumprem uma missão análoga? Por que, pois, admirar-se que um Espírito elevado vá para um mundo atrasado com o objetivo de fazê-lo avançar?

19. Essa existência vos foi imposta por constrangimento? - R. Não, a ela me obriguei; compreendi que o destino, a Providência, se quiserdes, para ali me chamava; é como a morte antes de subir para o céu; é necessário sofrer e eu não sofrerá bastante, ai de mim!

20. Sois feliz como Espírito? - R. Sem penas, sim.

21. Quais foram, eu vos rogo, as vossas ocupações, como Espírito, desde o momento em que deixastes a Terra? - R. Eu visitei o mundo, a Terra inteiramente; isso me exigiu o espaço de vários anos; aprendi as leis que Deus emprega para conduzir todos os fenômenos que nela fazem a vida; depois, procedi do mesmo modo com várias esferas.

22. Nós vos agradecemos por consentir em vir ao nosso chamado. - R. Adeus; não me tomareis a ver.

Morte de um Espírita.

(Sociedade, 8 de julho de 1859).

O senhor J..., negociante do departamento da Sarthe, que morreu em 15 de junho de 1859, era um homem de bem, sob todos os aspectos, e de uma caridade sem limites. Ele fizera um estudo sério do Espiritismo, do qual era um dos fervorosos adeptos. Como assinante da *Revista Espírita*, tinha relações indiretas conosco, sem que nos víssemos. Evocando-o, tivemos por objetivo não somente responder ao desejo de seus parentes e de seus amigos, mas de dar-lhe pessoalmente um testemunho de nossa simpatia, e agradecer-lhe pelas coisas corteses que havia dito e pensado de nós. Por outro lado, era para nós um objeto de estudo interessante do ponto de vista da influência que pode ter o conhecimento aprofundado do Espiritismo sobre o estado da alma depois da morte.

1. *Evocação.* - R. Estou aqui há algum tempo.

2. Não tive o prazer de vos ver; não obstante, me reconheceis? - R. Eu vos reconheço tanto melhor quanto se vos visitasse freqüentemente, e porque tive mais de uma conversa convosco, como Espírito, durante a minha vida.

Nota. - Isso confirma o fato muito importante e do qual tivemos numerosos exemplos, de comunicações que os homens têm entre si, com o seu desconhecimento durante a sua vida. Assim, durante o sono do corpo, os Espíritos viajam e se visitam reciprocamente. Eles

trazem, ao despertar, uma intuição das idéias que hauriram nessas conversas ocultas, mas das quais ignoram a fonte. Temos, dessa maneira, durante a vida, uma dupla existência: a existência corpórea que nos dá a vida de relação exterior, e a existência espírita, que nos dá a vida de relação oculta.

3. Sois mais feliz do que na Terra? - R. Cabe a vós me perguntar isso?

4. Eu o concebo; entretanto, gozáveis de uma fortuna honrosamente adquirida, que vos proporcionava os gozos da vida; tínheis a estima e a consideração que mereceram vossa bondade e vossa beneficência, quereis dizer-nos em que consiste a superioridade de vossa felicidade atual? - R. Consiste naturalmente na satisfação que me proporciona a lembrança do pouco bem que fiz, e na certeza do futuro que me promete; e contaís por nada a ausência das inquietações e das confusões da vida; dos sofrimentos corpóreos e de todos esses tormentos que nós criamos para satisfazer as necessidades do corpo? Durante a vida, a agitação, a ansiedade, as angústias incessantes, mesmo no meio da fortuna; aqui, a tranqüilidade e o repouso: é a calma depois da tempestade.

5. Seis semanas antes de morrer, afirmáveis ter ainda cinco anos para viver; de onde vos chegava essa ilusão, quando tantas pessoas pressentiam sua morte próxima? - R. Um Espírito benevolente quis afastar do meu pensamento esse momento que eu tinha a fraqueza de temer sem confessá-lo, apesar do que eu sabia quanto ao futuro do Espírito.

6. Havíeis aprofundado seriamente a ciência Espírita; podeis dizer-nos se, na vossa entrada no mundo dos Espíritos, encontrastes as coisas tais como as tínheis figurado? - R. Quase tudo, a não ser questões de detalhes que havia compreendido mal.

7. A leitura atenta que fazíeis da *Revista Espírita* e de *O Livro dos Espíritos*, vos ajudou muito nisso? - R. Incontestavelmente; foi principalmente isso o que me preparou para a minha entrada na verdadeira vida.

8. Sentistes um espanto qualquer em vos encontrando no mundo dos Espíritos? - R. É impossível que seja de outro modo; mas espanto não é a palavra: antes admiração. Bem longe se pode fazer uma idéia do que ele é!

Nota. - Aquele que, antes de ir habitar um país, estuda-o nos livros, se identifica com os costumes de seus habitantes, sua configuração, seu aspecto, por meio de desenhos, de planos e de descrições, fica menos surpreso, sem dúvida, do que aquele que dele não tem nenhuma idéia; e, todavia, a realidade mostra-lhe uma multidão de detalhes que ele não havia previsto e que o impressiona. Deve ocorrer o mesmo no mundo dos Espíritos, do qual não podemos compreender todas as maravilhas, porque há coisas que ultrapassam o nosso entendimento.

10. Deixando o vosso corpo, vistes e reconhecestes imediatamente Espíritos ao vosso redor? - R. Sim, e Espíritos queridos.

11. Que pensais agora do futuro do Espiritismo? - R. Um futuro mais belo do que pensais ainda, apesar da vossa fé e do vosso desejo.

12. Vossos conhecimentos quanto às matérias espíritas vos permitiram, sem dúvida, nos responder com precisão sobre certas questões. Poderíeis descrever-nos claramente o que se passou em vós no instante em que o vosso corpo deu o último suspiro, e quando o vosso

Espírito se achou livre? - R. É, eu creio, pessoalmente muito difícil encontrar um meio para vos fazer compreender de outro modo que não haja sido feito, comparando a sensação que se experimenta ao despertar que se segue a um sono profundo; esse despertar é mais ou menos lento e difícil em razão direta da situação moral do Espírito, e não deixa nunca de ser fortemente influenciado pelas circunstâncias que acompanham a morte.

Nota. - Isto está conforme todas as observações que se fizeram sobre o estado do Espírito no momento da sua separação do corpo; sempre vimos as circunstâncias *morais e materiais*, que acompanham a morte, reagirem poderosamente sobre o estado do Espírito nos primeiros momentos.

13. Vosso Espírito conservou a consciência de sua existência até o último momento, e a recobrou imediatamente? Houve um momento de ausência de lucidez, e qual foi a sua duração? - R. Houve um instante de perturbação, mas quase inapreciável para mim.

14. O instante do despertar teve alguma coisa de penoso? - R. Não, ao contrário; eu me sentia, se posso falar assim, alegre e disposto como se tivesse respirado um ar puro à saída de uma sala enfumaçada.

Nota. - Comparação engenhosa e que não pode ser senão a expressão da verdade.

15. Lembrai-vos da existência que tivestes antes da que acabais de deixar? Qual foi ela? - R. Eu me lembro como melhor se pode. Fui um bom servidor junto de um bom mestre, que me recebeu juntamente com outros na reentrada neste mundo feliz.

16. Vosso irmão, creio, se ocupa menos das questões espíritas do que não o fazíeis? - R. Sim, eu farei de modo que ele as tome mais no coração, se isso me for permitido. Se ele soubesse o que se ganha com isso, ligar-lhe-ia maior importância.

17. Vosso irmão encarregou o senhor B... de comunicar-me o vosso decesso; ambos esperam, com impaciência, o resultado de nossa conversa; mas ficarão ainda mais sensíveis com uma lembrança direta de vossa parte, se quiserdes encarregar-me de algumas palavras para eles, ou para outras pessoas que vos lamentam. - R. Eu lhes diria, por vosso intermédio, o que lhes diria eu mesmo, mas temo muito não ter mais influência junto de alguns entre eles do que tive outras vezes; entretanto, eu os conjuro, em meu nome e daqueles de seus amigos, que eu vejo, de refletirem, e de estudarem seriamente essa grave questão do Espiritismo, não fosse senão pelos recursos que ela dá para passar por esse momento tão temido da maioria, e tão pouco temível para aquele que se preparou para avançar pelo estudo do futuro e da prática do bem. Dizei-lhes que estou sempre com eles, no meio deles, que os vejo, e que ficaria feliz se suas disposições lhes assegurarem, no mundo que estou, um lugar do qual não terão senão que se felicitarem. Dizei-o, sobretudo ao meu irmão, cuja felicidade é meu voto mais caro, e de quem eu não me esqueço, embora eu esteja mais feliz.

18. A simpatia que quisestes me testemunhar durante a vossa vida, sem me ver, faz-me esperar que nos reconheceremos facilmente quando me encontrar entre vós; e até lá ficaria feliz se quisésseis me assistir nos trabalhos que me restam a fazer para cumprir a minha tarefa. - R. Vós me julgais muito favoravelmente; entretanto, convencei-vos de que, se vos posso ser de alguma utilidade, não deixarei de fazê-lo, talvez mesmo sem que disso suspeiteis.

19. Nós vos agradecemos em consentir vir ao nosso chamado, e pelas explicações instrutivas

que nos destes. - R. Estou à vossa disposição; estarei freqüentemente convosco.

Nota. - Esta comunicação, sem contradita, é uma das que pintam a vida espírita com mais clareza; ela oferece um poderoso ensinamento quanto à influência que as idéias espíritas exercem sobre o nosso estado depois da morte.

Esta palestra pareceu deixar alguma coisa a desejar ao amigo que nos comunicou a morte do senhor J... "Este último, nos respondeu ele, não conservou em sua linguagem o cunho de originalidade que tinha conosco. Ele se prende numa reserva que não observava com ninguém; seu estilo incorreto, irregular, sem inspiração: ele ousava tudo; ele atacava vivamente quem formulasse uma objeção contra as suas crenças; ele nos desfazia inteiramente para nos converter. Na sua aparição psicológica, não deixa conhecer nenhuma particularidade das numerosas relações que tinha com uma multidão de pessoas que ele freqüentava. Gostaríamos muito ver-nos designados por ele, não para satisfazer a nossa curiosidade, mas para a nossa instrução. Gostaríamos que falasse claramente de algumas idéias emitidas por nós, em sua presença, nas nossas conversações. Poderia dizer-me, a mim pessoalmente, se estou errado em deter-me em tal ou tal consideração; se o que lhe disse é verdadeiro ou falso. Nada nos falou de sua irmã ainda viva e tão digna de interesse."

Depois desta carta, evocamos de novo o senhor J... e lhe dirigimos as perguntas seguintes:

20. Tendes conhecimento da carta que recebi em resposta à enviada de vossa evocação. - R. Sim, eu o vi escrevê-la.

21. Teríeis a bondade de nos dar algumas explicações sobre certas passagens dessa carta, e isso, como bem o penseis, num objetivo de instrução, e unicamente para fornecer-me os elementos de uma resposta? - R. Se o considerais útil, sim.

22. Acham estranho que a vossa linguagem não conservou seu cunho de originalidade; parece que, quando vivo, éreis bastante intransigente na discussão. - R. Sim, mas o Céu e a Terra são bem diferentes, e aqui encontrei mestres. Que quereis? Eles me impacientavam com as suas objeções ridículas; eu lhes mostrava o Sol, e eles não queriam vê-lo; como guardar sangue frio? Aqui não tenho nada para discutir; todos nos compreendemos.

23. Esses senhores se admiram que não os interpelastes nominalmente para refutá-los, como o fazíeis quando vivo. - R. Que se admirem com isso! Eu os espero; quando vierem juntar-se a mim verão quem de nós tinha razão. É necessário que eles venham. bom grado ou malgrado eles, e uns antes do que o crêem; sua jactância cairá como a poeira abatida pela chuva; sua fanfarrice... (Aqui o Espírito se deteve e se recusou a acabar a frase).

24. Eles inferem com isso que não lhes destes todo o interesse a que tinham direito de esperar de vós? - R. Eu os quero bem, mas não o farei, apesar deles.

25. Eles se admiram igualmente de que nada dissestes sobre vossa irmã. - R. Estão, pois, entre mim e ela?

26. O senhor B... desejava que lhe dissésseis o que vos contou na intimidade; seria para ele, e para os outros, um meio de se esclarecerem. - R. Por que repetir-lhe o que ele sabe? Crê que eu não tenha o que fazer? Não têm todos os meios de se esclarecerem que tinha eu mesmo? Que os aproveitem! Que eles se sentirão bem, eu lhes garanto. Quanto a mim, bendigo o céu por ter me enviado a luz que me abriu a rota da felicidade.

27. Mas é esta luz que eles desejam e que ficariam felizes recebendo de vós. - R. A luz brilha para todo o mundo; cego quem não a vê; este cairá no precipício e amaldiçoará a sua cegueira.

28. Vossa linguagem me parece marcada por uma bem grande severidade. - R. Não me acharam muito afável?

29. Nós vos agradecemos por consentir em vir, e pelos esclarecimentos que nos destes. - R. Sempre ao vosso serviço, porque sei que é para o bem.

As tempestades - Papel do Espíritos nos fenômenos naturais

(Sociedade, 22 de julho de 1859).

Revista Espírita, setembro de 1859

1. (A Fr. Arago.) Nos foi dito que a tempestade de Solferino tivera um objetivo providencial, e se nos assinala vários fatos desse gênero, notadamente em fevereiro e junho de 1848. Essas tempestades, durante os combates, tinham um fim análogo? - R. Quase todas.

2. O Espírito interrogado a esse respeito nos disse que só Deus agia, nessas circunstâncias, sem intermediários. Permitti-nos algumas perguntas a esse respeito, e rogamos consentirdes em resolver com a vossa clareza habitual.

Concebemos, perfeitamente, que a vontade de Deus seja a causa primeira, nisto como em todas as coisas, mas sabemos também que os Espíritos são seus agentes. Ora, uma vez que sabemos que os Espíritos têm uma ação sobre a matéria, não vemos porque, alguns dentre eles, não teriam uma ação sobre os elementos, para agitá-los, acalmá-los ou dirigi-los. - R. Mas é evidente; isso não pode ser de outro modo; Deus não se entrega a uma ação direta sobre a matéria; ele tem seus agentes devotados em todos os graus da escala dos mundos. O Espírito evocado não falou assim senão por um conhecimento menos perfeito dessas leis, como das da guerra.

Nota. A comunicação do oficial, narrada acima, foi obtida no dia 1º de julho; esta não ocorreu senão no dia 22 e *por um outro médium*; nada, na questão, indica a qualidade do primeiro Espírito evocado, qualidade que lembra espontaneamente aquele que acaba de responder. Esta circunstância é característica, e prova que o pensamento do médium nada tem com a resposta. Assim é que, numa multidão de circunstâncias fortuitas, o Espírito revela, seja sua identidade, seja sua independência. Por isso, dizemos que é necessário sempre ver, sempre observar; então se descobre uma multidão de nuances que escapam ao observador superficial e de passagem. Sabe-se que é necessário agarrar os fatos quando eles se apresentam, e que não é provocando que eles serão obtidos. O observador atento e paciente encontra sempre alguma coisa para aproveitar.

3. A mitologia está inteiramente fundada sobre as idéias espíritas; nela encontramos todas as propriedades dos Espíritos, com a diferença que os Antigos deles fizeram os deuses. Ora, a mitologia nos representa esses deuses, ou esses Espíritos, com atribuições especiais; assim, uns estão encarregados do vento, outros do raio, outros de presidir a vegetação, etc; essa crença está despida de fundamentos? - R. Ela está tão pouco despida de fundamento que ainda está bem abaixo da verdade.

4. Na origem das nossas comunicações, os Espíritos nos disseram coisas que parecem confirmar esse princípio. Disseram-no, por exemplo, que certos Espíritos habitam mais especialmente o interior da Terra, e presidem aos fenômenos geológicos. -- R. Sim, e não tardareis muito para ver a explicação de tudo isso.

5. Esses Espíritos que habitam o interior da Terra, e presidem aos fenômenos geológicos, são de uma ordem inferior? - R. Esses Espíritos não habitam positivamente a Terra, mas presidem e dirigem; são de uma ordem muito diferente.

6. São Espíritos que estiveram encarnados em homens como nós? - R. Que o serão, e que foram. Disso vos direi mais, se quiserdes, dentro de pouco tempo.

Interior de uma família Espírita

Revista Espírita, setembro de 1859

A senhora G... ficou viúva há três anos com quatro crianças; o primogênito é um amável jovem de dezessete anos, e a mais nova uma encantadora menina de seis anos. Há muito tempo, essa família, se ocupa do Espiritismo, e antes mesmo que essa crença estivesse popularizada como está hoje, o pai e a mãe deles tinham como uma espécie de intuição que diversas circunstâncias vieram desenvolver. O pai da senhora G... apareceu-lhe diversas vezes em sua juventude e cada vez lhe prevenira de coisas importantes, ou lhe dera conselhos úteis. Fatos do mesmo gênero se passavam igualmente entre seus amigos, de sorte que, para eles, a existência de além-túmulo não podia ser objeto de nenhuma dúvida, não mais que a possibilidade de se comunicar com os seres que nos são caros. Quando veio o Espiritismo, isso não foi senão a confirmação de uma idéia bem sedimentada e santificada pelo sentimento de uma religião esclarecida, porque essa família é um modelo de piedade e de caridade evangélica. Eles tomaram da nova ciência os meios de comunicação mais diretos; a mãe e uma das crianças se tornaram excelentes médiuns; mas longe de empregarem essa faculdade para questões fúteis, todos a consideraram como um dom precioso da Providência, do qual não era permitido servir-se senão para coisas sérias; também não o usavam jamais senão com recolhimento e respeito, e longe dos olhares dos importunos e dos curiosos.

Neste meio tempo, o pai caiu doente, e, pressentindo seu fim próximo, reuniu os filhos e lhes disse: "Meus caros filhos, minha mulher bem amada, Deus me chama para si; sinto que vou deixar-vos dentro de pouco tempo; mas penso que haurireis em vossa fé na imortalidade a força necessária para suportarem com coragem essa separação, como eu levo a consolação que poderei sempre estar no vosso meio e vos ajudar com os meus conselhos. Chamai-me, pois, quando não estiver mais na Terra, e virei colocar-me ao vosso lado, conversar convosco, como fazem nossos avós; porque, em verdade, nós estaremos menos separados do que se eu partisse para um país longínquo. Minha cara mulher, eu te deixo uma grande tarefa; quanto mais pesada for, mais gloriosa será; e disso tenho a segurança de que nossos filhos ajudar-te-ão a suportar. Meus filhos, secundareis vossa mãe; e evitareis tudo o que poderia causar-lhe dificuldade; sereis sempre bons e benevolentes para todo o mundo; estendereis a mão aos vossos irmãos infelizes, porque não gostaríeis de vos expor a estendê-la um dia vós mesmos em vão. Que a paz, a concórdia e a união reinem entre vós; que jamais o interesse vos divida, porque o interesse material é a maior barreira entre a Terra e o céu. Pensai que estarei sempre aqui, perto de vós, que vos verei como vos vejo neste momento, e melhor ainda, uma vez que verei o vosso pensamento; não quereis, pois, me entristecer depois de minha morte mais do que não fizestes durante a minha vida."

É um espetáculo verdadeiramente edificante ver o interior desta piedosa família. Estas crianças, instruídas nas idéias espíritas, não se consideram como separadas de seu pai; para elas ele ali está, e temem fazer a menor ação que possa aborrecê-lo. Todas as semanas, uma noite é consagrada para conversar com ele, e algumas vezes com mais freqüência; mas há as necessidades da vida, que precisam ser providas, - a família não é rica - por isso um dia fixo está assinalado para essas piedosas conversas, e esse dia esperado com impaciência. A menina diz freqüentemente: É hoje que vem o meu pai? Nesse dia que passa em conversas familiares, em instruções proporcionadas à inteligência, algumas vezes infantis, outras vezes sérias e sublimes; são conselhos dados oportunamente, por pequenos defeitos que assinala: se faz a parte dos elogios, a crítica não é poupada, e o culpado abaixa os olhos, como se tivesse seu pai diante dele; e lhe pede um perdão que algumas vezes não é concedido senão

depois de várias semanas de prova: espera-se sua sentença com uma febril ansiedade. Então, que alegria! quando o pai diz: Estou contente contigo. Mas a ameaça mais terrível é dizer Não retomarei na semana próxima.

A festa anual não é esquecida. É sempre um dia solene para o qual se convidam todos os avós falecidos, sem esquecer um pequeno irmão morto há alguns anos. Os retratos são ornados com flores; cada criança prepara um pequeno trabalho, e até o discurso tradicional; o primogênito faz uma dissertação sobre um assunto sério; uma das jovens executa um trecho de música; a menor, enfim, recita uma fábula; é o dia das grandes comunicações, e cada convidado recebe uma lembrança dos amigos que deixou na Terra. Que belas são essas reuniões pela sua tocante simplicidade! Como tudo nela fala ao coração! Como se pode dela sair sem estar penetrado de amor ao bem? Mas ali nenhum olhar zombeteiro, nenhum riso cético vem perturbar o piedoso recolhimento; alguns amigos, partilhando as mesmas convicções e devotados à religião de família, são os únicos admitidos a tomarem parte deste banquete do sentimento. Ride se quiserdes, vós que zombais das coisas mais santas; por soberbos e endurecidos que sejais, não vos faço a injúria de crer que o vosso orgulho possa permanecer impassível e frio diante de um tal espetáculo. Um dia, todavia, foi um dia de luto para a família, um dia de verdadeiro desgosto: o pai havia anunciado que estaria algum tempo, muito tempo mesmo, sem poder vir; uma grande e importante missão o chamava longe da Terra. A festa anual não foi por isso menos celebrada; mas foi triste: o pai não estava nela. Ele dissera quando partiu: Meus filhos, que no meu retorno eu vos encontre todos dignos de mim, e que cada um se esforce por se tornar digno de si. Eles esperam ainda.

Aforismos Espíritas e pensamentos destacados

Revista Espírita, setembro de 1859

Quando se evoca um parente ou um amigo, qualquer afeição que ele vos tenha conservado, não é necessário esperar esses impulsos de ternura que vos pareceria natural depois de uma separação dolorosa; a afeição, por ser calma, não é por isso menos sentida, e pode ser mais real do que aquela que se traduz por grandes demonstrações. Os Espíritos pensam, mas eles não agem como os homens: dois Espíritos amigos se vêem, se amam, são felizes em se aproximarem, mas não têm necessidade de se lançarem um nos braços do outro. Quando se comunicam conosco pela escrita, uma boa palavra lhes basta e ela diz mais para eles do que as frases enfáticas.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Outubro

- [Os milagres](#)
- [O magnetismo reconhecido pelo poder judiciário](#)
- [Os médiuns inertes](#)
- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [Sociedade Espírita no século XVIII](#)
- Conversas familiares de além-túmulo
 - [O pai Crépin](#)
 - [Senhora E. de Girardin, médium](#)
- [As mesas voadoras](#)

Os milagres

Revista Espírita, outubro de 1859

Sob o título de *Um milagre*, o senhor Mathieu, antigo farmacêutico do exército, acaba de publicar uma relação de vários fatos de escrita direta, dos quais foi testemunha. Tendo esses fatos se produzido em circunstâncias quase idênticas às dos fatos que reportamos no nosso número de agosto, e nada apresentando de mais caracterizado, não os relataremos, unicamente os mencionaremos para mostrar que os fenômenos espíritas não são um privilégio exclusivo, e para aproveitar esta ocasião para felicitar o senhor Mathieu pelo zelo que coloca em propagá-los. Várias outras pequenas brochuras, e artigos do mesmo autor, em diversos jornais, são a prova disso. O senhor Mathieu é um homem de ciência, que passou, como tantos outros, e como nós próprio, pela fileira da incredulidade; mas teve que ceder à evidência, porque, contra os fatos, é preciso, necessariamente, abaixar as armas. Permitimo-nos somente criticar o título que ele deu à sua última publicação, e não se trata aqui de um sofisma de nomes, cremos que a coisa tem uma certa importância e merece um exame sério.

Na sua acepção primitiva, e pela sua etimologia, a palavra *milagre* significa *coisa extraordinária, coisa admirável de ver*, mas essa palavra, como tantas outras, desviou-se de seu sentido original e, hoje, se diz (segundo a Academia) de *um ato do poder divino, contrário às leis comuns da Natureza*. Tal é, com efeito, a sua acepção usual, e não é senão por comparação e por metáfora que se aplica às coisas vulgares, que nos surpreendem, e cuja causa é desconhecida.

O fenômeno narrado pelo senhor Mathieu tem o caráter de um *milagre*, no verdadeiro sentido dessa palavra? Seguramente que não. O milagre, dissemos, é uma derrogação das leis da Natureza. De modo algum temos em vista examinar se Deus julgou útil, em certas circunstâncias, derrogar as leis estabelecidas por ele mesmo: nosso objetivo é unicamente demonstrar que o fato da escrita direta, por extraordinário que ele seja, não derrogando de nenhum modo essas leis, não tem nenhum caráter miraculoso. O milagre não se explica; a escrita direta, ao contrário, se explica do modo mais racional, como se pôde ver pelo nosso artigo sobre esse assunto. Não é, pois, um milagre, mas um simples fenômeno que tem a sua razão de ser nas leis gerais. O milagre tem, ainda, um outro caráter: é o de ser insólito e isolado. Ora, desde o momento em que um fato se reproduz, por assim dizer, à vontade, e por diversas pessoas, isso não pode ser um milagre.

A ciência faz, todos os dias, milagres aos olhos dos ignorantes: eis porque, outrora, aqueles que sabiam mais do que o vulgo passavam por feiticeiros; e, como acreditavam que toda a ciência vinha do diabo, eram queimados. Hoje, quando já se está mais civilizado, contenta-se em mandá-los às Petites Maisons; aliás, quando se deixou os inventores morrerem de fome, erguem-lhes estátuas, e são proclamados benfeitores da Humanidade. Mas deixemos essas tristes páginas de nossa história, e voltemos ao nosso assunto. Que um homem, realmente morto, seja chamado à vida por uma intervenção divina, aí está um verdadeiro milagre, porque é contrário às leis da Natureza. Mas se esse homem não tem senão as aparências da morte, se ainda nele resta *vitalidade latente*, e que a ciência ou uma ação magnética venha a reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas, é um simples fenômeno natural; mas, aos olhos do vulgo ignorante, o fato passará como miraculoso, e o autor será perseguido a pedradas ou venerado, segundo o caráter dos indivíduos. Se no meio de certos campos um físico lançar um papagaio elétrico e fizer cair o raio sobre uma árvore, esse novo Prometeu será,

certamente, considerado como armado de um poder diabólico; e, seja dito de passagem, Prometeu nos parece singularmente haver precedido a Franklin. Voltando à escrita direta, é um dos fenômenos que demonstram, de modo mais patente, a ação de inteligências ocultas; mas, do fato do fenômeno ser produzido por seres ocultos, ele não é mais miraculoso do que todos os outros fenômenos que se devem a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam os espaços são uma das forças da Natureza, força cuja ação é incessante sobre o mundo material, tanto quanto sobre o mundo moral. O Espiritismo, esclarecendo-nos sobre essa força, nos dá a chave de uma multidão de coisas inexplicadas ou inexplicáveis por qualquer outro meio, e que puderam, nos tempos recuados, passar por prodígios; ele revelou, do mesmo modo que o magnetismo, uma lei, senão desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, dizendo melhor, conheciam-se os efeitos, porque se produziram em todos os tempos, mas não se conhecia a lei, e foi a ignorância dessa lei que engendrou a superstição. Conhecida essa lei, o maravilhoso cessa, e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis porque os Espíritas não fazem mais milagres fazendo girar uma mesa ou os mortos escreverem, que o médico em fazendo um moribundo reviver, ou o físico fazendo cair o raio.

Eis porque também repelimos, com todas as nossas forças, a qualificação empregada pelo senhor Mathieu, embora bem persuadidos de que ele não quis dar nenhum sentido místico a essa palavra; mas porque as pessoas que não vão ao fundo das coisas, e são em maior número, poderiam se enganar, e crerem que os adeptos do Espiritismo se atribuem uma força sobrenatural. Aquele que pretendesse, com a ajuda dessa ciência, *fazer milagres*, seria ou um ignorante da coisa, ou um fabricante de tolos. É inútil dar armas àqueles que riem de tudo, mesmo do que não conhecem, e seria dar-se benevolmente ao ridículo.

Os fenômenos espíritas, do mesmo modo que os fenômenos magnéticos, antes que se lhes conhecesse a causa, puderam, pois, passar por prodígios; ora, como os céticos, os espíritos fortes, quer dizer, aqueles que, segundo eles, têm o privilégio exclusivo da razão e do bom senso, não crêem que uma coisa seja possível desde que não a compreendam, eis porque todos os fatos prodigiosos são objeto de suas zombarias; e como a religião contém um grande número de fatos desse gênero, eles não crêem na religião, e daí à incredulidade absoluta não há senão um passo. O Espiritismo, explicando a maioria desses fatos, dá-lhes uma razão de ser. Ele vem, pois, em auxílio da religião, demonstrando a possibilidade de certos fatos que, por não terem mais o caráter de miraculosos, não são menos extraordinários, e Deus, por isso, não é nem menos grande, nem menos poderoso, por não ter derogado suas leis. De quantas graça-las as elevações de São Cupertino foram objeto? Ora, a suspensão etérea dos corpos pesados é um fato demonstrado e explicado pelo Espiritismo; dela fomos *pessoalmente testemunha ocular*, e o senhor Home, assim como outras pessoas do nosso conhecimento, renovaram, em várias vezes, o fenômeno produzido por São Cupertino. Portanto, esse fenômeno entra na ordem das coisas naturais. Ao número de fatos desse gênero, é preciso colocar na primeira linha as aparições, porque são as mais freqüentes. A de Salette, que divide mesmo o clero, para nós nada tem de insólita. Seguramente, não podemos afirmar que o fato ocorreu, porque dele não temos a prova material; mas, para nós, é possível, tendo em vista que milhares de fatos análogos *recentes* nos são conhecidos; cremos neles, não somente porque sua realidade foi averiguada por nós, mas, sobretudo, porque nos damos perfeitamente conta da maneira pela qual se produzem. Querendo-se reportar à teoria que demos das aparições, ver-se-á que esse fenômeno torna-se tão simples e tão plausível quanto uma multidão de fenômenos físicos que não são prodigiosos senão pela falta de ter-lhes a chave. Quanto ao personagem que se apresentou à Salette, é uma outra questão; sua identidade não nos foi, de modo algum, demonstrada; constatamos somente que uma aparição pode ter ocorrido, o resto não é da nossa competência. Nosso objetivo não é examinar se Deus pôde derogar suas leis fazendo milagres, no verdadeiro sentido da palavra; é uma questão de teologia que não entra no

nosso quadro; que cada um guarde, pois, suas convicções a esse respeito, o Espiritismo disso não tem que se ocupar; dizemos somente que os fatos produzidos pelo Espiritismo nos revelam leis novas, e nos dão a chave de uma multidão de coisas que pareciam sobrenaturais; se alguns daqueles que passaram por miraculosos nele encontram uma explicação lógica e uma razão de ser, é um motivo para não mais apressar-se em negar o que não se compreende.

Certas pessoas nos criticam por darmos as teorias espíritas, que consideram como prematuras. Elas esquecem que os fatos do Espiritismo são contestados por muitos precisamente porque parecem sair da lei comum, e porque dele não se dão conta. Dai-lhes uma base racional, e a dúvida cessa. Dizei a qualquer um, pura e simplesmente, que ides transmitir um despacho de Paris para a América, e dele receber a resposta em alguns minutos, e caçoará de vós; explicai o mecanismo do procedimento, e nisso ele crerá sem ter visto operar. A explicação, neste século em que não se é crédulo demais, é, pois, um poderoso motivo de convicção; vemos também, todos os dias, pessoas que não foram testemunhas de nenhum fato, que não viram uma mesa girar, nem um médium escrever, e que estão tão convencidas quanto nós, unicamente porque leram e compreenderam. Se não se devesse crer senão naquilo que se viu com os olhos, nossas convicções se reduziriam a bem pouca coisa.

O magnetismo reconhecido pelo poder judiciário

Revista Espírita, outubro de 1859

Na *Revista Espírita* do mês de outubro de 1858, publicamos dois artigos sob os títulos de: *Emprego oficial do magnetismo animal* e *o Magnetismo e o sonambulismo ensinados pela Igreja*. No primeiro nos demos conta do tratamento magnético aconselhado ao rei da Suécia Oscar, pelos seus próprios médicos; no segundo citamos várias perguntas e respostas extraídas de uma obra intitulada *Curso elementar de instrução cristã para o uso de catecismos e escolas cristãs*, publicada em 1853, pelo abade Marotte, vigário geral da diocese de Verdun, e na qual o magnetismo e o sonambulismo estão claramente definidos e confessados. Eis agora a justiça que acaba de dar-lhe uma sanção brilhante pelo julgamento do tribunal correccional de Douai, em 27 de agosto último. Todos os jornais relataram esse julgamento, e seria inútil repeti-lo; não faremos, pois, senão narrar sumariamente as circunstâncias.

Um jovem que não conhecia o magnetismo senão de nome, e jamais o praticara, ignorando, conseqüentemente, as medidas de prudência que a experiência ensina, propôs, um dia, magnetizar o sobrinho do dono do hotel no qual jantava; depois de alguns passes o menino caiu em sonambulismo, mas o magnetizador improvisado não soube como fazer para tirá-lo desse estado, que se seguiu de crises nervosas persistentes. Daí uma queixa na justiça feita pelo tio contra o magnetizador. Dois médicos foram chamados como peritos. Eis o extrato de suas declarações na justiça, que são quase idênticas, pelo menos quanto à conclusão. Depois de haver descrito e constatado o estado sonambúlico na criança, o primeiro médico acrescentou:

"Não creio de nenhum modo na existência de um fluido novo, de um agente físico, mais ou menos análogo ao magnetismo terrestre, se desenvolvendo no homem sob a influência de passes, de toques, etc., e que produziria nos sujeitos influenciados efeitos por vezes miraculosos.

"A existência de um tal fluido jamais foi cientificamente demonstrada. Longe disso, todas as vezes que os homens difíceis de serem enganados, os membros da Academia de ciências, médicos eminentes, quiseram verificar os fatos alegados, os príncipes do magnetismo sempre recuaram: entrincheiraram-se atrás de pretextos muito transparentes, e nem a questão de fato, nem, por mais forte razão, a questão de doutrina, puderam ser elucidadas. Não existe, pois, no mundo sábio, o magnetismo animal. Entretanto, segue-se daí que as práticas dos magnetizadores não produzem nenhum efeito, e *negando-se, com razão, o magnetismo, não se pode admitira magnetização?*

"Estou convencido de que, se as imaginações nervosas, impressionáveis, forem todos os dias movimentadas por manobras das quais se tratam, será nelas mesmas que será necessário ver os fenômenos que apresentem, e não numa espécie de irradiação da parte do experimentador. Essa explicação se aplicaria no caso de Jourdain, se os ataques que se seguiram à primeira, na suposição de serem determinados pela magnetização, tivessem se espaçado e enfraquecido: um impulso único deve, logicamente, produzir efeitos decrescentes. Ora, ocorre tudo de outro modo: à medida que o tempo escoar, os ataques se aceleram e

umentam de intensidade. Essa circunstância me confunde. Uma influência determinada está, evidentemente, em jogo: qual é ela? Os antecedentes e a maneira de ser de Jourdain me são bastante conhecidos para que eu possa atribuí-los ao seu temperamento, e devo declarar que não sei onde localizá-la.

Aqui a criança está presa de um de seus ataques. A testemunha, assim como o seu confrade, constatam contrações musculares gerais crônicas, sem insensibilidade da pele ou do olho que se esquivam à ação da luz quando se abrem as pálpebras; o grito inicial não ocorreu: o acesso, aliás, se termina gradualmente, passando pelo período sonambúlico. Os doutores declaram ainda que a criança não é epilética, e ainda menos cataléptica

Sobre a interpelação, relativamente à palavra sonambulismo, com o fim de se saber se tudo não se explicaria admitindo-se que o sujeito, preliminarmente sonâmbulo, tivera, em 15 de agosto, um acesso dessa espécie de doença, a testemunha respondeu que, "primeiro, que não ficou estabelecido que a criança fosse sonâmbula, e que, em seguida, esse fenômeno teria se produzido em condições inteiramente insólitas: em lugar de chegar à noite, no meio do sono natural, viera em pleno meio-dia, e em plena vigília. Os passes magnéticos me parecem ser a causa do estado atual da criança: não lhe vejo outra."

O segundo médico assim declarou: "Eu vi a criança doente em 13 de outubro de 1858, estava em um estado sonambúlico, gozando de locomoção voluntária; ela recitava o catecismo. Meu filho viu-o na noite de 15: estava no mesmo estado e conjugava o *verbo poder*. Não foi senão algum tempo depois que eu soube que fora magnetizado, que um viajante houvera dito: Se ele não for desmagnetizado, talvez assim esteja por sua vida. Eu conheci, em minha juventude, um escolar no mesmo estado que, sendo curado sem meios médicos, tomou-se um homem distinguido na profissão que abraçou. Os acidentes que o doente experimenta não são senão perturbações nervosas: não há nenhum sintoma de epilepsia, nem de catalepsia."

O tribunal pronunciou o seguinte julgamento:

"Considerando que resulta dos debates que, em 15 de agosto de 1858, exercendo imprudentemente sobre a pessoa do jovem Jourdain, com idade de treze anos, toques, aproximações qualificadas como passes magnéticos, e pelo menos ferindo, por esse aparelho e essas manobras desacostumadas, a fraca imaginação dessa criança, o acusado produziu no paciente uma superexcitação, uma desordem nervosa, e, enfim, uma lesão ou uma doença, cujos acessos se reproduzem" desde aquela época em diversos intervalos;

"Que a ação de ter, por essas manobras imprudentes, ocasionado a dita lesão ou doença, constitui o delito previsto no artigo 320 do Código penal;

"Que o fato, do qual se trata, ocasionou à parte civil um prejuízo que deve ser reparado;

"Que existem circunstâncias atenuantes;

"O Tribunal condena o acusado a 25 francos de multa, 1200 francos de perdas e danos e às despesas e custas do processo."

Não temos nada a nos pronunciar sobre o julgamento em si mesmo; o tribunal esteve errado ou certo em condenar? A pena foi muito forte ou fraca? Isso não nos diz respeito; a justiça falou e nós respeitamos a sua decisão, mas examinaremos as conseqüências do julgamento que têm uma importância capital. Houve condenação, portanto, houve delito. Como o delito

foi cometido? A sentença diz: *por toques, e aproximações qualificadas passes magnéticos*; portanto, os toques e os passes magnéticos têm uma ação e não são puros fingimentos. Esses toques e esses passes diferem, portanto, em alguma coisa, dos toques e dos gestos comuns; mas, como distingui-los? Aí está uma coisa importante, porque, enfim, se não houvesse uma diferença, não se poderia tocar o primeiro que chega, nem fazer-lhes sinais, sem expor-se a fazê-lo cair em crise e sem incorrer numa multa. Não é o tribunal que deve nos ensinar, e muito menos nos dizer, como os passes e toques, *quando têm o caráter magnético*, podem produzir um efeito qualquer; ele constata o fato de um acidente e a causa do acidente, sua missão é apreciar o prejuízo e a reparação devida. Mas os peritos, chamados para esclarecerem o tribunal, sem dúvida, vão nos esclarecer a esse respeito; sem fazer um curso da matéria, devem motivar a sua opinião, como isso se faz em todos os casos de medicina legal, e provarem que falam com conhecimento de causa, porque é a primeira condição que o perito deve cumprir. Pois bem! Estamos tristes pela lógica desses senhores, mas suas declarações testemunham sua ignorância completa da coisa sobre a qual deveriam dar suas opiniões; não somente eles desconhecem o magnetismo, mas os fatos do sonambulismo natural não lhes são familiares, uma vez que pensam (os dois pelo menos), que não podem se produzir senão á *noite*, e durante o sono natural, o que está contraditado pela experiência.

Mas aí não está a parte mais notável de suas declarações, da primeira testemunha sobretudo: *Se negando, com razão, o magnetismo* diz ele, *não se pode admitir a magnetização*? Em verdade, não sei se isso é um torneio de lógica, mas confesso, com toda humildade que ele ultrapassa a minha inteligência, e que muitas pessoas estão como eu; porque isso significa dizer que se pode magnetizar sem magnetismo, absolutamente como dizendo-se que um homem pode receber golpes de bastão, mas que o bastão com o qual foi atingido não existe. Cremos firmemente que, segundo um ditado bem conhecido, e até prova em contrário, que, para dar golpes de bastão, é necessário um bastão, e, por analogia, que, para magnetizar, é necessário o magnetismo, tudo tão bem como para purgar é necessária uma purgação; nossa inteligência não vai até compreender os efeitos sem as causas.

Eu não nego o efeito, direis, eu o constato ao contrário; o que nego, é a causa que dais a esse efeito. Dissestes que entre os vossos dedos e o paciente há alguma coisa invisível que chamais fluido magnético; eu, eu digo que não há nada, que esse fluido não existe; ora, se esse fluido é o magnetismo, os vossos gestos são a magnetização. - De acordo; admitis, assim, que, simples gestos, sem intermediário, podem produzir crises nervosas, os efeitos sonambúlicos, catalépticos e outros, unicamente porque a imaginação foi ferida; seja, eu o admito. Quero muito que uma pessoa seja impressionada pela preparação desses gestos, e que essa impressão vai até fazê-la dormir em pleno meio-dia, e contra a sua vontade, o que já seria um fato muito notável, disso convireis. Mas esse sono é um sono natural causado, como o dizem alguns, pela monotonia dos movimentos? Nesse caso, como explicareis a instantaneidade do sono produzido em alguns segundos? Por que não despertais esse dorminhoco tão fácil em sacudindo-lhe o braço? Passo, como razoáveis, muitos outros fenômenos tão pouco explicáveis pelo vosso sistema; mas há um ao qual podereis, sem dúvida, dar a solução, porque não suponho que fizestes uma teoria sobre um assunto tão grave, sem assegurar-se que ela resolve todos os casos, teoria que deve ser tanto menos arriscada porque a anunciareis em pleno tribunal; portanto, deveis estar seguro de vós. Pois bem! Eu vos rogo, para instrução do público e de todas as pessoas bastante simples para crerem na existência do fluido magnético, consentir em resolver, pelo vosso sistema, as duas questões seguintes.

1° Se os efeitos atribuídos ao fluido magnético não são senão o resultado de uma imaginação ferida e fortemente impressionada, como se produzem com o desconhecimento da pessoa, então quando esta é magnetizada durante o seu sono natural, ou quando ela está num

cômodo vizinho, sem ver o magnetizador e sem saber que se é magnetizada?

2° Se os toques ou passes magnéticos podem produzir crises nervosas, e o estado sonambúlico, como esses mesmos passes e toques podem produzir efeito contrário, destruir o que fizeram, acalmar as crises nervosas mais violentas que ocasionaram, fazer cessar o estado sonambúlico subitamente, e como por uma ação de raio? É por um efeito da imaginação, então, que a pessoa não vê nem ouve o que se passa ao seu redor? Ou é preciso admitir que se pode agir sobre a imaginação sem o concurso da imaginação, o que seria bem possível, depois que se pode magnetizar sem magnetismo? Isso me lembra uma pequena anedota. Um imprudente manjava um fuzil; o tiro parte e mata um outro indivíduo. Um perito é chamado para examinar a arma; ele declara que o indivíduo foi morto por um tiro de fuzil, mas que o fuzil não estava carregado. Não é o caso do nosso magnetizador que ofende magnetizando, mas sem magnetismo? Seguramente o tribunal de Douai, em sua alta sabedoria, não se deteve sobre essas contradições, sobre as quais não devia se pronunciar. Como dissemos, ele não viu senão o efeito produzido; declara esse efeito produzido por *toques e passes magnéticos*, não tinha que decidir se existe em nós um fluido magnético; mas o julgamento não constatou menos de um modo autêntico que o magnetismo é uma realidade, de outro modo não teria condenado por fazer gestos insignificantes. Que isto seja um a lição para os imprudentes que jogam com o que não conhecem.

Esses Senhores, na opinião que emitiram, não viram que chegavam a um resultado diametralmente oposto ao seu objetivo, o de atribuir aos magnetizadores um poder que estes estão longe de reivindicar. Com efeito, os magnetizadores pretendem que não agem senão com a ajuda de um intermediário; que *quando esse intermediário lhes falta a sua ação é nula*; eles não se reconhecem o poder de darem golpes de bastão sem o bastão, e nem de matar com um fuzil descarregado. Pois bem! Em nome da teoria desses Senhores, fazem bem um outro prodígio, uma vez que atuam sem terem nada nas mãos, nem nada nos bolsos. Há coisas, verdadeiramente, que não podem ser tomadas a sério; nós lhes pedimos perdão, mas isso não rouba nada de seu mérito; eles podem ser muito hábeis e sábios médicos, e foi por esse título, sem dúvida, que o Tribunal os consultou; não nos permitimos criticar senão a sua opinião sobre o magnetismo. Terminamos com uma nota importante. Se o magnetismo é uma realidade, por que não é reconhecido oficialmente pela Faculdade? Haveria sobre isso muitas coisas a dizer; limitar-nos-emos a uma única consideração e a perguntar por que as descobertas mais acreditadas hoje não foram aceitas sem dificuldades pelos corpos sábios? Deixo a outros o cuidado de responder. O corpo médico está dividido, sobre a questão do magnetismo, como o está sobre a homeopatia, a alopatia, sobre a frenologia, sobre o tratamento do cólera, sobre as purgações e a sangria, e sobre tantas outras coisas, de tal sorte que uma opinião, pró ou contra, é sempre uma opinião individual que não tem força de lei; o que faz lei é a opinião geral, que se forma pelos fatos, apesar de toda oposição, e que exerce, sobre os mais recalcitrantes, uma pressão irresistível; é ao que se chega pelo magnetismo, como pelo Espiritismo, e não é ir muito longe dizer que a metade dos médicos reconhece e admite hoje o magnetismo, e que as três quartas partes dos magnetizadores são médicos; ocorre o mesmo com o Espiritismo, que conta, em suas fileiras, com uma grande quantidade de médicos e homens de ciência. Que importa, pois, a oposição sistemática, ou mais ou menos interessada, de alguns! Deixai passar o tempo, que varre os amores-próprios machucados e as preocupações mesquinhas; a verdade pode ser agitada, mas não sossobra, e a posteridade registra o nome daqueles que a combateram ou sustentaram. Se o magnetismo fosse uma utopia, há muito tempo não estaria mais em evidência, ao passo que, como o seu irmão, o Espiritismo, ele lança raízes por todos os lados; lutai, pois, contra as idéias que invadem o mundo inteiro: o alto e a base da escala social!

Os médiuns inertes

Revista Espírita, outubro de 1859

Entre as questões importantes que se prendem à ciência Espírita, a do papel dos médiuns foi mais de uma vez controvertida. O senhor Brasseur, diretor do Centro industrial, desenvolveu, a esse respeito, idéias particulares numa série de artigos muito bem redigidos, no *Moniteur de la toilette* (1), ((1)Journal dès salons. - Modas. - Literatura. - Teatros. Rua do Echiquier, 15.) e notadamente no número do mês de agosto último, do qual tomamos as passagens que citamos mais adiante. Ele nos honra pedindo a nossa opinião; dar-lha-emos com toda sinceridade, sem pretender que a nossa opinião faça lei. Deixamos nossos leitores e os observadores juizes da questão. Não teremos, de resto, senão que resumir o que dissemos em muitas ocasiões sobre esse assunto, que já tratamos com muito mais desenvolvimento do que poderíamos fazê-lo aqui, não podendo repetir o que se encontra nos diversos escritos.

Eis as passagens principais de um dos artigos do senhor Brasseur, seguidas de nossas respostas:

"O que é um médium? O médium é ativo ou passivo? Tais são as questões postas tendo em vista esclarecer um assunto que preocupa vivamente as pessoas desejosas de se instruírem sobre as coisas do outro mundo, e, conseqüentemente, de suas relações com este.

"No dia 18 de maio último, dirigi ao senhor presidente da *Sociedade Espírita* uma nota intitulada: *Do médium e dos Espíritos*, e depois então, pelo dia 15 de julho, o senhor Allan Kardec publicou um novo livro sob o título: *O que é o Espiritismo?* Abrindo-o, acreditava nele encontrar uma resposta categórica, mas em vão. O autor persiste em seus erros: "Os médiuns (diz ele, página 75) são AS PESSOAS aptas a receberem, de um modo patente, a impressão dos Espíritos, e a servirem de INTERMEDIÁRIAS entre o mundo visível e o mundo invisível."

A obra citada não é um curso de Espiritismo; é uma exposição sumária dos princípios da ciência para uso das pessoas que desejam dela adquirirem as primeiras noções, não podendo, num quadro tão restrito e com fim especial, entrar o exame da questão de detalhes e das diversas opiniões. Quanto à definição que damos dos médiuns, ela nos parece perfeitamente clara, e é por essa definição que respondemos à pergunta do senhor Brasseur O que é um médium? E possível que ela não responda à sua opinião pessoal; mas, quanto a nós, até o presente, não temos nenhuma razão para modificá-la.

"O senhor Allan Kardec não reconhece o médium *inerte*. Ele fala muito de caixas, papelão ou pranchetas, mas ele não vê (página 62) senão "os apêndices da mão, cuja inutilidade teria sido reconhecida..."

"Entendamo-nos."

"Segundo vós, o médium é um *intermediário* entre o mundo visível e o mundo invisível; mas, é *absolutamente necessário* que esse *intermediário* seja uma pessoa? Não basta que o invisível tenha a sua disposição um *instrumento qualquer* para se manifestar a nós?"

A isso responderemos decididamente: Não, não basta que o invisível tenha à sua disposição um instrumento qualquer para se manifestar, porque ele necessita do concurso fluídico de uma pessoa, e é essa pessoa que, para nós, é o verdadeiro médium. Se bastasse ao Espírito ter à sua disposição um instrumento qualquer, ver-se-iam cestas ou pranchetas escreverem sozinhas, o que jamais se viu. A escrita direta, que é o fato, em aparência, mais independente de toda cooperação, ela mesma não se produz senão sob a influência de médiuns dotados de uma aptidão especial. Uma consideração poderosa vem corroborar a nossa opinião. Segundo o senhor Brasseur, o instrumento é a coisa principal, a pessoa é acessória; segundo nós, é tudo ao contrário. Se fora de outro modo, por que as pranchetas não caminhariam com o primeiro que chegasse? Portanto, se é necessário, para fazê-la caminhar, estar dotado de uma aptidão especial, é porque o papel da pessoa não é puramente passivo. Por isso, essa pessoa para nós, é o verdadeiro médium; o instrumento não é, como dissemos, senão um apêndice da mão do qual se pode abster e isso é tão verdadeiro, que toda pessoa que escreve com uma prancheta pode escrever diretamente com a mão, sem prancheta e mesmo sem lápis, uma vez que pode traçar os caracteres com o dedo, ao passo que a prancheta não escreve sem a pessoa. De resto, todas as variedades de médiuns, assim como seu papel *ativo* ou *passivo*, estão amplamente desenvolvidas na nossa *Instrução prática sobre as manifestações*.

"A alma separada da matéria, pela dissolução do corpo, não tem mais nenhum elemento físico da humanidade."

E o perispírito, que fizestes dele? O perispírito é o laço que une a alma ao corpo, o envoltório semi-material que ela possui durante a vida, e que conserva depois da morte: é sob esse envoltório que ela se mostra nas aparições, e esse envoltório é tão bem uma matéria, embora etérea, que ele pode adquirir as propriedades da tangibilidade.

"Tomando o lápis diretamente, tem-se notado que a pessoa mistura os seus sentimentos e as suas idéias com as idéias e os sentimentos do invisível, de sorte que, assim, não dão senão *comunicações moderadas*; ao passo que empregando caixas, cartões e pranchetas, sob a mão de duas pessoas em conjunto, essas pessoas permanecem absolutamente estranhas às manifestações, que é, então, unicamente a do invisível: é por isso que eu declaro este último meio superior e preferível ao da Sociedade Espírita."

Essa opinião poderia ser verdadeira, se não estivesse contraditada pelos milhares de fatos observados, seja na *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos*, seja alhures, e que provam, até a evidência mais patente, que os médiuns animados, *mesmo intuitivos*, e com mais forte razão os médiuns *mecânicos*, podem ser instrumentos absolutamente passivos e gozarem da mais completa independência de pensamentos. No médium mecânico, o Espírito atua sobre a mão, que recebe um impulso inteiramente involuntário e desempenha o papel do que o senhor Brasseur chama *médium inerte*, quer esteja só ou armada de um lápis, ou apoiada sobre um objeto móvel munido de um lápis.

No médium intuitivo, o Espírito atua sobre o cérebro, que transmite, pela corrente do sistema nervoso, o movimento ao braço, e assim por diante. O médium mecânico escreve sem ter a menor consciência daquilo que produziu: o *ato precede ao pensamento*; no médium intuitivo, o pensamento acompanha o ato, e mesmo, algumas vezes, o precede: é então o pensamento do Espírito que atravessa o pensamento do médium; e se, algumas vezes, eles parecem se confundir, sua independência não é menos manifesta quando, por exemplo, o médium escreve, *mesmo por intuição*, coisas que ele não PODE SABER, ou inteiramente contrárias às suas idéias, à sua maneira de ver, às suas próprias convicções: em uma palavra, quando ele pensa branco e escreve preto. Há, por outro lado, tantos fatos espontâneos e imprevistos que

a dúvida não é permitida a quem foi capaz de observar. O papel do médium é aqui o de um intérprete que recebe um pensamento estranho, que o transmite, que deve compreendê-lo para transmiti-lo, e que, todavia, não o assimila. É assim que isso se passa nos médiuns falantes que recebem o impulso sobre os órgãos da palavra, como outros o recebem no braço ou na mão, e ainda nos médiuns *audientes* que ouvem claramente uma voz que lhes fala e lhes dita o que devem escrever. E que direis dos médiuns *videntes*, aos quais os Espíritos se mostram sob a forma que tinham durante a vida, que eles vêem circular ao nosso redor, irem e virem como a multidão que temos sob os olhos? E os médiuns impressivos que sentem os toques ocultos, a impressão de dedos, mesmo de unhas, que marcam na pele e deixam um vestígio? É este o fato de um ser que nada mais tem da matéria? E os médiuns de dupla vista que, perfeitamente despertos, e em pleno dia, vêem claramente o que se passa à distância? Não é uma faculdade própria, um gênero de mediunidade? A mediunidade é a faculdade dos médiuns; os médiuns são as pessoas acessíveis à influência dos Espíritos, e que podem lhes servir de intermediárias. Tal é a definição que se encontra no pequeno *Dictionnaire des Dictionnaires français abrégé*, de Napoléon Landais, e até o presente ela nos parece dar exatamente a idéia.

Não contestamos a utilidade dos instrumentos que o senhor Brasseur designa sob o nome de médiuns inertes, nome que está perfeitamente livre para dar-lhes, se julga útil fazer-lhes uma distinção; eles têm, incontestavelmente, uma vantagem para as pessoas que nada viram ainda; mas como a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos não se compõe de pessoas que nisso estejam no início, cujas convicções estão formadas, e não faz nenhuma experiência tendo em vista satisfazer a curiosidade do público, que ela não convoca às suas sessões, a fim de não ser perturbada em suas pesquisas e em suas observações, esses meios primitivos não lhe ensinariam nada de novo; é por isso que ela emprega meios mais rápidos, uma vez que ela tem uma experiência bastante grande da coisa para saber perfeitamente distinguir a natureza das comunicações que recebe.

Não seguiremos o senhor Brasseur em todos os raciocínios, sobre os quais apoia a sua teoria. Temeríamos enfraquecê-los truncando-os e, na impossibilidade de reproduzi-los integralmente, preferimos enviar aqueles dos nossos leitores que quiserem dele tomar conhecimento, ao jornal que ele redige, com um incontestável talento, e no qual se encontrarão, sobre o mesmo assunto, artigos do senhor Jules de Neuville, muito bem escritos, mas que não têm senão um erro aos nossos olhos, o de não estarem precedidos de um estudo suficientemente aprofundado da matéria, sem o que há muitas perguntas que ele julgaria supérfluas. Em resumo, nós persistimos, de acordo nisso com a Sociedade Espírita, em considerar as pessoas como os verdadeiros médiuns, que podem ser ativos ou passivos, segundo a sua natureza e a sua aptidão; chamamos, querendo-se, os instrumentos de *médiuns inertes*, é uma distinção talvez útil, mas se estaria em erro atribuindo-lhe o papel e as propriedades de seres animados nas comunicações *inteligentes*; dizemos inteligentes, porque é necessário ainda fazer a distinção de certas manifestações espontâneas puramente físicas. É um assunto que temos tratado amplamente na *Revista*.

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, outubro de 1859

Sexta-feira, 29 de julho de 1859 (Sessão geral).

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Comunicações. - Fatos curiosos de previsão de morte e de advertência de além-túmulo, chegados aos senhores de Chamissot e de Brunoy, emigrantes que moraram em Clobentz em 1794; o outro à senhora a condessa Ch.... (Serão publicados.)

Observações microscópicas e analíticas sobre a matéria da escrita direta. (Ver o número do mês de agosto de 1859.)

Leitura de uma carta em resposta à remessa da evocação do senhor J. (da Sarthe); feita na sessão de 22 de julho.

Estudos. - Perguntas complementares relativas ao repouso dos Espíritos. As respostas não pareceram à altura do Espírito evocado, do qual não se reconhece nem a clareza, nem a precisão habituais. Não dando essas respostas nenhuma solução satisfatória, a Sociedade não as tem em nenhuma conta.

Perguntas dirigidas a François Arago, a respeito das respostas equivocadas acima. Ele disse que o Espírito que respondeu não foi aquele que se chamou. Esse Espírito, acrescentou ele, não é mau, mas é pouco avançado, e incapaz de resolver certas questões. Foi-lhe permitido fazer para vos exercitar na apreciação das respostas, e dar-lhe, a ele mesmo, uma lição.

Perguntas, ao mesmo, sobre a análise química da matéria da escrita direta

Perguntas, ao mesmo, sobre as tempestades e o papel dos Espíritos nos fenômenos da Natureza. (Publ. no n° de setembro.)

2ª. Evocação do senhor J... (da Sarthe), segundo a carta acima relatada. (Publicada no n° de setembro, sob o título de *Morte de um Espírita.*)

Sexta-feira, 2 de setembro de 1859 (Sessão particular).

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Assuntos administrativos. Apresentação e admissão de dois novos membros titulares, e de um membro correspondente em Madrid.

Comunicações. Carta do senhor Det..., membro da Sociedade, na qual cita uma passagem

notável, extraída da lista de Paris de Mercier, edição de 1788, 12^o vol. e intitulada *Spiritualistes*. Essa passagem constata a existência, nessa época, de uma Sociedade formada em Paris, e tendo por objeto as comunicações com os Espíritos. Ele fornece, assim, uma nova prova de que o Espiritismo não é criação moderna, e que era aceito pelos homens mais recomendáveis. (Publicada adiante.)

O senhor S... fez observar, a esse respeito, que por essa época um chamado *Martinez Pascalis* fundara a seita dos *Martinistas*, que pretendia também estar em relação com os Espíritos por meios que os iniciados se obrigavam a manter secretos.

Carta do senhor doutor B... de Nova Iorque, que agradece a Sociedade pelo título de correspondente que lhe foi conferido, e dá interessantes detalhes relativamente à exploração mercantil do Espiritismo na América.

Comunicação de várias cartas do senhor Dumas, membro titular da Sociedade, em Sétif (na Argélia), e que contém uma grande quantidade de evocações, das quais várias oferecem um interesse sério do ponto de vista do estudo. Elas constatam que vários médiuns se formaram nesse país, e que o Espiritismo ali é objeto de uma grande preocupação. Entre os fatos que ele cita, assinala-se notadamente o seguinte. Um carvoeiro, muito pouco letrado, tendo tentado escrever como médium, não obteve, de início, senão traços irregulares com os quais encheu, sucessivamente, seis páginas; surgindo a idéia de colocar essas páginas uma em seguida das outras, verificou-se que todos esses traços concordavam entre si, e formavam um conjunto. Depois, essa mesma pessoa escreveu páginas inteiras com uma grande facilidade, mas a abundância, a prolixidade e a natureza de certas comunicações podem fazer temer uma obsessão.

O senhor Allan Kardec dá conta de um fato de manifestação espontânea que se produziu em sua casa, numa reunião e em circunstâncias notáveis. A princesa S..., presente à reunião, testemunhando o desejo de evocar o doutor Beaufils, seu médico, morto há oito meses, três médiuns, entre os quais se encontrava a filha da princesa, muito boa médium ela mesma, foram tomados por movimentos convulsivos violentos, partindo os lápis e rasgando o papel. O Espírito intimado a se fazer conhecer, acabou por dizer, depois de muita hesitação, que não ousava dizer o seu nome. Acossado por perguntas, respondeu que sabiam o seu nome pelos jornais; que era um miserável; que ele havia' matado; que fora o jovem açougueiro, assassino da rua da Roquette, executado recentemente. Interrogado sobre os motivos de sua presença sem haver sido chamado, ele disse que fora enviado por outros Espíritos, *a fim de convencer que os médiuns não escrevem seu pensamento*; terminou pedindo para que tivessem a bondade de orar por ele, porque se arrepende de sua conduta, e que ele sofre. Com a promessa que lhe foi feita de aceder ao seu desejo, e depois de dar-lhe alguns conselhos, retirou-se. O doutor Beaufils veio então; respondeu com muita calma e lucidez às diversas perguntas que lhe foram dirigidas.

Essa comunicação foi, com efeito, uma prova manifesta da independência dos médiuns, porque todos os membros da reunião estavam preocupados com a evocação do doutor, e ninguém pensava nesse homem, que veio surpreender todo o mundo em se manifestando, por sinais idênticos, nos três médiuns diferentes, que não tinham à mão nem cartões e nem pranchetas.

Leitura de uma comunicação espontânea obtida pelo senhor R..., membro da Sociedade, sobre a antigüidade das crenças espíritas, e as marcas que elas deixaram em todas as religiões. (Publicada adiante.)

Estudos. Evocação de Privai d'Anglemont. (Será publicada.)

Evocação do avaro milionário de Lyon, conhecido sob o nome do pai Crépin. (Será publicada.)

Sexta-feira, 9 de setembro de 1859 (Sessão geral).

Leitura da ata e dos trabalhos da última sessão.

Comunicações. Leitura de uma comunicação espontânea, obtida pelo senhor o visconde d'H..., médium recentemente formado, e transmitida pelo senhor D..., membro da Sociedade. (Será publicada)

Outra comunicação espontânea obtida pelo mesmo, da parte do doutor Olivier, que se apresentou sem ser chamado. Essa comunicação tem isso de muito importante, que ela mostra esse Espírito em uma situação idêntica à de Voltaire, tal como este a descreveu em suas Confissões, .publicadas na Revista do mês de setembro. Ele duvida de tudo, mesmo de Deus; ele erra e não encontra ninguém para esclarecê-lo, o que o mergulha numa ansiedade tanto mais penosa quanto não lhe. vê o fim. As palavras de consolação que o médium lhe dirigiu parecem ser, para ele, um rasgo de luz e um alívio. Ele se propôs retornar. (Será publicada.)

O senhor Allan Kardec dá conta de um fato notável de obsessão da parte de um Espírito brutal, antigo carreteiro, sobre a pessoa do senhor C..., muito bom médium. Esse fato confirma, por outro lado, a possibilidade dos lugares freqüentados por certos Espíritos. (Será publicado.)

Os Espíritos barulhentos de Madrid; relação de um fato narrado, sem comentário, por um jornal de Madrid, a respeito de uma casa dessa cidade, que os ruídos e os transtornos noturnos tornaram inabitável, e contra os quais as investigações e as medidas da polícia haviam fracassado.

Estudos. Perguntas sobre a avareza, a propósito da evocação do pai Crépin de Lyon. (serão publicadas em continuação dessa evocação).

Evocação de Privai d'Anglemont, 2a. conversa. (Será publicada.)

Evocação do senhor Julien S..., feita a pedido do senhor de Boux-hors.

Evocação do senhor Adrien de S..., feita por uma pessoa estrangeira, assistindo à sessão. Essa evocação, embora tendo um interesse todo pessoal, oferece um sinal característico no que se refere à influência exercida pelos Espíritos errantes sobre os Espíritos encarnados.

A sepultura de Saint-Leu. Procurando a sepultura do grande chanceler Pasquier, na Igreja de Saint-Leu, em Paris, dia 27 de julho de 1859, os operários, tendo descoberto uma parede, encontraram, sob o coro, com 5 metros de comprimento, 4 de altura e 2 de largura, uma sepultura hermeticamente fechada com uma laje. Nessa sepultura, encontravam-se quinze a vinte esqueletos sem caixões e em diferentes posições, o que anunciava que não haviam sido sepultados. Na parede encontrou-se escrito, com um instrumento pontiagudo: Marvé, 1733; Chenest, 1733; Marx, criança do coro, 1727; Charles Remy, 1724; Gabriel, 1727; Thievan, 1723; Maupain, 1728, e vários nomes ilegíveis.

Perguntou-se ao Espírito de São Luís se era possível evocar um dos Espíritos cujos nomes se achavam na sepultura, a fim de obter dele esclarecimentos sobre essa descoberta. Ele respondeu: "Eu vos aconselho deixar isso de lado; há crimes neste assunto, muito recente e não se deve exumar nada que lhe concerne."

Verteuil, antigo autor dramático e ator do teatro da Cite. Era um homem jovem de espírito, de uma bondade notável e gozando de uma fortuna muito grande. Em pouco tempo, ele perdeu todos os seus haveres por uma bancarrota, depois a palavra, a audição e a visão. Morreu em Bicêtre, onde ficou vinte anos surdo, mudo e cego, não recebendo comunicações senão quando se lhe traçavam caracteres na cavidade da mão; então, ele respondia por escrito. Essa posição excepcional parecia dever oferecer um interessante objeto de estudo psicológico. O Espírito de São Luís, consultado a esse respeito, respondeu: "Não o evoqueis, ele está reencarnado." Depois, ele forneceu diversas informações sobre os antecedentes desse jovem, as causas e as circunstâncias de sua enfermidade. (Ver, para os detalhes dessa tocante história, a *Paine* de 26 de julho de 1859).

Evocação do antigo carreteiro, de quem se deu conta nas comunicações. Ele se manifestou por sinais de violência, quebrando os lápis que cravava no papel com força, e por uma escrita grossa, irregular e pouco legível. Essa evocação apresentou um caráter notável, sobretudo do ponto de vista da influência que o homem pode exercer sobre certos Espíritos inferiores pela prece e os bons conselhos. (Será publicada.)

Sexta-feira, 16 de setembro de 1859. (Sessão particular.)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão do dia 9 de setembro.

Comunicações. Leitura de um artigo do *Illustration* de 1853, comunicado pelo senhor R..., e intitulado *As Mesas voadoras*. Esse artigo constata, segundo um jornal russo, *Sjevernava Plschela*, do dia 27 de abril de 1853, e segundo os documentos fornecidos pelo senhor Tscherepanoff, que os fenômenos das mesas que se movem é conhecido e praticado desde tempos imemoriais na China, na Sibéria e entre os Kalnouks da Rússia meridional. Entre estes últimos, notadamente, servem-se desse meio para encontrar objetos perdidos. (Publicado adiante.)

O senhor Dorgeval dirigiu à Sociedade um poema intitulado *Uranie*, do senhor de Porry, de Marseille, no qual os pontos fundamentais da Doutrina Espírita estão claramente enunciados, embora o autor não tivesse, na época em que o compôs, nenhuma noção desta ciência. O que não é menos digno de nota é que o senhor de Porry parece ter escrito seu poema por uma espécie de faculdade medianímica; é a noite, no semi-sono, que os versos se formulam no seu pensamento, e ele os escreve no dia seguinte ao despertar. Foi feita a leitura de vários fragmentos desse poema, que serão publicados na Revista.

Carta do senhor P..., de Marseille, contendo uma comunicação de um Espírito que se faz conhecer sob o nome de Paul, e uma de São Luís, notável por diversas respostas de uma grande profundidade.

Leitura de uma comunicação espontânea feita ao senhor R..., membro da Sociedade, pelo açougueiro assassino da rua de la Roquette, que foi assunto da sessão de 2 de setembro, e que se interpôs numa reunião que ocorreu na casa do senhor Allan Kardec. Esse

Espírito veio agradecer por teremorado por ele, assim como tinha pedido. Essa comunicação é notável pelos bons pensamentos que encerra, que lança uma nova luz sobre a assistência que se pode dar aos Espíritos sofredores. (Será publicada)

Estudos. Foi perguntado ao Espírito de São Luís se independentemente dos assuntos previamente elaborados, os Espíritos consentiriam em darem comunicações espontâneas sobre um assunto à sua escolha. Ele respondeu afirmativamente, e que César escreverá a próxima vez por intermédio do senhor R..., e com o consentimento deste último.

O senhor Col..., presente na sessão como ouvinte, perguntou se consentiam que fizesse a evocação de seu filho cuja morte, para a mãe, é um motivo de dor que nada pode abrandar. Devendo reencontrá-la no dia seguinte, desejaria narrar-lhe a conversa como objeto de consolação. Essa evocação, não tendo senão um interesse pessoal, não será publicada

Exame da teoria do senhor Basseur sobre os médiuns. Ele considera os cartões, pranchetas e outros instrumentos como os únicos e verdadeiros médiuns, que qualifica de *médiuns inertes*, tendo em vista que, diz ele, nos médiuns animados há sempre mais ou menos participação do pensamento pessoal. Vários membros tomaram parte da discussão, e concordaram em combater a opinião do senhor Basseur, fundada, dizem eles, sobre uma observação incompleta, tendo em vista que a independência absoluta do médium animado está provada por fatos irrecusáveis. Um dos argumentos que se opõe ao senhor Basseur, é que os cartões e pranchetas não falam jamais sozinhos, de onde resulta que não são senão instrumentos, ou, como se diz, apêndices dos quais se pode passar: é o acessório e não o principal. A prancheta armada com lápis e influenciada pela pessoa, não é mais médium do que o lápis colocado diretamente na mão da pessoa

O senhor Samson leu alguns versos que compôs em honra a São Luís, e agradecendo a cura da qual foi objeto. Como não se reconhece por poeta, perguntou por qual Espírito foram inspirados. Ele respondeu-lhe que foi o seu, penetrado de um justo reconhecimento por aquele que aliviou suas dores.

Evocação de Swedenborg. - À evocação, feita pelo senhor Allan Kardec, respondeu: Fale, meu velho amigo. - Honrais-me com o título de vosso velho amigo, e não obstante estarmos longe de sermos contemporâneos, e não vos conheça senão pelos vossos escritos. - É verdade, mas eu, eu te conheço há muito tempo. - Desejaríamos vos dirigir várias perguntas sobre diversos pontos da vossa doutrina, mas, tendo em vista a hora avançada, nosso objetivo é somente perguntar-vos se consentiríeis em fazê-lo na próxima sessão. - R. Com prazer. Deixai-me, desde hoje, fazer uma correção aos meus escritos, correção importante para mim. Quando escrevi minha doutrina, pretendi, segundo os conselhos do mundo celeste que me ditava, que cada povo se encontrava, no céu, numa esfera separada, e que o caráter distintivo, de cada nação, apareceria ainda não por indivíduos, mas por grandes famílias. A experiência me convenceu que isso não é assim.

Não há também outros pontos sujeitos a contestações? - R. Sim, muitos outros, mas este é um dos mais importantes.

- Temos aqui vários médiuns; entre eles há um que preferis para vos comunicar conosco? - R. Não... e, não obstante, sim: a escolha que farei será um médium mecânico, como os chamais, e pronto ao mesmo tempo.

Sexta-feira, 23 de setembro de 1859. (Sessão geral.)

Leitura da ata e da sessão do dia 16.

Apresentação de quatro candidatos como membros titulares. Sua admissão será discutida na próxima sessão particular do dia 7 de outubro, e decidida se houver lugar.

Comunicações. - Leitura de uma carta de Rouen, que narra um fato autêntico, passado na família da pessoa que escreveu, da aparição de sua avó no momento de sua morte.

Outro fato recente de aparição e de advertência de além-túmulo. O senhor D..., doutor em medicina, de Paris, havia cuidado durante algum tempo de uma jovem atingida por uma doença incurável e que, no momento, não morava mais em Paris. Há mais ou menos quinze dias, o senhor D... foi despertado por pancadas na porta de seu quarto de dormir. Crendo que vinham chamá-lo para um enfermo, perguntou: Quem está aí? No mesmo instante, ele viu a jovem de pé diante dele, que lhe disse, num tom de voz muito distinto: "Sou eu, senhor D..., venho vos dizer que morri." Com a informação, veio a saber que essa mulher morreu na mesma noite de sua aparição.

Fato curioso de separação momentânea da alma e do corpo chegada, há alguns dias, ao senhor C., médium da Sociedade. (Será publicada com as outras comunicações do mesmo Espírito.)

Estudos. - Três comunicações espontâneas foram prometidas para esta sessão: uma de César, uma de Swedenborg, e uma de Privat d'Anglemont. Foram escritas, simultaneamente, por três médiuns diferentes, todos mecânicos.

Diversas perguntas são endereçadas a Swedenborg sobre alguns dos pontos de sua doutrina, que reconheceu como errôneos. Leitura preliminar de uma nota biográfica sobre o mesmo, preparada pela senhora P., membro da Sociedade. (Serão publicadas).

O senhor Det..., membro da Sociedade, preparara sobre César uma série de perguntas muito sábias, mas as explicações espontâneas desse Espírito tornaram a maioria dessas questões supérfluas; todavia, elas serão examinadas, e serão escolhidas aquelas que se creia útil propor ulteriormente.

O senhor Dumas, de Sétif, membro titular da Sociedade, está presente na reunião. Ele pede para fazer a evocação de alguns dos Espíritos que a ele se manifestaram, a fim de ter um controle das comunicações que obteve na Argélia. Os resultados dessas evocações foram idênticos e confirmam as respostas que lhe deram. Quanto à questão de saber se ele pode concorrer eficazmente na propagação do Espiritismo, na África, respondeu que não somente ele pode, mas também que o deve.

Sociedade Espírita no século XVIII

Revista Espírita, outubro de 1859

SENHOR PRESIDENTE,

"Não é de 1853, época em que os Espíritos começaram a manifestar-se pelo movimento as mesas e pelas pancadas, que data a renovação das evocações. Na história do Espiritismo, que lemos em vossas obras, não fazeis menção de uma Sociedade como a nossa, cuja existência, para minha grande surpresa, me foi revelada por *Mercier*, em seu painel de Paris, edição de 1788, capítulo intitulado: *Espiritualistas*. 12º volume. Eis o que ele disse:

"Por que a teologia, a filosofia e a história fazem menção de várias aparições de Espíritos, de gênios ou de demônios? A crença de uma parte da antigüidade era de que cada homem tinha dois Espíritos, um bom que o chamava à virtude, outro mau que o convidava para o mal.

"Uma *seita nova* acredita no retorno dos Espíritos neste mundo. Ouvi várias pessoas que estavam realmente persuadidas de que existem meios para evocá-los. Estamos rodeados de um mundo que não percebemos. Ao nosso redor estão seres dos quais não fazemos idéias; dotados de uma natureza intelectual superior, eles nos vêem. Nada de vazio no Universo: eis o que asseguram os adeptos da *ciência nova*.

"Assim, o retorno das almas dos mortos acreditado em toda a antigüidade, do qual nossa filosofia zombava, está adotado hoje *por homens que não são nem ignorantes, nem supersticiosos*. Todos esses Espíritos, aliás, chamados na Escritura os *Príncipes do ar* estão sempre sob a vontade arbitrária do senhor da Natureza. Aristóteles disse que os Espíritos aparecem freqüentemente aos homens pelas necessidades uns dos outros. Não faço mais que reportar aqui o que os partidários da existência dos gênios nos dizem.

"Crendo-se na imortalidade da alma, é necessário admitir que essa multidão de Espíritos pode se manifestar depois da morte. Entre essa grande quantidade de prodígios dos quais todos os países da Terra estão cheios, *se um só ocorreu, a incredulidade é injusta*. Creio, portanto, que não haveria menos temeridade em negar do que em sustentar a verdade das aparições. Estamos num mundo desconhecido."

Não cê acusará *Mercier* de incredulidade e de ignorância, e vemos, no extrato que precede, que ele não rejeitava *a priori* as manifestações dos Espíritos, embora não tivesse ocasião de ser delas testemunha. Mas um homem sábio suspenderia seu julgamento até estar mais informado. Já, a propósito do magnetismo, havia dito: "Isso é tão misterioso, tão profundo, tão incrível, que é necessário rir ou cair de joelhos; não faço nem um e nem o outro: *eu observo e eu espero*."

Seria interessante saber porque essas evocações, renovadas em 1788, ficaram interrompidas até 1853. Seria porque os membros da Sociedade, que delas se ocupavam, pereceram durante a Revolução? É deplorável que *Mercier* não tenha dado a conhecer o nome do presidente dessa Sociedade.

Aceitai, etc.

"Det....."

Membro titular da Sociedade."

Nota. O fato narrado por Mercier tem uma importância capital da qual ninguém desprezará o alcance. Ele prova que, desde essa época, homens recomendáveis pela sua inteligência se ocupavam seriamente com a ciência espírita. Quanto à causa que levou à cessação dessa Sociedade, sem dúvida, é provável que as perturbações que surgiram lhe foram uma grande parte; mas não é exato dizer que as evocações foram interrompidas até 1853. Em torno desta última época, é verdade, as manifestações tomaram um maior desenvolvimento, mas está averiguado que elas jamais cessaram. Em 1818, temos entre as mãos uma notícia manuscrita sobre as Sociedades Teosóficas que existiam no começo deste século, e que pretendiam que, pelo recolhimento e pela prece, poder-se-ia colocar-se em comunicação com os Espíritos; era provavelmente seqüência daquela da qual fala Mercier. Desde 1800, o célebre abade Faria, de acordo com um cônego seu amigo, antigo missionário no Paraguai, se ocupava da evocação e obtinha comunicações escritas. Todos os dias aprendemos que pessoas as tinham em Paris, bem antes que não fosse questão dos Espíritos da América. Mas é necessário dizer também que, antes dessa época, todos aqueles que possuíam esse conhecimento dele faziam mistério; hoje, que está no domínio público, ele se vulgariza, eis toda a diferença, e se fora uma quimera não seria implantada em alguns anos, nas cinco partes do mundo; o bom senso já lhe teria feito justiça, precisamente porque cada um é capaz de ver e de compreender. Ninguém, sem dúvida, não contestará o progresso que essas idéias fazem cada dia, e isso nas classes mais esclarecidas da sociedade. Ora, uma idéia sobre a qual se chama o raciocínio, que cresce em pleno dia, pela discussão e pelo exame, não tem os caracteres de uma utopia.

Conversas familiares de além-túmulo - O pai Crépin

Revista Espírita, outubro de 1859

(Sociedade; 2 de setembro de 1859.)

Os jornais anunciaram ultimamente a morte de um homem que morava em Lyon, onde era conhecido sob o nome de pai Crépin. Era várias vezes milionário, e de uma avareza rara. Nos últimos tempos de sua vida, ele veio morar na casa do casal Favre, que se obrigou a alimentá-lo mediante 30 centavos por dia, dedução de 10 centavos para seu tabaco. Ele possuía nove casas e morava antes numa delas, numa espécie de nicho que mandou fazer sob a escada. Na época dos aluguéis ele arrancava os cartazes das ruas para se servir desses papéis nos seus recibos. O decreto municipal que prescrevia o branqueamento das casas causou-lhe um violento desespero; ele fez gestões para obter uma exceção, mas isso foi inútil. Ele bradava que estava arruinado. Se não tivera senão uma casa, estaria resignado; mas, acrescentava, ele tinha nove delas.

1. *Evocação.* - R. Eis-me aqui, que quereis de mim? Ai! Meu ouro! Meu ouro! Em que se tornou?
2. Lamentais a vida terrestre? - R. Oh! Sim!
3. Por que a lamentais? - R. Não posso mais tocar meu ouro, contá-lo e ocultá-lo.
4. Em que empregais o vosso tempo? - R. Estou ainda bem ligado à Terra e me arrependo dificilmente.
5. Retomais, algumas vezes, para ver vossos caros tesouros e vossas casas? - R. Tão freqüentemente quanto o posso.
6. Quando vivo jamais pensastes que não levarias tudo isso para o outro mundo? - R. Não. Minha única idéia era interessar pelas riquezas para amontoá-las; jamais pensei em separar-me delas.
7. Qual era o vosso objetivo amontoando essas riquezas que não serviam para nada, nem mesmo a vós, uma vez que vivíeis de privações? - R. Eu experimentava a volúpia de tocá-las.
8. De onde vos vinha essa avareza sórdida? - R. Do gozo que sentia meu Espírito e meu coração ao ver muito dinheiro. Não tive senão essa paixão nesse mundo.
9. Compreendeis que isso era da *avareza*? - R. Sim, compreendo agora que era um miserável; entretanto, meu coração é ainda muito terrestre, e sinto uma certa alegria ao ver meu ouro; mas não posso apalpá-lo, e isso é um começo de punição na vida em que estou.

10. Não sentíeis, pois, nenhum sentimento de piedade para com os infelizes que sofriam a miséria, e jamais vos chegou, portanto, o pensamento de aliviá-los? - R. Por que não tinham dinheiro? Tanto pior para eles!

11. Lembrai-vos da existência que tivestes antes daquela que acabastes de deixar? - R.- Sim, eu era pastor, bem infeliz de corpo, mas feliz de coração.

12. Quais foram vossos primeiros pensamentos quando vos reconhecestes no mundo dos Espíritos? - R. Meu primeiro pensamento foi procurar minhas riquezas, e sobretudo o meu ouro. Quando não vi senão o espaço, fui bem infeliz; meu coração se atormentou, e remorso começou a se apoderar de mim. Quanto mais me irava, mais sofria pela minha avareza terrestre.

13. Qual é para vós, agora, a conseqüência da vossa vida terrestre? - R. Inútil diante da eternidade, mas infeliz para mim diante de Deus.

14. Prevedes uma nova existência corporal? - R. Não o sei.

15. Se deveríeis ter, proximamente, uma nova existência corporal, qual escolheríeis? - R. Eu escolheria uma existência que pudesse me tornar útil aos meus semelhantes.

16. Quando vivo não tínheis amigos na Terra, porque um avaro como vós não pode tê-lo; tende-os entre os Espíritos? - R. Não chamei nunca por ninguém; meu anjo guardião, a quem muito ofendi, foi o único que teve piedade de mim.

17. Na vossa entrada no mundo dos Espíritos, houve quem viesse vos receber? - R. Sim, minha mãe.

18. Já fostes evocado por outras pessoas? - R. Uma vez por pessoas que maltratei.

19. Não estivestes na África num centro onde se ocupa com os Espíritos? - R. Sim, mas todas essas pessoas não tinham nenhuma piedade de mim, e foi bem penoso; aqui se é compassivo.

20. Nossa evocação vos aproveitará? - R. Muito.

21. Como adquiristes vossa fortuna? - R. Eu ganhei um pouco lealmente; mas extorqui muito e um pouco roubei meus semelhantes.

22. Podemos fazer alguma coisa por vós? - R. Sim, um pouco de vossa piedade para uma alma em pena.

(Sociedade, 9 de setembro de 1859).

QUESTÕES DIRIGIDAS A SÃO LUÍS A PROPÓSITO DO PAI CRÉPIN.

1. O pai Crépin, que evocamos a última vez, era um tipo raro de avareza; ele não pôde dar-nos explicações sobre a causa dessa paixão nele; seria bastante bom para supri-lo? Ele nos disse que fora pastor, muito infeliz de corpo, mas feliz de coração; não vemos aí nada que

pudesse desenvolver nele essa avareza sórdida; poderíeis dizer-nos o que pôde fazê-la nascer? -R. Ele era ignorante, inexperiente; pediu a riqueza; ela lhe foi concedida, mas como punição de seu pedido; ele não recomeçará mais, crede-o bem.

2. O pai Crépin nos oferece o tipo da avareza ignóbil, mas essa paixão tem nuances. Assim, há pessoas que não são avaras senão para outros; perguntamos qual é o mais culpável se aquele que amontoa pelo prazer de amontoar, e se recusa mesmo o necessário, ou aquele que, não se privando de nada, é avarento quando se trata do menor sacrifício para o seu próximo? - R. É evidente que o último é mais culpável, porque é profundamente egoísta; o outro é louco.

3. O Espírito, nas provas que deve suportar para chegar à perfeição, deve sofrer todos os gêneros de tentação, e poder-se-ia dizer que, para o pai Crépin a vez da avareza chegou no meio das riquezas que estavam à sua disposição, e que o sucumbiu? - R. Isso não é geral, mas é exato para ele. Sabeis que há os que, desde o início, tomam um caminho que os isenta de muitas provas.

Senhora E. de Girardin, médium

Revista Espírita, outubro de 1859

Extraímos o artigo seguinte da crônica do *Paris-Journal*, n° 44. Ele não necessita de comentário; ele mostra que se, como o dizem muito pouco polidamente aqueles que se arrogam, sem cerimônia, o privilégio do bom senso, todos os partidários do Espiritismo são loucos, pode se consolar, e mesmo se honrar, por ir às Petites-Maisons em companhia de inteligências da tempera da senhora de Girardin, e tantas outras.

"Eu vos prometi, outro dia, a história da senhora de Girardin e de um célebre doutor; eu vo-la contarei hoje, porque disso obtive a permissão; ela é muito curiosa. Permaneceremos ainda no sobrenatural; dele se ocupa, mais que nunca, e nós que, pela nossa condição, sondamos Paris, encontramos-lo com um ligeiro acesso de febre quente a esse respeito. Decididamente, é uma necessidade para a imaginação humana saber o futuro e penetrar os mistérios da Natureza. Quando se vêem inteligências como de Delphine Gay se entregar a essas práticas, que são consideradas pueris, não se pode recusar-lhe uma certa importância, sobretudo quando estão apoiadas em testemunhos irrecusáveis, tais como aquele de que vos falei e que ides conhecer, - eu entendo o testemunho, mas não o doutor, - se aceitardes.

"A senhora de Girardin tinha uma pequena prancheta e um lápis; ela os consultava sem cessar. Tinha, assim, conversas com muitas celebridades da história, sem contar o diabo que com elas se misturavam também. Uma noite mesmo ele revelou-se a sério personagem que não teve medo dele, uma vez que seu estado era de expulsá-lo. A grande Delphine não fazia nada sem o conselho da sua prancheta; pedia-lhe conselhos literários que esta não lhe recusava; ela era, mesmo para o ilustre poeta, de uma severidade magistral. Assim, repetia-lhe sem cessar para não mais fazer tragédias, sem consideração para os versos maravilhosos que continham *Judith e Cléopâtre*. Quem vai representar uma tragédia? Os fanáticos da poesia dramática. O que eles procuram numa tragédia? Eles procuram belos versos que os comovem e os tocam, e *Judith e Cléopâtre* formulam desses pensamentos de mulher, expressos por uma mulher de um espírito e de um coração eminentes, cujo talento não é contestado por ninguém. Enfim, a prancheta não o queria, obstinava-se na prosa e na comédia; ela colaborava para os desfechos e corrigia as superfluidades.

Não somente Delphine confiava-lhe seus trabalhos literários, mas contava-lhe ainda seus sofrimentos e atendia suas prescrições para a sua saúde. Ai! Essas prescrições, ditadas pela imaginação da doente ou pelo demônio, contribuíram para que nós o elevássemos. Ela tomava remédios incríveis, fatias de pão com manteiga e pimenta, pimentas, instrumentos de destruição por uma natureza inflamável tal qual aquela; encontraram-se provas, depois de sua morte, das quais seus amigos e seus admiradores não se consolarão jamais.

"Todo o mundo conhecia Chasseriau, violento, ele também, em sua flor da idade. Ele fez de lembrança um retrato soberbo da bela defunta; foi gravado e está por toda parte hoje. Ele levou o retrato ao doutor em questão e lhe perguntou se estava contente com o retrato; este fez algumas ligeiras observações. O pintor ia render-se, quando a idéia veio a ambos de se dirigirem ao próprio modelo. Eles colocaram as mãos sobre a prancheta, a senhora de Girardin logo se revelou. Compreende-se qual foi a sua emoção. Interrogada sobre o retrato, ela disse que não era perfeito, que não era necessário, entretanto, corrigi-lo, para que não se corresse o risco de estragá-lo, a semelhança sendo muito delicada e muito difícil de se tomar,

quando não se tem outro guia senão a memória. Fizeram outras perguntas; as quais umas ela recusou responder, as outras respondeu.

"Pede-se informação do lugar onde ela estava.

"- Eu não quero dizer-lo, replicou.

"E apesar de todas as rogativas, nada se pôde obter sobre esse ponto.

"- Sois feliz?

"- Não.

"- Por quê!

"- Porque não pude mais ser útil àquele que eu amo." Ela permaneceu muda obstinadamente, enquanto se lhe falou da outra vida e não deu nenhuma informação; não disse mesmo se isso lhe estava proibido, ou se ela agira de sua plena vontade. Depois de uma longa conversa, ela se foi. Foi feita a ata desta sessão. As duas testemunhas se foram dali tão impressionadas que não mais recomeçaram depois. O doutor poderia agora chamar aquele que o assistia nesse dia e ter esses dois grandes Espíritos na sua prancheta. Como tudo passa neste mundo! E que ensinamento nesses fatos estranhos se os tomarmos do ponto de vista filosófico e religioso!"

As mesas voadoras

Revista Espírita, outubro de 1859

Sob este título encontramos o artigo seguinte em *o Illustration* de 1853, precedido de gracejos forçados dos quais pedimos perdão aos nossos leitores.

"Mas se trata das mesas girantes! Eis as mesas voadoras! E o fenômeno não se produziu hoje, ele existe há muitos anos. Onde? perguntais. Minha fé, está um pouco longe, na Sibéria! Um jornal russo, *Sjévemavà Plschelà* ou *a Abeille du Nord*, em seu número do dia 27 de abril último, contém sobre esse assunto um artigo do senhor Tscherepanoff, que viajou no país dos Kamouks. Eis um extrato dele.

"É necessário saber que os lamas, sacerdotes da religião budista, à qual aderiram todos os Mongols e os Bourètes russos semelhantes nisso aos sacerdotes do antigo Egito, não comunicam os segredos que inventaram, mas deles se servem, ao contrário, para aumentar a influência que exercem sobre um povo naturalmente supersticioso. É assim que eles pretendem reencontrar os objetos roubados, e, para esse fim, servem-se da mesa *voadora*, as coisas se passam da seguinte maneira:

"A vítima do roubo se dirige ao lama, pedindo-lhe para revelar o lugar onde os objetos estão escondidos. O sacerdote de Buda pede dois ou três dias para se preparar para essa grave cerimônia. Expirado o tempo, ele se assenta na terra, coloca diante de si uma pequena mesa quadrada, põe a mão em cima e se põe a ler um livro de mágicos; o que dura uma meia hora. Quando resmungou muito, levanta-se, tendo a mão sempre na mesma posição de antes, a mesa se ergue da terra, o lama se dirige com toda a sua grandeza; ele leva a mão acima de sua cabeça, e a mesa sobe à mesma altura; o lama dá um passo adiante, o móvel segue no ar o seu exemplo; o lama recua, o móvel faz o mesmo; breve, a mesa toma diversas direções e acaba caindo por terra. Na direção principal que a mesa tomou, é que se encontra o lugar procurado. Crendo-se nos relatos dos habitantes, apresentam-se casos nos quais a mesa deixa escolher justo o lugar em que se esconde o objeto furtado.

Na experiência à qual o senhor Tscherepanoff assistiu, a mesa voou até uma distância de 15 toesas. O objeto furtado não foi encontrado imediatamente; mas na direção indicada pelo movei morava em camponês russo que distinguiu o sinal, e no mesmo dia se tirou a vida. Sua morte súbita despertou suspeitas; pesquisas foram feitas no seu domicílio, e encontrou-se o que se procurava. O viajante viu três outras experiências, mas nenhuma teve sucesso. A mesa não queria mais mexer-se; os lamas, de resto, não ficaram embaraçados para explicar essa imobilidade; se o móvel não se movimentava mais, era porque os objetos não podiam ser encontrados.

"O senhor Tscherepanoff foi testemunha desse fenômeno em 1831, na cidade de Jèlany: "Eu não acreditava, disse ele; estava persuadido de que haveria ali alguma escamoteação, e que o meu lama se servia de uma corda habilmente dissimulada, ou de um fio de ferro para erguer sua mesa no ar; mas, olhando de mais perto, não percebi nenhum traço de barbante nem de fio de ferro; a mesa era uma prancha de abeto bastante fina, não pesando senão uma libra e meia. Hoje, estou persuadido de que o fenômeno é produzido pelas mesmas causas daquela da *dança das mesas*."

"Assim, os chefes da seita dos *Espíritos*, que crêem haverem inventado a *table-moving*, não fizeram senão retomarem uma invenção há muito tempo conhecida entre outros povos. *Nihil sub sole novi*, dizia Salomão. Quem sabe se, no tempo de Salomão, ele mesmo, não conhecia o meio de fazer as mesas girarem!... Que digo eu? Esse procedimento era conhecido bem antes do digno filho de David. Lede o *North-China-Herald*, citado pela *Gazette d'Ausbourg*, do dia 11 de maio, e vereis que os habitantes do Celeste Império se divertiam com esse jogo desde tempos imemoriais."

Dissemos cem vezes que o Espiritismo, estando na Natureza, é uma das forças da Natureza, os fenômenos que dele decorrem deveram se produzir em todos os tempos e entre todos os povos, interpretados, comentados e vestidos segundo os costumes e o grau de instrução. Jamais pretendemos que isso fosse uma invenção moderna; quanto mais avançarmos, mais descobriremos os traços que ele deixou por toda parte, e em todas as idades. Os modernos não têm outro mérito do que tê-lo despojado do misticismo, do exagero e das idéias supersticiosas dos tempos da ignorância. É notável que a maioria daqueles que falam dele, tão levianamente, jamais se deram ao trabalho de estudá-lo. Julgam sobre uma primeira impressão na maioria do tempo sobre o ouvir-dizer, sem conhecimentos das causas, e ficam surpresos quando se lhes mostra no fundo disso um dos princípios que tocam aos mais sérios interesses da Humanidade. É que não se crê que se atue aqui somente no interesse do outro mundo; quem não se detenha na superfície, vê sem dificuldade que ele toca as questões vitais do mundo atual. Quem teria pensado outrora que de uma rã dançante num prato, ao contato de uma colher de prata sairia o meio de se comunicar dum lado do mundo ao outro, de dirigir o raio, de produzir uma luz rival do Sol? Paciência, senhores galhofeiros, e de uma mesa que dança poderá bem sair um gigante que colocará os galhofeiros em seu lugar. No passo em que andam as coisas, isto não começa mal.

ALLAN KARDEC

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Novembro

- [Deve-se publicar tudo quanto dizem os Espíritos?](#)
- [Os médiuns sem o saber](#)
- [Urânia. Fragmentos de um poema Espírita do senhor de Porry](#)
- [Swedenborg](#)
- [A alma errante, por Maxime Ducamp](#)
- [O Espírito e o Jurado](#)
- [Advertências de além-túmulo. O oficial da Criméia](#)
- [Os Convulsionários de Saint-Médard](#)
- [Reclamação do senhor Mathieu a propósito da palavra *milagre*](#)
- [Aviso](#)

Deve-se publicar tudo quanto dizem os Espíritos?

Revista Espírita, novembro de 1859

Esta pergunta nos foi dirigida por um dos nossos correspondentes, e a respondemos com a pergunta seguinte: Seria bom publicar tudo quanto dizem e pensam os homens? Quem possua uma noção, por pouco profunda que seja, do Espiritismo, sabe que o mundo invisível é composto de todos aqueles que deixaram na Terra seu envoltório visível; mas, em se despojando dele, o homem carnal, nem todos, por isso, revestiram a túnica dos anjos. Portanto, os há de todos os graus de saber e de ignorância, de moralidade e de imoralidade; eis o que não é necessário perder de vista. Não esqueçamos que, entre os Espíritos, como na Terra, há seres levianos, estouvados e zombeteiros; pseudo-sábios, vãos e orgulhosos de um saber incompleto; hipócritas, maus; e o que nos pareceria inexplicável, se não conhecêssemos, de alguma sorte, a fisiologia desse mundo, é que há sensuais, vis, crápulas, que se arrastam na lama. Ao lado disso, sempre como na Terra, tendes seres bons, humanos, benevolentes, esclarecidos, sublimes de virtudes; mas como o nosso mundo não está nem na primeira, nem na última classe, embora esteja mais vizinho da última do que da primeira, disso resulta que o mundo dos Espíritos encerra seres mais avançados intelectual e moralmente do que os nossos homens mais esclarecidos, e outros que estão ainda abaixo dos homens mais inferiores. Desde que esses seres têm um meio patente de se comunicarem com os homens, de exprimirem seus pensamentos por sinais inteligíveis, suas comunicações devem ser o reflexo de seus sentimentos, de suas qualidades ou de seus vícios; elas serão levianas, triviais, grosseiras, obscenas mesmo, sábias, prudentes ou sublimes, segundo seu caráter e sua elevação. Eles mesmos se revelam pela sua linguagem; daí a necessidade de não aceitar cegamente tudo o que vem do mundo oculto, e de submetê-lo a um controle severo. Com as comunicações de certos Espíritos, poder-se-ia, como com os discursos de certos homens, fazer uma coletânea pouco edificante. Temos sob os olhos uma pequena obra inglesa, publicada na América, que disso é a prova, e da qual se pode dizer que a mãe não recomendaria a leitura à sua filha; é por isso que não a recomendamos aos nossos leitores. Há pessoas que acham isso engraçado, divertido; que se deliciem na intimidade com ela, seja, mas que a guardem para si. O que concebemos ainda menos, é vangloriar-se por obterem, elas mesmas, comunicações inconvenientes; é sempre um indício de simpatia do qual não há com que se envaidecer, sobretudo quando essas comunicações são *espontâneas e persistentes*, como ocorre com certas pessoas. Sem dúvida, isso nada prejulga quanto à sua moralidade *atual*, porque conhecemos as que se afligem com esse gênero de obsessão, à qual seu caráter, de nenhum modo, pode se prestar; entretanto, esse efeito deve ter uma causa, como todos os efeitos; não sendo encontrada na existência presente, é necessário procurá-la num estado anterior; se ela não está em nós, está fora de nós, mas nela somos sempre alguma coisa, não seria senão por fraqueza de caráter. Sendo a causa conhecida, depende de nós fazê-la cessar.

Ao lado dessas comunicações francamente más, e que chocam todo ouvido um pouco delicado, outras há que são simplesmente triviais ou ridículas; há inconveniente em publicá-las? Se são dadas pelo que valem, não há senão um meio mal; se são dadas como estudo do gênero, com as precauções oratórias, os comentários e os corretivos necessários, podem mesmo ser instrutivas, por fazerem conhecer o mundo Espírita sob todas as suas faces; com a prudência e a circunspeção, pode-se dizer tudo; mas o mal é dar como sérias coisas que chocam o bom senso, a razão e as conveniências; o perigo, nesse caso, é maior do que se

pensa. Primeiro, essas publicações têm por inconveniente induzirem ao erro as pessoas que não estão aptas para aprofundarem e discernirem o verdadeiro do falso, sobretudo numa questão tão nova quanto o Espiritismo; em segundo lugar, são armas fornecidas aos adversários, que não deixam de tirar delas argumentos contra a alta moralidade do ensinamento Espírita; porque, ainda uma vez, o mal está em apresentar seriamente coisas notoriamente absurdas. Alguns podem mesmo ver uma profanação no papel ridículo que se empresta a certos personagens justamente venerados, e aos quais se leva a uma linguagem indigna deles. Aqueles que estudaram a fundo a ciência Espírita sabem como manter-se a esse respeito; sabem que os Espíritos zombeteiros não deixam de se ornar com nomes respeitáveis; mas sabem também que esses Espíritos não enganam senão aqueles que querem deixar se enganar, e que não sabem, ou não *querem* frustrar suas astúcias pelos meios de controle que conhecemos. O público, que não sabe disso, não vê senão uma coisa: um absurdo seriamente oferecido à admiração, e dizem a si mesmos: Se todos os Espíritas são como isso, não lhes roubaram o epíteto com o qual são gratificados. Esse julgamento, sem nenhuma dúvida, é sem consideração; vós os acusais, com razão, de leviandade, e dizei-lhes: Estudai a coisa, e não vede senão um único lado da medalha; mas há muitas pessoas que julgam *a priori*, e sem dar-se ao trabalho de virar a folha, sobretudo quando não o fazem de boa vontade, que é necessário evitar o que pode dar-lhes muita contenda; porque, se à má vontade se junta a malevolência, ficam encantados por encontrarem do que falar mal.

Mais tarde, quando o Espiritismo estiver vulgarizado, mais conhecido, e compreendido pelas massas, essas publicações não terão mais influência do que não teria hoje uma livre compreensão das heresias científicas. Até lá, não se poderia nisso colocar mais de circunspeção, porque há os que podem prejudicar essencialmente à causa que querem defender, muito mais do que os ataques grosseiros e as injúrias de certos adversários: alguns fariam nesse objetivo o que não conseguiriam melhor. O erro de certos autores é o de escrever sobre um assunto antes de tê-lo aprofundado suficientemente, e, por aí, dar lugar a uma crítica fundada. Lamentam-se do julgamento temerário de seus antagonistas: não prestam atenção ao fato de que, eles mesmos, freqüentemente, mostram o ponto fraco. De resto, apesar de todas as precauções, seriam presunçosos por se crerem ao abrigo de toda crítica: primeiro, porque é impossível contentar todo o mundo; em segundo lugar, porque há pessoas que riem de tudo, mesmo das coisas mais sérias, uns por *estado*, os outros por caráter. Riem muito da religião; não é de se admirar que riem dos Espíritos, que não conhecem. Se ainda seus gracejos fossem espirituosos, haveria compensação; infelizmente, em geral, eles não brilham nem pela finura, nem pelo bom gosto; nem pela urbanidade e ainda menos pela lógica. Portanto, façamos pelo melhor, colocando, de nossa parte, a razão e as conveniências, aí também colocaremos os galhofeiros.

Essas considerações serão facilmente compreendidas por todo o mundo; mas há uma, não menos essencial, que se prende à própria natureza das comunicações Espíritas, e que não devemos omitir os Espíritos vão onde encontram simpatia e *onde sabem serem escutados*. As comunicações grosseiras e inconvenientes, ou simplesmente falsas, absurdas e ridículas, não podem emanar senão de Espíritos inferiores: o simples bom senso o indica. Esses Espíritos fazem o que fazem os homens que se vêem escutados com complacência se ligam àqueles que admiram suas tolices e, freqüentemente, deles se apoderam e os dominam ao ponto de fasciná-los e subjugá-los. A importância que se dá às suas comunicações, pela publicidade, os atrai, os anima e os encoraja. O único, o verdadeiro meio de afastá-los, é provar-lhes que não se é sua vítima, rejeitando implacavelmente, como apócrifo e suspeito, tudo o que não é racional, tudo o que desmente a superioridade que se atribui o Espírito que se manifesta, e o nome com o qual se veste: então, quando ele vê que perde o seu tempo, retira-se.

Creemos ter respondido suficientemente à pergunta do nosso correspondente sobre a conveniência e a oportunidade de certas publicações Espíritas. Publicar sem exame, ou sem

correção, tudo o que vem dessa fonte seria fazer prova, segundo nós, de pouco discernimento. Tal é pelo menos a nossa opinião pessoal, que deixamos à apreciação daqueles que, estando *desinteressados* na questão, podem julgar com imparcialidade, pondo de lado toda consideração individual. Temos, como todo o mundo, o direito de dizer o nosso modo de pensar sobre a ciência que é o objeto de nossos estudos, e de tratá-la à nossa maneira, sem pretender impor as nossas idéias, nem dá-las como leis. Os que partilham a nossa maneira de ver é porque crêem, como nós, estarem com a verdade; o futuro mostrará quem está em erro ou com razão.

Os médiuns sem o saber

Revista Espírita, novembro de 1859

Na sessão da Sociedade, de 16 de setembro de 1859, foram lidos diversos fragmentos de um poema do senhor Porry, de Marseille, intitulado *Uranie*. Assim como se fez observar, esse poema é rico em idéias Espíritas que parecem tomadas à própria fonte de *O Livro dos Espíritos* e, todavia, foi averiguado que, na época em que o autor o escreveu, ele não tinha nenhum conhecimento da Doutrina Espírita. Nossos leitores ficarão satisfeitos por dele dar-lhes algumas amostras. Lembrem-se, sem dúvida, do que foi dito a respeito da maneira pela qual o senhor Porry escreveu o seu poema, maneira que parece acusar nele uma espécie de mediunidade involuntária (Ver o número do mês de outubro de 1859, página 270). Está constatado, de resto, que os Espíritos que nos cercam, que exercem sobre nós, e com o nosso desconhecimento, uma influência incessante, aproveitam-se das disposições que encontram em certos indivíduos, para deles fazerem os instrumentos de idéias que querem exprimir e levar ao conhecimento dos homens; esses indivíduos são, pois, verdadeiros médiuns sem o saber, e não têm, para isso, necessidade de estarem dotados da mediunidade mecânica. Todos os homens de gênio, poetas, pintores, músicos, estão neste caso; seguramente seu próprio Espírito pode produzir por si mesmo, se está bastante avançado para isso, mas muitas das idéias podem também chegar-lhes de uma fonte estranha; e não parecem isso rogar, pedindo a inspiração? Ora, o que é a inspiração senão uma idéia sugerida? O que se tira do próprio íntimo não é inspirado: tem-se, e não há necessidade de recebê-lo. Se o homem de gênio tirasse tudo de si mesmo, por que lhe faltariam as idéias no momento em que as busca? Não seria senhor de haurir de seu cérebro, como aquele que tem dinheiro o tira de sua bolsa? Se, em um momento dado, não encontra nada, é porque nada tem. Por que, pois, no momento em que menos espera, as idéias jorram como por si mesmas? Os fisiologistas poderiam dar-nos conta desse fenômeno? Nunca procuraram resolvê-lo? Eles dizem: O cérebro produz hoje, não produzirá amanhã; mas por que não produzirá amanhã? Nisso se reduzem a dizer que é porque produziu na véspera. Segundo a Doutrina Espírita, o cérebro pode sempre produzir o que está nele, eis porque o homem mais inapto encontra sempre alguma coisa para dizer, ainda que seja uma tolice; mas as idéias que não dominamos não são as nossas; sempre nos são sugeridas; quando a inspiração não vem, é porque o inspirador não está aí, ou não julga oportuno comunicar-se. Parece-nos que esta explicação vale mais que a outra Poder-se-ia objetar que o cérebro não produzindo, não deveria fatigar-se. Aí haveria um erro; o cérebro não é menos, por isso, o canal por onde passam as idéias estranhas, o instrumento que o executa. O cantor não cansa os órgãos da voz, embora a música não seja dele? Por que, pois, o cérebro não se cansaria por exprimir idéias que está encarregado de transmitir, embora não as haja produzido? Sem dúvida, é para dar-lhe o repouso necessário à aquisição de novas forças que o inspirador lhe impõe em tempo de parada.

Pode-se, ainda, objetar que esse sistema tira do produtor o seu mérito pessoal, uma vez que atribui suas idéias a uma fonte estranha. A isso respondemos que se as coisas se passam assim, não sabemos o que fazer com elas, e que não vemos a grande necessidade de se ornar com plumas de pavão; mas esta objeção não é séria, porque dissemos, de início, que o homem de gênio não tira nada de seu próprio íntimo; em segundo lugar, que as idéias que lhe são sugeridas se confundem com as suas próprias, nada as distingue, e que assim, não é censurável por atribuí-las a si, a menos que, tendo-as recebido a título de comunicação Espírita confirmada, quisesse dar-se a glória, o que os Espíritos poderiam muito bem fazê-lo pagar com algumas decepções. Enfim, diremos que se os Espíritos sugerem a um homem

grandes idéias, dessas idéias que caracterizam o gênio, é porque o julgam capaz de compreendê-las, de elaborá-las, e de transmiti-las; não tomariam um imbecil por seu intérprete; pode-se, pois, honrar-se sempre por receber uma grande e bela missão, sobretudo se o *orgulho* não a desvia de seu fim louvável, e não o faz perder o mérito.

Que os pensamentos seguintes sejam os do Espírito pessoal do Sr. Porry, ou que lhe tenham sido sugeridos por via *mediúnica indireta*, isso não diminui o mérito do poeta; porque a idéia primeira lhe foi dada, a honra de tê-la elaborado não poderia ser contestada.

Urânia

Revista Espírita, novembro de 1859

Fragmentos de um poema Espírita do senhor de Porry

Abri-vos aos meus gritos, véus do santuário!
Que o mau trema e o bom se esclareça?
Uma luz divina me inunda, e meu seio agitado
Em abundância dardeja a verdade!
E vós, sérios pensadores, cujos trabalhos célebres
Prometem a luz e dão as trevas,
Que de sonhos mentirosos e de prestígios vãos
Embalais incessantemente as infelicidades humanas,
Concílio de sábios, que tanto de orgulho inflama.
Sereis confundidos pela voz de uma mulher?
Este Deus, que quereis do Universo banir,
Ou que pretendeis loucamente definir.
Do qual vossos sistemas querem sondar a essência,
Malgrado vós, se revela à vossa consciência;
E tal que, entregando-se a sutis debates;
Ousa o negar tão alto, o proclama tão baixo!
Tudo por sua vontade nasce e se renova:
É a base suprema; a vida eterna;
Tudo repousa nele: a matéria e o Espírito;
Que vos retire seu sopro... e o Universo perece;
O ateu disse um dia *"Deus não é senão uma quimera;
E, filha do acaso, a vida é efêmera,
O mundo, onde o homem fraco, em nascendo, foi jogado,
Está regido pelas leis da necessidade.
Quando o trespasse apaga os nossos sentidos e nossa alma,
O abismo do nada de novo nos reclama;
A Natureza, imutável em seu curso eterno,
Recolhe nossos restos no seio. maternal.
Usamos curtos instantes que seus favores nos dão;
Que nossas fronteiras radiosas de rosas se coroem;
Só o prazer é Deus; em nossos barulhentos festins,
Desafiamos a cólera dos móveis destinos!"*

Mas quando tua consciência, íntima vingadora,
Insensato! te censura uma culpável embriaguez,
O indigente repellido por um gesto desumano,
Ou o crime impune do qual sujias tua mão,
É do seio escuro da cega matéria
Que jorra em teu coração a importuna luz
Que repõe sempre seus grandes crimes sob teus olhos,
Te apavora e te torna, a ti mesmo, odioso?

Então, do soberano que tua audácia nega
 Sentes passar sobre ti a força infinita;
 E ele te acossa, te sitia, e, malgrado teus esforços,
 Se revela ao teu coração pelo grito do remorso!...
 Evitando os humanos, cansado de inquietação,
 Procuras das florestas a negra solidão;
 E crês, percorrendo seus selvagens desvios,
 Escapar a esse Deus que te persegue sempre!
 Sobre sua presa em farrapos o tigre feliz dormita
 O homem, coberto de sangue, nas trevas vela;
 Seu olhar está ofuscado por um horrível clarão;
 Seu corpo treme inundado de um frio suor;
 Um ruído surdo e sinistro em seu ouvido troveja;
 Espectros ameaçadores o escoltam o rodeiam;
 E sua voz que formula uma terrível confissão,
 Se exclama com terror Graça, graça, ó meu Deus!
 Sim, o remorso, carrasco de todo ser que pensa,
 Nos revela com Deus nossa imortal essência;
 E freqüentemente a virtude, de um nobre arrependimento
 transforma um vil culpado em glorioso mártir;
 Os brutos separam a humana criatura,
 O remorso é a chama onde nossa alma se depura;
 E pelo seu aguilhão o ser regenera,
 Na escala do bem avança um degrau.

Sim, a verdade brilha, e do soberbo ateu
 Por seus raios vingadores, a audácia é refutada.
 O panteísmo vem expor por sua vez
 De seu louco argumento o capcioso desvio:
*"Ó mortais fascinados por seu sonho risível,
 Onde o encontrareis, esse Grande Ser invisível?
 Ele está diante de vossos olhos, esse eterno Grande Todo;
 Tudo forma sua essência, nele tudo se resolve;
 Deus brilha no sol, enverdece na folhagem,
 Ruge no vulcão e troveja na tormenta,
 Floresce em nossos jardins, murmura nas águas.
 Suspira flacidamente pela voz dos pássaros,
 E colore os ares os tecidos diáfanos;
 É ele quem nos anima e quem move nossos órgãos;
 É ele quem pensa em nós; todos os seres diversos
 São ele mesmo; em uma palavra, esse Deus, é o Universo."*
 O quê! Deus se manifesta a si mesmo contrário!
 Ele é a ovelha e lobo, rola e víbora!
 Ele se torna alternativamente pedra, planta, animal;
 Sua natureza combina o bem e o mal,
 Percorre todos os graus do bruto ao arcanjo!
 Eterna antítese, ele é luz e lama!
 Ele é valente e frouxo, ele é pequeno e grande,
 Verídico e mentiroso, imortal e agonizante!...
 Ele é ao mesmo tempo opressor e vítima,
 Cultiva a virtude e se enrola no crime;
 Ele é, ao mesmo tempo, Lametrie e Platão.
 Sócrates e Melitus, Marco Aurélio e Nero;
 Servidor da glória e da ignomínia!

Ele mesmo, alternativamente, se afirma e se nega!
 Contra a sua própria essência ele afia o ferro,
 Evoca o nada; e por cúmulo do ultraje,
 Sua voz escarnece e amaldiçoa sua magnífica obra!...
 Oh não, mil vezes não, esse dogma monstruoso
 Jamais pôde germinar num coração virtuoso.
 Mergulhado em seus remorsos onde o crime se expia,
 O temerário autor da doutrina ímpia,
 No seiotlos prazeres, se sente apavorado
 Pela imagem de um Deus que não podia negar;
 E para disso se isentar, blasfêmia da blasfêmia!...
 Ele o uniu a este mundo, ele o uniu a si mesmo.
 O ateu pelo menos, comprimido com semelhante embaraço,
 Ousando negar seu Deus, não o degrada.

.....

Deus, que a raça humana procurou sem cessar,
 Deus, que quer ser adorado e não ser conhecido,
 É dos seres diversos o princípio e o fim:
 Mas, para subir até ele, qual é, "pois, o caminho
 Não é a Ciência, efêmera miragem
 Que fascina nossos olhos com sua brilhante imagem,
 E que, enganando sempre um poderoso desejo,
 Desaparece sob a mão que pensa agarrá-lo.
 Sábios, amontoais escombros sobre escombros
 E vossos sistemas vão passar como as sombras!
 Este Deus; que sem perecer nenhum ser pode ver,
 Cujas essências encerra um terrível poder,
 Mas que para seus filhos nutre um amor temo,
 A menos de igualá-lo, tu não podes compreendê-lo!
 Ah! Para se unir a ele, para reencontrá-lo um dia,
 A alma deve tomar emprestadas as asas do Amor.
 Lancemos ao vento o orgulho e as cinzas da dúvida;
 O próprio Deus aos crentes plainará o caminho:
 Seu amor infinito jamais se afastou,
 A alma que o procura com sinceridade,
 E que esmigalhando nos pés riqueza e gozo,
 Aspira confundir-se com a sua pura essência,
 Mas este Deus, que quer bem ao coração humilde e piedoso,
 Que bane de seu seio o déspota orgulhoso,
 Que se revela ao sábio, que se abandona ao prudente,
 Como um amante ciumento não sofre nenhuma partilha.
 E, para contentá-lo, é preciso aos prestígios mundanos
 Opor constantemente inflexíveis desdêns,
 Felizes, pois, seus filhos que, na solitude,
 Do bom, do verdadeiro, do belo, fazem seu único estudo!
 Feliz, portanto, o homem absorvido inteiramente
 No triplo clarão desse divino foco!
 No meio das tristezas, cujo cortejo sobeja
 No círculo limitado de nosso pobre mundo,
 Semelhante ao oásis que floresce no deserto,
 O tesouro da Fé para a sua alma está aberto;
 E Deus, sem mostrar-se, no seu coração se insinua,

E lhe verte uma alegria ao vulgo desconhecida.
Então, com seu destino o sábio está satisfeito;
Com uma calma inalterável guarda o benefício;
De um véu constelado quando a noite o cerca,
Na sua cama pacífica ele adormece, e saboreia,
Nos sonhos brilhantes com os quais se embriaga seu coração,
Um celeste antegoço da suprema felicidade.

Tua alma que na verdade a ardente sede altera,
Da Criação quer sondar o mistério?...
Como um pintor primeiro concebeu no seu cérebro
A obra-prima encantadora que produz seu pincel,
O Eterno tira tudo de sua própria natureza,
Mas não se confunde com a sua criatura
Que, da inteligência tendo recebido o fogo,
Está *livre de falir ou de subir até Deus*.
Obra de seu Pensamento, obra de sua palavra,
Cada criação de seu seio parte... e voa,
Num círculo traçado por inflexíveis leis,
Cumprir o destino do qual fez a escolha
Como o artista, Deus pensa antes de produzir.
Como ele, o que criou, poderia destruí-lo;
Ora, fonte inesgotável de seres indiferentes
E de globos semeados no imenso Universo,
Deus, a Força sem freio, de sua Vida eterna:
Às suas criações transmite uma centelha.
O livro ou o quadro pelo artista inventado,
Produto inerte, jaz na imobilidade,
Mas o Verbo jorra de sua Onipotência,
Dele se destaca e se move em sua própria existência,
Sem cessar ele se transforma e jamais perece;
Do inerte metal se elevando ao Espírito,
O Verbo criador na planta dormita,
Sonha no animal, e no homem desperta;
De grau em grau, descendo e subindo,
Da Criação o conjunto radioso,
Sobre as ondas do éter forma uma cadeia imensa
Que o arcanjo termina, que a pedra começa.
Obedecendo às leis que regem seu meio,
Cada elemento se aproxima ou se afasta de Deus;
Seja que ao bem se devote ou que ao mal ele sucumba.
Cada ser inteligente, por sua vontade, sobe ou cai.
Ora, se o homem, habitando a atmosfera do mal,
Se rebaixa pelo crime ao nível do animal,
Em anjo de homem puro se transforma, - e esse anjo
De grau em grau pode tornar-se arcanjo,
No seu trono brilhante esse arcanjo elevado,
Está livre para guardar sua personalidade.
Ou de se fundir no seio da Onipotência
Que se pode assimilar uma perfeita essência.

Assim, mais de um arcanjo, na celeste morada,
Com Deus está reunido por um excesso de amor;

Mas outros, invejando sua glória soberana,
Fascinados pelo orgulho, esse pai do ódio,
Quiseram do Mais Alto discutir os decretos;
E mergulharem na noite que esconde seus segredos:
Esse Deus, cujo olhar os teria colocado em pó,
Ensombra-lhes as lajes de seu ardente raio.
Depois, desfigurados, no Universo errante,
Seguidos pelos assaltos de remorsos devorantes,
Esses anjos que perdem sua audácia funesta,
Não ousam mais se mostrar no adro celeste;
Na vergonha, afiando seu agulhão amado,
Entregam seu coração rebelde às tormentas do inferno,
*Ao passo que o homem puro, cuja prova termina,
De triunfo em triunfo ao paraíso se eleva.*
Todos esses mundos diferentes no Universo semeados,
Que ferem teus olhares com suas flechas inflamadas,
Que rola do éter o vago universal,
Assim como os Espíritos, estão agrupados em escalas.
Globos variados esses luminosos feixes
São vastas moradas, celestes naves
Onde vagam no espaço, a enormes distâncias,
Espíritos graduados em imensas coortes.
Há mundos puros e mundos horríveis:
Sem entraves reinam nos globos felizes,
Três princípios divinos, honra, amor, justiça.
Da ordem social cimentam o edifício;
E, sem cessar, queridos de todos seus habitantes,
De sua felicidade são as provas constantes.

De outros globos, entregues a insolentes vertigens,
Anjos condenados seguiram os vestígios:
Esses mundos, artesãos de sua própria infelicidade,
À lei de Deus substituíram pela sua;
E, no seu solo, onde ribomba uma horrível tormenta,
De seus hóspedes impuros a multidão se lamenta.
Nosso globo noviço, em seus passos incertos,
Flutua até nossos dias entre esses dois destinos.
Ultrajando a moral, ultrajando a natureza,
Quando um globo do crime preencheu a medida;
Que seus hóspedes, mergulhados em seus prazeres barulhentos,
Fecharam seus ouvidos aos discursos dos videntes;
Que do verbo divino o mais ligeiro traço,
Nesse mundo enceguedido se dissipa e se apaga
Então do Onipotente a cólera desencadeia
Desce sobre o rebelde a perecer condenado:
Os arcanjos vingadores com suas asas poderosas
Batem a terra ímpia... e seus mares saltitantes,
Com imensa altura ultrapassam os seus níveis,
No seu solo limpo precipitam suas águas;
Vulcões subterrâneos a chama brilhante, ribombante,
Dispersa no éter os restos deste mundo;
E o Ser Soberano, cuja vingança luziu,
Rompe esse globo impuro que nele não mais crê!

Nossa Terra medíocre é uma estação de prova,
Onde o justo sofredor, de suas lágrimas se sacia,
Lágrimas que, por degraus purificam seu coração,
Preparam seu caminho para um mundo melhor.
E não é em vão quando o sono nos mergulha
Nos risonhos transportes da embriaguez de um sonho,
Que por um rápido impulso somos transportados
Num astro novo radiante de claridades;
Que nos cremos errar por vastos bosques
Sem cessar percorridos por um povo de sábios;
Que vemos esse globo iluminado por sóis
Irradiando alternadamente brancos, azuis e vermelhos,
Que, cruzando nos ares suas tintas combinadas,
Colorem esses belos campos com luzes variadas!...
Se teu coração neste mundo se mantém virtuoso,
Tu os atravessarás, esses globos luxuosos
Que a paz alegre, que habita a sabedoria,
Onde reina da felicidade a eterna liberalidade.
Sim, tua alma as vê, essas radiosas moradas
Que os favores do céu embelezam sempre,
Onde o Espírito, se depurando, sobe de grau em grau,
Quando o perverso segue um caminho retrógrado,
E do reino do mal percorrendo os elos,
Desce de círculo em círculo aos abismos infernais.

Espelho onde o Universo reflete a sua imagem,
Esses destinos diferentes nossa alma os pressagia.
A alma, essa viva força que domina os sentidos,
Aos seus menores desejos súbito obediente, -
Que, como um fogo cativo num vaso de argila,
Consome em seus transportes sua veste frágil; -
A alma, que do passado guarda a lembrança
E sabe ler por vezes no obscuro futuro,
Não tem do fogo vital a efêmera centelha
Tu mesmo tu o sentes, tua alma é imortal.
Nos campos do espaço e da eternidade,
Conservando sua permanência e sua identidade,

Não, a alma não morre, mas muda o seu domínio,
E de asilo em asilo sempre passeia Nossa alma,
se isolando do mundo exterior,
Por vezes pode conquistar um sentido superior;
E, no arrebatamento do sono magnético,
Se armar de um novo olho ou do dom profético:
Libertada um instante dos terrestres laços,
Sem obstáculo percorre os campos aéreos;
E, com um ágil pulo, no infinito lançada,
Vê através dos corpos e lê no pensamento.

Swedenborg

Revista Espírita, novembro de 1859

Swedenborg é um desses personagens mais conhecidos de nome do que de fato, ao menos para o vulgo; suas obras muito volumosas, e em geral muito abstratas, não são muito lidas senão pelos eruditos: também a maioria daqueles que dele falam ficaria muito embaraçada para dizer o que ele era. Para uns, foi um grande homem, objeto de uma profunda veneração, sem saber por quê: para os outros, foi um charlatão, um visionário, um taumaturgo. Como todo homem que professa idéias que não são as de todo o mundo, quando essas idéias, sobretudo, ferem certos preconceitos, ele teve, e tem ainda, seus contraditores, se estes últimos se limitaram a refutá-lo, estavam em seu direito; mas o espírito de partido nada respeita, e as mais nobres qualidades não têm graça diante dele: Swedenborg não poderia ser exceção. Sua doutrina, sem dúvida, deixa muito a desejar: ele mesmo, hoje, está longe de aprová-la em todos os pontos. Mas, por refutável que seja, não permanecerá menos como um dos homens mais eminentes de seu século. Os documentos seguintes foram tirados de interessante notícia comunicada pela senhora P.... à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Emmanuel Swedenborg nasceu em Stockholm, em 1688, e morreu em Londres, em 1772, com a idade de 84 anos. Seu pai, Joeper Svedenborg, bispo de Skava, era notável por seu mérito e por seu saber; mas seu filho suplantou-o de muito; ele sobrepuja em todas as ciências, e sobretudo na teologia, na mecânica, na física e na metalurgia. Sua prudência, sua sabedoria, sua modéstia e sua simplicidade valeram-lhe a alta reputação da qual goza ainda hoje. Os reis o chamaram em seus conselhos. Em 1716, Charles XII nomeou-o assessor ao Colégio metálico de Stockholm; a rainha Ulrique tornou-o nobre, e ele ocupou os postos mais honrosos com distinção até 1743, época em que teve sua primeira revelação espírita. Tinha então a idade de 55 anos e demitiu-se, não querendo ocupar-se senão de seu apostolado e do estabelecimento da doutrina da Jerusalém nova. Eis como ele mesmo conta a sua primeira revelação:

"Eu estava em Londres, onde jantei muito tarde, em minha estalagem ordinária, onde reservara um quarto para ter a liberdade de nele meditar à vontade. Sentia-me pressionado pela fome e comi com bom apetite. No fim do repasto, percebi que uma espécie de nevoeiro se derramava sobre os meus olhos, e vi o soalho de meu quarto coberto de répteis horrendos, tais como serpentes, sapos, lagartas e outros; fui tomado, tanto mais que as trevas aumentavam, mas logo elas se dissiparam; então vi claramente um homem no meio de uma luz viva e radiante, sentado num canto do quarto; os répteis haviam desaparecido com as trevas. Eu estava só: julgai o pavor que se apoderou de mim, quando o ouvi pronunciar distintamente, mas com um tom de voz bem capaz de imprimir o terror "Não coma tanto!" A essas palavras, minha vista se obscureceu, mas se restabeleceu, pouco a pouco, e vi-me só no meu quarto. Ainda um pouco assustado com tudo o que vira, tomei com pressa à minha casa, sem dizer nada a ninguém do que me tinha acontecido. Ali, entreguei-me às minhas reflexões, e não concebi que isso fora o efeito do acaso ou de alguma causa física.

"Na noite seguinte, o mesmo homem, radiante de luz, se apresentou ainda diante de mim e me disse: "Eu sou Deus, o Senhor, criador e redentor: eu te escolhi para explicar aos homens o sentido interior e espiritual da Escritura Santa; eu te ditarei o que deves escrever."

"Dessa vez, não fiquei muito assustado, e a luz, embora viva e resplandecente, da qual estava cercado, não produziu nenhuma impressão dolorosa sobre os meus olhos; ele estava vestido de púrpura, e a visão durou um bom quarto de hora. Nessa mesma noite, os olhos do meu homem interior foram abertos e dispostos para verem no céu, no mundo dos Espíritos e nos infernos, e encontrei, por toda parte, várias pessoas de meu conhecimento, algumas mortas há muito tempo, outras há pouco. Desde esse dia, renunciei a todas as ocupações mundanas para não trabalhar senão nas coisas espirituais, para me conformar à ordem que para isso recebera. Freqüentemente, ocorreu-me, na continuação, ver os olhos do meu Espírito abertos, e de ver em pleno dia o que se passava no outro mundo, de falar aos Anjos e aos Espíritos como falo aos homens."

Um dos pontos fundamentais da doutrina de Swedenborg repousa sobre o que ele chama as correspondências. Segundo ele, o mundo espiritual e o mundo natural estão ligados entre si, como o interior e o exterior, e disso resulta .que as coisas espirituais e as coisas naturais fazem uma só, por influxo, e que há, entre elas, correspondência. Eis o princípio; mas o que se deve entender por essa correspondência e esse influxo, é o difícil de compreender.

A Terra, diz Swedenborg, corresponde ao homem. Os diversos produtos que servem para alimentar os homens, correspondem a diversos gêneros de bens e de verdades, a saber os alimentos sólidos a gênero de bens e os alimentos líquidos a gênero de verdades. A razão corresponde à vontade e ao entendimento, que constituem o mental humano. Os alimentos correspondem às verdades e às falsidades, segundo a substância, a cor e a forma que apresentam. Os animais correspondem às afeições; aqueles que são úteis e dóceis, às afeições boas; e aqueles que são nocivos e maus, às afeições más; os pássaros dóceis e belos às verdades intelectuais; os que são maus e feios, às falsidades; os peixes, às ciências que tiram sua origem das coisas sensuais; e os insetos nocivos, às falsidades que prevêm dos sentidos. As árvores e os arbustos correspondem a diversos gêneros de conhecimentos; as ervas e a grama, a diversas verdades científicas. O ouro corresponde ao bem celeste; a prata, à verdade espiritual; o bronze, ao bem natural, etc., etc. Assim, desde os primeiros degraus da criação até o sol celeste e espiritual, tudo se liga, tudo se encadeia por influxo que a correspondência produz.

O segundo ponto de sua doutrina é este: Não há senão um Deus, e uma só pessoa, que é Jesus Cristo.

O homem, criado livre, segundo Swedenborg, abusou de sua liberdade e de sua razão. Ele caiu; mas sua queda fora prevista por Deus; ela deveria seguir-se por sua reabilitação; porque Deus, que é o próprio amor, não poderia deixá-lo no estado no qual sua queda mergulhou-o. Ora, como operar essa reabilitação? Recolocá-lo no estado primitivo seria tirá-lo o livre arbítrio, e por aí aniquilá-lo. Foi se conformando com as leis de sua ordem eterna, que ele procedeu à reabilitação do gênero humano. Veio em seguida uma teoria muito difusa dos três sóis libertados por Jeová, para se aproximar de nós e provar que ele é o *próprio homem*.

Swedenborg divide o mundo dos Espíritos em três lugares diferentes: céus, intermediários e infernos, sem todavia assinalar-lhes os lugares. "Depois da morte, diz ele, entra-se no mundo dos Espíritos; os santos se dirigem voluntariamente a um dos três céus, e os pecadores a um dos três infernos, de onde não sairão jamais." Essa doutrina desesperante anula a misericórdia de Deus; porque recusa-lhe o poder de perdoar aos pecadores surpreendidos por uma morte violenta ou acidental.

Fazendo justiça ao mérito pessoal de Swedenborg, como sábio e como homem de bem, não podemos nos constituir os defensores de doutrinas que o mais vulgar bom senso condena. O que dela ressalta mais claramente, segundo o que conhecemos agora dos fenômenos Espíritos, é a existência de um mundo invisível e a possibilidade de se comunicar com ele. Swedenborg gozou de uma faculdade que pareceu sobrenatural no seu tempo; por isso, admiradores fanáticos consideraram-no como um ser excepcional; em tempos mais recuados, ter-lhe-iam levantado altares; aqueles que nele não creram, tratam-no uns de cérebro exaltado, os outros de charlatão. Para nós era um médium vidente e um escrevente intuitivo, como os há aos milhares; faculdade que entra na condição dos fenômenos naturais.

Ele cometeu um erro, muito perdoável, tendo em vista sua inexperiência com as coisas do mundo oculto, que foi aceitar muito cegamente tudo o que lhe era ditado, sem o submeter ao controle severo da razão. Se tivesse pesado maduramente o pró e o contra, teria reconhecido princípios inconciliáveis com uma lógica ainda pouco rigorosa. Hoje, provavelmente, não cairia na mesma falta; porque teria os meios para julgar e apreciar o valor das comunicações de além-túmulo; saberia que é um campo onde nem todas as ervas são boas para colher, e que entre umas e outras o bom senso, que não nos foi dado por nada, deve saber escolher. A qualidade que se atribuiu o Espírito que se lhe manifestou, bastaria para colocá-lo em guarda, sobretudo considerando a trivialidade de seu início. O que ele mesmo não fez, cabe a nós fazê-lo agora, não tomando em seus escritos senão o que é racional; seus próprios erros devem ser um ensinamento para os médiuns muito crédulos, que certos Espíritos procuram fascinar lisonjeando a sua vaidade, ou seus preconceitos, por uma linguagem pomposa ou de enganosas aparências.

A anedota seguinte prova o pouco de boa-fé dos adversários de Swedenborg, que procuravam todas as ocasiões para denegri-lo. A rainha Louise-Ulrique, conhecendo as faculdades das quais estava dotado, encarregara-o um dia de saber do Espírito de seu irmão, o príncipe da Prússia, por que, algum tempo antes de sua morte, não lhe respondera a uma carta que lhe enviou, pedindo conselhos. Swedenborg, ao cabo de vinte e quatro horas, narrou à rainha, em audiência secreta, a resposta do príncipe, concebida de tal modo que a rainha, plenamente persuadida de que ninguém, exceto ela e seu irmão defunto, conhecia o conteúdo dessa carta, foi tomada da mais profunda estupefação, e reconheceu o poder miraculoso do grande homem. Eis a explicação que um de seus antagonistas deu a esse fato, o cavaleiro Beylon, leitor da rainha.

"Considera-se a rainha um dos principais autores da tentativa de revolução que ocorreu na Suécia, em 1756, e que custou a vida ao conde Barhé e ao marechal Hom. Pouco faltou para que o partido do chapéu, que triunfou então, a tornasse responsável pelo sangue derramado. Nessa situação crítica, ela escreveu ao príncipe da Prússia, para pedir-lhe conselho e assistência. A rainha não recebeu resposta, e como o príncipe morreu logo depois, ela jamais soube a causa do seu silêncio; foi por isso que encarregou Swedenborg para interrogar o Espírito do príncipe a esse respeito. Justamente, na chegada da mensagem da rainha, os senadores, conde T... e H..., estavam presentes. Este último, que havia interceptado a carta, sabia tão bem quanto seu cúmplice, o príncipe T..., porque essa missiva tinha ficado sem resposta, e ambos resolveram se aproveitar dessa circunstância para fazerem chegar à rainha seus avisos sobre muitas coisas. Eles foram, portanto, de noite, encontrar o visionário e lhe ditaram a resposta. Swedenborg, à falta de inspiração, agarrando esta com zelo, correu, no dia seguinte, à casa da rainha, e ali, no silêncio de seu gabinete, disse-lhe: que o Espírito do príncipe lhe aparecera e lhe encarregara de anunciar-lhe seu descontentamento, e lhe assegurar que se não havia respondido à sua carta, foi porque desaprovou sua conduta, que sua política imprudente e sua ambição foram causas do sangue derramado, e que ela era culpada diante de Deus, e que teria que expiar. Ele a convidava a não mais se misturar nos negócios do Estado, etc., etc. A rainha, convencida por essa revelação, acreditou em

Swedenborg e abraçou sua defesa com ardor.

Essa historieta deu lugar a uma polêmica, sustentada entre os discípulos de Swedenborg e seus detratores. Um eclesiástico sueco, chamado Malthésius, que se tornou louco, publicara que Swedenborg, do qual era abertamente o inimigo, se retratara antes de morrer. Tendo o boato se espalhado na Holanda, pelo outono de 1785, Robert Hindmarck fez uma enquete a esse respeito, e demonstrou toda a falsidade da calúnia inventada por Malthésius.

A história da vida de Swedenborg prova que a visão espiritual, da qual estava dotado, em nada prejudicou, nele, o exercício de suas faculdades naturais. Seu elogio, pronunciado depois de sua morte, diante da Academia de Ciências de Stockholm, pelo acadêmico Landel, mostra o quanto foi vasta a sua erudição, e se vê, pelos discursos pronunciados à dieta de 1761, a parte que ele tomava na direção dos negócios públicos no país.

A doutrina de Swedenborg fez numerosos prosélitos em Londres, na Holanda, e mesmo em Paris, onde deu nascimento à Sociedade da qual falamos em nosso número do mês de outubro, a dos Martinistas, dos Teósofos, etc. Se ela não foi aceita por todos, em todas as suas conseqüências, teve sempre por resultado própagar a crença na possibilidade de se comunicar com os seres de além-túmulo, crença muito antiga, como se sabe, mas até esse dia escondida do público pelas práticas misteriosas da qual estava cercada. O mérito incontestável de Swedenborg, seu profundo saber, sua alta reputação de sabedoria, foram de um grande peso na propagação dessas idéias, que hoje se popularizam mais e mais, por isso mesmo crescem abertamente, e que longe de procurarem a sombra do mistério, elas apelam à razão. Apesar de seus erros de sistema, Swedenborg não é menos uma dessas grandes figuras, cuja lembrança ficará ligada à história do Espiritismo, do qual foi um dos primeiros e dos zelosos promotores.

(Sociedade, 23 de setembro de 1859).

Comunicação de Swedenborg na sessão de 16 de setembro.

Meus bons amigos e crentes fiéis, desejei vir para vos encorajar no caminho que seguis com tanta coragem, relativamente à questão Espírita. Vosso zelo é apreciado do nosso mundo dos Espíritos: prossegui mas não vos dissimuleis que obstáculos vos entravarão ainda algum tempo; os detratores não vos faltarão, mais do que não me faltaram. Eu preguei o Espiritismo há um século, e tive inimigos de todos os gêneros; tive também adeptos fervorosos; isso sustentou a minha coragem. Minha moral Espírita, e minha doutrina, não deixam de ter grandes erros, que hoje reconheço. Assim, as penas não são eternas; eu o vejo: Deus é muito justo e muito bom para punir eternamente a criatura que não tem bastante força para resistir às suas paixões. É o que digo igualmente do mundo dos Anjos, que se prega nos templos, não era senão uma ilusão de meus sentidos: eu acreditei vê-lo; estava de boa-fé e o disse; mas eu me enganei. Vós estais, vós, num melhor caminho, porque estais mais esclarecidos do que se estava em minha época. Continuai, mas sede prudentes para que os vossos inimigos não tenham armas muito fortes. Vedes o terreno que ganhais cada dia, coragem, pois! porque o futuro vos está assegurado. O que vos dá a força, é que falais em nome da razão. Tendes perguntas a me dirigir? Eu vos responderei.

SWEDENBORG.

1. Foi em Londres, em 1745, que tivestes a primeira revelação; vós a desejastes? Já vos ocupáveis de questões teológicas? - R. Delas me ocupava; mas nunca desejei essa revelação:

ela veio espontaneamente.

2. Qual era esse Espírito que vos apareceu, e que vos disse ser Deus, ele mesmo? Era realmente Deus? - R. Não; eu acreditei naquilo que me disse, porque vi nele um ser sobre-humano, e com isso estava lisonjeado.

3. Por que tomou o nome de Deus? - R. Para ser melhor obedecido.

4. Pode Deus se manifestar diretamente aos homens? - R. Certamente, ele poderia, mas não o faz mais.

5. Portanto, ele o fez num tempo? - R. Sim, nas primeiras idades da Terra.

6. Esse Espírito, fazendo escrever coisas que reconheceis hoje como errôneas, fê-lo numa boa ou em má intenção? - R. Não foi com má intenção: ele mesmo se enganou, porque não estava bastante esclarecido; vejo também que as ilusões do meu Espírito o influenciavam apesar dele. Entretanto, no meio de alguns erros de sistema, é fácil reconhecer grandes verdades.

7. O princípio da vossa doutrina repousa sobre as correspondências. Credes sempre nessas relações que encontráveis entre cada coisa material e cada coisa do mundo moral? - R. Não é uma ficção.

8. O que entendíeis por estas palavras: *Deus é o próprio homem*? - R. Deus não é o homem, mas o homem que é uma imagem de Deus.

9. Quereis, eu vos peço, desenvolver o vosso pensamento? - R. Eu disse que o homem é a imagem de Deus, naquilo que a inteligência, o gênio que ele recebe, algumas vezes, do céu é uma emanção da Onipotência Divina: ele representa Deus na Terra pelo poder que exerce sobre toda a Natureza, e pelas grandes virtudes que está em seu poder adquirir.

10. Devemos considerar o homem como uma parte de Deus? - R. Não, o homem não é uma parte da Divindade: não é senão sua imagem.

11. Poderíeis nos dizer de qual maneira recebíeis as comunicações da parte dos Espíritos, e se escrevestes o que vos foi revelado à maneira de nossos médiuns ou por inspiração? - R. Quando eu estava no silêncio e no recolhimento, meu Espírito estava como arrebatado, em êxtase, e via claramente uma imagem diante de mim que me falava e me ditava o que deveria escrever; minha imaginação, algumas vezes, também nisso se misturou.

12. Que devemos pensar do fato narrado pelo cavaleiro Beylon, a respeito da revelação que fizestes à rainha Louise-Ulrique? - R. Essa revelação é verdadeira. Beylon a desnaturou.

13. Qual é a vossa opinião sobre a Doutrina Espírita, tal como ela é hoje? - R. Eu vos disse que estais num caminho mais seguro do que o meu, tendo em vista que vossas luzes, em geral, são mais desenvolvidas, eu, tinha que lutar contra mais ignorância e, sobretudo, contra a superstição.

A alma errante, por Maxime Ducamp

Revista Espírita, novembro de 1859

Num volume intitulado: as *Seis Novelas* (1), por Maxime Ducamp, se encontra uma tocante história que recomendamos aos nossos leitores. É uma alma errante que conta suas próprias aventuras.

Não temos a honra de conhecer o senhor Maxime Ducamp, que jamais vimos; não sabemos, conseqüentemente, se ele tomou suas informações de sua própria imaginação, ou nos estudos Espíritas; mas, qualquer que seja, não poderia ser mais felizmente inspirado. Pode-se julgá-lo pelos fragmentos abaixo. Não falaremos do quadro fantástico no qual a novela se encaixa; é um acessório sem importância e de pura forma.

"Eu sou uma alma errante, uma alma em pena; vogo através dos espaços esperando um corpo; vou sobre as asas do vento, no azul do céu, no canto dos pássaros, nas pálidas claridades da lua; eu sou uma alma errante....."

"Desde o instante em que Deus nos separou dele, vivemos na Terra muitas vezes, subindo de geração em geração, abandonado sem pesar os corpos que nos foram confiados, e continuando a obra do nosso próprio aperfeiçoamento, através de existências que suportamos.

"Quando deixamos este hóspede incômodo que nos serve tão mal; quando ele vai fecundar e renovar a terra da qual saiu; quando, em liberdade, abrimos enfim nossas asas, então, Deus nos dá a conhecer os nossos objetivos. Vemos as nossas existências precedentes, julgamos do progresso que fizemos desde os séculos, compreendemos as punições e as recompensas que nos chegaram para as alegrias e as dores de nossa vida, vemos nossa inteligência crescer de nascimento em nascimento, e aspiramos ao estado supremo pelo qual deixaremos essa pátria inferior para ganharmos os planetas radiantes, onde as paixões são mais elevadas, o amor menos ambicioso, a felicidade mais tenaz, os órgãos mais desenvolvidos, os sentidos mais numerosos, e cuja morada está reservada aos mundos que, por suas virtudes, se aproximaram mais que nós da beatitude.

"Quando Deus nos reenvia em corpos que devem viver por nós sua miserável vida, perdemos toda a consciência do que precedeu esses novos nascimentos; o *eu*, que estava desperto, volta a dormir; não persiste mais, e de nossas existências passadas, não resta senão uma vaga reminiscência que causa em nós as simpatias, as antipatias, e também, algumas vezes, as idéias inatas.

"Não falarei de todas as criaturas que viveram de meu sopro; mas a minha última vida suportou uma infelicidade tão grande, que dela só direi a história."

Seria difícil melhor definir o princípio e o fim da reencarnação, a progressão dos seres, a pluralidade dos mundos, o futuro que nos espera. Eis, agora, em duas palavras, a história dessa alma: Um homem jovem amava uma jovem pessoa e era por ela amado, mas

obstáculos se opunham à sua união. Ele pede a Deus permitir à sua alma libertar-se do corpo, durante o sono, a fim de que possa ir ver sua bem amada. Esse favor lhe é concedido. Todas as noites, portanto, sua alma voa e deixa seu corpo num estado completo de inércia, de onde não sai senão quando a alma volta a possuí-lo. Durante esse tempo, vai visitar aquela que ama; ele a vê sem que ela disso suspeite; ele quer falar-lhe, mas ela não o ouve; ele espia seus menores movimentos, surpreende seu pensamento; está feliz com suas alegrias, triste com as suas dores. Nada mais gracioso e mais delicado que o quadro da jovem e a alma invisível. Mas, ó fraqueza do ser encarnado! Um dia, ou para dizer melhor, uma noite, ele se esquece; três dias se passam sem que ele sonhe em seu corpo, que não pode viver sem a sua alma, de repente pensa em sua mãe que o espera, e que deve estar inquieta por um sono tão longo. Ele se precipita, pois; mas era muito tarde; seu corpo deixara de viver. Ele assiste aos seus funerais, depois consola sua mãe. Sua noiva, em desespero, não quer ouvir falar de nenhuma outra união; todavia, vencida pelas solicitações de sua própria mãe, ela cede depois de uma longa resistência. A alma errante lhe perdoa uma infidelidade que não estava no seu pensamento; mas para receber suas carícias e não mais deixá-la, ele pede para encarnar na criança que deve nascer.

Se o autor não está convencido das idéias Espíritas, é necessário convir que desempenha bem o seu papel.

(1) A La Librairie Nouvelle, bulevar dos Italianos

O Espírito e o Jurado

Revista Espírita, novembro de 1859

Um dos nossos correspondentes, homem de grande saber e provido de títulos científicos *oficiais*, o que não o impede de ter a fraqueza de crer que temos uma alma, que essa alma sobrevive ao corpo, que depois da morte ela erra no espaço, e pode ainda se comunicar com os vivos, tanto melhor que ele mesmo é um bom médium, e tem numerosas conversas com os seres de além-túmulo, nos endereçou a seguinte carta "Senhor,

"Fui jurado há algum tempo; a Corte criminal havia julgado um homem jovem, apenas saído da adolescência, acusado de uma morte cumprida na pessoa de uma mulher idosa, com horríveis circunstâncias. O acusado confessara e contara os detalhes do crime com uma impassividade e um cinismo que faziam a assembléia tremer.

"Entretanto, era fácil de prever que, tendo em vista sua idade, sua falta absoluta de educação, e os estímulos que recebera em sua família, solicitariam para ele circunstâncias atenuantes, tanto mais que rejeitava a cólera que o fizera agir numa provocação por injúrias.

"Eu quis consultar a vítima sobre o grau de sua culpabilidade. Apelei, durante a sessão, por uma evocação mental; ela deu-me a conhecer que estava presente, e lhe entreguei a minha mão. Eis a conversa que tivemos, eu mentalmente, ela por escrito:

"P. Que pensais de vosso assassino? - R. Não serei eu quem o acusará.

"P. Por que? - R. Porque ele foi impelido ao crime por um homem que me fez a corte, há cinqüenta anos, e que nada tendo obtido de mim jurou que disso se vingaria. Ele conservou, na morte, seu desejo de vingança; aproveitou-se das disposições do acusado para lhe inspirar o desejo de me matar.

"P. Como o sabeis? - R. Porque ele mesmo me disse, quando cheguei ao mundo que hoje habito.

"P. Concebo a vossa reserva, diante desse impulso que o vos- • só assassino não repeliu como o devia e como o podia; mas não pensais que a inspiração criminosa, à qual tão voluntariamente obedeceu, não teria sobre ele a mesma força, se não tivesse nutrido e entretido, há longo tempo, sentimentos de inveja, de ódio e de vingança contra vós e vossa família? - R. Seguramente; sem isso teria sido mais culpado por resistir por isso eu disse que aquele que quis se vingar aproveitou as disposições desse jovem; pensai bem que ele não teria se dirigido a alguém que tivesse vontade de resistir.

"P. Ele goza por sua vingança? - Não, porque vê que lhe custará caro, e que, por outro lado, em lugar de me fazer mal, prestou-me serviço em me fazendo reentrar mais cedo no mundo dos Espíritos, onde sou mais feliz, foi, pois, uma ação má sem proveito para ele.

"Circunstâncias atenuantes foram admitidas pelo júri, pelos motivos que indiquei mais acima, e a pena de morte foi afastada.

"Sobre o que acabo de contar, há que fazer-se uma observação moral da mais alta importância. É necessário disso concluir, com efeito, que o homem deve vigiar, até nos seus menores pensamentos, até os seus maus sentimentos, em aparência os mais fugidios, porque têm a propriedade de atraírem contra ele os Espíritos maus e corrompidos, e de o oferecer, fraco e desarmado, às suas culpáveis inspirações: é uma porta que abre ao mal, sem compreender-lhe o perigo. Foi, pois, com um profundo conhecimento do homem e do mundo espiritual que J.C. cometeu adultério em seu coração." (São Mateus, cap. V, v. 28.)

'Tenho a honra, etc.

"Simon M..."

Advertências de além-túmulo. O oficial da Criméia

Revista Espírita, novembro de 1859

O Independência belga, que não nos acusará de um excesso de benevolência a respeito das crenças Espíritas, narrou o fato seguinte, que vários outros jornais repetiram, e que reproduzimos, por nossa vez, com todas as reservas, não tendo ocasião para constatar-lhe a realidade.

"Seja porque nossa imaginação inventa e habita um mundo de almas ao lado e acima de nós, seja porque o mundo no qual estamos, vivemos e nos movemos, existe realmente, é fora de dúvida, para mim pelo menos, que inexplicáveis acidentes se produzem, os quais provocam a ciência e desafiam a razão.

"Na guerra da Criméia, durante uma dessas noites tristes e lentas, que se prestam maravilhosamente à melancolia, ao pesadelo, a todas as nostalgias do céu e da Terra, um jovem oficial, de repente, se levantou, saiu de sua tenda, foi procurar um dos seus camaradas e lhe disse:

- Acabo de receber a visita de minha prima, da senhorita T...

- Tu sonhas.

- Não. Ela entrou, pálida, sorridente e roçando apenas o solo muito duro, muito grosseiro para seus pés delicados. Olhou-me, depois que sua voz doce bruscamente me despertou, e ela me disse: "Tu tardas muito! Preste atenção! Algumas vezes se morre da guerra sem ir à guerra!" Quis falar-lhe, erguer-me, correr para ela; ela recuou! E colocando um dedo sobre os lábios: "Silêncio, disse-me, tenha coragem e paciência, nós nos reveremos." Ah! meu amigo, ela estava muito pálida, e estou certo de que está doente, que me chama.

- Tu dormes todo desperto, és louco, replicou o amigo.

- É possível, mas, então, o que é esse movimento do meu coração que a evoca e que me faz vê-la?

"Os dois jovens conversaram, e, pela madrugada, o amigo reconduziu à sua tenda o oficial visionário, quando este estremeceu de repente.

- Ei-la, meu amigo; ei-la, disse, ela está diante de minha tenda.. Ela me faz sinal de que me falta fé e confiança.

"O amigo, evidentemente, não via nada. Fez o melhor para consolar seu camarada. O dia apareceu, e com o dia as ocupações bastante sérias para que não fosse mais questão os fantasmas da noite. Mas, por uma precaução muito razoável, no dia seguinte, uma carta partiu para a Franca, pedindo, instantaneamente, novidades da senhorita T... Alguns dias

depois, respondia-se que a senhorita T... estava bastante e seriamente doente, e que se o jovem oficial pudesse obter uma licença, pensava-se que a sua visão teria o melhor efeito.

"Pedir uma licença no momento das mais rudes fadigas, talvez à véspera de um ataque decisivo, e fazer valer medos sentimentais, não era preciso sonhar muito com isso. Todavia, creio lembrar-me que a licença foi pedida e obtida, e que o jovem oficial ia partir para a França, quando teve ainda uma visão. Aquela era assustadora. A senhorita de T... veio, pálida e muda, insinuar-se uma noite em sua tenda e lhe mostrou o longo vestido branco que trajava. O jovem oficial não duvidou, um só instante, que sua noiva não estivesse morta; ele estendeu a mão, tomou uma de suas pistolas e fez saltar os miolos.

"Com efeito, na mesma noite, à mesma hora, a senhorita de T...

dera o último suspiro.

"Essa visão era o resultado do magnetismo? Disso nada sei. Era da loucura? Eu o quero muito. Mas era alguma coisa que escapa aos gracejos dos ignorantes, e aos escárnios, mais malsãos ainda, dos sábios.

"Quanto à autenticidade desse fato, eu a garanto. Interrogai os oficiais que passaram esse longo inverno na Criméia, e não serão poucos os que vos contarão fenômenos de pressentimento, de visão, de miragem da pátria e de parentes, análogos ao que acabo de dizer-vos.

"Que é necessário disso concluir? Nada. Não ser que termine minha correspondência de um modo lúgubre, e que saiba talvez o meio de dormir sem saber magnetizar.

"THÉCEL."

Assim como dissemos no começo, não pudemos constatar a autenticidade do fato; mas o que podemos garantir é a sua possibilidade. Os exemplos averiguados, antigos e recentes, de advertências de além-túmulo, são tão numerosos, que este nada tem de mais extraordinário que aqueles dos quais muitas pessoas, dignas de fé, foram testemunhas. Puderam parecer sobrenaturais em outros tempos; mas hoje que sua causa é conhecida, e psicologicamente explicada, graças à teoria Espírita, nada têm que escape às leis da Natureza. Não lhe acrescentaremos senão uma só nota, é que, se esse oficial conhecesse o Espiritismo, saberia que o meio de reencontrar sua noiva não era o de se mata, porque essa ação pode dela distanciá-lo por um tempo bem mais longo do que aquele que tivesse passado na Terra. O Espiritismo ter-lhe-ia dito, por outro lado, que uma morte gloriosa, no campo de batalha, ser-lhe-ia mais proveitosa do que a que se deu voluntariamente, por um ato de fraqueza.

Eis um outro fato de advertência de além-túmulo, reportado pela *Gazette d'Arad* (Hungria), do mês de novembro de 1858.

"Dois irmãos israelitas, de Gyek (Hungria), foram a Grosswardien, conduzirem, num pensionato, suas duas filhas com a idade de 14 anos. Durante a noite que seguiu à sua partida, uma outra filha de um deles, com a idade de 10 anos, e que ficara na casa, despertou em sobressalto, e contou, chorando, à sua mãe, que viu em sonho seu pai e seu tio, cercados de vários camponeses, que queriam fazer-lhes mal.

"De início, sua mãe não teve em nenhuma conta as suas palavras; mas vendo que não conseguiu acalmar a sua criança, levou-a à casa do chefe do lugar; esta contou-lhe de novo seu sonho, acrescentando que havia reconhecido dois de seus vizinhos entre os camponeses, e que o acontecimento se passara na orla de uma floresta.

"O chefe do lugar enviou imediatamente ao domicílio dos dois camponeses que, com efeito, estavam ausentes; depois, a fim de se assegurar da verdade, expediu na direção indicada outros emissários, que encontraram cinco cadáveres nos confins de um bosque. Eram os dois pais, com as duas filhas e o cocheiro que os conduzira; os cadáveres foram lançados num braseiro para torná-los irreconhecíveis. Logo a polícia começou as investigações; ela deteve os dois camponeses designados no momento em que procuravam trocar várias cédulas sujas de sangue. Uma vez na prisão, confessaram seu crime, dizendo que reconheciam o dedo de Deus na pronta descoberta do crime.

Os Convulsionários de Saint-Médard

Revista Espírita, novembro de 1859

(Sociedade, 15 de julho de 1859.)

Notícia. François Paris, famoso diácono de Paris, morto em 1727, com a idade de 37 anos, era filho mais velho de um conselheiro do parlamento; deveria, naturalmente, suceder ao seu cargo, mas queria muito abraçar o estado eclesiástico. Depois da morte de seu pai, abandonou os bens para o seu irmão. Durante algum tempo, fez catecismo na paróquia de Saint-Côme, se encarregou da conduta dos clérigos e lhes fez conferências. O cardeal de Noailles, a cuja causa estava ligado, quis nomeá-lo cura dessa paróquia, mas um obstáculo imprevisto a isso se opôs. O abade Paris se consagrou então ao retiro. Depois de haver tentado várias solidões, confinou-se numa casa do bairro Saint-Marcel; ali se entregou, sem reservas, à prece, às práticas mais rigorosa da penitência, e ao trabalho manual: fazia meias por ofício para os pobres, que considerava seus irmãos; morreu nesse asilo. O abade Paris aderira ao apelo da bula Unigenitus, interposta pelos quatro bispos; renovara seu apelo em 1720. Assim, deveu ser pintado diversamente pelos partidos opostos. Antes de fazer meias, havia produzido livros bastante medíocres. Tem-se dele explicações sobre a epístola de São Paulo aos Romanos, sobre a dos Gaiatas, uma análise sobre a epístola aos Hebreus, que poucas pessoas lêem. Seu irmão, mandando erigir-lhe um túmulo no pequeno cemitério de Saint-Médard, os pobres que o piedoso diácono havia socorrido, alguns ricos que edificara, várias mulheres que havia instruído, ali iam fazer suas preces; houve curas que pareceram maravilhosas, convulsões que foram consideradas perigosas e ridículas. A corte foi, enfim, obrigada a fazer cessar esse espetáculo, ordenando o fechamento do cemitério, em 27 de janeiro de 1752. Então os mesmos entusiastas foram fazer suas convulsões nas casas particulares. O túmulo do diácono Paris foi, no espírito de muita gente, o túmulo do jansenismo; mas algumas outras pessoas aí acreditaram ver o dedo de Deus, e não foram senão mais ligadas a um partido que produzia tais maravilhas. Há diferentes práticas na vida desse diácono, das quais talvez jamais se falasse, se não se quisesse dele fazer um taumaturgo.

Entre os fenômenos estranhos que os Convulsionários de Saint-Médard apresentavam, citam-se;

A faculdade de resistir a golpes tão terríveis, que parecia que seus corpos deveriam ser esmagados;

A de falar línguas ignoradas ou esquecidas por eles; Um deslocamento extraordinário da inteligência; os mais ignorantes entre eles, improvisavam discursos sobre as graças, os males da Igreja, o fim do mundo, etc.

A faculdade de ler no pensamento;

Colocados em relação com os doentes, sentiam as dores nos mesmos lugares que aqueles que os consultavam; nada era mais freqüente que ouvi-los predizer, eles mesmos, os

diferentes fenômenos anormais que deveriam sobrevir no curso de suas doenças.

A insensibilidade física, produzida pelo êxtase, deu lugar a cenas atrozes. A loucura chegou até a crucificar verdadeiramente infelizes vítimas, fazendo-as sofrer, em todos os seus detalhes, a Paixão do Cristo, e essas vítimas, o fato é atestado pelos testemunhos mais autênticos, solicitavam as terríveis torturas designadas entre os Convulsionários pelo nome de grande socorro.

A cura das doenças se operava seja pelo simples toque da pedra tumular, seja pela poeira que se encontrava ao redor, e que se tomava em certas bebidas, ou que se aplicava sobre as úlceras. Essas curas, que foram muito numerosas, são atestadas por mil testemunhas, e várias dessas testemunhas, homens de ciência, incrédulos no fundo, registraram o fato sem saberem a que atribuí-los.

(PAULINE ROLAND.)

1. Evocação do diácono Paris. - R. Estou às ordens.

2. Qual é o vosso estado atual como Espírito? - R. Errante e feliz.

3. Tivestes outras existências corporais depois daquela que conhecemos? - R. Não; estou constantemente ocupado em fazer o bem aos homens.

4. Qual foi a causa dos fenômenos estranhos que se passaram entre os visitantes de vosso túmulo? - R. Intriga e magnetismo.

Nota. Entre as faculdades das quais eram dotados os Convulsionários, encontram-se sem dificuldade as quais o sonambulismo e o magnetismo oferecem numerosos exemplos; tais são entre outras: a insensibilidade física, o conhecimento do pensamento, a transmissão simpática das dores, etc. Não se pode, pois, duvidar que esses críacos não estivessem numa espécie de sonambulismo desperto, provocado pela influência que exerciam uns sobre os outros, com o seu desconhecimento. Eram ao mesmo tempo magnetizadores e magnetizados.

5. Por qual causa toda uma população foi dotada, subitamente, dessas faculdades estranhas? - R. Elas se comunicam muito facilmente em certos casos, e não sois bastante estranhos às faculdades dos Espíritos para não compreenderem que nisso tomaram uma grande parte, por simpatia por aqueles que os provocavam.

7. E tomastes, como Espírito, um parte direta? - R. Não a menor.

8. Outros Espíritos nisso concorreram? - R. Muitos.

9. De que natureza eram em geral? - R. Pouco elevados.

10. Por que essas curas e esses fenômenos cessaram quando a autoridade a eles se opuseram, fazendo fechar o cemitério? A autoridade tinha, pois, mais força que os Espíritos? - R. Deus quis fazer cessar a coisa, porque degenerou em abuso e em escândalo; era-lhe necessário um meio, e empregou a autoridade dos homens.

11. Uma vez que não estivestes participando nada dessas curas, por que escolheram-se antes o vosso túmulo que o de um outro? - R. Credes que se me consultou? Escolheu-se o meu túmulo por cálculo: minhas opiniões religiosas primeiro, e o pouco de bem que procurei fazer, foram explorados.

Reclamação do senhor Mathieu a propósito da palavra *milagre*

Revista Espírita, novembro de 1859

O senhor Mathieu, que citamos em nosso artigo do mês de outubro, sobre os milagres, nos dirige a reclamação seguinte, à qual nos empenhamos em fazer direito. "Senhor,

"Se não tenho a vantagem de estar de acordo convosco em todos os pontos, o estou pelo menos sobre aquele que vos deu oportunidade de falar de mim, no último número do vosso jornal. Assim, eu aprovo perfeitamente vossa observação relativamente à palavra *milagre*. Se dela me servi em meu opúsculo, foi tendo o cuidado de dizer ao mesmo tempo (página 4): "Estando convencido de que essa palavra *milagre* exprime um fato que se produziu fora das leis *conhecidas* da Natureza; um fato que escapa a toda explicação humana, a toda interpretação científica. "Eu creio indicar suficientemente, por aí, que rio ^ou a esta palavra *milagre* senão um valor relativo e de convenção; parece, uma vez que tomastes o trabalho de me combater, que me enganei.

"Conto, em todos os casos, com a vossa imparcialidade, Senhor, para que estas linhas, que tenho a honra de vos dirigir, encontrem lugar em vosso próximo número. Não estou descontente que vossos leitores saibam que não quis dar ao nome em questão o sentido que reprovais, e que houve imperícia de minha parte, ou mal-entendido da vossa, talvez um pouco de um e um pouco de outro.

Aceitai, etc. "MATHIEU."

Estávamos perfeitamente convencidos assim como dissemos em nosso artigo, do sentido no qual o senhor Mathieu empregou a palavra milagre; também nossa crítica não se dirigia, de nenhum modo, sobre a sua opinião, mas sobre o emprego da palavra, mesmo na sua aceção mais racional. Há tantas pessoas que não vêem senão a superfície das coisas, sem se darem ao trabalho de irem ao fundo, o que não as impede de julgarem como se as conhecessem, que um tal título dado a um fato Espírita poderia ser tomado ao pé da letra, de boa fé por alguns, por malevolência para a maioria. Nossa observação, a esse respeito, é tanto mais fundada, que nos lembramos haver lido em alguma parte de um jornal, cujo nome nos escapa, um artigo onde aqueles que gozam da faculdade de provocarem os fenômenos Espíritos eram qualificados, por zombaria, de fazedores de milagres, e isso a propósito de um adepto muito zeloso, que ele mesmo se empenhou em produzi-los. Não está aqui o caso de lembrar que: nada é mais perigoso do que um amigo imprudente. Nossos adversários são bastante ardentes em nos emprestar ridículos, sem que lhes forneçamos, para isso, o pretexto.

Aviso

Revista Espírita, novembro de 1859

A grande quantidade de matéria não nos tendo permitido inserir, neste número, o Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, dá-to-emos com o do mês de dezembro, num Suplemento, assim como várias outras comunicações que a falta de espaço nos fez adiar.

ALLAN KARDEC.

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

Segundo Ano – 1859

Dezembro

- [Resposta ao Senhor Oscar Comettant](#)
- [Dos efeitos da prece sobre os Espíritos sofredores](#)
- [Um Espírito que não se acredita morto](#)
- [Doutrina da reencarnação entre os Hindus](#)
- Conversas familiares de além-túmulo
 - [Senhora Ida Pfeiffer](#)
 - [Privat d'Aglemont](#)
 - [Dirkse Lammers](#)
 - [Michel François](#)
 - [Comunicações espontâneas obtidas nas sessões da Sociedade](#)
 - [Um antigo charreteiro](#)
- [Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas](#)
- [Os convulsionários de Saint-Médard. \(Continuação - Ver edição de novembro\)](#)
- [Aforismos Espíritas e pensamentos destacados](#)

Resposta ao Senhor Oscar Comettant

Revista Espírita, dezembro de 1859

Senhor,

Consagrastes o folhetim do *Siècle* do dia 27 de outubro último aos Espíritos e aos seus partidários. Apesar do ridículo que lançastes sobre uma questão muito mais grave do que pensais, apraz-me reconhecer que, atacando o Espiritismo, salvaguardais as conveniências pela urbanidade das formas, e que é impossível dizer às pessoas, com mais polidez, que elas não têm o senso comum; também guardo-me de confundir o vosso espiritual artigo com essas diatribes grosseiras que dão uma tão triste idéa do bom gosto de seus autores, e aos quais todas as pessoas que conhecem as regras da civilidade, partidárias ou não, fazem justiça.

Não tenho por hábito responder à crítica; portanto, teria deixado passar o vosso artigo, como tantos outros, se não fora encarregado pelos Espíritos, primeiro de vos agradecer por querer vos ocupar deles, em seguida para dar-vos um pequeno aviso. Concebei, senhor, que de mim mesmo, eu não mo permitiria; cumpro sua incumbência, eis tudo. - Como! Direis, os Espíritos se ocupam, pois, com o folhetim que escrevi sobre eles? São muito bondosos. - Seguramente, uma vez que estavam ao vosso lado quando escrevíeis. Um deles, que vos quer bem, procurou mesmo impedir-vos de colocar certas reflexões que não se acham à altura da vossa sagacidade, temendo a crítica para vós, não dos Espíritos, com os quais pouco vos importais, mas daqueles que conhecem a importância do vosso julgamento. Sabei bem que eles estão por toda parte, sabem tudo o que se diz e o que se faz e neste momento, em que ledes estas linhas, estão aí, ao vosso lado, observando-vos. Em vão vos esforçaríeis em dizer: Não posso crer na existência desses seres que povoam o espaço e que não são vistos. Credes no ar que não vedes e que, entretanto, vos envolve? Isto é bem diferente; creio no ar, porque, se não o vejo, eu o sinto, eu o ouço ribombar na tempestade e no tubo de minha chaminé; vejo os objetos que ele derruba. - Pois bem! Os Espíritos também se fazem ouvir; também eles fazem mover os corpos pesados, erguem-nos, transportam-nos, quebram-nos. - Apelemos, pois, Senhor Allan Kardec, à vossa razão; como quereis que seres impalpáveis, supondo que existam, o que não admitirei senão quando os veja, tenham esse poder? Como seres imateriais podem agir sobre a matéria? Isso não é racional. - Credes nas existências dessas miríades de animálculos que estão na vossa mão e dos quais a ponta de uma agulha pode cobrir milhares? - Sim, porque se não os vejo com os olhos, o microscópio faz-me vê-los. - Mas, antes da invenção do microscópio, se alguém vos dissesse que tendes sobre a vossa pele bilhões de insetos que aí pululam; que uma gota d'água límpida encerra toda uma população; que deles absorveis massas com o ar mais puro que respirais, que diríeis? Ao absurdo, teríeis gritado, e se, então, fosseis folhetinista não deixaríeis de escrever um belo artigo sobre os animálculos, o que não impedira que existissem. Hoje o admitis porque o fato é patente; mas antes, declararíeis a coisa impossível. O que há, pois, de irracional em crer que o espaço esteja povoado por seres inteligentes, que, embora invisíveis, não estejam em todos os microscópios? Quanto a mim, confesso que a idéa de seres pequenos, como uma parcela homeopática, e todavia providos de órgãos visuais, sensuais, circulatórios, respiratórios, etc., me parece ainda mais extraordinária. - Convenho com isso, mas ainda uma vez são seres materiais, são alguma coisa, ao passo que os vossos Espíritos o que são?

Nada, seres abstratos, imateriais. - Primeiro, quem vos disse que são imateriais? A observação, pesai bem, eu vos peço, essa palavra *observação* não quer dizer *sistema*; a observação, digo eu, demonstra que essas inteligências ocultas têm um corpo, um envoltório, invisível, é verdade, mas que não é por isso menos real; ora, é por esse intermediário semi-material que eles agem sobre a matéria. Não há senão os corpos sólidos que tenham uma força motriz? Ao contrário, não são os corpos rarefeitos que possuem essa força em mais alto grau: o ar, o vapor, todos os gases, a eletricidade? Por que, pois, a recusais à substância que compõe o envoltório dos Espíritos? - De acordo; mas se essas substâncias são invisíveis e impalpáveis em certos casos, a condensação pode tomá-las visíveis e mesmo sólidas; pode-se agarrá-las, encerrá-las, analisá-las, e por aí sua existência é demonstrada de modo irrecusável. - Ah! Aí chegamos! Negais os Espíritos porque não podeis colocá-los num cornífero, saber se são compostos de oxigênio, de hidrogênio ou nitrogênio. Dizei-me, eu vos peço, se antes das descobertas da química moderna conhecia-se a composição do ar, da água, e as propriedades dessa multidão de corpos invisíveis, dos quais não supúnhamos a existência? O que se teria dito, então, àquele que anunciasse todas as maravilhas que hoje admiramos? Seria tratado de charlatão, de visionário. Supondo que vos caia nas mãos um livro de um sábio daquele tempo, que tivesse negado todas essas coisas, e que, além do mais, procurasse *demonstrar-lhes* a impossibilidade, diríeis: Eis um sábio bem presunçoso, que se pronunciou muito levemente tratando sobre o que não sabia; melhor seria para sua reputação que se abstinhasse; em uma palavra, não teríeis uma alta opinião de seu julgamento. Pois bem! Veremos em alguns anos o que se pensará daqueles que, hoje, procuram *demonstrar* que o Espiritismo é uma quimera.

É lamentável, sem dúvida, para certas pessoas, e os apreciadores de coleções, que não se possa colocar os Espíritos dentro de um frasco para observá-los à vontade; mas não credes, entretanto, que eles escapem aos nossos sentidos de um modo absoluto. Se a substância que compõe seu envoltório é invisível em seu estado normal, ela pode também, em certos casos, como o vapor, mas por uma outra causa, sofrer uma espécie de condensação, ou, para ser exato, uma modificação molecular que a torna momentaneamente visível e mesmo tangível; então, podem ser vistos, como nós nos vemos, tocá-los, apalpá-los; eles podem nos agarrar, impressionar sobre nossos membros; somente esse estado não é senão temporário; podem deixá-lo tão prontamente como o tomaram, e isso, não em virtude de uma rarefação mecânica, mas pelo efeito de sua vontade, tendo em vista que são seres inteligentes, e não corpos inertes. Se a existência dos seres inteligentes que povoam o espaço está provada; se têm, como acabamos de ver, uma ação sobre a matéria, o que há de espantoso em que possam se comunicar conosco, e transmitir-nos os seus pensamentos através de meios materiais? - Se a existência desses seres está provada, seja; mas aí está a questão. - O importante, primeiro, é provar sua possibilidade: a experiência fará o resto. Se essa existência não está provada para vós, o está para mim. Eu vos entendo aqui dizer para vós mesmos: Eis um argumento muito pobre. Convenho que minha opinião pessoal é de um peso muito fraco, mas não estou só; muitos outros, antes de mim, pensaram do mesmo modo, porque nem inventei, nem descobri os Espíritos; e essa crença conta milhões de adeptos que têm tanta ou mais inteligência do que eu; entre aqueles que crêem e aqueles que não crêem, o que decidirá? - O bom senso, direis. - Seja; eu acrescento: O tempo que, cada dia, vem em nossa ajuda. Mas com qual direito aqueles que não crêem se arrogam o privilégio do bom senso quando, sobretudo, aqueles que crêem se recrutam precisa mente, não entre os ignorantes, mas entre as pessoas esclarecidas; quando, todos os dias, o número deles cresce? Eu o julgo pela minha correspondência, pelo número de estrangeiros que vêm me ver, pela extensão do meu jornal, que cumpre seu segundo ano, e conta com assinantes das cinco partes do mundo, nas classes mais elevadas da sociedade, e até nos tronos. Dizei-me, conscientemente, se é a marcha de uma idéia oca, de uma utopia?

Constatando esse fato capital em vosso artigo, dissestes que ele ameaça tomar proporções

de um flagelo, e acrescentais: "A espécie humana não tinha bastante, bom Deus! De todas as coisas vãs que perturbam sua razão, sem que uma nova doutrina viesse agora se apossar de nosso pobre cérebro!" Parece que não amais as doutrinas; cada um com seu gosto; todo o mundo não gosta da mesma coisa; somente direi que não sei muito a qual papel intelectual o homem seria reduzido se, desde que está sobre a Terra, não tivesse doutrinas que, fazendo-o refletir, o tirasse do estado passivo da brutalidade. Sem dúvida, há as boas e más, justas e falsas, mas é para discerni-las que Deus lhe deu o julgamento. Esqueceste uma coisa, a definição clara e categórica do que alinhais entre as coisas vãs. Há pessoas que assim qualificam todas as idéias que não partilham; mas tendes muito espírito para crer que está condensada só em vós. Há outros que dão esse nome a toda opinião religiosa, e que consideram a crença em Deus, na alma e na sua imortalidade, nas penas e nas recompensas futuras, no máximo, como úteis para se ocuparem as velhas e meter medo às crianças. Não conheço a vossa opinião a esse respeito; mas do sentido do vosso artigo algumas pessoas poderiam inferir que estais um pouco nessas idéias. Que as partilhai ou não, eu me permitiria dizer-vos, com muitas outras, que aí estaria o verdadeiro flagelo se elas se propagassem. Com o materialismo, com a crença que morremos como os animais, que depois de nós *será o nada*, o bem não teria nenhuma razão de ser, os laços sociais não têm nenhuma consistência - é a sanção do egoísmo; a lei penal é o único freio que impede o homem de viver às expensas de outrem. Se assim fora, com que direito punir aquele que mata seu semelhante por se apoderar de seu bem? Porque é mal, direis; mas por que é mal? Ele vos responderá: depois de mim nada mais haverá; tudo estará terminado; nada tenho a temer; quero viver aqui o melhor possível, e para isso eu tomo daqueles que têm; quem me acusa? A vossa lei? A vossa lei terá razão se ela for mais forte, quer dizer, se ela me apanhar; mas se eu for o mais astuto, e se lhe escapo, a razão estará comigo. Qual é, vos pergunto, a sociedade que poderia subsistir com semelhantes princípios? Isso me lembra o fato seguinte: Um senhor que, como se diz vulgarmente, não acreditava nem Deus e nem no diabo, e não o escondia, percebeu que, há algum tempo, era roubado por seu empregado doméstico; um dia surpreendeu-o em flagrante delito. - Como, infeliz! disse-lhe, ousas tomar o que não te pertence? Tu não crês em Deus? - O doméstico se pôs a rir e respondeu: Por que eu creia, uma vez que vós mesmo não credes? Por que tendes mais do que eu? Se eu fosse rico e vós pobre, quem vos impediria de fazer o que fiz? Fui inábil esta vez, eis tudo, numa outra vez tratarei de fazer melhor. - Esse senhor ficou muito contente que seu doméstico não tomou a crença em Deus por uma coisa vã. É a essa crença, e àquelas que dela decorrem, que o homem deve sua verdadeira segurança social, bem mais que à severidade da lei, porque a lei não pode tudo alcançar; se estivesse enraizada no coração de todos, uns dos outros nada teriam a temer; atacá-la vivamente, seria abandonar-se a todas as paixões, aniquilar todo escrúpulo. Foi o que, recentemente, levou um sacerdote a dizer, consultado sobre sua opinião a respeito do Espiritismo, essas palavras cheias de sentido: *O Espiritismo conduz a crer em alguma coisa; ora, gosto mais daqueles que crêem em alguma coisa do que daqueles que não crêem em nada, porque as pessoas que não crêem em nada não crêem mesmo na necessidade do bem.*

O Espiritismo, com efeito, é a destruição do materialismo; é prova patente, irrecusável, do que certas pessoas chamam de coisas vãs, a saber Deus, a alma, a vida futura feliz ou infeliz. Esse flagelo, pois assim o chamais, tem outras conseqüências práticas. Se soubesses, como eu, quantas vezes fez voltar a calma nos corações ulcerados pelos desgostos; que doce consolação derrama sobre as misérias da vida; quanto acalmou de ódios, impediu de suicídios, deles zombaríeis menos. Suponde que um de vossos amigos venha vos dizer Estava desesperado; ia estourar os miolos; mas hoje que, graças ao Espiritismo, sei o que isso custa, renuncio; que um outro indivíduo vos diga: Tinha inveja de vosso mérito, de vossa superioridade; vossos sucessos me impediam de dormir; queria vingar-me, vos oprimir, vos arruinar, matar-vos mesmo, vos confesso que correstes grandes perigos; mas hoje que sou Espírita, compreendo o quanto esses sentimentos são ignóbeis, eu os abjuro; e, em lugar de vos fazer mal, eu venho para vos prestar serviço; dir-vos-ia provavelmente: Pois bem! Ainda

há algo de bom nessa loucura.

O que vos digo, senhor, não é para vos convencer nem para vos conduzir às minhas idéias; tendes convicções que vos satisfazem, que para vós resolvem todas as questões do futuro: é muito natural que vós as guardeis; mas me apresentais, aos vossos leitores, como o propagador de um *flagelo*, e devo mostrar-lhes que seria desejável que todos os flagelos não acabassem mais mal, a começar do materialismo, e conto com a vossa imparcialidade para transmitir-lhes a minha resposta.

Mas, direis, não sou materialista' pode-se muito bem não ser dessa opinião sem crer nas manifestações dos Espíritos. - Sou da vossa opinião; então, ou se é *Espiritualista*, se não *Espírita*. Se me enganei sobre a vossa maneira de ver, é que tomei ao pé da letra a vossa profissão de fé, colocada no fim do vosso artigo. Dissestes: creio em duas coisas, no amor, no homem, em tudo que é maravilhoso, fosse esse maravilhoso absurdo, e no editor que me vendeu o fragmento de sonata ditado pelo Espírito de Mozart, por dois francos, preço liquido. Se aí se limita toda a vossa crença, ela é bem, isso me parece, a prima germânica do ceticismo. Mas aposto que credes em alguma coisa a mais que no senhor Ledoyen, que vos vendeu por dois francos um fragmento de sonata: é ao produto de vossos artigos, porque presumo, e talvez me engane, que não lhes dais mais por amor a Deus que o senhor Ledoyen não dá a seus livros. Cada um no seu ofício: o senhor Ledoyen vende seus livros, o literato vende sua prosa e seus versos. Nosso pobre mundo não está ainda bastante avançado para que não se possa morar, alimentar-se e vestir-se por nada. Talvez, um dia, os proprietários, os alfaiates, os açougueiros e os padeiros estarão bastante esclarecidos para compreender que é ignóbil a eles pedir o dinheiro: então os livreiros e os literatos serão arrastados pelo exemplo.

- Com tudo isso, não me dissestes o conselho que dão os Espíritos. - Ei-lo: Que é prudente não se pronunciar, muito levianamente, sobre as coisas que não se conhece, e imitar a sábia reserva do prudente Arago, que dizia, a propósito do magnetismo animal: "Eu não poderia aprovar o mistério com o qual se envolvem os sábios sérios que hoje vão assistir às experiências de sonambulismo. A *dúvida* é uma prova de modéstia, e raramente prejudicou o progresso das ciências. Não se poderia dizer outro tanto da *incredulidade*. *Aquele que, fora das matemáticas puras, pronuncia a palavra IMPOSSÍVEL, não é prudente*. A reserva é, sobretudo, um dever quando se trata da organização animal. (Notícia sobre Bailly.)

Aceitai, etc. Allan Kardec.

Dos efeitos da prece sobre os Espíritos sofredores

Revista Espírita, dezembro de 1859

Um dos nossos assinantes nos escreveu de Lausanne:

"Há mais de quinze anos professo uma grande parte daquilo que a vossa ciência Espírita ensina hoje. A leitura de vossas obras não fez senão me afirmar nesta crença; trouxe-me, por outro lado, uma grande consolação, e lança uma viva claridade sobre uma parte que não era senão trevas para mim. Embora bem convencido que minha existência deveria ser múltipla, não podia me explicar em que se tornava o meu Espírito durante o intervalo. Mil vezes obrigado, senhor, de haver-me iniciado nesses grandes mistérios, indicando-me um único caminho a seguir para ganhar um lugar melhor no outro mundo. Abristes meu coração à esperança e duplicastes minha coragem para suportar as provas deste mundo. Consentí, pois, senhor, vir em minha ajuda para reconhecer uma verdade que me interessa no mais alto grau. Eu sou protestante, e na nossa Igreja não se ora jamais pelos mortos, o evangelho não no-lo ensina. Os Espíritos que evocais, freqüentemente, dissestes, pedem os socorros de vossas preces. É, pois, porque estão ainda sob a influência das idéias adquiridas na Terra, ou é verdade que Deus leva em conta as preces dos vivos para abreviar o sofrimento dos mortos? Esta questão, senhor, é muito importante para mim e para outros de meus correligionários, que contrataram alianças católicas. Para terem respostas satisfatórias, seria necessário, eu o creio, que o Espírito de um protestante esclarecido, tal qual um dos nossos ministros, quisesse se manifestar a vós em companhia de um de vossos eclesiásticos."

A questão é dupla: 1º A prece é agradável àqueles por quem se ora? 2º - É-lhes útil?

Escutemos, de início, sobre a primeira questão o Reverendo Pai Félix em uma introdução notável de um pequeno livro intitulado: *os Mortos sofredores e abandonados*.

"A devoção aos mortos não é somente a expressão de um dogma e a manifestação de uma crença, é um encanto da vida, uma consolo do coração. Que há, com efeito de mais suave ao coração que esse culto piedoso que nos prende à memória e aos sofrimentos dos mortos? Crer na eficácia da prece e nas boas obras para o alívio daqueles que perdemos, quando os choramos, que essas lágrimas derramadas sobre eles podem ainda ser-lhes de socorro; crer, enfim, que mesmo nesse *mundo invisível que habitam* nosso amor pode ainda visitá-los por seus benefícios: que doce, que amável crença! E, nessa crença, que consolação para aqueles que viram a morte entrar sob seu teto, e ferir junto de seu coração! Se essa crença e esse culto não existissem, o coração humano, pela voz dos seus mais nobres instintos, diz a todos aqueles que o compreendem que seria necessário inventá-los, não fora senão para colocar a doçura na morte e o encanto até nos seus funerais. Nada, com efeito, não transforma e não transfigura o amor que roga sobre uma tumba ou chora nos funerais, como essa devoção, à lembrança e aos sofrimentos dos mortos. Essa mistura da religião e da dor, da prece e do amor, tem não sei o que de delicado e de enternecedor tudo junto. A tristeza que chora aí se torna um auxiliar da piedade que roga; a piedade, por sua vez, aí se torna para a tristeza o mais delicioso aroma; e a fé, a esperança e a caridade não se encontram nunca melhor para honrar a Deus consolando os homens, e colocar no alívio dos mortos a consolação dos vivos!

"Esse encanto tão doce que encontramos no nosso comércio fraternal com os mortos, quanto se torna mais doce ainda quando chegamos a nos persuadir de que Deus, sem dúvida, não deixa esses defuntos queridos ignorantes completamente do bem que lhes fazemos. Quem não desejou, quando ora por um pai ou um irmão trespassado, *que ele estivesse ali para escutar*, e quando se consagra por ele, *que estivesse ali para ver*? Quem não se disse, enxugando suas lágrimas junto ao caixão de um parente ou de um amigo perdido: "Se, *pelo menos, ele pudesse me ouvir!* Quando meu amor lhe oferece, com lágrimas, a prece e a consagração, *se eu estivesse seguro que ele o sabe e que seu amor compreende sempre o meu!* Sim, se eu pudesse crer, não somente que o alívio que lhe envio chegue a ele, mas se eu pudesse me persuadir também que Deus *se digna delegar um de seus anjos para lhe ensinar*, levando-lhe meu benefício, que esse alívio vem de mim: oh! Deus bom para aqueles que choram, que bálsamo em minha ferida! Que consolação na minha dor!"

"A Igreja, é verdade, não nos obriga a crer que os nossos irmãos mortos sabem, com efeito, no Purgatório, o que fazemos por eles na Terra, mas *também não o proíbe; ela o insinua, e parece persuadir-nos pelo conjunto de seu culto e de suas cerimônias*', e homens sérios e honrados na Igreja, não temem afirmá-lo. Qualquer que seja, de resto, se os mortos não têm o conhecimento presente e distinto das preces e das boas obras que fazemos por eles, é certo que lhes sentem os efeitos salutares; e essa firme crença não basta a um amor que quer se consolar da dor pelo benefício, e fecundar suas lágrimas pelos sacrifícios?"

O que o P. Félix admite como uma hipótese, a ciência Espírita admite como uma verdade incontestável, porque disso lhe dá a prova patente. Sabemos, com efeito, que o mundo invisível está composto daqueles que deixaram seu envoltório corporal, dito de outro modo, das almas daqueles que viveram na Terra; essas almas, ou esses Espíritos, o que é a mesma coisa, povoam o espaço; e estão por toda parte, aos nossos lados tão bem como nas regiões mais distantes; desembaraçados do pesado e incômodo fardo que os retinha na superfície do solo, não tendo mais que um envoltório etéreo, semi-material, eles se transportam com a rapidez do pensamento. A experiência prova que podem vir ao nosso chamado; mas vêm mais ou menos de bom grado, com mais ou menos prazer; segundo a intenção, isso se concebe; a prece é um pensamento, um laço que nos liga a eles: é um apelo, uma verdadeira evocação; ora, como a prece, que ela seja eficaz ou não, é sempre um pensamento benevolente, não pode, pois, ser senão agradável àqueles que lhes são o objeto. É-lhes útil? É uma outra questão. Aqueles que contestam a eficácia da prece dizem: Os decretos de Deus são imutáveis, e não pode derogá-los a pedido do homem. - Isso depende do objeto da prece, porque é bem certo que Deus não pode infringir suas leis para satisfazer a todos os pedidos inconsiderados que lhes são endereçados; consideremo-la somente do ponto de vista do alívio das almas sofredoras. Diremos primeiro que, admitindo que a duração efetiva dos sofrimentos não pode ser abreviada, a comiseração, a simpatia, são um adoçamento para aquele que sofre. Que um prisioneiro seja condenado a vinte anos de prisão, não sofrerá mil vezes mais se estiver só, isolado, abandonado? Mas que uma alma caridosa e compassiva venha visitá-lo, consolá-lo, encorajá-lo, não tivesse o poder de quebrar suas cadeias antes do tempo certo, ela lhe faria parecer menos pesadas, e os anos lhe pareceriam mais curtos. Qual é aquele que, na Terra, não encontrou na compaixão um alívio às suas misérias, uma consolação na expansão da amizade?

Podem as preces abreviarem os sofrimentos? O Espiritismo diz: *Sim*; e o prova pelo raciocínio e pela experiência: pela experiência, naquilo que são as próprias almas sofredoras que vêm confirmá-lo, e nos pintam a mudança de sua situação; pelo raciocínio, considerando-se seu modo de ação.

As comunicações incessantes que temos com os seres de além-túmulo fazem passar sob os

nossos olhos todos os graus do sofrimento e da felicidade. Vemos, pois, seres infelizes, horrivelmente infelizes, e se o Espiritismo, de acordo nisso com um grande número de teólogos, não admite o *fogo* senão como uma figura, um emblema das maiores dores, em uma palavra, como um fogo moral, é preciso convir que a situação de alguns não vale muito mais que se estivessem no fogo material. O estado feliz, ou infeliz, depois da morte não é, pois, uma qui mera, um verdadeiro fantasma. Mas o Espiritismo nos ensina ainda, que a duração do sofrimento depende, *até um certo ponto*, da vontade do Espírito, e que ele pode abreviá-lo pelos esforços que faça para melhorar-se. A prece, eu entendo a prece real, a do coração, a que é ditada por uma verdadeira caridade, leva o Espírito ao arrependimento, desenvolve nele bons sentimentos; ela o esclarece, fá-lo compreender a felicidade daqueles que estão acima dele; leva-o a fazer o bem, a se *tomar útil*, porque os Espíritos podem fazer o bem e o mal; ela tira-o, de alguma forma, do desencorajamento no qual se entorpece; fá-lo entrever a luz. Pelos seus esforços, portanto, pode sair do lamaçal onde está mergulhado; assim é que a mão de socorro que se lhe estende pode abreviar-lhe os sofrimentos.

Nosso assinante nos pergunta se os Espíritos que solicitam prece não estariam ainda sob a influência das idéias terrestres: A isso respondemos que, entre os Espíritos que se comunicam conosco, há os que, quando vivos, professaram todos os cultos, e que todos, católicos, protestantes, judeus, muçulmanos, budistas, a esta pergunta; Que podemos fazer para que vos seja útil? Respondem: Orai por mim. - Uma prece, segundo o rito que professastes, vos seria mais útil ou mais agradável? - O rito é a forma; a prece do coração não tem rito. - Nossos leitores se lembram, sem dúvida, da evocação de uma viúva de Malabar, inserta no número da *Revista* de dezembro de 1858. Quando se lhe disse: Vós nos pedis para orar por vós, mas somos cristãos; nossas preces poderiam vos ser agradáveis? Ela respondeu: Não há senão um Deus para todos os homens.

Os Espíritos sofredores se prendem àqueles que oram por eles, como o ser reconhecido àquele que lhe faz o bem. Essa mesma viúva de Malabar veio várias vezes às nossas reuniões sem ser chamada; aí vinha, dizia, para se instruir; seguia-nos mesmo na rua, como constatamos com a ajuda de um médium vidente. O assassino Lemaire, cuja evocação narramos no número de março de 1858, evocação que, entre parêntese, havia excitado a verve zombeteira de alguns cétricos, esse mesmo assassino, infeliz, abandonado, encontrou, num dos nossos leitores, um coração compassivo que dele teve piedade; vem, freqüentemente, visitá-lo, e tratou de se manifestar por todas as espécies de meios, até que essa mesma pessoa, tendo a ocasião de se esclarecer sobre essas manifestações, soube que era Lemaire que queria testemunhar-lhe seu reconhecimento. Quando teve a oportunidade de exprimir seu pensamento, disse-lhe: Agradeço-vos, alma caridosa! Eu estava só com o remorso da minha vida passada, e tivestes piedade de mim; eu estava abandonado, e pensastes em mim; eu estava no abismo, e me estendestes a mão! Vossas preces foram para mim como um bálsamo consolador; compreendi a enormidade dos meus crimes, e pedi a Deus conceder-me a graça de repará-los por uma nova existência, quando poderia fazer tanto bem quanto mal eu fiz. Obrigado ainda, ó obrigado!

Eis, de resto, sobre os efeitos da prece, a opinião atual de um ilustre ministro protestante, o senhor Adolphe Monod, falecido no mês de abril de 1856.

"O Cristo disse aos homens: Amai-vos uns aos outros. Esta recomendação encerra a de empregar todos os meios possíveis para testemunhe/ a afeição aos seus semelhantes, sem entrar, para isso, em nenhum detalhe sobre a maneira de atingir esse objetivo. Se é verdade que nada pode desviar o Criador de aplicar a justiça da qual ele é o tipo, a todas as ações do Espírito, não é menos verdadeiro que a prece que lhe endereçais por aquele por quem vos interessais, é para este último um testemunho de lembrança que não pode senão contribuir para lhe aliviar os sofrimentos e consolá-lo; desde que testemunhe o menor arrependimento,

e então somente, ele é socorrido, mas não ignora jamais que uma alma simpática se ocupou dele; esse pensamento leva-o ao arrependimento, e deixa-o na doce persuasão de que sua intercessão lhe foi útil. Disso resulta, necessariamente, de sua parte, um sentimento de reconhecimento e de afeição por aquele que lhe deu essa prova de amizade ou de piedade; conseqüentemente, o amor que o Cristo recomenda aos homens não faz senão aumentar entre eles; eles têm, pois, ambos que obedecer à lei de amor e união de todos os seres, lei de Deus, que deve levar à unidade, que é o fim do Espírito."

- Não tendes nada a acrescentar a essas explicações? - R. Não, elas encerram tudo.

- Eu vos agradeço por consentir em no-las dar. - R. É uma felicidade, para mim, contribuir para a união das almas, união que os bons Espíritos procuram fazer prevalecer sobre todas as questões de dogma que os dividem.

Um Espírito que não se acredita morto

Revista Espírita, dezembro de 1859

Um dos nossos assinantes, do departamento de Loiret, ótimo médium escrevente, escreveu o que se segue sobre vários fatos de aparição que lhe foram pessoais.

"Não querendo deixar no esquecimento nenhum dos fatos que vêm em apoio da Doutrina Espírita, venho comunicar-vos novos fenômenos, dos quais sou a testemunha e o médium, e que, como o reconheceréis, concordo perfeitamente com tudo o que publicastes em vossa Revista sobre os diversos estados dos Espíritos depois de sua separação do corpo.

"Há cerca de seis meses, ocupava-me de comunicações Espíritas com várias pessoas, quando me veio o pensamento de perguntar se, entre os assistentes, encontrava-se algum médium vidente. O Espírito respondeu afirmativamente e, designando-me, acrescentou: Tu já o és, mas num grau fraco, e somente durante teu sono; mais tarde teu temperamento se modificará de tal forma, que te tornarás um excelente médium vidente, mas pouco a pouco, e primeiro somente durante o sono.

"No curso deste ano, tivemos a dor de perder três de nossos parentes. Um deles, que era meu tio, apareceu-me, algum tempo depois de sua morte, durante meu sono; teve comigo uma longa conversa, e conduziu-me ao lugar que habita, e que me disse ser o último degrau conduzindo à morada da felicidade eterna. Tive a intenção de dar-vos a explicação do que admirei nessa morada incomparável, mas tendo consultado meu Espírito familiar a esse respeito, respondeu-me: A alegria e a felicidade que experimentastes poderiam influenciar o relato que farias das maravilhosas belezas que admiraste, e tua imaginação poderia criar coisas que não existem. Espera que teu Espírito esteja mais calmo. Detive-me, pois, para obedecer ao meu guia, e não me ocuparei senão de duas outras visões que são mais positivas. Reportar-vos-ei somente as últimas palavras de meu tio. Quando admirava aquilo que *me era permitido ver*, ele me disse: Vais agora retornar à Terra. Eu lhe supliquei conceder-me ainda alguns instantes. -Não, disse, são cinco horas, e deves retomar o curso de tua existência. No mesmo instante despertei, e cinco horas soaram no meu relógio.

"Minha segunda visão foi a de um dos dois parentes falecidos este ano. Era um homem virtuoso, amável, bom pai de família, bom cristão, e, embora doente há muito tempo, morreu quase que subitamente, e talvez no momento em que menos nisso pensava. Seu rosto tinha uma expressão indefinível, sério, triste e feliz ao mesmo tempo. Ele me disse: Expio minhas faltas; mas tenho uma consolação, continuo a viver no meio de minha mulher e de meus filhos, e lhes inspiro bons pensamentos; orai por mim.

"A terceira visão é mais característica, e me foi confirmada por um fato material; é a do terceiro parente. Era um excelente homem, mas vivo, violento, imperioso com os domésticos, e sobretudo dando outra medida aos bens deste mundo; demasiado cético, ocupava-se mais desta vida do que da futura. Algum tempo depois de sua morte, veio à noite e se pôs a sacudir minhas cortinas com impaciência, como para me despertar. Como, disse-lhe, estás? - Sim; vim procurá-lo, porque és o único que pode responder-me. Minha mulher e meus filhos

partiram para Orléans; quis segui-los, mas ninguém quis me obedecer. Disse a Pierre para fazer meus pacotes, mas não me escutou; ninguém deu-me atenção. Se pudesses vir colocar os cavalos noutra viatura e fazer meus pacotes, me prestarias grande serviço, porque poderia ir reencontrar minha mulher em Orléans. - Mas não pode fazê-lo tu mesmo? - Não, porque *não sou nada elevado*, desde o sono que experimentei durante minha doença, mudei muito; não sei mais onde estou; tenho um pesadelo. - De onde vens? - De B... - É do castelo? - Não! Respondeu-me com um grito de horror, e levando a mão sobre a fronte, é do cemitério! - Depois de um gesto de desespero, acrescentou: Meu caro amigo, diga a todos os meus parentes para orarem por mim, porque sou muito infeliz! - A essas palavras foi-se, e o perdi de vista. Quando ele veio procurar-me e sacudir minhas cortinas com impaciência, sua figura exprimia uma horrível alucinação. Quando lhe perguntei o que fizera para agitar minhas cortinas, ele que nada podia levantar, respondeu-me bruscamente: Com o meu sopro!

"No dia seguinte soube que sua mulher e seus filhos, efetivamente, haviam partido para Orléans."

Esta última aparição é sobretudo notável naquilo que a ilusão, que leva certos Espíritos a se crerem ainda vivos, prolongou-se neste bem mais tempo do que em casos análogos. Muito comumente, ela não dura senão alguns dias, ao passo que aqui, depois de mais de três meses, ele não se acreditava ainda morto. De resto, a situação é perfeitamente idêntica à que observamos muitas vezes. Ele vê tudo como durante sua vida; quer falar, e fica surpreso por não ser escutado; ele vaga, ou crê vagar, em suas ocupações habituais. A existência do perispírito está aqui demonstrada de um modo marcante, abstração feita da visão. Uma vez que se crê vivo, ele se vê, pois, um corpo semelhante ao que deixou; esse corpo age como o outro o faria; para ele nada parece mudado; somente ainda não estudou as propriedades de seu novo corpo; ele o crê denso e material como o primeiro, e se espanta por nada poder levantar. Encontra, todavia, na sua situação, alguma coisa estranha da qual não se dá conta: crê estar sob o império de um pesadelo; toma a morte por um sono; é um estado misto entre a vida corpórea e a vida Espírita, estado sempre penoso e cheio de ansiedade, e que tem de um e de outro. Como dissemos alhures, é a consequência, quase constante, de mortes instantâneas, tais como as que ocorrem por suicídio, apoplexia, suplício, combate, etc.

Sabemos que a separação do corpo e do perispírito se opera gradualmente, e não de modo brusco; começa antes da morte, quando esta chega pela extinção natural das forças vitais, seja pela idade, seja pela doença, e sobretudo naqueles que, quando vivos, pressentem seu fim, e se *identificam pelo pensamento com sua existência futura*, de tal sorte que no instante do último suspiro ela está quase completa. Quando a morte surpreende, de improviso, um corpo cheio de vida, a separação não começa senão neste momento, e não acaba senão pouco a pouco. Enquanto existir um laço entre o corpo e o Espírito, este estará na perturbação, e se entra bruscamente no mundo dos Espíritos, sente um abalo que não lhe permite reconhecer desde logo sua situação, não mais que as propriedades de seu novo corpo; é preciso que ele tente de algum modo, e é isso que o faz crer-se ainda deste mundo.

Além das circunstâncias de morte violenta, há outras que tornam mais tenazes os laços do corpo e do Espírito, porque a ilusão, da qual falamos, se observa igualmente em certos casos de morte natural, e é quando o indivíduo viveu mais da vida material do que da vida moral. Concebe-se que seu apego à matéria o retém ainda depois da morte, e prolonga assim a idéia de que nada tem a mudar para ele. Tal é o caso da pessoa que acabamos de falar.

Notemos a diferença que há entre a situação dessa pessoa e do segundo parente: um quer ainda comandar; crê ter necessidade de suas malas, de seus cavalos, de sua viatura, para ir reencontrar sua mulher; não sabe ainda que, como Espírito, pode fazê-lo instantaneamente,

ou, melhor dizendo, seu perispírito é ainda tão material que ele o crê sujeito a todas as necessidades do corpo. O outro, que viveu a vida moral, que teve sentimentos religiosos, que se identificou com a vida futura, embora surpreendido com mais imprevisto que o primeiro, já está desligado; disse que vive no meio de sua família, mas sabe que é um Espírito; fala à sua mulher e aos seus filhos, mas sabe que é pelo pensamento; em uma palavra, não há mais ilusão, ao passo que o outro ainda está na perturbação e nas angústias. Ele tem de tal modo o sentimento da vida real, que viu sua mulher e seus filhos partirem, e que partiram com efeito no dia indicado, o que ignorava seu parente a quem apareceu. Por outro lado, notemos uma palavra muito característica de sua parte, e que pinta bem na sua posição. A esta pergunta: De onde vens? Respondeu primeiro pelo nome do lugar onde habitava; depois a esta É do castelo? Não! Disse com pavor, é do cemitério. Ora, isso prova uma coisa, é que, não estando completo o desligamento, uma espécie de atração existia, ainda, entre o Espírito e o corpo, o que fez dizer que veio do cemitério; mas nesse momento parece começar a compreender a verdade; a própria questão parece colocá-lo no caminho chamando sua atenção para os despejos, por isso pronunciou essa palavra com terror.

Os exemplos desta natureza são muito numerosos, e um dos mais tocantes é o do suicídio da Samaritana, que reportamos no nosso número de junho de 1858. Esse homem, evocado vários dias depois de sua morte, afirmava, também, estar ainda vivo, e dizia: Entretanto, sinto os vermes me roerem, como fizemos observar na nossa relação, isso não era uma lembrança, uma vez que durante a vida não era roído pelos vermes; era, pois, o sentimento da atualidade, uma espécie de repercussão transmitida do corpo ao Espírito, pela comunicação fluídica que ainda existia entre eles. Esta comunicação não se traduz sempre do mesmo modo, mas é sempre mais ou menos penosa, e como um primeiro castigo para aquele que muito se identificou, durante sua vida, com a matéria.

Que diferença com a calma, a serenidade, a doce quietude daqueles que morrem sem remorso, com a consciência de haver bem empregado o tempo de sua estada neste mundo, daqueles que não se deixaram dominar por suas paixões! A passagem é curta e sem amargura, porque a morte é para eles o retomo do exílio para a sua verdadeira pátria. Está aí uma teoria, um sistema? Não, é o quadro que nos oferecem, todos os dias, nossas comunicações de além-túmulo, quadro cujos aspectos variam ao infinito, é onde cada um pode haurir um ensinamento útil, porque cada um nele encontra exemplos que pode aproveitar, se quer se dar ao trabalho de consultá-lo; é um espelho onde pode se reconhecer quem não está cego pelo orgulho.

Doutrina da reencarnação entre os Hindus

Revista Espírita, dezembro de 1859

(Nota comunicada à Sociedade pelo Senhor Tug...)

Pensa-se, geralmente, que os Hindus não admitem a reencarnação senão como uma expiação, e que, segundo eles, ela não pode se operar senão no corpo de animais. Entretanto, as linhas seguintes, extraídas da viagem da senhora Ida Pfeiffer, parecem provar que os Indianos têm idéias a esse respeito.

"As filhas, diz a senhora Pfeiffer, comumente, ficam noivas desde o seu primeiro ano. Se o noivo vem a morrer, a jovem é considerada como viúva, e, a esse título, não pode mais se casar a viuvez é tida como uma grande infelicidade. Crê-se que é a posição das mulheres cuja conduta não foi irrepreensível *numa vida anterior*.

Apesar da importância que não se pode recusar a essas últimas palavras, é necessário reconhecer que há, entre a metempsicose dos Hindus e a doutrina admitida pela Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, uma diferença capital. Citemos aqui o que diz Zimmermann sobre a religião hindu no *Journal des Voyages (Taschenbuch der Reisen)*.

"O fundo dessa religião é a crença num ser primeiro e supremo, na imortalidade da alma, e na recompensa da virtude. O verdadeiro e único Deus se chama *Brahm*, que não se pode confundir com *Brahma*, criado por ele. É a verdadeira luz, que é a mesma, eterna, feliz em todos os tempos e em todos os lugares. Da essência imortal de *Brahm* emanou a deusa *Bhavani*, quer dizer, a natureza, e uma legião de 1.180 milhões de Espíritos. Entre esses Espíritos, há três semi-deuses ou gênios superiores: *Brahma, Vichnou e Shiva*, a trindade dos Hindus. Por longo tempo a concórdia e a felicidade reinaram entre os Espíritos; mas, em seguida, uma revolta estourou entre eles, e vários recusaram obedecer. Os rebeldes foram precipitados do alto do céu aos abismos das trevas. Então ocorreu a metempsicose: cada planta, cada ser foi animado por um anjo decaído. Essa crença explica a bondade dos Hindus para com os animais: eles consideram-nos como seus semelhantes e não querem matar nenhum.

"Somos levados a crer que não foi senão depois de muito tempo que tudo o que há de bizarro nessa religião mal compreendida, e falseada na boca do povo, desceu à categoria de louca hipocrisia. Bastará indicar os atributos de algumas principais divindades para explicar o estado atual de sua religião: admitem 333 milhões de divindades inferiores: são as deusas dos elementos, dos fenômenos da Natureza, das artes, das doenças, etc. Há, por outro lado, os bons e os maus gênios: o número dos bons ultrapassa o dos maus em 3 milhões.

"O que é excessivamente notado, acrescenta Zimmermann, é que não se encontra, entre os Hindus, uma só imagem do ser supremo: parece-lhes muito grande. Toda a Terra, dizem, é seu templo e eles o adoram sob todas as figuras."

Assim, segundo os Hindus, as almas tinham sido criadas felizes e perfeitas, e sua queda foi o

resultado de uma rebelião; sua encarnação no corpo de animais é uma punição. Segundo a Doutrina Espírita, as almas foram, e *são ainda*, criadas simples e ignorantes, e é por encarnações sucessivas que elas alcançam, graças aos seus esforços e à misericórdia divina, uma perfeição que pode dar-lhes, só ela, a felicidade eterna. A alma, devendo progredir, pode permanecer estacionária durante um tempo mais ou menos longo, mas não retrograda: o que adquiriu em ciência ou moralidade, não o perde. Se ela não avança, também não recua: por isso não podem retornar animando seres inferiores à Humanidade. Assim, a metempsicose dos Hindus está fundada sobre o princípio da degradação das almas; a reencarnação, segundo os Espíritos, está fundada sobre o princípio do progresso sucessivo. Segundo os Hindus, a alma começou pela perfeição para chegar à abjeção; a perfeição é o início e a abjeção o resultado. Segundo os Espíritos, a ignorância é o início, a perfeição é o objetivo e o resultado. Seria supérfluo procurar demonstrar qual das duas doutrinas é a mais racional e dá mais alta idéia da bondade e da justiça de Deus. É, pois, por uma completa ignorância de seus princípios que algumas pessoas as confundem.

TUG...

Conversas familiares de além-túmulo - Senhora Ida Pfeiffer

Revista Espírita, dezembro de 1859

A senhora Ida Pfeiffer, célebre viajante

(Sociedade; 7 de setembro de 1859.)

O relato seguinte foi extraído da segunda Viagem, ao redor do mundo, da senhora Ida Pfeiffer, página 345.

Uma vez que me ocupo em falar de coisas tão estranhas, é necessário que mencione um acontecimento enigmático que se passou, há vários anos, em Java, e que fez tanta sensação que provocou mesmo a atenção do governo.

"Havia, na residência de Chéribon, uma casinhola na qual, no dizer do povo, ocupava-se dos Espíritos. Na caída do dia, as pedras começavam a chover de todos os lados na sala, e por toda parte onde se escarrava *siri* (1). (1-Preparado que os Javanese mascam continuamente, e que dá à boca e à saliva uma cor de sangue.) As pedras, assim como os escarros, caíam perto das pessoas que se encontravam no recinto, mas sem atingi-las nem feri-las. Parecia que era sobretudo contra uma pequena criança que isso estava dirigido. Falou-se tanto desse assunto inexplicável, que por fim o governo holandês encarregou um oficial superior, que merecia sua confiança, de examiná-lo. Este fez postar, ao redor da casa, homens seguros e fiéis, com proibição de deixar entrar e sair quem quer que fosse. Examinou tudo escrupulosamente, e pondo sobre os joelhos a criança designada, sentou-se na peça fatal. À tarde a chuva de pedras e de *siri* começou a cair como de costume: tudo caiu perto do oficial e da criança, sem atingir nem um e nem o outro. Examinou-se de novo cada canto, cada buraco; mas não se descobriu nada: o oficial nada pôde ali compreender. Fez recolher as pedras, fez marcá-las e escondê-las num lugar bem afastado; isso foi em vão: as mesmas pedras caíram de novo na peça, na mesma hora. Enfim, para pôr termo a essa história inconcebível, o governo fez demolir a casa"

A pessoa que obteve este fato, em 1853, era uma mulher verdadeiramente superior, menos pela sua instrução e seu gênio que pela incrível energia de seu caráter. A parte essa ardente curiosidade e essa coragem indomável, que dela fizeram a mais espantosa viajante que jamais existiu, a senhora Pfeiffer não tinha em seu caráter nada de excêntrico. Era uma mulher de uma piedade doce e esclarecida, e que provou muitas vezes que estava longe de ser supersticiosa: tinha por lei não contar senão o que vira por si mesma, ou aquilo que tinha por fonte certa. (Ver a *Revue de Paris*, do dia 1º de setembro de 1856, e o *Dictionnaire des contemporains*, de Vapereau.)

1. Evocação da senhora Pfeiffer. - Estou aqui.

2. Estais surpresa pelo nosso chamado e por vos encontrardes entre nós? - R. Estou surpresa pela rapidez da minha viagem.

3. Como fostes prevenida que desejavamos falar-vos? - R. Fui conduzida aqui sem disso suspeitar.
4. Todavia, recebestes um aviso qualquer. - R. Um arrebatamento irresistível.
5. Onde estáveis, quando do nosso chamado? - R. Estava perto de um Espírito que tenho a missão de guiar.
6. Tivestes consciência dos lugares que atravessastes para vir aqui, ou bem aqui vos encontrastes subitamente, sem transição? -R. Subitamente.
7. Sois feliz, como Espírito? - R. Sim, não se pode ser mais feliz.
8. De onde vos veio esse gosto pronunciado pelas viagens? -R. Fui marinheiro numa vida precedente, e o gosto que tinha, nessa vida, pelas viagens refletiu sobre esta, apesar do sexo que escolhi para disso me subtrair.
9. Vossas viagens contribuíram para o vosso adiantamento, como Espírito? - R. Sim, porque as fiz com espírito de observação, que me faltou na existência precedente, quando não me ocupei senão de comércio e de interesses materiais: foi por isso que acreditei avançar mais numa vida sedentária; mas Deus, tão bom e tão sábio em seus decretos que não podemos penetrar, fez-me utilizar minhas tendências para fazê-las servir ao adiantamento que eu solicitei.
10. Qual das nações que visitastes pareceu a mais avançada e que preferistes? Não dissestes, quando viva, que vos agradavam certas populações da Oceania acima das nações civilizadas? - R. Era um sistema errôneo. Prefiro hoje a França, porque compreendo sua missão e prevejo seus destinos.
11. Qual o destino que prevês para a França? - R. Não posso dizer-vos sua destinação; mas sua missão é espalhar o progresso, as luzes, e portanto o Espiritismo VERDADEIRO.
12. Em que os selvagens da Oceania vos pareciam mais avançados que os Americanos? - R. Neles encontrei, à parte os vícios concernentes ao estado selvagem, qualidades sérias e sólidas que não encontrei alhures.
13. Confirmais o fato que teria se passado em Java, e que é narrado em vossas obras? - R. Eu o confirmo em parte; o fato das pedras marcadas e lançadas de novo merece explicação: eram pedras semelhantes, mas não as *mesmas*.
14. A que atribuíste esse fenômeno? - R. Eu não sabia a que atribuí-lo: perguntava-me se, com efeito, o diabo existia; e me respondia: Não, e nisso ficava.
15. Agora que podeis disso vos dar conta, podeis nos dizer de onde vinham essas pedras? Eram transportadas ou fabricadas de propósito pelos Espíritos? - R. Pedras transportadas. Era mais fácil, para eles, conduzi-las do que aglomerá-las.
16. E esse *siri*, de onde vinha? Era fabricado por eles? - R. Sim: era mais fácil, e, por outro lado, inevitável, uma vez que era impossível encontrá-lo inteiramente preparado.

17. Qual era o objetivo dessas manifestações? - R. Como sempre, para chamar a atenção e fazer constatar um fato do qual se falou e do qual se procurou a explicação.

Nota. Alguém pode observar que essa constatação não poderia conduzir a nenhum resultado sério entre tais povos; mas responde-se que há um resultado real, uma vez que, pelo relato e o testemunho da senhora Pfeiffer, chegou ao conhecimento dos povos civilizados, que o comentam e dele tiram conseqüências: esses são, aliás, os Holandeses que foram chamados a constatá-los.

18. Deveria haver aí um motivo especial, sobretudo quanto à criança atormentada por esses Espíritos? - R. A criança tinha uma influência favorável, eis tudo, uma vez que não lhe fizeram pessoalmente nenhum toque.

19. Uma vez que esses fenômenos eram produzidos pelos Espíritos, por que cessaram quando a casa foi demolida? - R. Cessaram porque se julgou inútil continuar; mas não deveríeis perguntar se *teriam podido* continuar.

20. Nós vos agradecemos por terdes vindo e terdes consentido em responder às nossas perguntas. - R. Estou ao vosso dispor.

Privat d'Anglemont

(Primeira conversa, em 2 de setembro de 1859.)

Leu-se no jornal *lê Pays*, de 15 ou 16 de agosto de 1859, a Notícia necrológica seguinte, sobre Privat d'Anglemont, homem de letras, falecido no asilo Dubois.

"Suas invenções jamais faziam mal a alguém; não teve senão a última de má, e ela voltou-se contra ele. Entrando na casa de saúde onde acaba de morrer aos poucos, mas onde se apagou feliz por um bem-estar novo, Privat d'Anglemont imaginou dizer que era anabatista, e da doutrina de Swedenborg. Tinha dito muitas outras em sua vida! Mas desta fez a morte pegou-o na palavra, e não lhe deixou tempo para se desdizer. A suprema consolação da cruz foi afastada de sua cama; seu enterro encontrou uma igreja, e passou outra. A cruz não veio, não mais, recebê-lo no limiar do cemitério. Quando o caixão foi depositado na tumba, Édouard Fournier, que pronunciou sobre esse pobre corpo palavras tocantes, não ousou desejar-lhe senão o sono, e todos os seus amigos se afastaram, espantados de que não o tivessem saudado um a um com a água que se assemelha às lágrimas e que purifica. Fizeram, pois, uma subscrição, depois disso, e tentaram edificar alguma coisa sobre uma sepultura sem esperança! Pobre Privat! Eu não o confio menos àquele que conhece todas as misérias de nossa alma, e que colocou o perdão como a lei na efusão de um coração afetuoso."

Faremos uma nota preliminar sobre essa Notícia Não há alguma coisa de atroz nesse pensamento de uma sepultura sem esperança, e que não merece mesmo a honra de um túmulo? A vida de Privat, sem dúvida, poderia ser mais meritória; sem contradita, teve defeitos; mas ninguém disse que foi um mau homem, fazendo, como tantos outros, o mal pelo prazer de fazê-lo, sob o manto da hipocrisia. Deve-se crer que, porque em seus últimos momentos na Terra foi privado das preces concedidas aos crentes, Deus o reprova para sempre, e que não lhe deixa senão o sono da eternidade por suprema esperança? Dito de

outro modo, que não é, aos olhos de Deus, senão um animal, homem de inteligência, negligente, é verdade dos bens e dos favores do mundo, vivendo o dia-a-dia sem se preocupar com o dia de amanhã, mas, em definitivo, homem de pensamento, senão gênio transcendente? Nessa conta, como deve ser assustador o número daqueles que entram no nada! Convenhamos que os Espíritos nos dão de Deus uma idéia bem sublime, e no-lo representam como sempre pronto a estender mão segura àqueles que reconhecem seus erros, aos quais deixa sempre uma âncora de salvação.

1. *Evocação.* - Eis-me; que desejais, meus amigos?

2. Tendes uma consciência límpida da vossa situação atual? - R. Não, não totalmente, mas espero não tardar a tê-la, porque felizmente para mim, Deus não me parece querer afastar-me dele, apesar da vida quase inútil que vivi na Terra, e terei mais tarde uma posição bastante feliz no mundo dos Espíritos.

3. No momento de vossa morte vos reconhecestes imediatamente? - R. Fiquei perturbado; isto se compreende, mas não tanto quanto se poderia supor, porque sempre amei o que era etéreo, poético, sonhador.

4. Poderíeis descrever-nos o que se passou em vós nesse momento? - R. Não se me passou nada que seja muito extraordinário e diferente daquilo que já sabeis; inútil, portanto, disso falar-vos ainda.

5. Vedes as coisas tão claramente como em vossa vida? - R. Não, não ainda, mas eu as verei.

6. Que impressão faz sobre vós a visão atual dos homens e das coisas? - R. Meu Deus, o que deles sempre pensei.

7. Do que vos ocupais? - R. Eu nada faço; estou errante; procuro, não mais uma posição social, mas uma posição Espírita; outro mundo, outra ocupação; é a lei natural das coisas.

8. Podeis vos transportar por toda parte onde quiserdes? - R. Não; eu seria muito feliz, meu mundo é restrito.

9. É-vos é necessário um tempo apreciável para vos transportardes de um lugar a outro? - R. Bastante apreciável.

10. Durante a vossa vida, constatáveis a vossa individualidade por meio de vosso corpo; mas agora que não tendes mais esse corpo, como a constatais? - R. Hum! É estranho! Eis uma coisa na qual ainda não pensara; tem-se muita razão ao dizer que se aprende alguma coisa todos os dias. Obrigado, caro confrade.

11. Pois bem! Uma vez que chamamos a vossa atenção sobre este ponto, quereis nele refletir, e nos responder. - R. Eu vos disse que sou restrito como espaço; mas, ai de mim! Eu, que sempre tive uma imaginação viva, também o sou assim como pensamento; responderei-vos mais tarde.

12. Qual era, durante vossa vida, a vossa opinião sobre o estado da alma depois da morte? - R. Eu a acreditava imortal, é evidente; mas confesso, com minha vergonha, que não acreditava, pelo menos que não tinha uma opinião bem determinada sobre a reencarnação.

13. Qual era a fonte do caráter original que vos distinguia? - R. Não tinha fonte direta; outros são profundos, sérios, filósofos; eu era alegre, vivo, original; é uma variedade de caráter; eis tudo.

14. Não poderíeis, pelo vosso talento, vos libertar dessa vida de boêmia que vos atormentou pelas necessidades materiais; porque creio que vos faltava, freqüentemente, o necessário? - R. Muito freqüentemente; mas, que quereis? eu vivia como me compelia meu caráter. Em seguida, jamais soube me dobrar a essas tolas maneiras do mundo; não sabia o que era ir mendigar uma proteção; a arte pela arte, eis meu princípio.

15. Qual é a vossa esperança para o futuro? - R. Não o sei ainda.

16. Lembrai-vos da existência que precedeu a que acabais de deixar? - R. Ela foi boa.

Nota. - Alguém observou que estas últimas palavras poderiam ser tomadas como uma exclamação irônica, o que era freqüente no caráter de Privat. Este respondeu espontaneamente:

- Eu vos peço mil perdões; não graciei; eu sou, é verdade, um Espírito pouco instruído para vós, mas enfim não quero gracejar com as coisas sérias. Terminemos aqui; não quero mais falar. Adeus.

(Quarta conversa, 9 de setembro de 1859.)

1. Evocação. - R. Vejamos, meus amigos, não terminastes, pois, de me fazerem perguntas, muito sensatas, mas às quais não posso responder?

2. Sem dúvida, é por modéstia que dizeis isso; porque a inteligência que mostrastes em vossa vida, e a maneira pela qual nos respondestes, provam que o vosso Espírito está acima do vulgo. -R. Bajulador!

3. Não, não bajulamos, dizemos o que pensamos; aliás, sabemos que a bajulação não teria objetivo com os Espíritos. Quando da vossa última conversa, nos deixastes bruscamente; gostaríeis de nos dizer a razão disso? - R. A razão, ei-la aqui em toda a sua simplicidade: Vós me colocais perguntas de tal modo fora de minhas idéias que fico muito embaraçado para responder; compreendeis, pois, a justa agitação do orgulho que devo experimentar permanecendo calado.

4. Vedes outros Espíritos ao vosso redor? - R. Vejo-os em quantidades: aqui, lá embaixo, por toda parte, por toda parte.

5. Refletistes sobre a pergunta que vos fizemos e à qual dissestes que nos responderíeis em uma outra vez? Eu a repito: Quando vivo, constatáveis a vossa individualidade por meio de vosso corpo; mas agora que não tendes mais esse corpo, como a constatais? Em uma palavra, como vos distinguis dos outros seres espirituais que vedes ao vosso redor? - R. Se posso vos exprimir o que me toca, tenho ainda conservada uma espécie de essência que me dá minha individualidade, e não me deixa nenhuma dúvida de que não seja eu mesmo, embora esteja morto para a Terra. Estou ainda num mundo novo, bem novo para mim... (depois de alguma hesitação.) Constato, enfim, a minha individualidade pelo meu perispírito,

que é a forma que tinha nesse mundo.

Nota. Pensamos que esta última resposta foi-lhe soprada por um outro Espírito, porque sua precisão contrasta com o embaraço que parece indicar o início.

6. Assististes aos vossos funerais? - R. Sim, eu assisti a eles, mas não sei muito por quê.

7. Que sentimento isso vos fez experimentar? - R. Eu o vi com prazer, com muita satisfação, que em deixando a Terra, nela deixo ainda lamentações.

8. De onde vos veio a idéia de vos dizer anabatista e sweden-borgoriano; foi porque estudastes a doutrina de Swedenborg? - R. Foi uma de minhas idéias excêntricas entre as outras.

9. Que pensais da pequena Notícia necrológica publicada sobre vós em te *Pays*? - R. Vós me embaraçais, porque credes, se publicásseis essas comunicações na *Revista*, que isso daria prazer àquele que a escreveu, que eu digo, eu, para quem elas foram feitas, que são belas frases, nada mais do que belas frases?

10. Retomastes, algumas vezes, para ver os lugares que freqüentastes quando vivo, e os amigos que deixastes? - R. Sim, e ousou dizer que nisto encontro ainda uma certa satisfação. Quanto aos amigos, tinha-os bem poucos sinceros; muitos me apertavam a mão sem ousarem me dizer que eu era excêntrico, e por último me destruíam, me tratavam de louco.

11. Para onde pretendeis ir, em nos deixando? Esta não é uma pergunta indiscreta, mas para nossa instrução. - R. Onde irei?... Vejamos, pois!... Olhai, uma excelente idéia... vou me pagar uma pequena alegria... uma vez não é costume... Vou fazer um pequeno passeio, visitar um pequeno quarto que, durante minha vida, deixou-me lembranças bem agradáveis... Sim, é uma boa idéia; aí passarei a noite, à cabeceira de um pobre diabo escultor que esta noite não jantou, e que pediu ao sono o alívio de sua fome... Quem dorme janta... Pobre rapaz! Tranqüiliza-te, vou dar-te sonhos magníficos.

12. Não se poderia saber onde mora este escultor, para que se pudesse ajudá-lo? - R. Esta é uma questão que poderia ser indiscreta, se eu não conhecesse o louvável sentimento que a dita... Não posso responder a esta questão.

13. Terieis a bondade de nos ditar alguma coisa em seguida, sobre um assunto à vossa escolha. Vosso talento de literato deve tornar-vos a coisa fácil. - R. Não ainda; todavia, me pareceis tão afáveis, tão compassivos, que vos prometo escrever alguma coisa. Agora, talvez, poderia ser um pouco eloqüente, mas temo que minhas comunicações sejam ainda muito terrestres; deixai minha alma depurar um pouco; deixai-a trocar esse envoltório grosseiro que ainda a prende, e então eu vos prometo uma comunicação; somente vos pedirei uma coisa, que é pedir a Deus, nosso soberano senhor, conceder-me o perdão, o esquecimento de minha inutilidade na Terra; porque cada homem tem uma missão neste mundo, infeliz quem não a cumpre com fé e religião! Orai! Orai! Adeus.

(Terceira conversa.)

Estou aqui há muito tempo. Prometi dizer alguma coisa; eu direi.

Nada é mais embaraçoso, sabeis-o, meus amigos, que falar assim sem preâmbulo, e atacar um assunto sério. Um sábio não prepara suas obras senão depois de muito longas reflexões, senão depois de amadurecer por muito tempo o que deve dizer, o que deve empreender. Quanto a mim, eu o lamento, mas ainda não encontrei um assunto que seja digno de vós; não poderia dizer-vos puerilidades; prefiro, pois, pedir-vos para passar a questão para o mesmo dia da semana seguinte, como se diz no tribunal; talvez, então, terei encontrado alguma coisa que possa vos interessar e vos instruir.

Tendo o médium insistido mentalmente para que dissesse alguma coisa, ele acrescentou: Mas, meu caro, acho-te admirado! Não, prefiro permanecer ouvinte; tu não sabes, pois, que há para mim tanta instrução, quanto para vós, em escutar o que se discute aqui? Não; eu vos repito, permaneço simples ouvinte; é um papel que será para mim muito mais instrutivo. Apesar de tuas instâncias, não quero responder; crês, pois, que seria muito agradável para mim que se dissesse: Ah! Esta noite evocou-se Privat d'Anglemont. -Verdadeiramente! Que disse ele? - Nada, absolutamente nada. -Obrigado! Gosto mais que se conserve de mim uma boa opinião. Cada um com as suas idéias.

Comunicação espontânea de Privat d'Anglemont

(Quarta conversa, 30 de setembro de 1859.)

"Enfim eis que o Espiritismo faz grande ruído por toda a parte, e eis que os jornais dele se ocupam, de um modo indireto, é verdade, citando fatos extraordinários de aparições, de pancadas, etc. Meus ex-confrades citam os fatos sem comentários; nisso dão prova de inteligência, porque a Doutrina Espírita jamais deve ser mal discutida ou achada ruim. Todavia, ainda não admitiram a veracidade do papel do médium; eles duvidam; mas eu refuto as suas objeções em dizendo isto, que eles mesmos não são senão médiuns; todos os escritores, pequenos e grandes o são, mais ou menos; o são nesse sentido que os Espíritos que estão ao seu redor agem sobre o seu sistema mental, e lhes inspiram, freqüentemente, pensamentos que se glorificam de terem criado. Certamente, jamais teriam duvidado que eu, Privat d'Anglemont, Espírito leviano por excelência, jamais teria resolvido esta questão; e, todavia, não digo senão a verdade, e para prova dou uma coisa bem simples: Como ocorre que, depois de ter escrito durante algum tempo, estão como sobre-excitados e num estado de febre pouco comum? A atenção, dir-me-eis. Mas quando estais bem ligados a uma coisa, suponho olhando um quadro, é quando tendes a febre? Não, não é? Portanto, é necessário que haja uma outra causa. Pois bem! Eu o repito, a causa está na espécie de comunicação que existe entre o cérebro do escritor e os Espíritos que o cercam. Agora, meus caros confrades, chicoteai se vos parece bom o Espiritismo, zombai dele, mas com certeza zombareis de vós mesmos, vos dareis para mais tarde vergastas para vós... me compreendeis?"

PRIVAT D'ANGLEMONT.

O médium que servira de intérprete a Privat d'Anglemont na Sociedade, tendo a idéia de evocá-lo particularmente, teve com ele a conversa seguinte. Parece que este Espírito teve por ele uma certa afeição, seja porque encontrou nele um instrumento fácil, seja porque haja entre eles simpatia. Esse médium é um jovem iniciante na carreira literária, e seus felizes ensaios anunciam disposições que Privat, sem dúvida, tem prazer em encorajar. 1. Evocação.

- R. Eis-me; já faz algum tempo que estou contigo; esperava essa evocação de tua parte. Fui eu que, a toda hora, inspirei alguns bons pensamentos que tiveste; foi a fim, caro amigo, de te consolar um pouco, e fazer-te suportar com mais coragem as penas deste mundo. Crês, pois, que não sofri também, mais do que pensais, vós todos que sorris às minhas excentricidades? E sob essa couraça de indiferença que afetei sempre, quanto escondi de desgostos e de dores! Tinha somente uma qualidade muito preciosa para um homem de letras ou para um artista: tenho sempre, e não importa em que ocasião, temperado meus sofrimentos com a alegria. Quando eu sofria muito, fazia pilhérias, jogo de palavras, gracejos. Quantas vezes a fome, a sede, o frio vieram bater à minha porta! E quantas vezes não lhes respondi com uma longa e alegre gargalhada! Gargalhada simulada, dirás? Pois bem! Não, não amigo, confesso-te que era sincera. Que queres! Sempre tive o caráter mais negligente que é possível ter. Jamais me preocupei com o futuro, não mais do que com o passado e o presente. Sempre vivi em verdadeira boêmia, sem preocupação com o futuro; gastando cinco francos quando os tinha, e mesmo quando não os tinha; e não mais rico quatro dias depois de ter recebido o dinheiro, do que o era na véspera.

Certamente, não desejava a quem quer que seja levar essa vida inútil, incoerente, irracional. Os excêntricos não são mais do nosso tempo; as idéias novas fizeram por isso progressos muito rápidos. É uma vida da qual em nada me glorifico, e da qual, às vezes, tenho vergonha. A juventude deve ser estudiosa: ela deve procurar, pelo trabalho, fortificar sua inteligência, a fim de melhor conhecer e apreciar os homens e as coisas.

Desenganai-vos, pessoas jovens, se credes que, saindo do colégio, sois homens completos ou sábios. Tendes a chave para tudo saber cabe-vos, agora, trabalhar e estudar; cabe-vos entrar, mas decididamente, no vasto campo que vos é oferecido, e cujos caminhos foram aplanados pelos vossos estudos do colégio: Sei que é necessário distração à juventude: o contrario seria contra a natureza; entretanto, muita não é preciso; porque aquele que durante a primavera de sua vida não pensou senão no prazer, prepara-se para, mais tarde, penosos remorsos. Será então que a experiência e as necessidades deste mundo lhe ensinarão que os momentos perdidos não se recuperam jamais. É necessário a um jovem leituras sérias: os autores antigos, freqüentemente, são os melhores, porque seus bons pensamentos sugerem outros. Devem evitar, sobretudo, os romances, que não excitam senão a imaginação e deixam o coração no vazio. Os romances não deveriam ser tolerados senão como distração, uma vez de tempo em tempo, ou para algumas senhoras que nada têm de melhor para fazer. Instruí-vos! Instruí-vos! Aperfeiçoai a inteligência que Deus vos deu; não se é digno de viver senão a esse preço.

- P. Tua linguagem me espanta, caro Privat. Tu te apresentaste a mim sob aparência muito espiritual, sem dúvida, mas não como Espírito profundo, e agora... - R. Alto lá! jovem; eu te detenho. Eu apareci, ou antes, comuniquei-me com todos vós como um Espírito pouco profundo, de acordo; mas ocorre que não estava ainda totalmente desligado do meu envoltório terrestre, e o estado de Espírito não se apresentara, ainda, em toda a sua realidade. Agora, amigo, eu sou um Espírito, nada mais que um Espírito. Sinto que vou provar tudo como os outros, e a minha vida na Terra não me parece mais que um sonho; e que sonho! Estou em parte habituado a este mundo novo que deve ser a minha morada e por algum tempo.

- P. Quanto tempo crês permanecer como Espírito, e em tua nova existência o que fazes? Quais são tuas ocupações? - R. O tempo que devo permanecer como Espírito está nas mãos de Deus, e durará - suponho e tanto quanto posso conceber - até que Deus ache a minha alma bastante depurada para encarnar numa região superior. Quanto às minhas ocupações, são quase nulas. Estou ainda errante, e é uma consequência da vida que levei na Terra.

Assim é que, o que me parecia um prazer no vosso mundo, para mim agora é uma pena. Sim, é verdade, gostaria de ter uma ocupação séria, interessar-me por qualquer que merecesse a minha simpatia, inspirar-lhe bons pensamentos; mas, meu caro amigo, é muito tagarelar, e se me consentes permiti-lo, vou me retirar. Adeus; se tiveres necessidade de mim, não temas chamar-me: acorrerei com prazer. Coragem! Sé feliz!

Dirkse Lammers

(Sociedade, 11 de novembro de 1859.)

O senhor Van B..., de La Haye, presente à sessão, deu conta do fato seguinte, que lhe foi pessoal.

Numa reunião Espírita, à qual assistia, em La Haye, um Espírito, que se designou sob o nome de *Dirkse Lammers*, se manifestou espontaneamente. Interrogado sobre as particularidades que lhe concernem, e sobre o motivo de sua visita no meio de pessoas que não o conheciam, e que não o chamaram, contou assim a sua história:

"Eu vivia em 1592, e fui enforcado no lugar onde estais neste momento, numa estrebaria de vacas, que existia então sobre o local da casa atual. Eis em quais circunstâncias: eu tinha um cão, e minha vizinha tinha galinhas. Meu cão estrangulou suas galinhas, e a vizinha, para disso se vingar, envenenou meu cão. Na minha cólera, bati e feri essa mulher; ela atacou-me na justiça, e fui condenado a três meses de prisão e a 25 florins de multa. Se bem que a condenação fosse bastante leve por isso não foi menor meu ódio contra o advogado X.....que a havia provocado, e resolvi me vingar dele. Em conseqüência, esperei num caminho abandonado que ele tomava todas as tardes para ir a Loosduinen, perto de La Haye; estrangulei-o e pendurei-o numa árvore. Para fazer crer num suicídio, coloquei no seu bolso um papel preparado de antemão, como sendo escrito por ele, e pelo qual dizia não acusar ninguém de sua morte, visto que ele mesmo tirara sua vida. Desde esse momento, o remorso perseguiu-me, e três meses depois me enforquei, como disse, no lugar onde estais. Vim, impelido por uma força à qual não pude resistir, confessar meu crime, na esperança que isso poderá, talvez, trazer algum alívio à pena que suporto desde então."

Esse relato feito com detalhes tão circunstanciais, tendo espantado a assembléia, tomaram-se informações e soube-se, pelas pesquisas feitas no estado civil, que, com efeito, em 1592, um advogado, de nome X..... enforcou-se no caminho de Loosduinen.

Tendo sido evocado, na sessão da Sociedade do dia 11 de novembro de 1859, o Espírito de Dirksen Lammers se manifestou por atos de violência, quebrando os lápis. Sua escrita era irregular, grossa, quase ilegível, e o médium experimentou uma dificuldade extrema para traçar os caracteres.

1. *Evocação*. Eis-me. Por que fazer?

2. Reconheceis aqui uma pessoa com a qual recentemente vos comunicastes? - R. Dei bastante provas de minha lucidez e de minha boa vontade: isso deveria bastar.

3. Com qual objetivo vos comunicastes, espontaneamente, na

casa do senhor Van D.....? - R. Eu não o sei; fui enviado para lá;

e não tinha, por mim mesmo, grande vontade para contar o que fui forçado a dizer.

4. Quem vos obrigou a fazê-lo? - R. A força que nos conduz: disso não sei nada mais; fui arrastado, apesar de mim, e forçado a obedecer aos Espíritos que tinham direito de se fazerem obedecer.

5. Fostes constrangido a atender ao nosso apelo? - R. Muito: aqui não estou no meu lugar.

6. Sois feliz como Espírito? - R. Bela pergunta!

7. Que podemos fazer para vos ser agradável? - R. É que desejais fazer alguma coisa que me seja agradável!

8. Certamente: a caridade nos ordena ser útil, quando o podemos, tanto para os Espíritos quanto para os homens. Uma vez que sois infeliz, chamaremos sobre vós a misericórdia de Deus: nós nos empenharemos em pedir por vós. - R. Eis, há séculos, as primeiras palavras desta natureza que me são dirigidas. Oh! Obrigado! Obrigado! Por Deus! Que isso não seja uma vã promessa, eu vos peço.

Michel François

(Sociedade, 11 de novembro de 1859.)

Michel François, ferrador, que viveu no fim do século XVII, tendo se dirigido ao administrador de Provence, disse-lhe que um espectro lhe tinha aparecido, e lhe ordenara ir revelar ao rei Louis XIV as coisas mais importantes e mais secretas. Fê-lo partir para a Corte, no mês de abril de 1697. Uns dizem que ele falou com o rei, outros dizem que o rei se recusou ouvi-lo. O que há de verdadeiro, acrescenta-se, é que em lugar de enviá-lo ao hospício, ele obteve dinheiro para a sua viagem, e a isenção de impostos e outras imposições reais.

1. *Evocação.* - R. Estou aqui.

2. Como soubestes que desejávamos vos falar? - R. Como me fazeis esta pergunta? Não sabeis que estais cercados de Espíritos que advertem aqueles com os quais desejais vos comunicar?

3. Onde estáveis quando vos chamamos? - R. No espaço, porque ainda estou errante.

4. Estais surpreso por vos encontrar no meio de pessoas vivas? - R. Não pelo menos do mundo; com elas me encontro freqüentemente.

5. Lembrai-vos de vossa existência, em 1697, sob Louis XIV, quando éreis ferrador? - R. Muito confusamente.

6. Lembrai-vos da revelação que queríeis fazer ao rei? - R. Lembro-me que tinha de fazer-lhe uma revelação.

7. Essa revelação, a fizestes? - R. Sim.

8. Dissestes que um espectro vos aparecera e vos ordenara ir revelar certas coisas ao rei; quem era esse espectro? - R. Era o de seu irmão.

9. Podeis nomeá-lo? - R. Não; vós me compreendeis.

10. Esse homem era designado sob o nome de Máscara de ferro? - R. Sim.

11. Agora que estamos bem longe daquele tempo, poderíeis dizer-nos qual era o assunto dessa revelação? - R. Era justamente de informar-lhe sua morte.

12. A morte de quem? Era a de seu irmão? - R. Mas sim.

13. Que impressão vossa revelação teve sobre o rei? - R. Uma impressão misturada com desgosto e satisfação: de resto, isso está bem provado pelo modo pelo qual ele me tratou.

14. Como vos tratou? - R. Com bondade e afabilidade.

15. Diz-se que coisa semelhante aconteceu com Louis XVIII. Sabeis se isso é verdade? - R. Creio que houve alguma coisa como isso, mas não estou bem instruído a respeito.

16. Por que esse Espírito vos escolheu para essa missão, vós, um homem obscuro, antes que um personagem da corte que se aproximasse do rei mais facilmente? - R. Eu me encontrei em seu caminho, dotado da faculdade que ele desejava encontrar, e que era necessária, e também porque um personagem da corte não poderia fazer aceitar a revelação: crer-se-ia instruído por outros meios.

17. Qual foi o objetivo dessa revelação, uma vez que o rei seria necessariamente informado da morte de seu irmão, antes de informado por vós? - R. Era para fazê-lo refletir sobre a vida futura e sobre a sorte à qual poderia se expor, e com efeito se expôs: seu fim foi manchado por ações pelas quais ele acreditava assegurar-se um futuro que essa revelação poderia tomar melhor.

Comunicações espontâneas obtidas nas sessões da Sociedade.

Revista Espírita, dezembro de 1859

30 de setembro de 1859. (Méd. Sr. R...)

Amai-vos uns aos outros, eis toda a lei: lei divina, pela qual Deus cria sem descanso e governa os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados; a atração é a lei de amor para a matéria inorgânica.

Não esqueçais jamais que o Espírito, qualquer que seja seu grau de adiantamento, sua situação, como reencarnação ou erraticidade, está *sempre* colocado entre um superior que o guia e aperfeiçoa, e o inferior perante o qual tem os mesmos deveres a cumprir.

Sede, pois, caridosos, não só desta caridade que vos leva a tirar de vossa bolsa o óbolo que dais friamente àquele que ousa vos pedir, mas ide ao encontro das misérias ocultas.

Sede indulgentes com os defeitos de vossos semelhantes; em lugar de desprezar a ignorância e o vício, instruí-os e moralizai-os; sede-o, mesmo, diante dos seres mais ínfimos da criação, e tereis obedecido à lei de Deus.

VICENTE DE PAULO.

Nota. Os Espíritos considerados pelos homens como *santos*, não tomam geralmente essa qualidade; assim São Vicente de Paulo assina simplesmente *Vicente de Paulo*; São Luís assina *Louis*, e aqueles, ao contrário, que usurpam nomes e qualidades que não lhes pertencem, comumente, ostentam seus falsos títulos, crendo, sem dúvida, com isso se impor mais facilmente; mas essa máscara não pode enganar a quem se dê ao trabalho de lhes estudar a linguagem; a dos Espíritos realmente superiores tem uma marca com a qual não se pode equivocar.

18 de novembro de 1859. (Méd. Sr. R...)

A união faz a força; sede unidos para serdes fortes. O Espiritismo germinou, lançou raízes profundas; vai estender sobre a Terra seus ramos benfazejos. É necessário tomar-vos invulneráveis contra as flechas envenenadas da calúnia e da negra falange dos ignorantes, dos egoístas e dos hipócritas. Para aí chegar, que uma indulgência e uma benevolência recíprocas presidam as vossas relações; que vossos defeitos passem despercebidos, que somente as vossas qualidades sejam notadas; que a luz da santa amizade reúna, esclareça e reanime os vossos corações, e resistireis aos ataques impotentes do mal como a rocha inquebrantável à vaga furiosa.

VICENTE DE PAULO.

23 de setembro de 1859. (Méd. Sr. R...)

Até o momento não considerastes a guerra senão sob o ponto de vista material; guerras intestinas, guerras de povos a povos; não tendes jamais visto nisso senão conquistas, escravidão, sangue, morte e ruínas; é tempo de considerá-la sob o ponto de vista moralizador e progressista. A guerra semeia, em sua passagem, a morte e as idéias; as idéias germinam e se engrandecem; o Espírito, depois de se fortalecer na vida Espírita, vem fazê-las frutificar. Não sobrecarregueis, pois, com as vossas maldições, o diplomata que preparou a luta, nem o capitão que conduziu seus soldados à vitória; grandes lutas se preparam: lutas do bem contra o mal, das trevas contra a luz, lutas do espírito de progresso contra a ignorância estacionária. Esperai com paciência, porque nem vossas maldições, nem vossos louvores, em nada poderiam mudar quanto à vontade de Deus; ele saberá sempre manter ou afastar seus instrumentos do teatro dos acontecimentos, segundo tenham cumprido sua missão, ou que tenham abusado, para servir seus objetivos pessoais, do poder que terão adquirido pelo seu sucesso. Tendes o exemplo do César moderno e do meu. Devi, por várias existências miseráveis e obscuras, expiar minhas faltas, e vivi, pela última vez, na Terra, sob o nome de Louis IX.

JÚLIO CÉSAR.

A Infância e o Riacho; parábola

11 de novembro de 1859. (Méd. Sr. Did...)

Um dia, uma criança chegou junto de um riacho bastante rápido que tinha quase a impetuosidade de uma torrente; a água lançava-se de uma colina vizinha, e engrossava à medida que avançava na província. A criança se pôs a examinar a torrente, depois amontoou toda espécie de pedras que pegava em seus pequenos braços; resolveu construir um dique; cega presunção! Apesar de todos os seus esforços e sua pequena cólera, não pôde a isso chegar. Refletindo, então, mais seriamente, se fosse preciso empregar essa palavra a uma criança, ela subiu mais alto, abandonou sua primeira tentativa, e quis fazer seu dique mais perto da própria fonte do riacho; mai ai! Seus esforços foram ainda impotentes; desencorajou-se e daí se foi chorando. Ainda estava na bela estação, e o riacho não estava mais rápido em comparação com que estivera no inverno; ele cresceu, e a criança viu seus progressos; a água, engrossando-se lançava-se com mais fúria, derrubando tudo em sua passagem, e a infeliz criança, ela mesma, teria sido arrastada se tivesse ousado aproximar-se dele como da primeira vez.

Ó homem fraco! Criança! Tu queres elevar uma muralha, um obstáculo intransponível à marcha da verdade, não és mais forte que essa criança, e tua pequena vontade não é mais forte que seus pequenos braços; quando mesmo quiseses esperá-la em sua fonte, a verdade, estejas disso seguro, te arrastará infalivelmente.

BASILE.

Os três Cegos; parábola

7 de outubro de 1859. (Méd. Sr. Did...)

Um homem rico e generoso, o que é raro, encontrou em seu caminho três infelizes cegos consumidos pela fome e pela fadiga; apresentou a cada um uma peça de ouro. O primeiro, cego de nascença, irritado pela miséria, sequer abriu a mão; jamais *vira*, dizia, quem ofertasse ouro a um mendigo: a coisa era *impossível*. O segundo estendeu maquinalmente a mão, mas rejeitou logo a oferenda que se lhe fizera; como o seu amigo, ele a considerava qual uma ilusão ou uma obra de mau gosto: em uma palavra, segundo ele, a peça era falsa. O terceiro, ao contrário, cheio de fé em Deus e inteligência, no qual a fineza do tato havia em parte substituído o sentido que lhe faltava, pegou a peça, apalpou-a, e levantando-se, bendizendo seu benfeitor, partiu para a cidade vizinha para se proporcionar o que faltava à sua existência.

Os homens são os cegos; o Espiritismo é o ouro; julgai a árvore pelos seus frutos.

30 de setembro de 1859. (Méd. Srta. H...)

Pedi a Deus deixar-me vir um instante entre vós, para dar-vos o conselho de não terem jamais querelas religiosas; não digo guerras religiosas, porque hoje o século é muito avançado para isso, mas, naquele em que vivi, era uma infelicidade geral, e não pude evitá-lo, a fatalidade arrebatou-me, e compeli os outros, eu que deveria moderá-los. Assim tive a minha punição, primeiro da Terra, depois por três séculos expiei cruelmente meu crime. Sede dóceis e pacientes para aqueles que ensinai; se não querem vir a vós no início, que venham mais tarde, quando verão a vossa abnegação e o vosso devotamento.

Meus amigos, meus irmãos, eu não saberia mais vos recomendar, o que de mais horrível, com efeito, que se degolar mutuamente em nome de um Deus clemente, em nome de uma religião tão santa que não prega senão a misericórdia, a bondade e a caridade! Em lugar disso, mata-se, ou se massacra para forçar as pessoas que se quer converter a um Deus bom, diz-se; mas em lugar de crer em vossa palavra, aqueles que sobrevivem apressam-se em vos deixar e se afastam de vós como bestas ferozes. Sede, pois, bons, eu o repito, e sobretudo cheios de amenidades para aqueles que não crêem como vós.

CHARLES IX

1. Teria a complacência de responder a algumas perguntas que desejaríamos vos dirigir? - R. Eu o quero muito.
2. Como expiastes as vossas faltas? - R. Pelo remorso.
3. Tivestes outras existências corporais depois daquela que nós vos conhecemos? - R. Tive uma; estive encarnado num escravo das duas Américas; sofri muito; isso me avançou na minha purificação.
4. Em que se tornou vossa mãe, Catherine de Médicis? - R. Ela sofreu também; está num outro planeta, onde cumpre uma vida de devotamento.
5. Poderíeis escrever a história do vosso reinado, como o fizeram Louis XI, e outros? - R. Eu o poderia também...

6. Quereis fazê-lo por intermédio do médium que vos serve neste momento de intérprete? - Sim, este médium pode servir-me; mas não começarei esta noite; não Vim para isso.

7. Também, não pedimos para começar hoje; pedimos fazê-lo no vosso lazer e no do médium; este será um trabalho de fôlego que exigirá um certo lapso de tempo, e contamos com a vossa promessa? - R. Eu o farei. Adeus.

Comunicações estrangeiras lidas na Sociedade

(Comunicação obtida pela Senhorita de P...)

A bondade do Senhor é eterna. Ele não quer a morte de seus filhos queridos; mas, ó homens! Refleti que depende de vós apressar o reino de Deus na Terra ou afastá-lo; que sois responsáveis uns pelos outros; que em vos melhorando vós mesmos, trabalhais pela regeneração da Humanidade; a tarefa é grande; a responsabilidade pesa sobre cada um, e ninguém pode recusar-se. Abraçai com fervor a gloriosa tarefa que o Senhor vos impõe, mas pedi-lhe que envie trabalhadores para os seus campos, porque a colheita é grande, e os trabalhadores pouco numerosos, como vos disse o Cristo.

Mas eis nós vos fomos enviados como os trabalhadores de nossos corações; nele semeamos o bom grão; cuidai de não sufocá-lo; irrigai-o com as lágrimas do arrependimento e da alegria; do arrependimento por ter vivido tanto tempo numa terra maldita pelos pecados do gênero humano, distante do único Deus verdadeiro, adorando falsos gozos do mundo, que não deixam no fundo da forma senão remorsos e tristeza. Chorai de alegria, porque o Senhor vos considerou em graça; porque quer apressar a chegada de seus filhos bem amados ao seu seio paternal; porque quer que todos vós estejais ornamentados com a inocência dos anjos, como se não fósseis jamais vos afastar dele.

O único que vos mostrou o caminho para alcançar essa glória primitiva; o único ao qual não podereis censurar por estar enganado em seus ensinamentos; o único justo perante Deus; o único, enfim, que deveríeis seguir para serdes agradáveis a Deus, é o Cristo: sim, o Cristo, vosso divino mestre, que esquecestes e menosprezastes durante séculos. Amai-o, porque ele pede sem cessar por vós, ele quer vir em vosso socorro. Como! A incredulidade ainda resiste! As maravilhas do Cristo não podem abatê-la! As maravilhas de toda a criação permanecem impotentes sobre esses Espíritos zombeteiros, sobre esta poeira que não pode prolongar por um único minuto sua miserável existência! Estes sábios que crêem só eles possuírem todos os segredos da criação, não sabem de onde vêm, nem para onde vão, e, todavia, negam tudo, duvidam de tudo; porque conhecem algumas das mais vulgares leis do mundo material, crêem poder julgar o mundo imaterial, ou antes dizem que nada há de imaterial, que tudo deve obedecer a essas mesmas leis materiais que conseguiram descobrir.

Mas vós, cristãos! Sabeis que não podeis negar a nossa intervenção sem negar, ao mesmo tempo, o Cristo, sem negar toda a Bíblia, porque não há nela uma página onde não encontreis os traços do mundo visível em relação com o mundo invisível. Pois bem! Dizei, sois cristãos ou não o sois?

RAMBRAND.

(Outra obtida pelo Sr. Pêc.)

Cada homem tem nele o que chamais uma voz interior, é o que o Espírito chama a consciência, juiz severo, que preside a todas as ações da vossa vida. Quando o homem está só, ele escuta essa voz da consciência e se pesa em seu justo valor; freqüentemente, tem vergonha de si mesmo: neste momento reconhece Deus; mas a ignorância, fatal conselheira, impele-o e lhe coloca a máscara; ele se apresenta a vós todo inchado com o seu vazio; procura vos enganar pela altivez que se dá. Mas o homem de coração reto não tem a cabeça arrogante; escuta com proveito as palavras do sábio; sente que não é nada e que Deus é tudo; procura se instruir no livro da Natureza, escrito pela mão do Criador; eleva seu Espírito, expulsa de seu envoltório as paixões materiais que, muito freqüentemente, vos desviam. É um guia perigoso, senão uma paixão que vos conduz; reprima isto, amigo; deixai rir o cético, seu riso se extinguirá; em sua hora derradeira o homem se torna crente. Assim, pensai sempre em Deus, só ele não engana; lembrai-vos de que não há senão um caminho que conduz a ele: a fé, e o amor de seus semelhantes.

UM MEMBRO DA FAMÍLIA.

Um antigo charreteiro

Revista Espírita, dezembro de 1859

O senhor V... é um jovem, excelente médium, e que se distingue geralmente pela bondade de suas revelações com o mundo Espírita. Todavia, desde que ocupa o quarto em que habita, um Espírito inferior se mistura à suas comunicações, e se interpõe mesmo em seus trabalhos pessoais. Encontrando-se uma noite (6 de setembro de 1859), na casa do senhor Allan Kardec, com quem devia trabalhar, foi entravado por esse Espírito que, ou fazia-o traçar coisas incoerentes, ou impedia-o de escrever. O senhor Allan Kardec, dirigindo-se, então, a esse Espírito, teve com ele a seguinte conversa:

1. Por que vens aqui quando não és chamado? - R. Eu quero atormentá-lo.
2. Quem és tu? Diga teu nome? - R. Não o direi, eu.
3. Qual é o teu objetivo vindo assim misturar-se com aquilo que não te diz respeito? Isto não te aproveita em nada. - R. Não, mas o impeço de ter boas comunicações, e sei que isto o entristece muito.
4. Tu és um mau Espírito, uma vez que te alegras em fazer o mal. Em nome de Deus, eu te intimo a retirar-te e nos deixar trabalhar tranqüilamente. - É que crês meter-me medo com tua voz grossa?
5. Se não é de mim que tens medo, terás, sem dúvida, medo de Deus, em nome de quem te falo, e que bem te poderá fazer se arrepender da maldade. - R. Não nos irriteemos, burguês.
6. Eu repito que tu és um mau Espírito, e te peço, ainda uma vez, não nos impedir de trabalhar. - R. Eu sou o que sou, é minha natureza.

Tendo sido chamado um Espírito superior, e pedido para afastar este intruso, a fim de não interromper o trabalho, provavelmente o mau Espírito se foi, porque durante todo o resto da noite, não houve mais nenhuma interrupção. Interrogado sobre a natureza desse Espírito, respondeu:

Esse Espírito, que é da mais baixa classe, é um antigo charreteiro que morreu não longe da casa onde mora V... (o médium). Ele elegeu por domicílio seu próprio quarto, e há longo tempo é ele que o obsidia, sem cessar, o atormenta continuamente. Agora que sabe que V... deve deixar seu alojamento por ordem de Espíritos superiores, ele o atormenta mais que nunca. É ainda uma prova de que, o que o médium escreve, não é o seu pensamento. Tu vês assim que há boas coisas mesmo nas mais desagradáveis aventuras da vida. Deus faz ver o seu poder por todos os meios possíveis.

- Qual era o caráter desse homem, em sua vida? - R. Tudo o que mais se aproxima do animal. Creio que seus cavalos tinham' mais inteligência e mais sentimento do que ele.

- Qual é o meio, para o senhor V..., se desembaraçar dele?

- R. Há dois; o meio espiritual, é pedir a Deus; o meio material, é deixar a casa onde está.

- Há, pois, verdadeiramente, lugares assombrados por certos Espíritos? - R. Sim, Espíritos que estão ainda sob a influência da matéria se prendem a certos lugares.

- Os Espíritos que assombram certos lugares podem torná-los fatalmente funestos ou propícios para as pessoas que o habitam? -- R. Sim, poderiam impedi-los disso? Mortos, exercem sua influência como Espíritos; vivos, a exercem como homens.

- Alguém que não fosse médium, que jamais tivesse mesmo ouvido falar de Espíritos, ou que não acreditasse neles, poderia sofrer essa influência, e ser alvo dos vexames desses Espíritos? - R. Indubitavelmente; isto ocorre mais freqüentemente do que pensais, e explica muitas coisas.

- Há algum fundamento nesta crença de que os Espíritos freqüentam de preferência as ruínas ou as casas abandonadas?

- R. Superstição.

- Assim, os Espíritos assombrarão tanto uma casa nova da rua de Rivoli quanto um velho pardieiro? - R. Certamente, porque eles podem ser atraídos para um lugar antes que para um outro, pela disposição de espírito de seus habitantes.

O Espírito do precedentemente citado charreteiro, tendo sido evocado na Sociedade, por intermédio do senhor R..., manifestou-se por sinais de violência, quebrando os lápis, que forçava contra o papel com força, e por uma escrita grossa, tremida, irregular e pouco legível.

1. Evocação. - R. Estou aqui.

2. Reconheceis o poder de Deus sobre vós? - R. Sim, contra?

3. Por que escolhestes o quarto do senhor V... antes que um outro? - R. Isto me satisfaz.

4. Permanecereis ali por muito tempo? - R. Tanto quanto me sinta bem.

5. Não tendes, pois, intenção de se melhorar? - R. Isto veremos, tenho o tempo.

6. Estais contrariado por termos vos evocado? - R. Sim.

7. Que fazíeis quando vos chamamos? - R. Estava na casa do negociante de vinhos.

8. O que bebíeis? - R. Que asneira! Posso eu beber!

9. O que quisestes dizer falando do negociante de vinho? - R. Quis dizer o que disse.

10. Quando vivo, maltratáveis os vossos cavalos? - R. Sois guardiães da paz? 11. Querejs que se ore por vós? - R. É que faríeis isto?

12. Certamente, oramos por todos aqueles que sofrem, porque temos piedade dos infelizes, e sabemos que a misericórdia de Deus é grande. - R. Oh! Bem, sois bons tipos assim mesmo; gostaria de vos apertar a mão; vou tratar de merecê-lo. Obrigado!

Nota. Esta conversa confirma o que a experiência já provou muitas vezes, no que diz respeito à influência que os homens podem exercer sobre os Espíritos, e por meio da qual podem contribuir para o seu melhoramento. Mostra a influência da prece. Assim, essa natureza bruta e quase bravia, e selvagem, se acha como domesticada pelo pensamento do interesse que se lhe pode ter. Temos numerosos exemplos de criminosos que vieram espontaneamente se comunicar a médiuns que tinham orado por eles, e testemunharem seu arrependimento.

Às observações acima, acrescentaremos as considerações seguintes, sobre a evocação de Espíritos inferiores.

Vimos médiuns, ciumentos a justo título de conservar suas boas relações de além-túmulo, repugnar-se em servirem de intérpretes aos Espíritos inferiores que se podem chamar; é de sua parte uma suscetibilidade mal entendida. Do fato de que se evoque um Espírito vulgar, mesmo mau, não se está sob a sua dependência; longe disso, sois vós, ao contrário, quem o dominais: não é ele que vem se impor apesar de vós, como nas obsessões, vós que vos impondes a ele; ele não comanda, obedece; sois seu juiz e não sua presa. Além do mais, podeis ser-lhe útil pelos vossos conselhos e vossas preces, e vos é reconhecido pelo interesse que tomais por ele. Estender-lhe uma mão segura, é fazer uma boa ação; repelindo, é faltar com a caridade; é mais ainda, é do egoísmo e do orgulho. Estes seres inferiores são, aliás, para nós um poderoso ensinamento; foi por eles que aprendemos a conhecer a classe baixa da população do mundo Espírita e a sorte que espera aqueles que fazem, neste mundo, um mau uso de sua vida. Por outro lado, notai que é quase sempre tremendo que vêm às reuniões sérias, onde os bons Espíritos dominam; são acanhados e se mantêm à parte, escutando para se instruírem. Frequentemente, vêm com esse objetivo sem serem chamados; por que, pois, recusar-se ouvi-los quando, frequentemente, seu arrependimento e seu sofrimento são um objeto de edificação, ou pelo menos de instrução? Nada se tem a temer de suas comunicações, do momento em que elas ocorrem com o objetivo do bem. Em que se tornariam os pobres feridos, se os médicos se recusassem a tocar suas feridas?

Boletim da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas

Revista Espírita, dezembro de 1859

Sexta-feira, 30 de setembro de 1859 (Sessão geral).

Leitura da ata da sessão do dia 23 de setembro.

Apresentação do senhor S..., negociante, cavaleiro da Legião de Honra, como membro titular. Adiamento da admissão para a próxima sessão particular.

Comunicações diversas: 1º Leitura de uma comunicação espontânea feita ao senhor R..., pelo Espírito do doutor Olivier.

Esta comunicação notável sob um duplo ponto de vista o melhoramento moral do Espírito, que reconhece cada vez mais o erro de suas opiniões terrestres, e que agora compreende sua posição; em segundo lugar, o fato de sua reencarnação próxima, da qual começa a sentir os efeitos por uma primeira perturbação, o que confirma a teoria dada sobre a maneira pela qual se opera esse fenômeno, e a fase que precede a reencarnação propriamente dita. Esta perturbação resulta do *laço fluídico* que começa a se estabelecer entre o Espírito e o corpo que deve animar, torna a comunicação mais difícil que no seu estado de completa liberdade; o médium escreve com mais lentidão, sua mão é pesada; as idéias dos Espíritos são menos límpidas. Esta perturbação, que vai sempre crescendo da concepção ao nascimento, é completa na aproximação do seu último momento, e não se dissipa senão gradualmente algum tempo depois. (Será publicada com as outras comunicações do mesmo Espírito.)

2º Fato de manifestação física espontânea, ocorrido recentemente em Paris, numa casa do bairro Saint-Germain, e narrada pelo senhor A... Um piano se fez ouvir, durante vários dias seguidos, sem que ninguém o tocasse. Todas as precauções foram tomadas para se assegurar que esse fato não era devido a uma causa accidental. Um sacerdote interrogado a este respeito, pensa que isto pode ser uma alma em pena que reclama assistência e deseja se comunicar.

3º Homicídio cometido por uma criança de sete anos e meio, com premeditação e todas as circunstâncias agravantes. Este fato, narrado por vários jornais, prova nessa criança um instinto assassino inato que não pôde nele se desenvolver pela educação, nem pelo meio onde se encontra, e que não pode se explicar senão por um estado anterior à existência atual. São Luís, interrogado a este respeito, respondeu: o Espírito desta criança está quase no início de seu período humano; não teve ainda senão duas encarnações na Terra, e antes de sua existência atual, pertencia às tribos mais atrasadas do mundo marítimo. Ele quis nascer num mundo mais avançado, na esperança dele mesmo avançar. À pergunta de saber se a educação poderia modificar essa natureza, respondeu: Isto é difícil, mas se pode; seria preciso grandes precauções, cercá-lo de boas influências, desenvolver a sua razão, mas há a temer que não faça tudo ao contrário.

4° Leitura de uma peça de versos escrita por uma jovem pessoa, como médium mecânico. Esses versos foram reconhecidos por não serem inéditos e por terem sido feitos por um poeta morto há alguns anos. O estado de instrução do médium, que escreveu um grande número deste gênero, não permite supor que isso seja, de sua parte, um efeito de memória; de onde é necessário concluir que o Espírito que se manifestou, tomou ele mesmo nas produções prontas, e que lhe são todas estranhas. Vários fatos análogos provam que a coisa é possível, entre outras o de um médium da Sociedade a quem o Espírito ditou uma passagem escrita pelo senhor Allan Kardec, e que este não tinha ainda comunicado a ninguém.

Estudos. 1° Evocação do negro que serviu de alimento aos seus companheiros no naufrágio do navio te *Constant*.

2° Perguntas diversas e problemas morais dirigidos a São Luís sobre o fato precedente. Uma discussão se estabeleceu a este respeito, na qual tomaram parte vários membros da Sociedade.

3° Três comunicações espontâneas são obtidas simultaneamente por intermédio de três médiuns diferentes: a primeira, pelo senhor R..., assinada por São Vicente de Paulo; a segunda, pelo senhor Ch..., assinada por Privat d'Anglemont; a terceira, pela senhorita H..., assinada por Charles IX.

4° Perguntas diversas feitas a Charles IX. Ele promete escrever a história de seu reino a exemplo de Louis XI. (Essas diversas comunicações serão publicadas.)

Sexta-feira, 7 de outubro de 1859. (Sessão particular.)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 30 de setembro.

Apresentações e admissões. Senhorita S.... e senhor o conde de R..., oficial da marinha, são apresentados como candidatos ao título de membros titulares.

Admissão de cinco candidatos apresentados na sessão de 23 de setembro, e da senhorita S....

O senhor presidente fez observar, a respeito dos novos membros presentes, que é muito importante, para a Sociedade, assegurar-se de suas disposições. Não basta, disse ele, que sejam partidários do Espiritismo em geral, é necessário que simpatizem com a sua maneira de ver. A homogeneidade de princípios é a condição sem a qual uma sociedade qualquer não poderia ter vitalidade. E, pois, necessário conhecer a opinião dos candidatos, a fim de não deixar introduzirem-se elementos de discussões ociosas, que fariam perder tempo, e poderiam degenerar em dissensões. A Sociedade não visa de nenhum modo o aumento indefinido de seus membros; ela quer, antes de tudo, prosseguir seus trabalhos com calma e recolhimento, e por isso deve evitar tudo o que poderia perturbá-la. Sendo seu objetivo o estudo da ciência, é evidente que cada um está perfeitamente livre para discutir os pontos controvertidos, e emitir sua opinião pessoal; mas outra coisa é dar seu conselho, ou chegar com idéias sistemáticas ou preconcebidas, em oposição com as bases fundamentais. Estamos reunidos para o estudo e a observação, e não para fazer de nossas sessões uma arena de controvérsias. Devemos, aliás, nos referir sobre esse ponto aos conselhos que nos foram dados, em muitas circunstâncias, pelos Espíritos que nos assistem, e que nos recomendam, sem cessar, a união como condição essencial para atingir o objetivo a que nos propusemos, e para obter seu concurso. "A união faz a força, nos dizem; sede, pois, unidos se quereis ser fortes; de outro modo corteis o risco de atrair os Espíritos levianos, que vos enganarão." Eis

porque não poderíamos dar mais atenção sobre os elementos que introduzimos entre nós.

Designação de três novos comissários para as três próximas reuniões seguintes.

Comunicações diversas: 1º O senhor Tug... transmitiu uma nota sobre um fato curioso de manifestação física, narrado pela senhora Ida Pfeiffer na descrição de sua viagem a Java.

2º O senhor Pêch... narrou o fato de comunicação espontânea, que lhe foi pessoal, da parte do Espírito de uma mulher que, quando viva, era lavadeira e do pior caráter. Seus sentimentos, como Espírito, não mudaram, e ela continua a mostrar um verdadeiro cinismo de maldade. Entretanto, os sábios conselhos do médium parecem exercer sobre ela uma feliz influência; suas idéias se modificam sensivelmente.

3º O senhor R... comunicou uma folha sobre a qual obteve a escrita direta, que foi produzida em sua casa, à noite, espontaneamente, depois de tê-la em vão solicitado durante o dia. A folha, de resto, não traz senão duas palavras: Deus, *Fénelon*.

Estudos: 1º Evocação da senhora Ida Pfeiffer, célebre viajante.

2º Os três cegos, parábola de São Lucas, dada em comunicação espontânea.

3º O senhor L... G. escreveu de Saint-Petersbourg que é médium intuitivo, e pede à Sociedade consentir em pedir a um Espírito superior alguns conselhos a seu respeito, a fim de esclarecer sobre a natureza e extensão de sua faculdade, para que possa dirigir-se em consequência. Um Espírito dá espontaneamente, e sem perguntas preliminares, os conselhos que deverão ser transmitidos ao senhor G.

O senhor presidente previne à Sociedade que, a pedido de vários membros que moram muito longe, as sessões começarão doravante às oito horas, a fim de poder terminá-las mais cedo.

Sexta-feira, 14 de outubro. (Sessão geral.)

Leitura da ata e dos trabalhos de 7 de outubro.

Apresentações: O senhor A..., livreiro, senhor de la R... proprietário, são apresentados como membros titulares. Adiamento para a próxima sessão particular.

O senhor J..., controlador das contribuições do departamento do Haut-Rhin, é apresentado e admitido como membro correspondente.

Comunicações diversas. 1º O senhor Col..., comunicou um extrato da obra intitulada *Ciei et Terre*, do senhor Jean Raynaud, onde o autor emite idéias inteiramente conformes com a Doutrina Espírita, e aquilo que um Espírito disse recentemente sobre o futuro papel da França.

2º O senhor, o conde de R..., deu parte de uma comunicação espontânea de Savonarole, monge dominicano, obtida numa sessão particular. Esta comunicação é notável pelo fato deste personagem, embora desconhecido dos assistentes, ter indicado com precisão a data de sua morte, ocorrida em 1498, sua idade e seu suplício. Pensou-se que poderia ser instrutivo evocar esse Espírito.

3° A explicação dada, por um Espírito, sobre o papel dos médiuns, ao senhor P..., antigo reitor da Academia, e ele mesmo médium. Os Espíritos, para comunicarem-se entre si, não têm necessidade da palavra: o pensamento basta-lhes. Quando querem se comunicar com os homens, devem traduzir seu pensamento pelos sinais humanos, quer dizer, por palavras; eles tomam estas palavras no vocabulário do médium, do qual se servem, de algum modo, como de um dicionário; por isso é mais fácil ao Espírito se exprimir na língua familiar do médium, embora possa igualmente fazê-lo em uma outra língua que este não conheça; mas então é um trabalho mais difícil, e que evita quando não há necessidade. O senhor P... encontrou nesta teoria a explicação de vários fatos que lhe são pessoais, e relativos a comunicações que lhe fizeram diversos Espíritos em latim e em grego.

4° Fato narrado pelo mesmo, de um Espírito assistindo ao enterro de seu corpo, e que não se crendo morto, não pensava que o sepultamento lhe dizia respeito. Ele dizia: não fui eu quem morreu. Depois, quando viu seus parentes, acrescentou: começo a crer que poderíeis bem ter razão, e que pode que eu não seja mais deste mundo; mas isto me é muito indiferente.

5° O senhor S... comunicou um fato notável de advertência de além-túmulo, narrado por *La Patrie*, do dia 16 de dezembro de 1858.

6° Carta do senhor BI... de La... que depois do que leu na *Revista* sobre o fenômeno do desligamento da alma durante o sono, pergunta se a Sociedade teria a complacência de evocá-lo um dia, juntamente com sua filha, que perdeu há dois anos, a fim de ter com ela, como Espírito, uma conversa que ainda não pôde obter como médium.

Estudos. 1° Evocação de Savonarole, proposta pelo senhor o conde de R...

2° Evocação simultânea, por dois médiuns diferentes, do senhor BI... de La... (vivo) e de sua filha morta há dois anos. Conversa do pai e da filha.

3° Duas comunicações espontâneas foram obtidas simultaneamente, a primeira de São Luís, pelo senhor L..., a segunda da senhorita Clary, por seu irmão.

Sexta-feira, 21 de outubro de 1859.

(Sessão particular.)

Leitura da ata e dos trabalhos de 14 de outubro.

Apresentações e admissões. - O senhor Lem..., negociante, e o senhor Pâq..., doutor em direito, são apresentados como membros titulares. A senhorita H.....é apresentada como membro honorário, em razão do concurso que deu à Sociedade como médium, e que ela muito lhe promete dar para o futuro.

Admissão de dois candidatos apresentados na sessão do dia 14 de outubro, e da senhora H.....

O senhor S.....propôs que, no futuro, as pessoas que desejarem

fazer parte da Sociedade, devem fazer seu pedido por escrito, e que lhes seja endereçado um exemplar do regulamento.

Leitura de uma carta do senhor Th.....que faz uma proposição

análoga, motivada na necessidade de não admitir na Sociedade senão pessoas já iniciadas no objeto de seus trabalhos, e professando os mesmos princípios. Ele pensa que um pedido feito por escrito, apoiado na assinatura de dois apresentadores, é uma garantia maior das intenções sérias do candidato, do que um simples pedido verbal.

Esta proposta foi adotada, por unanimidade, nos termos seguintes:

Toda pessoa que desejar fazer parte da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, deverá fazer o pedido por escrito ao Presidente. Esse pedido deverá estar assinado pelos dois apresentadores, e relatar: 1º que o postulante tomou conhecimento do regulamento e se obriga a estar com ele conforme; 2º as obras que leu sobre o Espiritismo, e sua adesão aos princípios da Sociedade, que são os de O Livro dos Espíritos.

O senhor presidente mencionou a conduta pouco conveniente de dois auditores admitidos na última sessão geral, os quais perturbaram a tranqüilidade de seus vizinhos pelas suas conversas e suas palavras deslocadas. Lembrou, a este propósito, os artigos do regulamento relativos aos ouvintes e convidou de novo os Senhores membros da Sociedade a ter uma excessiva reserva sobre a escolha de pessoas às quais dão as cartas de introdução, e sobretudo se absterem, de modo mais absoluto, de dá-las a alguém que não fosse atraído senão por um simples motivo de curiosidade, e mesmo a quem, não tendo nenhuma noção preliminar do Espiritismo, estaria, por isso mesmo, na impossibilidade de compreender o que se faz na Sociedade. As sessões da Sociedade não são um espetáculo; deve-se assistir a elas com recolhimento; e aqueles que não querem senão distrações, não devem vir procurá-las numa reunião séria.

O senhor Th. propôs a nomeação de uma comissão de dois membros, encarregada de examinar a questão das entradas concedidas às pessoas estrangeiras, e de propor as medidas necessárias para prevenir o retorno dos abusos.

Os senhores Th. e Col. foram designados para fazerem parte dessa comissão.

Estudos: 1º Problemas morais e perguntas diversas dirigidas a São Luís;

2º O senhor de R... propôs a evocação de seu pai, por considerações de utilidade geral e não pessoais, presumindo que disto possa sair um ensinamento.

São Luís, interrogado sobre a possibilidade desta evocação, respondeu: Vós o podeis perfeitamente; entretanto, eu vos faria notar, meus amigos, que esta evocação requer uma grande tranqüilidade de espírito; esta noite, discutistes longamente assuntos administrativos, e creio que será bom remetê-la a uma outra sessão, tendo em vista que pode ser mais instrutiva.

3º O senhor Leid... propôs a evocação de um de seus amigos, sacerdote quando vivo. São Luís, interrogado, respondeu: Não; porque, primeiro, o tempo não nos permite; em seguida, eu, como presidente espiritual da Sociedade, nisto não vejo nenhum motivo de instrução.

Será preferível fazer esta evocação na Intimidade.

O senhor S... pediu que se mencione na ata o título de *Presidente espiritual*, que São Luís quis tomar.

Sexta-feira, 28 de outubro de 1859. (Sessão gera.)

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão do dia 21 de outubro.

Apresentação de cinco novos candidatos como membros titulares, a saber: o senhor N... negociante, de Paris; a senhorita Emilie N..., mulher do precedente; a senhora viúva G..., de Paris; a senhorita de P..., de Estocolmo; a senhora de L..., de Estocolmo.

Leitura dos artigos do regulamento relativo aos ouvintes, e de uma notícia para instrução das pessoas estranhas à Sociedade, a fim de que elas não menosprezem o objeto de seus trabalhos.

Comunicações: 1ª Leitura de um artigo do senhor Oscar Comettant sobre o mundo dos Espíritos, publicado no *Siècle* do dia 27 de outubro. Refutação de certas passagens deste artigo.

2ª Leitura de um artigo de um jornal novo, intitulado *la Girouette*, e publicado em Saint-Etienne. Este artigo foi concebido num espírito benevolente para com o Espiritismo.

3º Doação de quatro poemas, do senhor de Porry, de Marseille, autor de a *Uranie*, dos quais foram lidos fragmentos; estes são: *La captive chrétienne*, *lês bohémiens*, *Poltawa*, *Lê prisonnier du Cau-case*.

Agradecimentos serão dirigidos ao senhor de Porry, e as supraditas obras serão depositadas na biblioteca da Sociedade.

4º Leitura de uma carta do senhor Det..., membro titular, contendo diversas observações sobre o papel dos médiuns, a propósito da teoria exposta na sessão de 14 de outubro, e segundo a qual o Espírito tiraria as suas palavras no vocabulário do médium. Ele combate essa teoria, pelo menos do ponto de vista absoluto, por fatos que vêm contradizê-la. Pede que a questão seja seriamente examinada Ela será remetida à ordem do dia.

5º Leitura de um artigo da *Revue française* do mês de abril de 1858, página 416, onde está narrada uma conversa de Bèranger, da qual resulta que quando vivo, suas opiniões eram favoráveis às idéias Espíritas.

6º O senhor presidente transmitiu à Sociedade os adeuses do senhor Br..., membro titular que partiu para a Havana.

Estudos: 1ª Foi proposta a evocação da senhora Br..., que partiu para Havana, e que se encontra no mar neste momento, a fim de ter dela mesma a suas novidades.

São Luís, interrogado a este respeito, respondeu: Seu Espírito está muito preocupado esta noite, porque o vento está soprando com violência (era o momento de grandes tempestades

assinhaladas pelos jornais), e o cuidado de sua conservação ocupa todo o seu pensamento. Para o momento o perigo não é grande; mas o será? Só Deus o sabe.

2ª Evocação do pai do senhor de R..., proposta na sessão do dia 21 de outubro. Resultou desta evocação que o cavaleiro de R..., seu tio, de quem não tinha notícias há cinqüenta anos, não estaria morto, e habitaria uma ilha da Oceania meridional, onde estaria identificado com os costumes dos habitantes, não tendo tido ocasião de dar suas novidades. (Será publicada.)

3ª Evocação do rei de Kanala (Nova Caledônia), falecido em 24 de maio de 1858. Esta evocação revelou neste Espírito uma certa superioridade relativa, e apresentou isto de notável, uma grande dificuldade em escrever, apesar da aptidão do médium, anunciou que com o hábito escreverá mais facilmente, o que foi confirmado por São Luís.

4ª Evocação de *Mercurie Jean*, aventureiro, que partiu de Lyon em 1478 e foi apresentado a Louis XI. Deu esclarecimentos sobre as faculdades sobrenaturais das quais se acreditava dotado, e das notícias curiosas sobre o mundo que habita neste momento. (Será publicada.)

Sexta-feira, 4 de novembro de 1859.

(Sessão particular).

Leitura da ata e dos trabalhos do dia 28 de outubro.

Admissão de sete candidatos apresentados nas duas sessões precedentes.

Projeto apresentado pela Comissão encarregada de estudar as medidas a serem tomadas para a admissão de ouvintes.

Depois de uma discussão em que tomaram parte diversos membros, a Sociedade decidiu que a proposição será adiada, e que provisoriamente ter-se-ão em conta as disposições do regulamento; que os Senhores membros serão convidados a se conformarem rigorosamente com as disposições que regulam a admissão de ouvintes, e a se absterem, de modo absoluto, de dar cartas de introdução a quem não tenha em vista senão um objeto de curiosidade, e não possua nenhuma noção preliminar da ciência Espírita.

A Sociedade adotou em seguida as duas proposições seguintes:

1º *Os ouvintes não serão admitidos às sessões passadas as oito horas e um quarto. As cartas de admissão disto farão menção.*

2º *Todos os anos, na renovação do ano social, os membros honorários serão submetidos a um novo voto de admissão, a fim de riscar aqueles que não estiverem mais nas condições requeridas, e que a Sociedade não julgar dever manter.*

O senhor administrador tesoureiro da Sociedade apresentou a conta semestral, de 1º de abril a 1º de outubro, assim como as peças justificativas das despesas. Resulta desta conta que a Sociedade tem um saldo suficiente para fazer face às suas necessidades. A Sociedade aprovou as contas do tesoureiro e lhe deu quitação.

Comunicações diversas. Carta do senhor BI. de La... em resposta ao envio feito de sua evocação e da de sua filha. Ele constatou um fato que confirma uma das circunstâncias da evocação.

Carta do senhor Dumas, de Sétif (Algéria), membro titular, que transmite à Sociedade um certo número de comunicações que obteve.

Estudos. 1º Os Senhores P... e de R... chamam a atenção sobre uma nova narração do naufrágio do navio *lê Constant*, e publicada pelo *Siècle*. Disto resultaria que o negro morto para ser comido não teria se oferecido voluntariamente, assim como se disse na primeira narração, e que, assim, haveria contradição com as palavras do Espírito do negro. - O senhor Col... não vê contradição, uma vez que o mérito atribuído ao negro foi contestado por São Luís, e que o próprio negro disto não procurou se prevalecer.

2º Exame de uma questão proposta pelo senhor Lês... sobre o espanto dos Espíritos depois da morte. Ele pensa que o Espírito, tendo já vivido o estado de Espírito, não deveria espantarse. Ele respondeu: Este espanto não é senão temporário; prende-se ao estado de perturbação que se segue à morte; cessa à medida que o Espírito se desliga da matéria e recobra as suas faculdades de Espírito.

3ª Pergunta sobre os sonâmbulos lúcidos que tomam os Espíritos por seres corpóreos. Este fato foi confirmado e explicado por São Luís.

4º Evocação de Urbain Grandier. As respostas, sendo muito lacônicas, em consequência da falta de hábito do médium, e o Espírito tendo dito que seria mais explícito com um outro médium, esta evocação será reprisada em uma outra sessão.

Sexta-feira, 11 de novembro de 1854.

(sessão geral.)

Leitura da ata.

Apresentação. O senhor Pierre D..., escultor em Paris, é apresentado como membro titular.

Comunicações diversas. 1ª Carta do senhor de T... contendo fatos muito interessantes de manifestações visuais e verbais que confirmam o estado no qual se encontram certos Espíritos que duvidam de sua morte. Um dos fatos narrados oferece esta particularidade que, no Espírito em questão, esta ilusão persistia ainda mais de três meses depois da morte. (Esta narração será publicada.)

2º Fatos curiosos de precisão narrados pelo senhor Van Br..., de La Haye, e que lhe são pessoais. Ele jamais ouvira falar dos Espíritos e de suas comunicações, quando se achou, por acaso e inopinadamente, conduzido a uma reunião Espírita em Dordrecht. As comunicações, obtidas em sua presença, o surpreenderam tanto mais quanto era estranho à cidade, e desconhecido dos membros da reunião; foram-lhe ditas sobre ele, sua posição e sua família uma multidão de particularidades das quais só ele tinha conhecimento. Tendo evocado sua mãe e lhe perguntado, como prova de identidade, se tivera vários filhos, ela respondeu: Não sabes tu, meu filho, que tive onze filhos, e o Espírito designou todos pelos seus prenomes e a

época de seu nascimento. Desde então, este senhor é um adepto fervoroso, e sua filha, jovem pessoa de catorze anos, tornou-se muito boa médium, mas sua mediunidade apresenta particularidades bizarras; na maior parte do tempo ela escreve de trás para adiante, de tal sorte que, para ler o que ela obtém, é preciso apresentá-lo diante de um espelho. Muito freqüentemente, também a mesa sobre a qual ela se coloca para escrever, se inclina por si mesma em forma de carteira, e fica nesta posição, em equilíbrio e sem sustentação, até que ela acabe de escrever.

O senhor Van Br... narrou outro fato curioso de precisão por um Espírito que se lhe comunicou espontaneamente, sob o nome de Dirkse Lammers, e que foi enforcado sobre o próprio lugar onde se fazia a comunicação, e em circunstâncias cuja exatidão foi verificada.

(Esta narração será publicada, assim como a evocação a qual deu lugar.)

Estudos. 1° - Exame da questão proposta pelo senhor Det..., sobre a fonte onde os Espíritos tiram seu vocabulário.

2° - Perguntas sobre a obsessão de certos médiuns.

3° Evocação de *Michel François*, ferrador que fez uma revelação a Louis XIV.

4° Evocação de *Dirkse Lammers*, cuja história foi contada precedentemente.

5° Três comunicações espontâneas foram obtidas simultaneamente: a primeira pelo senhor R..., assinada por Lamennais, a segunda pelo senhor D... filho; a criança e o riacho, parábola assinada por São Basílio; a terceira pela senhorita L. J..., assinada por Orígenes.

6° A senhorita J..., médium desenhista, traçou espontaneamente um grupo notável, assinado pelo Espírito de Lebrun.

(Todas as questões e comunicações acima serão publicadas.)

Sexta-feira, 18 de novembro de 1859.

(Sessão particular.)

Leitura da ata.

Admissão do senhor Pierre D..., apresentado na última sessão.

Comunicações diversas. 1ª Leitura de uma comunicação espontânea, obtida pelo senhor P..., membro da Sociedade, e ditada pelo Espírito de sua filha.

2° Detalhes sobre a senhorita Désiré Godu, residente em Hennebont (Morbihan), e que está dotada de uma faculdade mediatrix extraordinária. Ela passou por todas as fases da mediunidade; primeiro teve as manifestações físicas mais estranhas; depois se tornou sucessivamente médium audiente falante, vidente e escrevente. Hoje, todas as suas faculdades estão concentradas nas curas das doenças, que ela cuida pelos conselhos dos

Espíritos; ela opera curas que foram consideradas como miraculosas em outros tempos. Os Espíritos anunciam que sua faculdade se desenvolverá ainda mais; ela começa a ver as doenças internas, por um efeito de segunda vista, sem estar em sonambulismo.

(Uma notícia será publicada sobre este assunto notável.)

Estudos. 1º Perguntas sobre as faculdades da senhorita Désiré Godu.

2º Evocação de Lemettrie.

3º Quatro comunicações espontâneas foram obtidas simultaneamente, a primeira pelo senhor R..., assinada por São Vicente de Paulo, a segunda pelo senhor Col..., assinada por Platão; a terceira pelo senhor D... filho, assinada por Lamennais; a quarta pela senhorita H..., assinada por Marguerite, dita a rainha Margot.

25 de novembro de 1859.

(Sessão geral)

Leitura da ata

Comunicações diversas. O senhor doutor Morhéry doou à Sociedade uma brochura intitulada *Sistema prático de organização agrícola*. Embora essa obra seja estranha ao objeto dos trabalhos da Sociedade, será depositada na biblioteca, e agradecimentos são endereçados ao autor.

Carta do senhor de T..., completando os fatos de visões e aparições dos quais deu conta na sessão do dia 11 de novembro.

Carta do senhor o conde de R..., membro titular, retido em casa por uma indisposição, e que se coloca à disposição da Sociedade para que façam sobre ele todas as experiências que julgarem convenientes, relativamente à evocação de pessoas vivas.

Estudos. 1ª Evocação de *Jardin*, falecido em Nevers, e que conservara os restos de sua mulher num genuflexório. (Será publicada.)

3º Evocação do senhor o conde de R... Esta evocação excessivamente notável pela extensão dos desenvolvimentos dados com uma perfeita precisão e uma grande limpidez de idéias, lança uma luz muito grande sobre o estado do Espírito separado do corpo, e resolve numerosos problemas psicológicos. Ela será publicada no número da Revista de janeiro de 1860.

4º Quatro comunicações espontâneas foram obtidas simultaneamente, a saber a primeira de uma alma sofredora, pela senhorita de B...; a segunda o Espírito de Verdade, pelo senhor R...; a terceira de Paulo, o apóstolo, pelo senhor Col... Esta comunicação foi assinada em grego; a quarta, pelo senhor Did... filho, assinou Charlet (o pintor), que anunciou uma série de comunicações, devendo formar um conjunto.

Os convulsionários de Saint-Médard

Revista Espírita, dezembro de 1859

(Continuação - Ver edição de novembro)

1. (A São Vicente de Paulo). Na última sessão evocamos o diácono Paris, que consentiu -vir; desejávamos ter a vossa apreciação pessoal sobre ele, como Espírito. - R. É um Espírito cheio de boas intenções, mas mais elevado em moral que de outro modo.
2. É verdadeiramente estranho, como ele o disse, a aquilo que se fazia junto de seu túmulo? - R. Completamente.
3. Consentis em nos dizer como considerais o que se passou entre os Convulsionários; isso era um bem ou um mal? - R. Era um mal antes que um bem; e fácil de se dar conta disso pela impressão geral que esses fatos produziram sobre os contemporâneos esclarecidos e sobre seus sucessores.
4. A esta pergunta dirigida a Paris, a saber "Se a autoridade tivera mais poder que os Espíritos, uma vez que ela pôs termo a esses prodígios," sua resposta não nos pareceu satisfatória; que pensais disto? - R. Ele deu uma resposta mais ou menos verdadeira; esses fatos sendo produzidos por Espíritos poucos elevados, a autoridade colocou-lhes um fim, interditando aos seus promotores a continuação de suas espécies de saturnais.
5. Entre os Convulsionários havia os que se submetiam a torturas atrozes; qual era o resultado disto depois da morte? - R. Quase nulo; não havia nenhum mérito em atos sem resultado útil.
6. Aqueles que sofriam essas torturas pareciam insensíveis à dor; havia neles simples resignação, ou insensibilidade real? - R. Insensibilidade completa
7. Qual era a causa desta insensibilidade? - R. Efeito magnético.
8. É que a superexcitação moral, chegada a um certo grau, podia aniquilar neles a sensibilidade física? - R. Isto contribuiu para alguns dentre eles, e os dispunha a sofrerem a comunicação de um estado provocado artificialmente em outros, porque o charlatanismo desempenha um grande papel nesses fatos estranhos.
9. Uma vez que estes Espíritos operavam curas, era dar serviço, e, então, como poderiam ser de uma ordem inferior? - R. Não vedes isto todos os dias? Não recebeis, algumas vezes, conselhos excelentes e úteis ensinamentos de certos Espíritos pouco elevados, levianos mesmo? Não podem eles procurar fazer alguma coisa de bem como resultado definitivo, tendo em vista um melhoramento moral?
10. Nós vos agradecemos as explicações que consentistes em nos dar. - R. Ao vosso dispor.

Aforismos Espíritas e pensamentos destacados

Revista Espírita, dezembro de 1859

Os bons Espíritos aprovam o que eles acham bem, mas não dão elogios exagerados. Os elogios excessivos, como tudo o que denota a adulação, são sinais de inferioridade da parte dos Espíritos.

Os bons Espíritos não lisonjeiam os preconceitos de nenhuma natureza, nem políticos, nem religiosos; podem não feri-los bruscamente, porque sabem que isto seria aumentar a resistência; mas há uma grande diferença entre estes comedimentos, que se podem chamar de precauções oratórias, e a aprovação absoluta dada às idéias freqüentemente mais falsas, das quais se servem os Espíritos obsessores para captarem a confiança daqueles que querem subjugar, prendendo-os pela sua fraqueza.

Há pessoas que têm uma mania singular; acham uma idéia inteiramente elaborada por uma outra; ela lhes parece boa e sobretudo aproveitável; se apropriam, dão como vinda deles, e acabam por se iludir ao ponto de se crerem seus autores, e de declararem que ela lhes foi roubada.

Um homem viu, um dia, fazer uma experiência de eletricidade, e tentou reproduzi-la, mas não tendo os conhecimentos requeridos, nem os instrumentos necessários, fracassou; então, sem ir mais longe, e sem procurar se a causa de seu insucesso não podia vir dele mesmo, declarou que a eletricidade não existia, e que iria escrever para o demonstrar.

Que pensaríeis da lógica daquele que assim raciocinasse? Não parece um cego que, não podendo ver, se poria a escrever contra a luz e a faculdade da visão? É, portanto, o raciocínio que entendemos fazer a propósito dos Espíritos por um homem que passa por espirituoso; do espírito seja, do julgamento é uma outra coisa. Ele procura escrever como médium, e do fato de que não pode a isto chegar, conclui que a mediunidade não existe; ora, segundo ele, se a mediunidade é uma faculdade ilusória, os Espíritos não podem existir senão nos cérebros fendidos. Que sagacidade!

ALLAN KARDEC.

nota - Com o número do mês de janeiro de 1860, a *Revista Espírita* começará seu terceiro ano.